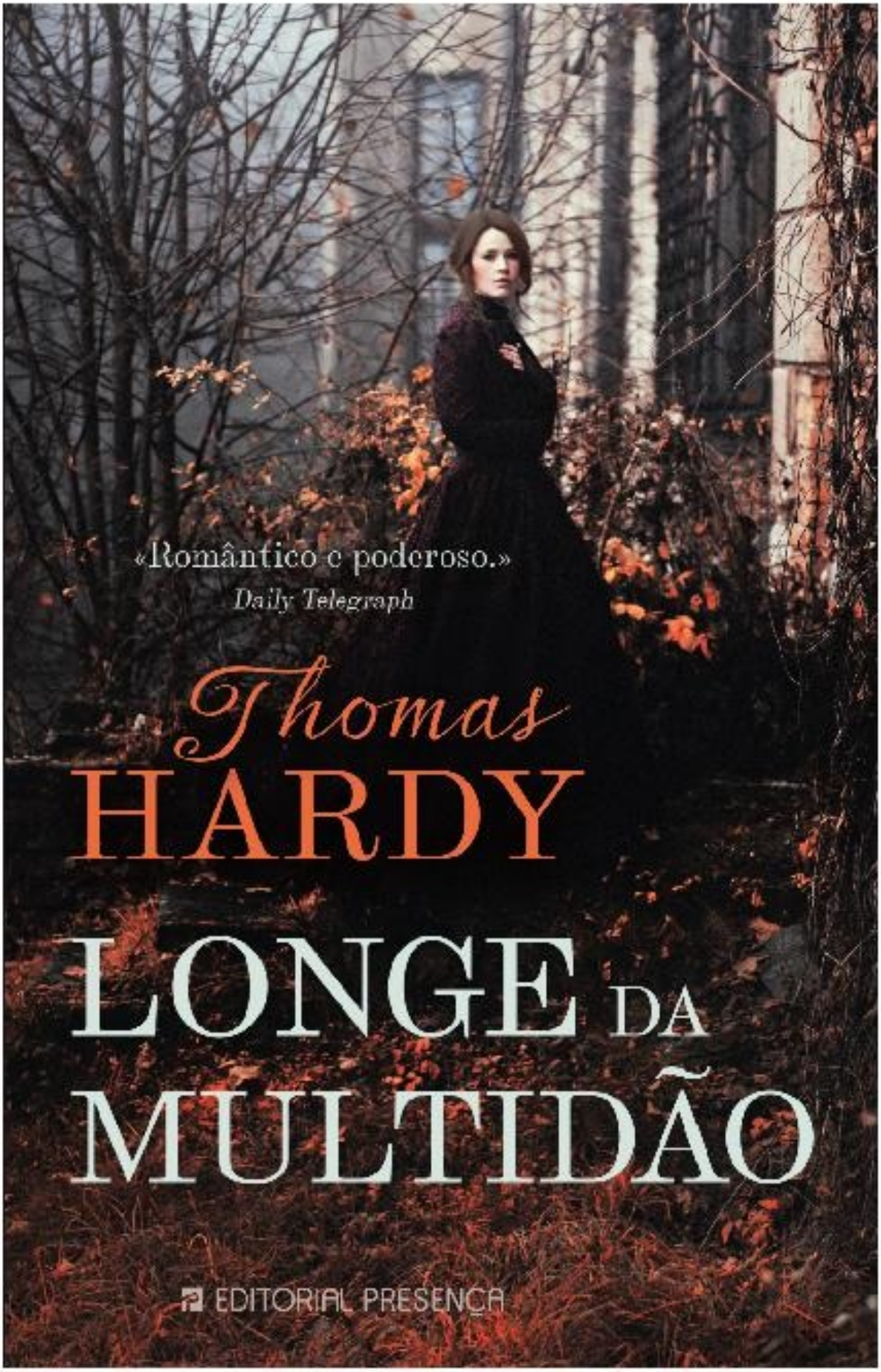


THOMAS HARDY


«Romântico e poderoso.»
Daily Telegraph
Thomas
HARDY
LONGE DA
MULTIDÃO
EDITORIAL PRESENÇA

THOMAS HARDY

LONGE DA MULTIDÃO

Tradução e Notas de Catarina F. Almeida

EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *Far from the Madding Crowd*
Autor: *Thomas Hardy*
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015
Tradução e notas: *Catarina F. Almeida*
Imagem da capa: *Arcangel Images*
Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
1.ª edição em papel, Lisboa, julho, 2015

Reservados todos os direitos desta edição à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 BARCARENA
info@presenca.pt
www.presenca.pt

EXCERTO DO PREFÁCIO DO AUTOR[1]

Foi nos capítulos de *Longe da Multidão*[2], à medida que iam aparecendo mensalmente numa revista popular[3], que me aventurei pela primeira vez a usar a palavra «Wessex»[4]. Recuperei-a das páginas iniciais da História de Inglaterra, mas atribuí-lhe um significado fictício, enquanto nome do distrito outrora integrado nesse reino já desaparecido. Pertencendo esta série de romances que criei essencialmente ao género designado *local*, pareceu-me que careciam de uma definição territorial que lhes conferisse uma unidade de lugar. Vendo que a área correspondente a um só condado não oferecia uma tela com dimensões suficientes para cumprir esse desígnio e que o uso de um nome inventado suscitava algumas objeções, decidi desenterrar um nome antigo.

Desde então, a designação que eu julgara reservada aos horizontes e paisagens de um território em parte real, em parte sonhado, tornou-se cada vez mais popular como uma entidade útil; e o lugar imaginado foi-se concretizando, aos poucos, numa região que as pessoas podem visitar, onde podem comprar uma casa e de onde podem escrever para os jornais. Mas eu peço a todos os bons leitores que esqueçam isto e que se recusem terminantemente a acreditar que existem quaisquer habitantes do Wessex vitoriano fora das páginas destes volumes em que as suas vidas e relações são descritas.

Além disso, a aldeia chamada Weatherbury[5], onde têm lugar grande parte das cenas desta história, talvez fosse difícil de encontrar para o explorador que a procurasse sem ajuda em qualquer lugar hoje existente. É certo que a igreja se mantém, por milagre, intacta e sem restauro[6], assim como um punhado das velhas casas. Mas a antiga fábrica de malte, outrora um traço distintivo da paróquia, entrou em ruína ao longo destes últimos vinte anos, juntamente com uma fiada das pequenas casas com telhado de colmo e lucerna que, em tempos, foram habitadas. Na história, a esplêndida mansão jacobiana[7] da heroína parece ter-se deslocado, como por encanto, um quilómetro ou dois da sua posição original; em todo o caso, as características que a distinguem

são descritas como ainda hoje se apresentam à luz do sol e da lua. O jogo da barra, que há pouco tempo parecia gozar de uma eterna vitalidade em frente dos velhos cepos[8], é hoje, segundo sei, completamente desconhecido da nova geração de rapazes que aí frequenta a escola. A prática da adivinhação pelo método da Bíblia e da chave, a importância acordada aos cartões de São Valentim, a ceia da tosquia, os compridos camisões dos pastores e a celebração do fim das colheitas quase desapareceram, na esteira das velhas habitações. E, com eles, também se extinguiu, segundo dizem, muito desse amor pela bebida que em tempos deu fama à aldeia. A mudança na raiz deste fenómeno foi a recente substituição dessa classe de camponeses sedentários, que mantinham os velhos humores e tradições, por uma população de trabalhadores mais ou menos migratória, que levou a uma quebra de continuidade na história local, mais fatal do que qualquer outra coisa para a preservação da lenda, do folclore, das relações sociais estreitas e da individualidade excêntrica. Ou não fossem as condições indispensáveis da sua existência o apego à terra de um determinado lugar, geração após geração.

THOMAS HARDY

CAPÍTULO UM

Descrição do Lavrador Oak — Um Incidente

Quando o lavrador Oak sorria, os cantos dos lábios quase lhe tocavam nas orelhas, os olhos reduziam-se a duas fendas e delas partiam rugas que por todo o seu semblante se estendiam como raios de um sol-nascente num desenho rudimentar.

Gabriel era o seu nome de batismo. Em dias de trabalho, era um jovem de discernimento, gestos plácidos, traje adequado e, de um modo geral, bom temperamento. Aos domingos, era um sujeito de ideias vagas, atreito a procrastinar e estorvado pelas suas melhores roupas e pelo seu guarda-chuva. Em suma, alguém que a si próprio se incluía nessa categoria moral dos que ocupam o vasto espaço intermédio da laodicena[9] neutralidade, a saber, entre os devotos que comungam e a secção ébria. Isto é, frequentava a igreja, mas bocejava discretamente no momento em que a congregação chegava ao credo de Niceia[10], fugindo-lhe o pensamento para o que seria o jantar em vez de atender ao conteúdo do sermão. Ou enunciando-lhe o caráter tal como se apresentava na balança da opinião pública: quando os seus amigos e críticos estavam de mau humor, Oak era considerado um homem mau; quando a vida lhes sorria, até era um bom rapaz; quando não se verificava nem uma coisa nem outra, passava por alguém que, do ponto de vista moral, não era carne nem peixe.

Tendo em conta que há seis vezes mais dias de trabalho do que domingos, era quando vestia as suas roupas velhas que Oak mais se parecia consigo próprio — sendo a imagem mental que dele tinham os vizinhos a da sua aparência assim vestido. Usava um chapéu de feltro de copa baixa que alargara na base, devido ao hábito de o encaixar com firmeza na cabeça, não fosse algum golpe de vento levá-lo, e vestia um casaco semelhante ao do Dr. Johnson[11]. A parte inferior do corpo achava-se contida em vulgares perneiras de cabedal e num par de botas vincadamente largas, que ofereciam a cada pé ampla morada e cuja

confeção permitiria àquele que as calçava passar o dia inteiro plantado no leito de um rio e nada saber da humidade — o artesão que as fabricara era um homem escrupuloso, empenhado em compensar a mais pequena falha no corte com generosas dimensões e reforçada robustez.

O Sr. Oak levava com ele, à guisa de relógio de bolso, aquilo que poderia ser qualificado como um pequeno relógio de mesa; por outras palavras, era um relógio de bolso na forma e na intenção e um pequeno relógio de mesa no tamanho. Sendo vários anos mais velho do que o avô de Oak, este instrumento possuía a particularidade de funcionar demasiado depressa ou de não funcionar de todo. Também se dava o caso de o mais pequeno dos seus ponteiros não girar bem em torno do eixo, daí resultando que, embora os minutos fossem anunciados com precisão, ninguém pudesse ter absoluta certeza da hora a que pertenciam. Oak remediava, no seu relógio, esta idiossincrasia de parar de repente com pancadas e abanões, escapando incólume a quaisquer consequências nefastas dos outros dois defeitos por meio da frequente observação do Sol e das estrelas — ou, em alternativa, encostando o rosto à vidraça das janelas dos vizinhos, até conseguir discernir a hora marcada nos mostradores verdes que havia no interior. Convém acrescentar que, sendo de difícil acesso, dada a sua como que cimeira posição no cós das calças (o qual, por sua vez, já era bem subido sob o colete), o relógio de Oak só podia ser extraído, em caso de necessidade, por meio de um arremesso brusco do corpo para um lado, de um franzir dos lábios e da congestão de todo o rosto numa massa informe de carne rosada devido ao esforço, que culminava com um içar do mecanismo pela sua corrente, como se iça um balde do fundo de um poço.

Certas pessoas sérias que o vissem a atravessar a pé um dos seus campos numa manhã de dezembro — ensolarada e inusitadamente amena — talvez pudessem apreciar Gabriel Oak a uma outra luz. No seu rosto via-se que muitos dos matizes e redondezas da juventude persistiam na idade adulta: demoravam-se até, em recantos mais discretos, certas relíquias da sua meninice. Altura e corpulência teriam bastado para tornar imponente a sua presença, caso ele tivesse sabido valorizá-las. Mas há em certos homens, sejam eles rurais ou urbanos, uma tendência para a mente se adiantar à carne e ao músculo: como se a atitude por si só abreviasse a dimensão. E nessa silenciosa modéstia

que não desfeitearia uma vestal e que continuamente parecia recordar-lhe que não lhe cabia reclamar o chão que pisava, Oak caminhava sem pretensões e com uma marreca apenas percetível, ainda que distinta de um vergar dos ombros. Isto pode ser considerado uma falha num indivíduo se a validação do mesmo depender mais da sua aparência do que do seu bom porte, o que não era o caso de Oak.

Tinha há pouco atingido essa altura da vida em que a palavra «jovem» deixa de ser um qualificativo de «homem» quando se fala de um. Vivia o mais brilhante período da maturação masculina, aquele em que inteligência e emoção se encontram claramente separadas: já passara a fase do impulso, em que a influência indiscriminada da juventude as confunde de forma cega, e ainda não alcançara a do preconceito, em que de novo se reúnem sob a ascendência do casamento e da família. Resumindo, tinha vinte e oito anos e era solteiro.

O campo inclinado em que se encontrava nessa manhã estendia-se pela encosta até ao espinhaço denominado Norcombe Hill. Por um contraforte desta colina, corria a grande estrada que ligava Emminster a Chalk-Newton. Deitando um olhar inadvertido por cima da sebe, Oak viu a descer a encosta à sua frente uma carroça ornamentada, pintada de amarelo-vivo e puxada por dois cavalos. O carroceiro caminhava ao lado, empunhando a chibata na perpendicular. A carroça vinha carregada de móveis e plantas de interior e, no cume da carga, ia uma mulher, jovem e atraente. Gabriel detivera-se naquela visão não mais de meio minuto quando o veículo se viu obrigado a parar mesmo diante dos seus olhos.

— Menina, caiu a prancha de trás — disse o carroceiro.

— Nesse caso, eu ouvi-a cair — replicou a rapariga, numa voz doce embora não demasiado baixa. — Quando vínhamos a subir a colina, apercebi-me de um barulho que não consegui identificar.

— Vou voltar para trás.

— Volte — disse ela.

Os cavalos, sensatos, permaneceram imóveis, e os passos do carroceiro dissiparam-se ao longe.

A jovem sentada no cimo da carga permaneceu quieta, rodeada de mesas e cadeiras reviradas, com as costas apoiadas num banco de carvalho e a frente adornada por uma moldura de gerânios, murta e

catos envasados, aos quais se juntava um canário numa gaiola — todos provavelmente saídos das janelas da casa que acabara de vagar. Também havia uma gata numa cesta de vime, que, pela tampa entreaberta, vigiava com ternura, de olhos semicerrados, a passarada em redor.

A bonita rapariga esperou algum tempo sem sair do lugar, e o único som que se ouvia era o dos saltos do canário subindo e descendo os poleiros da sua prisão. A certa altura, a jovem baixou os olhos e fitou algo. Não era o pássaro, ou a gata, que lhe prendiam o olhar, mas um embrulho oblongo, de papel, que se achava no meio dos dois. Virou, então, a cabeça, para ver se o carroceiro vinha a caminho. Ainda não estava à vista; e os olhos dela voltaram a pousar-se no embrulho, os seus pensamentos parecendo concentrar-se naquilo que havia no interior. Por fim, puxou o volume, pousou-o no regaço e desembrulhou o papel que o envolvia: deste, tirou um pequeno espelho giratório, no qual se contemplou com atenção. Entreabrindo os lábios, sorriu.

Era uma bela manhã e o sol acendia um fulgor escarlate na jaqueta carmesim que ela trazia vestida, emprestando-lhe um brilho suave ao rosto vívido e aos cabelos negros. A murta, os gerânios e os catos amontoados à sua volta eram verdes e frondosos e, numa estação tão despida de folhas, davam àquele confuso conjunto de circunstâncias — cavalos, carroça, mobília e rapariga — um peculiar encanto primaveril. O que quer que a possuíra para se entregar a este espetáculo à vista dos pardais, dos melros e do lavrador inapercebido que eram os seus únicos espectadores — e se o sorriso começara por ser fictício para testar o seu talento nessa arte — ninguém sabe; mas terminou, é certo, num sorriso verdadeiro. A rapariga corou ante si própria e, vendo o seu reflexo tingido, corou ainda mais.

A mudança do lugar apropriado e da ocasião necessária em que se cumpria um tal ato — da hora de vestir no recato do quarto para um momento de errância fora de portas — revestia o gesto ocioso de uma novidade que não possuía intrinsecamente. O quadro era delicado. A já conhecida fragilidade feminina exibia-se à luz do sol — e esta conferia-lhe uma frescura original. Ao contemplar a cena, Gabriel Oak não conseguiu resistir a uma inferência cínica, embora fosse um homem indulgente: ela não tivera um motivo concreto para se ver ao espelho.

Não ajeitou o chapéu, não compôs o cabelo, não alisou os relevos da cara, não fez o que quer que fosse que desse a entender que fora essa a razão por que se servira daquele objeto. Limitou-se a admirar-se a si própria como a um belo fruto da natureza do género feminino, os seus pensamentos parecendo abandonar-se a dramas remotos, ainda que verosímeis, nos quais os homens desempenhariam o seu papel — visões de possíveis triunfos — e os sorrisos sugerindo que se imaginavam corações conquistados e perdidos. Não passavam, contudo, de conjeturas, e havia nos movimentos da rapariga um tão grande alheamento que seria prematuro apontar neles algum tipo de intenção.

Ouviram-se os passos do carroceiro regressando. Ela voltou a pôr o espelho dentro do papel e o embrulho foi devolvido ao seu lugar.

Quando a carroça já tinha seguido caminho, Gabriel retirou-se do seu posto de observação e, descendo para a estrada, perseguiu o veículo até à barreira do pedágio, mais adiante no sopé da colina, onde o objeto da sua contemplação se detinha agora a pagar a portagem. Vinte passos separavam-no ainda da barreira quando ouviu vozes em discórdia. Era uma desavença a respeito de dois dinheiros entre as pessoas que iam na carroça e o portageiro.

— A sobrinha da s'nhora está lá no alto da carga e diz que chega bem aquilo que lh'ofereci, meu grande avarento, e que não dá nem mais um tostão. — Eram estas as palavras do carroceiro.

— Muito bem; então, a sobrinha da s'nhora não pode passar — volveu o portageiro, fechando a barreira.

Oak observou, pensativo, as duas partes do conflito. Esta soma de dois dinheiros parecia-lhe particularmente insignificante. Três dinheiros era um valor concreto como numerário — um rombo considerável na jorna de um dia de trabalho e, como tal, matéria de regateio; mas dois dinheiros...!

— Aqui tem — afirmou, dando um passo em frente e entregando os dois dinheiros ao portageiro. — Deixe passar a rapariga. — Dizendo isto, olhou para ela; ela ouvira as suas palavras e baixou os olhos.

As feições de Gabriel aderiam tão perfeitamente a esse meio-termo entre a beleza de São João e a fealdade de Judas Iscariotes — tal como se achavam representados num vitral da igreja que ele frequentava — que não havia nelas um único traço que pudesse ser escolhido e

considerado merecedor seja de atenção ou de notoriedade. E a donzela da jaqueta vermelha e do cabelo preto parecia pensar o mesmo, pois olhou-o de relance com displicência e ordenou ao seu homem que seguisse viagem. Talvez tivesse ponderado agradecer a Gabriel, mas não o verbalizou; o mais provável era não se sentir de todo grata, porque, ao dar-lhe a ganhar a sua livre passagem, ele fizera-a perder a discussão, e é sabido como acolhem as mulheres os favores desta natureza.

O portageiro ficou a ver o veículo que se afastava.

— Aí está uma linda rapariga — disse para Oak.

— Mas tem os seus defeitos — replicou este.

— Verdade, lavrador.

— E o maior deles todos é... enfim, o que sempre foi.

— O regateio? Sim, é como diz.

— Ah, não!

— O quê, então?

Talvez um pouco ressentido com a indiferença da bonita viajante, Gabriel olhou de relance para trás, para a sebe de onde assistira ao seu espetáculo, e disse:

— A vaidade.

CAPÍTULO DOIS

Noite — O Rebanho — Um Interior — Um Outro Interior

Era quase meia-noite na véspera de São Tomé[12], o dia mais curto do ano. Um vento desolador vindo de norte errava sobre a colina onde, à luz do sol de há uns dias, Oak tinha observado a carroça amarela e a sua ocupante.

Norcombe Hill — não muito distante da solitária Toller-Down — era um desses lugares que sugeria ao viandante estar na presença de uma forma tão próxima do indestrutível como qualquer uma neste mundo pode ser. Era uma indistinta convexidade de terra e cal — um espécime comum dessas protuberâncias do globo, de suaves contornos, que podem permanecer inabaláveis nalgum dia de grande tumulto, enquanto montanhas de longe mais altas e vertiginosas falésias de granito se desmoronam.

A norte, revestia a colina uma antiga e decrépita plantação de faias, cuja orla superior formava uma linha sobre a cumeeira, guarnecendo a sua curva arqueada de uma franja que se recortava no fundo do céu, como uma crina. Nessa noite, estas árvores abrigavam a encosta sul das rajadas mais fortes, que embatiam na madeira e nela se derramavam com um murmúrio de protesto, dissipando-se sobre os seus ramos cimeiros num gemido vencido. As folhas secas caídas no valado estuavam e ferviam nestas mesmas turbulências, uma língua de ar pescando uma aqui e outra ali e lançando-as sobre a erva em rodopio. No meio deste turbilhão de folhas mortas, um grupo ou dois das mais tardias na estação tinham perdurado nos seus galhos até àquele solstício de inverno e, ao desprenderem-se, fustigavam os troncos com sucessivas pancadinhas.

Entre esta colina em parte arborizada e em parte calva e o vago horizonte suspenso que o seu cume indistintamente dominava, estendia-se uma misteriosa faixa de sombra insondável — os sons que dela

procediam sugerindo que aquilo que ocultava fraca semelhança possuía com as formas desta vida. As ervas finas que esparsamente recobriam a encosta eram assaltadas pelo vento em brisas de poderes discordantes, e quase dissonantes naturezas — uma esmagando-as com violência, a outra trespassando-as com o seu frio glacial, a terceira aflorando-as como uma vassoura macia. O instinto do género humano seria deter-se ali e escutar, descobrindo como as árvores à direita e as árvores à esquerda trocavam prantos ou cânticos, nas compassadas antifonias de um coro de catedral; e como as sebes e outros vultos a sotavento repercutiam a mesma nota, reduzindo-a ao mais terno dos lamentos; e como, enfim, a rajada urgente mergulhava a sul, para não mais ser ouvida.

O céu estava límpido — extraordinariamente límpido — e parecia que a cintilação de todas as estrelas era o latejar de um só corpo regulado por um pulso comum. A Estrela Polar estava orientada no sentido do vento e, desde a tardinha, a Ursa Maior girara à sua volta para leste, até formar um ângulo reto com o meridiano. Uma diferença de cor nas estrelas — mais vezes lida nos livros do que observada em Inglaterra — era aqui efetivamente percetível. O soberano esplendor de Sírio feria o olhar com uma fulguração metálica, a estrela chamada Capela era amarela. Aldebarã e a Betelgeuse brilhavam com um vermelho-ígneo.

Para quem está sozinho numa colina a meio de uma noite límpida como esta, a rotação do planeta para leste é um movimento quase palpável. A sensação talvez seja suscitada pelo vogar panorâmico das estrelas a passarem sobre os objetos terrestres — percetível ao fim de alguns instantes de imobilidade —, a menos que nasça do ponto de vista privilegiado sobre o espaço que uma elevação proporciona, ou ainda do vento ou da solidão. Mas, seja qual for a sua origem, a impressão de seguir nessa viagem é vívida e duradoura. Fala-se muito na poesia do movimento. Para apreciar a forma épica deste deleite, é necessário permanecer parado numa colina a uma hora avançada da noite: ao deixarmo-nos habitar pelo sentimento da diferença que nos separa dessa massa de humanidade civilizada então enredada nos seus sonhos e alheia a todos estes processos, é-nos permitido contemplar demorada e silenciosamente o nosso majestoso progresso através das estrelas. No fim de semelhante exploração noturna, será difícil regressar à Terra e

acreditar que a consciência de tão excelsa velocidade decorreu de um ínfimo corpo humano.

De súbito, uma série de sons inesperados fez-se ouvir nas alturas. Possuía uma nitidez que não se encontra no sopro do vento e uma sequência distinta de tudo o que é natural. Eram as notas da flauta do lavrador Oak.

A melodia não flutuava no ar sem impedimento: parecia, de certo modo, abafada e era demasiado fraca para se propagar. Vinha de uma pequena massa escura por baixo da sebe que delimitava o bosque — o abrigo de um pastor —, ao qual um leigo teria grande dificuldade, nesse instante, em atribuir um sentido ou uma utilidade.

A imagem no seu conjunto era a de uma pequena arca de Noé sobre um monte Ararat em miniatura, evocando os traços tradicionais e a forma geral da arca que são recuperados pelos fabricantes de brinquedos — e que assim se inscrevem na imaginação dos homens como uma das suas mais duradouras, porque mais antigas, impressões. O abrigo assentava sobre umas pequenas rodas que o erguiam cerca de um palmo acima do chão. Tais casebres são puxados para os campos quando chega a estação das parições, para acolher o pastor na sua forçada vigília noturna.

Não fazia muito tempo que as pessoas tinham começado a tratar Gabriel por «lavrador» Oak. Durante os últimos doze meses, graças a uma persistente e esforçada diligência e a uma boa disposição crónica, fora-lhe permitido arrendar a pequena quinta de ovelhas de que Norcombe Hill fazia parte, e abastecê-la de duzentas cabeças. Antes disso, Oak tinha sido maioral durante um curto período de tempo e, antes ainda, fora apenas um pastor, habituado desde a infância a ajudar o pai a cuidar dos rebanhos de grandes proprietários, até o velho Gabriel se deitar na sua última morada.

Lançar-se só e sem ajudas à cabeça desta aventura pelos caminhos da lavoura, enquanto seu próprio chefe e já não subordinado, e com um adiantamento de gado que ainda não fora pago, era uma conjuntura arriscada, da qual Gabriel Oak tinha plena consciência. O primeiro passo na sua nova demanda era o parto das ovelhas e, sendo um entendido na matéria desde tenra idade, com sensatez se coibiu de delegar a tarefa de cuidar delas nessa estação a um jornaleiro ou a um aprendiz.

O vento continuava a açoitar os flancos do abrigo, mas o som da flauta cessou. Um retângulo de luz recortou-se num dos lados e, na abertura, desenhou-se a silhueta do lavrador. Gabriel levava uma lanterna na mão e, fechando a porta atrás dele, deu alguns passos e atarefou-se durante quase vinte minutos num escaninho do campo, a luz da lanterna ora aparecendo ora desaparecendo e alumiando-o ou escurecendo-o, consoante ele se encontrava à frente ou atrás dela.

Os movimentos de Oak, embora animados por uma energia silenciosa, eram lentos, e esta ponderação decorria da natureza da tarefa. Sendo a aptidão o fundamento da beleza, ninguém poderia negar que os seus gestos firmes e os seus vaivéns para dentro e para fora do rebanho possuíam elementos de graça. Contudo, e ainda que, se a ocasião assim o ditasse, ele fosse capaz de fazer ou pensar algo com a mesma rapidez de Mercúrio[13] de que são useiros os homens da cidade, de nascença a ela mais afeitos, o seu poder moral, físico e mental era estático, por regra pouco ou nada devendo à velocidade.

Uma inspeção mais atenta das imediações, mesmo à luz difusa das estrelas, revelava que o lavrador se apropriara de uma parte daquilo que, de forma imprecisa, poderia ser chamado uma vertente inculta, para cumprir o seu grande desígnio desse inverno. Em vários pontos dispersos, tinham sido enterradas no solo partes de sebes cobertas de colmo. E, no meio e por baixo delas, as formas esbranquiçadas das suas mansas ovelhas moviam-se e sussurravam. O tinido dos badalos, que, durante a ausência de Oak, estivera silencioso, fez-se de novo ouvir, em tons que eram mais aveludados do que cristalinos, devido ao crescimento da lã em redor do metal. O som prolongou-se até o pastor voltar a retirar-se do rebanho. Ao regressar ao seu abrigo, levava nos braços um cordeiro recém-nascido, o qual consistia em quatro pernas tão compridas como as de uma ovelha adulta, unidas por uma aparentemente insignificante membrana, que não tinha mais de metade do peso do conjunto dos membros, formando o corpo inteiro do animal naquele momento.

Gabriel pousou a delicada centelha de vida num tufo de feno diante da pequena salamandra, onde fervia um pote de leite. Depois, apagou a luz da lanterna, soprando para a chama e apertando em seguida o morrão,

e o casebre ficou apenas iluminado por uma vela suspensa de um arame torcido. Uma enxerga bem dura, feita de algumas sacas de milho lançadas para o chão sem cuidado, ocupava metade daquela exígua morada. Nela, o jovem estendeu-se, afrouxou o lenço de lã e fechou os olhos. Demorando o mesmo tempo que levaria uma pessoa não acostumada ao trabalho físico a decidir para que lado ia deitar-se, o lavrador Oak adormeceu.

O interior do abrigo, tal como agora se apresentava, era acolhedor e atraente. Acrescentando-se à luz da vela, a língua de fogo vermelha do forno emprestava a sua cor genial a tudo o que alcançava, sublimando utensílios e ferramentas. Apoiado a um canto, estava o cajado do pastor. Em cima de uma prateleira, numa das paredes, havia garrafas e caixas de lata que continham os preparados simples da ovina ciência e cirurgia; sendo os principais o álcool etílico, a terebintina, o alcatrão, a magnésia, o gengibre e o óleo de rícino. Numa prateleira triangular, de canto, havia pão, toucinho, queijo e um copo de cerveja ou sidra, vertidas de um frasco arrumado em baixo. Ao lado destas provisões, fora pousada a flauta, cujas notas tinham sido ainda há pouco evocadas pelo solitário vigilante para iludir o tédio das horas. A casa era ventilada por dois buracos redondos, semelhantes às escotilhas da cabina de um navio, munidos de corrediças de madeira.

O cordeiro, reanimado pelo calor, começou a balir, e o som registou-se nos ouvidos de Gabriel e no seu cérebro com um significado imediato, como acontece com os sons que esperamos ouvir. Transitando das profundezas do sono para a vigília mais atenta com a mesma facilidade com que fizera a operação inversa, consultou o relógio, reparou que o ponteiro das horas tornara a deslizar, pôs o chapéu, pegou no cordeiro ao colo e levou-o para dentro da escuridão. Depois de depositar o pequeno animal junto da mãe, levantou-se e examinou o céu com cuidado, a fim de calcular a hora da noite a partir da posição das estrelas.

Sírio e Aldebarã, apontando para as trémulas Plêiades, já tinham percorrido metade do seu caminho na zona austral do firmamento, e entre elas sustinha-se Orionte, constelação magnífica que agora brilhava com mais fulgor do que nunca, pairando lá no alto, sobre os limites da paisagem. Castor e Pólux, com o seu brilho discreto, tinham quase

alcançado o meridiano: o ermo e sombrio Quadrado de Pégaso fazia a sua curva lenta para noroeste; ao longe, no fundo do bosque, Vega faiscava como uma lanterna suspensa sobre o arvoredo despido, e a cadeira de Cassiopeia equilibrava-se com elegância nos ramos mais altos.

— Uma da manhã — concluiu Gabriel.

Não sendo um homem desprovido de uma consciência assídua de que havia encanto na vida que levava, deixou-se ficar imóvel a contemplar o céu, já não como seu útil instrumento, mas num espírito apreciativo, como se estivesse perante uma obra de arte superlativa. Por instantes, dir-se-ia comovido com a eloquente solidão da cena, ou antes, com essa ausência tão absoluta das imagens e dos sons do homem. As formas humanas, as interferências, os cuidados e as alegrias eram todos como se não fossem, e ele sentia-se o único habitante senciente do hemisfério agora mergulhado na escuridão; podia até imaginar que todos se tinham sumido para o lado ensolarado do planeta.

Assim entretido, com olhos que a lonjura alcançavam, Oak apercebeu-se aos poucos de que o ponto luminoso que antes lhe parecera uma estrela baixa na orla dos campos era, na verdade, algo bem diferente. Tratava-se de uma luz artificial, quase à mão de semear.

Verem-se sós, à noite, apesar de desejarem e até esperarem companhia, enche certas pessoas de temor; mas é um caso de longe mais desesperante descobrir-se uma misteriosa companhia quando a intuição, os sentidos, a memória, a analogia, o testemunho, a probabilidade e a indução — toda a panóplia de provas que figura na lista da lógica — se uniram para persuadir a consciência de que se encontra no mais perfeito isolamento.

O lavrador Oak dirigiu-se ao bosque e abriu caminho pelos seus ramos mais baixos até chegar ao lado ventoso. Um volume indistinto aninhado na encosta recordou-lhe que havia ali um casebre cuja presença interrompia a silhueta da colina, de tal modo que, nas traseiras, parte do telhado se achava quase ao nível do solo. A fachada era constituída por tábuas pregadas a estacas e revestidas de um alcatrão protetor. Pelas gretas do telhado e das paredes saíam agulhas e feixes de luz que, combinados, produziam a claridade que o tinha atraído até ali. Ele aproximou-se por detrás e, empoleirando-se sobre o telhado,

com o olho encostado a uma das gretas, passou a ver o interior com nitidez.

O lugar continha duas mulheres e duas vacas. Ao lado destas, via-se um puré de farelo a fumegar dentro de um balde. Uma das mulheres já passara a meia-idade. A outra parecia ser jovem e bonita. Ele não conseguia, porém, formar uma opinião definitiva a respeito da sua beleza, pois, encontrando-se a rapariga mesmo por baixo do seu posto de observação, estava a vê-la de cima, como o Satanás de Milton viu pela primeira vez o Paraíso[14]. Ela não tinha coifa ou chapéu, mas embrulhara-se num manto largo, com que descuidadamente cobria a cabeça.

— Pronto, já podemos ir para casa — disse a mais velha das duas, pousando nas ancas os nós dos dedos e contemplando a cena no seu conjunto.

— Espero sinceramente que *Daisy*, agora, dê a volta. Nunca tive tanto medo na vida, mas não me importo de interromper o meu descanso, se ela recuperar.

A rapariga, cujas pálpebras pareciam fechar-se à mínima promessa de silêncio, bocejou sem abrir os lábios mais do que seria conveniente, contagiando Gabriel, que deixou escapar um pequeno bocejo de empatia.

— Oxalá fôssemos ricas para poder pagar a um homem para fazer estas coisas — comentou ela.

— Como não somos, temos de fazê-las nós próprias — replicou a outra —, e tu tens de ajudar-me, se ficares.

— O meu chapéu é que já se foi — acrescentou a mais nova. — Voou para o outro lado da sebe, parece-me. E pensar que uma brisa tão fraca o levaria...

A vaca que estava de pé era da raça *devon* e revestia-a uma pelagem espessa e quente de um denso almagre. A cor era tão uniforme dos olhos até à cauda como se o animal tivesse sido mergulhado num banho de tinta. O seu lombo comprido era rigorosamente plano. A outra era malhada, com manchas cinzentas e brancas. Ao seu lado, Oak reparava agora, havia um pequeno bezerro de um dia de idade, que olhava pasmado para as duas mulheres, o que mostrava que mal se habituara

ainda à visão. Virava-se muitas vezes para a lanterna, que parecia confundir com a Lua, pois não houvera ainda tempo para que o instinto herdado fosse corrigido pela experiência. Entre as ovelhas e as vacas, Lucina[15] tinha andado atarefada, nesses últimos tempos, em Norcombe Hill.

— Devíamos ter encomendado uma porção de aveia — disse a mulher mais velha. — Já não há farelo.

— Sim, tia; e eu vou a cavalo buscá-la assim que o dia raiar.

— Mas não temos uma sela de senhora.

— Eu consigo montar na outra, confie em mim.

Ao ouvir esta troca de palavras, Oak ficou ainda mais interessado em ver as feições da rapariga, mas, sendo-lhe negada a possibilidade pelo efeito ocultador do manto, e pela posição aérea em que se achava, teve de recorrer à imaginação em busca de mais pormenores. Mesmo quando temos sobre o mundo uma perspetiva horizontal e desimpedida, colorimos e moldamos o que os olhos trazem de acordo com as vontades que nos habitam. Tivesse Gabriel conseguido, desde o princípio, uma imagem nítida do semblante da rapariga, a intuição de uma beleza excecional ou mediana teria sido determinada pela circunstância de a alma lhe pedir, nesse momento, uma divindade ou de já ter sido provida de uma. Como já sentia há algum tempo a falta de uma forma capaz de preencher o vazio que nele ia crescendo, e dando-lhe o contexto maior alcance à fantasia, pintou-a uma beleza.

Por uma daquelas bizarras coincidências em que a natureza, mãe azafamada, consegue roubar um momento à sua incessante labuta para se virar para os seus filhos e fazê-los sorrir, a rapariga deixava agora cair o manto e, atrás dele, derramaram-se canudos de cabelo preto sobre uma jaqueta vermelha. Oak reconheceu-a de imediato como sendo a heroína da carroça amarela, da murta e do espelho: dito de forma prosaica, como sendo a mulher que lhe devia dois dinheiros.

Elas tornaram a depositar o bezerro ao lado da mãe, pegaram na lanterna e saíram, a luz afundando-se ao longo da encosta da colina até não ser mais do que uma pequena nébula. Gabriel regressou ao seu rebanho.

CAPÍTULO TRÊS

Rapariga a Cavalo — Uma Conversa

O dia rompeu preguiçosamente. Por nenhuma razão particular a não ser o facto de o incidente dessa noite ter ocorrido ali, Oak regressou ao bosque, cuja posição era agora o elemento de um novo interesse. Enquanto passeava, meditando, ouviu o trote de um cavalo no sopé da colina. E, daí a pouco, avistou um pónei baio, montado por uma rapariga, a subir o caminho que conduzia ao casebre do gado. Era a jovem da noite anterior. Ele lembrou-se do chapéu que ela dissera ter perdido no vento; talvez tivesse vindo à sua procura. Então, correu a escrutinar o valado e, ao fim de uma dezena de metros, encontrou-o no meio das folhas. Recolhendo-o do chão, regressou ao seu abrigo. Aqui, escondido, pôs-se a espreitar por uma das escotilhas na direção em que vinha a cavaleira.

Esta subiu a ladeira e olhou em redor — depois, perscrutou o outro lado da sebe. Gabriel preparava-se para avançar e devolver o objeto perdido quando foi detido por um espetáculo inesperado. O caminho, depois de passar a vacaria, dividia o bosque ao meio. Não era uma passagem equestre, mas um simples trilho pedestre, e a ramagem que crescia na horizontal, a uma altura não superior a dois metros, fechava o acesso aos cavaleiros. A rapariga, que não trazia um traje de montar, olhou à sua volta como se quisesse assegurar-se de que não havia ali vivalma e, num movimento hábil, lançou as costas para trás até ficar deitada sobre o dorso do cavalo, com a cabeça assente na garupa do animal, os pés plantados nos seus ombros e os olhos postos no céu. Tinha deslizado para esta posição com a rapidez de um pica-peixe — e o silêncio de um falcão. Os olhos de Gabriel mal tinham conseguido segui-la. O pónei alto e esgalgado parecia acostumado a este hábito, avançando a furta-passo, despreocupado. E assim passou a cavaleira por baixo do túnel de ramos.

A jovem acrobata parecia à vontade em qualquer posição compreendida entre a cabeça da montada e a sua garupa e, deixando

de ter pretexto, finda a travessia da plantação, para esta invulgar atitude, adotou uma nova, ainda mais conveniente do que a primeira. Não dispondo de sela de senhora, via-se bem que lhe custava manter-se firme, no couro liso, se montasse de lado. Por isso, recuperou num ápice a posição vertical, como um ramo jovem que tivesse sido dobrado, e, certificando-se de que não havia ninguém à vista, sentou-se da maneira exigida pela sela, ainda que pouco esperada da parte de uma mulher. Depois, seguiu a trote na direção de Tewnell Mill.

Divertido e talvez um pouco admirado com este espetáculo, Oak pendurou o chapéu dentro da cabana e regressou para junto das suas ovelhas. Dali a uma hora, a rapariga voltou, desta vez devidamente sentada, com uma saca de farelo à frente do corpo. Ao aproximar-se da vacaria, cruzou-se com um rapaz que trazia uma selha de ordenha e que lhe segurou nas rédeas do pónei enquanto ela descia. O rapaz levou o cavalo, deixando-lhe a selha.

Dali a instantes, uma cadência de esguichos suaves alternados com outros mais estridentes fez-se ouvir em redor da vacaria — eram os sons inequívocos de uma pessoa a ordenhar uma vaca. Gabriel levou na mão o chapéu perdido e esperou na berma do caminho que ela tomaria para sair da colina.

Por fim, a rapariga apareceu, de selha na mão, suspensa à altura do joelho. Trazia o braço esquerdo esticado, em busca de equilíbrio, e o que Oak viu nele de pele desnuda fê-lo desejar que fosse verão, altura em que a totalidade lhe seria revelada. Tudo nela agora era alegria, com isso parecendo insinuar que o lado cobiçável da sua existência não podia ser questionado; e essa atrevida pretensão não chegava a ser ofensiva, porque quem a visse saberia, no fundo, que era verdade. Tal como a ênfase excecional no tom de um génio, aquilo que tornaria ridícula a mediocridade só reforçava, naquele caso, o poder reconhecido. Foi com algum espanto que ela viu o rosto de Gabriel erguer-se, como a Lua, por detrás da sebe.

Entre a ideia vaga que o lavrador guardara dos seus encantos e o retrato que, naquele momento, ela lhe oferecia, havia uma diferença que não desiludia. O ponto de partida do escrutínio foi a sua altura. Ela parecia alta, mas a selha era pequena e a sebe muito baixa; assim sendo, dado o desconto ao erro que a comparação induzia, talvez a sua

altura não superasse aquela que, idealmente, uma mulher devia ter. Todos os traços relevantes eram sóbrios e harmoniosos. Aqueles que percorrem os condados em busca de beleza talvez já tenham podido observar que, na mulher inglesa, é raro encontrar um rosto de formas clássicas unido a uma silhueta com o mesmo desenho: as feições mais primorosas são, de um modo geral, demasiado largas para o resto do corpo; e uma graciosa e bem proporcionada figura de oito cabeças[16] costuma perder-se em curvas faciais incertas. Sem querer lançar um véu de ninfa sobre a leiteira, convém dizer que, neste caso, a crítica não teria razão de ser, nascendo da sua contemplação um prazer duradouro e consciente. Os contornos da parte superior do corpo deixavam adivinhar um pescoço e uns ombros magníficos; ainda que, desde a sua infância, mais ninguém a não ser ela os tivesse visto. Caso fosse obrigada a usar um vestido mais decotado, teria corrido a esconder a cabeça num arbusto. No entanto, não se tratava de modo algum de uma rapariga tímida; era apenas o seu instinto traçar a linha que separa o visível do invisível mais acima do que fazem nas cidades.

Natural e quase inevitável, os seus pensamentos afloraram-lhe ao rosto assim que sentiu o olhar de Oak pousado nela. A autoconsciência então revelada teria sido vaidade se um pouco mais pronunciada, dignidade se um pouco menos. Nos distritos rurais, o olhar dos homens parece fazer cócegas no rosto das virgens; e a jovem esfregou o dela com a mão, como se Gabriel lhe tivesse irritado a superfície rosada com um toque concreto, a liberdade anterior dos seus movimentos reduzindo-se agora a uma versão mais casta de si própria. Dito isto, foi o homem que corou, e a donzela não corou de todo.

— Encontrei um chapéu — afirmou Oak.

— É o meu — replicou ela e, contendo num pequeno sorriso a vontade de uma risada, ainda disse: — Voou-me das mãos ontem à noite.

— À uma da manhã?

— Sim... precisamente.

Estava surpreendida.

— Como é que sabe? — inquiriu.

— Eu estava aqui.

— O senhor é o lavrador Oak, não é?

— Sim, é isso, mais ou menos. Foi há pouco que vim para este lugar.

— É uma quinta grande? — perguntou ela, olhando em redor e afastando o cabelo para trás, que era preto nas sombras mais fundas do seu volume, mas, como o Sol já nascera há mais de uma hora, recebia em certas mechas os seus reflexos dourados.

— Não; não é grande. Cerca de cem. — (Ao falarem de quintas, os nativos omitem a palavra «acres», por analogia com expressões antigas como «um veado de dez».)

— Precisei do meu chapéu esta manhã — acrescentou a rapariga. — Tive de ir a Tewnell Mill.

— Sim, eu sei.

— Como é que sabe?

— Vi-a.

— Onde? — insistiu ela, um mau pressentimento paralisando-lhe todos os músculos.

— Aqui, quando atravessou o pequeno bosque e desceu a encosta da colina — respondeu o lavrador Oak, fitando um ponto longínquo na direção indicada, como se a cena lhe acudisse inteira ao pensamento, antes de olhar de novo para a sua interlocutora.

E logo desviou os olhos, com a culpa de quem fora apanhado a roubar. A recordação do estranho malabarismo a que ela se entregara ao passar pelo túnel de árvores suscitou na rapariga uma palpitação irritada, seguida de um ardor no rosto. Foi a ocasião de ver corar uma mulher que, por regra, não era dada a rubores; não havia um milímetro de pele da leiteira que não se tivesse tingido do mais intenso matiz de rosa. Evoluindo do Rubor de Donzela ao Carmesim da Toscana[17], sem deixar de passar por todas as gradações da Provença, a tez da jovem que Oak conhecera foi subindo de tom; até que, por respeito, ele virou a cabeça para o outro lado.

Solidário, manteve o olhar desviado, perguntando-se quando recuperaria ela frieza suficiente para poder ser de novo contemplada. Foi então que lhe pareceu ouvir uma folha morta a adejar na brisa, e olhou. Ela já tinha desaparecido.

Com um ar tragicómico, Gabriel regressou ao trabalho.

Cinco manhãs passaram, e cinco noites. A jovem veio regularmente ordenhar a vaca saudável e tratar da enferma, mas nunca permitia que os seus olhos se desviassem na direção de Oak. A sua falta de tato ofendera-a profundamente — não por ele ter visto o que não podia ter evitado ver, mas por ter-lhe dado sinal de que o vira. Assim como sem lei não há pecado, sem olhos não há indecência; e ela parecia sentir que o olhar de Gabriel a transformara numa mulher indecorosa, sem a sua conivência. Era nele matéria de grande arrependimento; e também um *contretemps* que dera vida a um calor latente.

Este encontro poderia, no entanto, ter terminado num lento esquecimento, não fora o incidente que teve lugar no fim dessa semana. Uma tarde, o tempo arrefeceu e a geada intensificou-se com a chegada da noite, que se arrastou de mansinho, como um silencioso estreitar de laços. É uma estação em que, nas quintas, o hálito dos que dormem gela nos lençóis; e em que, no salão de uma mansão de paredes grossas, as pessoas sentadas à lareira têm as costas frias, apesar de sentirem os rostos ardentes. Nessa noite, muitas crias de pássaro regressaram de barriga vazia aos seus ninhos nas árvores despidas.

Quando a hora da ordenha se aproximou, Oak retomou o seu posto de vigia nos arredores da vacaria. Mas acabou por sentir frio e, depois de reforçar a quantidade de feno em redor das ovelhas que pariam, entrou na sua cabana e acrescentou combustível ao forno. O vento entrava por debaixo da porta. Para evitá-lo, encostou ali uma saca e puxou a enxerga um pouco mais para o lado sul. O vento jorrou, então, pelos ventiladores — e havia um em cada flanco do abrigo.

Gabriel sabia muito bem que, quando o forno estava aceso e a porta fechada, um destes orifícios devia ficar aberto — tendo o cuidado de escolher sempre o do lado abrigado do vento. Fechando a corrediça a barlavento, virou-se para abrir a outra, mas reconsiderou. Decidiu esperar uns minutos até a temperatura no interior do abrigo subir um pouco. E sentou-se.

Foi, contudo, acometido de uma violenta dor de cabeça e, julgando-se esgotado pelas vigílias das noites precedentes, decidiu levantar-se, abrir o respiradouro e deitar-se um pouco. Não conseguiu, porém, cumprir o primeiro gesto antes de sucumbir.

Oak nunca chegou a saber quanto tempo ficara desmaiado. Durante

os primeiros instantes do seu regresso à consciência, pareceu-lhe que algo de singular acontecia à sua volta. O seu cão estava a uivar, a cabeça doía-lhe de forma assustadora — e alguém o puxava de um lado para o outro, tentando desatar-lhe o lenço do pescoço.

Ao abrir os olhos, viu que a tarde se adensara em crepúsculo de uma forma inusitada. A jovem dos lábios belos e dos dentes brancos encontrava-se ao seu lado. Mais do que isso — o que não cessava de surpreendê-lo —, tinha a cabeça pousada no regaço da leiteira, uma desagradável sensação de humidade no rosto e no pescoço, e os dedos dela tentavam, nesse momento, desabotoar-lhe o colarinho.

— O que se passa? — perguntou, com um ar ausente.

Ela parecia contente de o ouvir, mas não o suficiente para deixar escapar o riso.

— Nada, agora — respondeu —, uma vez que não está morto. É um milagre não ter sufocado dentro da sua cabana.

— Ah, a cabana! — murmurou ele. — Dei dez libras por esta cabana. Mas vou vendê-la e instalar-me por baixo de cercas cobertas de colmo, como se fazia nos velhos tempos, e enrolar-me a dormir num monte de palha! Pregou-me quase a mesma partida no outro dia! — Num gesto enfático, bateu com o punho no chão.

— Não foi propriamente culpa da cabana — observou ela, num tom que a revelava como sendo uma novidade entre as mulheres: pois terminava um pensamento antes de começar a frase que o enunciava. — Devia, a meu ver, ter refletido primeiro e não ter cometido a imprudência de deixar as corrediças fechadas.

— Sim, penso que devia — replicou Oak, distraidamente.

Estava a tentar apreender e saborear a sensação de encontrar-se assim tão perto dela, com a cabeça pousada no seu vestido, antes de o momento se perder na amálgama das coisas passadas. Desejou que a rapariga soubesse o que ele sentia; mas era tão incapaz de reter o inefável sentimento nas malhas vulgares da linguagem como de agarrar um perfume com uma rede. Por isso, ficou em silêncio.

Ela fê-lo sentar-se, e Oak começou a limpar o rosto e a sacudir-se como um Sansão[18].

— Como posso agradecer-lhe? — perguntou por fim, grato, agora que

o seu rosto recuperara um pouco desse vermelho-ferrugem que lhe era natural.

— Ah, não se preocupe com isso — replicou a jovem, sorrindo e guardando o sorriso, para ouvir tudo o que Gabriel pudesse dizer-lhe.

— Como é que me encontrou?

— Ouvi o seu cão a uivar e a arranhar a porta da cabana, quando vinha a caminho da ordenha (foi uma sorte, *Daisy* já não dá mais leite esta estação, e não voltarei aqui depois desta semana ou da próxima). O cão viu-me, correu para mim e puxou-me a saia. Segui-o até aqui e olhei de imediato para os lados do casebre, para ver se as corrediças estavam fechadas. O meu tio tem um abrigo como este e já o ouvi dizer aos pastores que não se deitem sem deixar, pelo menos, um orifício aberto. Quando abri a porta, vi-o, parecia morto. Como não havia água, atirei-lhe o leite à cara, esquecendo que estava morno e que seria inútil.

— Pergunto-me se não poderia ter morrido? — cogitou Gabriel, numa voz baixa que mais parecia falar para dentro do que para ela.

— Oh, não! — retorquiu a rapariga, preferindo uma versão menos trágica; ter salvado um homem da morte exigiria um diálogo em tom mais solene, que fizesse justiça à dignidade do ato, e ela queria evitá-lo a todo o custo.

— Creio que me salvou a vida, menina... Não sei como se chama. Sei qual é o nome da sua tia, mas não o seu.

— Preferia não o dizer. É melhor não. Não vejo motivo para o fazer, já que é muito provável que o senhor e eu não tenhamos nada a ver um com o outro no futuro.

— Ainda assim, gostava de saber.

— Pode indagar em casa da minha tia, ela dir-lho-á.

— Eu chamo-me Gabriel Oak.

— E eu não. Mas o senhor parece gostar do seu nome para o dizer de forma tão decisiva, Gabriel Oak.

— Sabe, é o único que alguma vez terei e tenho de tirar dele o melhor proveito.

— Sempre achei que o meu tinha uma ressonância estranha e desagradável.

— Estou em crer que talvez não tarde a arranjar um novo.

— Haja piedade! Quantas opiniões tem o senhor a respeito das outras

pessoas, Gabriel Oak?

— Perdoe-me, menina, pensei que ia gostar das minhas palavras. Mas não estou à sua altura, bem sei, quanto a pôr na boca o que me vai na alma. Nunca fui bom conversador. Mas agradeço-lhe. Vamos, dê-me a sua mão.

Ela hesitou, algo desconcertada com o desfecho solene e antiquado que Oak queria dar àquela ligeira troca de palavras.

— Muito bem — disse, estendendo-lhe a mão e cerrando os lábios, mais reservada.

Ele segurou-lhe na mão apenas um instante e, com receio de ser demasiado explícito, pecou pelo extremo oposto, tocando-lhe nos dedos com a timidez de uma pessoa pouco dada.

— Peço-lhe desculpa — apressou-se a dizer.

— De quê?

— Por largar a sua mão tão depressa.

— Pode tê-la de volta se quiser; aqui a tem.

Ela estendeu-lhe a mão novamente.

Oak segurou-a por mais tempo desta vez — demasiado, na verdade.

— Como é macia, apesar do inverno. Sem gretas, ou asperezas, nada! — observou.

— Pronto. É suficiente — disse ela, sem retirar a mão. — Mas talvez esteja a pensar que gostaria de beijá-la? Pode fazê-lo, se quiser.

— Não imaginei tal coisa — limitou-se a dizer Gabriel —, mas posso...

— Ai, isso é que não pode!

Bruscamente, retirou a mão. Gabriel sentiu-se culpado por esta segunda falta de delicadeza.

— Agora, descubra o meu nome — disse ela, provocando-o. E afastou-se.

CAPÍTULO QUATRO

A Decisão de Gabriel — A Visita — O Erro

Em regra, a única superioridade que um homem tolera numa mulher é a de natureza não consciente; porém, a superioridade que se reconhece a si própria pode, por vezes, tornar-se agradável se sugerir ao amante subjugado a possibilidade da sua captura.

A bela e amável rapariga não tardou a ganhar terreno nos pensamentos do jovem lavrador.

Sendo o amor um usurário de extrema exigência (no plano espiritual, a perspetiva de um lucro exorbitante preside, pela permuta de corações, às paixões puras, assim como, no plano físico ou material, está na origem dos desejos de índole mais baixa), a cada manhã, a evolução dos sentimentos de Oak era tão sensível como o mercado monetário quando se tratava de fazer o cálculo das suas probabilidades. A ansiedade com que o cão do lavrador esperava que ele lhe desse as refeições assemelhava-se tanto à maneira como o próprio dono aguardava a chegada da rapariga que a analogia deixava-o perplexo e, sentindo-a humilhante, o homem recusava-se a olhar para o animal. No entanto, continuou a vigiar pela sebe a sua aparição rotineira e, desta forma, as emoções que a leiteira lhe inspirava tornaram-se mais intensas de dia para dia, sem que nela houvesse qualquer efeito correspondente. Oak não tinha ainda nada de definitivo ou de preparado para dizer e, não sendo capaz de engendrar essas palavras de amor que terminam onde começam — ditos de paixão

Cheios de som e de fúria,
Vazios de significado[19]

—, não disse nada.

Depois de fazer algumas perguntas, descobriu que a rapariga se chamava Bathsheba Everdene e que a vaca secaria no prazo de sete dias. Tinha do oitavo dia grande pavor.

Por fim, o dia chegou. A vaca não daria mais leite nesse ano, e Bathsheba Everdene não tornou a subir a encosta da colina. Gabriel atingira um cúmulo da sua existência que, pouco tempo antes, não lhe teria ocorrido antecipar. Gostava de murmurar «Bathsheba» como um gozo privado, em vez de assobiar; mudou de gosto para os cabelos negros, embora tivesse desde menino confiado mais nos castanhos; isolou-se até o lugar que ocupava na consciência da comunidade se tornar desprezível, de tão pequeno. O amor é uma força possível no seio de uma fragilidade real. O casamento converte uma distração num apoio, cuja solidez devia ser, e muitas vezes felizmente é, proporcional ao grau de imbecilidade que vem redimir. Oak começava agora a ver a luz ao fundo do túnel e disse para si próprio: «Fá-la-ei minha mulher, ou juro pela minha alma que não servirei para coisa nenhuma!»

Durante este tempo todo, tinha dado voltas à cabeça, à procura de um pretexto consistente para visitar a quinta da tia de Bathsheba.

Encontrou a sua oportunidade na ocasião da morte de uma ovelha, cuja cria ainda estava viva. Num desses dias que têm a cara do verão e o coração do inverno — uma bela manhã de janeiro, com um brilho disperso de sol prateado, em que o pouco de céu azul aparente já permite aos bem-dispostos ansiar por mais —, depositou o cordeiro numa respeitável cesta de domingo e, num passo estugado, atravessou os campos até à casa da Sr.ª Hurst, a tia. Ia acompanhado de *George*, o cão, que caminhava atrás dele com o ar de quem não via nada de bom nessa grave reviravolta que parecia sofrer a rotina da vida pastoral.

Tomado por um invulgar devaneio, Gabriel contemplou as espirais de fumo azul que se escapavam da chaminé da casa. À tardinha, imaginou-se a descer ao lugar de onde elas ascendiam — via a lareira e Bathsheba sentada ao seu lado. Via-a no seu vestido de andar na rua, dado que as roupas que ela tinha usado na colina eram incluídas, por associação à pessoa amada, no universo dos seus afetos. Nesta fase ainda precoce do seu amor, parecia considerá-las um ingrediente indispensável desse doce elixir chamado Bathsheba Everdene.

Oak aprumara-se — escolhera uma indumentária equilibrada, entre o arranjo esmerado e o enfeite casual, apropriada tanto aos belos dias de mercado como aos domingos pluviosos. Limpara meticulosamente a corrente de prata do relógio com greda branca, pusera novos atacadores

nas suas botas, verificara os ilhós de latão. Embrenhara-se no bosque em busca de um novo cajado, que polira com gestos vigorosos no caminho de regresso. Fora buscar um novo lenço de bolso ao fundo da sua arca e vestira o colete de tecido leve, com um padrão de elegantes motivos florais que uniam a beleza da rosa à do lírio, sem os defeitos de nenhuma destas flores. Tinha, enfim, esvaziado todo o frasco de óleo capilar nos cabelos por hábito secos, arruivados e inextricavelmente crespos, até lhes ter apurado a cor num tom de esplêndida novidade, entre o guano e o cimento romano[20], acachapando-os na cabeça como o arilo se enrola à volta da noz-moscada ou como um limo molhado se cola a um pedregulho na maré baixa.

Nada perturbava a quietude da pequena quinta a não ser o chilrear de um grupo de pardais empoleirados no beiral. Poder-se-ia imaginar que o escândalo e o rumor não eram temas de menor destaque nessas pequenas tertúlias reunidas sobre os telhados do que naquelas que havia por baixo. Mas devia ser um mau augúrio, dada a chegada um tanto aziaga de Oak, que, ao passar o portão do jardim, deu de caras com um gato de pelo eriçado, em diabólicas convulsões por ter avistado o seu cão, *George*. O cão não fez caso, porque já chegara a uma idade em que todo o latido supérfluo é cinicamente evitado como um desperdício de ar — na verdade, nunca ladrava, nem mesmo para as ovelhas, a não ser quando lhes dava uma ordem, coisa que fazia com absoluta neutralidade, numa espécie de cominação que, embora desagradável, era necessária para assustar o rebanho de vez em quando.

Uma voz fez-se ouvir, vinda de trás de uns arbustos de louro para onde o gato fugira a esconder-se:

— Coitadinho! Aquele cão bruto e mau queria matar-te; foi, pobrezinho?

— Peço desculpa — disse Oak para a voz —, mas *George* vinha atrás de mim, manso como um cordeiro.

Antes mesmo de acabar a frase, interrogou-se, apreensivo, com quem estaria a falar. Ninguém se manifestou, e ele ouviu a pessoa recuar para dentro dos arbustos.

Mergulhou, então, numa cisma tão profunda que pequenas rugas lhe

nasceram na testa. Quando a circunstância de uma entrevista pode significar tanto uma grande mudança para o pior como para o melhor, qualquer desvio inicial ao que era esperado causa um arrepio de fracasso. Oak dirigiu-se à porta com algum embaraço: a realidade em nada coincidia com as suas previsões, pelo menos nesta primeira fase.

A tia de Bathsheba estava em casa.

— Podia fazer-me o favor de dizer à menina Everdene que alguém gostaria de lhe dar uma palavra? — pediu-lhe o Sr. Oak.

Designar-se a si próprio apenas como «alguém», sem fornecer o nome, não deve ser lido como um exemplo da rudeza das gentes do campo: é apenas a expressão de uma refinada modéstia da qual os citadinos, com as suas cerimónias e os seus cartões de visita, não possuem a mais pequena noção.

Bathsheba tinha saído. A misteriosa voz era claramente a dela.

— Quer fazer o favor de entrar, senhor Oak?

— Oh, obrigado — respondeu Gabriel, seguindo-a até à lareira. — Trouxe um cordeiro para a menina Everdene. Lembrei-me de que ela podia gostar de criar um; é uma tarefa que agrada às mulheres jovens.

— É possível — disse a Sr.ª Hurst, com um ar pensativo —, embora ela esteja apenas de visita nesta terra. Se quiser esperar um minuto, Bathsheba não tardará a aparecer.

— Sim, eu espero — assentiu Gabriel, sentando-se. — O cordeiro não é bem o assunto que me traz aqui, senhora Hurst. Abreviando, tenciono perguntar-lhe se ela gostaria de se casar.

— Não me diga?

— Sim. Porque, caso queira, terei todo o prazer em casar-me com ela. A senhora sabe se a menina Everdene já tem mais algum pretendente no seu encalço?

— Deixe-me pensar — volveu a Sr.ª Hurst, atiçando o fogo sem que houvesse necessidade. — Sim, valha-me Deus, são tantos... Sabe, lavrador Oak, ela é uma rapariga tão bonita e, além do mais, de uma tal erudição... Já esteve para ser governanta, acredita? Mas era demasiado indisciplinada. Não que os seus jovens pretendentes alguma vez tenham vindo até aqui... Mas, Jesus, deve ser da natureza das mulheres, mas ela terá facilmente uma dúzia deles!

— É uma infeliz coincidência — observou Oak, contemplando com

pesar uma racha no chão de pedra. — Sou um homem simples, e a minha única hipótese era ser o primeiro a chegar... Bem, de nada me serve esperar, pois foi só para isso que aqui vim; portanto, vou voltar para casa, senhora Hurst.

Quando já tinha percorrido cerca de duzentos metros da encosta, Gabriel ouviu um «ei» atrás de si, num tom mais agudo e melodioso do que seria de esperar de uma exclamação berrada da outra ponta do campo. Olhando em redor, viu uma rapariga a correr ao seu encontro, com um lenço branco na mão.

Oak estacou — e ela aproximou-se. Era Bathsheba Everdene. A tez dele subiu um tom; a dela já vinha acentuada, não talvez da emoção, mas da corrida.

— Lavrador Oak... eu... — disse Bathsheba, parando diante dele para recuperar o fôlego, com a cara inclinada e a mão pousada na anca.

— Vim agora mesmo de fazer-lhe uma visita — explicou Gabriel, aguardando que ela tornasse a falar.

— Sim... eu sei — volveu, ofegante como um pisco-de-peito-ruivo e com o rosto vermelho e húmido do esforço, a fazer lembrar uma pétala de peónia antes de o sol lhe secar o orvalho. — Não sabia que tinha vindo para me ver, ou teria regressado do jardim naquele instante. Vim a correr atrás de si para lhe dizer... que a minha tia cometeu um erro ao dispensá-lo de me cortejar...

Gabriel desabrochou.

— Lamento tê-la feito correr tão depressa, minha amiga — disse ele, com uma gratidão antecipada pelos favores em vista. — Espere um pouco até recuperar o fôlego.

— Foi um grande erro... a minha tia dizer-lhe que eu já tinha um jovem prometido — continuou ela. — Não tenho nenhum namorado... nunca tive e, vendo como os tempos correm para as mulheres, seria uma *grande* pena mandá-lo embora convencido de que eu já tinha vários.

— Fico muito feliz por ouvir isso! — replicou o lavrador Oak, fazendo um dos seus sorrisos de orelha a orelha e corando de satisfação. Depois, estendeu a mão para pegar na dela, a qual, tendo aliviado a anca, se pousara graciosamente sobre o peito, para aquietar o coração que aí batia desgovernado. Mal se tinham tocado, Bathsheba recolheu a mão atrás das costas, e Oak sentiu que a rapariga lhe escapava por

entre os dedos, como uma enguia.

— Tenho uma pequena quinta, bem acolhedora — disse ele, já com menos segurança do que a que tinha quando lhe agarrara na mão.

— Sim; é verdade.

— Um homem emprestou-me dinheiro para eu começar, mas a dívida ficará saldada em breve e, embora seja um homem comum, poupei algum dinheiro desde os meus tempos de rapaz.

Gabriel dissera «algum» de maneira a dar-lhe a entender que se tratava de um eufemismo para «muito». Prosseguiu:

— Quando nos casarmos, tenho a certeza de que consigo redobrar os meus esforços.

Inclinando-se para a frente, tornou a estender-lhe a mão. Bathsheba intercetara-o junto de um raquítico arbusto de azevinho, agora carregado de bagas vermelhas. Vendo que o avanço dele assumia a forma de um abraço, se não mesmo de um cerco, ela refugiou-se atrás do arbusto.

— Ora, ora, lavrador Oak — disse, por cima da ramagem, arregalando-lhe os olhos —, eu nunca lhe disse que ia casar-me consigo.

— Ah! *Essa* é boa! — retorquiu Oak, desanimado. — Correr assim atrás de um homem e depois dizer-lhe que não o quer!

— O que eu queria dizer-lhe era apenas isto — esclareceu ela, com veemência, ainda que vagamente consciente da posição absurda em que se colocara —: que ninguém me fez a corte, ao contrário da dúzia de pretendentes que inventou a minha tia. *Odeio* ser vista como uma propriedade dos homens, embora seja possível que, um dia, alguém me venha a ter. É claro que, se eu o quisesse, não teria corrido atrás de si daquela maneira. Teria sido um *atrevimento*! Mas não há mal nenhum em apressar-me para corrigir uma notícia falsa que lhe deram.

— Ah, não! Nenhum mal.

Temendo ter sido demasiado magnânimo ao precipitar-se neste juízo, Oak acrescentou, pesando melhor as circunstâncias:

— Bem, não tenho a certeza de que não houve mal nenhum.

— Na verdade, não tive tempo para pensar se queria casar-me ou não, porque o senhor já ia do outro lado da colina.

— Vamos — disse ele, espevitando outra vez —, pense um minuto ou dois. Eu espero aqui um bocadinho, menina Everdene. Quer casar-se

comigo? Case-se comigo, Bathsheba. Amo-a muito mais do que é comum!

— Vou tentar pensar — considerou ela, mais receosa —, mas não sei se consigo, aqui, ao ar livre; os meus pensamentos tendem a dispersar-se.

— Talvez possa dar-me uma luz.

— Então, dê-me tempo.

Bathsheba olhou, pensativa, para a distância, virando a cara para o outro lado.

— Sei como fazê-la feliz — disse ele, dirigindo-se à nuca da rapariga, do outro lado do arbusto. — Terá um piano daqui a um ano ou dois... Hoje em dia, as mulheres dos lavradores já têm pianos... e eu vou praticar a minha flauta para tocar consigo ao serão.

— Sim; isso agrada-me.

— E vamos ter um desses pequenos cabriolés de dez libras, para ir ao mercado... e belas flores e aves... galos e galinhas, quero eu dizer, porque seriam úteis — acrescentou, sentindo-se dividido entre a poesia e o pragmatismo.

— Isso agradar-me-ia muito.

— E uma pequena estufa para pepinos... como um cavalheiro e a sua dama.

— Sim!

— E, no fim da festa, anunciamo-lo na lista dos casamentos que sai no jornal.

— Tenho a certeza de que ia adorar!

— E os bebés na dos nascimentos... todos eles! E em casa, à lareira, sempre que levantar os olhos, eu vou lá estar... E sempre que eu olhar para cima, vê-la-ei a si.

— Espere, espere, não seja impróprio!

O semblante de Bathsheba desfez-se e ela ficou em silêncio. Gabriel contemplou tão demoradamente as bagas vermelhas que havia entre os dois que o azevinho tornar-se-ia, mais tarde, um símbolo do seu pedido de casamento. Ela virou-se, então, para ele com um ar decidido.

— Não; não vale a pena — afirmou. — Não quero casar-me consigo.

— Pense bem.

— Tenho estado a tentar, desde que me pus a pensar nisso; porque

um casamento até seria muito agradável, num certo sentido. As pessoas iam falar de mim, iam pensar que eu tinha ganho a minha luta, para mim seria um triunfo, para além de tudo o resto. Mas um marido...

— Sim?

— Ora, estaria sempre lá, como diz; sempre que eu levantasse os olhos, ali estaria ele.

— Claro que ele estaria lá, isto é, eu.

— Enfim, o que eu quero dizer é que não me importaria de ser uma noiva no dia do seu casamento, se pudesse dispensar o marido. Mas, uma vez que uma mulher não pode exibir-se sozinha dessa maneira, não irei casar-me... pelo menos, para já.

— Isso que acabou de dizer não tem pés nem cabeça!

Perante esta crítica, Bathsheba reforçou a sua dignidade recuando um pouco.

— Juro pela minha alma e pelo meu coração que não imagino o que poderia uma donzela dizer de mais disparatado — reforçou Oak. — Mas, minha querida — concedeu, numa voz mitigadora —, não seja assim!

Deixou, então, escapar um suspiro profundo e honesto que, ao fazer lembrar o gemido que se eleva de um bosque de pinheiros, perturbava nitidamente a atmosfera.

— Por que razão não me quer? — suplicou-lhe, esgueirando-se à volta do azevinho para chegar ao lado dela.

— Não posso — replicou Bathsheba, retirando-se.

— Mas porquê? — insistiu ele. E, no desespero de jamais a alcançar, ficou imóvel, olhando-a por cima do arbusto.

— Porque não o amo.

— Sim, mas...

Ela reprimiu um pequeno bocejo, que não chegou a ser uma falta de educação.

— Não o amo — repetiu.

— Mas eu amo-a. E, da minha parte, já me dou por satisfeito se gostar de mim.

— Oh, senhor Oak... Isso é tudo muito bonito! Mas o senhor acabaria por desprezar-me.

— Nunca! — protestou ele, e com tanta veemência que parecia vir lançar-se, pela força das palavras, diretamente nos braços dela. — Uma

coisa farei nesta vida, uma coisa certa, que é amá-la, desejá-la e *continuar a esperar por si* até ao dia da minha morte. — A voz de Oak assumira agora um *pathos* genuíno, e as suas mãos grandes e morenas tremeram visivelmente.

— Parece ser uma terrível injustiça não o aceitar quando sente tanto por mim! — disse ela, com uma ligeira aflição, procurando desesperadamente nas imediações uma forma de fugir ao seu dilema moral. — Como me arrependo agora de ter vindo a correr atrás de si!

Mas dir-se-ia que Bathsheba conhecia um atalho para regressar à alegria e, dali a instantes, deu ao rosto um ar travesso.

— Não funcionaria, senhor Oak. Eu preciso de alguém que me saiba domar; sou demasiado independente; e sei que o senhor nunca seria capaz de o fazer.

Ele olhou para o fundo dos campos, como quem desiste de tentar argumentar.

— Senhor Oak — volveu ela, num assomo de franqueza e lucidez —, o senhor está melhor na vida do que eu. Eu não tenho um tostão neste mundo. Vivo com a minha tia porque não disponho de outros recursos. Sou mais culta do que o senhor e não sinto por si qualquer afeto: este é o meu lado nesta história. Agora, vamos analisar o seu: o senhor é um lavrador a lançar-se no ofício; manda a comum prudência, no caso de vir a casar-se (coisa que não devia certamente pensar fazer neste momento), que se associe a uma mulher endinheirada, com posses, capaz de lhe arranjar uma quinta maior do que aquela que tem agora.

Gabriel olhou para ela com alguma surpresa e muita admiração.

— É precisamente o que eu próprio tenho andado a pensar! — observou, ingénuo.

O lavrador Oak possuía demasiadas virtudes cristãs (uma e meia, em bom rigor) para poder triunfar junto de Bathsheba: a sua humildade e uma metade supérflua de honestidade. E a resposta dele deixou-a desconcertada.

— Bem, nesse caso, por que razão veio incomodar-me? — perguntou ela, quase enfurecida, se não mesmo zangada, uma mancha vermelha despontando-lhe em cada face.

— Não consigo fazer aquilo que julgo ser... que julgo ser...

— A coisa certa?

— Não: sábia.

— O senhor *acabou* de fazer uma confissão, senhor Oak! — exclamou Bathsheba, com redobrada altivez, e abanando a cabeça com desdém. — Depois disto, acha que eu poderia casar-me consigo? Não agora, que sei o que se passa.

Ele explodiu, com paixão.

— Não me entenda mal! Só porque tenho a sinceridade de admitir o que qualquer homem na minha posição teria pensado, vejo-a toda vermelha e abespinhada comigo? Essa história de não estar à minha altura não faz qualquer sentido. A menina fala como uma senhora... a comunidade inteira já reparou... e o seu tio em Weatherbury é, segundo ouvi dizer, um lavrador de grandes posses, maiores do que eu alguma vez terei. Posso vir visitá-la à tardinha ou prefere acompanhar-me aos domingos? Não quero que decida já, se preferir não o fazer.

— Não... não... Eu não posso. Não me pressione mais. Não. Eu não o amo, seria ridículo — rematou, com uma risada.

Nenhum homem gosta de ver os seus sentimentos serem arrastados para uma montanha-russa de caprichos.

— Muito bem — disse ele, numa voz firme, com o ar de quem ia consagrar o resto dos seus dias e noites à leitura do Eclesiastes. — Nesse caso, não lho voltarei a pedir.

CAPÍTULO CINCO

A Partida de Bathsheba — Uma Tragédia Pastoral

Assim que Gabriel soube da partida de Bathsheba Everdene, a notícia teve nele um efeito talvez surpreendente para quem nunca desconfiou que, quanto mais enfática é a renúncia, menos absoluta se revela.

Talvez já tenha sido observado que não existe um caminho linear para se sair do amor, como aquele que existe para nele se entrar. Alguns veem no casamento um atalho nesse sentido, mas é conhecida a sua falibilidade. A separação, que fora o meio que a sorte oferecera a Gabriel Oak na figura do desaparecimento de Bathsheba, ainda que eficaz em pessoas de certo temperamento, propicia noutras a idealização do objeto removido — sobretudo naquelas cujos afetos, embora plácidos e estáveis, são profundos e duradouros. Pertencendo à ordem temperada da humanidade, Oak sentia que a secreta aliança do seu ser com Bathsheba ardia com uma chama mais viva agora que ela estava ausente — era tudo.

A incipiente amizade que travara com a tia fora beliscada pelo fracasso da sua demanda, e tudo o que ele sabia dos movimentos de Bathsheba chegava-lhe por vias indiretas. Verificava que ela tinha ido para um lugar chamado Weatherbury, a mais de trinta quilómetros de distância, mas em que qualidade — se na de visitante ou de residente — não conseguira ainda descobrir.

Oak tinha dois cães. *George*, o mais velho, possuía um focinho com uma ponta cor de ébano, rodeada por uma estreita auréola de carne rosada, e tinha um pelo salpicado ao acaso por manchas de tons próximos do branco e do cinzento-ardósia; o cinzento, porém, ao fim de vários anos de sol e de chuva, fora queimado e lavado das mechas mais proeminentes, que agora eram de um castanho-avermelhado, como se o pigmento azul do cinzento se tivesse esbatido, à semelhança do índigo do mesmo tipo nos quadros de Turner[21]. Na sua essência, fora

originalmente pelo, mas o prolongado convívio com as ovelhas parecia estar a convertê-lo, por fases, numa lã de pobre qualidade.

Este cão tinha pertencido a um pastor menos justo do que Gabriel e de temperamento detestável; em resultado disso, *George* conhecia melhor do que o velho mais rancoroso das imediações as várias gradações do castigo anunciadas por todas as formas do praguejar e maldizer. A longa experiência ensinara-lhe com tal precisão a diferença entre chamamentos como «Anda cá!» e «Anda cá já!» que ele sabia, com rigor milimétrico, a que velocidade tinha de regressar da sua perseguição ao rebanho para evitar um golpe do cajado. Embora envelhecido, ainda era esperto e sempre fiável.

O cão mais novo, filho de *George*, devia ser o retrato da mãe, pois não havia nele grande parecença com o progenitor. Estava a aprender o ofício de guardador de ovelhas, para pegar no rebanho quando o outro morresse, mas ainda não fora além dos rudimentos — perceber a diferença entre fazer uma coisa bem e fazê-la demasiado bem continuava a ser para ele uma dificuldade insuperável. Tão diligente e, porém, tão desnorteado era este jovem cão (ainda não tinha um nome e respondia com vivacidade a qualquer interjeição que lhe agradasse) que, quando era largado atrás do rebanho para ajudá-lo a avançar, de bom grado teria perseguido as ovelhas até aos confins do condado, se não fosse chamado de volta, ou avisado de que tinha de parar pelo exemplo do velho *George*.

E de cães já se disse o suficiente. Do outro lado de Norcombe Hill, havia uma mina de onde a cal era extraída há gerações e distribuída pelas quintas vizinhas. Duas cercas convergiam sobre ela em forma de V, mas sem se tocarem propriamente. A estreita abertura que sobrava, e que ficava mesmo na beirinha do poço, era protegida por uma tosca paliçada.

Uma noite, regressando o lavrador Oak a casa, persuadido de que a sua presença na encosta já não era necessária, chamou os cães, como costumava, para fechá-los no telheiro até à manhã seguinte. Apenas um respondeu ao chamamento — o velho *George*; o outro não estava em parte alguma, nem em casa, nem no caminho, nem na horta. Gabriel lembrou-se, então, que os tinha deixado na colina a comer um cordeiro morto (uma carne que, por hábito, evitava dar-lhes, a não ser quando a

comida escasseava) e, concluindo que o mais novo não terminara a sua refeição, foi para dentro deitar-se na cama, um luxo que, nos últimos tempos, só se permitia aos domingos.

A noite estava quieta e húmida. Momentos antes de nascer o dia, Oak foi acordado pelo estranho eco de uma música familiar. Para o pastor, o som dos badalos é como para os outros o tiquetaque do relógio: um ruído de fundo que só se faz notar quando cessa, ou quando inusitadamente se desvia desse tinido habitual e compassado que significa, para o ouvido experiente, ainda que distante, que tudo vai bem no redil. Na tranquilidade solene do dia que despertava, Gabriel ouviu soar os seus badalos com uma violência e rapidez que fugiam à rotina. Havia para o facto duas explicações possíveis — ou as ovelhas pastavam com grande apetite, como nos dias em que o rebanho entra num novo pasto, o que concede uma rapidez intermitente ao som dos badalos; ou se tinham posto em debandada, num passo de corrida, caso em que o som ganha uma palpitação constante. O ouvido treinado de Oak conhecia o ruído que agora lhe chegava como sendo causado pela corrida do rebanho a toda a brida.

Gabriel saltou para fora da cama, vestiu-se, lançou-se pelo caminho abaixo no cerrado nevoeiro matinal e subiu a encosta. As ovelhas que já tinham parido eram mantidas à parte das que pariam mais tarde, havendo duzentas desta última categoria no seu rebanho. Estas duzentas pareciam ter desaparecido da colina sem deixar rasto. Lá estavam as cinquenta, com os seus cordeiros, fechadas na outra ponta onde ele as tinha deixado, mas o resto, que constituía o grosso do rebanho, não se encontrava em parte alguma. Gabriel gritou a plenos pulmões o chamamento do pastor:

— Ovi, ovi, ovi!

Nem um único balido. Aproximou-se da sebe; uma abertura fora aí rasgada e no chão por baixo dela viam-se as peugadas das ovelhas. Algo admirado que tivessem rompido a cerca em pleno inverno, mas atribuindo-o de imediato ao grande gosto que tinham pela hera naquela estação, a qual brotava em grande abundância no bosque vizinho, pôs-se a seguir-lhes o rasto a partir da vedação. O rebanho não se encontrava no bosque. Oak tornou a chamar: os vales e as colinas mais distantes devolveram-lhe o grito, como sucedera aos marinheiros que,

em vão, haviam procurado Hilas, desaparecido na costa de Mísia[22]. Não havia sinais do rebanho. Ele atravessou o arvoredo e percorreu o espinhaço da colina. No cume mais alto, onde as pontas das duas cercas convergentes já referidas se detinham, sem se tocar, à beira do poço da mina, avistou o cão mais novo recortado num fundo de céu — estava imóvel e sombrio, como Napoleão na ilha de Santa Helena[23].

Um terrível pressentimento amanheceu no espírito do pastor. Sentindo-se fraco, avançou: num determinado ponto, a paliçada fora derrubada e, ali, ele viu as peugadas das suas ovelhas. O cão veio ao seu encontro, lambeu-lhe a mão e deu-lhe sinais de que esperava uma grande recompensa pelos notáveis serviços prestados. Oak olhou para o abismo. As ovelhas jaziam aos seus pés, mortas ou moribundas — uma pilha de duzentas carcaças estropiadas que representavam, na presente condição, outras duzentas.

Gabriel era profundamente humano: na verdade, não era raro a sua humanidade minar-lhe todo o impulso de cálculo ou estratégia, chamando-o a si como a força da gravidade. Uma sombra perseguira-o desde sempre: a desse dia em que o rebanho ia parar ao matadouro e todos os pastores volviam traidores consumados das suas indefesas ovelhas. Daí que o primeiro sentimento que o invadiu tenha sido o de pena pelo destino último daquelas meigas ovelhas e dos seus carneiros por nascer.

Levou um segundo a lembrar-se da outra face do problema: o rebanho não tinha seguro. Eram todas as poupanças de uma vida frugal que, num sopro, se esfumavam; e as suas esperanças de tornar-se um lavrador independente viam-se postas de lado — talvez para sempre. Entre os seus dezoito e os seus vinte e oito anos, Gabriel testara tão severamente a sua energia, paciência e labor para conseguir chegar até ali que era como se não lhe restasse mais nada na vida. Inclinando-se sobre a paliçada, cobriu o rosto com as mãos.

O torpor, contudo, não dura para sempre, e o lavrador recuperou do seu. E era tão extraordinário como típico do seu modo de ser que a única frase que então articulou tivesse sido de gratidão:

— Graças a Deus que não sou casado: o que teria *ela* feito na pobreza que agora se abateu sobre mim!

Levantando a cabeça, pensou no que podia fazer e contemplou a paisagem com apatia. Junto do rebordo exterior do poço, havia um tanque oval onde pairava o esqueleto desmaiado de uma lua, em tons amarelo-crómio, que dali a dias se extinguiria — a estrela de alva seguindo-a de perto pelo lado esquerdo. O charco cintilava como o olho de um defunto e, enquanto o mundo despertava, levantou-se uma brisa, que agitou e alongou o reflexo lunar sem o partir, transformando a imagem da estrela num traço fosfórico sobre a superfície da água. Tudo isto Oak viu e guardou na sua memória.

Do pouco que se pôde saber, o pobre cachorro continuava convencido de que, sendo a sua função correr atrás das ovelhas, quanto mais corresse atrás delas melhor. Ao acabar de comer o cordeiro morto, refeição que talvez lhe tivesse redobrado o ânimo e as forças, reunira todas as cabeças a um canto, empurrara as tímidas criaturas através da cerca e do campo de cima e, pela força do medo, dera-lhes ímpeto suficiente para derrubarem uma parte da paliçada apodrecida, precipitando-as no fundo do abismo.

O filho de *George* cumprira o seu dever com tanto esmero que foi considerado um trabalhador demasiado perfeito para este mundo, sendo levado a meio desse mesmo dia e tragicamente abatido. É mais uma instância do destino fatídico que tantas vezes sobrevém aos cães e a outros filósofos que perseguem um dado raciocínio até à sua conclusão lógica, sem nunca se desviarem da mesma linha de conduta, num mundo que em grande parte assenta no compromisso.

A quinta de Gabriel fora abastecida por um fornecedor — com base no ar auspicioso do pastor e na sua reputação —, que receberia uma percentagem dos ganhos até ao dia em que o adiantamento ficasse saldado. Oak calculou que o valor total do seu armazenamento em reserva, plantação e ferramentas, as quais, de resto, lhe pertenciam, daria à justa para saldar as dívidas, deixando-o um homem livre, mas apenas com a roupa que trazia no corpo.

CAPÍTULO SEIS

A Feira — A Viagem — O Incêndio

Dois meses passaram. Eis-nos nesse dia de fevereiro em que tem lugar uma feira anual do trabalho, na capital do condado, Casterbridge.

Numa ponta da rua, esperavam a sua sorte cerca de duzentos a trezentos trabalhadores joviais e vigorosos — todos homens dessa têmpera que no trabalho não prevê nada de pior do que uma luta com a gravidade e no prazer nada de melhor do que a renúncia a essa luta. Entre eles, os carreteiros e os carroceiros distinguiam-se por usarem um pedaço de cordão de chicote torcido à volta do chapéu; os que cobriam de colmo as casas rústicas exibiam um fragmento de palha entrançado; os pastores seguravam nas mãos o seu cajado; e, deste modo, bastava um simples olhar para os contratantes se inteirarem do ofício de cada um.

Na multidão, destacava-se um jovem atlético de aparência de certo modo superior à dos demais — na verdade, a sua superioridade era tão clara que, nas imediações, vários camponeses de faces coradas o tinham interpelado de forma inquisitiva, como se estivessem a dirigir-se a um lavrador, rematando com a palavra «senhor». A resposta dele era sempre:

— Também estou à procura de um lugar, como maioral. Sabe de alguém que precise de um?

Gabriel estava mais pálido. O seu olhar tornara-se mais pensativo e o rosto mais melancólico. Passara por uma provação que o afundara na miséria, embora lhe tivesse dado mais do que lhe roubara. Descera do seu modesto plinto de rei pastoral até aos poços de breu de Sidim[24]; mas guardara consigo uma dignidade serena que nunca antes conhecera e essa indiferença ao destino que, sendo tantas vezes o que faz de um homem um vilão, é também a base da sua grandeza quando tal não acontece. E, assim, a humilhação sublimara-o e a perda volvera ganho.

De manhã, um regimento de cavalaria tinha deixado a cidade e um sargento acompanhado de comitiva passara as ruas a pente fino, à caça de recrutas. Aproximava-se o fim do dia e, vendo-se ainda sem trabalho, Oak quase se arrependeu de não se ter juntado a eles e partido ao serviço da nação. Cansado de estar de pé na praça do mercado e já sem se importar muito com a natureza do trabalho a que deitaria a mão, decidiu oferecer-se para um outro lugar que não o de maioral.

Todos os lavradores pareciam estar à procura de pastores. E a pastorícia era a especialidade dele. Virando na esquina de uma rua obscura e entrando numa viela ainda mais obscura, subiu à oficina de um ferreiro.

— Quanto tempo demoraria a fazer-me um cajado de pastor?

— Vinte minutos.

— Quanto é?

— Dois xelins.

Gabriel sentou-se num banco, à espera que o cajado fosse feito, sendo-lhe oferecida uma haste como parte da permuta.

A seguir, dirigiu-se a um trapeiro que fornecia muitos clientes rurais. Como o cajado lhe levara a maior parte do dinheiro, propôs trocar o seu casaco por um camisão de pastor.

Concluída a transação, apressou-se a voltar para o centro da vila e plantou-se na berma do passeio, de cajado na mão, apresentando-se na qualidade de pastor.

Agora, porém, parecia-lhe que era de maiorais que havia mais procura. No entanto, dois ou três lavradores repararam nele e aproximaram-se. Encetaram-se conversas, que assumiram mais ou menos o seguinte teor:

— De onde vem?

— De Norcombe.

— É longe daqui.

— Vinte quilómetros.

— Qual foi a última quinta em que trabalhou?

— A minha.

Esta resposta produzia invariavelmente o mesmo efeito que um rumor de cólera. O lavrador que fizera a pergunta afastava-se, abanando a cabeça com um ar dubitativo. Tal como o seu cão, Gabriel era

demasiado bom para ser fiável e não chegou a avançar para lá deste ponto.

É mais seguro aceitar qualquer oportunidade que se ofereça e improvisar uma forma de integrá-la do que amadurecer cuidadosamente um plano e ficar à espera de uma hipótese para pô-lo em prática. Gabriel arrependeu-se de se ter apresentado como pastor, mas dispusera-se a fazer tudo para conseguir ao menos um lugar no leque completo de serviços procurados na feira. Sobreveio o crepúsculo. Alguns homens alegres puseram-se a assobiar e a cantar à porta do mercado de cereais. A mão de Oak, que permanecera algum tempo ociosa no bolso do seu camisão, tocou na flauta que ele trouxera consigo. Chegara o momento de dar uso a um talento arduamente adquirido.

Tirando a flauta do bolso, começou a tocar «Jockey to the Fair»[25] no estilo de um homem que nunca conhecera uma angústia na vida. Oak sabia tocar com a doçura de um pastor da Arcádia[26], e o som das notas que lhe eram familiares animou-lhe o coração, assim como o dos demais que ali se encontravam sem assunto. Tocou com ânimo e, dali a meia hora, já tinha ganho uma soma que era uma pequena fortuna para um homem carecido.

Ao fazer algumas perguntas, ficou a saber que havia uma outra feira, em Shottsford, no dia seguinte.

— A que distância fica Shottsford?

— A quinze quilómetros, do outro lado de Weatherbury.

Weatherbury! Era para aqui que Bathsheba tinha ido dois meses antes. Esta informação foi, para Gabriel, como se a noite se tivesse convertido em dia.

— A que distância fica Weatherbury?

— Oito ou nove quilómetros.

Bathsheba já teria de certeza partido de Weatherbury há muito tempo, mas a terra conservava interesse suficiente para o levar a escolher como seu próximo destino a feira de Shottsford, que se situava nas imediações. Além disso, os habitantes de Weatherbury não eram de modo algum desinteressantes. A acreditar no que diziam os rumores, eram tão robustos, alegres, vivaços e perversos como quaisquer outros em todo o condado. Oak resolveu passar essa noite em Weatherbury

antes de seguir para Shottsford e, sem perder mais tempo, foi direito à estrada principal que lhe fora indicada como sendo o caminho mais rápido para a aldeia em questão.

A estrada estendia-se por planícies inundadas, atravessadas por pequenos cursos de água cujas superfícies trémulas se entrançavam no centro, plissando-se nas margens. Nos sítios em que a corrente era mais rápida, a água levantava picos de espuma branca que nela deslizavam numa serenidade imperturbável. Nos níveis mais altos, os restos secos de folhas mortas rolavam pelo chão, levados em desordem nos ombros do vento, e pequenos pássaros empoleirados nas vedações sacudiam as penas, procurando posições confortáveis para passar a noite. Conservavam os seus lugares se Oak seguisse caminho sem neles se deter, mas voavam para longe se ele parasse a contemplá-los. Passou, então, pela floresta de Yalbury, onde as aves de caça subiam agora aos seus ninhos. Aí ouviu a voz rachada dos faisões: *cu-uc, cuc*, e o assobio ofegante das fémeas.

Ao fim de cinco ou seis quilómetros, todos os contornos da paisagem se haviam esbatido em homogénea negritude. Oak desceu Yalbury Hill e distinguiu à sua frente a silhueta de uma carroça, estacionada na berma da estrada, por baixo de uma grande árvore de copa larga e pendente.

Ao aproximar-se, viu que não havia cavalos atrelados à carroça e que o lugar parecia deserto. A julgar pela posição em que se achava, o veículo devia ter sido ali deixado durante a noite: tirando meio fardo de feno amontoado a um canto, estava vazio. Gabriel sentou-se nos varais da carroça e ponderou a sua posição. Calculou que já tinha feito uma parte considerável do caminho e, estando a pé desde o raiar do dia, sentiu a tentação de estender-se no feno deixado no interior do veículo, em vez de forçar-se a caminhar até à aldeia, onde teria de pagar por um alojamento.

Depois de ter comido as suas últimas fatias de pão e de presunto e bebido da garrafa de sidra que tomara a precaução de trazer, entrou na carroça abandonada. Aqui, improvisou uma enxerga com metade do feno e, esforçando-se por ver na escuridão, tentou cobrir-se com a outra metade. Uma vez agasalhado da cabeça aos pés, sentiu-se fisicamente mais confortável do que alguma vez se sentira na vida.

Para um homem como Oak, de longe mais introspetivo do que os

seus semelhantes, era impossível banir por completo a melancolia ao debruçar-se sobre essa página desastrosa da sua história que era o momento presente. E foi assim, a contemplar os seus infortúnios, amorosos e campestres, que acabou por adormecer, não tivessem os pastores em comum com os marinheiros o privilégio de invocarem o deus do sono[27] em vez de terem de esperar por ele.

De súbito, despertou em sobressalto, sem fazer ideia do tempo que dormira, e constatou que a carroça estava em movimento. Levavam-no pela estrada, a uma velocidade considerável para um veículo sem suspensão, e em condições particularmente desconfortáveis, dado que a cabeça lhe batia contra a caixa da carroça como a baqueta de um timbale. Pareceu-lhe, então, ouvir o som de vozes vindas da parte da frente do veículo. Pouco preocupado com a sua segurança (um homem próspero ficaria alarmado, mas a tristeza é um belo opiáceo para os temores pessoais), Oak achou prudente espreitar por debaixo do seu esconderijo de feno, e a primeira visão com que se deparou foi a das estrelas na abóbada do céu. A Ursa Maior começava a formar um ângulo reto com a Estrela Polar, e ele deduziu que deviam ser cerca de nove horas — dito de outro modo, tinha dormido duas horas. Fez este pequeno cálculo astronómico sem qualquer dificuldade, enquanto se virava sub-repticiamente para descobrir, se possível, em que mãos tinha caído.

Na frente, iam sentadas duas figuras, assim lhe pareceu, com as pernas de fora da carroça. Uma delas ia a conduzir. Gabriel não tardou a identificar o carroceiro. Tudo indicava que tinham vindo, como ele próprio, da feira de Casterbridge.

Uma conversa decorria:

— É um belo naco de mulher, do que se pode ver. Mas só a parte à flor da pele, qu’esta gente fina, lá pro dentro, tem a vaidade de Lúcifer.

— É o que parece, Billy Smallbury, é o que parece.

A frase, por natureza, já era tremida e mais tremida se tornou por força das circunstâncias, pois o balanço da carroça tinha o seu efeito na laringe de quem falava. Tratava-se do homem que segurava nas rédeas.

— É fêmea de grande presunção, é o que dizem por aí.

— Homessa!? Se for como diz, nem quero olhar pra ela. Deus me

livre, eu cá não... *xô... eia!* Acanhado como sou!

— Sim, é vaidosa... Dizem que todas as noites ao deitar se mira no espelho pr'ajeitar a coifa.

— E não é casada. Ai este mundo!

— E sabe tocar piano, é o que dizem. Tem tanto jeito qu'até faz d'um salmo uma dessas canções que alegram os homens.

— Não me diga! Bons tempos s'avizinham, sinto-me como novo! E como paga ela?

— Isso não sei, mestre Poorgrass.

Gabriel ouviu estas e outras observações semelhantes e uma ideia louca atravessou-lhe o pensamento: era de Bathsheba que falavam. Não havia, porém, fundamento para empreender na suspeita, dado que a carroça, embora fosse na direção de Weatherbury, podia seguir caminho e a mulher a quem se referiam tinha todo o ar de ser senhora de uma herdade. Parecia-lhe agora que deviam estar muito perto de Weatherbury e, para não assustar os dois homens inutilmente, saltou da carroça sem ser visto.

Metendo-se pela abertura de uma sebe, que veio a revelar-se uma cancela, sentou-se em cima dela a ponderar se devia procurar um alojamento barato na aldeia ou dormir de graça numa meda de feno ou de trigo. O sacolejar da carroça dissipou-se ao longe. Oak preparava-se para retomar o seu caminho quando reparou numa luz invulgar à sua esquerda — a cerca de um quilómetro de distância. Continuou a olhar para ela e o brilho recrudesceu. Era fogo.

Voltou, de imediato, a trepar a cancela, saltou para o outro lado, aterrou em solo arado e atravessou os campos na direção do incêndio. As chamas pareciam-lhe maiores agora, não só devido à proximidade como ao próprio progresso do braseiro. O seu fulgor vivo revelou-lhe um conjunto de medas de feno distintamente iluminadas. O incêndio deflagrara no pátio de uma quinta. O rosto cansado de Gabriel principiou, então, a tingir-se de densos reflexos laranja e em toda a parte da frente do seu camisão e polainas projetaram-se sombras de ramos espinhosos — porque a luz lhe chegava através de uma sebe despida de folhas que o separava das chamas. Na claridade abundante, a curva metálica do seu cajado cintilava como prata. Chegando aos limites do pátio, parou a recuperar o fôlego. O sítio parecia deserto.

O fogo provinha de um grande monte de palha que já estava demasiado consumido para se ponderar a sua salvação. Uma meda arde de modo diferente de uma casa. Se o vento soprar o fogo para o interior, a parte em chamas desaparece completamente, como açúcar derretido, e os seus contornos esbatem-se. No entanto, uma meda de feno ou de trigo bem construída resistirá à combustão durante algum tempo, se esta começar por fora.

A que se encontrava diante dos seus olhos era um monte de palha frouxamente unido e as chamas perfuraram-no com a rapidez de relâmpagos. Do lado exposto ao vento, reverberava com maior ou menor intensidade, como a ponta de um charuto. A certa altura, um fardo rebolou para baixo, produzindo um som sibilante; e logo as chamas se avivaram e arquearam, com um rugido surdo, sem crepitação. Rolos de fumo evadiam-se da parte de trás, na horizontal, passando como nuvens, e atrás deles ardiam outras fogueiras, ocultas, que emprestavam à cortina de fumo transparente uma uniforme refulgência amarela. À frente, rente ao chão, contorciam-se palhas soltas em movimentos convulsivos, como cachos de vermes rubros, e sobre elas brilhavam fantasmagóricos rostos de fogo, com línguas a pender de lábios, olhos esgazeados e outras formas demoníacas das quais, a intervalos, voavam faíscas em bandos, como pássaros fugindo dos seus ninhos.

Oak deixou de repente de ser um mero espectador ao dar-se conta de que o caso era mais sério do que imaginara. Uma espiral de fumo afastara-se para o lado, revelando-lhe uma meda de trigo em alarmante proximidade da que se achava em ruína. Mais atrás, havia outras, o que perfazia o grosso da produção de uma quinta; de tal modo que, em vez de o monte de palha se achar isolado, como ele supusera, existia uma ligação entre ele e as restantes medas do grupo.

Gabriel saltou por cima da cerca e viu que não estava sozinho. O primeiro homem que encontrou corria de um lado para o outro em grande alvoroço, como se os seus pensamentos estivessem vários metros adiantados em relação ao seu corpo, não conseguindo puxá-lo com a necessária rapidez.

— Acudam, homens... é fogo, fogo! Um bom mestre e um mau servo é o fogo, é fogo! Quero dizer, um mau servo e um bom mestre. Acudam,

Mark Clark, Billy Smallbury, Maryann Money... e vossemecê, Jan Coggan, e Matthew mais além!

Outras figuras emergiam agora atrás do homem que gritava no meio do fumo e Gabriel descobriu que, longe de estar só, se encontrava rodeado de muitos outros, cujas sombras dançavam com alegria, ao ritmo da jiga das chamas e não dos movimentos dos seus donos. O grupo — que pertencia a essa categoria de homens que converte os pensamentos em emoção e a emoção em ruído — deitou mãos à obra com uma notória confusão de objetivos.

— Travem a corrente de ar por baixo do monte de trigo! — gritou ele para o que estava mais perto.

O trigo estava pousado em bases de pedra e, no meio destas, brincavam línguas amareladas de palha ardente. Se o fogo se metesse *por baixo* daquela meda, tudo estaria perdido.

— Vá buscar uma lona... depressa! — disse ele.

Trouxeram-lhe a lona, que foi pendurada no meio, como uma cortina. As chamas deixaram logo de lamber a base do monte de trigo, crescendo antes na vertical.

— Fique aqui com um balde de água e mantenha o pano molhado — ordenou.

As chamas, agora conduzidas para cima, começaram a atacar os cantos do enorme telhado que cobria a meda de trigo.

— Uma escada! — gritou Gabriel.

— A escada estava encostada à meda de palha e ficou em cinzas — respondeu um vulto fantasma no meio do fumo.

Oak agarrou nas pontas cortadas dos feixes e, firmando bem os pés, trepou penosamente pela meda, onde ia espetando aqui e ali a haste do seu cajado. No cimo, sentou-se a cavalo e começou, com o cajado, a apagar as faúlhas que ali se tinham alojado, gritando aos outros que lhe trouxessem um pau, uma escada e um pouco de água.

Billy Smallbury — um dos homens que ia na carroça — já tinha por esta altura encontrado uma escada, que Mark Clark se apressou a subir, segurando-se ao lado de Oak no cimo da cobertura de colmo. O fumo naquela ponta era sufocante e Clark, um sujeito ágil, recebeu o balde com água e molhou a cara de Oak, salpicando-lhe também o resto do corpo. Com um comprido galho de faia numa mão e o cajado na outra,

este continuou a bater na meda e a desalojar todas as partículas incandescentes.

Lá em baixo, os grupos de aldeões continuavam atarefados e sem mãos a medir para controlar o braseiro. Estavam todos tingidos de laranja e, atrás deles, desenhavam-se sombras de formas incertas. Perto da meda maior, ao abrigo das emanações diretas do fogo, via-se um pónei montado por uma jovem mulher. E, ao lado desta, estava uma outra, a pé. As duas pareciam querer manter-se afastadas das chamas, para não inquietar o cavalo.

— Ele é um pastor — disse a mulher apeada. — É sim, senhor. Repare como brilha o seu cajado quando bate na meda. E vejo daqui os dois buracos que o fogo já lhe fez no camisão! É um belo pastor, s'nhora.

— É pastor de quem? — indagou a cavaleira, com uma voz límpida.

— Não sei, s'nhora.

— E nenhum dos outros sabe?

— Ninguém sabe, já perguntei. Não é um rapaz aqui da terra, dizem eles.

A mulher montada no pónei saiu da sombra e olhou ansiosamente em seu redor.

— Estará seguro, o celeiro? — perguntou.

— 'Tá seguro o celeiro, Jan Coggan? — ecoou a companheira, passando a pergunta ao homem mais próximo.

— Seguro agora, plo menos. S'esta meda tivesse ido, o resto vinha atrás. Foi aquele corajoso pastor ali em cima quem salvou o dia, o que 'tá sentado no topo da meda a agitar os braços longos, com'um moinho.

— Vê-se que trabalha bem — disse a cavaleira, observando Gabriel através do seu espesso véu de lã. — Gostava que ele fosse pastor aqui na quinta. Nenhum de vocês sabe como se chama?

— Nunca ouvi o seu nome em toda a minha vida. E é a primeira vez que lhe ponho a vista em cima.

O fogo começou a ceder e, não sendo necessário que continuasse lá no alto, Gabriel fez tenção de descer.

— Maryann — disse a rapariga a cavalo —, vai ter com ele e diz-lhe que quero agradecer-lhe o grande serviço que nos prestou.

Maryann dirigiu-se à meda a passos largos e encontrou Oak na base da escada. Entregou-lhe a sua mensagem.

— Onde está o dono da quinta? — perguntou ele, animando-se com a ideia de conseguir trabalho.

— Não é um dono; é uma dona, pastor.

— Uma mulher lavradora?

— Assim o creio, e rica! — lançou um dos espectadores. — Chegou há pouco, vinda de longe. Ficou com a quinta do tio, que morreu de repente. E que contava o dinheiro em taças de meio quartilho. Dizem que tem negócios em todos os bancos de Casterbridge e que joga cara ou coroa com um soberano, como eu e vossemecê jogamos com um meio dinheiro... Para ela, vai dar no mesmo, pastor.

— É ela, ali atrás, montada no seu pónei — indicou Maryann. — A que tem a cara coberta com aquele pano preto esburacado.

Oak tinha o rosto enfarruscado, enegrecido pela fuligem; o fumo e o calor tinham-no deixado irreconhecível: com o camisão esfarrapado, a pingar água, e o ramo de freixo do cajado reduzido a quinze centímetros. Mas, com a humildade que a adversidade lhe ensinara, avançou até ao lugar onde se achava essa forma esguia de mulher montada na sua sela. Tirou o chapéu, com respeito, e não sem galantaria, e abeirando-se dos seus pés suspensos perguntou-lhe, hesitante:

— Por acaso anda à procura de um pastor, minha senhora?

Ela levantou o véu de lã atado à volta da cara e olhou para ele, estupefacta. Gabriel e a sua cruel amada, Bathsheba Everdene, encontravam-se face a face.

Bathsheba não se pronunciou e ele repetiu mecanicamente, numa voz atrapalhada e triste:

— Precisa de um pastor, minha senhora?

CAPÍTULO SETE

Reencontro — Uma Rapariga Tímida

Bathsheba escondeu-se na sombra. Não sabia se devia rir da singularidade do encontro ou preocupar-se com a sua inconveniência. Havia lugar para alguma piedade e também para uma secreta exultação: a primeira pela posição em que Gabriel se encontrava, a segunda pela sua. Envergonhada é que não se sentia e, se a declaração de amor que ele lhe fizera em Norcombe lhe acudira ao pensamento, fora apenas para verificar que já quase a tinha esquecido.

— Sim — murmurou, dando-se ares de dignidade e tornando a encará-lo com algum calor nas faces. — É verdade que preciso de um pastor. Mas...

— É ele o homem, s'nhora — disse um dos aldeões, numa voz sumida.

A convicção gerando convicção, acrescentou um segundo, mais resoluto:

— Lá isso é.

— O homem certo prò mister! — disse um terceiro, com veemência.

— É ele e mais nenhum! — exclamou um quarto, com fervor.

— Digam-lhe que fale então com o maioral — disse Bathsheba.

O pragmatismo tomara de novo a dianteira. Um fim de tarde estival e um pouco mais de recato teriam dado ao reencontro a plenitude do romance.

Foi-lhe indicado o maioral, e Gabriel, verificando como lhe palpitava o peito ao descobrir que aquela Astarte[28] de estranho semblante era apenas uma outra versão da Vénus já conhecida e admirada, retirou-se com ele a fim de discutirem os preliminares da contratação.

Diante deles, o fogo já definhava.

— Homens — disse Bathsheba —, dar-vos-emos de beber e de comer depois deste trabalho suplementar. Vêm até à casa?

— Com mais à-vontade, menina, mataríamos o bicho e beberíamos

um trago, se nos fizesse o agrado d’enviar a dita à casa de malte de Warren — replicou o porta-voz.

Bathsheba afastou-se a cavalo, na escuridão, e os homens encaminharam-se para a aldeia em grupos de dois e de três — deixando Oak e o maioral sozinhos junto da meda.

— E agora — disse o maioral — que tudo ficou definido, parece-me, a respeito da contratação, vou indo para casa. Passe uma boa noite, pastor.

— Não pode arranjar-me um sítio onde dormir? — inquiriu Gabriel.

— Não posso, acredite — volveu ele, passando por Oak como um cristão que se esquiva ao ofertório quando não pretende dar um contributo. — Se seguir pela estrada até chegar à casa de malte de Warren, onde foram todos dar ao dente, tenho a certeza de que alguém lhe indicará um lugar. Passe uma boa noite, pastor.

O maioral, que mostrara o quanto temia ajudar o próximo como a si mesmo, tornou a subir a encosta da colina, e Oak partiu na direção da aldeia, ainda a refazer-se do reencontro com Bathsheba, satisfeito com a sua proximidade e perplexo com a rapidez com que a inexperiente rapariga de Norcombe se tornara a mulher de fria liderança que ele ali tinha descoberto. Algumas mulheres, porém, só precisam de uma emergência para se tornarem aptas a resolvê-la.

Forçado, em certa medida, a pôr de parte o devaneio para encontrar o seu caminho, chegou ao cemitério e contornou o muro do recinto debruado de árvores centenárias. Apesar dos rigores da estação, uma boa extensão de erva macia amortecia-lhe o som dos passos. Ao aproximar-se de um tronco que aparentava ser o mais velho de entre os velhos, deu-se conta de que havia uma pessoa parada atrás dele. Gabriel não interrompeu a sua passada e pontapeou inadvertidamente uma pedra solta. O ruído bastou para perturbar a imóvel desconhecida, que, sobressaltando-se, logo tratou de assumir uma pose mais descontraída.

Era uma rapariga magra e estava pouco agasalhada.

— Boa noite — disse ele, com simpatia.

— Boa noite — respondeu-lhe a rapariga.

A voz dela possuía um encanto inesperado: tinha esse timbre grave e doce que sugeria o romance e que, sendo comum no relato, é raro na

vida.

— Ficar-lhe-ia agradecido se me dissesse se estou no bom caminho para a casa de malte de Warren? — reatou ele, primeiro para obter a informação, segundo para tornar a ouvir aquele timbre.

— Está, sim. Fica na base da colina. E saberá o senhor, por acaso... — A rapariga hesitou, mas decidiu avançar: — Saberá o senhor até que horas está aberta a Hospedaria da Cabeça de Veado?

Dir-se-ia que fora conquistada pela simpatia de Gabriel, assim como ele fora seduzido pelas modulações da sua voz.

— Não sei sequer onde fica a hospedaria. Estava a pensar em ir lá esta noite?

— Sim...

De novo, a mulher fez uma pausa. Nada a obrigava a prolongar a conversa, a não ser talvez um desejo inconsciente de mostrar desinteresse acrescentando um comentário — um tique dos cândidos quando escondem alguma coisa.

— O senhor não é de Weatherbury? — perguntou, a medo.

— Não sou. Sou o novo pastor, e acabei de chegar.

— Um simples pastor? Mais parece um lavrador, pelos modos que tem.

— Apenas um pastor — repetiu ele, numa nota desanimada e perentória. O seu pensamento virara-se para o passado, os seus olhos para os pés da rapariga; e foi então que reparou numa espécie de trouxa. Apercebendo-se da direção do seu olhar, ela pediu-lhe, num tom persuasivo:

— O senhor não comentará na aldeia que me viu aqui, pois não? Pelo menos, durante um dia ou dois?

— Não o farei se não quiser que o faça — respondeu Oak.

— Agradeço-lhe muito — disse ela. — Sou pobre e não quero que as pessoas saibam nada sobre mim.

Dizendo isto, calou-se, a tremer.

— Devia ter trazido um manto, numa noite como esta — observou ele. — Eu aconselhava-a a recolher-se para dentro de portas.

— Oh, não! O senhor importa-se de seguir o seu caminho e deixar-me só? Agradeço-lhe muito tudo o que me disse.

— Irei, sim — replicou, hesitante. — Mas, como não está muito

desafogada, talvez aceite esta pequena ajuda. É apenas um xelim, mas é tudo o que posso dar-lhe.

— Sim, aceito — disse a desconhecida, com gratidão.

Ela estendeu-lhe a mão; Gabriel estendeu a dele. Ao procurarem-se um ao outro na penumbra, antes de o dinheiro mudar de mãos, um breve e revelador incidente teve lugar. Os dedos de Oak afloraram por acaso o pulso da rapariga. E neste palpitava uma trágica intensidade. Ele sentira muitas vezes aquele mesmo latejo rápido e forte na artéria femoral das suas ovelhas, quando estavam exaustas. Significava o desgaste excessivo de uma força vital que, a julgar pela figura e estatura da desconhecida, já era escassa.

— O que se passa?

— Nada.

— Mas, sim, passa-se alguma coisa.

— Não, não! Que o facto de me ter visto se mantenha em segredo!

— Muito bem; assim farei. Boa noite, de novo.

— Boa noite.

A rapariga permaneceu imóvel junto da árvore, e Gabriel desceu à aldeia de Weatherbury, a que por vezes também se dava o nome de Longpuddle de Baixo. Ocorreu-lhe que, ao tocar naquela esguia e frágil criatura, se afundara nas trevas de uma profunda tristeza. Mas consiste a sabedoria em moderar o que são meras impressões, e ele empenhou-se em não pensar mais no caso.

CAPÍTULO OITO

A Casa de Malte — Uma Conversa — Notícia

A casa de malte de Warren era rodeada por um velho muro revestido de hera e, embora àquela hora da noite não se visse muito do exterior, adivinhava-se a natureza e o uso do edifício pelo desenho da sua silhueta recortada na paisagem. Um telhado de colmo saliente encimava as paredes. No seu ponto mais alto, ao centro, erguia-se um pequeno torreão de madeira, munido de persianas nas suas quatro faces, de onde se escapava uma neblina vagamente percetível no ar da noite. Não havia janelas na fachada, mas o postigo quadrado da porta possuía uma vidraça de onde fluía uma luz vermelha e convidativa que se refletia no muro coberto de vegetação. Ouviam-se vozes no interior.

A mão de Gabriel tocou ao de leve na superfície da porta, com dedos que tateavam como os de Elimas[29], *o Encantador*, até encontrar uma tira de couro, que puxou. Esta levantou a tranqueta de madeira, e a porta abriu-se.

A sala lá dentro era apenas iluminada pela luz rubra da boca do forno, que se estendia rente ao chão com a horizontalidade incandescente do pôr do Sol, lançando para cima as sombras irregulares dos vultos ali reunidos. No piso de pedra, de um modo geral desnivelado, um caminho fora desgastado da soleira da porta até ao forno. Junto a uma parede, havia um banco curvo corrido, de costas altas, em carvalho tosco, e, num canto mais recôndito, um catre com sua enxerga, cujo dono e frequente ocupante era o fabricante de malte.

Este velho homem estava sentado diante do forno, e o cabelo e a barba cor de neve emolduravam-lhe o rosto nodoso como o musgo seco ou o líquen verde numa macieira sem folhas. Envergava calções e sapatos com atacadores, que então se designavam *botins*; e não tirava os olhos do fogo.

Gabriel inspirou o odor doce do novo malte. A conversa (que parecia dizer respeito à origem do incêndio) cessou de imediato, e todos o

escrutinaram, franzindo a testa e semicerrando as pálpebras, como se ele fosse uma luz que os tivesse encadeado. Concluída esta operação, vários exclamaram, pensativos:

— Ora, é o novo pastor, estou em crer.

— Pareceu-nos ouvir uma mão a apalpar a porta, à cata da taramela, mas achámos que podia ser uma folha morta soprada pelo vento — disse outro. — Entre, pastor; é bem-vindo, ainda que não saibamos o seu nome.

— Chamo-me Gabriel Oak, companheiros.

Ouvindo isto, o velho fabricante de malte sentado ao centro virou-se — e, ao fazê-lo, mais parecia uma grua ferrugenta.

— Não pode ser o neto de Gable Oak, de Norcombe! Nem pensar! — afirmou, não para ser levado à letra, mas para dar conta do seu espanto.

— O meu pai e o meu avô respondiam pelo mesmo nome — volveu o pastor, com placidez.

— Bem me parecia que conhecia esta cara quando a vi junto da meda! Bem me parecia! E onde trabalha agora, pastor?

— Estou a pensar em ficar aqui mesmo — respondeu o Sr. Oak.

— Conheci o seu avô há muitos anos! — prosseguiu o fabricante de malte, as palavras saindo-lhe com fluidez agora que se lançara na conversa.

— Ah... palavra?

— Conheci a sua avó.

— Ela também?

— E conheci o seu pai quando ele era ainda menino. Ora, ali o meu rapaz, o Jacob, e o seu pai, eram como irmãos, não eram, Jacob?

— Sim, sim — confirmou o filho, um jovem de sessenta e cinco anos, meio calvo, e que já só tinha um dente do lado esquerdo do maxilar superior. Este via-se com grande destaque, como um marco miliário no cimo de uma ladeira. — Mas era Joe quem mais se dava com ele. Já o meu filho William deve ter conhecido o homem que aqui está hoje à nossa frente... Não foi, Billy, antes de partires de Norcombe?

— Não. Foi o Andrew — esclareceu Billy, o filho de Jacob, uma criança de quarenta anos ou cerca disso, que se definia por ter uma alma risonha metida num corpo triste, e umas suíças algo manchadas de um tom de chinchila.

— Eu lembro-me do Andrew — disse Oak. — Já era um homem feito quando eu usava cueiros.

— Ainda no outro dia, eu e a minha filha mais nova, Liddy, fomos ao batizado do meu neto — continuou Billy — e falámos desta família. Foi agora, no dia da Candelária, quando se dá o dinheiro aos segundos melhores pobres, sabe, pastor? E eu lembro-me do dia porque foram todos parar à sacristia... Sim, a família deste homem.

— Venha, pastor, beba um trago. Aqui, connosco, é abrir a boca e engolir... Uma gota disto, nada de mais — disse o fabricante de malte, tirando do fogo os olhos, que já estavam raiados de sangue e enevoados, de contemplar as chamas durante tantos anos. — Pega no deus-me-perdoe, Jacob, e vê se está quente.

Jacob inclinou-se para o deus-me-perdoe, que era uma caneca alta, com duas pegas, aninhada nas brasas, já rachada e chamuscada do calor. Por fora, tinha uma crosta de matéria que lhe era alheia, sobretudo nas fendas das pegas, que já não deviam ver a luz do dia há alguns anos, devido a essas incrustações de cinza, humedecida pela sidra, e que o fogo transformara numa massa dura. Mas, para um bebedor que se prezasse, a caneca não era pior por causa disso, estando incontestavelmente limpa por dentro e nas bordas. Diga-se que, por razões desconhecidas, em Weatherbury e nas imediações, se dá o nome de «deus-me-perdoe» a um recipiente desta natureza; talvez por ser tão grande que qualquer um que dele beba se sente culpado quando lhe vê o fundo.

Incumbido de verificar se a bebida já estava quente, Jacob enfiou tranquilamente o dedo na caneca, como um termómetro, e, declarando-o quase à temperatura certa, ergueu o recipiente. Ainda tentou, porém, limpar a cinza da base, com a ponta do camisão, cortesia para com o pastor Oak, que era uma visita.

— Uma caneca limpa prò pastor — disse o fabricante de malte, numa voz de comando.

— Não, nem pensar nisso — atalhou Gabriel, num tom de reprovadora deferência. — Nunca me incomoda a sujidade no seu estado puro e quando sei de que natureza é.

Pegando na caneca, tirou dois ou três dedos às profundezas do seu conteúdo e passou-a, como lhe cabia, ao homem do lado.

— Nem me ocorreria dar aos vizinhos o trabalho de lavá-la, quando já são tantos os trabalhos deste mundo — acrescentou, num tom untuoso, depois de recuperar da falha respiratória que costuma acontecer quando se bebe um trago de uma grande caneca.

— Eis um homem justo e sábio — afirmou Jacob.

— É bem verdade; não se pode dizer o contrário! — concordou um jovem enérgico, Mark Clark de seu nome, um cavalheiro extraordinário e cativante. Quem se cruzasse com ele era o mesmo que conhecê-lo, e conhecê-lo era beber na sua companhia, o que redundava infelizmente em pagar pela bebida.

— Cá está um pedaço de pão com presunto que a menina nos enviou, pastor. A sidra escorrega melhor com um pouco de sustento. Não mastigue com muita força, porque deixei cair o presunto no caminho e talvez tenha uns grãos de terra. Aí está, é sujidade limpa; todos sabemos d'onde vem, como vossemecê disse, e também não me parece que seja um homem esquisito.

— Verdade. De modo algum — disse Oak, amigavelmente.

— Se não cerrar os dentes, não sente a areia. Ah! É prodigioso o que se faz com um pouco de manha!

— É o que eu penso, vizinho.

— Olha, o neto tem a quem sair. O avô também era assim, simpático, sem manias! — disse o fabricante de malte.

— Beba, Henry Fray, beba — instou, magnânimo, Jan Coggan, um homem que seguia as noções de Saint Simon[30] no que dizia respeito à partilha do álcool, ao ver o recipiente chegar às suas mãos depois da sua lenta viagem pelas mãos dos outros.

Acordando, nesse preciso momento, de uma contemplação melancólica do vazio, Henry não recusou. Tinha já passado a meia-idade e era um homem com sobrancelhas arqueadas e um olhar sofredor e suplicante, que afirmava que as leis deste mundo eram injustas. Assinava sempre «Henery», insistindo vigorosamente nesta grafia, e, se algum professor primário de passagem se atrevesse a assinalar que o segundo «e» era supérfluo e antiquado, recebia a resposta de que «H-e-n-e-r-y» era o nome com que fora batizado e aquele que ia guardar — no tom de alguém para quem as diferenças ortográficas eram assuntos que

tudo tinham a ver com o caráter de uma pessoa.

O Sr. Jan Coggan, que passara a caneca a Henery, era um homem rubicundo, de feições largas e um brilho secreto no olhar, cujo nome figurava no livro de registos de Weatherbury e das paróquias vizinhas, na qualidade de testemunha, em inúmeras uniões ao longo dos últimos vinte anos; também desempenhava amiúde o cargo de padrinho em batizados bem regados.

— Vamos lá, Mark Clark, vamos lá. Há muito ainda no barril — disse Jan.

— Aceito, sim, qu'é o meu único remédio — replicou o Sr. Clark, o qual, vinte anos mais novo do que Jan Coggan, percorria a mesma órbita. Dele emanava grande alegria, sobretudo em reuniões populares.

— Joseph Poorgrass, vossemecê não bebeu uma gota! — disse o Sr. Coggan para um homem reservado, ao fundo, estendendo a caneca na sua direção.

— Que tímido qu'ele é! — comentou Jacob Smallbury. — Ouvi dizer que mal teve forças pra olhar a nossa senhorinha nos olhos, não foi, Joseph?

Todos se viraram para Joseph Poorgrass, olhando-o com uma censura compadecida.

— Pois, mal olhei pra ela — disse Joseph, com um sorriso cheio de requebros, encolhendo o corpo enquanto falava, desconfortável com a atenção de que era alvo. — E, quando olhei, não fiz outra coisa senão corar!

— Pobre coitado — lamentou o Sr. Clark.

— É, no homem, uma natureza invulgar — observou Jan Coggan.

— Sim — disse Joseph Poorgrass, e a timidez que nele era tão penosa como um defeito encheu-o de uma terna complacência agora que se tornara um objeto de estudo interessante. — Foi corar, corar, corar, todo o tempo qu'ela me dirigiu a palavra.

— Acredito em si, Joseph Poorgrass, pois todos aqui o conhecemos como um homem de grande pudor.

— Pobr'alma. É uma sorte danada, num homem — disse o fabricante de malte. — E já sofre disso há muito tempo, não é, Joseph?

— Sim, desde menino. A minha mãezinha tinha esse peso no coração... sim. Mas de nada me serviu.

— E nunca se fez ao mundo, a tentar a cura, Joseph Poorgrass?

— Ai não que não fiz! Tentei todo o tipo de curas. Levaram-me à Feira de Greenhill e a ver um grande circo onde havia mulheres de pé, em cima de cavalos, só com as camisinhas no pelo; não me curou uma unha. Ópois, puseram-me como moço de recados no beco do Clube Feminino do Jogo da Laranjinha, nas traseiras do Tailor's Arms, em Casterbridge. Era um lugar de perdição, nada frequentável pra um bom cristão como eu. Era de manhã até à noitinha a encarar gente devassa; e de nada me serviu... no fim, 'tava na mesma. Os rubores já andam na família há gerações. É uma bênção que não seja pior.

— Verdade — concordou Jacob Smallbury, aprofundando a sua visão do problema. — Dá que pensar isso de poder ser pior; mas, tal como é, já tem gravidade que chegue, Joseph. Pois, veja bem, pastor, qu'inda que numa mulher até possa ser desejável, já para um homem é embaraçoso, pobre coitado.

— Concordo — disse Oak, perdido nos seus pensamentos. — Sim, muito embaraçoso para um homem.

— Além disso, é medroso — observou Jan Coggan. — Uma noite, ficou a trabalhar até tarde em Yalbury Baixo, tinha bebido uma pinga, e perdeu-se no caminho pra casa, pla floresta de Yalbury, não foi, amigo Poorgrass?

— Não, não, não; essa história não! — protestou o homem tímido, forçando uma risada para disfarçar o receio.

— E a modos que se perdeu bem perdido — continuou o Sr. Coggan, imperturbável, como se a narrativa verdadeira, tal como o tempo e a maré, devesse seguir o seu curso sem respeitar nenhum homem. — E lá ia ele, pla noite dentro, cheio de medo, sem conseguir encontrar o caminho no meio daquele arvoredo, e pôs-se a gritar «Homem perdido! Homem perdido!». Ora, uma coruja empoleirada num ramo d'árvore 'tava a piar nesse momento «Uuu-uuu-uuu!!», como fazem as corujas, não é assim, pastor — (Gabriel aquiesceu) —, e Joseph, a tremer da cabeça aos pés, disse: «Joseph Poorgrass de Weatherbury, *sir*.»

— Não, não, é de mais! — interrompeu o homem medroso, num descarado assomo de coragem. — Eu não disse *sir*. Juro por tudo que não disse «Joseph Poorgrass de Weatherbury, *sir*». Não, não; os factos são os factos, e eu nunca disse *sir* ao pássaro, pois sabia muito bem que

nenhum cavalheiro de bom berço andaria por ali a gritar àquela hora da noite. «Joseph Poorgrass de Weatherbury» foram as minhas palavras. E disse o que disse por causa do hidromel com especiarias do guarda Day[31]... Aí está, foi misericórdia ter acabado como acabou.

O dilema da versão certa foi tacitamente posto de lado pela audiência, e Jan prosseguiu, num tom meditativo:

— E também é o mais temeroso dos homens, não é assim, Joseph? Pois, uma vez, perdeu-se ali pròs lados do portão de Lambing-Down, não foi, Joseph?

— Verdade — replicou Poorgrass, como se houvesse circunstâncias na vida demasiado sérias para o pudor nos impedir de partilhá-las, sendo esta uma delas.

— Sim. Também foi a meio da noite. O portão não queria abrir, por muito qu'ele tentasse e, vendo nisso a mão do Diabo, ajoelhou-se.

— Assim foi — confirmou Joseph, indo buscar confiança ao calor do fogo, à sidra e à suspeita de que aquela história tinha algum potencial narrativo. — Dessa vez, senti-me morrer por dentro; mas ajoelhei-me no chão e disse o pai-nosso e, logo a seguir, o credo dos apóstolos e, depois, os dez mandamentos, tudo com sincero fervor. Nada; o portão não queria abrir; e assim continuei, com o *Caríssimos irmãos*, e, cá plas minhas contas, faz quatro, que é tudo o que sei do livro, e, se isto não tiver efeito, nada terá e sou um homem perdido. Bem, quando cheguei ao *Repitam comigo*[32], levantei-me do chão e vi que o portão já abria. Sim, companheiros, o portão já abria, como sempre.

Todos se puseram a pensar no que Poorgrass insinuara e, enquanto isso, fitaram o borralho, que refulgia como um deserto dos trópicos sob o Sol vertical do meio-dia, alongando-lhes os olhos e neles sulcando rugas, não só por força da luz, mas também porque o tema era sério.

Gabriel quebrou o silêncio.

— Vive-se bem lá em cima? Ela é uma boa patroa?

E sentiu uma pequena palpitação ao submeter à atenção dos outros o tema mais caro ao seu coração.

— Nós pouco sabemos dela. Ou nada. Só se mostrou aqui há dias. O tio caiu doente e chamaram o médico, um homem do mundo; mas, com toda a sua ciência, não conseguiu salvá-lo. Segundo percebi, ela vai

manter a quinta.

— É o que parece ser — interveio Jan Coggan. — A família é das melhores. Mais depressa trabalho pra eles do que pra fulano ou sicrano. O tio dela era um senhor às direitas. Vossemecê não conhecia o homem, pastor? Era um celibatário.

— De todo.

— Comecei por frequentar a casa quando andava a cortejar a minha primeira mulher, Charlotte, qu'era lá leiteira. Era um homem de bem, o lavrador Everdene, e, como eu era um moço respeitável, ele dava-me permissão pra ir lá visitar a moça e beber toda a cerveja qu'eu quisesse, 'inda que não pudesse levar uma gota comigo. Para além da que já levava no bucho, s'é que me faço entender.

— Sim, sim, Jan Coggan; já percebemos.

— E a questão é esta: era uma cerveja belíssima, e eu queria retribuir aquela bondade o melhor qu'eu pudesse, e não ter a má educação de beber só um dedal, coisa que seria um insulto à generosidade do homem.

— Bem verdade, mestre Coggan, sê-lo-ia — concordou Mark Clark.

— Protanto, antes d'ir, comia peixe salgado às carradas e, em chegando lá, estava sequinho que nem um carapau, tão seco qu'ela até escorregava... oh, se escorregava! Belos tempos! Grandes tempos! Que boas pielas não apanhei naquela casa! Não se lembra, Jacob? Vossemecê costumava vir comigo, às vezes.

— Lembro-me, pois — disse Jacob. — E aquela que apanhámos na Hospedaria da Cabeça de Veado, numa segunda de Pentecostes, também foi das bonitas.

— Foi. Mas uma pinga de categoria, que não nos punha mais perto do cornudo do que já 'távamos antes de beber o primeiro trago, não havia como a da cozinha do lavrador Everdene. Não entrava uma blasfémia naquelas quatro paredes! Não, senhor, nem das pequenas, nem no auge da festa, em que ficam todos mais surdos, 'inda qu'a velha palavra do pecado, lançada aqui e ali, também alivie a alma.

— Verdade — disse o fabricante de malte. — A natureza quer o seu palavrão, de tempos a tempos, ou deixa de ser ela própria; o dizer profano é uma necessidade da vida.

— Mas, Charlotte — prosseguiu Coggan — não autorizava uma

palavra que fosse dessa índole, nem o mais breve som dito em vão... Ah, pobre Charlotte, pergunto-me se teve a sorte d'entrar no Céu quando se foi! Mas, como a sorte nunca andou com ela, talvez tenha ido lá parar ao fundo, pobr'alma.

— Algum de vocês conheceu o pai da menina Everdene, ou a mãe? — inquiriu o pastor, que estava a ter alguma dificuldade em dar à conversa o rumo desejado.

— Conheci-os mal — respondeu Jacob Smallbury. — Mas eram da cidade e não viveram aqui. Já morreram há muitos anos. Diga lá, pai, que tipo de pessoas eram os pais da patroa?

— Bem — disse o fabricante de malte —, por ele ninguém dava; mas ela era uma bela mulher. E ele estimava-a, quando era sua namorada.

— Dizem qu'a enchia de beijos várias vezes ó dia — observou Coggan.

— E tinha nela grande orgulho, quando se casaram — acrescentou o fabricante de malte.

— Sim — disse Coggan. — Tinha por ela tal admiração qu'acendia a vela três vezes durante a noite, só prà contemplar.

— Um amor infinito; nunca pensei qu'existisse neste mundo! — murmurou Joseph Poorgrass, que tinha por hábito dar uma grande escala às suas reflexões morais.

— Será mesmo verdade? — ressalvou Gabriel.

— Ai, é verdade, sim senhor. Eu conhecia-os bem, tanto ele como ela. Levi Everdene, era assim que o homem se chamava. «Homem» digo eu na minha precipitação, porque ele pertencia a outra casta de gente: era um cavalheiro alfaiate, na verdade, com os bolsos bem recheados. E foi uma falência muito badalada, a sua, por duas ou três vezes.

— E eu que pensava qu'era um homem comum! — disse Joseph.

— Não, não! O sujeito perdeu uma fortuna; centenas, em ouro e prata.

Vendo que o fabricante de malte já estava com falta de ar, o Sr. Coggan, depois de fitar distraidamente uma brasa que caíra sobre as cinzas, retomou ali a narração, com um brilho secreto no olhar:

— Ora, talvez não m'acreditem, mas este homem, o pai da nossa menina Everdene, tornou-se, algum tempo depois, um dos maridos mais volúveis que Deus ao mundo deitou. Não sei se me faço entender. Ele não queria ser volúvel, mas não s'aguentava. O pobre era-lhe bem fiel e

verdadeiro nas suas intenções, mas o coração fugia-lhe, fizesse ele o que fizesse. Falou-me disso uma vez, numa grande inquietação. «Coggan», disse-me ele, «eu não podia desejar mulher mais bela do que a minha, mas, sabendo que me foi dada como legítima mulher, faça eu o que fizer, não consigo impedir o coração de andar descaminhado!» Mas, no fim, creio que se curou, pedindo-lhe a ela que tirasse a aliança do dedo e chamando-a plo nome de solteira, quando ficavam sozinhos, depois do fecho da loja. Punha-se a imaginar que ela era sua namorada e que nunca se haviam casado. E, mal dava por isso, já estava em pecado e a faltar ao sétimo mandamento. A chama voltou forte como sempre e viveram juntos, em idílico amor mútuo.

— Bem, foi um remédio bem pecaminoso — murmurou Joseph Poorgrass —, mas devemos sentir-nos muito gratos quando a mão feliz da Providência impede que seja ‘inda pior. O homem podia ter ido por maus caminhos e oferecido a alma ao pecado; um pecado dos grandes, a bem dizer.

— A questão — disse Billy Smallbury — é que a vontade dele era fazer a coisa certa, disso não tenho dúvidas, mas o coração não alinhava.

— Ele melhorou tanto que até foi, no fim da vida, um homem bem devoto, não é verdade, Jan? — volveu Joseph Poorgrass. — Voltou a fazer a confirmação, desta vez com mais seriedade, e passou a dizer «ámen» quase tão alto como o sacristão. Também ganhou o hábito de copiar epitáfios consoladores das lápides do cemitério. Passou a segurar na bandeja da coleta durante o *Assim resplandeça a vossa luz*[33], e apadrinhava as crianças enjeitadas; tinha em cima da mesa uma caixa de esmolas, pr’apanhar os desprevenidos que o vinham visitar; e puxava as orelhas dos órfãos quando se riam na igreja, até mal conseguirem endireitar as costas, e outros atos piedosos próprios dos homens mais santos.

— Sim, naquela altura, só pensava em coisas elevadas — acrescentou Billy Smallbury. — Uma vez, o pároco Thirdly encontrou-o e disse: «Bom dia, senhor Everdene, que linda manhã!» «Ámen», respondeu-lhe Everdene, distraído, porque só pensava em religião quando via um sacerdote. Sim, senhor, era um bom cristão.

— A filha — interrompeu Henery Fray — não era lá muito bonita por essa altura. Nunca pensei que se fizesse tão formosa.

— Espero que tenha tão bom génio como belas feições.

Henery fitou o borralho e sorriu ironicamente.

— Talvez; mas, entre nós e a quinta, o maioral terá com que s'ocupar, hein?

— Aí está um estranho cristão, a cabeça do Diabo num capuz, como diz o ditado[34] — intercedeu Mark Clark.

— Lá isso é — concordou Henery, querendo com isto sugerir que a ironia tinha os seus limites. — Parece-me qu'este é daqueles que tanto mente aos domingos como aos dias de trabalho. Isto aqui entre nós...

— Santo Deus, muito me contam! — exclamou Gabriel.

— Verdade — disse o homem aziago, olhando em redor para os companheiros com esse riso entendido de quem sabe mais das agruras da vida do que o comum dos mortais. — Há gente de uma têmpera e gente de outra, mas esse homem... Que Deus vos proteja!

Achando por bem mudar de assunto, Gabriel virou-se para o fabricante de malte.

— O senhor há de ser de muita idade, para ter filhos tão antigos — disse.

— O meu pai já é tão velho que nem se lembra qu'idade tem, pois não, pai? — atalhou Jacob. — E, de há uns tempos pra cá, ficou muito marreco — acrescentou, observando a silhueta do pai, que era, apesar de tudo, mais curvada do que a sua... Palavra, quase parece dobrado em três.

— Os mais curvados duram mais — retorquiu, amargo, o fabricante de malte, que não estava nos seus melhores dias.

— O pastor gostava d'ouvir a história da sua vida, pai... não é verdade, pastor?

— Lá isso gostava — assentiu Gabriel, com a alegria de um homem que há vários meses ansiava por ouvi-la. — Que idade tem o senhor?

O fabricante de malte pigarreou exageradamente. E, fitando a goela do forno, pôs-se a falar com essa lentidão de discurso que se usa quando a importância do assunto permite uma certa afetação.

— Bem, não me recordo do ano em que nasci, mas talvez consiga

lembrar-me dos sítios onde vivi e lá chegar da mesma maneira. Vivi na Longpuddle de Cima, para aqueles lados (acenou para norte), até aos meus onze anos. Vivi sete anos em Kingsbere (indicou o leste), onde aprendi a maltagem. Dali fui pra Norcombe e lá trabalhei neste ofício vinte e dois anos e, durante vinte e dois anos, sachei e apanhei nabos. Ah, já conhecia bem a boa terra de Norcombe anos antes de vossemecê ser um brilho nos olhos da sua mãe, amigo Oak (Oak fez um sorriso sincero de quem acreditava). Depois, fiz maltagem quatro anos em Durnover, e outros quatro a sachar nabos; e estive catorze vezes onze meses em Millpond St. Jude's (acenou para nor-noroeste). O velho Twills não me contratava por mais de onze meses de cada vez, não fosse eu viver às custas da paróquia em caso de invalidez. Em seguida, fiquei três anos em Mellstock e agora, no dia da Candelária, fará trinta e um que estou aqui. Quanto perfaz a soma?

— Cento e dezassete — disse um velho cavalheiro, casquinando. Era um homem de poucas palavras, mas dado ao cálculo aritmético, que tinha estado sentado a um canto, sem se dar a conhecer.

— Ora, aí têm, é essa a minha idade — afirmou o fabricante de malte, num tom enfático.

— Não pode ser, pai! — contestou Jacob. — O senhor sachou nabos no verão e fez malte no inverno de cada um desses anos, e não pode contar os semestres como se fossem anos.

— Alto lá! Eu sobrevivi aos verões, não sobrevivi? É a pergunta que vos faço. A seguir vão dizer-me que não tenho idade que se veja?

— Claro que não — acudiu Gabriel, apaziguador.

— O senhor tem muita idade — concordou Jan Coggan, tentando acalmá-lo. — Todos nós o sabemos, e deve ter uma constituição formidável pra conseguir viver tantos anos, não acham, vizinhos?

— Sim, sim. Formidável — disse o grupo, em uníssono.

Pacificando-se, o fabricante de malte concedeu generosamente em retirar um pouco de relevância aos seus muitos anos, referindo que a caneca da qual nesse momento eles bebiam era três anos mais velha do que ele.

Enquanto examinavam o recipiente, a ponta da flauta de Gabriel espreitou do bolso do seu camisão, e Henery Fray exclamou:

— Estou certo, pastor, que o vi a soprar numa grande flauta 'inda há

pouco em Casterbridge?

— É verdade — confirmou Gabriel, corando ligeiramente. — Passei por grandes trabalhos, vizinhos, e fui a isso levado. Nem sempre fui pobre como sou agora.

— Deixe lá, amigo! — disse Mark Clark. — Não leve a vida tão a sério qu'ela acabará por sorrir-lhe. Se não estiver muito cansado, até calhava bem uma canção.

— Desde o Natal que não ouço tambor ou corneta — lamentou-se Jan Coggan. — Venha de lá essa canção, amigo Oak!

— É com gosto — aprestou-se Gabriel, sacando a flauta e montando-lhe as partes. — É um pobre instrumento, meus amigos, mas dele vos darei o máximo proveito.

Oak iniciou os acordes de *Jockey to the Fair* e tocou essa animada canção três vezes de seguida. À terceira, deu-lhe uma vividez artística, dobrando o corpo por repentes e batendo o ritmo com o pé.

— Ele toca lindamente — disse um jovem casado que, não possuindo outra individualidade digna de menção, era conhecido como «o marido de Susan Tall». E acrescentou: — Eu gostava de ser capaz de tocar flauta tão bem como ele.

— É um homem de talento e é pra nós grande conforto ter um pastor como ele — murmurou Joseph, melífluo. — Devíamos sentir-nos gratos por não tocar essas canções de má índole, em vez destas felizes melodias; pois, teria sido fácil o Senhor fazê-lo um homem vil e libertino... um homem ruim, por assim dizer... em vez do bom homem qu'ele é. Sim, pra bem das nossas mulheres e filhas, devíamos sentir uma grande gratidão.

— Verdade, verdade, uma grande gratidão! — irrompeu Mark Clark, conclusivo, sem sentir que o facto de apenas ter ouvido três quartos do que Joseph acabara de dizer era relevante para a sua opinião.

— Sim — volveu Joseph, evocando o tom de uma personagem bíblica —, porque o mal medra de tal modo nos tempos que correm que tanto nos engana o homem mais limpo, mais barbeado e com os mais brancos colarinhos como o vagabundo mais esfarrapado na estrada do pedágio, se posso exprimir-me assim.

— Já me lembro da sua cara, pastor — disse Henery Fray, escrutinando Gabriel com um olhar embaciado, enquanto o pastor

encetava a sua segunda melodia. — Sim, agora que o vejo a soprar nessa flauta, sei que é o mesmo homem que vi tocar em Casterbridge, pois tinha a boca toda arrepanhada e os olhos esbugalhados, como os d'um enforcado, tal como os seus neste momento.

— É uma pena que tocar flauta faça um homem parecer-se com um espantalho — observou Mark Clark, acrescentando críticas à aparência de Oak, que agora arrancava ao instrumento, com a careta sinistra que este exigia, o refrão de *Dame Durden*[35]:

Era Moll' e Bet', e Doll' e Kate',
E Dor'-othy Drag'-gle Tail.

— Espero que não faça caso da rudeza desse jovem que falou das suas feições, pastor? — sussurrou Joseph.

— De modo algum — replicou o Sr. Oak.

— Pois é, de natureza, um homem muito bem-parecido — acrescentou Joseph Poorgrass, com cativante delicadeza.

— Sim, lá isso é, pastor — concordou o grupo.

— Muito obrigado — disse Oak, com a modéstia que exigiam as boas maneiras, mas ajuizando, em todo o caso, que nunca tocaria flauta à frente de Bathsheba; e, nesta decisão, deu provas do mesmo discernimento que revelara a divina Minerva, sagaz inventora do instrumento[36].

— Ah, quando eu e a minha mulher nos casámos, na igreja de Norcombe — recomeçou o fabricante de malte, descontente por ter sido afastado do tema da conversa —, chamaram-nos o casal mais bonito das redondezas. Toda a gente o disse.

— Diabos me levem se não 'tás bem diferente agora, ó homem do malte — disse alguém, com o vigor de quem enuncia um truísmo. Era a voz de um ancião, ao fundo, cujo caráter ofensivo e rancoroso em quase nada era mitigado pela esporádica risadinha com que contribuía para a gargalhada geral.

— Ah, não, não — acudiu Gabriel.

— Não toque mais, pastor — disse o marido de Susan Tall, o jovem casado que já se pronunciara antes. — Tenho d'ir e, quando há música, é como se me prendessem por fios. Se penso que me fui embora e a

música continuou sem mim, dá-me cá uma melancolia...

— Qual é a pressa, Laban? — inquiriu Coggan. — Costumava ser dos últimos a partir.

— A questão, vizinhos, é que sou casado de fresco, e ela agora é a minha vocação, portanto... — O jovem interrompeu-se, pouco convincente.

— Novos senhores, novas leis — assinalou Coggan.

— Pois, é isso, ah, ah! — volveu o marido de Susan Tall, num tom que sugeria que continuava a aceitar os gracejos sem lhes dar grande importância. O jovem desejou-lhes uma boa noite e retirou-se.

Henery Fray foi o segundo a sair. Depois, Gabriel levantou-se e partiu com Jan Coggan, que lhe oferecera guarida. Alguns minutos mais tarde, quando os restantes já estavam de pé e de saída, Fray voltou atrás, muito agitado. Apontando um dedo ao céu de forma ominosa, olhou em seu redor com o ar de quem trazia notícias. Os seus olhos pousaram, por acaso, no pobre Joseph Poorgrass.

— O que foi, o que se passa, Henery? — perguntou Joseph, recuando.

— O que aconteceu, Henery? — inquiriram Jacob e Mark Clark.

— É Baily Pennyways, o maioral... Baily Pennyways... Eu bem disse; sim, eu bem avisei!

— O que foi? Apanharam-no a roubar?

— Foi roubo, pois. Eis o que aconteceu: depois de voltar pra casa, a menina Everdene tornou a sair, pra ver se ‘tava tudo em ordem, como é seu hábito; e foi então que deu de caras com Pennyways, a esgueirar-se pelos degraus da tulha, com meio alqueire de cevada. Lançou-se a ele, como uma gata assanhada... ou não fosse a maria-rapaz que sempre foi. Bem, isto fica entre nós?

— Claro, Henery.

— Ela lançou-se a ele e, abreviando a história, depois de lhe ser prometido que não seria levado à justiça, o homem confessou que já tinha surripiado cinco sacas! Portanto, foi posto no olho da rua, sem apelo nem agravo. E a minha pergunta é: quem vai ser o novo maioral?

A questão era tão grave que Henery se viu obrigado a beber uns tragos da grande caneca, até lhe aparecer o fundo. Mas, antes de voltar a pousá-la em cima da mesa, tornou a entrar o jovem, o marido de

Susan Tall, num alvoroço ainda maior.

— Já ouviram a notícia que corre pla paróquia?

— A respeito do maioral Pennyways?

— A outra!

— Não, nada! — responderam, olhando fixamente para Laban Tall, como se lhe buscassem as palavras na garganta.

— Que noite pavorosa! — murmurou Joseph Poorgrass, abanando as mãos compulsivamente. — Durante toda a tarde, o sino das más novas repicou-me na orelha esquerda, a anunciar um assassínio, e vi uma gralha sozinha!

— Fanny Robin, a criada mais nova da menina Everdene, desapareceu. Há duas horas que querem trancar as portas, mas ela ‘inda não voltou. Não querem ir deitar-se, com medo de deixar a pobre na rua. Não estariam tão preocupados se não a tivessem visto tão caída nestes últimos dias, e Maryann acha que já começaram a investigar a morte da pequena.

— Oh, morreu queimada... queimada no incêndio! — ouviu-se dos lábios secos de Joseph Poorgrass.

— Não... afogou-se! — disse Tall.

— Ou foi a navalha de seu pai! — sugeriu Billy Smallbury, com jeito para o pormenor.

— Bem, a menina Everdene quer falar com alguns de nós antes de nos irmos deitar. Já não bastava o maioral, agora é a rapariga! A nossa patroa está fora de si.

Apressaram-se todos a subir a ladeira até à herdade, à exceção do velho fabricante de malte, a quem nem o escândalo, nem o fogo, nem a chuva, nem os relâmpagos arrancavam do seu covil. E, enquanto os passos dos outros morriam ao longe, ele continuou a fitar a fornalha, com os seus olhos turvos e doentes.

Em cima, na janela do quarto de Bathsheba, os homens viram de forma imprecisa os ombros e o rosto da patroa, cobertos de um branco misterioso que se destacava no ar da noite.

— Está algum dos meus homens entre vós? — perguntou ela, com ansiedade.

— Sim, senhora, vários — respondeu o marido de Susan Tall.

— Amanhã de manhã, gostava que dois ou três de vós dessem uma

volta pelas aldeias em redor, para ver se alguém viu uma rapariga que corresponda à descrição de Fanny Robin. Façam-no discretamente; ainda não há motivo para alarme. Ela deve ter partido enquanto estávamos todos no incêndio.

— Perdoe-me, s'nhora, mas ela tinha algum pretendente na paróquia? — perguntou Jacob Smallbury.

— Não sei — respondeu Bathsheba.

— Nunca ouvi tal coisa — disseram dois ou três.

— É pouco provável — volveu Bathsheba. — Porque qualquer pretendente seria bem-vindo aqui na quinta, desde que fosse um rapaz respeitável. O que é mais misterioso na sua ausência, e que me causa grande preocupação, é que ela foi vista a sair de casa, por Maryann, apenas com o vestido de casa no corpo, e sem uma coifa sequer.

— E com isso, patroa, perdoe-me a linguagem, a s'nhora quer dizer qu'uma rapariga não iria ter c'o seu homem sem s'aperaltar um pouco — disse Jacob, contemplando experiências passadas. — É verdade, não ia, s'nhora.

— Pareceu-me que levava uma trouxa, mas não consegui ver bem — acudiu uma voz feminina vinda de outra janela, que parecia ser a de Maryann. — Mas ela não tinha nenhum homem nas redondezas. O dela vive em Casterbridge, e eu acho que é um soldado.

— Sabes como se chama? — perguntou-lhe Bathsheba.

— Não, s'nhora; ela era muito reservada com essas coisas.

— Talvez eu consiga saber, se for ao quartel de Casterbridge — propôs William Smallbury.

— Muito bem; se ela não voltar amanhã, vá até lá, procure descobrir quem é esse homem e fale com ele. Sinto-me ainda mais responsável porque ela não tem amigos ou parentes vivos. Espero bem que nenhum mal lhe tenha sobrevindo com um homem dessa laia... E, depois, ainda há o caso lamentável do maioral... mas, disso, nem quero falar agora.

Bathsheba tinha tantas razões para se atormentar que parecia achar que não valia a pena demorar-se em nenhuma delas.

— Façam como vos disse — concluiu, fechando a janela.

— Sim, patroa, assim faremos — responderam os homens, afastando-se.

Naquela noite, em casa de Coggan, Gabriel Oak, ao fechar os olhos,

deixou correr a imaginação, como as águas de um rio deslizando, rápidas, sob uma fina camada de gelo. A noite era sempre o momento em que Bathsheba lhe aparecia com mais vividez e, durante as horas lentas de escuridão, contemplou com ternura a sua imagem. É raro que os deleites da fantasia compensem o desespero da insónia, mas talvez tenha sido o caso para Oak nessa noite, porque o simples prazer de a ver apagava por ora esse grande abismo que havia entre o ver e o ter.

Também gizou um plano para ir buscar as suas poucas ferramentas e os seus livros a Norcombe. *O Melhor Companheiro do Homem*, *O Guia Prático do Ferrador*, *O Cirurgião Veterinário*, *O Paraíso Perdido*, *A Viagem do Peregrino*, *Robinson Crusoé*, o *Dicionário* de Ash e a *Aritmética* de Walkingame constituíam a sua biblioteca; e, embora fosse uma coleção limitada, dela recolhera, mediante leitura cuidada, maior ensinamento do que muitos homens haviam conseguido extrair de metros e metros de estantes carregadas de volumes.

CAPÍTULO NOVE

A Quinta — Uma Visita — Meias Confidências

À luz do dia, a residência da nova patroa de Oak, Bathsheba Everdene, apresentou-se como um edifício venerável, da fase inicial da Renascença clássica[37], no que respeita a arquitetura. As suas dimensões indicavam ao primeiro olhar ter sido em tempos, como acontece tantas vezes, o solar de um pequeno domínio, agora inexistente como propriedade distinta e diluído na extensa herdade de um senhorio não residente, composta de vários terrenos mais modestos.

Pilastras estriadas, trabalhadas em pedra rija, decoravam a fachada. Sobre o telhado, as chaminés eram apaineladas ou colunares, e certas empenas com florões e outros ornamentos retinham ainda traços da sua filiação gótica. Musgos macios, acastanhados, como veludo puído, almofadavam as telhas, e tufos de saião brotavam dos beirais das construções mais baixas. Da porta da frente até à estrada, corria um caminho de cascalho, também ladeado de musgo, mas de uma tonalidade verde-prateada, que pouco deixava ver do castanho da gravilha ao centro. Esta circunstância e o ar no geral adormecido da propriedade neste lado, em contraste com a condição animada das traseiras, sugeriam que, na adaptação do edifício para o fim da lavoura, o movimento vital da casa se virara para trás. Inversões desta natureza, estranhas deformidades, tremendas paralisias encontram-se amiúde — quer na construção individual, quer no agregado das ruas e cidades — em resultado da influência do comércio sobre edifícios originalmente criados apenas para o lazer.

Nessa manhã, ouviam-se vozes alegres nos quartos de cima, acessíveis por uma maciça escadaria de carvalho. Os seus balaústres, pesados como colunas de um leito, tinham sido trabalhados de acordo com o estilo pitoresco do seu século. O corrimão era firme como um parapeito de pedra e os degraus pareciam girar sobre si próprios, como uma pessoa que tenta espreitar por cima do ombro. Ao subi-los,

descobria-se que o piso superior era francamente irregular, formando lombas e vales; e, como não havia tapetes a cobrir o chão, era notório o caruncho abundante que corroía as tábuas do soalho. As janelas abanavam sempre que se abria ou fechava uma porta e, perante um movimento mais brusco, a casa inteira estremecia. Quem a percorresse, sentia que um gemido constante não largava os seus passos, como um fantasma que para toda a parte o seguia.

No quarto de onde chegavam os sons da conversa, Bathsheba e a sua criada pessoal, Liddy Smallbury, estavam sentadas no chão, de volta de uma confusão de papéis, livros, garrafas e lixo espalhados por toda a parte — restos de provisões do anterior ocupante da casa. Liddy, a bisneta do fabricante de malte, tinha a mesma idade que Bathsheba e o rosto típico das jovens bem-dispostas da ruralidade inglesa. A beleza de que os seus traços pareciam desprovidos era amplamente compensada pela perfeição da tez, que, naquela estação invernosa, associava a delicadeza do rubor às formas rotundas que encontramos num Terburg ou num Gerard Douw[38]. Como nos retratos destes grandes coloristas, era um rosto que se achava muito aquém da formosura e do ideal. Flexível por natureza, Liddy não tinha a audácia de Bathsheba, mostrando esporadicamente alguma franqueza de espírito, que era, em parte, genuína, em parte uma solicitude sentida como um dever.

Pela fresta de uma porta entreaberta, ouvia-se o ruído da escova de esfregar usada pela empregada das limpezas, Maryann Money, uma mulher que, no lugar do rosto, tinha um disco redondo sulcado de rugas. As rugas não lhe vinham tanto da idade como do hábito de contemplar fixamente, e com perplexidade, objetos longínquos. Pensar nela enchia qualquer um de bom humor; falar dela evocava a imagem de uma maçã-reineta mirrada.

— Para de esfregar um segundo — disse-lhe Bathsheba, pela abertura da porta. — Pareceu-me ouvir algo.

Maryann suspendeu o movimento da escova.

Ouvia-se o tropel de um cavalo a aproximar-se da fachada do edifício. Os passos abrandaram, viraram no portão e, coisa invulgar, o animal subiu o caminho musgoso até à porta. Alguém bateu, com a ponta de uma vara ou pingalim.

— Que impertinência! — exclamou Liddy, em voz baixa. — Subir a cavalo o caminho pedestre! Por que razão não parou no portão? Deus do céu! É um cavalheiro! Vejo-lhe o topo do chapéu.

— Silêncio! — disse Bathsheba.

A ansiedade de Liddy continuou a manifestar-se no seu rosto, uma vez que a palavra lhe fora cortada.

— A senhora Coggan não vai atender? — inquietou-se Bathsheba.

Tap-tap-tap. A batida ressoava, com mais insistência, na porta de carvalho maciço.

— Maryann, vai lá tu! — ordenou a senhora da casa, temendo uma multidão de românticas possibilidades.

— Ai, minha senhora, veja que lástima ‘tou!

Depois de olhar de relance para Maryann, não havia como negá-lo.

Liddy levantou as mãos e os braços, cobertos de pó das velharias que tinham andado a escolher, e lançou um olhar de súplica à sua senhora.

— Aí está, a senhora Coggan foi atender! — exclamou Bathsheba, deixando escapar o seu alívio num longo suspiro que lhe estivera suspenso no peito por mais de um minuto.

A porta abriu-se e uma voz grave perguntou:

— A senhora Everdene está em casa?

— Deixe-me ver, senhor — respondeu a Sr.ª Coggan e, dali a um minuto, apareceu no quarto.

— Valha-me Deus, que lugar revirado é este mundo! — lamentou-se a Sr.ª Coggan (uma mulher robusta que tinha uma voz diferente para cada categoria de comentários, de acordo com a emoção envolvida; era capaz de lançar uma panqueca ao ar, ou torcer uma esfregona, com um rigor matemático; e, nesse momento, tinha as mãos cobertas de pregas de massa e os braços incrustados de farinha). — Quando estou enterrada nela até aos cotovelos, a meio de um pudim, acontece sempre uma de duas coisas: ou me dá uma comichão maluca no nariz, e não passo sem o coçar, ou alguém bate à porta. É o senhor Boldwood a pedir para vê-la, menina Everdene.

Sendo a indumentária de uma senhora parte integrante da sua compostura, e a mais pequena desordem na primeira denunciadora de uma falha ou defeito na segunda, Bathsheba apressou-se a dizer:

— Não posso vê-lo neste estado. Que hei de fazer?

Como «não está em casa» não era uma resposta natural nas quintas de Weatherbury, Liddy sugeriu:

— Diga-lhe que está coberta de pó e que não pode descer.

— Sim, é uma bela justificação — interveio a Sr.ª Coggan, com ironia.

— Diga-lhe que não posso vê-lo. Isso basta.

A Sr.ª Coggan desceu ao piso de baixo e deu a resposta que lhe fora indicada, acrescentando, porém, à sua responsabilidade:

— A menina está a limpar o pó das garrafas, *sir*, e não é tarefa fácil. É disso que se trata.

— Ah, muito bem — volveu a voz grave, com indiferença. — Eu só queria perguntar se tiveram alguma notícia de Fanny Robin?

— Nada, senhor. Mas talvez tenhamos esta noite. William Smallbury foi a Casterbridge, onde vive o homem dela, como se supõe, e os outros andam à sua procura um pouco por toda a parte.

De novo, ouviu-se o cavalo, que agora partia em retirada, e o som da porta a fechar-se.

— Quem é o senhor Boldwood? — perguntou Bathsheba.

— Um fidalgo rural de Little Weatherbury.

— Casado?

— Não, menina.

— Que idade tem?

— Quarenta, diria eu... muito jeitoso... um pouco carrancudo... e rico.

— Que maçada este pó! Estou sempre metida num assado qualquer — queixou-se Bathsheba. — Por que razão veio saber de Fanny?

— Oh, porque, como a pobre criança não tinha ninguém, ele tomou conta dela, pô-la na escola e arranjou-lhe lugar na casa do seu tio. É um bom homem, nesse sentido, mas valha-me Deus...

— O quê?

— Nunca houve cavalheiro tão desesperante para uma mulher! Já lhe fizeram a corte de mil e uma maneiras e feitios... todas as raparigas, amáveis e modestas, num raio de quilómetros, já tentaram a sua sorte. Jane Perkins andou atrás dele durante dois meses, como uma escrava, e as duas meninas Taylor passaram um ano no seu encalço. A filha do lavrador Ives perdeu noites e noites a chorar, e mais vinte libras em roupa nova; Cristo, mais valia ter lançado o dinheiro pela janela.

Um rapazinho apareceu nesse momento e espreitou para dentro. Esta

criança era um dos Coggans, que, tal como os Smallburys, eram uma família tão numerosa na região como são os rios que dão pelo nome de Avon ou Derwent. Tinha sempre um dente a abanar, ou um corte num dedo, para mostrar aos seus amigos mais íntimos, e fazia-o com a altivez de quem fora elevado a um patamar superior ao da vulgar multidão que de nada sofria. Depois, esperava que as pessoas respondessem com um «pobre criança!», acrescentando à pena uma pitada de admiração.

— Tenho uma mo-e-da! — anunciou o Sr. Coggan, com um ar perscrutador.

— E quem foi que ta deu, Teddy? — indagou Liddy.

— O se-nhorr Bold-wood! Deu-ma pra eu abrir o portão.

— O que foi que ele te disse?

— Ele disse: «Onde vais, rapazinho?», e eu disse: «A casa da menina Everdene», e ele disse: «Ela é uma mulher antiquada, não é, rapazinho?», e eu disse: «É.»

— Seu diabinho! Porque é que disseste isso?

— Porqu'ele deu-me uma moeda!

— Que aborrecimento que é tudo isto — observou Bathsheba, descontente, depois de a criança sair. — Sai, Maryann, volta para o teu esfregão, ou vai fazer outra coisa qualquer! Por esta altura, já devias estar casada e não aqui, a importunar-me!

— Sim, senhora, é verdade. Mas, entre os homens pobres qu'eu não aceito e os ricos que não me querem, aqui estou eu como um pelicano no deserto[39]!

— Já teve algum pretendente, menina? — ousou Liddy, quando ficaram de novo sozinhas. — Um monte deles, atrevo-me a dizer?

Bathsheba hesitou, como se recusasse dar uma resposta, mas a tentação de dizer que sim, podendo fazê-lo, era irresistível na virgindade com aspirações, apesar do seu desagrado por terem sugerido que era velha.

— Um homem quis casar-se comigo uma vez — explicou, num tom de grande experiência, e a imagem de Gabriel Oak, como lavrador, ergueu-se diante dela.

— Como deve ter sido agradável! — comentou Liddy, com as feições

paralisadas numa imagem interior. — E a menina não o quis?

— Ele não estava bem à minha altura.

— Que maravilha poder desdenhar, quando a maior parte de nós se contentaria em dizer «obrigada!». Até parece que estou a ouvi-la: «Não, senhor, eu sou-lhe superior», ou então: «Beije os meus pés, senhor; o meu rosto está reservado para bocas mais dignas.» E a menina amava-o?

— Oh, não! Mas apreciava-o bastante.

— E ainda aprecia?

— Claro que não... Que passos são estes que ouço?

Liddy olhou pela janela que dava para o pátio das traseiras, onde as cores se atenuavam e diluíam com a chegada do primeiro véu do crepúsculo. Uma fila sinuosa de homens aproximava-se da porta. Este cordão de indivíduos avançava com a mais perfeita harmonia de intenção, como essas extraordinárias criaturas conhecidas pelo nome de salpas, que, autónomas noutros aspetos, possuem uma vontade comum a toda a família. Alguns traziam, como era hábito, alvos camisões de cotim, outros, blusas acastanhadas de linho cru — decoradas nos pulsos, peito, costas e mangas com um bordado em favo de mel. Duas ou três mulheres de tamancos seguiam na cauda.

— Os filisteus[40] vêm sobre nós — afirmou Liddy, cujo nariz embranquecera de o esmagar contra a vidraça.

— Ah, muito bem. Maryann, vai lá abaixo e recebe-os na cozinha, enquanto eu me preparo. Depois, leva-os para o salão, até junto de mim.

CAPÍTULO DEZ

A Patroa e os Homens

Meia hora mais tarde, Bathsheba, devidamente trajada e seguida de Liddy, entrou no velho salão. Os seus homens já se tinham instalado em dois bancos, um corrido e outro com espaldar alto, na ponta mais baixa daquela divisão. Bathsheba sentou-se a uma mesa e abriu o livro de registos, de pena na mão, com um saco de lona ao seu lado. Deste, verteu um pequeno monte de moedas. Liddy escolheu um lugar à sua beira e pôs-se a coser. Por vezes, fazia uma pausa para olhar em redor, ou, dando-se ares de privilegiada, tirava um meio soberano do monte e contemplava-o como a um mero objeto artístico, disciplinando o semblante de forma a não trair qualquer desejo de possuir aquele dinheiro.

— Meus senhores — disse Bathsheba —, tenho dois assuntos de que quero falar-vos antes de começarmos. O primeiro é que o maioral foi dispensado por motivo de furto. Tomei a decisão de não ter mais nenhum e de gerir a quinta com a minha própria cabeça.

Os homens deixaram escapar um audível arquejo de espanto.

— O outro assunto é a Fanny: têm notícias?

— Nada, minha s'nhora.

— Fizeram alguma coisa?

— Eu encontrei-me com o lavrador Boldwood — disse Jacob Smallbury — e fui com ele e mais dois dos seus homens dragar a lagoa de Newmill, mas não encontrámos nada.

— E o novo pastor foi à Cabeça de Veado, em Yalbury, pensando que ela tinha ido pra lá, mas ninguém a viu — disse Laban Tall.

— William Smallbury não foi a Casterbridge?

— Foi sim, s'nhora, mas ainda não voltou. Prometeu estar de volta às seis.

— Falta um quarto para as seis — assinalou Bathsheba, olhando para o relógio. — Não deverá tardar. Ora bem... — Consultou o livro. — Está aí o Joseph Poorgrass?

— Sim, senhor... s’nhora, perdão — disse a pessoa interpelada. — Eu respondo plo nome de Poorgrass.

— E quem é você?

— Nada, aos meus próprios olhos. Aos olhos dos outros... enfim, não digo; mas o que pensa o mundo acabará por saber-se.

— Que cargo desempenha na quinta?

— Eu de-desempenho carregamentos o ano inteiro e, nas sementeiras, mato as gralhas e os pardais e ajudo na matança do porco, *sir*.

— Quanto recebe?

— Nove xelins, nove dinheiros, e um bom meio dinheiro no lugar de um mau, *sir*... s’nhora, perdão.

— Correto. E aqui tem mais dez xelins, um pequeno presente, por me ter estreado hoje na tarefa.

Bathsheba corou ligeiramente perante a ideia de ser generosa em público, e Henery Fray, que se erguera na direção da cadeira dela, arqueou as sobrancelhas e levantou os dedos para manifestar o seu espanto de forma contida.

— E a si, o homem ao canto, quanto lhe devo? Como se chama? — prosseguiu Bathsheba.

— Matthew Moon, s’nhora — respondeu um singular cabide humano, que seguia vagamente em frente, na direção tomada pelos dedos dos seus pés, oscilando para o lado que calhasse.

— Matthew Mark, foi o que disse? Fale mais alto, não vou fazer-lhe mal — inquiriu a jovem lavradora, com benevolência.

— Matthew Moon, patroa — corrigiu Henery Fray, atrás da cadeira dela, ponto de que se fora acercando.

— Matthew Moon — murmurou Bathsheba, virando os olhos vivos para o livro. — Dez xelins e dois dinheiros e meio é, pelo que aqui vejo, a soma que lhe foi atribuída?

— Sim, senhorita — respondeu Matthew, como o sussurro do vento a levar as folhas mortas.

— Aqui tem, e mais dez xelins. Quem se segue? Andrew Randle. Disseram-me que era novo aqui. Por que razão saiu da quinta onde trabalhava?

— Po-po-por fa-fa-fa-vor, s’nhora. Po-po-por fa-fa-fa-vor, s’nhora... por

favor, s’nhora, por favor, s...

— É gago, patroa — esclareceu Henery Fray, numa voz sussurrada —, e eles mandaram-no embora porque, da única vez que falou direito, disse ao fidalgo qu’a alma dele só a ele pertencia, e outras malevolências. Sabe praguejar tão bem como eu ou a senhora, mas não junta duas palavras pra salvar a vida.

— Andrew Randle, aqui tem. Pode acabar de agradecer-me daqui a um dia ou dois. Temperance Miller... Ah, e aqui está outra, Soberness... São ambas mulheres, certo?

— Sim, s’nhora. Acho que somos nós — responderam, esganiçadas, em uníssono.

— O que têm feito?

— Cuidamos da debulhadora, entrançamos os feixes de feno, dizemos «xô!» aos galos e às galinhas quando se chegam às sementes, e plantamos *Early Flourballs* e *Thompson’s Wonderfuls*[41] com uma sachola.

— Estou a ver. São competentes estas mulheres? — indagou, em voz baixa, a Henery Fray.

— Oh, senhora... não me pergunte a mim! São mulheres fáceis... um par de pecadoras com’eu nunca vi! — gemeu Henery, em voz baixa.

— Sente-se.

— Quem, senhora?

— Sente-se.

Ao ver o trato seco de Bathsheba, e Henery a recuar para um canto, Joseph Poorgrass, ao fundo, estremeceu, ficando de lábios secos pelo medo de alguma terrível retaliação.

— O próximo. Laban Tall, vai continuar a trabalhar para mim?

— Pra si ou pra quem quer que me pague bem, s’nhora — respondeu o jovem casado.

— Verdade, um homem tem de viver! — interveio uma mulher lá atrás, que acabara de entrar, a bater com os tamancos.

— Quem é aquela mulher? — perguntou Bathsheba.

— Sou a sua esposa legítima! — acrescentou a mesma voz, com grande veemência de gestos e tom. Esta senhora dizia ter vinte e cinco anos, parecia ter trinta, passava por trinta e cinco e tinha, em boa

verdade, quarenta. Era uma mulher que nunca mostrava em público, como acontece com algumas recém-casadas, ternura conjugal, talvez porque não tinha nenhuma para mostrar.

— Ah, é você? — replicou Bathsheba. — Bem, Laban, vai ficar?

— ‘Tá claro que vai ficar, minha s’nhora! — volveu a língua afiada da esposa legítima de Laban.

— Bem, ele tem boca para falar, imagino.

— Valha-me Deus que não tem, senhora! É um simples instrumento. Vai servindo, mas é um pobre mortal desasado — replicou a mulher.

— Eh, eh, eh! — riu o homem casado, num repugnante esforço de aprovação, pois, à semelhança de um candidato parlamentar na tribuna, aguentava de bom humor as mais sinistras humilhações.

Os nomes que restavam foram chamados da mesma maneira.

— Bem, penso que terminámos — declarou Bathsheba, fechando o livro e afastando da cara uma mecha solta de cabelo. — William Smallbury já regressou?

— Não, s’nhora.

— O novo pastor vai precisar d’um ajudante — sugeriu Henery Fray, procurando recuperar a dianteira por via de uma aproximação furtiva da cadeira dela.

— Ah, e vai tê-lo. Quem poderia ser?

— O jovem Cain[42] Ball é um ótimo rapaz — disse Henery — e, o pastor Oak não se importará com a sua tenra idade? — acrescentou, virando-se e fazendo um sorriso apologético ao pastor, que acabara de entrar em cena e se encostara à ombreira da porta, de braços cruzados.

— Não, não me importo — disse Gabriel.

— Como é que Cain ganhou este nome? — perguntou Bathsheba.

— Ah, ‘tá a ver, s’nhora, é que a pobre mãe do rapaz, não sendo uma mulher versada nas Escrituras, cometeu um erro no seu batismo. Pensando que tinha sido Abel a matar Caim, chamou-lhe Caim, quando queria chamar-lhe Abel. O sacerdote tentou emendar, mas já veio tarde, pois o nome nunca mais foi esquecido na paróquia. É um ‘fortúnio prò rapaz.

— É, de facto, um infortúnio.

— Sim. No entanto, a gente amacia as coisas como pode e chama-lhe

Cainzinho. Ah, pobre viúva! Chorou as pedras da calçada à conta disso. Foi criada por uma mãe e um pai muito rudes, que nunca a levaram à igreja ou à escola, e vê-se bem, s'nhora, como os pecados dos pais acabam por visitar os filhos[43].

Dizendo isto, o Sr. Fray pôs aquele ar moderadamente melancólico que convém quando as pessoas envolvidas no dito infortúnio não pertencem à nossa própria família.

— Muito bem, Cainzinho Ball será ajudante do pastor. E o senhor, compreende bem em que consistem os seus deveres? Estou a referir-me a si, Gabriel Oak?

— Muito bem, obrigado, menina Everdene — volveu o pastor Oak, da ombreira da porta. — O que não souber, pergunto.

Oak estava abismado com a frieza com que ela o tratara. Era certo que ninguém sem um conhecimento prévio da situação teria sonhado que ele e aquela elegante mulher alguma vez haviam sido mais do que dois desconhecidos. Talvez os ares que ela se dava fossem o resultado inevitável dessa ascensão social que a catapultara de uma quinta modesta para a grande mansão de uma herdade. O caso não é desconhecido nas altas esferas. Quando, nos escritos de poetas mais recentes, se diz que Júpiter e a sua família se mudaram dos estreitos aposentos no monte Olimpo para a vastidão do céu acima dele[44], nota-se bem no modo como falam o correspondente agravamento em arrogância e solenidade.

Ouviu-se passos no corredor, e eram de uma qualidade que privilegiava o peso e a contenção, em detrimento da velocidade.

(Todos.)

— Eis Billy Smallbury chegado de Casterbridge.

— E que notícias nos traz? — perguntou Bathsheba, enquanto William, plantando-se no meio do salão, tirava um lenço de dentro do chapéu e limpava a testa desde o centro até às suas pontas mais distantes.

— Eu teria vindo mais cedo, menina — disse ele —, não fora o mau tempo. — Bateu firmemente com um pé no chão e, depois, com o outro, e quem olhasse para baixo ver-lhe-ia as botas cobertas de neve.

— Já neva, não é? — comentou Henery.

— Bem, e quanto a Fanny? — insistiu Bathsheba.

— Minha s'nhora, falando sem rodeios, ela fugiu com os soldados — replicou William.

— Não! Não uma rapariga ajuizada como Fanny!

— Deixe-me contar-lhe tudo o que sei: quando cheguei ao quartel de Casterbridge, eles disseram-me: «O Décimo Primeiro Regimento de Dragões já zarpou e novas tropas chegaram.» O Décimo Primeiro partiu a semana passada para Melchester, e ainda mais além. A ordem de marcha chegou do governo como um ladrão na calada da noite[45], como é seu costume, e ainda mal o sabiam já os homens do Décimo Primeiro se tinham feito à estrada. Diz que passaram por aqui.

Gabriel ouvira com interesse.

— Eu vi-os partir — afirmou.

— Pois — continuou William —, diz qu'iam pla rua fora, de peito inchado, a cantar *The Girl I Left Behind Me*[46], em gloriosas notas de triunfo. As batidas do grande tambor fizeram estremecer os espectadores até ó fundo das suas entranhas, e não havia um olho seco em tod'a cidade, seja no pessoal das tabernas ou nas mulheres sem nome!

— Mas eles não foram para a guerra?

— Não, s'nhora; mas foram tomar o lugar de outros que podem ir, o que anda lá perto. E eu disse cá pra comigo: o rapaz da Fanny era um dos soldados do regimento, e ela foi atrás dele. Aí tem, minha s'nhora, preto no branco.

— Descobriu como se chama o militar?

— Não; ninguém sabia. Creio que era de patente superior a um soldado raso.

— Bem, seja como for, não é provável que se saiba mais esta noite — afirmou Bathsheba. — Mas é melhor que um de vós vá depressa à quinta do lavrador Boldwood, para lhe contar o que sabemos.

Dito isto, levantou-se. Mas, antes de se retirar, dirigiu-lhes algumas palavras, com cativante dignidade, à qual o vestido de luto acrescentava uma sobriedade que o discurso em si não possuía.

— Agora, lembrem-se, têm uma patroa em vez de um patrão. Ainda não conheço os meus poderes ou talentos no ofício da lavoura; mas farei

o meu melhor e, se me servirem bem, assim eu vos servirei. Se houver algum ingrato entre vós (espero que não), que não presuma que eu, por ser mulher, não sei a diferença entre uma boa e uma má ação.

(Todos.)

— Não, s'nhora!

(Liddy.)

— Muito bem dito.

— Já estarei a pé antes de vocês acordarem; e no terreno antes de se levantarem; quando chegarem aos campos, já eu terei tomado o meu pequeno-almoço. Em suma, vou surpreender-vos a todos.

(Todos.)

— Sim, s'nhora!

— Desejo-vos uma boa noite.

(Todos.)

— Boa noite, s'nhora!

O pequeno arconte feminino afastou-se, então, da mesa e saiu do salão num passo imponente, a cauda do seu vestido preto, de seda, arrastando pelo chão alguns restos de palha, que sussurraram. Num enlevo de grandeza, Liddy deslizou atrás de Bathsheba, com uma dignidade mais discreta e não inteiramente desprovida de caricatura. A porta fechou-se atrás delas.

CAPÍTULO ONZE

À Porta do Quartel — Neve — Um Encontro

Em matéria de desolação, nada superava a paisagem de certa guarnição militar, nos arrabaldes de uma cidade muitos quilómetros a norte de Weatherbury, a uma hora adiantada daquele mesmo entardecer nevoso — se é que se pode falar de paisagem quando o principal componente é a escuridão.

Era uma dessas noites em que o desgosto pode sobrevir ao mais feliz dos mortais sem que isso seja sentido como uma grande incongruência; em que, nos mais impressionáveis, o amor se torna solicitude, a esperança se afunda no temor e a fé se perde em esperança; em que o exercício da memória não agita o remorso pela oportunidade que a ambição deixou escapar, e o sonho já não incita à obra.

Tudo se passa num caminho público, ladeado à esquerda por um rio. Na outra margem, ergue-se um muro alto. À direita do caminho, há uma extensão de terra, entre o prado e o brejo, que ao longe se reúne a uma vasta e ondulante serrania.

A mudança das estações é menos marcante em lugares desta natureza do que no interior de um cenário florestal. Não obstante, para um observador atento, os sinais são igualmente percetíveis, ainda que se manifestem de formas menos comuns e menos familiares do que os mais conhecidos germinar do botão ou cair da folha. Muitas não serão assim tão secretas e graduais como faria pensar esse entorpecimento que, no geral, caracteriza o pântano ou o baldio. O inverno, ao chegar, avançava por etapas bem definidas, ao longo das quais se podia sucessivamente observar a debandada das serpentes, a transformação dos fetos, o inchar das poças, a formação das neblinas, a emergência do castanho que a geada ocasionava, o colapso dos cogumelos e, por fim, a queda de neve, que tudo cobria.

Nessa noite, chegara ao lameiro a última etapa desta sequência, de modo que, pela primeira vez na estação, os seus relevos eram formas sem contornos; sugerindo tudo, revelando nada, sem outra identidade

que a de constituírem uma fronteira com outra coisa qualquer — a camada inferior de um firmamento de neve. Deste céu apocalíptico saturado de flocos, a várzea e o brejo recebiam agora uma veste suplementar, mas ainda pareciam mais nuas. A imensa abóbada de nuvens pairava, estranhamente baixa, como o teto de uma gruta funda e escura em risco de desabar; pois tudo levava a crer que a neve que forrava os céus e a que formava uma crosta sobre a terra não tardariam a unir-se numa massa única, sem qualquer bolsa de ar pelo meio.

Viramos a nossa atenção para as características do lado esquerdo da paisagem; que eram a horizontalidade no que respeita ao rio, a verticalidade no que respeita ao muro que se erguia atrás dele, e a treva, que ambos devorava. A isto se resumia a cena. Se algo havia mais escuro do que o próprio céu, era aquele muro, e se algo conseguia ser mais sombrio do que o muro, era o rio que corria a seus pés. O topo indistinto da fachada era recortado e protuberante, graças à existência de várias chaminés, e adivinhavam-se vagamente as aberturas esguias das janelas, mas apenas na zona superior. Em baixo, e até à linha da água, nenhuma cavidade ou saliência interrompia a monótona superfície.

Uma sucessão indescritível de estouros abafados, desconcertante na sua regularidade, ressoou com dificuldade no ar fibroso. Era um relógio nas imediações, a soar as dez. Coberto por uma camada de neve de vários centímetros de espessura, o sino perdera um pouco da sua voz.

Então, a neve abrandou: dez flocos caíam agora onde antes tinham caído vinte e não tardou a que apenas um conquistasse o espaço de dez. Pouco depois, uma sombra surgiu no caminho que bordejava o rio.

Da observação atenta da sua silhueta recortada no fundo sem cor, deduzir-se-ia que era pequena. Era tudo o que, em bom rigor, se podia asseverar, embora parecesse uma forma humana.

O vulto avançou devagar, mas sem grande esforço, porque a neve, embora repentina, não tinha mais de meio palmo de profundidade. Nesse momento, algumas palavras foram ditas em voz alta:

— Um. Dois. Três. Quatro. Cinco.

Entre cada uma, o pequeno vulto avançava cerca de dez passos. Era evidente que estava a contar as janelas na parte de cima do muro. «Cinco» representava a quinta janela a partir de uma ponta da parede.

Aqui, a mancha deteve-se e ficou mais pequena. A figura curvara-se.

Depois, um pedaço de neve voou, por cima do rio, na direção da quinta janela. Desfez-se contra a parede vários metros abaixo do seu alvo. O lançamento era uma ideia masculina executada por uma mulher. Nenhum homem que alguma vez tivesse visto um pássaro, um coelho ou um esquilo na sua infância teria lançado aquela bola de neve com uma tão flagrante falta de jeito.

Mais uma tentativa, e outra; até que, aos poucos, a parede foi ficando salpicada de torrões. Por fim, um pedaço atingiu a quinta janela.

À luz do dia, ter-se-ia notado que o rio pertencia a essa família de cursos profundos e lisos, onde a água corre no centro e junto às margens com a mesma fluidez, sendo o mínimo destempo na velocidade de imediato corrigido por um pequeno remoinho. Nada se ouviu em resposta ao sinal, a não ser o gorgolejar de uma dessas espirais invisíveis — juntamente com uma série de ruídos abafados, que seriam gemidos para um homem triste e risos para um homem feliz, e que eram provocados pelo bater das águas contra objetos miúdos noutras partes do percurso.

A janela foi de novo atingida.

Então, um rangido fez-se ouvir, aparentemente produzido pela sua abertura. A este seguiu-se o som de uma voz vinda da mesma zona.

— Quem está aí?

A voz era masculina, e desprovida de espanto. O muro alto era a parede de uma caserna. Como o casamento era visto com maus olhos pelo exército, talvez esta não fosse a primeira entrevista amorosa que tinha lugar à noite, entre as duas margens do rio.

— É o sargento Troy? — indagou, com voz trémula, a mancha esbatida no meio da neve.

Tão próxima era de uma mera sombra sobre a terra, e o seu interlocutor tão fundido no próprio edifício, que seria legítimo dizer que o muro principiara uma conversa com a neve.

— Sim — replicou, desconfiada, uma voz saída das sombras. — Quem és tu, rapariga?

— Oh, Frank, não me reconheces? — disse a mancha. — Sou a tua mulher, Fanny Robin.

— Fanny! — exclamou o muro, com assombro.

— Sim — volveu a rapariga, com um arquejo meio reprimido, de

emoção.

Havia no tom da mulher algo distinto do de uma esposa e, no homem, uma postura que raramente é a do marido. O diálogo prosseguiu:

— Como é que vieste até aqui?

— Perguntei qual era a tua janela. Perdoa-me!

— Não te esperava esta noite. Na verdade, não pensei sequer que viesses. É um acaso teres-me apanhado aqui. Entro ao serviço amanhã.

— Disseste-me que viesse.

— Bem, disse que podias vir.

— Sim, foi o que eu quis dizer. Estás feliz por me ver, Frank?

— Oh, sim. Claro.

— Podes... vir ter comigo?

— Minha querida Fan, que ideia! Já soou o recolher, os portões do quartel estão fechados, e eu não tenho licença. Estamos aqui todos como na cadeia da paróquia até amanhã de manhã.

— Nesse caso, só te verei nessa altura! — disse ela, num tom vacilante, de desilusão.

— Como é que vieste de Weatherbury até aqui?

— Vim a pé, uma parte do caminho, e o resto à boleia em carroças.

— Estou surpreendido.

— Sim, eu também. E, Frank, quando será?

— O quê?

— Aquilo que me prometeste.

— Não me recordo bem.

— Ah, mas tu sabes! Não fales assim. Custa-me horrores. Faz-me dizer o que devia ser dito por ti primeiro.

— Não te rales: di-lo.

— Oh, mas achas que devo? Seja: quando vamos casar, Frank?

— Ah, estou a ver. Bem, tens de ter roupa adequada.

— Eu tenho dinheiro. E será por banhos ou por licença[47]?

— Banhos, penso eu.

— Nós vivemos em paróquias diferentes.

— Vivemos? E daí?

— A minha residência é em St. Mary e esta não. Portanto, terão de ser corridos em ambas.

— É o que diz a lei?

— Sim. Oh, Frank, tenho medo que me julgues atrevida! Não penses assim, meu querido... Eu amo-te tanto. E tu disseste-me tantas vezes que te casavas comigo, e... e... eu... eu...

— Não chores agora! É um disparate. Se eu disse que o fazia, é claro que farei.

— Devo correr os banhos na minha paróquia, e tu farás o mesmo na tua?

— Sim.

— Amanhã?

— Amanhã não. Assentaremos daqui a uns dias.

— Tens a permissão dos oficiais?

— Não, ainda não.

— Como não? Disseste que já a tinhas quase, antes de partires de Casterbridge.

— A verdade é que me esqueci de perguntar. E a tua vinda é tão repentina e inesperada...

— Sim, sim, é verdade. Foi um erro da minha parte vir importunar-te. Vou-me já embora. Vens ter comigo amanhã, à casa da senhora Twills, na North Street? Não me agrada vir até à caserna. Há mulheres de má vida a rondar e tomam-me por uma delas.

— Nem mais. Eu vou ter contigo, minha querida. Boa noite.

— Boa noite, Frank. Boa noite.

E ouviu-se, de novo, o ruído da janela a fechar-se. A pequena mancha afastou-se. Ao passar pela esquina, uma exclamação abafada foi ouvida do lado de dentro do muro.

— Oh, oh, sargento, oh!

Seguiu-se um protesto, mas era quase inaudível; e perdeu-se no meio de uma suave cascata de gargalhadas, que mal se distinguia do gorgolejar dos pequenos remoinhos cá fora.

CAPÍTULO DOZE

Os Lavradores — A Regra — A Exceção

A primeira evidência pública de que Bathsheba decidira ser uma lavradora em nome próprio e sem mais mandatários foi a sua aparição no dia do mercado dos grãos em Casterbridge.

O recinto, de pé-direito baixo, ainda que amplo, sustido por vigas e pilares, e recentemente promovido a Bolsa de Cereais, estava apinhado de homens animados que falavam uns com os outros em grupos de dois e três. Aquele que, no momento, se pronunciava mirava de soslaio os rostos dos seus interlocutores, rematando o argumento com um ligeiro piscar do olho. A grande maioria levava nas mãos um galho de freixo, que tanto lhe servia de bordão, como para espicaçar porcos, ovelhas, vizinhos que estivessem de costas viradas e, no geral, coisas que fossem encontrando pelo caminho e cuja quietude lhes sugerisse estarem a precisar desse tratamento. No decurso das conversas, cada um sujeitava o seu galho a uma grande panóplia de usos — dobrando-o à volta das costas, formando um arco entre as mãos ou nele apoiando um peso excessivo, até a sua forma alcançar um quase semicírculo; ou talvez fosse enfiado à pressa por baixo do braço, quando se puxava do saco da amostra e um punhado de grãos era vertido na palma da mão, o qual, após apreciação, se lançava para o chão. Esta sequência de gestos era bem conhecida de uma meia dúzia de galináceos da cidade que, como era hábito, já se tinham esgueirado para dentro do edifício, aguardando, de pescoço alçado e olhar oblíquo, que se cumprissem as suas expectativas.

No meio destes robustos proprietários rurais, uma figura feminina deslizava, única representante do seu sexo que aquele recinto conhecia. Vinha vestida com gosto e até com um certo requinte. No meio deles, movia-se como um cabriolé entre carroças, era ouvida como se ouve uma história de amor depois de um sermão, e sentida como uma brisa junto de fornalhas. Fora necessário alguma determinação — muito mais do que inicialmente ela imaginara — para reclamar o seu lugar ali e, mal

fizera a sua entrada, todo o diálogo rústico cessara, todos os rostos, ou quase todos, se tinham virado na sua direção, e os que nem precisaram de virar-se fixaram-se nela com rigidez.

Bathsheba só conhecia pessoalmente dois ou três lavradores, e fora deles que se aproximara. No entanto, se queria ser essa mulher pragmática que tencionava mostrar ao mundo, teria de mostrar-se e levar a cabo o negócio, quer conhecesse ou não os seus parceiros, e, ao fim de algum tempo, ganhou confiança bastante para interpelar homens de que só ouvira falar e responder-lhes sem timidez. Bathsheba também tinha os seus sacos de amostra e, aos poucos, conseguiu reproduzir o gesto profissional de os verter para a mão — segurando-os na sua palma estreita para melhor os inspecionar, de acordo com o preceito de Casterbridge.

Quando um homem alto veio ao seu encontro e ela ergueu o rosto para debater uma questão com ele, entreabrindo os lábios em jeito de desafio, algo no arco perfeito da sua fileira de dentes superiores — e nas comissuras impertinentes da sua boca vermelha — sugeriu que existia naquele grácil vislumbre de humanidade promessa suficiente para uma inquietante vertigem, e ampla ousadia para nela se lançar. Contudo, havia uma doçura no seu olhar — uma incessante doçura — que o teria tornado nebuloso caso os seus olhos não fossem negros. Assim sendo, suavizava-lhe a expressão do rosto que, podendo ser acutilante, se tornava apenas inequívoca.

Coisa estranha numa mulher na flor da idade e na plenitude das suas forças, Bathsheba permitia sempre aos seus interlocutores que concluíssem os seus argumentos antes de lhes propor os dela. Ao discutir preços, defendia os próprios firmemente, como qualquer vendedor que se preze, e reduzia os dos outros com persistência, como era inevitável numa mulher. Mas havia uma indulgência na sua firmeza que lhe retirava a obstinação, e uma candura no regateio que a salvava da mesquinhez.

Os lavradores com quem não tinha negócios (de longe, a maioria) não paravam de perguntar entre si: «Quem é ela?» E a resposta era:

— É a sobrinha do lavrador Everdene; que assumiu a Quinta de Cima de Weatherbury; dispensou o maioral, e jura que fará tudo sozinha.

O outro homem abanava, então, a cabeça.

— Sim, é pena que seja tão casmurra — acrescentava o primeiro. — Mas devíamos ter orgulho em vê-la por aqui. Ela dá luz a este velho edifício. É tão bem feitinha, porém, que não tarda será colhida.

Seria deselegante sugerir que a novidade da sua presença naquele lugar contribuía tanto para o magnetismo exercido por Bathsheba como a beleza do seu rosto ou a graça dos seus gestos. No entanto, conseguira despertar o interesse geral, e este *début* no fórum desse sábado, o que quer que significasse para a sua condição de lavradora e comerciante, fora um triunfo inquestionável para ela enquanto mulher. Aliás, a sensação era tão palpável que, por duas ou três vezes, o instinto ditara-lhe apenas que caminhasse como uma rainha no meio daqueles deuses em pousio, como faria a irmã mais nova de um Júpiter menino, e negligenciasse por completo o apuramento dos preços.

As inúmeras evidências do seu poder de atração ganhavam ainda maior relevo por haver uma exceção. Nestes casos, as mulheres parecem ter olhos na nuca. E Bathsheba, sem olhar diretamente para o seu alvo, estava consciente da existência de uma ovelha negra no seio do rebanho.

Primeiro, isto confundiu-a. Se tivesse havido uma minoria respeitável de ambos os lados, o caso teria sido pacífico. Se ninguém lhe tivesse prestado atenção, ela teria registado o facto com indiferença — são coisas que acontecem. Se todos os presentes, incluindo aquele homem, a tivessem admirado, ela teria achado perfeitamente natural — já acontecera antes. Era a singularidade da exceção que fazia o mistério.

Não tardou a deduzir muito da aparência do dissidente. Tinha o porte de um cavalheiro, com feições romanas, cheias e bem definidas, que brilhavam à luz do sol com um rico matiz de bronze. Era vertical na postura e sereno no gesto. Uma característica adiantava-se a todas as outras — a dignidade.

Já devia ter passado há algum tempo essa fronteira da meia-idade em que o aspeto de um homem cessa espontaneamente de alterar-se durante uma dúzia de anos; e, artificialmente, o da mulher também. Tanto podia ter trinta e cinco como cinquenta anos — ou qualquer idade entre estas compreendida.

Pode dizer-se que, aos quarenta, os homens casados já se sentem dispostos a deitar olhares generosos às belezas triviais que se

atravessam no seu caminho. Sem dúvida, como acontece às pessoas que brincam com os sentimentos, a consciência de uma certa imunidade que lhes permitiria evitar o pior desfecho — o de terem de pagar — suscita-lhes especulações indevidas. Bathsheba estava convencida de que aquele homem impassível não era casado.

Quando o mercado acabou, apressou-se a juntar-se a Liddy, que a esperava ao lado do cabriolé amarelo em que tinham vindo à cidade. O cavalo fora arreado e partiram a trote. O saco de açúcar, o chá e os embrulhos de panos e roupa tinham sido arrumados atrás, sugerindo, de uma maneira inefável, pela cor, forma e disposição geral, que eram propriedade daquela jovem lavradora, e já não do grossista que as vendera.

— Já lá fui, Liddy, e está feito. Não me importo de voltar, porque já todos se terão acostumado à minha presença; mas, esta manhã, foi tão difícil como se eu fosse uma noiva: tantos olhos postos em mim!

— Eu sabia que ia ser assim — observou Liddy. — Os homens são danados para se porem a olhar para uma mulher.

— Mas houve um que teve o bom senso de não desperdiçar o seu tempo comigo.

A informação foi dada desta forma para que Liddy não pensasse, por um instante que fosse, que a sua senhora estava melindrada.

— Um homem muito bem-parecido — prosseguiu —, sério, na casa dos quarenta, penso eu. Fazes alguma ideia de quem possa ser?

Liddy não se lembrava de ninguém.

— Não estás mesmo a ver quem seja? — repetiu Bathsheba, com alguma desilusão.

— Não tenho ideia; em todo o caso, que diferença faz, se ele olhou menos para si do que qualquer um dos outros? Teria sido importante se tivesse acontecido o contrário.

Bathsheba sofria nesse momento do sentimento inverso, e o cabriolé seguiu viagem, célere, em silêncio. Uma carruagem baixa, que avançava ainda mais depressa, puxada por um cavalo puro-sangue, alcançou-as e ultrapassou-as.

— Ora, é ele que ali vai! — declarou.

Liddy espreitou para ver.

— Aquele? Mas é o lavrador Boldwood... tenho a certeza de que é... o

homem que a senhora não pôde receber no outro dia, quando ele veio visitá-la.

— Ah, o lavrador Boldwood — murmurou Bathsheba, olhando para ele no momento em que o cavalheiro lhes passava à frente.

O lavrador nem virou a cabeça. De olhos postos no fundo da estrada, passou tão distraidamente como se Bathsheba e os seus encantos fossem invisíveis.

— É um homem interessante, não achas? — assinalou.

— Oh, sim, muito. Toda a gente o diz — replicou Liddy.

— Pergunto-me porque será que é tão alheado e indiferente. Parece tão distante de tudo o que vê à sua volta...

— Diz-se por aí, embora não seja certo, que sofreu uma amarga desilusão na sua alegre juventude. Uma mulher deixou-o.

— As pessoas dizem sempre a mesma coisa, e nós sabemos muito bem que as mulheres raramente deixam os homens; são eles que nos deixam. Espero que a reserva seja apenas um traço da sua personalidade.

— Apenas um traço da sua personalidade... Espero que sim, menina... E nada mais.

— Mas é mais romântico pensar que foi tratado com crueldade, o pobre! Talvez o tenha sido, no fim de contas!

— Não há qualquer dúvida. Ah, isso é que ele foi, menina! Sinto-o!

— No entanto, temos muita tendência para ter opiniões definitivas a respeito dos outros. Não me admirava nada que tivesse sido uma mistura de ambas as coisas, a medida certa entre ter sido vítima e ser um homem reservado.

— Menina, não sou capaz. Sei lá eu pensar em medidas certas!

— É, porém, o mais provável.

— Sim, concordo. Estou convencida de que é o mais provável. Pode acreditar no que eu lhe digo, menina, é isso que se passa com ele.

CAPÍTULO TREZE

Sortes Sanctorum[48] — O Cartão de São Valentim

Era a tarde de domingo na quinta, no dia 13 de fevereiro. Findo o jantar, Bathsheba, à falta de melhor companhia, tinha pedido a Liddy que viesse sentar-se ao seu lado. A mansão decrépita era sinistra no inverno, antes de se acenderem as velas e fecharem as portadas; e a atmosfera do lugar parecia tão antiga como as suas velhas paredes. Cada escaninho atrás dos móveis possuía uma temperatura própria, porque a lareira não era acesa logo pela manhã naquela parte da casa. O piano novo de Bathsheba, que já era velho noutros anais, parecia manco naquele chão desigual, até a noite estender a sua sombra sobre os seus ângulos menos salientes e esconder-lhe as deformidades. Liddy, como um regato pouco fundo, estava sempre em movimento; e a sua presença não tinha a densidade que sobrecarrega o pensamento, ainda que fosse suficiente para exercitá-lo.

Sobre a mesa, estava pousada uma velha Bíblia in-quarto, encadernada a couro. Olhando para ela, disse:

— A menina alguma vez descobriu com quem se ia casar usando a Bíblia e a chave[49]?

— Não sejas tonta, Liddy. Como se pudesse ser.

— Há verdade nisto, quer se queira quer não.

— Tolices, rapariga.

— E verá se não lhe põe o coração a bater. Há quem acredite; e há quem não acredite. Eu acredito.

— Muito bem, vamos tentar — disse Bathsheba, saltando do seu assento com esse total desrespeito pela coerência que é permitido revelar perante um subordinado, e entrando de imediato no espírito da adivinhação. — Vai buscar-me a chave da porta da rua.

Liddy foi buscá-la.

— Oxalá não fosse domingo — disse, ao regressar. — Talvez seja errado.

— O que está certo nos dias da semana, está certo aos domingos — retorquiu a sua senhora, num tom que não admitia contestação.

O livro foi aberto — as folhas, que a idade tornara pardas, tinham sido gastas pelas repetidas leituras de versículos com o auxílio dos indicadores de leitores inexperientes. Outros tempos, em que os dedos se moviam ao longo da linha para ajudar à visão. Bathsheba procurou esse versículo especial no Livro de Rute[50] e as palavras sublimes vieram ao seu encontro. Costumavam provocar-lhe um ligeiro arrepio e, ao mesmo tempo, um desconcerto. Era a Sabedoria em abstrato a enfrentar a Loucura no concreto. A Loucura no concreto corou, persistiu na sua intenção, e pousou a chave em cima do livro. Uma mancha de ferrugem, ali mesmo sobre o versículo, causada pela pressão prévia de matéria ferrosa, disse-lhe que esta não era a primeira vez que o velho volume tinha sido usado com esse propósito.

— Agora, mantém-te quieta, e não fales — afirmou.

O versículo foi repetido; o livro rodou; Bathsheba corou, sentindo-se culpada.

— Em quem estava a pensar? — perguntou Liddy, com curiosidade.

— Não to direi.

— Reparou no comportamento do senhor Boldwood, na igreja, esta manhã, menina? — prosseguiu Liddy, revelando com esta observação o caminho que tinham levado os seus pensamentos.

— Na verdade, não — respondeu Bathsheba, com tranquila indiferença.

— O banco onde ele se senta é mesmo à frente do seu, menina.

— Eu sei.

— E não viu o que ele estava a fazer?

— Claro que não vi, já te disse.

Liddy recolheu-se e cerrou os lábios de forma ostensiva. Esta atitude era inesperada e igualmente desconcertante.

— O que foi que ele fez? — inquiriu Bathsheba, forçada.

— Não virou a cabeça para olhar para si uma única vez durante todo o culto.

— E por que razão o faria? — volveu a sua senhora, com um ar melindrado. — Não lhe pedi que o fizesse.

— Oh, não! Mas todas as outras pessoas estavam a olhar para si; e foi estranho que ele não olhasse. Aí tem, é mesmo típico do senhor Boldwood. Rico, distinto, que lhe importa a ele?

Bathsheba refugiou-se num silêncio que pretendia sugerir que tinha opiniões sobre o assunto demasiado complexas para o entendimento de Liddy, e não que não lhe ocorria nada para dizer.

— Valha-me Deus, quase esquecia o cartão de São Valentim que comprei ontem! — exclamou, por fim.

— Um cartão de São Valentim! Para quem, menina? — perguntou Liddy. — Para o lavrador Boldwood?

Era o único nome, de todos os nomes possíveis, que nesse instante parecia a Bathsheba menos errado do que os outros.

— Bem, não. É apenas para o pequeno Teddy Coggan. Prometi-lhe uma coisa, e isto vai ser uma bela surpresa para ele. Liddy, podes trazer-me a minha escrivaninha, para que eu possa enviar-lho de imediato.

Bathsheba tirou da sua escrivaninha uma bela imagem in-oitavo, magnificamente iluminada e gravada em relevo, que fora comprada, no dia de mercado, ao principal papeleiro de Casterbridge. No centro, havia um pequeno espaço oval deixado em branco, para que o remetente pudesse acrescentar-lhe palavras ternas, mais apropriadas à ocasião do que qualquer banalidade previamente impressa poderia ser.

— Aqui está um sítio onde se pode escrever — disse Bathsheba. — O que devo pôr?

— Uma coisa deste género, a meu ver — retorquiu Liddy, muito pronta:

A rosa é vermelha,
A violeta azul,
O cravo é doce,
E assim és tu.

— Aí está. É isso mesmo. Adequa-se mesmo bem à criança gorducha que ele é — disse Bathsheba.

Numa caligrafia estreita mas legível, introduziu as palavras; depois, guardou o cartão num envelope e mergulhou a pena no tinteiro, para escrever o endereço.

— Que divertido seria enviá-lo ao velho e bronco Boldwood e vê-lo

cismar! — sugeriu a irreprimível Liddy, arqueando as sobrancelhas e entregando-se a uma pavorosa hilaridade ante o assombro que lhe suscitava a magnitude moral e social do homem ali contemplado.

Bathsheba deteve-se para apreciar todos os aspetos desta sugestão. A imagem de Boldwood começara a atormentá-la — ele era uma espécie de Daniel[51] no reino dela, que insistia em ajoelhar-se virado para oriente quando a razão e o senso comum ditavam que mais valia fazer o mesmo que os outros e dispensar-lhe a esmola desse olhar oficial de admiração que não lhe custaria dinheiro nenhum. Ela não atribuía uma verdadeira importância a esta inconformidade. No entanto, era ligeiramente deprimente que o homem mais digno e valioso da paróquia se negasse a olhar para ela, e que uma rapariga como Liddy até comentasse o caso. Portanto, a ideia que esta tivera era, num primeiro momento, mais irritante do que mordaz.

— Não, não farei tal coisa. Ele não acharia graça.

— Ficaria mortinho de medo — persistiu Liddy.

— Na verdade, também não tenho um gosto especial em enviá-lo a Teddy — assinalou a senhora. — É muito travesso, por vezes.

— Sim... é verdade.

— Vamos lançar a moeda ao ar, como fazem os homens — propôs Bathsheba, distraidamente. — Ora bem, cara, Boldwood; coroa, Teddy. Não, não podemos lançar a moeda ao ar num domingo. Seria mesmo tentar o Diabo.

— Lance este livro de cânticos; nisso não pode haver pecado, menina.

— Muito bem. Aberto, Boldwood; fechado, Teddy. Não; é mais provável que caia aberto. Aberto, Teddy; fechado, Boldwood.

O livro deu duas voltas no ar e caiu fechado.

Reprimindo um pequeno bocejo, Bathsheba pegou na pena e, com distraído improviso, dirigiu o cartão a Boldwood.

— Agora, acende uma vela, Liddy. Que selo vamos usar? Aqui temos a cabeça de um unicórnio... não tem qualquer significado. E isto, o que é? Duas pombas... não. Devia ser algo fora do comum, não achas, Liddy? Tenho aqui um com um pequeno dizer... lembro-me que é um dizer engraçado, mas não consigo lê-lo. Vamos experimentar este e, se

não servir, poremos outro.

Um grande lacre vermelho foi devidamente afixado. Bathsheba olhou com atenção para a cera quente, tentando decifrar as palavras.

— Perfeito! — exclamou, pousando a carta com malícia. — Tiraria o juízo a um reverendo, e a um sacristão também.

Liddy olhou para as palavras no lacre e leu:

CASA-TE COMIGO.

Nessa mesma tarde, a carta foi enviada e, ainda nessa noite, foi distribuída no posto dos correios de Casterbridge, sendo devolvida a Weatherbury na manhã seguinte.

Que modo tão displicente e irrefletido de empreender tal ato! Do espetáculo dos amores alheios, Bathsheba tinha um razoável conhecimento; mas, por experiência própria, nada sabia.

CAPÍTULO CATORZE

Efeito da Carta — O Nascer do Sol

Ao entardecer, no dia de São Valentim, Boldwood sentou-se para jantar, como era seu hábito, à beira de um fogo vivo de achas envelhecidas. Em cima da lareira, à sua frente, havia um relógio, coroado por uma águia de asas abertas. Sobre as asas da águia, jazia a carta que Bathsheba lhe tinha enviado. Aqui, o olhar do homem solteiro não cessava de fixar-se, ao ponto de o grande lacre vermelho se tornar uma mancha de sangue na sua retina. Enquanto comia e bebia, relia silenciosamente as palavras ali escritas, ainda que estivessem demasiado longe para conseguir vê-las:

CASA-TE COMIGO.

A atrevida injunção era como essas substâncias cristalinas que, não possuindo cor própria, assumem o tom dos objetos que as rodeiam. Ali, na quietude do salão, onde tudo o que não possuía um caráter sério e grave se encontrava deslocado, e onde reinava a atmosfera de um domingo puritano que se estenderia por toda a semana, o conteúdo da missiva e o seu dito tinham perdido a leveza incauta que estivera na sua origem e assumido essa profunda solenidade que o lugar agora lhes emprestava.

Desde que recebera a carta nessa manhã, Boldwood sentira que a simetria da sua existência principiara lentamente a distorcer-se na direção de uma paixão ideal. Esta perturbação fora para ele o que a primeira planta a flutuar nas águas tinha sido para Colombo — o irrisório sugerindo a possibilidade do infinitamente grande.

A carta devia ter tido uma proveniência e um desígnio. Que este fosse quase inexistente, Boldwood, naturalmente, ignorava. Essa explicação não lhe ocorreria sequer. É alheio à condição de a pessoa iludida dar-se conta, a respeito daquele que a iludiu, que o resultado de uma conduta sugerida pela força das circunstâncias ou nascida de um impulso interior é muitas vezes o mesmo. A grande diferença que existe entre

desencadear uma sequência de acontecimentos ou dar um rumo específico a uma série já desencadeada é raramente percetível para a pessoa colhida nesta perplexidade.

Quando se foi deitar, Boldwood pousou o cartão de São Valentim na moldura do espelho. Estava consciente da sua presença, mesmo quando lhe virava as costas. Era a primeira vez na vida que lhe sucedia tal coisa. O mesmo fascínio que o levava a ver naquele gesto uma intenção deliberada tornava-o cego para a sua impertinência. Olhou de novo na direção da missiva. As misteriosas influências da noite acrescentavam à escrita a presença da sua anónima remetente. A mão de alguém — de uma *mulher* — viajara delicadamente sobre o papel que trazia o nome dele; não revelados, os seus olhos tinham seguido cada curva que a mão ia desenhando; e o rosto dele povoara-lhe a imaginação durante todo o tempo que ela se entregara a esta tarefa. Por que razão o teria escolhido? Os seus lábios — seriam rubros ou pálidos, cheios ou franzidos? — tinham dado forma a uma determinada expressão enquanto a pena deslizava, as comissuras fremindo como lhes era natural: que expressão teria sido a dela?

A imagem da mulher a escrever, que vinha acrescentar-se às palavras escritas, não possuía individualidade própria. Era uma forma diáfana, e assim devia ser, tendo em conta que a sua versão original se encontrava, nesse momento, profundamente adormecida e alheia ao amor e a todas as cartas escritas neste mundo. Sempre que Boldwood dormitava, ela ganhava corpo e deixava de ser uma visão: quando ele acordava, ali estava a carta a justificar o sonho.

A Lua brilhava nessa noite, e a sua luz nada tinha de familiar. A janela do quarto de Boldwood só deixava entrar um pálido reflexo dos seus raios devolvidos pela neve, enchendo-lhe o teto de estranhas cintilações, projetando sombras em lugares inusitados e iluminando recantos por hábito mergulhados na penumbra.

Preocupava-o menos o conteúdo da epístola do que o simples facto de a ter recebido. E interrogou-se, de súbito, se haveria mais alguma coisa dentro do envelope, para além daquilo que dele já retirara. Àquela luz estranha, saltou para fora da cama, pegou na carta, puxou para fora a folha fina, sacudiu o seu invólucro e escrutinou-o. Não estava ali mais nada. Olhou então, como fizera uma centena de vezes no dia anterior,

para o insistente lacre vermelho: «Casa-te comigo», leu, em voz alta.

O austero e reservado proprietário rural tornou a fechar a carta e entalou-a na moldura do espelho. Ao fazê-lo, vislumbrou o seu reflexo, a expressão abatida e o rosto indefinido. Viu como os lábios pareciam crispados e os olhos arregalados e vazios. Inquieto e descontente com o seu próprio desassossego, voltou para a cama.

O dia começou a romper. A força daquela manhã clara não igualava a de um céu enevoado ao meio-dia. Boldwood levantou-se e vestiu-se. Descendo as escadas, saiu de casa e dirigiu-se a uma cancela de um campo a leste, onde se encostou a contemplar a paisagem.

Era um lento nascer do Sol, típico daquela altura do ano. O céu, de um violeta-escuro no zénite, estava plúmbeo a norte e opaco a leste. Aqui, aparentemente suspensa sobre a cumeada — dominando a encosta coberta de neve e o cerrado de ovelhas da Quinta de Cima de Weatherbury —, a metade do Sol que era visível ardia sem luz, como um fogo rubro sem chama a cintilar sobre a pedra branca de uma lareira. A visão assemelhava-se a um pôr do Sol tal como a infância à velhice.

Noutras direções, a neve tornara os campos e o céu tão homogéneos que era difícil num só olhar identificar a linha do horizonte. Por toda a parte, havia essa referida inversão sobrenatural da luz e da sombra, que se apodera de uma paisagem quando a claridade ofuscante do céu é encontrada na terra, e as sombras da terra despontam no céu. A ocidente, pairava uma Lua moribunda, agora baça e de um amarelo-esverdeado, como bronze embaciado.

Boldwood reparou com desinteresse que a geada, endurecendo, polira a superfície da neve, que agora brilhava como mármore à luz vermelha vinda de leste. Em certas zonas da encosta, a erva embranquecida, aprisionada dentro da sua casca de gelo, contorcia-se sob aquele manto pálido e delicado, formando as curvas e espirais do velho vidro veneziano. As peugadas dos raros pássaros que tinham andado a saltitar sobre a neve, quando esta era ainda um suave velocino, gravavam-se agora no chão em efémera permanência.

Um ruído abafado de rodas leves veio arrancá-lo ao devaneio. Boldwood virou-se para trás, para a estrada. Era a carreta do carteiro — um curioso veículo de duas rodas, que mal tinha peso para resistir a um golpe de vento. O condutor estendeu-lhe uma carta. Ele pegou nela e

abriu-a, esperando mais uma mensagem anónima — ou não fosse a ideia que as pessoas têm da probabilidade essa tão pobre noção de que o que já aconteceu se repetirá.

— Não creio que seja para si, senhor — disse o homem, reparando nos seus gestos. — Embora seja anónima, penso que é para o seu pastor.

Boldwood olhou para a morada:

PARA O NOVO PASTOR
QUINTA DE WEATHERBURY,
PERTO DE CASTERBRIDGE.

— Oh, que lapso o meu! Não é para mim. Nem para o meu pastor. É para o pastor da menina Everdene. É melhor ir entregá-la a Gabriel Oak e dizer-lhe que a abri por engano.

Nesse momento, um vulto apareceu na cumeeira, recortado contra o céu ardente, como o pavio queimado no meio da chama de uma vela. Começou, então, a mover-se e a atarefar-se energicamente, transportando estranhos esqueletos quadrados que eram atravessados pelos mesmos raios de sol. Uma pequena figura de quatro patas seguia-o para todo o lado. O vulto maior era o de Gabriel Oak; o mais pequeno o de *George*; os artigos em trânsito eram cercas.

— Espere — disse Boldwood. — É ele ali em cima, na colina. Eu próprio lhe levarei a carta.

Para Boldwood, já não se tratava apenas de uma carta destinada a um outro homem. Era uma oportunidade. Levando no rosto um mundo de intenções, atravessou o campo nevado.

Nesse instante, Gabriel descia a colina pela direita. O sol estendia-se agora nessa direção e tocou no telhado distante da casa de malte de Warren — para onde o pastor parecia dirigir-se. Boldwood seguiu-o à distância.

CAPÍTULO QUINZE

Um Encontro Matinal — A Carta de novo

A luz escarlate e alaranjada à porta da casa de malte não penetrava no seu interior — iluminado, como de costume, por um fulgor rival de idêntico matiz, que se escapava da boca do forno.

Depois de se ter deitado todo vestido durante algumas horas, o fabricante de malte estava agora sentado a uma mesa de galo, a tomar um pequeno-almoço de pão e toucinho. Este comia-o ele segundo o sistema sem prato, colocando uma fatia de pão em cima da mesa, o toucinho sobre o pão, uma camada de mostarda no topo do toucinho e uma pitada de sal no cimo de tudo. Depois, cortava o pitéu na vertical, com um canivete largo, até a lâmina bater na madeira. Por fim, empalava os pedaços cortados na faca e levava-os à boca.

A falta de dentes não parecia diminuir de forma significativa os poderes de trituração do fabricante de malte. Já não os tinha há tanto tempo que não sentia a perda como um defeito, pois ganhara duras gengivas. Na verdade, parecia aproximar-se da sepultura do mesmo modo que uma curva hiperbólica se aproxima da sua assímptota — de forma cada vez menos direta, até não ser certo que alguma vez chegue ao seu destino.

No borralho, havia uma pilha de batatas a assar e um púcaro onde fervia uma espécie de pão carbonizado, a que se chamava «café», para oferecer a quem ali aparecesse, uma vez que a casa de Warren era uma espécie de clube, frequentado em alternativa à hospedaria.

— Ouçam o que vos digo, vamos ter um belo dia e, à noite, vem a nortada — ouviu-se, de súbito, na casa de malte, cuja porta se abrira instantes antes.

Henery Fray avançou para junto do fogo, parando a meio caminho para sacudir a neve das botas. Esta entrada e o seu comentário não constituíam, para o anfitrião, uma saudação imprópria, já que era costume na vizinhança dispensar-se tais preliminares. Gozando da mesma latitude, o velho homem não se apressou a responder. Pescou

antes um pedaço de queijo, com a ponta do seu canivete, como faz o talhante com os seus espetos.

Henery apareceu com um sobretudo puído de casimira, abotoado sobre o camisão, cujas saias se viam um palmo abaixo da cauda do casaco, coisa que tinha o seu ar natural, e até elegante, para quem já se habituara ao estilo do traje. Era claramente confortável.

Matthew Moon, Joseph Poorgrass e outros carreteiros e carroceiros entraram a seguir, com grandes lanternas a balouçar-lhes nas mãos, sinal de que acabavam de chegar das estrebarias, onde tinham estado atarefados desde as quatro da manhã.

— E como passará ela sem um maioral? — indagou o fabricante de malte. Henery abanou a cabeça e fez um dos seus sorrisos amargos, franzindo toda a pele da testa numa prega ao centro.

— Vai arrepender-se, é mais que certo! — replicou. — Benjy Pennyways não era um homem de palavra, nem um maioral honesto. Era um traidor, um Judas Iscariotes. Mas imaginar qu'ela se safa sozinha! — Abanou a cabeça três ou quatro vezes, em silêncio. — Nunca na vida. Nunca!

Todos reconheceram nesta frase a conclusão de algum funesto discurso que lhe fluíra no pensamento enquanto ele abanava a cabeça. Henery ainda não se desfizera dos sinais de desespero que lhe marcavam o rosto, com isso sugerindo que voltaria a servir-se deles quando retomasse a palavra.

— É a ruína dela, e a nossa também, tão certo com'haver sempre carne nas casas da fidalguia! — afirmou Mark Clark.

— Uma telhuda, eis o que ela é. E não dá ouvidos a um conselho que seja. O orgulho e a vaidade já arruinaram muitos cães de sapateiro. Valha-me Deus, só de pensar nisso até fico triste como uma mulher a dar à luz[52]!

— É verdade, Henery, eu bem o ouvi — disse Joseph Poorgrass, numa voz segura e com um sorriso cerrado, de comiseração.

— Todo o homem gostava de ter o qu'ela tem por baixo da touca — observou Billy Smallbury, que acabara de entrar, exibindo o seu único dente. — Sabe usar as palavras e lá deve ter a sua lógica. Não sei se m'entendem?

— Sim, sim. Mas, de maioral, nada. E eu mereço esse lugar — gemeu Henery, com um ar de génio desperdiçado, perdido em visões de um destino superior que pareciam projetar-se no camisão de Billy Smallbury. — Enfim, era o que me ‘tava destinado. A cada um a sua sorte, e as Escrituras de nada nos valem; pois quem faz o bem não é recompensado pla sua boa obra, mas sim roubado na sua recompensa pla mais ínfima mesquinhez.

— Não, não; com isso não concordo eu — replicou Mark Clark. — Deus é um cavalheiro nessa matéria.

— Boas obras, bom pagamento, por assim dizer — confirmou Joseph Poorgrass.

Fez-se silêncio e, como num *entr’acte*, Henery foi apagar as velas, que a luz do dia tornara desnecessárias, mesmo no interior da casa de malte, que só tinha uma vidraça.

— Pergunto-me porque precisa uma lavradora dum cravo, dum saltério e dum piano, ou lá o que lhe chamam? — comentou o fabricante de malte. — Liddy disse qu’ela tinha comprado um novo.

— Comprou um piano?

— Ah, pois. Parece que as coisas do tio não lhe serviam. E comprou tudo de novo. Tem cadeiras grandes pròs anafados, e umas mais pequenas e delgadas para os magros; e diz que tem relógios grandes pra pôr em cima das lareiras.

— E quadros, por certo com belas molduras.

— E bancos corridos, feitos de crina de cavalo, pròs borrachos, com travesseiros de crina em cada ponta — disse o Sr. Clark. — Assim como espelhos pròs formosos e livros de falsidades pròs perversos.

Ouvia-se agora lá fora o som de um andar firme e pesado; a porta abriu-se uma nesga, e alguém do outro lado exclamou:

— Vizinhos, tendes espaço para uns cordeiros recém-nascidos?

— Com certeza, pastor — respondeu o conclave.

A porta foi lançada para trás até bater na parede, estremecendo de cima a baixo com a força do choque. E, na entrada, apareceu o Sr. Oak, afogueado, com palha à volta dos tornozelos para se proteger da neve, e uma faixa de couro à cintura, por cima do camisão. Era a encarnação da saúde e do vigor neste mundo. Sobre os ombros, trazia quatro cordeiros às avessas, e o cão *George*, que Gabriel fora buscar a Norcombe,

seguia-o num passo solene.

— Então, pastor Oak, como vão as parições este ano, se é que posso perguntar? — inquiriu Joseph Poorgrass.

— Uma lástima — respondeu Oak. — Nas duas últimas semanas, encharquei-me da cabeça aos pés duas vezes ao dia; quando não é da chuva, é da neve. Cain e eu não pregámos olho esta noite.

— Muitos pares de gémeos, ouvi dizer?

— De mais. Sim, é um ano bizarro para as ovelhas. Não vamos acabar antes da Anunciação.

— E pensar que, no ano passado, estava tudo pronto no segundo domingo antes da Quaresma — assinalou Joseph.

— Traz os que falta, Cain — disse Gabriel —, e, a seguir, foge para junto das ovelhas que eu já lá vou ter.

Cain Ball — um rapazinho de cara alegre, com um pequeno orifício circular a fazer de boca — avançou com mais dois cordeiros, que ali depositou, antes de partir como lhe fora ordenado. Oak fez descer os cordeiros dos seus ombros, onde se achavam em posição muito pouco natural, embrulhou-os no feno e deitou-os à beira do fogo.

— Não temos aqui um abrigo de cordeiros como eu tinha em Norcombe — explicou — e é cá uma praga levar os mais frágeis até casa... Se não fosse a sua, homem do malte, não sei o que faria com este tempo infernal. E como vai isso, hoje?

— Ora, nem doente nem triste, pastor; mas cá mais novo também não.

— É certo... compreendo.

— Sente-se aí, pastor Oak — volveu o venerável anfitrião. — E que tal ia a velha Norcombe, quando lá foi buscar o seu cão? Como eu gostava de rever esse velho lugar da minha juventude, mas, cá pra mim, já não ia reconhecer vivalma.

— É possível. Houve mudanças.

— É verdade que a velha fábrica de sidra de Dicky Hill, aquela em madeira, foi demolida?

— Ah, sim, há anos! E a choupana de Dicky, mesmo por cima.

— É pá, não posso crer!

— Olarila! E a velha macieira de Tompkins, a que lhe dava, sozinha, duas barricas de licor? Arrancaram-na.

— Arrancaram-na? Não me diga! Ah! Tempos conturbados estes em que vivemos. Tempos conturbados.

— E lembra-se do velho poço que havia bem no meio do terreno? Agora, é uma robusta bomba de água, toda em ferro, com uma grande bacia de pedra e tudo.

— Deus Nosso Senhor! Como mud'a face do mundo e o que 'tamos destinados a ver! O mesmo se passa aqui. 'Inda agora se 'teve a falar das estranhas proezas da patroa.

— Que dizem dela? — inquiriu Oak, já a ferver, virando-se para os outros de rompante.

— Estes senhores de meia-idade andaram a gabar-lhe o orgulho e a vaidade — respondeu Mark Clark —, mas eu cá digo: deem-lhe rédea solta. Louvada seja a sua carinha laroca, quem me dera abençoar-lhe aqueles lábios de cereja! — E, ilustrando, o galante Mark Clark produziu um chilreio eloquente com os dele.

— Mark — atalhou Gabriel, com um vozeirão —, lembre-se bem disto: nada desses gracejos, desses beijinhos e abraços, a respeito da menina Everdene. Não o consentirei. Ouviu?

— Com as duas orelhas, pois não tenho alternativa — replicou o Sr. Clark, cordial.

— Imagino que tenha falado mal dela? — lançou Oak, virando-se para Joseph Poorgrass, com um olhar fulminante.

— Não, não... Nem uma palavra, eu... é uma verdadeira dádiva qu'ela não seja pior, foi isso qu'eu disse — defendeu-se Joseph, tremendo e corando de terror. — Matthew acabou de dizer...

— Sim, Matthew Moon, que dizia vossemecê? — perguntou Oak.

— Eu? Ora, o pastor sabe qu'eu não faria mal a uma mosca... nem a um moscardo eu faria mal — retorquiu Matthew Moon, assaz inquieto.

— Bem, alguém o fez. E reparem bem nisto, companheiros.

Embora fosse um dos homens mais calmos e mais doces do mundo, Gabriel ergueu-se à altura das circunstâncias, com uma rapidez e um vigor quase marciais.

— Isto é o meu punho.

E ali o pousou, exatamente no centro da mesa de galo do fabricante de malte, um punho que não era grande, pois não chegava ao tamanho de um pão de mesa. Mas, com ele, deu um murro ou dois no tampo,

para se assegurar de que todos aqueles olhares se tinham sintonizado com a sua mão, antes de retomar o discurso.

— E agora ouçam bem: o primeiro homem da paróquia que eu ouvir a dizer mal da nossa patroa (levantou o punho e deixou-o cair, como faria Tor[53] a experimentar o seu martelo) vai cheirar e provar disto, tão certo como eu não ser holandês.

As feições dos homens ali reunidos mostravam que eles não tinham o mais pequeno interesse na Holanda e que deploravam o rumo que a conversa tomara, dando azo àquela imagem. Mark Clark gritou:

— Ora ouçam! Não é o que eu vos dizia?

O cão, *George*, olhara para cima no momento em que o pastor fizera a sua ameaça e, embora percebesse mal o inglês, desatou a rosnar.

— Não s'ofenda, pastor, e sente-se! — disse Henery, num tom de suplicante apaziguamento, como não havia igual em toda a cristandade.

— Já ouvimos dizer que vossemecê é um homem de grande bondade e esperteza, pastor — afirmou Joseph Poorgrass, num alvoroço, depois de se refugiar atrás do catre do fabricante de malte. — E deve ser uma grande coisa ser-se esperto, tenho a certeza — acrescentou, fazendo gestos que lhe vinham mais da alma do que do corpo. — Nós bem gostávamos de ser assim, não é, companheiros?

— Ah, lá isso gostávamos — concordou Matthew Moon, dando uma risadinha aflita na direção de Oak, para mostrar também ele a sua boa vontade.

— Quem vos disse que eu sou esperto? — perguntou Oak.

— Andam a soprá-lo aos quatro ventos — respondeu Matthew. — Ouvimos dizer que vossemecê consegue ver as horas tão bem plas estrelas como nós plo Sol ou pla Lua, pastor.

— Sim, lá me arranjo — volveu Gabriel, pouco entusiasmado com o caso.

— E que sabe fazer relógios de sol e escrever o nome das pessoas nas suas carroças quase com letras de imprensa, lindamente floreadas e com aquelas caudas compridas. É uma grande sorte ser-se tão esperto, pastor. Antes de vossemecê aqui chegar, era Joseph Poorgrass quem escrevia as letras nas carroças do lavrador Everdene. E nunca acertava c'o lado pra onde devia virar os J e os E, pois não, ó Joseph? — Joseph

abanou a cabeça, indicando quão absoluto era o facto de não o conseguir. — E fazias as letras assim, do avesso, não era, ó Joseph? — Com o cabo da sua chibata, Mark desenhou as letras no chão poeirento:

SEMAJ

— E o lavrador James punha-se a praguejar e a chamar-lhe nomes feios, não era, ó Joseph? Quando via o nome dele assim virado ó contrário? — continuou Matthew Moon, com fervor.

— Sim, é verdade — confirmou humildemente Joseph. — Mas, sabe, a culpa também não é toda minha, porque não é nada fácil um homem lembrar-se s'os diabos dos J e E 'tão virados prà frente ou pra trás; e eu cá nunca tive boa memória.

— É uma maçada no seu caso, homem, que já tem água pla barba.

— É mesmo; mas dou graças à Providência que não seja 'inda pior. Quanto ao pastor, digo que a patroa o devia ter feito maioral. É um homem a jeito da função.

— Devo reconhecer que estava à espera disso — comentou Oak, com sinceridade. — Na verdade, tinha esperanças de que ela mo desse a mim. Por outro lado, a menina Everdene tem todo o direito de ser o seu próprio maioral, se assim o decidir. E de me manter como pastor e nada mais.

Oak respirou fundo devagar, olhou com tristeza para o borralho ardente e parecia perdido em pensamentos que não deviam muito à esperança.

O calor vivo do fogo começava agora a incitar os cordeiros moribundos a balir, e a agitar os membros no meio do feno, reconhecendo, pela primeira vez, que já tinham vindo ao mundo. O ruído cresceu até formar um coro, e Oak achou por bem puxar o púcaro de leite de junto do fogo. Tirando um pequeno bule do bolso do camisão, encheu-o de leite morno e ensinou os animais desasados, que não iam ser devolvidos às mães, a beberem da pequena biqueira — um saber que adquiriram com espantosa rapidez.

— Ouvi dizer qu'ela nem o deixa ficar com as peles das ovelhas mortas? — acrescentou Joseph Poorgrass, os seus olhos demorando-se nos gestos de Oak com necessária melancolia.

— Não — confirmou Gabriel.

— ‘Tá a ser mal tratado, pastor — arriscou Joseph, na esperança de fazer de Oak um aliado na lamentação. — Cá pra mim, ela tomou-o de ponta, é isso qu’eu penso.

— Oh, não, nem pensar — retorquiu Gabriel, à pressa, e um suspiro, que a privação das peles de ovelha não teria suscitado, escapou-se-lhe dos lábios.

Antes que se fizesse mais alguma observação, uma sombra preencheu a moldura da porta. Boldwood entrou na casa de malte e, a cada um dos homens, dispensou um aceno que ficava a meio caminho entre a estima e a condescendência.

— Ah! Oak, bem me parecia que estava aqui — disse ele. — Cruzei-me com a carreta do carteiro há dez minutos, e puseram-me uma carta nas mãos, que eu li sem verificar a morada. Creio que é para si. Terá de desculpar o acidente.

— Não se preocupe com isso, senhor Boldwood! — atalhou Gabriel. Não tinha na vida qualquer correspondente, e não havia uma única carta que lhe fosse endereçada cujo conteúdo a paróquia inteira não pudesse ter espreitado. Afastando-se para o lado, leu a seguinte missiva, escrita numa caligrafia desconhecida:

ESTIMADO AMIGO,

Não sei o seu nome, mas creio que estas escassas linhas lhe chegarão às mãos. Escrevi-as para lhe agradecer a bondade que teve para comigo, na noite em que parti de Weatherbury de uma forma imprevidente. Também lhe devolvo o dinheiro que lhe devo, que me perdoará não ter guardado como se me tivesse sido oferecido. Tudo terminou bem, e é com felicidade que lhe anuncio que me vou casar com o jovem que já me faz a corte há algum tempo — o sargento Troy, do 11.º Regimento de Dragões, agora aquartelado nesta cidade. Ele teria, eu sei, objetado a que eu recebesse fosse o que fosse a não ser na qualidade de empréstimo, sendo um homem respeitável e de grande honra — na verdade, um nobre de sangue.

Ficar-lhe-ia muito grata se, por agora, pudesse manter o conteúdo desta carta em segredo, meu querido amigo. Queríamos fazer a surpresa a Weatherbury de aparecer daqui a nada como marido e mulher, embora eu core só de pensar que estou a dar a notícia, em primeira mão, a um quase desconhecido. O sargento cresceu em Weatherbury. Agradeço-lhe de novo a sua bondade.

Com os meus sinceros votos de felicidade,

FANNY ROBIN

— O senhor já leu a carta, senhor Boldwood? — perguntou Gabriel. —

Se não leu, é melhor que a leia. Sei que está interessado em saber de Fanny Robin.

Boldwood leu a missiva e fez um ar pesaroso.

— Fanny... Pobre Fanny! O evento de que está tão confiante ainda não se concretizou, ela devia sabê-lo, e pode nunca vir a concretizar-se. Vejo que não indica nenhuma morada...

— Que género de homem é esse sargento Troy? — volveu Gabriel.

— Hum! Receio que não seja daqueles em quem se possa depositar grandes esperanças, na presente situação — murmurou o lavrador —, embora seja um rapaz astuto e com talento para qualquer mister. Conta-se, a respeito da sua família, uma pequena história sentimental. A mãe era uma governanta francesa e dizem que havia uma ligação secreta entre ela e o falecido lorde Severn. A mulher casou-se com um pobre médico e, pouco tempo depois, nasceu um bebé. Enquanto houve dinheiro, tudo correu bem. Infelizmente, para o rapaz, morreram-lhe um dia os seus melhores amigos; ele arranjou uma posição como segundo-escrevente de um advogado, em Casterbridge. Ficou por lá algum tempo, e até podia ter ascendido a um cargo digno, não fora o caso de lhe ter vindo à ideia a loucura de alistar-se. Duvido muito que a pequena Fanny nos vá surpreender, como diz. Duvido mesmo muito. Que tonta! Que tonta!

Pela segunda vez, a porta abriu-se bruscamente, e a correr entrou Cain Ball, esbaforido. Abrindo a boca vermelha, a lembrar o bocal de uma corneta de brinquedo, tossiu com violência, deformando o rosto.

— Cain Ball — disse Oak, num tom severo —, por que razão vens a correr dessa maneira, ao ponto de ficares sem fôlego? Estou sempre a falar-te disso.

— Oh... Eu... Um sopro... foi... prò... lado errado, por favor, senhor Oak, e fez-me tossir... *cof*... *cof!*

— Bem, o que vieste aqui fazer?

— Vim a correr pra lhe dizer — replicou o ajudante do pastor, apoiando o corpo exausto na ombreira da porta — que tem de vir já. Nasceram mais dois pares de gémeos. É esse o problema, senhor Oak.

— Ah, então é isso — volveu Oak, levantando-se de um salto e esquecendo, por ora, Fanny. — Foste um bom rapaz por vir a correr contar-me, Cain, e um destes dias ainda vais cheirar uma grande fatia de

pudim de ameixa. Mas, antes de irmos, traz-me a lata do pez para marcar este lote e despachar isto.

Oak tirou dos seus bolsos sem fundo um ferro de marcar, mergulhou-o no alcatrão e gravou nas nádegas dos cordeiros as iniciais da mulher em quem se comprazia a pensar: «B. E.» Isto anunciava a toda a região que, dali em diante, os cordeiros pertenciam à lavradora Bathsheba Everdene e a mais ninguém.

— E agora, Cain, põe aos ombros os teus dois e vamos. Passe um bom dia, senhor Boldwood.

O pastor ergueu as dezasseis compridas patas e os quatro pequenos corpos que ele próprio tinha trazido e desapareceu com eles na direção do campo das parições — agora luzidios e ressuscitados, os cordeiros já nem pareciam as criaturas semimortas de há meia hora.

Boldwood subiu com ele uma parte da encosta e, depois, hesitou e arrepiou caminho. Mas o seu derradeiro impulso foi voltar a segui-lo, destruindo a hipótese de regresso. Ao aproximar-se do recanto onde fora construído o redil, o lavrador pegou na sua carteira, abriu-a e manteve-a aberta na palma da mão. Ali, estava uma carta — a de Bathsheba.

— Queria perguntar-lhe, Oak — disse ele, com uma falsa indiferença —, se sabe a quem pertence esta caligrafia?

Gabriel olhou de relance para a carta e respondeu instantaneamente, corando:

— À menina Everdene.

Tinha corado apenas por dizer o nome dela. Mas, agora, uma nova ideia trazia-lhe uma estranha inquietude: a carta apenas podia ser anónima, ou a pergunta não teria sido necessária.

Boldwood interpretou mal a perturbação do pastor: as pessoas sensíveis estão sempre prontas a dizer «Fui eu», em vez de raciocinarem objetivamente.

— A pergunta era legítima — justificou-se, e havia uma incongruência na seriedade com que discutia um cartão de São Valentim. — Como sabe, já se espera que se façam perguntas nestas ocasiões: é nelas que reside a... diversão.

Se a palavra «diversão» tivesse sido substituída por «tortura», o rosto de Boldwood não teria parecido mais constrangido e aflito.

Afastando-se de Gabriel num passo estugado, o homem discreto e

solitário regressou a casa para almoçar, sentindo vergonha e arrependimento por ter revelado o seu estado de espírito, naquelas perguntas febris, a um homem desconhecido. De novo, pousou a carta sobre a lareira e sentou-se a ponderar as circunstâncias que a rodeavam, à luz da informação fornecida por Oak.

CAPÍTULO DEZASSEIS

Todos os Santos e Todas as Almas

Num dia de semana pela manhã, uma pequena congregação, composta sobretudo por mulheres e raparigas, ergueu-se da sua posição ajoelhada na nave bafienta da Igreja de Todos os Santos, situada nessa cidade distante cujo quartel já foi referido. Era o fim de um ofício sem sermão. Preparavam-se para dispersar, quando o som de um passo decidido, que ressoou no pórtico e na passagem central, as reteve. O eco destes passos fazia-se acompanhar por um tilintar que não era costume ouvir-se no interior do templo; era um tinido de esporas. Todos olharam. Um jovem soldado de cavalaria, em uniforme vermelho, com as três divisas de sargento na manga do dólman, avançou a passos largos pela nave lateral. O seu embaraço tornava-se mais flagrante pelo vigor da passada e pela determinação de não o revelar. Um ligeiro rubor tingiu-lhe as faces ao passar no meio das duas filas de mulheres, mas não abrandou, atravessando o arco do coro e parando apenas ao chegar à grade do altar. Ali, deteve-se um instante, sozinho.

O sacerdote que oficiara e que ainda não despira a sobrepeliz viu o recém-chegado e seguiu-o até ao presbitério. Sussurrou-lhe algo e mandou vir o sacristão, que, por sua vez, subindo os degraus do coro, segredou qualquer coisa a uma mulher mais velha, aparentemente sua esposa.

— É um casamento! — murmuraram algumas devotas, iluminando-se. — Vamos esperar!

A maior parte tornou a sentar-se.

Ouviu-se, então, o ranger de uma engrenagem no fundo da igreja, e algumas das raparigas mais novas viraram a cabeça. Da face interior da parede ocidental da torre, saía agora um pequeno dossel contendo uma figura e um sino em miniatura, que soava os quartos de hora, sendo acionado pelo mesmo mecanismo que fazia funcionar o imponente relógio do campanário. Um guarda-vento separava a igreja da torre, cuja porta era mantida fechada durante os ofícios, para esconder aquela

ridícula geringonça. Nesse momento, porém, a porta estava aberta, e a maior parte dos devotos pôde observar a aparição do boneco, as suas pancadas no sino e o recuo do autómato para dentro do seu nicho, enquanto o som das badaladas enchia a igreja.

O sino soara as onze e meia.

— Onde está a mulher? — sussurraram algumas espectadoras.

O jovem sargento permaneceu imóvel, com a rigidez impossível dos velhos pilares de pedra que o rodeavam. Virado para sudeste, estava tão silencioso quanto hirto.

O silêncio tornou-se cada vez mais palpável, à medida que os minutos foram passando sem que aparecesse vivalma. O estertor do autómato que, de novo, saiu do seu nicho, batendo as onze horas e três quartos e retirando-se com mecânica precisão, foi, desta vez, quase doloroso, fazendo estremecer muitos membros da congregação.

— Mas onde andará a noiva? — tornou a sussurrar a mesma voz.

Já se ouvia esse ligeiro arrastar de pés e o falso tossicar que denunciam o nervosismo da expectativa. Ao fim de algum tempo, alguém deixou escapar um risinho abafado. Mas o soldado nunca se mexeu. Ali se mantinha, com o rosto virado para sudeste, direito como uma coluna, de quépi na mão.

O relógio continuou a dar as horas. As mulheres, aliviando o nervosismo, começaram a bufar e a casquinar. A certa altura, fez-se um silêncio de morte. Todos aguardavam o golpe final. Alguns já terão notado como o anúncio dos quartos de hora parece acelerar a fuga do tempo. E ninguém queria acreditar que o sino não se enganara nos minutos quando o ranger do mecanismo de novo se fez ouvir, o boneco emergiu das sombras e as quatro batidas soaram, aos arrancos, como antes. Parecia agora quase irrefutável que, no rosto da hedionda criatura, havia um olhar malicioso e, no seu tremor mecânico, um prazer cruel. Veio, em seguida, o eco lúgubre e remoto das doze pesadas badaladas no alto do campanário. O mulherio ficou impressionado e, desta vez, não houve risos.

O homem do clero enfiou-se na sacristia e o acólito desapareceu. O sargento ainda não se virara; todas as mulheres na igreja esperavam a oportunidade de lhe ver o rosto, e ele parecia sabê-lo. Por fim, cedeu, e desceu a nave num passo resoluto, desafiando-as a todas, de lábios

cerrados. Dois velhos pedintes, curvados e desdentados, entreolharam-se e riram baixinho, e o riso, se bem que inocente, ressoou naquele lugar com um eco ominoso.

Em frente à igreja havia um largo pavimentado no qual vários edifícios antigos, de madeira, projetavam uma sombra pitoresca. Ao sair da igreja, o soldado atravessou o largo, mas, a meio, cruzou-se com uma pequena mulher. A ansiedade profunda que lhe marcava o rosto tornou-se quase terror quando ela o viu.

— Então? — disse ele, olhando-a fixamente com uma raiva contida.

— Oh, Frank, eu enganei-me! Pensei que aquela igreja com a flecha era a de Todos os Santos, e estava à porta às onze e meia em ponto, como tu me disseste. Esperei até ao meio-dia menos um quarto e descobri que estava na de Todas as Almas. Mas não fiquei muito preocupada, pois pensei que também podia ser amanhã.

— Sua imbecil, enganaste-me! Mas não digas mais.

— Marcamos para amanhã, Frank? — volveu ela, sem emoção.

— Amanhã? — repetiu ele, dando uma gargalhada atroz. — Não me meto noutra tão cedo, garanto-te!

— Mas, enfim — argumentou a rapariga, numa voz trémula —, o erro não foi assim tão grave! Diz-me, querido Frank, quando será?

— Ah, quando? Só Deus sabe! — rematou ele, com uma ponta de ironia. E, virando-lhe as costas, afastou-se rapidamente.

CAPÍTULO DEZASSETE

No Mercado

No sábado seguinte, Boldwood estava no mercado de Casterbridge, como era hábito, quando viu entrar a figura que assombrava os seus sonhos. Adão tinha acordado do seu sono profundo e — olhai! Ali estava Eva. O lavrador ganhou coragem e, pela primeira vez, olhou realmente para ela.

As causas materiais e as suas consequências emocionais nem sempre se conjugam na proporção certa. O resultado da energia investida na produção de um movimento de natureza mental é, por vezes, tão tremendo como a sua origem é absurdamente pequena. Quando as mulheres são reféns de algum inusitado estado de alma, a sua lendária intuição, seja por descuido ou defeito intrínseco, parece omitir-lhes essa verdade, o que explica o espanto de Bathsheba nesse dia.

Boldwood olhou para ela — não com um olhar furtivo, crítico ou entendido, mas com o olhar vazio que lançaria um ceifeiro à passagem de um comboio: um objeto estranho ao seu mundo e apenas vagamente decifrado. Para Boldwood, as mulheres não tinham sido complementos necessários, mas fenómenos na periferia da sua existência — cometas de aspeto, movimento e duração tão incertos que não se sentira na obrigação de os estudar, ignorando se seguiam uma órbita geométrica, imutável e sujeita às mesmas leis que a dele ou se eram absolutamente erráticos como à primeira vista pareciam ser.

Contemplou-lhe o cabelo preto, a curva correta do rosto e do perfil, a redondeza do queixo e do pescoço. E reparou no desenho das suas pálpebras, nos olhos, nas pestanas, no formato das orelhas. Em seguida, estudou a sua silhueta, a saia e até as solas dos sapatos.

Considerava-a bela, mas interrogou-se se estaria certo no seu juízo. Parecia-lhe impossível que aquela encarnação do amor, sendo tão doce como ele a imaginava, pudesse ter passado no meio de todos aqueles homens sem criar mais comoção e suscitar mais curiosidade do que

aquelas que Bathsheba já provocara, ainda que não tivessem sido de pouca monta. Nem a natureza nem a arte poderiam ter acrescentado o que quer que fosse àquela que ele julgava perfeita. O coração começou a despertar-lhe no peito. Recorde-se que Boldwood, embora com quarenta anos, nunca antes observara uma mulher com a força central do seu olhar; elas tinham-lhe aflorado os sentidos na orla da sua visão.

Seria realmente bonita? Nem mesmo agora conseguia estar seguro de que a sua opinião era justa. Furtivamente, perguntou a um vizinho:

— A menina Everdene é considerada bonita?

— Ah, sim! Foi muito notada quando aqui apareceu, se bem se lembra. É uma rapariga muito atraente, não haja dúvida.

Um homem nunca é tão crédulo como quando recebe opiniões favoráveis a respeito da beleza de uma mulher por quem está quase ou completamente apaixonado; a sentença de uma criança tem, nestas circunstâncias, o peso que teria a de um membro da Academia Real. Boldwood ficou satisfeito.

E esta encantadora mulher dissera-lhe: *casa-te comigo*. O que será que a levara a fazer algo tão estranho? A cegueira de Boldwood para a diferença entre aceitar o que sugerem as circunstâncias e inventar o que não sugerem não ficava atrás da insensibilidade de Bathsheba quanto à possibilidade de pequenos começos originarem grandes desfechos.

Nesse momento, ela privava calmamente com um lavrador jovem e elegante, discutindo com ele com a mesma indiferença que teria se o seu rosto fosse a página de um livro-mestre. Era evidente que aquele homem não exercia qualquer fascínio sobre uma mulher como Bathsheba. Mas Boldwood sentiu o sangue ferver até às pontas dos dedos com um ciúme incipiente, pisando pela primeira vez o chão desse «inferno do amante injuriado»[54]. O seu primeiro impulso foi ir meter-se no meio deles. E só havia uma maneira de o fazer: pedindo à jovem mulher uma amostra do seu grão. Boldwood pôs de parte a ideia. Não podia dirigir-lhe esse pedido; era aviltar a beleza fazê-la cair no regateio, e estava em desacordo com a ideia que tinha dela.

Durante todo este tempo, Bathsheba estava consciente de ter conseguido vencer aquele bastião. Os olhos dele, sabia-o, seguiam-na agora para toda a parte. Era um triunfo; e, caso o tivesse conseguido de

forma natural, seria ainda mais gratificante pela demora impertinente com que se fizera esperar. Mas fora a sua malícia que o provocara, e ela apenas lhe dava o valor que se dá a uma flor artificial ou a um fruto de cera.

Dando provas de algum bom senso quando o seu coração não se achava envolvido, Bathsheba arrependeu-se genuinamente de ter perturbado a serenidade de um homem que ela respeitava demasiado para ser um joguete do seu capricho, sobretudo quando este devia tanto a sua existência a Liddy como a ela própria.

Nesse dia, quase firmara a intenção de pedir-lhe desculpa quando se cruzasse com ele da próxima vez. O problema era que, se Boldwood considerasse que ela o ridicularizara, um pedido de desculpas agravaria a ofensa por não ser credível; e, se ele pensasse que ela queria ser cortejada, seria visto como uma prova adicional do seu atrevimento.

CAPÍTULO DEZOITO

Boldwood em Meditação — Arrependimento

Boldwood era rendeiro daquela a que chamavam Pequena Quinta de Weatherbury, e a sua pessoa era o que havia de mais próximo da aristocracia naquele canto perdido da paróquia. Forasteiros requintados, cujo deus era a cidade onde viviam, e que as circunstâncias obrigavam a permanecer um dia naquele ermo, ouviam o som de uma viatura ligeira e rezavam por um vislumbre da alta sociedade, na figura de um lorde solitário ou, pelo menos, de um escudeiro, mas era apenas o Sr. Boldwood a sair de manhã. De novo, o som de uma viatura ligeira fazia-se sentir e a expectativa reanimava-os: era apenas o Sr. Boldwood a regressar a casa à tarde.

A sua residência ficava recuada em relação à estrada, e os estábulos, que são para uma quinta o que a lareira é para uma sala, situavam-se nas traseiras do edifício, onde as partes mais baixas da construção se perdiam no meio dos arbustos de loureiro. Por uma porta azul, aberta pela metade, ver-se-iam nesse momento as garupas e as caudas de meia dúzia de cavalos aquecidos e satisfeitos, de pé nas suas baias. E, assim entrevistos, apresentavam alternâncias de baio e ruão, no volume traseiro em forma de arco mourisco, a cauda definindo uma risca no meio de cada um. O olhar que as procurasse, vindo da luz de fora, não as veria, mas ouvia-se o ruído que as suas bocas faziam, no afã de sustentarem os referidos calor e nediez, com generosas quantidades de aveia e feno. A sombra irrequieta de um potro movia-se numa baia individual, ao fundo, e os sons de uma corda arrastada ou de um pé a bater no chão vinham juntar-se, aqui e ali, aos barulhos incessantes da mastigação coletiva.

Atrás dos animais, subindo e descendo a fila de cocheiras, via-se o lavrador Boldwood. Este lugar era para ele uma esmolaria e um retiro[55]: depois de ter inspecionado a alimentação dos seus dependentes de quatro patas, o celibatário caminhava e entregava-se, pela tarde dentro,

aos seus pensamentos, até os raios do luar atravessarem as vidraças cobertas de teias de aranha ou a escuridão cerrada envolver o espaço.

A sua fisionomia angulosa e vertical via-se melhor agora do que no meio da multidão e do bulício do mercado. Nesta passada meditativa, toda a planta do pé lhe assentava no chão ao mesmo tempo, e a inclinação descendente do seu rosto corado e harmonioso era apenas suficiente para mergulhar na sombra a boca imóvel e o queixo bem desenhado, ainda que proeminente. Apenas algumas linhas horizontais interrompiam a superfície lisa da sua testa alta.

O curso que seguira a vida de Boldwood era trivial, embora a sua natureza não o fosse. A quietude era o traço mais impressionante do seu porte e caráter. Se à primeira vista parecia denunciar uma certa falta de vitalidade, não tardava a revelar-se o equilíbrio perfeito de grandes impulsos contrários — positivos e negativos —, que se contrabalançavam. Perturbado este equilíbrio, logo caía no extremo. Se uma emoção o invadia, ela dominava-o; um sentimento que não o controlasse era porque permanecia latente. Estagnado ou rápido, mas nunca lento, Boldwood seria sempre atingido mortalmente — caso não escapasse intacto.

Para o bem ou para o mal, a leveza ou a incúria não faziam parte da sua constituição. Rígido nas linhas gerais do comportamento, indulgente nos pormenores, era sério de uma ponta à outra. Como não via o lado absurdo da existência, não era companhia desejável junto dos folgazões e dos trocistas — ou desses que em tudo veem exemplos da comicidade da vida —, mas era tolerado pelos mais sisudos e por aqueles que tinham conhecido o sofrimento. Sendo um homem que levava a sério todos os dramas da vida, embora não fosse capaz de agradar quando se tratava de comédias, também não havia frivolidade a apontar-lhe quando terminavam em tragédia.

Bathsheba estava longe de imaginar que essa massa sombria e silenciosa onde tão descuidadamente lançara a sua semente era, na verdade, um viveiro de intensidade tropical. Caso tivesse conhecido os estados de alma de Boldwood, a sua culpa teria sido pavorosa e a mancha sobre o seu coração impossível de erradicar. Mais: se soubesse o poder que, nesse momento, detinha sobre aquele homem, para decidir o seu mal ou o seu bem, Bathsheba teria tremido ante a

responsabilidade. Felizmente para a sua tranquilidade presente, infelizmente para a sua tranquilidade futura, ainda não tinha percebido quem era Boldwood. Ninguém o tinha, na verdade; pois, embora se pudesse adivinhar o seu potencial desgoverno a partir dos sinais quase invisíveis que deixava a inundação, ele nunca fora visto nas marés altas que a tinham originado.

O lavrador Boldwood veio até à porta do estábulo e olhou em frente para a malha plana de cerrados. Para lá do primeiro muro, havia uma sebe que delimitava um prado pertencente à quinta de Bathsheba.

Era o começo da primavera — o tempo de levar as ovelhas a pastar e dar-lhes a provar a primeira erva do ano, antes de os campos serem preparados para a ceifa. O vento leste, que já soprava há semanas, rodara agora para sul, e o meio da primavera chegara de repente — quase sem haver um começo. Era aquele momento da estação vernal em que podemos imaginar as dríades[56] a despertar. O mundo vegetal começa a agitar-se e a inchar, e a seiva sobe, até que no silêncio absoluto dos campos solitários e das florestas intransitáveis, onde a terra parece estéril e hirta depois da clausura e escravidão da geada, surgem bulícios, tensões, uma pressão unida e um erguer conjunto, perante os quais os esforços poderosos das gruas e roldanas de uma cidade ruidosa não passariam de demandas anãs.

Ao olhar para os prados distantes, Boldwood avistou três figuras. Eram as da menina Everdene, do pastor Oak e de Cain Ball.

Quando a silhueta de Bathsheba se acendeu no olhar do lavrador, iluminou-o por dentro como o luar a um campanário. O corpo de um homem é como a concha, ou o livro, da sua alma, seja ele reservado ou franco, exuberante ou contido. E havia uma mudança na aparência de Boldwood: esta tinha perdido a sua velha impassibilidade. Lia-se no seu rosto que ele vivia, pela primeira vez, sem defesas, refém de uma terrível nudez — assim parece ser a experiência do amor vivida pelos mais fortes.

Boldwood chegou a uma conclusão. A de atravessar os campos e saudá-la sem rodeios.

O isolamento que a reserva lhe impusera ao coração, durante tantos anos, sem qualquer tipo de canal por onde libertar o sentimento, tinha

produzido os seus efeitos. Já foi notado mais do que uma vez que as causas do amor são sobretudo subjetivas, e Boldwood era a prova viva da veracidade desta afirmação. Não tinha uma mãe a quem dirigir a devoção, nenhuma irmã que lhe inspirasse ternura, ou uma ligação passageira com quem explorar os sentidos. E nele se acumulara este compósito, que era o amor de um amante genuíno.

Aproximou-se da cancela do prado. Do outro lado, a erva ondulava ao som do vento, no céu cantavam cotovias, e a ambos se juntava o balido suave do rebanho. A senhora e o seu pastor estavam envolvidos na operação de fazer uma ovelha «pegar», que é empreendida sempre que uma mãe perde a sua cria e um dos gémeos de outra lhe é dado em substituição. Gabriel já esfolara o cordeiro morto e estava a amarrar a sua pele ao corpo do anho vivo, como era de preceito, enquanto Bathsheba mantinha aberta a cancela de um pequeno redil de quatro tapumes, para dentro do qual eram empurrados a mãe e o cordeiro que lhe fora impingido, que aí permaneceriam até a velha ovelha ganhar afeto pelo pequeno.

Concluída a manobra, Bathsheba levantou os olhos e viu o lavrador junto da cancela — e, sobre ele, os ramos explosivos de um salgueiro em flor. Gabriel, para quem o rosto dela era como a glória incerta de um dia de abril[57], estava sempre atento às suas mais subtis alterações e reparou de imediato que nele se manifestara uma influência exterior, sob a forma de um rubor demasiado consciente. Virou-se também e encarou Boldwood.

Relacionando estes indícios com a carta que o lavrador lhe mostrara, Gabriel suspeitou logo que ela tivesse iniciado por esse meio algum jogo de sedução, que se prolongara até ali sem ele saber como.

O lavrador Boldwood lera os sinais de que a sua presença fora notada, e sentiu que havia agora demasiada luz virada na sua direção. Ainda estava na estrada e seguiu caminho, esperando que nenhum deles percebesse que fora sua intenção entrar naquele prado. Sentia-se esmagado pela ignorância, pela timidez, pela dúvida. Talvez na postura de Bathsheba se adivinhasse que ela desejava vê-lo — talvez não; ele não sabia decifrar uma mulher. A cabala desta filosofia erótica parecia consistir nos mais subtis significados expressos de forma enganadora.

Cada trejeito, cada olhar, cada palavra e cada entoação encerravam um mistério bem distinto da sua leitura mais óbvia e, até agora, ele nunca se empenhara em tentar compreendê-los.

Quanto a Bathsheba, não se deixara enganar pela manobra do lavrador, que quisera dar-lhe a entender que tinha passado por ali em trabalho ou lazer. Considerou as probabilidades do caso e concluiu que ela própria era responsável pelo seu aparecimento. Perturbava-a muito que uma pequena faísca pudesse ter ateado tamanha chama. Não tinha o intuito de conspirar um casamento, nem era deliberadamente uma mulher frívola para com os sentimentos dos homens. Se um perito na matéria a comparasse a uma namoradeira genuína, admirar-se-ia que Bathsheba pudesse ser tão distinta e, todavia, tão conforme ao que se presume que seja uma namoradeira.

Ela resolveu que nunca mais, fosse com um olhar ou com um gesto, interromperia o curso plácido da vida daquele homem. Mas a decisão de evitar um mal é raras vezes tomada antes de este se ter tornado irreversível.

CAPÍTULO DEZANOVE

A Lavagem das Ovelhas — A Proposta

Boldwood acabou por lhe fazer uma visita. Ela não estava em casa. «Claro que não», murmurou. Ao contemplar Bathsheba como mulher, esquecera-se das exigências da sua posição de lavradora. Tendo uma quinta a seu cargo, como ele próprio, e com um domínio tão vasto como o dele, era provável que estivesse fora de portas naquela estação do ano. Esta e outras distrações de que Boldwood era culpado não destoavam do seu estado de espírito e ainda menos das circunstâncias. Os grandes agentes da idealização amorosa encontravam-se aqui presentes: o facto de a ver apenas ao longe e a ausência de convívio com ela — familiaridade visual e alteridade oral. Os mais pequenos elementos da existência humana eram mantidos longe da vista; as ninharias que tão abundantemente povoam a vida e o fazer comuns desapareciam ante a circunstância de amante e amada não se visitarem; e não ocorreria a Boldwood considerar que as áridas realidades da vida doméstica lhe diziam respeito, ou que ela, como todas as outras, tinha os seus momentos de trivialidade, uma vez que, quanto menos a via, mais a memória a sublimava. Desta forma, um moderado endeusamento teve lugar na sua fantasia, apesar de ela continuar a viver e a respirar nos limites do mesmo horizonte, criatura tão perturbada como ele próprio.

Era o fim do mês de maio quando o lavrador decidiu que não continuaria a ser repelido pela banalidade ou distraído pela expectativa. Já se acostumara, por esta altura, à sua nova condição; a paixão sobressaltava-o menos, ainda que o torturasse mais, e ele sentia-se preparado para lidar com as circunstâncias. Tendo ido procurá-la a casa, fora-lhe dito que ela estava no tanque onde eram lavadas as ovelhas. Foi ao seu encontro.

O dito tanque era uma construção circular perfeita, em alvenaria, no meio dos prados, repleto da água mais límpida. Para um pássaro em voo, a sua superfície espelhada, onde se refletia o céu azul-claro, devia

ser visível num raio de quilómetros — como o olho cintilante de um ciclope[58] no meio de um rosto de verdura. Nessa estação do ano, a erva que crescia nas suas margens era uma visão a recordar por muito tempo — como se recordam as pequenas coisas. O vigor com que absorvia a humidade do torrão denso e alagado era um processo quase visível a olho nu. Em torno deste lameiro plano, a paisagem diversificava-se, dando lugar a pastos redondos e cavados onde, nesse momento, toda a flor que não era um ranúnculo-amarelo era uma margarida. O rio seguia o seu curso, silencioso como uma sombra; o canavial inchado e o carriço formavam uma dúctil paliçada nas suas ribas túrgidas. A norte da campina, havia árvores de folhas muito novas, macias e húmidas. A força do sol e a seca durante o verão ainda não as tinham endurecido e escurecido, e elas pareciam amarelas ao lado do verde — e verdes ao lado do amarelo. Nos recessos deste novelo vegetal, o canto de três cucos ecoava no ar parado.

Boldwood desceu as encostas em meditação, com os olhos fixos nas botas, que o pólen amarelo dos ranúnculos dourara artisticamente. Um afluente do ribeiro principal atravessava o tanque, passando por dois orifícios em lados opostos do seu diâmetro. O pastor Oak, Jan Coggan, Moon, Poorgrass, Cain Ball e outros encontravam-se aqui reunidos, encharcados até à raiz dos cabelos. Bathsheba observava-os de perto, com um novo traje de montar — o mais elegante que alguma vez tinha vestido — e as rédeas enlaçadas no braço. Frascos de sidra rolavam na erva. Imersos até à cintura, junto da comporta de baixo, Coggan e Matthew Moon empurravam as ovelhas mansas para dentro do tanque. Depois, Gabriel, que se posicionara na borda, empurrava-as para debaixo de água quando as apanhava a nadar, com a ajuda de um instrumento semelhante a uma muleta, criado para esse fim, e que também servia para ajudar os animais exaustos quando a lã, ficando saturada, começava a afundá-los. As ovelhas eram libertadas contra a corrente, pela abertura de cima, e todas as impurezas se escapavam por baixo. Cain Ball e Joseph, que executavam esta última operação, estavam, se possível, ainda mais molhados do que os outros. Pareciam golfinhos sob uma fonte e, de cada protuberância ou ângulo da roupa, jorrava um pequeno regato.

Boldwood aproximou-se e desejou-lhe os bons-dias com um ar tão tenso que Bathsheba não podia pensar outra coisa senão que ele só se aproximara do tanque para assistir à lavagem, na esperança de não a encontrar ali. Mais do que isso, achou-o carrancudo e viu desdém no seu olhar. Assim sendo, não tardou a retirar-se e afastou-se ao longo da margem do rio até ficar à distância do lançamento de uma pedra. A dada altura, ouviu passos na erva e teve a impressão de que o amor a cercava, como um perfume. Em vez de se virar ou esperar, Bathsheba avançou ainda mais ao longo dos carriços altos. Boldwood, porém, parecia determinado e seguiu-a até terem passado completamente o cotovelo do rio. Aqui, ninguém os via, mas continuaram a ouvir os salpicos da água e os gritos dos lavadores, mais acima.

— Menina Everdene! — chamou o lavrador.

Ela estremeceu, virou-se e disse:

— Bom dia.

O tom de voz dele era muito distinto do que Bathsheba tinha esperado. Era como se o próprio silêncio se tivesse tornado um som: uma ênfase nos significados mais profundos que não chegava, porém, a concretizar-se numa forma. O silêncio possui, por vezes, o condão de manifestar-se como a alma incorpórea de um sentimento que escapou à sua carcaça. Nestas alturas, chega a ser mais expressivo do que a própria fala. Por isso, dizer pouco é, muitas vezes, dizer mais. E, com duas palavras, Boldwood disse tudo.

Tal como a consciência se expande ao esclarecer que o ruído de uma viatura era, afinal, o ribombar de um trovão, assim se expandiu a de Bathsheba ao ver confirmar-se o que lhe sugerira a intuição.

— Sinto... quase de mais... para conseguir concebê-lo — disse ele, com uma simplicidade solene. — Vim falar-lhe sem preâmbulo. A minha vida já não me pertence desde que a vi com clareza, menina Everdene... Vim pedi-la em casamento.

Bathsheba esforçou-se por não deixar transparecer nenhum sentimento, e o único gesto que se autorizou a fazer foi fechar os lábios, que se achavam entreabertos.

— Tenho quarenta e um anos — prosseguiu ele. — Talvez já me tenham chamado um solteiro inveterado, e eu sou um solteiro inveterado. Nunca me vi como um marido na minha juventude e nunca

ponderei o assunto ao avançar na idade. Mas todos nós somos sujeitos à mudança, e a minha mudança, neste caso, aconteceu ao vê-la a si. Senti nos últimos tempos, com uma intensidade crescente, que a vida que levo neste momento é má sob todos os aspetos. Desejo mais do que tudo que seja minha mulher.

— Creio, senhor Boldwood, que, embora tenha o maior respeito por si, não sinto... o que deveria sentir... para aceitar a sua proposta — balbuciou ela.

Esta devolução da dignidade pareceu abrir as represas do sentimento que, até então, Boldwood conseguira manter fechadas.

— A minha vida, sem si, é um fardo — confessou-lhe ele, numa voz sussurrada. — Quero... quero que me permita dizer que a amo, uma e outra vez!

Bathsheba não disse nada, e a montada que levava pela mão, num aparente sobressalto, olhou para cima em vez de pastar a erva suculenta.

— Creio e espero que goste de mim o suficiente para escutar o que eu tenho para lhe dizer!

O primeiro impulso de Bathsheba ao ouvir isto foi o de perguntar-lhe por que razão pensava ele tal coisa, até se lembrar que, longe de ser uma presunção da parte de Boldwood, este era somente o desfecho natural de uma ponderação séria, assente nas falsas premissas que ela própria lhe estendera.

— Gostava de poder tecer-lhe encómios sedutores — prosseguiu o lavrador, num tom mais solto — e dar uma forma mais aprazível ao meu rude sentimento: mas não tenho o poder nem a paciência de aprender esse género de coisas. Quero-a para minha mulher, tão desesperadamente que mais nenhum sentimento me habita neste momento; mas não o teria declarado se não tivesse sido encorajado.

«De novo o cartão de São Valentim! Meu Deus, o cartão!», disse Bathsheba para si própria, sem dar voz a uma única palavra.

— Se sente que é capaz de me amar, diga-o, menina Everdene. Senão... não me diga que não!

— Senhor Boldwood, custa-me ter de dizer-lhe que estou surpreendida, ao ponto de não saber como responder-lhe com a deferência que lhe é devida... Mas sou capaz de exprimir as minhas

emoções... Isto é, intenções; receio não poder casar-me consigo, por muito que o respeite. Não estou à altura da sua dignidade, *sir*.

— Mas, menina Everdene!

— Eu... Eu não... Eu sei que nunca deveria ter sonhado sequer em enviar-lhe aquele cartão de São Valentim... Perdoe-me, senhor... Foi um gesto gratuito que nenhuma mulher que se dê ao respeito deveria ter. Se me fizer a gentileza de perdoar a minha imprevidência, prometo que nunca mais...

— Não, não, não. Não lhe chame imprevidência! Deixe-me acreditar que foi uma outra coisa, que foi uma espécie de instinto profético, o despertar de um afeto pela minha pessoa. É uma tortura ouvi-la dizer que agiu de forma imprevidente... Nunca pensei nisso a essa luz, e não o tolero! Ah! Oxalá soubesse como conquistá-la! Mas isso não sei eu fazer... Só posso perguntar se já a tenho. Se não for esse o caso, e se foi involuntariamente que veio ter comigo, tal como eu vim ao seu encontro, nada mais direi.

— Eu não me apaixonei por si, senhor Boldwood... Isto, pelo menos, devo dizer-lhe.

Bathsheba permitiu que um pequeno sorriso se insinuasse pela primeira vez no seu rosto, revelando a fileira superior de dentes alvos e os lábios bem desenhados, o que sugeria uma falta de coração, logo negada pela benevolência do olhar.

— Mas faça-me o favor de pensar... de pensar com bondade e complacência... se não conseguiria suportar-me como marido! Temo que me veja como um marido demasiado velho, mas acredite que tomaria melhor conta de si do que muitos homens da sua idade. Protegê-la-ei e estimá-la-ei com todas as minhas forças... Garanto-lhe! Não terá preocupações nesta vida, não se afadigará nas lides domésticas e viverá com grande desafogo, menina Everdene. A supervisão da leitaria será feita por um empregado... eu posso dar-me a esse luxo... e a si caber-lhe-á apenas contemplar a paisagem na altura da ceifa ou pensar no estado do tempo na altura das colheitas. Sou apegado ao cabriolé, porque é o mesmo que os meus pobres pais usavam, mas, se não lhe agradar, vendê-lo-ei, e a menina terá uma carruagem só sua, puxada por um pónei. Não sei dizer-lhe o quanto me parece estar acima de qualquer outra ideia ou objeto nesta terra... Ninguém o sabe... só Deus sabe...

tudo o que significa para mim!

O coração de Bathsheba era jovem e sentiu simpatia pelo homem de grande sentimento que lhe falava com tanta simplicidade.

— Não diga mais! Não diga! Não suporto que o senhor sinta tanto, enquanto eu não sinto nada. E tenho receio de que reparem em nós, senhor Boldwood. Permite-me que façamos uma pausa no tema? Não consigo pensar tranquilamente. Não sabia que o senhor vinha para me dizer isto. Oh, que perversidade a minha tê-lo feito sofrer assim!

Sentia-se assustada e agitada com a veemência dele.

— Diga-me, então, que não recusa em absoluto. Que não recusa completamente?

— Não posso fazer nada. Não posso responder-lhe.

— Posso voltar a falar-lhe do assunto?

— Pode.

— Posso pensar em si?

— Sim, suponho que pode pensar em mim.

— E ter a esperança de conseguir conquistá-la?

— Não... não tenha esperança! Vamos indo.

— Voltarei a visitá-la amanhã.

— Não, por favor, não o faça. Dê-me tempo.

— Sim, dar-lhe-ei o tempo que for preciso — replicou ele, com sinceridade e gratidão. — Estou mais feliz agora.

— Não... suplico-lhe! Não fique mais feliz se a felicidade resultar apenas da minha aceitação. Mantenha-se neutro, senhor Boldwood! Tenho de pensar.

— Esperarei — afirmou.

Bathsheba afastou-se. Boldwood baixou os olhos e fitou o chão. Ficou assim muito tempo, como um homem que já não soubesse bem onde estava. Até que a realidade tornou a invadi-lo, como a dor reacendida de um golpe sofrido num estado de excitação, e então partiu também.

CAPÍTULO VINTE

Perplexidade — Afiando a Cisalha — Um Conflito

«Ele é tão desinteressado e bondoso que me oferece tudo o que eu poderia desejar», refletiu Bathsheba.

No entanto, o lavrador Boldwood, quer fosse bom ou mau, não exercera aqui a sua bondade. As ofertas extraordinárias dos amores mais puros não são feitas senão por autocomplacência, sem ponta de generosidade.

Não estando de modo algum apaixonada por ele, Bathsheba não deixou de contemplar calmamente a proposta que lhe fora feita. Era uma proposta que, nos arredores, muitas mulheres da sua classe, e até algumas de estatuto superior, teriam aceitado com avidez e anunciado com orgulho. De todos os pontos de vista, desde o político ao sentimental, era desejável que ela, uma rapariga solitária, se casasse, e que se casasse com aquele homem sério, rico e respeitado. Boldwood não vivia longe, a sua reputação era suficiente, as suas qualidades chegavam a ser excessivas. Se Bathsheba sentisse — coisa que não acontecia — o mais pequeno desejo pela condição de mulher casada, teria sido insensato da sua parte rejeitá-lo, sendo ela uma mulher que tantas vezes solicitava à razão que a resgatasse da influência do capricho. Enquanto meio de alcançar o casamento, Boldwood era irrepreensível. Ela estimava-o, gostava dele, mas não o queria. Parece que o homem comum procura uma esposa porque não há posse sem casamento, e que a mulher comum aceita ter um marido porque não existe casamento sem posse. Apesar de os fins serem totalmente distintos, o método é o mesmo para ambas as partes. O incentivo apontado no caso da mulher faltava, porém, neste caso. Além disso, a posição que ocupava Bathsheba, senhora absoluta de uma quinta e seu solar, era uma novidade, e a novidade ainda não começara sequer a dissipar-se.

Mas havia algo que a atormentava, e isso era de certa forma meritório, porque poucos se teriam sentido afetados. Para além dos já referidos argumentos com que combatia as suas próprias objeções, possuía a convicção profunda de que, tendo sido ela a iniciar o jogo, devia, por uma questão de honestidade, aceitar as suas consequências. Todavia, a relutância permanecia. Dizia a si própria que seria ingrato não se casar com Boldwood, mas que não poderia fazê-lo se queria salvar a própria vida.

Bathsheba era uma natureza impulsiva sob uma aparência racional. Tinha a mente de uma Isabel e a alma de uma Mary Stuart[59] e, não raro, tomava atitudes de grande temeridade com a máxima discrição. Muitos dos seus pensamentos eram silogismos perfeitos; infelizmente, nunca chegavam a ser mais do que isso. Apenas alguns eram postulados irracionais; mas, por infelicidade, eram estes que amiúde se convertiam em atos.

No dia seguinte à declaração de Boldwood, Bathsheba encontrou Gabriel Oak no fundo do jardim, a afiar a sua cisalha para a tosquia das ovelhas. Nas quintas em redor, decorriam operações da mesma natureza; vindo de todos os cantos, o ruído da fricção, ao amolarem-se as cisalhas, espalhava-se pela aldeia como num armeiro em vésperas de campanha. Na hora dos preparativos, a paz e a guerra confundem-se: foices, gadanhas, cisalhas e podões rivalizam com espadas, baionetas e lanças na sua comum necessidade de ponta e gume.

Cain Ball estava a dar à manivela da pedra de amolar de Gabriel e a sua cabeça executava um vaivém melancólico a cada virar da roda. O pastor achava-se *grosso modo* na mesma posição em que Eros[60] é representado a afiar as suas setas: com o rosto ligeiramente inclinado, o peso do corpo debruçado sobre a cisalha e a cabeça tombada para o lado. Os lábios cerrados e as pálpebras semicerradas completavam o quadro.

A sua patroa aproximou-se e ficou a contemplá-los, em silêncio, durante um minuto ou dois; depois, disse:

— Cain, vai ao prado de baixo e traz-me a égua baia. Eu substituo-te à manivela. Preciso de falar consigo, Gabriel.

Cain deixou-os e Bathsheba deitou mãos à obra. Gabriel levantara os

olhos sem esconder a sua surpresa, reprimira a expressão e voltara a baixá-los. Enquanto ela rodava a manivela, o pastor chegou-lhe a cisalha.

O movimento peculiar de dar à roda possui uma tendência extraordinária para entorpecer a mente. É uma espécie de versão atenuada do castigo de Ixíon[61], tornando-se também um capítulo suplementar na história das torturas prisionais. O cérebro confunde-se, a cabeça fica pesada e o centro de gravidade do corpo parece deslocar-se, aos poucos, para uma espécie de nó de chumbo situado entre as sobrancelhas e o cocuruto. Bathsheba sentiu os desagradáveis sintomas ao fim de duas ou três dúzias de voltas.

— E se trocássemos, Gabriel, e me deixasse ser eu a pegar na cisalha? — perguntou. — Tenho a cabeça a andar à roda e não consigo falar.

Gabriel trocou de lugar. Bathsheba principiou, então, um discurso atabalhoado, interrompendo aqui e ali o fio do pensamento para atender à cisalha, que tinha de ser afiada com alguma delicadeza.

— Queria perguntar-lhe se os homens fizeram algum comentário depois de me verem ir para trás da caniçada com o senhor Boldwood, ontem.

— Sim, fizeram — respondeu Gabriel. — Não está a segurar na cisalha como deve ser. Bem me parecia que não ia saber como se faz. Segure assim.

Oak largou a manivela e, fechando completamente as mãos de Bathsheba nas suas (como se pega na mão de uma criança para lhe dar um estalo ao ensiná-la a escrever), agarrou na cisalha com as mãos dela.

— Incline o gume assim — explicou.

Mãos e cisalha foram inclinadas em conformidade com o que tinha sido dito e, enquanto falava, o instrutor manteve-as nesta posição demoradamente.

— Já chega! — exclamou Bathsheba. — Liberte-me. Não quero ter as mãos presas! Dê à manivela.

Gabriel libertou-lhe as mãos tranquilamente, regressou à sua manivela e retomou o processo.

— Os homens estranharam? — perguntou ela, de novo.

— Não se tratou de estranhar, menina.

— Que disseram eles?

— Que o nome do lavrador Boldwood e o seu seriam reunidos no púlpito antes de o ano findar.

— Foi o que me pareceu ao ver as caras deles! Ora, nada disso é verdade. Nunca se disse tamanho disparate e eu quero que o desminta! Foi por isso que vim falar consigo.

Gabriel parecia incrédulo e triste, mas, nos intervalos da incredulidade, dir-se-ia que ficara aliviado.

— Devem ter ouvido a nossa conversa — prosseguiu ela.

— Ora, Bathsheba! — disse Oak, parando de dar à manivela e fitando-a com espanto.

— Menina Everdene, quer você dizer — corrigiu ela, com dignidade.

— O que eu quero dizer é que, se for verdade que o senhor Boldwood lhe falou de casamento, eu não vou contar uma história a sugerir o contrário só para lhe agradar. Já tentei agradar-lhe demasiado para meu próprio bem!

Bathsheba fitou-o, perplexa, com os olhos arregalados. Não sabia se devia apiedar-se de Gabriel pelo desgosto amoroso que lhe causara ou enfurecer-se com ele por já se ter recomposto desse desgosto, uma vez que o pastor lhe falara num tom ambíguo.

— Pedi-lhe apenas que lhes mencionasse que não é verdade que vou casar-me com ele — murmurou, com um pouco menos de confiança.

— Eu posso dizer-lhes isso a eles, se assim o desejar, menina Everdene. E também posso dar-lhe uma opinião a si a respeito do que acabou de fazer.

— Não duvido. Mas não quero a sua opinião.

— Já imaginava — retorquiu Gabriel, com amargura.

Fixando os olhos numa folha caída na terra, continuou a dar à manivela. A voz seguia-lhe o movimento regular do corpo, subindo e descendo consoante era projetada numa linha perpendicular ou paralela ao chão.

No caso de Bathsheba, a impaciência resultava em precipitação, mas, com o tempo, a prudência sobrevinha, o que nem sempre acontece com todas as pessoas. Convém acrescentar, porém, que ela raramente se

concedia esse tempo. Por esta altura, a única opinião, em toda a paróquia, a respeito da sua postura e dos seus atos, em que confiava mais do que na sua própria era a de Gabriel Oak. Oak era tão íntegro e tão franco que, mesmo tratando-se do amor dela por outro homem, ou do seu casamento com este, Bathsheba poderia sempre contar com a imparcialidade dele. Convicto de que a sua era uma causa perdida, tinha nobreza suficiente para não sabotar a de outro. Eis, no enamorado, a virtude mais estoica, sendo a falta dela um pecado perdoável. Sabendo que ele lhe responderia com honestidade, Bathsheba fizera-lhe a pergunta, embora soubesse que esta lhe seria dolorosa. Tal é o egoísmo de certas beldades! Admitamos, para desculpá-la de torturar assim a honestidade alheia em proveito próprio, que Bathsheba não tinha, nesse momento, nenhum outro conselheiro ao seu alcance.

— Bem, que pensa do meu comportamento? — perguntou-lhe, calmamente.

— Que é indigno de uma mulher séria, bondosa e previdente.

Num ápice, o rosto dela assumiu o vermelho furioso de um pôr do Sol de Danby[62]. Mas conteve o sentimento, e o recuo da língua só acrescentou eloquência à expressão do rosto.

No passo seguinte, Gabriel cometeu um erro.

— Talvez não lhe agrade a rudeza da minha reprimenda. Sei que fui grosseiro; mas achei que lhe faria bem.

Ela regressou sarcástica.

— Pelo contrário, a minha opinião a seu respeito é tão baixa que só consigo ver no seu abuso a aprovação de pessoas com discernimento!

— Fico satisfeito por não me ter levado a mal, porque lhe falei com sinceridade e segundo o que me dita a consciência.

— Estou a ver. Mas, infelizmente, quando você tenta ser sério, torna-se risível... da mesma forma que, quando deseja evitar a seriedade, é capaz de dizer duas ou três palavras sensatas.

Era um golpe cruel, mas Bathsheba tinha claramente perdido todo o seu autodomínio, enquanto Gabriel nunca conservara melhor o dele. Decidiu não lhe responder. E ela explodiu:

— Creio poder perguntar-lhe em que consiste especificamente a minha indignidade? Talvez no facto de ter recusado a sua proposta de

casamento?

— De modo algum — replicou ele, sereno. — Já desisti há muito tempo de acreditar nisso.

— Ou de desejá-lo? — volveu ela; e era evidente que esperava que ele a desmentisse sem hesitar.

Quaisquer que fossem os seus sentimentos, Gabriel limitou-se a repetir friamente as palavras dela.

— Ou de desejá-lo.

A mulher pode ser tratada com um azedume que lhe será doce e com uma rudeza que não a ofenderá. E Bathsheba ter-se-ia resignado a um castigo humilhante, pela leviandade de que dera mostras, se Gabriel tivesse, ao mesmo tempo, protestado que ainda a amava. A impetuosidade da paixão não correspondida é suportável mesmo quando fere e anatematiza — porque há um triunfo nessa humilhação e uma ternura no conflito. Isto era o que ela tinha esperado, e o que não tinha obtido. Ser admoestada porque o seu admoestador a via à crua luz matinal de uma desilusão sem complacências era exasperante. Não tendo terminado, Gabriel prosseguiu, numa voz mais agitada:

— A minha opinião (uma vez que me pergunta) é que é altamente condenável ter andado a pregar partidas a um homem como o senhor Boldwood, apenas para passar o tempo. Dar esperanças a um homem por quem não sente nada não é um comportamento louvável. E, ainda que tivesse intenções sérias a respeito dele, menina Everdene, podia ter-lhas dado a conhecer de uma forma mais afetuosa e benévola, e não enviando-lhe um cartão de São Valentim.

Bathsheba pousou a cisalha.

— Não permito que nenhum homem... que nenhum homem critique a minha vida privada! — exclamou. — E não o farei por um minuto que seja. Como tal, agradeço-lhe que abandone a quinta até ao fim da semana!

Podia ser um pormenor — em todo o caso, era um facto — que, quando Bathsheba era assaltada por uma emoção mais mesquinha, lhe tremia o lábio inferior e, quando se tratava de um sentimento mais nobre, era o superior que se agitava. Nesse momento, o seu lábio inferior estremecia nervosamente.

— Muito bem, assim farei — respondeu Gabriel, com toda a calma. O

que o mantivera ligado àquela mulher era um bonito fio que lhe custaria romper e não tanto uma corrente que não conseguisse quebrar. — Eu até preferia ir de imediato — acrescentou.

— Vá de imediato, então, Deus do céu! — retorquiu ela, os olhos fulminando os dele, ainda que nunca os encarasse. — Não quero voltar a ver a sua cara.

— Muito bem, menina Everdene. Assim será.

Gabriel pegou na sua cisalha e afastou-se dela com uma dignidade plácida, como Moisés ao retirar-se da presença do faraó[63].

CAPÍTULO VINTE E UM

Problemas no Redil — Uma Mensagem

Gabriel Oak tinha cessado de cuidar do rebanho de Weatherbury há cerca de vinte e quatro horas quando, num domingo à tarde, os anciãos Joseph Poorgrass, Matthew Moon, Fray e meia dúzia de outros vieram a correr até à residência da patroa na Quinta de Cima.

— Que diabo se passa, meus senhores? — perguntou ela, esbarrando neles à saída, quando se preparava para ir à igreja, e logo descerrando os lábios vermelhos, que franzira com o esforço de calçar uma luva apertada.

— Sessenta! — disse Joseph Poorgrass.

— Setenta! — disse Moon.

— Cinquenta e nove! — disse o marido de Susan Tall.

— ... ovelhas romperam a cerca — rematou Fray.

— E entraram no campo do trevo novo — acrescentou Tall.

— Do trevo novo! — exclamou Moon.

— Do trevo! — disse Joseph Poorgrass.

— E não tarda vão rebentar — concluiu Henery Fray.

— Ora se vão — confirmou Joseph.

— Vão desta pra melhor se ninguém as tirar dali e cuidar delas! — disse Tall.

O rosto assustado de Joseph enchera-se de rugas. A testa de Fray engelhara-se na perpendicular e de través, segundo a malha de um gradeado de ferro, o que exprimia a sua profunda inquietude. Laban tinha os lábios cerrados e o rosto vidrado. Matthew estava de queixo caído e os seus olhos não paravam quietos, virando-se para onde quer que o músculo mais forte os puxasse.

— Sim — disse Joseph — e ‘tava eu sentado lá em casa, à procura da epístola aos Efésios, e dizia cá pra comigo: «Só tem os Coríntios e os Tessalonicenses[64] este maldito Testamento», quando m’aparece Henery, que está ali: «Joseph», diz-me ele, «as ovelhas ‘tão a rebentar...»

Com Bathsheba, havia um momento em que o pensamento já era palavra e a palavra exclamação. Além disso, ainda mal recuperara a sua paz de espírito desde o distúrbio que lhe tinham causado as observações de Oak.

— Basta... basta! Ah, tontos! — bradou, lançando a sombrinha e o livro de orações para o átrio e correndo porta fora na direção que lhe fora indicada. — Virem ter comigo aqui em vez de irem acudi-las! Cabeças de alho chocho!

Os olhos de Bathsheba não podiam estar mais negros e mais brilhantes do que agora. Sendo a sua beleza mais demoníaca do que angélica, era quando se zangava que ficava mais bela — sobretudo se o efeito era realçado por um elegante vestido de veludo que pusera, com todo o esmero, à frente do espelho.

Os anciãos seguiram-na aos tropeços até ao campo de trevos. Joseph colapsou a meio do caminho, como alguém esmagado por um mundo cada vez mais cruel. Sentindo o estímulo que costumava dar-lhes a presença dela, os outros lançaram-se às ovelhas com vontade. A maior parte dos animais estava estendida no chão e incapaz de mover-se. Estes foram erguidos em peso e os que ainda se aguentavam de pé foram conduzidos ao campo vizinho, onde, minutos mais tarde, caíram mais uns quantos, tão lívidos e desamparados como os primeiros.

Com uma mágoa no peito, quase a rebentar, Bathsheba contemplou aqueles belos exemplares do seu primeiríssimo rebanho.

Inchados de vento e de neblina fétida.[65]

Muitas ovelhas já espumavam pela boca, com uma respiração rápida e entrecortada e os corpos assustadoramente dilatados.

— Que posso eu fazer? Que posso eu fazer? — gemeu, impotente. — São animais tão pouco afortunados as ovelhas! Acontece-lhes sempre qualquer coisa! Nunca vi um rebanho passar um ano sem problemas de algum tipo.

— Só há uma maneira de as salvar — afirmou Tall.

— Qual? Diga depressa!

— Têm de ser furadas de lado com um objeto feito para esse fim.

— E vocês sabem como se faz? Eu posso fazê-lo?

— Não, s’nhora. Não podemos. E a senhora também não. O furo tem de ser feito no sítio certo. Se se desviar prà esquerda, ou prà direita, um dedo que seja, vai ferir a ovelha de morte. Por regra, nem mesmo o pastor sabe fazê-lo.

— Então, vão morrer — replicou ela, resignada.

— Apenas um homem na vizinhança sabe como se faz — interveio Joseph, que só tinha chegado agora. — Ele saberia curá-las a todas se ‘tivesse aqui.

— Quem é? Vamos buscá-lo!

— É o pastor Oak — respondeu Matthew. — Ah, é um homem de talento!

— É bem verdade! — concordou Joseph Poorgrass.

— É certo, é o homem de que precisa — confirmou Laban Tall.

— Como se atrevem a mencionar o nome dele na minha presença! — atalhou Bathsheba, num assomo de fúria. — Eu disse-vos para não voltarem a falar desse homem, e não o farão se quiserem ficar comigo. Ah! — acrescentou, iluminando-se: — O lavrador Boldwood deve saber!

— Não, s’nhora — refutou Matthew. — ‘Inda no outro dia, duas das suas ovelhas foram pastar ervilhaca e ficaram no mesmo estado. Ele mandou cá vir um homem a galope, à procura de Gable, e o Gable foi lá e salvou-as. O lavrador Boldwood tem aquela coisa que eles usam pra fazer o orifício. É um tubo oco com uma agulha afiada lá dentro. Não é, Joseph?

— ‘Tá claro, um tubo oco — repetiu Joseph. — Nem mais.

— Pois sim, é essa a geringonça — confirmou Henery Fray, com um ar pensativo e uma indiferença asiática pela fuga do tempo.

— Bem — exasperou-se Bathsheba —, não fiquem aqui a falar comigo, com os vossos «‘tá claros» e os vossos «pois sins»! Vão buscar alguém que cure as minhas ovelhas. Já!

Sumiram-se todos, aflitos, para irem buscar alguém como lhes fora ordenado, mas sem ideia nenhuma de quem poderia ser. Em menos de um minuto, passaram pelo portão e desapareceram, e ela ficou sozinha com o rebanho moribundo.

— Não o mandarei chamar! Nunca! — disse, com firmeza.

Mas, nesse momento, uma das ovelhas teve um espasmo muscular terrível, dilatou-se, e deu um salto no ar. O salto foi desconcertante. A

ovelha caiu redonda e ali ficou.

Bathsheba aproximou-se do animal. Estava morto.

— Oh, que posso eu fazer? Que posso eu fazer? — tornou a exclamar, torcendo as mãos. — Não vou mandá-lo chamar. Não, não o farei!

A veemência com que uma decisão é expressa nem sempre coincide com a firmeza com que foi tomada. Serve muitas vezes para apoiar, como uma espécie de muleta, uma convicção insuficiente, a qual, se fosse inabalável, não careceria de enunciação que a comprovasse. O «não, não o farei» de Bathsheba significava, no fundo, «penso que terei de o fazer».

Seguindo os seus subordinados pelo portão, chamou um deles com o braço. Laban respondeu ao sinal.

— Onde está Oak alojado?

— Do outro lado do vale, em Nest Cottage!

— Pegue na égua baia, atravesse o vale e diga-lhe que tem de vir de imediato, que sou eu quem o diz.

Tall correu pelo campo e, daí a minutos, estava montado em cima de *Poll*, a égua baia, sem sela, e só com um cabresto a servir-lhe de rédea. Afastou-se pela encosta abaixo.

Bathsheba ficou a observá-lo. E os outros também. O cavaleiro percorreu a galope o caminho equestre, atravessando Sixteen Acres, Sheeplands, Middle Field, The Flats e o terreno de Cappel. Já não era mais do que um ponto minúsculo na paisagem. Depois, atravessou a ponte e subiu o vale na outra margem, por Springmead e Whitepits. A choupana onde Gabriel se refugiara antes de partir definitivamente da região era uma mancha branca na encosta da colina em frente, sobre um fundo de abetos azulados. Bathsheba começou a andar de um lado para o outro. Os homens voltaram a entrar no campo e procuraram aliviar a agonia das pobres criaturas massajando-as. Em vão.

Bathsheba continuou a andar. Viu-se, então, a égua a descer a colina, e o fastidioso trajeto teve de ser repetido na ordem inversa: Whitepits, Springmead, o terreno de Cappel, The Flats, Middle Field, Sheeplands, Sixteen Acres. Ela só esperava que Tall tivesse tido a presença de espírito de passar a égua a Gabriel e regressar a pé. O cavaleiro aproximou-se. Era Tall.

— Ah, que asneira! — exclamou.

Não havia sinais de Gabriel.

— Talvez já tenha partido! — disse.

Tall entrou no cerrado e saltou para o chão. Vinha com a tragédia escrita no rosto, como Morton depois da batalha de Shrewsbury[66].

— Então? — perguntou-lhe ela, recusando-se a acreditar que a sua *lettre de cachet* oral se extraviara.

— Ele diz que *quem pede não dá ordens* — respondeu Laban.

— O quê? — volveu a jovem lavradora, abrindo os olhos e ganhando fôlego para explodir. Joseph Poorgrass recuou uns passos e enfiou-se atrás de uma sebe.

— Ele diz que não vem, a menos que lhe peça pra vir com bons modos, e civilizados, como convém à mulher que pede um favor.

— Ai é essa a resposta dele? E onde foi ele buscar esses ares? Quem sou eu, afinal, para ser tratada desta maneira? Terei de suplicar a um homem que um dia me suplicou a mim?

Uma outra ovelha deu um salto no ar e caiu morta.

Os homens pareciam consternados, como se reprimissem a sua opinião.

Bathsheba virou a cabeça para o outro lado, com lágrimas nos olhos. Já não conseguia continuar a disfarçar o aperto em que o orgulho e o mau génio a tinham lançado: desatou a chorar amargamente. Todos repararam, e ela já nem tentou escondê-lo.

— Eu cá não choraria à conta disso, menina — disse William Smallbury, compadecido. — E se lhe pedisse com mais jeitinho? Tenho a certeza de que ele vinha. Gable é um homem solidário.

Bathsheba recompôs-se e secou as lágrimas.

— Ah, mas ele trata-me com crueldade. Com crueldade! — murmurou. — E obriga-me a fazer o que eu nunca faria, isso sim! Tall... venha comigo.

Depois deste colapso, não muito dignificante para a senhora de uma herdade, ela voltou a entrar em casa, seguida de Tall. Aqui, sentou-se e escrevinhou à pressa um bilhete, sacudida por esses pequenos soluços que se sucedem a uma crise de choro como a ondulação a uma tempestade. O bilhete não era menos educado por ter sido escrito à

pressa. Dando-lhe uma última vista de olhos, preparava-se para dobrar a folha quando acrescentou estas palavras, em baixo:

Não me abandone, Gabriel!

Bathsheba corara ligeiramente ao voltar a dobrar a missiva, e mordeu o lábio, como se quisesse adiar o mais possível o momento de avaliar a necessidade de tal estratégia. O bilhete foi despachado à semelhança da mensagem, e ela esperou em casa pela resposta.

Um quarto de hora interminável decorreu entre a partida do mensageiro e o tropel de uma égua de regresso. Desta vez, não foi capaz de levantar-se para ir ver. Inclinando-se sobre a velha secretária onde tinha estado a escrever, fechou os olhos, como se quisesse manter ao largo tanto a esperança como o medo.

O caso, no entanto, era promissor. Gabriel não estava zangado: conservava-se neutro, ainda que ela se tivesse mostrado tão altiva da primeira vez que o mandara chamar. A sua arrogância teria condenado uma beleza menor; por outro lado, a sua beleza teria redimido um comportamento menos arrogante.

Bathsheba saiu à rua e olhou para cima. A silhueta de um cavaleiro atravessou-se entre ela e o céu, dirigindo-se ao cerrado de ovelhas. Ao afastar-se, o cavaleiro virou-se. Era Gabriel. Há momentos em que os olhos de uma mulher e a sua boca contam histórias diferentes. A gratidão de Bathsheba era evidente quando ela disse:

— Oh, Gabriel, como pôde tratar-me com tanta dureza?

Perante uma censura tão terna à sua demora inicial, Gabriel perdoou-lhe que não houvesse elogio à sua presente prontidão.

Murmurando uma resposta confusa, apressou o passo. Ela sabia, só de olhar para ele, que frase no seu bilhete o tinha trazido de volta. E seguiu-o até ao cerrado.

O pastor já estava debruçado sobre as formas caídas e túrgidas das ovelhas. Tinha lançado o casaco para o chão, arregaçado as mangas e tirado do bolso o instrumento da salvação. Era um pequeno tubo ou trocisco com uma lanceta no interior; e começou a servir-se dele com uma destreza digna de um cirurgião. Passando as mãos pelo flanco esquerdo do animal e escolhendo o sítio certo, perfurou a pele e o rúmen com a lanceta. Depois, num gesto rápido, retirou-a, mantendo o tubo no

seu lugar. Uma corrente de ar escapou-se pelo tubo, com força suficiente para apagar uma vela que tivesse sido posta na sua extremidade.

Dizem que o simples alívio de um tormento constitui um verdadeiro deleite[67]; e é isto que o semblante das pobres criaturas deixava transparecer. Quarenta e nove operações foram executadas com êxito. Dada a urgência que uma parte do rebanho exigia, Gabriel falhou o alvo uma vez, e uma vez apenas — desferindo o golpe longe da marca e condenando à morte a ovelha moribunda. Quatro tinham morrido; três recuperaram sem intervenção. O número total de ovelhas que se tinham escapado e adoecido tão perigosamente era de cinquenta e sete.

Quando o homem, que o amor levara até ali, deu por terminado o seu trabalho, Bathsheba veio ao seu encontro e olhou-o nos olhos.

— Gabriel, quer ficar comigo? — perguntou-lhe, com um sorriso triunfante, e sem se dar ao trabalho de fechar completamente os lábios no final, porque não tardaria a abri-los noutro sorriso.

— Sim — respondeu Gabriel.

E ela sorriu-lhe de novo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

O Grande Celeiro e os Tosquiadores de Ovelhas

Há nos homens uma tendência para se perderem na insignificância e no esquecimento, quer por não tirarem partido dos seus momentos de alento, quando os têm, quer por lhes faltar esse alento, quando a ocasião mais o exige. Pela primeira vez desde que caíra em desgraça, Gabriel tinha dado mostras de independência de espírito e vigor no desempenho, qualidades que — sendo inúteis se a oportunidade não se apresentasse (e vice-versa) — lhe teriam permitido agarrar uma melhor posição quando a conjuntura se propiciasse. Mas permanecer assim, irremediavelmente, ao lado de Bathsheba Everdene, era um desperdício ruinoso do seu tempo. As marés vivas tinham passado sem o levarem à tona, e não tardariam as águas mortas, incapazes de o fazer.

Era o primeiro dia de junho e a estação da tosquia atingia o seu auge. Toda a paisagem, até ao pasto mais desolado, ressumava cor e saúde. O verde era tenro, os poros dilatavam-se e não havia caule que não se enchesse de rápidas correntes de seiva. Deus estava por toda a parte no campo, e o Diabo tinha ido com a multidão à cidade. Sedosas candeias dos tipos mais serôdios, rebentos de fetos como báculos de bispos, a moscatelina de cabeça quadrada, o estranho jarro — como um santo apoplético num nicho de malaquite —, as alvas cardaminas, a carnuda dentilária, tão próxima da tez humana, a erva-moira encantada e as campainhas de pétalas negras eram alguns dos elementos mais singulares do mundo vegetal nas imediações de Weatherbury, nesta estação de abundância. No mundo animal, correspondiam-lhes os rostos metamorfoseados do Sr. Jan Coggan, tosquiador-chefe, auxiliado pelo segundo e terceiro tosquiadores — jornaleiros itinerantes cujo nome não será necessário mencionar —, por Henery Fray, o quarto tosquiador, pelo marido de Susan Tall, o quinto, por Joseph Poorgrass, o sexto, pelo jovem Cain Ball, enquanto ajudante-tosquiador, e por Gabriel Oak, supervisor geral. A indumentária destes homens não era digna de nota, cada um deles tendo aparentemente alcançado, no que respeita ao

vestuário, essa decente mediania que se encontra nas castas intermédias da sociedade hindu. O endurecimento dos traços e a rigidez dos mecanismos faciais anunciavam que uma tarefa séria estava na ordem do dia.

Fazia-se a tosquia no celeiro grande, na ocasião chamado Celeiro da Tosquia, cuja planta fazia lembrar a de uma igreja com os seus transeptos. Não era apenas na forma que rivalizava com o templo vizinho, mas também na antiguidade. Ninguém saberia dizer se o celeiro fora alguma vez uma dependência de um convento, pois nenhum vestígio de tal construção subsistira. Lateralmente, os pórticos imponentes, com altura bastante para deixar passar uma carroça cheia de palha até acima, eram coroados por pesadas arcadas de pedra, toscamente trabalhadas; a sua simplicidade dava-lhes uma grandeza que não se encontra em edifícios a que se quis acrescentar mais ornamento. O telhado escuro e baço, em madeira de castanheiro, unido e sustentado por enormes tirantes, curvos e diagonais, possuía um desenho de longe mais nobre, porque mais rico no material, do que noventa por cento dos telhados das nossas igrejas modernas. Cada parede lateral apresentava uma fila de arcobotantes que projetavam sombras compridas nos espaços intermédios, rasgados por aberturas ogivais cujas proporções cumpriam na perfeição os cânones da beleza e as necessidades de ventilação.

Poder-se-ia dizer deste celeiro o que já não seria tão válido para as igrejas e castelos da mesma época e do mesmo estilo: que o fim que presidira à sua construção original se cumpria ainda no seu uso presente. Distinto desses dois sobreviventes do medievalismo, e suplantando-os, o vetusto celeiro incorporava velhas práticas que o passar do tempo não corrompera. Aqui, enfim, o espírito dos antigos construtores achava-se em sintonia com o do observador moderno. Diante desta velha construção, era possível contemplar a sua utilidade presente, tendo em mente a sua história passada, com uma agradável sensação de continuidade funcional — um sentimento próximo da gratidão, a que não era de todo alheio o orgulho, perante a permanência da ideia que a pusera de pé. O facto de, em quatro séculos, não se ter provado que fora fundado num erro, não se ter alimentado um ódio ao seu desígnio, não se ter cedido a alguma irreprimível vontade de o

demolir, investia este esforço simples de mentes passadas de uma serenidade, se não de uma majestade, que, no caso dos seus correspondentes eclesiásticos e militares, uma reflexão mais aprofundada teria sido suficiente para perturbar. Por uma vez, o medievalismo e o modernismo partilhavam a mesma premissa. As janelas lanceoladas, as pedras das arcadas e os chanfros desgastados pelo tempo, a orientação do eixo, o padrão indistinto das suas vigas de castanheiro não evocavam nenhuma arte da fortificação caída em desuso, nenhum credo religioso já ultrapassado. A defesa e a salvação do corpo pelo pão de todos os dias continuam a ser uma procura, uma religião e um desejo.

Nesse dia, as enormes portas laterais estavam abertas de par em par, para deixar entrar o sol em abundância no lugar onde se fazia a tosquia: era a eira ao centro, construída em pesada madeira de carvalho, que o tempo enegrecera e o malhar dos manguais de muitas gerações fora polindo, até se tornar escorregadia e ganhar um tom tão denso como o dos soalhos dos grandes salões isabelinos. Aqui se ajoelharam os tosquiadores, o sol iluminando-lhes obliquamente as camisas brancas, os braços tisnados e as cisalhas afiadas, onde a luz se estilhaçava, capaz de cegar um homem de vistas mais fracas. No meio deles, cativa, estava uma ovelha ofegante e, no seu receio, que já era terror, palpitava, estremecendo como a paisagem lá fora sob a força do calor.

O presente cenário, na sua moldura de quatrocentos anos, não produzia esse marcado contraste entre o moderno e o antigo que a diferença de datas faria esperar. Em comparação com as cidades, Weatherbury era imutável. O *antigamente* do citadino é o *agora* do rural. Em Londres, um passado de vinte ou trinta anos é *os bons velhos tempos*; em Paris, um de dez, ou cinco; em Weatherbury, sessenta ou oitenta anos viam-se incorporados no presente, e não menos de um século seria necessário para que a aldeia mudasse de tom ou aparência. Cinco décadas em pouco ou nada tinham alterado o corte de uma polaina ou o bordado de um camisão. Dez gerações não tinham sido capazes de reinventar o estilo de uma única frase. Nestes recantos perdidos do Wessex, o ontem é o outrora do azafamado estrangeiro; o seu ontem é hoje; e o seu presente é o futuro.

Por isso, o celeiro era uma presença natural para os tosquiadores, e

estes estavam em harmonia com o celeiro.

As espaçosas extremidades do edifício, cujos equivalentes, numa construção religiosa, seriam a nave e a abside, tinham sido vedadas com cercas. As ovelhas estavam reunidas nesses dois espaços e, num canto, criara-se um pequeno recinto, que continha sempre três ou quatro animais a que os tosquiadores podiam deitar a mão sem perder tempo. Ao fundo, banhadas pela penumbra fulva, estavam três mulheres — Maryann Money, Temperance e Soberness Miller —, que recolhiam o velo e faziam cordas de lã, enrolando-as com uma espécie de cambota. Eram ajudadas pelo velho fabricante de malte, imperturbável. Finda a época da maltagem, que decorria de outubro a abril, ele oferecia os seus préstimos nas quintas das imediações.

Mais atrás, estava Bathsheba, que seguia de perto os gestos dos homens, para ver se não havia cortes ou ferimentos por descuido e se os animais eram tosquiados rente ao corpo. Gabriel, que pairava e esvoaçava como uma traça diante dos seus olhos vivos, não tosquiava ininterruptamente, passando metade do seu tempo a ajudar os outros e a escolher as ovelhas que eles iam tosquiar. Nesse momento, fazia circular uma caneca cheia de um licor doce, tirado de um barril pousado a um canto, e cortava pedaços de pão e de queijo.

Depois de lançar um olhar aqui, uma advertência ali, e de descompor um dos jovens trabalhadores, que deixara a última ovelha tosquiada regressar ao rebanho sem tornar a marcá-la com as suas iniciais, Bathsheba voltou para junto de Gabriel, no preciso momento em que ele pousava a sua merenda para arrastar uma ovelha aterrada até à zona da tosquia, lançando-a sobre o ombro com um hábil meneio do braço. Sob o olhar sereno da sua patroa, Gabriel cortou-lhe os caracóis à volta da cabeça e libertou a pele do pescoço.

— A afronta fá-la corar — murmurou Bathsheba, ao contemplar o rubor rosado que se espalhava pelo pescoço e pelos ombros da ovelha, desnudados pela passagem da cisalha tilintante. Era um rubor cuja delicadeza causaria inveja a muitas coquetes, e cuja espontaneidade seria dignificante para qualquer mulher deste mundo.

A alma do pobre Gabriel exultava com o luxo de tê-la por perto, os olhos dela seguindo apreciativamente o corte da sua experiente cisalha, que parecia a todo o momento ir roubar um pedaço de carne e nunca o

fazia. Como Guildenstern, Oak estava feliz na medida em que não estava demasiado feliz[68]. Não tinha qualquer desejo de conversar com Bathsheba: que esta bela senhora e ele próprio formassem um grupo exclusivo, que não admitia mais ninguém, bastava-lhe.

Por isso, ela era a única a falar. Existe uma eloquência que não diz nada: era a de Bathsheba; e existe um silêncio que diz muito: era o de Gabriel. Cheio dessa vaga e moderada felicidade, o pastor prosseguiu na sua tarefa, virando a ovelha ao contrário, cobrindo-lhe a cabeça com o joelho e fazendo deslizar a cisalha, linha a linha, à volta da barbela e, depois, do flanco e do dorso, terminando na cauda.

— Bem feito e rápido! — afirmou Bathsheba, consultando o seu relógio enquanto o último corte ressoava.

— Quanto tempo, menina? — indagou Gabriel, limpando o suor da testa.

— Vinte e três minutos e meio desde que cortou o primeiro caracol da cabeça da ovelha. É a primeira vez que vejo a operação concluída em menos de meia hora.

O animal limpo e luzidio emergiu do seu velo — tão perfeitamente como teria Afrodite saído da espuma do mar[69] —, com um ar espantado e tímido ante a perda do seu manto de lã, que jazia no chão como uma nuvem macia e ininterrupta, cuja parte visível era apenas a de dentro. Nunca antes exposta, era branca como a neve e sem a mais pequena falha ou mancha.

— Cain Ball!

— Sim, senhor Oak; aqui estou!

Cain vem a correr com a lata do pez. De novo, imprimem-se as iniciais «B. E.» na pele tosquiada, e a fêmea salta para longe, arquejante, passando por cima da tábua e desta para o meio do rebanho já desnudo, lá fora. Maryann aparece de seguida; junta os caracóis soltos ao grosso do velo, enrola-o e leva para o fundo do celeiro três libras e meia de calor não adulterado, para aquecer o inverno de desconhecidos que habitam longe. Nunca conhecerão, porém, o conforto superlativo da lã nova e pura, antes de a untuosidade da sua natureza em vida ter secado, endurecido e sido lavada, o que a torna, nesse momento, superior a qualquer *lanifício*, assim como a nata é superior ao leite

aguado.

Quis o acaso cruel que Oak não saboreasse plenamente a sua felicidade nessa manhã. Os carneiros, as ovelhas velhas e as ovelhas duas vezes tosquiadas já tinham sido tonsurados, e os homens lançavam-se agora aos animais que só o tinham sido uma vez e aos que nunca o tinham sido. Gabriel imaginou que Bathsheba ia permanecer placidamente ao seu lado, a cronometrar o tempo de mais uma tosquia, mas o seu devaneio foi dolorosamente interrompido pela aparição do lavrador Boldwood na outra ponta do celeiro. Ninguém parecia ter-se apercebido da sua chegada, mas ela era inequívoca. Boldwood trazia sempre consigo uma certa atmosfera social, que era sentida por qualquer pessoa que dele se aproximasse; e as conversas, que a presença de Bathsheba já refreara, cessavam agora em absoluto.

O lavrador atravessou o celeiro na direção de Bathsheba, que se virou para o saudar com toda a tranquilidade. Falou-lhe em voz baixa e, instintivamente, ela baixou a sua também, chegando mesmo a imitar-lhe a entoação. Estava longe de querer sugerir uma misteriosa ligação com ele; mas, nesta idade impressionável, a mulher sofre a ascendência de uma presença mais forte, não apenas na escolha das palavras, que é possível verificar a cada dia, como nas *nuances* de tom e humor, quando é grande a influência.

Gabriel não conseguiu perceber o que diziam um ao outro; era demasiado independente para se aproximar, embora o interesse o impedisse de não dar atenção. No seguimento da conversa, o galante lavrador pegou na mão da sua jovem interlocutora, para ajudá-la a atravessar a tábua da tosquia e sair para a rua, onde brilhava, radioso, o sol de junho. Retomaram a conversa não longe das ovelhas já tosquiadas. Diria respeito ao rebanho? Aparentemente, não. Gabriel observou com pertinência que, quando duas pessoas falam calmamente de algo que esteja ao alcance dos seus olhos, é nisso que estes costumam fixar-se. Ora, Bathsheba contemplava com um recato afetado uma espiga insignificante caída na terra, o que suscitava menos uma apreciação ovina do que um embaraço feminino. Aos poucos, as suas faces foram-se tingindo de vermelho, o sangue vacilando entre fluxo e refluxo, nesse espaço sensível entre marés. Gabriel continuou a tosquiar, triste e constrangido.

Então, Bathsheba afastou-se de Boldwood, e este pôs-se a subir e a descer a ladeira, sozinho, durante quase um quarto de hora. Depois, ela regressou com o seu novo fato de montar, de um verde-murta, que lhe moldava a silhueta como a casca molda o fruto. O jovem Bob Coggan levou-lhe a égua, enquanto o lavrador ia buscar o seu cavalo à árvore onde o amarrara.

Os olhos de Gabriel não conseguiam separar-se deles; e, ao tentar continuar a tosquia ao mesmo tempo que espiava os movimentos de Boldwood, fez um corte na virilha da ovelha. O animal agitou-se e, de imediato, Bathsheba olhou na sua direção e viu o sangue.

— Oh, Gabriel — exclamou, num tom de severa admoestação —, você que é tão rígido com os outros, já viu o que está a fazer?

Para quem os visse de fora, esta reprimenda nada tinha de muito ofensivo. Mas, para Oak, que sabia que Bathsheba tinha perfeita consciência de ser ela própria a causa da ferida da pobre ovelha — uma vez que ferira o seu tosquiador num órgão ainda mais vital —, o raspanço foi sentido como uma ferroada que o sentimento de inferioridade em relação ao lavrador e à sua companheira só acentuava. No entanto, a decisão viril de já não ter por Bathsheba um interesse amoroso ajudava-o, por vezes, a esconder as suas emoções.

— Garrafa! — gritou, numa voz imperturbável e rotineira.

Cain Ball acudiu, a ferida foi ungida e a tosquia prosseguiu.

Boldwood içou Bathsheba, com delicadeza, para cima da sela e, antes da partida, ela tornou a dirigir-se a Oak, com a mesma graça, dominadora e exasperante.

— Vou agora ver as *leicesters* do senhor Boldwood. Tome o meu lugar no celeiro, Gabriel, e mantenha os homens atentos ao trabalho.

Viradas as cabeças das montadas, afastaram-se a trote.

O profundo afeto de Boldwood constituía matéria de grande interesse para todos os que o rodeavam. Contudo, depois de ter sido indicado, durante tantos anos, como o exemplo perfeito do celibato venturoso, o seu lapso era um anticlímax que, de certo modo, fazia lembrar o de St. John Long[70] — que sucumbira à tuberculose rodeado dos seus argumentos de que a doença não era fatal.

— Aquilo o que significa é matrimónio — observou Temperance Miller,

seguindo-os com o olhar até desaparecerem de vista.

— Tem todo o ar disso — concordou Coggan, continuando a trabalhar sem levantar os olhos.

— É verdade que quem ao longe vai casar ou s'engana ou vai enganar — interveio Laban Tall, virando a sua ovelha.

Foi a vez de Henery Fray tomar a palavra e, enquanto falava, lançou em redor os olhos tristes.

— Não vejo por que haveria uma mulher d'aceitar um marido quando tem força que baste pra travar as suas próprias batalhas e um teto onde dormir durante a noite; pois 'tá a privar outra d'encontrar a sua sorte. Mas deixá-lo, pois só s'estraga uma casa.

Como é hábito acontecer aos que têm força de caráter, Bathsheba costumava inspirar a crítica de indivíduos como Henery Fray. O seu principal defeito era ser demasiado categórica nas suas objeções e não ser suficientemente demonstrativa nas suas anuências. Com o tempo, aprendemos que não são os raios que os corpos absorvem, mas sim os que eles rejeitam, que lhes dão as cores por que são conhecidos; da mesma forma, os homens diferenciam-se pelas suas aversões e antagonismos, enquanto a sua boa vontade não é sequer olhada como se fosse um atributo.

Henery prosseguiu, num tom mais complacente:

— Já lhe dei a entender o que achava de duas ou três coisas, tanto quant'ousaria um espantalho dizer a um vento ruim. Todos vós sabeis, companheiros, que homem tendes aqui, e que não tenho papas na língua quando me ferve o orgulho?

— Sim, sim, nós sabemos, Henery.

— Daí, eu disse: «Menina Everdene, há lugares vazios e há homens capazes; mas o despeito...» Não, não foi despeito, eu não disse despeito... «Mas a vilania do género inverso», disse-lhe eu (referindo-me às mulheres), «afugenta-os.» Não foi forte demais pra ela, hein?

— Foste razoável.

— Pois; e tê-lo-ia dito, 'inda que pagasse com a vida e com a alma. Eu sou assim, quando tenho uma coisa em mente.

— Um homem honesto, e orgulhoso como Lúcifer.

— Já viram a astúcia? Ora, em boa verdade, era por causa do lugar de maioral; mas eu não lho disse com as palavras todas, pra ela não tirar

conclusões, o que me diz qu’inda podia ter ido mais longe. Era esse o meu ensejo! Mas deixá-la casar-se que é boa hora. Acho que o lavrador Boldwood lhe pregou um beijo atrás da caniçada, no dia em que lavámos as ovelhas... Tenho a certeza.

— Que mentira! — interrompeu Gabriel.

— Ah, vizinho Oak, o que sabe vossemecê? — replicou Henery, melífluo.

— Ela contou-me o que se passou — retorquiu Oak, com o sentimento farisaico[71] de que, nessa matéria, era distinto dos outros tosquiadores.

— Um homem acredita no que quiser — disse Henery, com ressentimento. — Tem esse direito. Mas eu cá acho que vejo mais longe! Ter cabeça suficiente prò lugar de maioral é uma ninharia, ‘inda que seja melhor que nada. Mas eu vejo a vida com muita frieza. Entendem-me, vizinhos? As minhas palavras, embora as tente fazer simples, podem ser demasiado profundas pra certas cabeças.

— Sim, Henery, entendemos muito bem.

— Um trapo velho, meus amigos, lançado d’um lado prò outro como se eu não fosse nada! E um pouco torcido, também. Mas tenho cá as minhas profundezas; e bem fundas qu’elas são! Até me riria d’um certo pastor, taco a taco. Mas não... deixá-lo!

— Um trapo velho, diz vossemecê? — interrompeu o fabricante de malte, numa voz quezilenta. — E que idade tem vossemecê que valha a pena mencionar? Não vejo cá velho nenhum. ‘Inda tem metade dos dentes agarrados à boca; com’é isso de ser velho se os dentes não se sumiram? Já me cheirava a bafio o casamento ‘inda tu tinhas cueiros! Pouca coisa são sessenta anos quand’a mim já esqueceram as quatro vintenas. Fanfarronices leva-as o vento.

Era em Weatherbury um costume arraigado que se punham de parte as pequenas desavenças quando o fabricante de malte tinha de ser pacificado.

— Leva-as o vento, ‘tá claro! — repetiu Jan Coggan. — Mestre, todos nós sabemos que vossemecê é um veterano com’é dado, e ninguém pode dizer o contrário.

— Ninguém — reforçou Joseph Poorgrass. — O senhor é uma

relíquia e todos nós o admiramos por isso.

— Sim. E quando era novo e ‘tava na flor da idade também não eram poucos os que me conheciam e gostavam de mim.

— Não há dúvida... não há dúvida.

O homem curvado e grisalho ficou apaziguado e o mesmo se diria de Henery Fray. A fim de preservar o bom ambiente, Maryann falou. A sua tez morena, em conjunto com a veste de trabalho de seriguilha alaranjada, possuía nesse momento o matiz delicado de certos velhos esboços a óleo, nomeadamente alguns de Nicholas Poussin[72].

— Alguém sabe d’algum marreco, aleijado, ou d’algum homem em segunda mão que servisse aqui à pobrezinha? — perguntou ela. — Não tenho ilusões de conseguir um perfeito. Se me chegasse essa esmola, fazia-me melhor do que pão e cerveja.

Coggan deu-lhe uma resposta adequada. Oak retomou a sua tosquia e não voltou a dizer palavra. Tinham regressado os maus humores, para lhe arruinar a tranquilidade. Bathsheba dera-lhe a entender que o considerava acima dos companheiros, ao conferir-lhe os poderes de maioral de que a quinta tão necessitava. Ele não cobiçara a posição no que dizia respeito à lavoura; mas cobiçara esse lugar junto dela, a mulher que ele amava, livre de qualquer laço matrimonial com outro homem. A leitura que fizera de Bathsheba parecia-lhe agora inconsistente e pouco clara. O sermão que lhe tinha dado, sabia-o agora, fora um dos seus erros mais absurdos. Longe de namoriscar com Boldwood, ela tinha-se divertido à sua custa, fingindo que se divertia com outro. Oak estava intimamente convencido de que se cumpririam as previsões dos seus camaradas, se bem que mais indiferentes e menos educados do que ele: o dia acabaria com a aceitação de um pedido de casamento. Naquela altura da vida, já tinha superado essa repulsa instintiva que a leitura da Bíblia inspira a qualquer rapaz cristão, e consultava-a agora com frequência. A si próprio, disse: «E eu achei uma coisa mais amarga do que a morte, a mulher cujo coração são laços e redes.»[73] Tratava-se de um simples desabafo — a espuma da tempestade. Ele continuava a adorar Bathsheba.

— Nós, os trabalhadores, vamos ter um festim de lordes esta noite — anunciou Cain Ball, dando novo destino aos pensamentos de Oak. — De

manhã, vi-as fazerem grandes pudins nos baldes da ordenha. Eram bocados de banha do tamanho do seu polegar, senhor Oak! Nunca na vida vi tão belos pedaços de banha; nunca chegavam a ser maiores do que uma fava. E, sobre o fogo, havia uma panela preta bem grande, com pernas e tudo, mas não sei o que tinha lá dentro.

— E há dois alqueires de maçã pra fazer tartes — acrescentou Maryann.

— Bem, espero honrar todas essas iguarias — disse Joseph Poorgrass, satisfeito, fingindo mastigar. — Sim; bebida e vitualhas trazem alento e alegria aos que não os têm, se assim se pode dizer. É o evangelho do corpo, sem o qual pereceríamos, se me faço entender.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Entardecer — Uma Segunda Declaração

Para a ceia da tosquia, montou-se uma mesa comprida no pequeno relvado ao lado da casa. Uma das extremidades assentava no largo peitoril da janela da sala, por onde entrava cerca de meio metro. A senhora Everdene sentara-se na parte de dentro, à cabeceira. Presidia assim à refeição sem se misturar com os trabalhadores.

Naquela noite, estava invulgarmente animada, as faces e os lábios vermelhos fazendo vivo contraste com as mechas labirínticas do cabelo negro. Parecia esperar alguém, e o lugar na outra ponta da mesa fora, a seu pedido, deixado vazio até se dar início à refeição. Então, indicou a Gabriel que o ocupasse e se encarregasse dos deveres a ele inerentes, coisa que ele se apressou a fazer.

Nesse momento, o Sr. Boldwood entrou pelo portão e atravessou o relvado até à janela onde Bathsheba se encontrava. Pediu desculpa pelo atraso: a sua vinda fora claramente combinada.

— Gabriel — disse ela —, pode fazer o favor de mudar novamente de lugar e de ceder o seu ao senhor Boldwood?

Oak retomou o seu primeiro lugar em silêncio.

O fidalgo rural trazia uma indumentária festiva, com casaco novo e colete branco, muito distinta dos fatos cinzentos e sóbrios que costumava usar. No seu íntimo, também estava de bom humor e mostrou-se falador como nunca o tinham visto. O mesmo sucedia a Bathsheba, agora que ele ali estava, embora a presença indesejada de Pennyways — o maioral que fora despedido por furto e que não tinha sido convidado para o jantar — viesse perturbar por momentos a sua boa disposição.

Findo o jantar, Coggan, por iniciativa própria, e sem se ralar com a audiência, começou a entoar uma canção:

Perdi o meu amor e não me importo,
Perdi o meu amor e não me importo;
Não tardarei a ter outro

Talvez melhor do que o primeiro.
Perdi o meu amor e não me importo.

Quando terminada, a canção foi saudada em silêncio pelo olhar aprovador do grupo ali reunido. À semelhança desses autores consagrados que prescindem das opiniões nos jornais, esta conhecida e apreciada canção não carecia de aplausos.

— E agora, amigo Poorgrass, é a sua vez! — disse Coggan.

— Já bebi demasiado e o dom em mim não é forte — retorquiu Joseph, desvalorizando-se.

— Lérias! Não seja ingrato, Joseph... Vamos lá! — replicou Coggan, numa voz que já deixava transparecer o melindre. — E a patroa não tira os olhos de si, como se dissesse «Cante já, Joseph Poorgrass».

— Por Deus, é mesmo; seja, se tenho de sofrê-lo!... Peço-vos só que me digam, vizinhos, se o sangue traiçoeiro já me subiu ao rosto?

— Não é crítico — sossegou Coggan.

— Tento sempre conter os rubores quando uns olhos bonitos se fixam em mim — disse Joseph, inseguro. — Mas não há nada a fazer.

— Joseph, a sua canção, por favor — indicou Bathsheba, da janela.

— Bem, em boa verdade, s'nhora — replicou ele, cedendo já. — Nem sei o que dizer. Será uma pobre balada da minha autoria.

— Ouçam, ouçam! — disse a mesa, em uníssono.

Assim encorajado, Poorgrass entoou numa voz trémula uma sofrível peça sentimental, cuja melodia se compunha de duas notas dominantes, sendo a segunda a mais longa. Tanto êxito teve que, levado pelo entusiasmo, se lançou logo numa segunda, após alguns falsos arrancos:

Eu se-meei as...
Eu se-meei...
Eu se-meei as sementes do amor,
Foi na primavera,
Em abril, maio e junho soalheiro,
Quando chilreiam os passarinhos...

— Bem arrematado — observou Coggan, no fim. — «Quando chilreiam os passarinhos» é cativante.

— Sim; e houve um momento bonito nas «sementes do amor». Foi bem entoado. Ainda que esse «amor» seja uma aguda traiçoeira quando

um homem começa a esganiçar a voz. Estrofe seguinte, mestre Poorgrass.

Durante esta segunda atuação, porém, o jovem Bob Coggan ficou agitado, como acontece às crianças quando os adultos estão particularmente sérios. Ao tentar conter o riso, enfiou na boca toda a toalha de mesa a que pôde deitar a mão, até lhe explodir a gargalhada pelo nariz. Indignado, Joseph parou logo de cantar. Coggan deu um puxão de orelhas ao rapaz.

— Continue, Joseph. Não faça caso do fedelho — disse. — É uma balada contagiante. Venha de lá a próxima estrofe; eu ajudo nas agudas quando lhe faltar o fôlego:

Ah, o salgueiro vai balançar,
E o salgueiro vai dobrar.

Mas já não havia como convencer o cantor. Bob Coggan foi recambiado para casa pelos seus maus modos, e a tranquilidade foi reposta graças a Jacob Smallbury, que se ofereceu para cantar uma lengalenga tão completa e interminável como aquela com que o velho Sileno, respeitável borracho, entreteve em ocasiões similares os mancebos Chromis e Mnasylus, e outras belas criaturas daqueles tempos[74].

O Sol ainda brilhava, embora a noite se aproximasse de mansinho, os raios do poente aflorando a terra sem nela chegarem a pousar, excluindo da sua luz toda a superfície plana. Escondido atrás de uma árvore, num último estertor, principiou a afundar-se, mergulhando a parte inferior do corpo dos tosquiadores num crepúsculo avermelhado, enquanto a cabeça e os ombros continuavam a receber a luz do dia, inundados de um brilho amarelo que parecia vir de dentro.

O Sol pôs-se numa neblina ocre, mas os convivas permaneceram sentados, a conversar, alegrando-se como os deuses no céu de Homero. Bathsheba continuava sentada no seu trono, à janela, entretida com o seu tricô, do qual levantava os olhos de vez em quando para contemplar a paisagem que agora se despedia. O lento crepúsculo expandiu-se e envolveu-os por completo antes de os homens mostrarem a sua intenção de partir.

De súbito, Gabriel reparou que o lavrador Boldwood já não ocupava o

seu lugar à cabeceira da mesa. Há quanto tempo os deixara, Oak não sabia, mas parecia ter-se retirado na noite que se adensava. Enquanto o pastor refletia, Liddy acendeu as velas no fundo da sala, e a luz das suas chamas vivas derramou-se ao longo da mesa e sobre os homens ali reunidos, perdendo-se nas sombras verdes mais atrás. A silhueta de Bathsheba, que não mudara de lugar, tornou-se de novo distinta; e a claridade que a iluminava revelou também que Boldwood tinha entrado no salão e estava sentado ao seu lado.

Veio então a pergunta da noite. Será que a menina Everdene ia oferecer-lhes essa canção que cantava sempre com tanto encanto — *Nas Margens de Allan Water*[75] — antes de irem todos para casa?

Depois de ponderar uns instantes, Bathsheba acedeu ao pedido e fez sinal a Gabriel, que se apressou a entrar no círculo cobiçado.

— Trouxe a sua flauta? — segredou-lhe ela.

— Sim, menina.

— Acompanhe-me, então.

Ela pôs-se de pé à janela, com as velas por detrás, de frente para os seus homens, e Gabriel à direita, encostado à ombreira. Boldwood pusera-se à sua esquerda, do lado de dentro. A voz de Bathsheba era suave e, de início, um pouco trémula, mas não tardou a ganhar volume e nitidez. Em virtude dos acontecimentos que se seguiram, a maior parte dos convivas ali reunidos recordaria durante meses, anos até, os versos seguintes:

Para noiva um soldado a foi buscar,
Com palavras a soube levar.
Nas margens do Allan Water,
Ninguém foi feliz como ela!

Juntando-se à melodia doce da flauta de Gabriel, Boldwood acrescentou a sua voz grave, de baixo, à cantoria, mas em surdina, como se evitasse formar um dueto banal. Mantendo-se na sombra, as suas notas ricas davam relevo à voz de Bathsheba. Os tosquiadores inclinaram-se uns sobre os outros, como nas ceias dos princípios da humanidade, e tão silenciosos e atentos estavam que quase se ouvia a respiração da cantora nas pausas entre compassos. Finda a balada, a última nota vibrando no ar, logo emergiu esse murmúrio de

contentamento que é a quintessência do aplauso.

Quase não seria necessário referir que Gabriel não pôde deixar de reparar no comportamento do lavrador para com a anfitriã dessa noite. E, no entanto, não havia nada de excecional nos seus atos a não ser o momento em que escolhia executá-los. Era quando todos os outros desviavam os olhos de Bathsheba que Boldwood a observava; quando eles a contemplavam, ele desviava os seus; quando lhe agradeciam ou a elogiavam, ele ficava em silêncio; quando estavam distraídos, ele murmurava a sua gratidão. Estas coisas em si não possuíam qualquer significado, mas a diferença entre elas sim; e a tendência para o ciúme com que se debatem os apaixonados levou Oak a não subestimar estes sinais.

Bathsheba desejou-lhes, então, as boas-noites, retirou-se da janela e recolheu-se no fundo da sala. Boldwood fechou a vidraça de guilhotina, as portadas, e ficou lá dentro, com ela. Gabriel afastou-se por dentro do arvoredo silencioso e perfumado. Recuperando do suave enlevo provocado pela voz de Bathsheba, os tosquiadores levantaram-se para partir. Coggan virou-se ainda para Pennyways, quando este empurrava o banco para trás, para lhe dizer:

— Gosto de fazer um elogio quando o elogio é merecido, e este homem merece... — observou, olhando para o refinado ladrão como se este fosse a obra de arte de um artista de renome.

— Pessoalmente, eu nunca teria acreditado se não no-lo tivessem provado, por assim dizer — soluçou Joseph Poorgrass. — Todos os copos, as melhores facas e garfos, e todas as garrafas vazias estão precisamente no mesmo sítio em que se achavam no início, e nada foi roubado.

— Tenho a certeza de que não mereço metade dos elogios que me fazem — replicou o virtuoso gatuno, muito sério.

— Bem, direi isto a favor de Pennyways — acrescentou Coggan: — Que quando o homem mete na cabeça fazer uma coisa nobre, na forma de uma boa ação, como pude ver pla cara dele esta noite quando se sentou no meio de nós, ele consegue levá-la a cabo. Sim, tenho orgulho em dizer, vizinhos, que não roubou coisa nenhuma.

— Foi um ato honesto e nós agradecemos-lhe por isso, Pennyways — disse Joseph, opinião que o grupo subscreveu unanimemente.

No momento da partida, quando já nada se via do interior do salão, de onde apenas se libertava um fino raio de luz pelas gretas das portadas, uma cena de paixão estava em curso.

A menina Everdene e Boldwood encontravam-se sós. Dada a gravidade do momento, as faces de Bathsheba tinham perdido grande parte da sua chama; mas os olhos brilhavam-lhe com a excitação do triunfo — ainda que esse triunfo tivesse sido menos desejado do que contemplado.

Ela estava de pé, atrás de uma poltrona baixa, da qual acabara de levantar-se; ele estava ajoelhado, inclinando-se sobre as costas da cadeira e segurando-lhe na mão com as suas duas mãos. Uma inquietude apoderara-se dos seus movimentos, animados por isso a que Keats delicadamente chama uma felicidade demasiado feliz[76]. E esta singular ausência de toda a dignidade, criada pelo amor, num homem que a tivera em abundância, era um desgosto para Bathsheba. Aliás, na sua perturbadora incongruência, privava-a do prazer de ser idolatrada.

— Tentarei amá-lo — dizia agora, numa voz trémula muito distante da sua habitual segurança. — E, se conseguir, de alguma forma, acreditar que serei uma boa esposa, estou certa de que me casarei consigo. No entanto, senhor Boldwood, a hesitação num assunto de tão grave importância é uma qualidade digna em qualquer mulher, e eu não quero fazer-lhe promessas esta noite. Prefiro pedir-lhe que espere algumas semanas, para eu poder ver com mais clareza.

— Mas tem alguma razão para achar que *nessa altura*...

— Tenho todas as razões para esperar que, no fim dessas cinco ou seis semanas, entre estes dias e os da colheita, em que o senhor me disse que ia ausentar-se de casa, eu já esteja pronta para prometer-lhe a minha mão — respondeu, com firmeza. — Mas lembre-se bem disto: ainda não prometi nada.

— Isso basta-me; não peço mais. Posso esperar por essas doces palavras. E agora, menina Everdene, desejo-lhe uma boa noite!

— Boa noite — replicou ela, graciosamente, com uma quase ternura; e Boldwood retirou-se com um sorriso sereno.

Bathsheba já o conhecia melhor; Boldwood abrira-lhe o seu coração, ao ponto de quase ganhar, aos olhos dela, esse ar lastimoso que têm as

grandes aves quando despidas das penas que as tornam grandes. Estava chocada com a ousadia que tinha cometido, e queria corrigi-la, sem pensar se esse pecado mereceria realmente o castigo que planeava autoinfligir-se. Ter-se colocado nesta situação era terrível; mas a alegria não tardou a acrescentar-se ao temor. A facilidade com que até a mulher mais tímida sente, por vezes, um prazer no horror, desde que misturado com um pequeno triunfo, não cessa de maravilhar.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Na Mesma Noite — O Pinhal

Entre os inúmeros deveres que Bathsheba se impusera a si própria ao dispensar os serviços de um maioral, havia o de fazer o giro da propriedade antes de se ir deitar, para verificar se tudo estava em ordem e se a quinta passaria a noite em segurança. Gabriel precedia-a quase sempre nesta ronda noturna, zelando pelos seus bens com o cuidado que teria um profissional especialmente destacado para o fazer; mas esta terna devoção era, em grande parte, desconhecida da patroa e, no pouco em que era conhecida, também não lhe era retribuída grande gratidão. As mulheres nunca se cansam de lamentar a instabilidade amorosa dos homens, mas parecem desdenhar da sua constância.

Dado que a vigia invisível é a mais eficaz, Bathsheba costumava levar uma lanterna de furta-fogo e, aqui e ali, acendia-a para examinar certos buracos e recantos com a tranquilidade de um polícia numa grande cidade. Este sangue-frio talvez não se devesse tanto à sua coragem face ao perigo, como à sua convicção de que não havia nenhum; e os piores receios que tinha eram de que um cavalo não estivesse bem deitado, de que houvesse galinhas à solta, ou de que uma porta não tivesse ficado fechada.

Nessa noite, inspecionou os edifícios como era seu hábito e deu a volta até ao cercado da quinta. Aqui, os únicos sons que vinham perturbar o silêncio eram os que resultavam da mastigação constante de muitas bocas e do sopro poderoso de uma multidão de narinas invisíveis, terminando em roncos e baforadas que faziam lembrar a lenta respiração de um fole. Depois, a mastigação recomeçava e o olhar, ajudado pela imaginação, discernia um grupo de ventas rosadas e brancas, em forma de cavernames, húmidas e pegajosas à superfície, e que não eram exatamente agradáveis ao toque até se ganhar o hábito. As bocas por baixo tinham uma grande tendência para agarrarem qualquer ponta solta da indumentária de Bathsheba que passasse ao alcance das suas línguas. Em cima, olhando de perto, via-se a pelagem

castanha da testa e dois olhos meigos e, a coroar tudo isto, um par de cornos esbranquiçados em forma de crescentes, como duas luas especialmente novas. Um fleumático *muuu!* vinha, de tempos a tempos, confirmar que estes vultos eram os de *Daisy*, *Whitefoot*, *Bonny-lass*, *Jolly-O*, *Spot*, *Twinkle-eye*, etc. — essa respeitável manada de vacas *devons* que pertencia, como já se referiu, a Bathsheba.

O caminho de regresso a casa fazia-se por um carreiro que atravessava um pinhal de árvores jovens, ali plantadas alguns anos antes para abrigar a herdade dos assaltos do vento norte. A folhagem por cima era tão densa que, no zénite de um dia claro, o caminho estava mergulhado na penumbra; a meio da tarde, já nele caíra o crepúsculo; quando o Sol se punha, era noite cerrada; e, à meia-noite, abatiam-se sobre ele as trevas da nona praga do Egito[77]. O lugar assemelhava-se a um imenso corredor natural, cujo teto baixo e frondoso era suportado por esguias colunas de madeira viva, sendo o chão revestido de um tapete castanho e macio, de agulhas mortas e pinhas bolorentas, com alguns tufos de erva aqui e ali.

Bathsheba temia sempre esta parte da ronda noturna, ainda que os seus receios não fossem suficientemente importantes para persuadi-la a levar um companheiro. Deslizando por ele às escondidas, como faz o Tempo, julgou ouvir passos a entrar no caminho em sentido inverso. Tinha a certeza de que era isso, um barulho de passos, e tratou de dar aos seus a delicadeza de flocos de neve. Procurou tranquilizar-se, recordando que o carreiro era público e que o viandante devia ser algum aldeão a caminho de casa; mas lamentava, ao mesmo tempo, que o encontro fosse dar-se no troço mais escuro da via, ainda que este ficasse mesmo à porta da sua residência.

O ruído tornou-se cada vez mais próximo e uma forma humana preparava-se para passar ao seu lado quando algo lhe arrepanhou a saia, prendendo-a ao chão. A paragem brusca quase desequilibrou Bathsheba. Ao recompor-se, tateou roupas quentes e botões.

— Por Deus, o que vem a ser isto? — disse uma voz masculina, um palmo ou dois acima da cabeça dela. — Magoei-o, amigo?

— Não — retorquiu Bathsheba, tentando fugir.

— Creio que ficámos presos um no outro.

— Sim.

— Você é uma mulher?

— Sou.

— Uma senhora, devia eu dizer.

— Não tem importância.

— Eu sou um homem.

— Ah!

Bathsheba puxou de novo pela saia, com delicadeza. Em vão.

— Parece-me ser uma lanterna de furta-fogo o que aí traz? — perguntou o homem.

— É, sim.

— Se me der licença, vou abri-la e libertá-la.

Uma mão agarrou na lanterna e abriu a portinhola; a luz jorrou do seu cativeiro e Bathsheba contemplou, com espanto, a sua situação.

O homem a quem se encontrava presa — um soldado — era uma visão de bronze e vermelho. O seu súbito aparecimento estava para a escuridão como o som do trompete para o silêncio. A treva, *genius loci*[78] até ao momento presente, fora totalmente destronada, não tanto pela luz da lanterna mas pelo que ela iluminava. E era tão grande o contraste entre esta revelação e a figura sinistra, de traje sombrio, que Bathsheba temera encontrar ali que teve nela o efeito de uma transformação feérica.

Percebeu de imediato que a espora do militar ficara enredada no galão que decorava a saia do seu vestido. Ele viu-lhe o rosto.

— Vou libertá-la num instante, menina — disse, com uma nova galantaria.

— Oh, não... eu dou conta do recado, obrigada — apressou-se ela a responder, inclinando-se para se ocupar do caso.

Mas desprender-se não era fácil. Em poucos instantes, a roseta da espora enredara-se de tal maneira nos fios do galão que a separação seria uma tarefa demorada.

Também ele se curvou, e a lanterna pousada no chão no meio dos dois lançou a sua luz sobre as agulhas dos pinheiros e os tufos compridos de erva húmida, fazendo lembrar um pirilampo gigante. Vindos de baixo, os seus raios iluminaram-lhes os rostos e projetaram

sobre metade do bosque as sombras gigantes de um homem e de uma mulher, que mais além se deformaram e confundiram com os troncos das árvores, até se perderem por completo.

Ele olhou-a nos olhos quando ela levantou os seus. Bathsheba tornou a baixar a cabeça: era um olhar demasiado intenso para ser recebido à queima-roupa. De relance, tinha reparado que o soldado era jovem e esbelto, e que exibia três divisas sobre a manga.

Tornou a puxar a saia.

— A menina está prisioneira; é inútil negá-lo — disse o militar, com secura. — Terei de cortar-lhe o vestido, se está assim com tanta pressa.

— Sim, por favor, corte! — exclamou ela, desesperada.

— Não seria necessário, se pudesse esperar uns instantes — insistiu ele, enquanto desenrolava o fio da pequena roda.

Bathsheba retirou a mão, mas, fosse por acaso ou desígnio, ele tocou-lhe. Ela sentiu-se indignada, sem saber bem porquê.

O desenrolar continuou, mas não se lhe via o fim. Bathsheba tornou a olhar para ele.

— Obrigado pela visão de um rosto tão bonito! — disse o jovem sargento, sem cerimónias.

Ela corou de embaraço.

— Foi involuntariamente revelado — volveu, rígida, e com tanta dignidade quanto a que podia evocar naquela espécie de cativeiro, o que não era muita.

— A descortesia só me faz gostar mais de si, menina — disse ele.

— Eu teria gostado... eu desejava... que o senhor nunca se tivesse atravessado no meu caminho!

Tornou a puxar a saia, e as linhas do vestido começaram a ceder com o som de um exército liliputiano[79].

— Mereço o castigo que me infligem as suas palavras. Mas não percebo porque sentirá uma rapariga tão bela e virtuosa tamanha aversão pelas pessoas do sexo do seu pai?

— Siga caminho, por favor.

— O quê, beleza, e arrastá-la comigo? Ora veja, eu cá nunca vi tamanho nó!

— Ah! É vergonhoso da sua parte! Tem estado a agravá-lo de

propósito, só para me reter aqui!

— Não creio — replicou o sargento, piscando-lhe o olho, divertido.

— E eu digo-lhe que foi isso mesmo que o senhor fez! — exclamou ela, irada. — Faço questão de ser eu a desfazê-lo. Ora, dê-me licença!

— Com certeza, menina; não sou de ferro. — Acrescentou um suspiro contendo tanta malícia quanto um suspiro pode conter. — Fico grato pela beleza, mesmo quando me é lançada como um osso a um cão. Estes momentos passam depressa!

Ela cerrou os lábios, num silêncio determinado.

Depois ponderou se, com um gesto audacioso e desesperado, conseguiria libertar-se, correndo o risco de deixar a saia pelo caminho. A ideia era aterradora. O vestido — que usara para presidir ao jantar — era a joia do seu guarda-roupa; mais nenhum lhe assentava tão bem. Que outra mulher na sua situação, que não fosse tímida por natureza e tivesse os seus subordinados à distância de um grito, pagaria um preço tão alto para se libertar de um belo soldado?

— Tudo a seu tempo; tenho a impressão de que isto se resolverá depressa — disse o calmo companheiro.

— Estes gracejos aborrecem-me e... e...

— Não seja cruel!

— ... insultam-me!

— É para poder ter o prazer de pedir desculpa a uma mulher tão encantadora, coisa que faço de imediato e com toda a humildade, senhora — volveu ele, com uma vénia profunda.

Bathsheba não sabia, de facto, o que dizer.

— Já vi muitas mulheres na minha vida — prosseguiu o jovem, num murmúrio, mais pensativo do que antes, contemplando ao mesmo tempo o rosto inclinado de Bathsheba. — Mas nunca vi uma tão bela como a senhora. Não ouça se não quiser... fique ofendida ou contente... não me importo.

— Quem é o senhor, então, que pode dar-se ao luxo de desprezar a opinião alheia?

— Nenhum estrangeiro. Sargento Troy. Vivo neste lugar... Aí tem! Está enfim desenredado, como pode ver. Os seus dedos delicados foram mais impacientes do que os meus. Oxalá tivesse sido o nó dos nós, que não há como desfazer!

O caso ia de mal a pior. Bathsheba levantou-se, e ele também. Como despedir-se do soldado com decência — era essa a sua presente dificuldade. Recuou, então, aos bocadinhos, de lanterna na mão, até deixar de ver o vermelho do uniforme.

— Ah, beleza, adeus! — exclamou ele.

Ela não respondeu e, ao alcançar uma distância de vinte ou trinta metros, virou-se e correu para casa.

Liddy tinha acabado de se recolher. Subindo ao seu quarto, Bathsheba abriu a porta da rapariga uma greta e, ofegante, inquiriu:

— Liddy, há algum militar instalado na aldeia? Um sargento qualquer coisa... com um ar distinto, para sargento, e bem-parecido... de uniforme vermelho, com adornos azuis?

— Não, menina... creio que não, mas pode ser que seja o sargento Troy, de licença, embora eu não o tenha visto. Ele já cá esteve uma vez, quando o seu regimento estava aquartelado em Casterbridge.

— Sim, é esse o nome. Ele tem um bigode... sem patilhas e sem barba?

— Tem, sim.

— Que género de homem é?

— Oh, menina... coro só de dizê-lo... um homem leviano! Mas também sei que é esperto e elegante e que podia ganhar fortunas, como um *squire*. Um jovem *dandy* inteligente como ele é! É filho de um doutor pelo nome, o que já não é pouco, e de um conde, por natureza!

— O que é ainda mais. Ora vejam só! Isso é verdade?

— É, sim. Foi muito bem criado, até o enviaram para a Grammar School de Casterbridge durante anos e anos. Enquanto lá esteve, aprendeu todas as línguas. E dizem que era capaz de escrever o chinês, em estenografia. Mas isso não garanto, porque só soube de ouvir dizer. No entanto, desperdiçou o talento e foi alistar-se como soldado; mesmo aí, chegou a sargento sem se esforçar. Ah! Que dádiva é sermos bem-nascidos; a nobreza do sangue destaca-se, mesmo no meio das fileiras. É verdade que ele voltou para casa, menina?

— Creio que sim. Boa noite, Liddy.

No fim de contas, como poderia uma alegre portadora de saias ficar para sempre ofendida com um homem como aquele? Há várias situações em que as mulheres como Bathsheba são capazes de fechar

os olhos a comportamentos pouco ortodoxos: quando querem ser elogiadas, o que acontece com frequência; quando querem ser dominadas, o que acontece às vezes; e quando querem que lhes falem com seriedade, o que é raro. Nesse momento, o primeiro sentimento crescia dentro dela, acrescido de uma pitada do segundo. Além disso, seja por acaso ou malícia, o facto de aquele que lhos suscitara ser um belo desconhecido que, com toda a evidência, já conhecera melhores dias contribuía para tornar tudo mais interessante.

Bathsheba não conseguia decidir com clareza se ele a tinha ou não ofendido.

«Já se viu coisa mais estranha?», disse, enfim, para si própria, no recato do quarto. «E já se viu comportamento mais mesquinho do que o meu, a esquivar-me assim de um homem que só tinha sido educado e atencioso comigo!»

Manifestamente, já não considerava insultuosos os elogios descarados que ele lhe tinha feito.

Fora uma omissão fatal da parte de Boldwood nunca lhe ter dito que ela era bela.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Descrição do Recém-Chegado

A idiossincrasia e a vicissitude tinham-se unido para fazer do sargento Troy um ser único.

Tratava-se de um homem para quem as recordações eram um estorvo e as antecipações uma coisa supérflua. Como não sentia, não ponderava e não se importava se não com o que se encontrava à sua frente, só era vulnerável no momento presente. Tinha do tempo apenas uma perceção escassa e efémera: a projeção da consciência nos dias remotos ou vindouros, que dá ao passado uma aparência patética e transforma o futuro num motivo de apreensão, era-lhe desconhecida. Com ele, o passado fora ontem; o futuro era amanhã; o nunca era o dia depois de amanhã.

Nesse sentido, talvez pudesse ter sido considerado um dos homens mais felizes do seu tempo. Pois é bem provável que a reminiscência seja menos um legado do que uma doença e que a expectativa, na sua única forma confortável — a da fé absoluta —, seja praticamente uma impossibilidade; enquanto na forma da esperança e dos seus compostos secundários — a paciência, a impaciência, a determinação, a curiosidade — é uma flutuação permanente entre o prazer e a dor.

Sendo inocente da prática da expectativa, o sargento Troy nunca se desiludia. No reverso deste ganho negativo é possível que tivesse havido algumas perdas positivas, associadas a um certo estreitamento do gosto e dos sentimentos mais elevados. Mas a limitação da capacidade nunca é reconhecida como uma perda pelo indivíduo limitado: neste aspeto, a pobreza moral e estética contrastará, sem dúvida, com a pobreza material, uma vez que aqueles que a sofrem não se apercebem da sua condição — e os que se apercebem depressa deixam de sofrê-la. Não se trata de renunciar a uma coisa o facto de jamais a ter possuído, e aquilo que Troy nunca tivera não lhe fazia falta. Pelo contrário, tendo perfeita consciência de tirar partido do que faltava aos outros, as suas faculdades, ainda que na realidade fossem

inferiores, pareciam-lhe superiores às dos demais.

Era moderadamente honesto com os homens, mas, com as mulheres, mentia como um cretense[80] — um sistema ético concebido para conquistar, acima de todos os outros, uma popularidade imediata no seio da sociedade galante; sendo a possibilidade de o triunfo se revelar transitório sumariamente remetida para o futuro.

Troy nunca ultrapassava essa fronteira que separa os vícios elegantes dos repulsivos; e assim, embora a sua conduta moral raras vezes tivesse sido aplaudida, a desaprovação que ela suscitava fora, não raro, temperada com um sorriso. Este modo de ser levara-o a tirar mais partido da cortesia dos outros homens do que das suas qualidades morais, nisto afirmando-se como um verdadeiro coríntio[81].

Razão e impulso raras vezes exerciam nele uma influência recíproca e, por acordo mútuo, já se tinham divorciado há muito tempo. Disto resultava que, por vezes, as intenções mais nobres ganhassem relevo no fundo negro dos seus atos. As fases libertinas do sargento decorriam do impulso, e as suas fases virtuosas de uma fria meditação, possuindo estas últimas alguma tendência para se fazerem saber, mais do que para serem vistas.

Troy era um poço de energia, mas as suas atividades eram menos de natureza motora do que vegetativa; e, como nunca seguiam um desígnio que as orientasse, exerciam-se sobre o primeiro objeto que o acaso colocasse no seu caminho. Daí que chegasse a ser brilhante no discurso, por ser espontâneo, mas ficasse aquém do lugar-comum na ação, por ser incapaz de orientar um esforço já de si incipiente. O sargento possuía um entendimento rápido e uma considerável força de caráter, mas, sendo desprovido do poder de combiná-los, o seu entendimento distraía-se com banalidades, à espera que a vontade o orientasse, e a força de caráter perdia-se em rotinas inúteis por negligenciar o entendimento.

Era um homem razoavelmente erudito para um membro da classe média — e excecionalmente erudito para um simples soldado. Falava com fluência e sem a mínima hesitação, o que lhe permitia parecer uma coisa sendo outra: por exemplo, podia falar de amor e estar a pensar no jantar; fazer uma visita ao marido para ver a esposa; mostrar-se ansioso

por pagar e ter a intenção de ficar a dever.

O maravilhoso poder que a lisonja tem sobre as mulheres é um dado universal; tão universal que é reconhecido por muitos com a mesma rapidez com que repetem um provérbio ou se afirmam cristãos e coisas afins, sem se deterem nas imensas consequências que decorrem destas proposições. Menos ainda será exercido para bem do objeto a que alude. Na maioria dos homens, esta opinião é arquivada ao lado de todos esses vulgares aforismos que exigiriam uma catástrofe para que os seus tremendos vaticínios viessem, de facto, a concretizar-se. Quando é expressa com alguma seriedade, é porque existe a ideia de que a lisonja tem de ser verosímil para ser eficaz. É um mérito dos homens que sejam poucos os que tentam tirar a questão a limpo através da experiência, e queira a felicidade que não seja o acaso a esclarecê-los. Não obstante, que um dissimulador que seduz uma mulher inundando-a de ficções irrealizáveis pode alcançar sobre ela um poder capaz de a levar à perdição é uma verdade que a muitos foi ensinada de forma involuntária e dolorosa. E alguns professam ter adquirido o mesmo conhecimento por meio da experiência, como já foi dito, e persistem no jogo, com terríveis consequências. O sargento Troy era um deles.

Sabia-se que fora capaz de dizer, em conversa casual, que, ao lidar com as mulheres, a única alternativa à lisonja era a injúria e o insulto. Não havia um terceiro método. «Trate-as com justiça e é um homem perdido», diria ele.

A aparição pública deste filósofo deu-se pouco tempo depois da sua chegada a Weatherbury. Uma semana ou duas após a tosquia, Bathsheba, que sentira um alívio indizível com a partida de Boldwood, aproximou-se dos seus campos e contemplou, por cima da sebe, a faina dos ceifeiros. Estes consistiam, em partes iguais, de vultos nodosos e de sinuosas silhuetas, os primeiros pertencendo aos homens, as segundas às mulheres, que usavam chapéus de aba larga cobertos por um pedaço de nanquim caindo-lhes sobre os ombros como um véu. Coggan e Mark Clark não andavam longe, e Clark trauteava uma canção ao ritmo da ceifa, que Jan não se esforçava por acompanhar. Ao longe, no primeiro prado, já se carregava o feno, as mulheres reunindo-o com um ancinho em fiadas e montículos que os homens lançavam para dentro da carroça.

Atrás desta, surgiu, então, um ponto vermelho-vivo — alguém que carregava o feno com os outros, despreocupadamente. Era o galante sargento, que viera ceifar os campos para se distrair; e ninguém podia negar que ele estava a prestar à dona da quinta um cavalheiresco serviço, ao dar o seu contributo voluntário num momento de necessidade.

Assim que ela entrou no campo, Troy viu-a, espetou a forquilha no chão, pegou na sua cana ou pingalim e veio ao seu encontro. Bathsheba corou de embaraço, quase irada, e ajustou os olhos, assim como os pés, à linha direita do caminho.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Cena à beira do Campo de Feno

— Ah, menina Everdene! — disse o sargento, fazendo uma breve continência. — Não me ocorreria que era consigo que eu tinha estado a falar na outra noite. E, no entanto, se tivesse pensado bem, a «Rainha do Mercado de Cereais» (a verdade é a verdade a qualquer hora do dia ou da noite, e eu ouvi, ontem, chamarem-lhe esse nome em Casterbridge), a «Rainha do Mercado de Cereais», dizia eu, não podia ser outra mulher. Vim ter consigo para lhe pedir mil vezes desculpa por me ter deixado levar pelos meus sentimentos, abordando-a com uma veemência imprópria num desconhecido. É certo que não sou um desconhecido deste lugar. Sou o sargento Troy, como lhe disse, e dei auxílio ao seu tio nestes campos inúmeras vezes, nos meus tempos de rapaz. Estive a fazer o mesmo para si, hoje.

— Imagino que tenha de agradecer-lhe por isso, sargento Troy — replicou a Rainha do Mercado de Cereais, num tom indiferente, ainda que grato.

O sargento fez um ar magoado e triste.

— Na verdade, não tem de fazê-lo, menina Everdene — disse ele. — O que a fez pensar que seria necessário?

— Fico contente.

— Porquê, se me dá licença que pergunte?

— Porque não me agrada muito ter de agradecer-lhe seja pelo que for.

— Receio que as minhas palavras tenham feito um rombo que o meu coração nunca conseguirá sarar. Ah, tempos insuportáveis estes: que a má sorte persiga um homem só por ter dito a uma mulher, com toda a honestidade, que ela era linda! Não lhe disse mais do que isto, tem de reconhecê-lo. Assim como eu próprio reconheço que não podia ter-lhe dito menos.

— Há certas conversas que eu dispensaria mais facilmente do que dinheiro.

— Não me diga. Esse comentário é uma espécie de evasiva.

— Não. Significa que prefiro conviver com a sua ausência.

— E eu prefiro os seus insultos aos beijos de outra mulher; por isso, ficarei.

Bathsheba emudeceu. Mas não conseguiu deixar de sentir que a ajuda que ele lhe prestara proibia uma rejeição mais áspera.

— Muito bem — prosseguiu Troy —, concedo que certos encómios são uma ofensa, e pode ter sido o caso dos meus. Por outro lado, há uma forma de tratar que deriva da injustiça, e talvez seja o caso da sua. Um homem simples e franco, que nunca foi ensinado a esconder os seus sentimentos, diz o que lhe vai na alma sem verdadeiramente o querer. Deverá este homem ser rejeitado como o filho de um pecador?

— Não se passa nada disso entre nós — replicou ela, virando-se. — Não permito aos desconhecidos que sejam descarados e impudentes, mesmo quando me tecem elogios.

— Ah, não é o facto mas o método que a ofende — retorquiu ele, descontraído. — Mas eu tenho a triste satisfação de saber que as minhas palavras, quer lhe tenham agradado ou ofendido, são a mais pura das verdades. Preferia que eu olhasse para si e que comentasse com os meus companheiros que a senhora, na realidade, é uma mulher desprovida de encantos, só para poupá-la ao embaraço de ser admirada quando eles se cruzassem no seu caminho? Não eu. Eu não seria capaz de dizer tão ridícula mentira a respeito de uma beldade ou de pregar a modéstia excessiva a uma única mulher em toda a Inglaterra.

— Não passa de artifício... o que está aí a dizer! — exclamou Bathsheba, rindo involuntariamente da astúcia do método. — O senhor tem um raro engenho, sargento Troy. Por que razão não podia ter passado por mim, na outra noite, sem dizer nada? É por isso que eu o censuro.

— Porque não era essa a minha intenção. Metade do prazer de um sentimento reside na possibilidade de exprimi-lo na força do momento, e eu deixei escapar o meu. O mesmo teria acontecido se a senhora fosse o contrário daquilo que é: feia e velha. Eu ter-me-ia exprimido da mesma maneira.

— Há quanto tempo é que sofre dessa força de sentimentos?

— Oh, desde que tenho idade para distinguir a beleza da fealdade.

— Espera-se que a sua noção dessa diferença não se detenha nos rostos e se estenda à moral também.

— Não falo de moral nem de religião; nem das minhas nem das dos outros. Mas talvez pudesse ter sido um belo cristão se vocês, mulheres bonitas, não me tivessem transformado num idólatra.

Bathsheba afastou-se para esconder um riso irreprimível. Troy seguiu-a, a rodar o seu pingalim.

— Mas... menina Everdene... não vai perdoar-me?

— Dificilmente.

— Porquê?

— Depois de tudo o que me diz?

— Eu disse que era linda e di-lo-ia outra vez; porque, pela minha... é mesmo! A mais bela que eu já vi, ou caia eu aqui morto neste preciso instante! Ora, juro pela minha...

— Não... Não! Não lhe darei ouvidos... o senhor é tão profano! — atalhou, inquieta, dividida entre o temor de ouvi-lo e um certo desejo de o ouvir ainda mais.

— De novo afirmo que a senhora é uma mulher fascinante. Não há nada de extraordinário em dizê-lo, pois não? Tenho a certeza de que o facto é uma evidência. Menina Everdene, a minha opinião pode ser dita com um ardor que não é do seu agrado e, por essa razão, ser demasiado insignificante para convencê-la, mas é, pelo menos, uma opinião honesta. Porque não desculpá-la?

— Porque não é... não é uma opinião correta — murmurou, feminina.

— Ah, vergonha... vergonha! Serei eu mais condenável por ter desobedecido ao terceiro desses Terríveis Dez[82] do que a senhora por ter transgredido o nono?

— Bem, não me parece que seja *propriamente* verdade que eu sou fascinante — replicou, evasiva.

— Talvez não lhe pareça a si. Nesse caso, direi com todo o respeito que, se assim for, há que culpar a modéstia, menina Everdene. Mas não acredito que não lhe tenha sido dito por todos o que para todos é evidente? E cabe-lhe a si confiar nessas palavras.

— Não o dizem de forma tão precisa.

— Sim, só podem!

— O que eu quis dizer é que não mo dizem diretamente, como o senhor fez — prosseguiu, deixando-se seduzir por uma conversa que tivera a firme intenção de evitar.

— Mas a menina sabe que é isso que eles pensam?

— Não... isto é... é verdade que já ouvi Liddy dizer que o pensam, mas...

Emudeceu.

Capitulação — era esse o significado desta breve e tímida resposta. Capitulação, sem que ela o soubesse. Nunca uma frase tão frágil e incompleta fora tão eloquente. O despreocupado sargento sorriu para dentro, e talvez o próprio Diabo tivesse sorrido também, de uma fresta no Tofete[83], porque este momento era um ponto de viragem. Tom e semblante denunciavam inequivocamente que a semente que ergueria os alicerces já se fixara numa pequena brecha: o resto era apenas uma questão de tempo e de evolução natural.

— Ei-la, a verdade vem à superfície! — disse o soldado, em resposta. — Não me venham dizer que uma jovem senhora pode viver rodeada de murmúrios de admiração sem que disso tenha sequer uma vaga consciência. Ah, enfim, menina Everdene, a menina é... perdoe-me a franqueza... um prejuízo para a nossa espécie.

— Como assim? — indagou ela, abrindo bem os olhos.

— Sim, é bem verdade. Tanto se me dá ser enforcado por uma ovelha como por um cordeiro (um velho ditado rural, sem grande ciência, mas que convém a um rude soldado), pelo que direi o que tenho em mente, sem pensar no seu agrado e sem ter esperança ou intenção de conseguir o seu perdão. Ora, menina Everdene, a verdade é que os seus encantos podem trazer mais mal do que bem ao mundo.

O sargento contemplou a pradaria, perdido nos seus pensamentos.

— A regra é que, em média, um homem se apaixone por uma mulher comum. Ela aceita casar-se com ele: ele fica satisfeito e leva uma vida útil. Mas as mulheres como a senhora são cobiçadas por uma centena de homens (os seus olhos enfeitiçam legiões, despertando um sem-número de paixões estéreis), e a senhora só pode desposar um homem, de entre todos estes pretendentes. Destes cem, digamos que vinte tentarão afogar na bebida as mágoas desse amor não correspondido;

outros vinte desperdiçarão a vida sem sequer quererem ou tentarem deixar a sua marca no mundo, porque o amor que sentem por si lhes levou toda a ambição; os vinte seguintes, nos quais me incluiria a mim próprio, suscetível como sou, vão segui-la para toda a parte, procurando lugares de onde talvez possam avistá-la, e farão coisas desesperadas. Os homens são tão tolos! Os que faltam talvez tentem esquecer a paixão com menor ou maior êxito. Mas todos estes homens serão infelizes. E não apenas estes noventa e nove homens, como as noventa e nove mulheres com quem poderiam ter-se casado. É esta a minha história. É por isso que lhe digo que uma mulher tão encantadora como a menina Everdene será dificilmente uma bênção para os seus semelhantes.

As feições do galante sargento tinham-se mantido, durante este discurso, tão austeras como as de John Knox ao dirigir-se à sua jovem e alegre rainha[84].

Vendo que ela não respondia, adiantou-se:

— A senhora lê o francês?

— Não; comecei a aprender, mas, quando cheguei aos verbos, o meu pai morreu — replicou ela, simplesmente.

— Eu leio, quando tenho oportunidade, o que nos últimos tempos não tem sido frequente. A minha mãe era parisiense, e eles têm um provérbio: *Qui aime bien châtie bien*, aquele que ama castiga. Compreende-me?

— Ah! — respondeu ela, e havia um ligeiro tremor na sua voz de menina, de costume tão serena. — Se o seu talento no campo de batalha for metade do que tem para discursar, é provável que consiga converter em deleite um golpe de baioneta!

A pobre Bathsheba percebeu de imediato o erro que acabara de cometer com esta admissão e, apressando-se a desmenti-la, foi de mal a pior.

— Não pense, contudo, que *eu* sinto algum deleite nas suas palavras.

— Bem sei que não... sei-o bem demais — retorquiu Troy, com uma convicção ardente à superfície do rosto, logo transformada em melancolia. — Quando uma dúzia de homens estariam dispostos a falar-lhe com ternura, dando-lhe a admiração que merece sem acrescentar o aviso de que precisa, é compreensível que a minha rudimentar mistura

de elogio e censura não lhe dê grande prazer. Por muito tolo que seja, não tenho a presunção de imaginar tal coisa!

— Penso que o senhor é, em todo o caso... presunçoso — reagiu Bathsheba, procurando distrair-se com a espiga que massacrava numa das mãos, visto que a estratégia do soldado começara, enfim, a causar-lhe um certo nervosismo: não por ignorar a natureza do método, mas porque o seu vigor a desarmava.

— Não o admitiria a mais ninguém. Nem a si, abertamente. No entanto, talvez tenha havido alguma presunção na minha ridícula pretensão da outra noite. Eu sabia que as minhas palavras de louvor já lhe deviam ter sido ditas demasiadas vezes para lhe proporcionarem algum prazer, mas também pensei que a sua bondade natural a impediria de julgar uma língua incontrolável com demasiada rigidez, coisa que acabou por fazer, para além de ter pensado mal de mim e de me ter magoado esta manhã, depois de eu ter trabalhado arduamente para salvar o seu feno.

— Bem, não pense mais nisso: talvez não tenha sido sua intenção faltar-me ao respeito quando decidiu ser franco. Na verdade, creio que não foi — afirmou, lúcida, com uma seriedade penosamente inocente. — E agradeço-lhe por me dar uma ajuda. Mas peço-lhe que não volte a falar comigo nesse tom, ou em qualquer outro, a menos que eu lhe dirija a palavra.

— Oh, menina Bathsheba! Isso é cruel!

— Não, não é. Em que medida?

— Nunca chegará a falar comigo, porque não vou ficar aqui por muito tempo. Não tardarei a regressar à miserável monotonia do treino militar. E é possível que o nosso regimento seja destacado em breve. No entanto, a senhora rouba-me a única cor que me resta nesta vida pardacenta. Bem, talvez a generosidade não seja o traço mais marcante do temperamento feminino.

— Quando vai partir? — volveu ela, com algum interesse.

— Daqui a um mês.

— Mas como pode tirar prazer do simples facto de falar comigo?

— Como pode ter coragem de perguntá-lo, menina Everdene, sabendo no que se baseia a minha ofensa?

— Se faz assim tanta questão numa coisa tão trivial, não me importo

de concedê-lo — respondeu, hesitante e cheia de dúvidas. — Mas não vejo como possa dar tanta importância a uma palavra minha... Só o diz por dizer... Creio que só o diz por dizer.

— É injusto, mas não me detenho nessa observação. Fico-lhe demasiado grato por receber uma prova da sua amizade para me pôr a regatear os pormenores da dádiva. Mas saiba que eu *dou* importância, menina Everdene. Pode parecer-lhe idiota que um homem queira uma simples palavra, um simples bom dia. Talvez o seja, não sei. Mas a senhora nunca foi um homem a contemplar uma mulher, sobretudo uma mulher com os seus atributos.

— Bem...

— Portanto, nada sabe do que essa experiência comporta... e que Deus a guarde de alguma vez o saber!

— Tolices, lisonjeador! Como é? Tenho interesse em saber.

— Abreviando, é não ser capaz de pensar, ouvir ou olhar em mais nenhuma direção, a não ser uma, sem cair na melancolia, e, nesse caso, não estar a salvo da tortura.

— Ah, sargento, não me convence. Está a fingir! — replicou ela, abanando a cabeça. — As suas palavras são demasiado belas para serem verdadeiras.

— Asseguro-lhe que não, pela minha honra de soldado.

— Mas *porquê*? É claro que lho pergunto apenas por curiosidade.

— Porque a senhora é um encanto, e eu um encantado.

— Tem todo o ar disso.

— Tenho, de facto.

— Ora, só me conheceu na outra noite!

— Não faz qualquer diferença. O relâmpago atinge-nos instantaneamente. Amei-a nesse momento, de imediato. Tal como agora.

Bathsheba inspecionou-o com curiosidade, dos pés à cabeça, mas sem se aventurar até à altura dos olhos dele.

— Não pode ser verdade e não é — afirmou, com um falso recato. — Os sentimentos não nascem assim, de repente. Não vou continuar aqui a ouvi-lo. Meu Deus, que hora poderá ser? Vou-me embora, já perdi demasiado tempo com esta conversa!

O sargento olhou para o seu relógio e disse-lhe que horas eram.

— Ora essa, a menina não tem um relógio? — indagou.

— Não tenho, de momento. Quero ver se compro um novo, em breve.

— Não. Ser-lhe-á oferecido. Sim, oferecido. Um presente, menina Everdene... um presente.

E, antes que ela percebesse de que falava o jovem militar, um pesado relógio de ouro foi-lhe colocado na palma da mão.

— É um relógio de invulgar qualidade para um homem como eu — disse ele, calmamente. — E é um relógio com história. Pressione a mola e abra a tampa de trás.

Ela fê-lo.

— O que vê aí?

— Um brasão e uma divisa.

— Uma coroa de cinco pontas e, por baixo, *Cedit amor rebus*[85]. «O amor cede às circunstâncias.» É a divisa dos condes de Severn. Este relógio pertencia ao último lorde e foi oferecido ao marido da minha mãe, um homem da medicina, para seu uso pessoal, até eu perfazer a idade em que me seria dado a mim. Nele consiste toda a fortuna que alguma vez herdei. Esse relógio mediu, no seu tempo, interesses imperiais: o cerimonial de Estado, as audiências na corte, a pompa das viagens e o sono dos lordes. Agora, é seu.

— Mas, sargento Troy, não posso aceitá-lo. Não posso! — exclamou ela, arregalando os olhos, de assombro. — Um relógio de ouro! Como pode fazer tal coisa? Não se faça de desentendido!

O sargento recuou para evitar receber o seu presente de volta, que ela lhe estendia com persistência. Bathsheba seguiu-o.

— Guarde-o, a sério, menina Everdene, guarde-o! — disse o filho errático do impulso. — O facto de o possuir dá-lhe dez vezes mais valor do que tinha para mim. Um objeto menos nobre irá corresponder da mesma forma às minhas necessidades, e o prazer de saber junto de que coração bate o que antes era meu, enfim, não tento sequer descrevê-lo. Está hoje em mãos de longe mais meritórias do que quaisquer outras a que tenha pertencido no passado.

— Mas, acredite, não posso aceitá-lo! — volveu ela, num frémito perfeito de inquietação. — Como pode fazer tal coisa; partindo do princípio de que está a falar a sério! Dar-me o relógio do seu pai defunto, valioso como é! Não devia ser tão impulsivo, sargento Troy!

— Eu amava o meu pai, é certo; mas, mais importante, amo-a a si. É por isso que consigo fazê-lo — disse o sargento, num tom de tão refinada lealdade que não podia ser inteiramente simulado.

A beleza que ele elogiara por diversão, enquanto ela estivera em sossego, inspirava-lhe uma nova sinceridade, agora que ela se inquietava; e, embora a seriedade dele fosse menor do que ela imaginava, talvez fosse maior do que ele próprio supunha.

Bathsheba caíra numa perplexidade nervosa e, com emoção e desconfiança, perguntou:

— Poderá ser? Ah, como pode ser que sinta por mim esse afeto tão súbito? Conhece-me tão mal: eu posso não ser assim tão... tão atraente como me afiguro aos seus olhos. Por favor, aceite-o de volta; vamos, aceite! Não posso e não quero tê-lo. Acredite, a sua generosidade é excessiva. Nunca lhe fiz uma única caridade. Por que razão seria o senhor tão bom para mim?

Uma resposta artificial aflorara-lhe de novo os lábios e, de novo, a suspendeu. Troy olhou para ela, rendido. A verdade era que, tal como se lhe apresentava agora — exaltada, ardente, límpida como o dia —, a beleza sedutora de Bathsheba encarnava tão completamente os epítetos que ele lhe atribuíra que até o desconcertava a ousadia de tê-los tecido em falsidade. Replicou, mecanicamente: «ah, porque seria?», e continuou a admirá-la.

— E os meus trabalhadores veem-me a persegui-lo pelos campos nestes preparos e interrogam-se. Ah, que horror! — exclamou, alheia à metamorfose que estava a provocar.

— Não era minha intenção, de imediato, que o aceitasse, uma vez que se trata da minha única e pobre certidão de nobreza — desabafou ele, sem cerimónias. — Mas juro-lhe pela minha alma que, agora, desejo que o aceite. Sem vergonhas! Não me negue a felicidade de o usar, faça-me esse gosto. Temo, porém, que seja demasiado bela para se dar ao trabalho de ser bondosa como são os outros.

— Não, não; não diga isso! Tenho razões para ser reservada que não lhe posso revelar.

— Que seja, então, que seja — disse ele, recebendo, por fim, o relógio de volta. — Tenho de deixá-la, agora. Falará comigo durante as escassas semanas da minha estada?

— Falarei, sim. E, contudo, não sei se o farei! Oh, por que razão tinha de vir desinquietar-me tanto?

— Talvez ao armar uma armadilha eu próprio tenha caído nela. Já aconteceu antes. Bem, permite-me que eu trabalhe nos seus campos? — rogou.

— Sim, suponho que sim; se isso lhe der prazer.

— Menina Everdene, agradeço-lhe.

— Não, não.

— Adeus.

O sargento levou a mão ao boné inclinado sobre a cabeça, fez-lhe a continência e regressou para junto do grupo distante de segadores.

Bathsheba já não conseguiria enfrentá-los. Com o coração num desgoverno, refém de uma agitação confusa, febril e à beira das lágrimas, voltou para casa, murmurando:

— Oh, que fiz eu? O que significa? Oxalá soubesse que verdade havia no que ele disse!

CAPÍTULO VINTE E SETE

A Enxameação das Abelhas

Nesse ano, a enxameação das abelhas estava atrasada em Weatherbury. Era o fim de junho, no dia seguinte ao encontro com Troy, no campo de feno. Bathsheba estava no seu jardim, a observar um enxame nos ares e a tentar adivinhar qual seria o lugar onde iria pousar. As abelhas não só se tinham atrasado, como eram indisciplinadas. Por vezes, durante uma estação inteira, os enxames escolhiam pousar-se nos ramos mais baixos e acessíveis — uma groselheira ou uma espaldeira de macieiras; no ano seguinte, partiam com a mesma unanimidade para o ramo mais alto das mais altas macieiras, uma *Gaunt Costard* ou uma *Quarrenden*[86], de onde enfrentariam todos os invasores que tentassem desalojá-los sem a ajuda de escadas e bordões.

Era este o caso de momento. Os olhos de Bathsheba, que uma mão protegia da luz, seguiam a multidão ascendente no fundo insondável de azul, até esta se deter, enfim, numa das árvores de difícil acesso já mencionadas. Observava-se então um processo de certo modo análogo ao da suposta formação do universo na noite dos tempos. O buliçoso enxame formara no céu uma neblina de muitos pontos dispersos, que agora se adensava em torno de um centro nebuloso: este deslizou para cima de um ramo e adensou-se ainda mais, até criar uma mancha preta e sólida na claridade do dia.

Todos, homens e mulheres, estavam empenhados na salvação do feno — até mesmo Liddy saíra de casa para dar uma ajuda — e Bathsheba resolveu enxamear ela própria as abelhas, se isso fosse possível. Tinha preparado a colmeia com ervas e mel e fora buscar uma escada, uma escova e um cajado. Tornara-se inexpugnável, com uma armadura de luvas de couro, chapéu de palha e um amplo véu de escumilha que, em tempos, fora verde e agora esmaecera para um vago tom de ferrugem. Depois de subir doze degraus da dita escada, ouviu de súbito, nem a dez metros de distância, uma voz que começava a ter o

estranho condão de a agitar.

— Menina Everdene, deixe-me ajudá-la; não devia ocupar-se sozinha de semelhante tarefa.

Troy estava a abrir o portão do jardim.

Bathsheba deixou cair a escova, o cajado e a colmeia vazia, puxou precipitadamente as saias do vestido de modo a cobrirem-lhe os tornozelos e, tão bem quanto pôde, deslizou pela escada abaixo. Na altura em que alcançou o chão, Troy já lá estava e inclinou-se para apanhar a colmeia.

— Que sorte ter chegado neste momento! — exclamou o sargento.

Ela recuperou a voz num minuto.

— Como? Quer fazer-me o favor de as pôr lá dentro outra vez? — perguntou, num tom que era vacilante para uma rapariga afoita, mas que, numa tímida, teria parecido firme.

— Se quero? — replicou Troy. — Claro que quero. Que radiosa está hoje!

O sargento desembaraçou-se do seu pingalim e pôs um pé num degrau da escada, para subir.

— Mas tem de calçar as luvas e pôr o véu, ou será terrivelmente picado!

— Ah, sim. Tenho de colocar o véu e calçar as luvas. Teria a gentileza de mostrar-me como se faz?

— E tem de ficar com o chapéu de aba larga, porque o seu boné não tem aba, para manter o véu à distância, e a cara ficaria à mercê dos ferrões.

— O chapéu de aba larga também, venha ele.

Quis o destino caprichoso que Bathsheba removesse o seu chapéu — véu incluído — e o pousasse sobre a cabeça de Troy, que lançara o dele para cima de uma groselheira. Em seguida, o véu teve de ser preso por dentro do colarinho do sargento e as luvas foram-lhe calçadas.

Troy parecia um ser tão extraordinário, assim trajado, que, agitada como estava, Bathsheba não conseguiu evitar uma gargalhada. Era a remoção de mais uma estaca dessa paliçada de boas maneiras que o mantinha ainda à distância.

Observou-o do chão enquanto ele se atarefava a varrer e a sacudir as abelhas da árvore, segurando na colmeia com a outra mão para elas

caírem lá dentro. Aproveitou mesmo um minuto em que ele estava concentrado naquela operação para compor um pouco as suas plumas. Troy desceu de braço estendido, a segurar na colmeia, seguido por uma nuvem de abelhas.

— Pela minha vida! — exclamou, por detrás do véu —, segurar nesta colmeia faz-me mais dores no braço do que uma semana inteira de exercícios com o sabre.

Concluída a operação, aproximou-se dela.

— Teria a bondade de desamarrar-me e de me libertar? Quase sufoco nesta gaiola de seda.

Para disfarçar o seu embaraço durante o invulgar processo de desatar-lhe o cordão à volta do pescoço, ela disse:

— Nunca assisti àquilo a que se refere.

— O quê?

— Ao exercício com o sabre.

— Ah! E gostava de ver? — perguntou Troy.

Bathsheba hesitou. Ouvira, de longe em longe, os extraordinários relatos de habitantes de Weatherbury que, tendo pernoitado em Casterbridge, perto do quartel, haviam assistido a esse estranho e glorioso espetáculo — o exercício do sabre. Miúdos e graúdos espreitavam por pequenas brechas, ou trepavam aos muros do pátio da caserna, e diziam, no regresso, que era a coisa mais deslumbrante que já tinham visto. Fardas e armas cintilavam como estrelas — aqui, ali, a toda a volta — e tudo obedecia a um ritmo e a uma ordem perfeitos. Por isso, Bathsheba disse sem grande entusiasmo aquilo que sentia com fervor:

— Sim; gostava muito de ver.

— E assim será; ver-me-á a mim executar o exercício.

— Não! Como?

— Deixe-me pensar.

— Não com uma cana... isso não me daria gosto ver. Tem de ser com a espada verdadeira.

— Sim, eu sei; e não tenho nenhuma aqui; mas creio que conseguiria arranjar uma ao entardecer. Seria capaz de fazer isto...?

Troy inclinou-se e murmurou-lhe uma sugestão em voz baixa.

— Oh, não, nem pensar! — respondeu Bathsheba, corando. — Muito

obrigada, mas não poderia, de modo algum.

— Claro que pode! Ninguém precisa de saber.

Ela abanou a cabeça, mas a sua recusa já se atenuara.

— Se o fizesse — disse ela —, teria de levar Liddy comigo. Não posso?

Troy olhou para longe e replicou, mais frio:

— Não vejo por que razão quer levá-la consigo.

Um assentimento inconsciente no olhar de Bathsheba denunciou que algo mais do que a frieza dele a levara a sentir que Liddy seria, de facto, supérflua no quadro sugerido. Já o sentira no momento em que lhe fizera a sua contraproposta.

— Assim sendo, não a levarei. E irei eu. Mas apenas por um breve instante — acrescentou. — Brevíssimo.

— Não levará mais do que cinco minutos — volveu Troy.

CAPÍTULO VINTE E OITO

A Cova no Meio dos Fetos

À frente da casa de Bathsheba, a colina estendia-se, para lá de mil metros, por um troço de terra inculta, coberta naquela estação de grandes matagais de fetos, inchados e diáfanos por terem crescido muito depressa, de um belo verde, claro e puro.

Às oito horas dessa noite, no solstício de verão, ainda o férvido disco de ouro a ocidente aflorava as pontas dos fetos com os seus raios compridos e abundantes, um suave murmúrio de saias fez-se ouvir no meio da vegetação. Bathsheba apareceu, por entre os fetos, cujos braços macios e penugentos a acariciavam até à altura dos ombros. Aqui, deteve-se, virou-se e tornou a subir a encosta na direção da casa. Já ia a meio caminho quando lançou um olhar de despedida ao lugar que acabara de deixar, tendo resolvido, afinal, não se demorar ali.

Viu, então, uma mancha difusa, de um vermelho não natural, a escalar o flanco da colina e a desaparecer do outro lado.

Esperou um minuto, dois, pensou na desilusão de Troy se ela faltasse ao compromisso e desatou a correr pelos campos, subiu o talude e seguiu na direção original. Tremia agora de uma ponta à outra, ofegante, perante a audácia de tão estouvado comportamento; a respiração fazia-se por sopros curtos e rápidos e os olhos brilhavam-lhe com uma luz pouco vulgar. Porém, tinha de ir. Chegou à beira dessa cova no meio da floresta de fetos. Troy estava lá em baixo, a olhar para cima.

— Ouvi-a passar pelos fetos antes de a ver — disse ele, subindo ao seu encontro e dando-lhe a mão para ajudá-la a descer.

O fosso era uma concavidade natural em forma de prato com um diâmetro no cimo de cerca de dez metros. Era raso o suficiente para permitir que o sol lhes iluminasse as cabeças. Quem estivesse no centro da cova, veria o céu recortado por um horizonte circular de vegetação: os fetos brotavam até quase ao fundo do declive e, depois, cessavam abruptamente. A clareira no meio deste cinto de verdura era revestida de um tapete espesso e sedoso de musgo e erva, tão macio que o pé nele

se afundava.

— Ora bem — disse Troy, erguendo o sabre, que brilhou ao sol numa espécie de saudação, como uma coisa viva. — Primeiro, temos quatro cutiladas à direita e quatro à esquerda; quatro estocadas à direita e quatro à esquerda. As cutiladas da infantaria e as suas guardas são, a meu ver, mais interessantes do que as nossas; mas não são tão eficazes. Eles têm sete cutiladas e três estocadas. Eis a introdução. Adiante: a nossa primeira cutilada é como se estivéssemos a semear o trigo... assim.

Bathsheba viu uma espécie de arco-íris invertido no ar, e o braço de Troy retomou a posição inicial.

— A segunda cutilada é como se estivéssemos a delimitar um cerrado... assim. A número três como se ceifássemos... deste modo. A quatro como se malhássemos... como vê. Depois, o mesmo à esquerda. As estocadas são estas: primeira, segunda, terceira e quarta, à direita; primeira, segunda, terceira e quarta, à esquerda.

Repetiu-as.

— Mais uma vez? — perguntou. — Primeira, segunda...

Ela apressou-se a interrompê-lo:

— Preferia que não o fizesse; as suas segundas e quartas não me incomodam, mas as primeiras e terceiras são assustadoras!

— Muito bem. Vou poupá-la às primeiras e terceiras. Em seguida, cutilada, estocada e guarda reunidas.

Troy fez a sua demonstração.

— Depois, continuamos o exercício, assim.

Tornou a executar os mesmos movimentos.

— Aí tem. Estas são as posições básicas. A infantaria tem duas diabólicas cutiladas ascendentes, mas nós somos demasiado humanos para nos servirmos delas. São assim... três, quatro.

— Como são assassinas e sanguinárias!

— São golpes fatais. E agora algo mais interessante. Vou mostrar-lhe um exercício livre, com todas as cutiladas e estocadas da infantaria e da cavalaria, mais rápidas do que relâmpagos e numa ordem aleatória, apenas com a disciplina necessária para orientar o instinto sem o restringir. A menina será o meu adversário, com esta diferença apenas do palco de guerra real: o golpe falhará sempre por um fio de cabelo,

talvez dois. Mas, faça o que fizer, não estremeça.

— Garanto-lhe que não! — replicou ela, intrépida.

Troy apontou a ponta do sabre a cerca de um metro de distância.

O espírito aventureiro de Bathsheba começava a encontrar algum prazer neste jogo tão novo para ela. Assumiu a posição que lhe fora indicada, virada de frente para ele.

— E agora, só para saber se a menina tem coragem suficiente para me dar liberdade de movimentos, façamos um teste prévio.

Brandiu o sabre, como se preparasse o número dois, e a única coisa de que Bathsheba teve consciência foi da cintilação da ponta e gume na direção do seu flanco esquerdo, mesmo por cima da anca, antes de ver reaparecer a lâmina do lado direito, como se a tivesse trespassado de uma ponta à outra, entre as costelas. O terceiro momento de que teve consciência foi o de ver o mesmo sabre, intacto e sem pinga de sangue, sustido na vertical, na mão de Troy (uma posição tecnicamente designada «regresso à guarda»). Tudo se passara à velocidade do relâmpago.

— Oh! — gritou ela, aterrorizada, apalpando o flanco. — O sabre trespassou-me? Não, estou ilesa! Mas o que foi que acabou de fazer?

— Não lhe toquei — respondeu ele, tranquilamente. — Foi um simples passe de magia. O sabre passou por detrás de si. Mas não está com medo, pois não? Porque, se estiver, eu não posso continuar. Dou-lhe a minha palavra de que não vou fazer-lhe mal; não lhe tocarei sequer.

— Não creio que tenha medo. Tem a certeza absoluta de que não vai magoar-me?

— Absoluta.

— O sabre é muito afiado?

— Ah, não... fique quieta como uma estátua. Agora!

Num ápice, a atmosfera transfigurou-se aos olhos de Bathsheba. Raios de luz que repercutiam os do poente apareciam por cima, em redor e à frente dela, sempre rentes ao corpo, fazendo quase desaparecer o céu e a terra — todos eles emitidos pelas assombrosas evoluções da lâmina iridescente de Troy, que parecia estar em toda a parte ao mesmo tempo e em nenhuma em particular. Estes relâmpagos que a cercavam faziam-se acompanhar de uma sibilação urgente que era quase um assobio e que também a assaltava de todos os lados ao

mesmo tempo. Em suma, ela estava fechada numa abóbada de luz e de silvos agudos, fazendo lembrar um céu rasgado por meteoros que estivessem ao alcance da mão.

Nunca, desde que o sabre fazia parte do armamento nacional, fora esta arma manuseada com maior destreza do que pelas mãos do sargento Troy. E nunca tivera ele um desempenho tão magnífico como agora, à luz do entardecer, no meio dos fetos, na companhia de Bathsheba. Não seria um erro dizer a respeito do rigor dos seus golpes que, caso fosse possível a ponta do sabre desenhar no ar, à sua passagem, um rasto permanente, o espaço deixado intacto teria sido um molde quase perfeito da silhueta de Bathsheba.

Para lá dos feixes luminosos desta *aurora militaris*, ela distinguia o tom da manga direita de Troy, uma linha escarlate que se esbatia no espaço percorrido pelos seus movimentos, como a corda vibrante de uma harpa. Atrás de tudo isto, estava ele, a maior parte do tempo virado de frente para ela; ou, por vezes, para lhe mostrar os golpes de retaguarda, de perfil, ainda que nunca tirasse os olhos do seu alvo, medindo-lhe o volume e os contornos, com os lábios cerrados de concentração. Em seguida, os movimentos abrandaram, e Bathsheba pôde vê-los decompostos. O silvo do sabre cessou, e ele parou por completo.

— Esse caracol solto precisa de um jeitinho — observou o sargento, antes de ela se mover ou falar. — Espere: eu faço-o por si.

Um arco de prata reverberou no flanco direito de Bathsheba: o sabre já tinha descido. A mecha de cabelo caiu no chão.

— Que coragem! — exclamou Troy. — Não se mexeu um milímetro. Surpreendente, para uma mulher!

— Foi porque não estava à espera. Oh, já me estragou o cabelo!

— Só mais uma vez.

— Não... Não! Tenho medo de si... palavra que tenho! — gritou ela.

— Não lhe vou tocar... nem num fio de cabelo. Vou apenas dar cabo dessa lagarta que lhe pousou em cima. Não se mexa!

Parecia que uma lagarta, sem dúvida saída dos fetos, escolhera fazer morada sobre o corpete de Bathsheba. Esta viu a ponta do sabre a cintilar na direção do seu peito; parecia tê-lo atravessado. Então, fechou os olhos, convicta de que fora, enfim, assassinada. Todavia, sentindo-se

a mesma de sempre, tornou a abri-los.

— Aqui está ela, repare — disse o sargento, mostrando-lhe a ponta do sabre.

A lagarta estava ali, empalada.

— Ora, é magia! — exclamou Bathsheba, admirada.

— Não, é destreza. Limitei-me a apontar ao lugar onde se encontrava a lagarta e, em vez de trespassá-la a si, detive-me a um milésimo de polegada do seu corpete.

— Mas como pôde cortar-me um caracol de cabelo com uma espada que não tem gume?

— Não tem gume? Este sabre corta como uma navalha. Repare.

Troy tocou na palma da mão com a lâmina; erguendo-a, mostrou-lhe a fina camada de pelos retirada da epiderme.

— Mas o senhor disse-me, antes de começar, que era uma lâmina romba e que não podia cortar-me!

— Isso foi para convencê-la a ficar quieta e garantir a sua segurança. O risco de se ferir, caso se mexesse, era demasiado grande para me dispensar de contar-lhe uma mentira que a salvasse.

Ela estremeceu.

— Estive a um milímetro de perder a vida e não o sabia!

— Em bom rigor, esteve a meio milímetro de ser cortada ao meio duzentas e noventa e cinco vezes.

— Que crueldade, que crueldade a sua!

— Não obstante, esteve sempre segura. O meu sabre nunca erra.

Troy devolveu a arma à sua bainha.

Esmagada por uma centena de sentimentos tumultuosos em relação ao que acabara de acontecer, Bathsheba sentou-se, absorta, num tufo de urze.

— Tenho de deixá-la agora — disse Troy, numa voz doce. — E atrevo-me a levar isto para me lembrar de si.

Ela viu-o inclinar-se sobre a erva, pegar no caracol sinuoso que tinha roubado às suas muitas madeixas, enrolá-lo à volta dos dedos, desabotoar um botão da frente da casaca e, com cuidado, guardá-lo ali dentro. Faltavam-lhe as forças para enfrentá-lo ou para lho negar. Troy era demasiado para ela, e Bathsheba sentiu o mesmo que alguém sente quando, estando virado para uma revigorante rajada de vento, se vê

impedido de respirar. Aproximando-se dela, ele disse:

— Tenho de ir.

Aproximou-se um pouco mais. Dali a um minuto, Bathsheba viu a sua silhueta escarlate desaparecer no meio da floresta de fetos, como um súbito clarão ou um ferrete sacudido com vividez.

Durante este intervalo de um minuto, o sangue subiu-lhe ao rosto, latejante, pondo-a a arder como se toda ela estivesse em chamas até à planta dos pés, e ampliando a emoção de uma forma que bania todo o pensamento. Fora atingida por um golpe — como o cajado que Moisés enterrou no monte Horeb[87], nele criando um ribeiro. No presente caso, era uma fonte de lágrimas. Bathsheba sentia ter cometido um grande pecado.

O motivo fora a delicada descida da boca de Troy na direção dos seus lábios. Ele tinha-a beijado.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Pormenores de Um Passeio ao Crepúsculo

Vemos agora o elemento da loucura combinar-se distintamente com os diversos traços que compunham o caráter de Bathsheba Everdene. Era quase alheio à sua natureza intrínseca. Trazido pela seta de Eros, foi aos poucos permeando e colorindo toda a sua constituição. Embora fosse demasiado lúcida para se deixar governar pela sua feminilidade, Bathsheba era demasiado feminina para tirar o melhor partido da sua inteligência. Em nada a mulher surpreende mais o seu companheiro do que na sua estranha capacidade de acreditar em elogios que sabe serem falsos — exceto quando se mostra profundamente cética em relação a críticas que sabe serem verdadeiras.

Bathsheba amava Troy como só as mulheres independentes amam quando renunciam à sua independência. Quando uma mulher forte se separa irresponsavelmente da sua força, a sua condição é ainda pior do que a da mulher fraca que nunca teve uma força da qual se separar. Uma das causas da sua inaptidão é a novidade das circunstâncias. Ela nunca teve a experiência de tirar o melhor partido da sua condição. A fragilidade é dupla quando é nova.

Bathsheba não estava consciente da perfídia neste caso. Embora fosse, num certo sentido, uma mulher com mundo, este era, afinal, o mundo dos pequenos compadrios que não se escondem e dos tapetes de verdura onde o gado faz as vezes da multidão e o ruído do vento o do seu bulício; onde uma tranquila família de coelhos ou lebres vive paredes meias com o nosso salão de festas, onde o vizinho é toda a gente e onde todo o calculismo se destina aos dias de mercado. Dos gostos inventados da boa sociedade pouco conhecia, e da engendrada autoindulgência da má, nada de todo. Se os seus pensamentos mais profundos a este respeito tivessem sido verbalizados (e, por ela própria, nunca eram), eles teriam simplesmente revelado que Bathsheba sentia que os seus impulsos eram guias mais agradáveis do que a sua discrição. O seu amor era inteiro como o de uma criança e, embora

fosse quente como o verão, também tinha a frescura da primavera. Só era culpada de não submeter o sentimento ao escrutínio subtil e cuidadoso da consciência. Era capaz de avisar os outros do caminho íngreme e espinhoso, mas não seguia o seu próprio conselho.

Ora, os defeitos de Troy não eram nada evidentes para o olhar de uma mulher, enquanto os seus atributos saltavam à vista; nisto contrastando com o mais familiar Gabriel Oak, cujas falhas até um cego discerniria e cujas virtudes eram como o metal precioso nas entranhas da mina.

A diferença entre o respeito e o amor transparecia marcadamente na atitude de Bathsheba. Do seu interesse por Boldwood, falara a Liddy com toda a liberdade; mas, acerca de Troy, só tivera o coração por confidente.

Este enamoramento não passou despercebido a Gabriel, que nele empreendia desde a partida para os campos, de madrugada, até ao seu regresso no fim do dia e ainda, muitas vezes, pela noite dentro. O facto de não ser amado fora, até agora, o seu maior desgosto; mas que Bathsheba estivesse a cair numa armadilha constituía um desgosto ainda maior do que o primeiro e que, por comparação, quase o obscurecia. Fenómeno que fazia lembrar a muito citada observação de Hipócrates a respeito da dor física[88].

É um amor nobre, ainda que pouco promissor, aquele que nem mesmo o medo de provocar a repulsa do amado consegue dissuadir de combater os seus erros. Oak estava determinado a falar com Bathsheba. Basearia o seu conselho naquilo que considerava ser a forma injusta como ela tratava o lavrador Boldwood, então ausente de casa.

A oportunidade apresentou-se num fim de tarde em que a sua patroa tinha ido dar um pequeno passeio por um trilho que atravessava os campos de trigo vizinhos. Já caíra o crepúsculo quando Oak, que não trabalhara muito longe da propriedade nesse dia, enveredou pelo mesmo trilho, apanhando-a no regresso. Vinha, por sinal, muito pensativa.

O frumento já estava alto e o trilho era estreito, o que fazia com que o caminho mais parecesse um rego afundado no meio das densas plantações que o ladeavam. Como não era possível caminharem lado a lado sem danificar as culturas, Oak deixou-a passar à frente.

— Ah, é você, Gabriel? — disse ela. — Também veio dar um passeio? Boa noite.

— Achei que devia vir procurá-la, pois já se faz tarde — volveu Oak, virando-se e seguindo-a de perto, apesar de ela ter passado por ele de raspão e num passo acelerado.

— Agradeço-lhe, mas não sou temerosa.

— Eu sei; mas há malfeitores por aí.

— Nunca me cruzei com eles.

Oak preparava-se, agora, com uma maravilhosa ingenuidade, para apontar o galante sargento como um destes «malfeitores». Mas logo decidiu abandonar a estratégia, ocorrendo-lhe que era uma forma tosca e pouco subtil de encetar a conversa. Tentou uma outra abordagem.

— E como o homem que naturalmente viria acompanhá-la está ausente, em viagem... refiro-me ao lavrador Boldwood... pensei cá para mim: vou eu.

— Ah, sim!

Bathsheba seguiu caminho sem olhar para trás e, durante vários metros, nada se ouviu para além do murmúrio do seu vestido a roçar nas pesadas espigas de trigo. Depois, acabou por lançar, com acrimónia:

— Não percebo bem o que quer dizer com isso de o lavrador Boldwood vir naturalmente acompanhar-me.

— Estava a referir-me ao casamento, que se diz que deverá ter lugar entre ele e a menina. Peço desculpa por falar com esta franqueza.

— O que se diz por aí não é verdade — retorquiu ela, virando-se prontamente. — Não é provável que haja um casamento entre nós.

Gabriel achou que chegara o momento de apresentar a sua sincera opinião.

— Bem, menina Everdene — disse ele —, sem ligar ao que as pessoas dizem, eu não sei o que é cortejar uma mulher se ele não a cortejou a si.

Bathsheba teria posto um fim à conversa ali mesmo, proibindo o assunto, se a fragilidade da sua posição não a incitasse a tomar medidas no sentido de tentar disfarçá-la ou atenuá-la.

— Uma vez que o assunto está em cima da mesa — atalhou, muito enfática —, agradeço a oportunidade de esclarecer um equívoco que se tornou muito comum e aborrecido. Não fiz nenhuma promessa definitiva

ao senhor Boldwood. Nunca o amei. Respeito-o e ele pediu-me em casamento. Mas eu não lhe dei ainda uma resposta clara. Assim que ele voltar, é o que farei; e a resposta será que não concebo a ideia de casar-me com ele.

— Aparentemente, as pessoas enganam-se muito.

— Nem mais.

— No outro dia, disseram que andava a brincar com ele, e a menina quase provou que não era assim; agora que dizem o contrário, apressa-se a mostrar...

— Que não existe nada de sério entre nós, imagino que seja isso que quer dizer.

— Bem, espero que eles estejam a dizer a verdade.

— E estão, embora mal aplicada. Eu não ando a brincar com o senhor Boldwood, mas também nada tenho a ver com ele.

Oak viu-se infelizmente obrigado a falar do rival de Boldwood num tom que só podia desagradar a Bathsheba.

— Oxalá nunca tivesse encontrado aquele jovem sargento Troy, menina — suspirou ele.

Os passos de Bathsheba tornaram-se levemente saltitantes.

— Porquê? — perguntou ela.

— Ele não é bom para si.

— Alguém lhe disse para me dar esse recado?

— Ninguém.

— Nesse caso, não vejo por que razão o sargento Troy possa ser para aqui chamado — volveu, intratável. — No entanto, devo dizer que o sargento Troy é um homem educado e digno seja de que mulher for. Além disso, é nobre de nascimento.

— O facto de ter melhor berço e educação do que a ralé dos soldados não é em si uma prova do seu valor. Só mostra, aliás, que o rumo é descendente.

— Não vejo o que isto possa ter a ver com a nossa conversa. O rumo do senhor Troy não é de modo algum descendente; e a sua superioridade é prova do seu valor!

— Creio que é um homem completamente desprovido de consciência. E eu não consigo evitar suplicar-lhe, menina, que se mantenha longe dele. Ouça-me desta vez... ao menos, uma vez! Não estou a dizer que

ele seja tão mau homem como eu imagino... rezo a Deus para que não seja! Mas, como não sabemos exatamente o que ele é, porque não se comporta como se ele *pudesse* ser mau, apenas para salvaguardar a sua segurança? Não confie nele, patroa; peço-lhe que não confie tanto nele.

— Mas porquê, diga lá?

— Eu gosto de soldados, mas este não me agrada — declarou Oak, com firmeza. — O talento que tem para o ofício pode tê-lo desencaminhado, e o que é júbilo entre amigos é a ruína de uma mulher. Quando ele voltar a dirigir-lhe a palavra, vire-lhe as costas com um «bom dia» seco, sim? E, quando ele vier na sua direção, siga na outra. Quando lhe disser alguma coisa com graça, finja que não percebeu e não sorria e, quando falar dele a pessoas que lhe vão repetir as suas palavras, diga «aquele homem estranho», ou «aquele sargento, como se chama ele?», ou ainda «esse jovem de boas famílias que desperdiçou a sua vida». Não seja rude, mas descortês de uma maneira impessoal. É assim que se verá livre do homem.

Nenhum pisco-de-peito-ruivo detido por uma vidraça alguma vez palpitara como Bathsheba nesse momento.

— Eu já disse... e volto a dizer-lhe... que não lhe fica bem falar a respeito de Troy. O simples facto de ele ser mencionado transcende-me! — exclamou, desesperada. — Uma coisa eu sei, sei que... que... que ele é um homem profundamente honesto... por vezes, tão franco que chega a ser rude... mas dizendo sempre aquilo que pensa!

— Ah...

— É um homem tão bom como qualquer outro aqui da paróquia! E faz questão de ir à igreja, também... Faz questão!

— Receio que ninguém o tenha visto por lá. Eu nunca o vi.

— A razão por que isso acontece — replicou ela, com demasiada veemência — é que ele entra discretamente, pela porta do velho campanário, logo no início do culto, e senta-se no fundo da galeria. Foi ele próprio quem mo disse.

Este exemplo superior da bondade de Troy entrou nos ouvidos de Gabriel como a décima terceira badalada de um relógio avariado. Não apenas foi recebido com absoluta incredulidade, como lançou a dúvida sobre todas as certezas que o tinham precedido.

Oak viu com desgosto quão inteiramente Bathsheba confiava em Troy. E, com os sentimentos à flor da pele, respondeu-lhe, numa voz firme e porém embargada pelo esforço de a manter:

— A menina sabe do amor que tenho por si e sabe que a amarei sempre. Só o refiro para lhe lembrar que não lhe desejo mal nenhum; de resto, já pus de parte os meus sentimentos. A sorte fez-me perder dinheiro e coisas boas na vida, e não sou tolo ao ponto de achar que posso conquistá-la, agora que sou pobre e que a menina está tão acima da minha condição. Mas, Bathsheba, minha querida senhora, peço-lhe que pondere isto: que, tanto para guardar a honra junto dos trabalhadores, como por mera generosidade para com um homem digno que a ama tanto como eu, devia ser mais discreta na sua atitude para com o soldado.

— Não, não, não! — exclamou ela, numa voz sufocada.

— Não sois mais importante para mim do que tudo aquilo que possuo? A própria vida? — continuou ele. — Vamos, ouça-me! Eu sou seis anos mais velho do que a menina, e o senhor Boldwood dez anos mais velho do que eu. Pondere... suplico-lhe que pondere, antes que seja tarde de mais... quão mais segura ficaria nas mãos dele!

A alusão de Oak ao amor que lhe dedicava atenuara, em certa medida, a fúria que aquela ingerência lhe causara; mas, na verdade, Bathsheba não lhe perdoava que o seu desejo de casar-se com ela fosse superado pelo de fazer-lhe bem. E também não podia perdoar-lhe o tratamento depreciativo de Troy.

— Gostava que saísse daqui — ordenou, a palidez do rosto, que os olhos não viam, transparecendo no tremor da voz. — Não fique nesta quinta nem mais um minuto. Não o quero cá... Suplico-lhe que vá!

— Disparates — retorquiu Oak, com serenidade. — Já é a segunda vez que finge despedir-me, e de que lhe serve isso?

— Que finjo? O senhor vai partir e eu não vou ouvir os seus sermões! Sou eu a senhora desta propriedade.

— Partir, claro. E que loucura dirá em seguida? A tratar-me como se eu fosse um qualquer, quando sabe que, ainda há pouco, a minha posição era tão boa como a sua! Pela minha vida, Bathsheba, é não ter um pingo de vergonha. Também sabe que eu não posso ir-me embora daqui sem deixar as coisas numa situação que lhe permita manter o bom

funcionamento da quinta. A menos que me prometa que vai contratar um homem inteligente para ser seu maioral ou feitor ou algo do género. Se mo prometer, partirei de imediato.

— Não terei maioral; continuarei a ser eu própria a gerir a quinta — replicou ela, decidida.

— Muito bem. Devia então agradecer-me por eu ficar. Como se manteria esta quinta sem ter mais ninguém a olhar por ela para além de uma mulher? Mas, lembre-se disto, não quero que sinta que me deve alguma coisa. Não eu! O que eu faço, faço. Às vezes, digo a mim próprio que ficaria contente como um passarinho se saísse daqui, pois não lhe passe pela cabeça que me agrada ser um zé-ninguém. Nasci para fazer coisas melhores. No entanto, não quero assistir à ruína de tudo o que é importante para si, que é o que vai acontecer se continuar nesta rota... Odeio dizer-lhe tudo o que me vem à cabeça, mas, pela minha vida, os seus modos provocadores levam um homem a dizer o que ele não sonharia noutros momentos! Sei que me meto no que não me diz respeito. Mas você sabe do que se trata, e sabe que ao pé de si eu me sinto demasiado tolo para me lembrar de ser cortês!

É deveras provável que, no seu íntimo, e sem se dar conta disso, Bathsheba o respeitasse um pouco por esta sombria lealdade, que ali se dera a ver mais pelo tom até do que pelas palavras. Em qualquer dos casos, ela murmurou vagamente que ele podia ficar, se assim o desejasse. Mas, com mais clareza, acrescentou:

— Pode deixar-me sozinha, agora? Não lho ordeno como patroa, peço-lho como uma mulher, e espero que não seja descortês ao ponto de não aceder.

— É claro que sim, menina Everdene — volveu Gabriel, com delicadeza. Mas estranhou que este pedido lhe fosse feito naquele momento, pois a discussão tinha terminado, e eles encontravam-se numa colina das mais desoladas, longe de qualquer habitação humana, e a uma hora já bem tardia. Ficou parado e deixou-a avançar muitos metros à sua frente, até distinguir apenas o recorte da silhueta de Bathsheba no fundo de céu.

A razão desta ansiedade de se ver livre dele esclareceu-se, então, de forma perturbadora. Uma figura parecia ter emergido da terra ao lado dela. A silhueta era, sem qualquer dúvida, a de Troy. Oak não queria

ouvir a conversa e, de imediato, virou na direção oposta, até que uns bons duzentos metros o separassem dos dois amantes.

No regresso a casa, passou pelo cemitério. Diante da torre do campanário, pensou no que lhe fora dito acerca do hábito virtuoso do sargento de entrar na igreja sem ser visto. Convencido de que a dita porta não era de todo usada, subiu o lanço de escadas exterior que a ela conduzia e examinou-a. A luz pálida ainda suspensa no céu, a noroeste, permitia ver que um pé de hera se estendera da parede até à porta por mais de meio metro, unindo-a delicadamente à sua moldura de pedra — uma prova irrefutável de que a porta não tinha sido aberta, pelo menos, desde que Troy regressara a Weatherbury.

CAPÍTULO TRINTA

Faces Quentes e Olhos Húmidos

Meia hora mais tarde, Bathsheba entrou em casa. Ardia-lhe no rosto, ao iluminá-la a luz das velas, esse rubor de excitação que nela era agora quase crónico. As palavras de despedida de Troy, que a levara mesmo até à porta, ainda lhe ressoavam nos ouvidos. Tinha-se despedido dela por dois dias, que seriam, como lhe afirmara, passados em Bath, de visita a uns amigos. Também a beijara uma segunda vez.

Para sermos justos com Bathsheba, convém referir um pequeno facto que só se esclareceu muito tempo depois: a aparição tão súbita de Troy no seu caminho, naquela tarde, não resultara de nenhuma combinação prévia. Ele tinha sugerido — ela proibira-o; e fora apenas na eventualidade de ele vir na mesma que Bathsheba dispensara Oak, temendo que os dois se cruzassem.

Agora, deixara-se cair numa cadeira, aflita e desorientada com esta nova e perturbadora sequência de acontecimentos. Mas, dali a pouco, ergueu-se de um salto, como quem acaba de tomar uma decisão, e foi buscar a sua escrivaninha a uma mesa de apoio.

Em três minutos, sem fazer uma pausa ou mudança que fosse, escreveu uma carta a Boldwood, dirigida à sua morada do outro lado de Casterbridge, para lhe dizer, com uma delicadeza firme, que tinha ponderado bem a questão que ele lhe colocara, dando-lhe tempo para que ela tomasse uma decisão, e que finalmente concluíra que não podia casar-se com ele. Tinha confiado a Oak a sua intenção de esperar que Boldwood regressasse a casa para lhe dar uma resposta definitiva. Mas descobrira que já não podia esperar mais.

Era impossível enviar a carta antes do dia seguinte; no entanto, para acalmar a ansiedade, resolveu libertar-se dela e pôr o processo em marcha, levantando-se para ir levar o envelope a qualquer mulher que estivesse na cozinha.

Deteve-se no corredor. Ouviam-se vozes na cozinha, e Bathsheba e Troy eram o tema da conversa.

— Se ele se casar com ela, ela desiste da quinta.

— Seria uma rica vida, mas, cá para mim, haveria algumas tristezas no meio das alegrias.

— Bem, eu cá já me dava por contente se tivesse metade de um marido como ele.

Bathsheba tinha juízo suficiente para não dar grande importância ao que diziam as empregadas a seu respeito; mas, como todas as mulheres, também tinha essa redundância de discurso que a impedia de deixar morrer o mexerico como morrem as coisas de que não se faz caso. Entrou de rompante na cozinha.

— De quem falavam vocês? — perguntou.

Fez-se silêncio, à espera que uma delas decidisse responder. Por fim, Liddy disse, com sinceridade:

— Falava-se um pouco de si, menina.

— Bem me parecia! Maryann, Liddy e Temperance, proíbo-vos de tirarem essas conclusões. Sabem muito bem que não tenho qualquer interesse no senhor Troy... nenhum. Toda a gente sabe que o odeio... sim — repetiu, rebelde —, *odeio-o!*

— Nós sabemos, menina — disse Liddy. — E também o odiamos.

— Eu também o odeio — concordou Maryann.

— Maryann, que refinada mentirosa! Como podes dizer semelhante falsidade! — volveu Bathsheba, irada. — Ainda esta manhã o admiravas do fundo do coração. Sim, Maryann, sabes muito bem!

— É verdade, e a menina também. Mas é um belo patife e faz bem em odiá-lo.

— *Não* é um belo patife! Como te atreves a dizer isso na minha presença! Não tenho razões para odiá-lo, nem tu, nem ninguém. Mas sou uma mulher tola! Que me importa o que ele é? Sabem bem que não me é nada. Não gosto dele; não tenciono defender o seu bom nome; não eu. Mas escutem bem: se alguma de vós disser uma palavra que seja contra ele, será dispensada de imediato!

Lançando a carta para o chão, regressou à sala intempestivamente, com o peito apertado e os olhos cheios de lágrimas. Liddy seguiu-a.

— Oh, menina! — disse a criada, com doçura, olhando com piedade para o rosto de Bathsheba. — Lamento que a tenhamos compreendido tão mal! Pensei que a menina gostava dele; mas vejo que não.

— Fecha a porta, Liddy.

Liddy obedeceu e continuou:

— As pessoas dizem tantas tolices, menina. Daqui em diante, eu vou sempre dizer: «é claro que uma senhora como a menina Everdene não poderia amar esse homem». Di-lo-ei lá fora, preto no branco.

Bathsheba não se aguentou:

— Oh, Liddy, serás assim tão pateta? Não sabes ler nas entrelinhas? Não vês um palmo à frente do nariz? Será que não és uma mulher também?

Os olhos claros de Liddy esbugalharam-se de espanto.

— Sim, deves ser cega, Liddy! — repetiu Bathsheba, abandonando-se à dor sem medir as consequências. — Oh, eu amo-o quase até ao desespero, à miséria, à agonia! Não tenhas medo de mim, Liddy, eu compreendo que possa assustar qualquer mulher inocente. Aproxima-te... aproxima-te.

Bathsheba pôs os braços à volta do pescoço de Liddy.

— Tenho de desabafar com alguém; isto está a consumir-me por dentro! Ainda não me conheces o suficiente para conseguires ver através da minha desgraçada negação? Oh, Deus, que mentira é! Que o Céu e o meu amor me perdoem. Não saberás tu que uma mulher apaixonada não teme cometer perjúrio quando o seu amor está no prato da balança? Pronto, sai; quero ficar sozinha.

Liddy dirigiu-se à porta.

— Liddy, chega aqui. Jura-me com toda a solenidade que ele não é um marialva; que são tudo mentiras o que dizem a seu respeito!

— Mas, menina, como posso eu jurar tal coisa...

— Insolente! Como podes ter a crueldade de repetir o que os outros dizem? Não tens coração? Mas *eu* verei se tu ou outra qualquer na aldeia, ou na cidade até, se atrevem a dizer semelhante coisa!

Levantando-se, pôs-se a andar de um lado para o outro, da lareira até à porta e desta para trás.

— Não, menina. Eu não... eu sei que não é verdade! — exclamou Liddy, assustada com aquela invulgar veemência.

— Imagino que só concordes comigo para me agradar. Mas, Liddy, ele *não pode ser* assim tão mau como dizem. Ouviste-me?

— Sim, menina, ouvi.

— E não acreditas que ele seja?

— Não sei o que dizer, menina — volveu Liddy, começando a chorar. — Se eu lhe disser que não, a menina não acredita em mim; e, se eu disser que sim, descompõe-me!

— Diz que não acreditas... Diz que não acreditas!

— Não acredito que ele seja tão mau como eles apregoam.

— Não é, de todo... Que vida, que coração desgraçado, que fraca que eu me sinto! — gemeu, desleixando-se, sem cuidar da presença de Liddy. — Como eu gostava de nunca o ter conhecido! O amor é sempre uma tortura para nós, mulheres. Nunca perdoarei a Deus ter-me feito mulher, e estou a começar a pagar bem caro o privilégio de ter uma cara bonita.

Recompondo-se, virou-se de súbito para Liddy:

— Escuta bem isto, Lydia Smallbury, se repetires seja onde for uma só palavra do que eu te disse atrás desta porta fechada, nunca mais confiarei em ti, nem gostarei de ti, nem te guardarei comigo mais um minuto que seja... nem mais um minuto!

— Não tenho a intenção de repetir seja o que for — replicou Liddy, com um pingo de dignidade feminina —, mas não desejo ficar consigo. E, se a senhora quiser, partirei no fim das colheitas, ou esta semana, ou ainda hoje... Não vejo porque mereça ser maltratada e injustiçada sem motivo! — concluiu, com grandeza, a pequena mulher.

— Não, não, Liddy; tens de ficar! — replicou Bathsheba, abandonando a altivez e adotando a súplica com caprichosa inconsequência. — Não faças caso da minha exaltação de há pouco. Para mim, tu não és uma criada, és uma companheira. Meu Deus... já não sei o que faço desde que este tormento se abateu sobre mim e me secou por dentro! Que será de mim? Só me vejo a afundar-me cada vez mais em problemas. Pergunto-me, por vezes, se estarei condenada a morrer no asilo[89]. Deus sabe como estou só neste mundo!

— Não farei caso de nada, nem a abandonarei! — soluçou Liddy, encostando impulsivamente os lábios aos de Bathsheba e beijando-a.

Bathsheba devolveu o beijo, e tudo ficou bem.

— Não é meu costume chorar, pois não, Liddy? Mas tu levaste-me as lágrimas aos olhos — disse, um sorriso rompendo a humidade. — Tenta

pensar nele como se fosse um bom homem, está bem, querida Liddy?

— Assim farei, menina, não duvide.

— Ele é um homem sólido por dentro, mas um pouco louco por fora, sabes? O que é preferível do que ser como alguns que vejo por aí: loucos no fundo, ainda que aparentemente sólidos. Receio que seja o meu caso. E promete-me que guardas o meu segredo, promete-me, Liddy! Não deixes que saibam que estive a chorar por causa dele, porque seria terrível para mim, e não lhe faria bem a ele, pobre coitado!

— A própria morte não mo saberia arrancar, patroa, quando meto na cabeça não dizer uma coisa; e serei sempre sua amiga — ofereceu Liddy, enfática, de novo com lágrimas nos olhos, não por serem irreprimíveis, mas por um desejo artístico de não destoar do resto da cena, que é uma coisa que parece influenciar as mulheres nestes momentos. — Penso que Deus gosta que sejamos boas amigas, não acha?

— Acho, sim.

— E, minha cara menina, não vai voltar a atormentar-me e a enfurecer-se comigo, pois não? Porque fica feroz como uma leoa e isso assusta-me! Atrevo-me a dizer que, nesses momentos, seria capaz de bater-se com qualquer homem.

— Nunca! Achas? — volveu Bathsheba, quase rindo, mas seriamente preocupada com esta sua nova versão de amazona. — Espero não ser uma rapariga arrojada... masculina — acrescentou, ansiosa.

— Oh, não! Masculina, não; mas tão poderosamente feminina que chega a ir um pouco nesse sentido. Ah, menina — acrescentou, depois de ter inspirado e expirado com muita tristeza —, quem me dera ter um pouco dessa sua força. — É uma grande proteção pra uma pobre moça nestes tempos atribulados!

CAPÍTULO TRINTA E UM

Culpa — Fúria

Na tarde do dia seguinte, desejando esquivar-se ao Sr. Boldwood, que, no regresso, poderia querer vir responder pessoalmente à sua carta, Bathsheba honrou o compromisso firmado com Liddy algumas horas antes. Como forma de selar a reconciliação entre ambas, premiara a sua companheira com uma semana de férias, para poder visitar a irmã, que se casara com um próspero fabricante de redis e sebes para o gado e vivia num maravilhoso labirinto de aveleiras, não muito longe de Yalbury. O combinado era que a menina Everdene lhes desse a honra da sua visita por um dia ou dois, para inspecionar algumas invenções engenhosas que aquele homem das florestas acrescentara à sua mercadoria.

Dando instruções a Gabriel e a Maryann para deixarem tudo bem fechado antes de a noite cair, saiu de casa logo após um oportuno aguaceiro com relâmpagos, que limpara o ar e humedecera a superfície dos campos, ainda que tudo por baixo permanecesse seco. A frescura era a essência exalada dos vários contornos da paisagem, fossem eles montes ou vales, como se da própria terra se libertasse um hálito virginal. Os pássaros, satisfeitos, acrescentavam à cena o seu canto. À frente dela, no meio das nuvens a noroeste, conchas de uma luz ofuscante contrastavam com o fogo-fátuo de um sol sumido, que se prolongava até à ponta mais distante dos céus que aquele solstício de verão permitia.

Bathsheba tinha percorrido a pé quase três quilómetros da viagem, contemplando o dia que se retirava e refletindo no modo como o tempo da ação se diluía agora devagar no tempo do pensamento, o qual, por sua vez, daria lugar ao da oração e do sono. E foi nesse momento que viu, a avançar por Yalbury Hill, o homem que tão ansiosamente se esforçara por evitar. Boldwood vinha a caminho, mas não naquele passo sereno e cheio de força contida que era o seu modo de andar habitual, e que dava sempre a impressão de que balançava entre dois

pensamentos. Nesse dia, havia um torpor e uma indolência nos seus movimentos.

Pela primeira vez, Boldwood tomara consciência desse privilégio feminino que é a tergiversação, mesmo quando está em causa a desgraça alheia. Tinha fundado as suas esperanças na ideia de que Bathsheba era uma jovem segura e firme, muito menos inconsequente do que as suas semelhantes, e que estas qualidades, impondo-lhe um rumo certo, um princípio de consistência, obrigá-la-iam a aceitá-lo como marido, ainda que a sua imaginação não o pintasse com as cores iridescentes do amor acrítico. O argumento era-lhe agora devolvido como os lampejos tristes de um espelho estilhaçado. E a descoberta não constituía menos um castigo do que uma surpresa.

Boldwood aproximou-se, de olhos no chão, e só viu Bathsheba quando já se encontravam à distância do lançamento de uma pedra. Ao ouvir o som dos seus passos miudinhos, levantou a cabeça. A mudança que se operara no seu rosto denotava bem a dimensão e a força dos sentimentos que a carta dela paralisara.

— Ah, é o senhor, senhor Boldwood? — balbuciou Bathsheba, o rubor da culpa pulsando-lhe no rosto.

Aqueles que têm o poder de censurar em silêncio talvez saibam que é um meio mais eficaz do que as palavras. Há entoações no olhar que a fala não reproduz, e dizem mais uns lábios cerrados do que o som que nos entra pelos ouvidos. Nisto de evitarem tornar-se audíveis consiste tanto a grandeza como o castigo das emoções mais profundas. Para o olhar de Boldwood, não havia resposta.

Vendo que ela se desviara um pouco para o lado, perguntou-lhe:

— O quê? Está com medo de mim?

— Que ideia, como pode pensar tal coisa? — volveu ela.

— Pareceu-me — disse ele. — E é muito estranho, porque é contrário aos sentimentos que tenho por si.

Ela recompôs-se, olhou-o com toda a calma e esperou.

— A senhora sabe a que sentimentos me refiro — continuou Boldwood, determinado. — É algo tão forte como a morte. Uma carta escrita à pressa não seria capaz de abalá-lo.

— Gostava que não tivesse por mim sentimentos tão fortes — murmurou ela. — É generoso da sua parte, e mais do que eu mereço,

mas não posso continuar a ouvi-lo.

— A ouvir-me? O que pensa, então, que eu tenho para lhe dizer? Não vou casar-me consigo, e isso basta. A sua carta foi muitíssimo clara. Não preciso que ouça o que quer que seja. Não eu.

Bathsheba não descobria maneira de libertar-se desta posição tão desconfortável em que se encontrava. De forma confusa, disse «boa noite» e preparava-se para seguir caminho. Boldwood aproximou-se dela, num passo arrastado e abatido.

— Bathsheba... minha querida... é definitivo, então?

— Asseguro-lhe que sim.

— Oh, Bathsheba... tenha piedade de mim! — explodiu ele. — Pelo amor de Deus, sim... eis-me reduzido a esta miserável condição... de implorar a piedade de uma mulher! E, porém, é a si que o faço... a si.

Ela continuava a ser senhora de si própria. Mas não conseguiu dizer numa voz clara as palavras que de imediato lhe afloraram aos lábios:

— Pouco mérito tem a mulher nesse discurso.

Fora apenas sussurrado, pois o espetáculo triste e doloroso de um homem tão inteiramente refém da sua paixão desmotivava o impulso feminino para os rigores da etiqueta.

— Estou fora de mim, como louco — afirmou ele. — Não há nada de estoico nisto de vir suplicar-lhe; mas, a si, eu suplico. Gostava que soubesse a devoção que tenho por si; mas é impossível. Peço-lhe, por simples compaixão por um homem solitário, que não se livre já de mim!

— Eu não estou a livrar-me de si... na verdade, como poderia, se nunca o prendi?

Na sua absoluta certeza de que nunca o amara, Bathsheba esquecera-se, por instantes, do gesto frívolo e irrefletido daquele dia de fevereiro.

— Mas houve um tempo em que me procurou, antes de eu pensar sequer em si! Não a censuro, porque me dou conta, agora, de que a escuridão fria e ignorante em que eu vivia, antes de me ter atraído com aquela carta... um cartão de São Valentim, como lhe chamou... era pior do que tê-la conhecido, ainda que isso me tenha trazido a esta miséria. Mas continua a ser verdade que houve um tempo em que eu nada sabia de si, em que não queria saber de si, e em que me vi seduzido. Se me disser que não me encorajou, não me resta senão contradizê-la.

— Aquilo a que chama «encorajamento» foi o jogo infantil de um momento de ócio. Já me arrependi dele amargamente... sim, amargamente, e entre lágrimas. Como pode continuar a relembrar-mo?

— Não a acuso disso... mas lamento-o. Levei a sério aquilo que insiste ter sido uma brincadeira, e agora, isto que eu rezo para que seja a brincar, a senhora afirma que é a mais pura e terrível das verdades. Os nossos humores andam desencontrados. Oxalá os seus sentimentos fossem mais parecidos com os meus ou os meus com os seus! Ah, se ao menos eu tivesse previsto as torturas a que me condenaria aquela vulgar armadilha, como a teria amaldiçoado! Mas, dado que só agora me apercebo, não posso fazê-lo, porque a amo demasiado! De nada serve, porém, continuar nestes preparos... Bathsheba, a senhora, de entre todas as formas e naturezas, é a primeira mulher para quem olhei com amor, e é porque estive tão perto de reclamá-la que a rejeição se torna difícil de suportar. Esteve quase a fazer-me uma promessa! Não falo agora para comovê-la ou causar-lhe aflição com a minha dor; de nada me serve. Terei de suportá-la; ela não se atenuará por fazê-la sofrer a si também.

— Mas eu tenho piedade de si... tanta... oh, tanta! — acudiu ela, com sinceridade.

— Não tenha... Não tenha. A sua piedade, Bathsheba, é uma coisa tão pequena ao lado do seu amor, que a perda daquela, depois de ter perdido este, não agrava muito o meu sofrimento, da mesma forma que a sua compaixão não o alivia. Ah, minha querida... como me falou com doçura atrás da caniçada, no tanque e no celeiro, no dia da tosquia, e da última vez, naquela noite tão agradável em sua casa! Para onde foram todas essas deliciosas palavras? A sua esperança sincera de vir um dia a amar-me? Onde está a sua firme convicção de que eu não lhe seria indiferente? Esquecidas, mesmo? Palavra?

Contendo a emoção, Bathsheba olhou-o nos olhos tranquilamente e disse-lhe, numa voz baixa e firme:

— Senhor Boldwood, eu não lhe prometi nada. Queria que eu tivesse sido uma mulher de ferro quando me teceu o maior, o mais nobre dos elogios que um homem pode fazer a uma mulher, o de dizer-lhe que a ama? Eu não tinha alternativa senão mostrar-lhe algum sentimento, já que não sou desprovida de coração. Não podia cada um desses

prazeres ter durado apenas um dia... e o dia ter sido apenas de prazer? Como poderia eu adivinhar que aquilo que é um passatempo para todos os outros homens é a morte para si? Seja razoável, sim, e mais indulgente comigo!

— Bem, de que serve discutir, de que serve? Uma coisa é certa: a senhora era quase minha e, agora, está longe de o ser. Tudo mudou e lembre-se que foi por sua causa. Houve tempos em que a senhora não era nada para mim e eu vivia satisfeito; agora, continua a não me ser nada e, porém, quão diferente é este segundo nada do primeiro! Quisesse Deus que nunca me tivesse desencaminhado, se era apenas para me repudiar!

Apesar da sua fibra, Bathsheba começou a sentir sinais claros de que era ela, por força das circunstâncias, o elo mais fraco. Estava a lutar desesperadamente contra a sua feminilidade, que insistia em dar livre curso a uma corrente de emoções indesejadas. Tinha tentado escapar ao tumulto, concentrando-se nas árvores, no céu e nas presenças familiares que a rodeavam, enquanto as críticas dele se multiplicavam, mas a inocência, desta vez, não ia salvá-la.

— Eu não o desencaminhei... tenho a certeza de que não o fiz! — respondeu, no tom mais heroico que conseguiu simular. — Mas não me trate dessa maneira. Eu tolero que me digam que errei, se mo disserem com delicadeza! Senhor, não quer ter a bondade de me perdoar e olhar para este assunto com um sorriso?

— Com um sorriso? Poderá um homem que foi enganado até ficar com o coração em chamas encontrar uma razão para sorrir? Se perdi, como posso comportar-me como se tivesse ganho? Céus, agora vejo que é, de facto, uma mulher impiedosa! Se eu tivesse imaginado o tormento agridoce que isto ia ser, tê-la-ia evitado, teria sido cego e surdo à sua presença! Eu digo-lhe tudo isto, mas nada disto lhe interessa! Não quer saber.

Bathsheba respondeu às acusações com protestos fracos e silenciosos, e abanou a cabeça com veemência, como se quisesse esquivar-se às palavras que lhe choviam sobre os ouvidos, caídas dos lábios daquele homem trémulo, na flor da idade, com o seu rosto moreno de romano e o seu porte distinto.

— Minha querida, minha querida, ainda agora hesito entre os dois

extremos: o de renunciar a si sem pensar nas consequências; e o de procurar com toda a humildade reconquistá-la. Esqueça que me rejeitou e que tudo seja como antes! Diga-me, Bathsheba, que só me escreveu aquela carta por brincadeira... vamos, diga-mo!

— Seria falso e doloroso para ambos. O senhor sobrestimou a minha capacidade para amar. Não possuo metade desse calor humano que me atribui. Uma infância desprotegida num mundo gelado roubou-me toda a gentileza.

Ele ripostou de imediato, com redobrado ressentimento:

— Até pode ser verdade, em certa medida; mas, ah, menina Everdene, não serve como desculpa! A senhora não é essa mulher fria que me quer dar a entender que é. Não, não! Não é por ser insensível que não me ama. Naturalmente, gostaria que eu assim o pensasse... esconderia de mim que tem um coração tão ardente como o meu. A senhora tem amor suficiente, mas ele ganhou um novo destino. E eu sei qual é.

A cadência rápida do coração de Bathsheba transformou-se numa verdadeira cacofonia e ela sentiu-o latejar. Boldwood ia mencionar Troy. Sabia, portanto, o que tinha acontecido! E o nome aflorou-lhe aos lábios no momento seguinte.

— Por que razão veio Troy roubar o meu tesouro? — perguntou ele, feroz. — Não tendo eu qualquer intenção de fazer-lhe mal, porque foi ele roubar a sua atenção? Antes de Troy vir importuná-la, a sua inclinação natural era aceitar-me; quando eu viesse ter consigo, a sua resposta teria sido positiva. Pode negá-lo? Pergunto-lhe: pode negá-lo?

Ela demorou a responder, mas era demasiado honesta para se calar.

— Não posso — murmurou.

— Eu sei que não pode. Mas ele aproveitou a minha ausência e saqueou-me. Porque não a conquistou antes, quando ninguém seria lesado? Quando ninguém seria alvo de intrigas. Agora, as pessoas escarnecem de mim... Até as colinas e o céu parecem rir-se de mim, fazendo-me corar de vergonha pela minha loucura. Perdi a dignidade, o meu bom nome, a minha posição... perdi-os, nunca mais vou recuperá-los. Vá casar-se com o seu homem... vá!

— Oh, senhor... senhor Boldwood!

— Está livre. Já não tenho qualquer direito sobre si. Quanto a mim, o

melhor é partir sozinho, esconder-me num sítio qualquer... e rezar. Amei uma mulher, outrora. Agora, só me resta a minha vergonha. Quando morrer, dirão: «era um pobre desgraçado, doente de amor». Meu Deus... Meu Deus... Se eu tivesse sido rejeitado em segredo e a desonra não fosse conhecida, a minha posição manter-se-ia! Mas que importa, está perdida, e a mulher não foi conquistada. Que ele se cubra de vergonha! De vergonha!

Aterrorizada por esta fúria desmedida, Bathsheba recuou instintivamente e disse-lhe:

— Sou apenas uma rapariga... não fale comigo nesse tom!

— Durante todo este tempo, você sabia, sabia-o demasiado bem, que este novo capricho era a minha desgraça. Deixou-se ofuscar por um pouco de bronze e vermelho! Oh, Bathsheba... que insânia feminina aquela em que se foi meter!

Ela inflamou-se de repente.

— O senhor só fala de si! — afirmou, com veemência. — Mas todos me atacam a mim... todos. Não é digno de um homem atacar uma mulher desta maneira! Eu não tenho ninguém no mundo que trave as minhas batalhas por mim; mas não me dão tréguas. No entanto, ainda que mil homens trocem de mim e me caluniem, eu *não serei* derrubada!

— Irá, com certeza, tagarelar a meu respeito com ele. Dir-lhe-á: «Boldwood teria morrido por mim.» Sim, e a senhora abriu-lhe as suas portas, sabendo que não era o homem adequado para si. Ele beijou-a... reclamou-a para si. Ouviu o que eu disse? Ele beijou-a. Negue-o!

A mais trágica das mulheres será vencida por um homem trágico e, embora Boldwood fosse, em intensidade e furor, quase um reflexo masculino da sua própria imagem, as faces de Bathsheba tremeram. Arquejando, disse:

— Deixe-me, senhor... Deixe-me! Eu não sou nada para si. Deixe-me seguir o meu caminho!

— Negue que ele a beijou.

— Não o farei.

— Ah... então, ele fê-lo! — volveu a voz áspera do lavrador.

— Sim — confessou ela devagar e, apesar do medo, com um certo ar de desafio. — Não sinto vergonha de dizer a verdade.

— Então, maldito seja; maldito! — explodiu Boldwood, numa fúria

sussurrada. — Eu teria dado tudo neste mundo para tocar na sua mão, e você permitiu que um homem devasso, sem qualquer direito ou cerimónia, viesse... beijá-la! Misericórdia... beijá-la! Ah, lá chegará o dia em que ele fará a sua penitência e se arrependerá da dor que causou a outro homem; que sofra então, que deseje, que amaldiçoe e que suspire como eu faço agora!

— Não, oh, por favor, não lhe deseje mal! — implorou ela, num grito miserável. — Tudo menos isso... tudo. Seja benevolente com ele, senhor, pois é verdadeiro o meu amor por ele!

As ideias de Boldwood tinham alcançado esse ponto de fusão em que toda a clareza e coerência desaparecem. A noite, que não tardava, parecia ter caído sobre os seus olhos. Nesse momento, já não estava a ouvi-la.

— Eu vou puni-lo... por minha alma, vou mesmo puni-lo! Enfrentá-lo-ei, soldado ou não, e açoitarei o inoportuno marialva pelo seu roubo irrefletido. Ainda que ele tivesse a força de cem homens, eu açoitá-lo-ia... — Baixou a voz de repente e de forma um pouco inusitada. — Bathsheba, minha querida, minha bela, perdoe-me! Culpei-a a si, ameacei-a, portei-me como um vilão, quando é ele o grande pecador. Foi ele quem lhe roubou o coração, com as suas inúmeras falsidades! É uma sorte que tenha regressado ao seu regimento, que esteja fora daqui, longe de mim! Só espero que não regresse em breve. Rezo a Deus para que não se atravesse no meu caminho, pois posso sentir-me mais tentado do que devia. Oh, Bathsheba, mantenha-o longe... sim, mantenha-o bem longe de mim!

Por instantes, Boldwood ficou tão imóvel que parecia que a alma lhe fugira, na fúria com que soprara aquelas palavras. Virando-se, retirou-se, e cedo se perdeu no meio do crepúsculo, enquanto o som dos seus passos se diluía no murmúrio indistinto das folhagens.

Bathsheba, que passara os últimos instantes imóvel como o modelo de um retrato, levou as mãos à cara e tentou desesperadamente decifrar o que ali se tinha passado. Aquele abismo de paixão num homem tão sereno como o Sr. Boldwood era incompreensível, assustador. Em vez de ser alguém habituado a conter os seus sentimentos, ele era... o que ela tinha acabado de ver.

O impacto das ameaças do lavrador relacionava-se com uma

circunstância que apenas ela de momento conhecia: que o seu amante voltaria a Weatherbury dentro de um ou dois dias. Troy não regressara ao seu quartel distante, como Boldwood e outros imaginavam; fora apenas visitar uns amigos a Bath, e ainda lhe restava uma semana ou mais de licença.

Para sua desgraça, Bathsheba estava certa de que, caso ele viesse visitá-la nesse intervalo de tempo e se cruzasse com Boldwood, um feroz conflito teria lugar. Arquejou de medo, ao pensar que Troy poderia ser ferido. A mais pequena centelha inflamaria a raiva e o ciúme do lavrador; este perderia o controlo, como acontecera naquela tarde. A jovialidade de Troy podia tornar-se agressiva, seguir a direção da troça, e a fúria de Boldwood tomaria, então, o rumo da vingança.

Com um temor quase mórbido de que a julgassem exuberante, esta mulher desprovida de malícia escondera do resto do mundo, sob uma aparência de desinteresse, a profundidade e a força das suas emoções. Nesse momento, porém, perdera toda a reserva. Na sua vertigem, em vez de avançar em frente, começou a andar para cima e para baixo, a agitar as mãos no ar, a pressionar a testa e a soluçar convulsivamente. Depois, sentou-se num monte de pedras, na berma do caminho, a refletir. Ali ficou muito tempo. Sobre a orla escura da terra, nuvens cor de cobre formavam areais e promontórios que se uniam a uma extensão verde e límpida de céu, a ocidente. Um brilho amarantino veio, então, sobrepor-se a tudo isto, e o mundo irrequieto fê-la virar-se para leste, onde despontavam estrelas indecisas e palpitantes. Ela contemplou os seus silenciosos estertores nas sombras do firmamento, mas não as viu realmente. O seu espírito agitado estava muito longe dali, com Troy.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Noite — O Tropel dos Cavalos

A aldeia de Weatherbury estava tão silenciosa como o seu cemitério, e os vivos quase tão quietos como os mortos. O relógio da torre da igreja soou as onze. No ar vazio de outros sons, ouviu-se distintamente o zunido do mecanismo instantes antes das badaladas, assim como o seu estalido no fim. As notas voaram com a obtusidade cega das coisas inanimadas — roçando nas paredes e delas ressaltando, ondulando no céu pejado de nuvens, sumindo-se pelos seus interstícios em inexplorados abismos de espaço.

Nessa noite, as paredes rachadas e húmidas da casa de Bathsheba eram apenas habitadas por Maryann, Liddy encontrando-se, como referido, em casa da irmã, que a própria Bathsheba também decidira visitar. Alguns minutos depois de soarem as onze, Maryann virou-se na cama com a impressão de que o seu sono fora perturbado. Era, porém, incapaz de identificar o que o tinha interrompido. Isto desencadeou um sonho, e o sonho acordou-a, com o sobressalto de que algo tinha acontecido. Maryann levantou-se da cama e olhou pela janela. O cercado dos cavalos confinava com aquela ponta da casa e via-se agora, na penumbra cinzenta, uma figura a aproximar-se da égua que ali se alimentava. O vulto agarrou na égua pelo topete e levou-a para um canto do recinto, onde Maryann avistou uma forma que as circunstâncias revelaram tratar-se de um veículo: após alguns minutos aparentemente passados a arrear a montada, ouviu-se o trote da égua pela rua fora, misturado com o som de rodas leves.

Apenas duas espécies de gente poderiam ter entrado no cercado com os passos furtivos daquela misteriosa figura: uma mulher ou um cigano. Uma mulher não se ocuparia, àquela hora da noite, de semelhante atividade; portanto, o intruso só podia ser um ladrão, que talvez soubesse da fragilidade da casa naquela noite em particular e a tivesse escolhido para alvo do seu furto. A suspeita, aliás, já era convicção, uma vez que os ciganos se tinham instalado em Weatherbury de Baixo.

O medo de Maryann impedira-a de gritar na presença do ladrão, mas dissipou-se assim que ela o viu partir. À pressa, vestiu-se, desceu pela escadaria desconjuntada com as suas cem rachas, correu até à casa dos Coggans, que era a mais próxima, e soou o alarme. Coggan chamou Gabriel, que voltara a instalar-se na sua casa, e foram juntos até ao cercado. Não havia dúvida: a égua tinha desaparecido.

— Oiça! — exclamou Gabriel.

Puseram-se à escuta. No ar parado, ouviu-se com nitidez o som de um cavalo a trote a passar por Longpuddle Lane — mesmo a seguir ao acampamento dos ciganos.

— Aquilo é a nossa *Dainty*. Podia jurar plo som do seu trote — afirmou Jan.

— Misericórdia! A nossa patroa vai zangar-se connosco e chamar-nos imbecis quando voltar! — lamentou-se Maryann. — Como eu gostava que isto tivesse acontecido quando ela estava em casa e nenhum de nós seria implicado!

— Temos de ir atrás dela — afirmou Gabriel, decidido. — Eu assumo a responsabilidade, perante a menina Everdene, daquilo que fizermos. Sim, vamos seguir a égua.

— Por minha fé, não vejo como — retorquiu Coggan. — Os nossos cavalos são todos demasiado pesados para esse malabarismo, a não ser a pequena *Poppet*, e uma égua aguenta connosco os dois? Se tivéssemos aquele par do outro lado da cerca, ainda se podia fazer alguma coisa.

— Que par?

— *Tidy* e *Moll*. Do senhor Boldwood.

— Não saia daqui até eu voltar — disse Gabriel, e correu pela encosta abaixo, até à quinta do lavrador.

— O lavrador Boldwood não está em casa — disse Maryann.

— Ainda bem — volveu Coggan. — Eu sei o que ele lá foi fazer.

Em menos de cinco minutos, Oak voltou. Vinha a correr à mesma velocidade, com dois cabrestos a balouçar-lhe na mão.

— Onde estavam? — indagou Coggan, saltando a cerca sem esperar pela resposta.

— Por baixo do beiral. Sei onde costumam pô-los — disse Gabriel, seguindo-o. — Coggan, vossemecê consegue montar em pelo? Não

temos tempo para ir buscar selas.

— Como um herói! — respondeu Jan.

— Maryann, vá-se deitar — gritou-lhe Gabriel do cimo da cerca.

Correndo pelos pastos de Boldwood adentro, cada um escondeu o seu cabresto dos cavalos, que, vendo os homens a aproximarem-se de mãos vazias, docilmente se deixaram agarrar pela crina. Os cabrestos foram-lhes então colocados sem dificuldade. Não tendo freio nem brida, Oak e Coggan improvisaram ambos, passando uma laçada pela boca de cada animal. Oak montou de um salto, escanchado, e Coggan trepou para cima da sua montada com a ajuda de uma rampa. Juntos, passaram o portão da cerca e partiram a galope na direção tomada pela égua de Bathsheba e pelo seu ladrão. Ainda era incerto que veículo fora atrelado ao animal.

Chegaram a Weatherbury de Baixo em três ou quatro minutos. Escrutinaram a extensão de erva mergulhada na penumbra, à beira da estrada. Os ciganos tinham partido.

— Patifes! — disse Gabriel. — Para que lado terão ido?

— Em frente; tão certo como dois e dois serem quatro — disse Jan.

— Muito bem; nós temos melhores montadas e vamos alcançá-los — disse Oak. — Em frente, a toda a brida!

Não se ouvia agora o som do cavaleiro à frente deles. O cascalho da estrada tornava-se mais macio e barrento à medida que se distanciavam de Weatherbury, e a chuva tardia humedecera-lhe a superfície, tornando-a quase mole mas não lamacenta. Chegaram a um cruzamento. Coggan puxou de súbito pela rédea de *Moll* e desmontou.

— O que foi? — perguntou Gabriel.

— Temos de procurar o rasto, porque não conseguimos ouvi-lo — respondeu Jan, remexendo os bolsos.

Acendeu um fósforo, com ele iluminando o chão. Aqui, a chuva caíra com mais força, e todas as peugadas de pés e de cascos feitas antes do temporal tinham sido esbatidas ou apagadas pela água. Formavam, agora, muitas pequenas poças que, como olhos, refletiam a chama do fósforo. Apenas um conjunto de peugadas parecia recente e não fora inundado. Um trilho de rodas também estava intacto e, ao contrário dos outros, não formava pequenos canais. As peugadas daquele rasto fresco continham muita informação quanto ao ritmo da passada; formavam

pares equidistantes, separados por cerca de um metro, os cascos direito e esquerdo de cada par sendo exatamente simétricos.

— Em frente! — exclamou Jan. — Isto é o rasto de um galope pleno. Não admira que não o oiçamos. E a égua foi arreada; repare nos sulcos. Sim, é a nossa menina de certeza!

— Como é que sabe?

— O velho Jimmy Harris ferrou-a ainda na semana passada, e eu reconheço a marca dele no meio de milhares.

— O resto dos ciganos deve ter partido mais cedo ou ido noutra direção — observou Oak. — Notou que não havia mais rastos?

— É verdade.

Os dois homens prosseguiram em silêncio durante muito tempo. Coggan tinha levado um velho relógio de repetição, a imitar ouro, que herdara de um génio da sua família e que agora soava a uma. Acendendo outro fósforo, tornou a inspecionar o chão.

— Aqui, já é um meio-galope — afirmou, livrando-se da luz. — Um passinho torcido e vacilante pra um cabriolé. O facto é que a estafaram logo à partida; não tarda, apanhamo-los.

De novo, aceleraram, entrando no vale de Blackmore. O relógio de Coggan soou as duas. Quando tornaram a olhar, as marcas de cascos já eram tão espaçadas que formavam uma espécie de ziguezague quando unidas, como os candeeiros ao longo da rua.

— Isso é um trote, que eu sei — disse Gabriel.

— É só um trote agora — confirmou Coggan, animado. — Vamos chegar a tempo.

Continuaram a andar a bom ritmo durante quatro ou cinco quilómetros.

— Ah, um momento — disse Jan. — Vamos ver como a conduziram pla encosta acima desta colina. Isso vai ajudar-nos.

Tal como antes, Coggan acendeu um fósforo nas polainas, e a inspeção foi levada a cabo.

— Hurra! — exclamou ele. — Ela subiu a passo por aqui, e ainda bem que subiu. Aposto uma coroa em como os apanhamos daqui a três quilómetros.

Percorreram os três quilómetros e puseram-se à escuta. Não se ouvia um som, salvo o ruído rouco de uma represa a pingar água por uma

comporta, sugerindo a sombria perspetiva de um afogamento a quem ali caísse. Chegados a uma curva, Gabriel desmontou. As marcas eram o único guia de que dispunham quanto à direção a tomar, e era necessário uma grande prudência para evitar confundi-las com outras, mais antigas, que tivessem sido feitas recentemente.

— O que significa isto? Ainda que eu possa adivinhar... — disse Gabriel, olhando para Coggan, que acabara de passar o fósforo rente ao chão, junto da curva. Tal como as montadas ofegantes, também Coggan começava a dar sinais de cansaço; de novo, escrutinou as misteriosas peugadas. Desta vez, só se viam três marcas de ferraduras. No lugar da quarta, havia um ponto.

Jan fez uma careta e emitiu um longo «uiiii!».

— Está aleijada — afirmou Oak.

— Sim. *Dainty* está a coxear; é a pata traseira esquerda — confirmou Coggan, devagar, fitando sem se mexer as marcas no chão.

— Vamos continuar — disse Gabriel, voltando a subir para a sua luzidia montada.

Embora a estrada que tinham percorrido até ali fosse tão boa, durante quase todo o percurso, como qualquer via importante com pedágio do país, era considerada um caminho secundário. A última curva levara-os à estrada principal que conduzia a Bath. Coggan recompôs-se.

— Agora é que os apanhamos! — bradou.

— Onde?

— No pedágio de Sherton. O portageiro é o maior dorminhoco que há daqui até Londres. Dan Randall, é como se chama. Conheci-o há anos, ainda ‘tava ele no pedágio de Casterbridge. Entre a égua coxa e a barreira da portagem, ‘tá feito.

Avançaram, então, com extrema prudência. E nada disseram até avistarem, sobre um fundo escuro de folhagem, cinco traves brancas que lhes barravam a passagem um pouco mais adiante.

— Chiu... estamos quase lá! — disse Gabriel.

— Vamos de mansinho pla erva — alertou Coggan.

No meio das barras brancas, havia uma mancha escura que as interrompia. O silêncio daquela hora solitária foi atravessado por uma exclamação vinda desse lado.

— Ei! Ei! Ó do portão!

Já deviam ter chamado uma vez, sem que eles se tivessem dado conta, porque, ao aproximarem-se, a porta da guarita do pedágio abriu-se e o portageiro saiu meio vestido, com uma vela na mão. Os raios iluminaram o grupo todo.

— Não abra a barreira! — gritou Gabriel. — Ele roubou a égua!

— Quem? — volveu o portageiro.

Gabriel olhou para o condutor do cabriolé e viu uma mulher... Era Bathsheba, a sua patroa.

Ao ouvir a voz dele, ela tinha desviado o rosto da luz. Coggan, porém, reconhecera-a antes disso.

— Ora, é a patroa... Juro que é! — disse ele, admirado.

Era Bathsheba, não havia dúvida. E, por esta altura, já tinha recorrido a esse truque tão eficaz em todas as crises menos nas do amor: o de esconder a surpresa na frieza do trato.

— Ora, Gabriel, para onde vai? — perguntou, com toda a calma.

— Pensámos... — começou ele a dizer.

— Eu vou para Bath — disse ela, fazendo uso de uma segurança que faltava ao seu interlocutor. — Um assunto urgente obrigou-me a desistir da minha visita a Liddy e a partir de imediato. Então, vinham a seguir-me?

— Pensámos que a égua tinha sido roubada.

— Ora, que ideia! Que idiotice a vossa não pensarem logo que eu tinha levado a caleche e a égua. Não consegui acordar Maryann nem entrar em casa, apesar de ter batido durante dez minutos à sua janela. Felizmente, consegui encontrar a chave da cocheira, pelo que não precisei de incomodar ninguém. Não vos ocorreu que podia ser eu?

— Como poderíamos pensar tal coisa, menina?

— Talvez não. Não me digam que são os cavalos do lavrador Boldwood que trazem aí? Valha-me Deus! O que foram vocês fazer? Causar-me sarilhos desta maneira! O quê? Uma senhora não pode afastar-se um centímetro da porta de sua casa sem que lhe seja dada caça como a um ladrão?

— Mas quem ia imaginar, se não nos deixou aviso das suas andanças? — protestou Coggan. — Além disso, as senhoras não partem sozinhas a estas horas da noite: é a regra geral da sociedade.

— Mas eu deixei um aviso. E todos vocês o teriam visto de manhã.

Escrevi a giz, nas portas da cocheira, que tinha voltado para ir buscar a égua e o cabriolé e que tornara a partir; que não queria acordar ninguém e que voltaria em breve.

— Mas a s'nhora compreende que nós só veríamos esse aviso à luz do dia?

— É verdade — admitiu ela e, embora contrariada, tinha o bom senso de não os culpar longa ou seriamente por uma devoção que tinham por ela e que era tão valiosa quanto rara.

Acrescentou, mais airosa:

— Bem, eu agradeço-vos do fundo do coração por se terem dado a toda esta maçada; mas preferia que tivessem pedido outros cavalos quaisquer, não os do senhor Boldwood.

— *Dainty* está a coxear, menina — disse Coggan. — Acha que consegue continuar?

— Foi só uma pedra na ferradura. Desmontei e tirei-a para fora cem metros mais atrás. Consigo sim, obrigada. Chegarei a Bath pela manhã. E agora regressem, está bem?

Bathsheba virou a cabeça — a chama da vela do portageiro brilhando-lhe nos olhos claros e rápidos — e passou a barreira. Dali a pouco, perdia-se nas sombras espessas daquelas misteriosas ramagens de verão. Coggan e Gabriel viraram as montadas para o outro lado e, sentindo o ar aveludado daquela noite de julho, voltaram a percorrer a mesma estrada no sentido inverso.

— Um estranho capricho este, não acha, Oak? — comentou Coggan, com um ar pensativo.

— Sim — respondeu Gabriel, sucinto.

— Ela não vai chegar a Bath de manhã coisa nenhuma!

— Coggan, e se guardássemos segredo do que aconteceu esta noite?

— Sou da mesma opinião.

— Muito bem. Chegaremos a casa às três, ou coisa que o valha, e entramos na aldeia com pés de lã.

* * *

A meditação conturbada de Bathsheba na berma do caminho acabara por levá-la a concluir que só havia duas soluções para o seu presente

desespero. A primeira cingia-se a manter Troy longe de Weatherbury até que a fúria indignada de Boldwood tivesse amainado; a segunda era dar ouvidos aos conselhos de Oak e às denúncias de Boldwood e renunciar a Troy por completo.

Maldição! Conseguiria ela prescindir daquele amor tão novo — persuadi-lo a abdicar dela, dizendo-lhe que não o amava, que não podia voltar a falar com ele, e suplicando-lhe, para seu bem, que ele passasse o resto da licença em Bath e que não voltasse a Weatherbury para visitá-la?

Era uma perspetiva dolorosa, mas, durante algum tempo, ela contemplou-a com firmeza, permitindo-se, no entanto, como fazem as raparigas, imaginar a vida feliz que teria tido se Troy fosse Boldwood e o caminho do amor coincidisse com o do dever. Também se submetia à tortura gratuita de o imaginar, em alternativa, nos braços de outra mulher, depois de a ter esquecido. Bathsheba já adivinhara a natureza de Troy ao ponto de calcular o seu devir com grande rigor. Infelizmente, não o amava menos por achar que ele poderia em breve deixar de amá-la. Na verdade, amava-o ainda mais.

Levantou-se de um salto. Iria vê-lo de imediato. Sim, implorar-lhe-ia de viva voz que a ajudasse neste dilema. Uma carta para o manter ao largo não chegaria a tempo, ainda que ele estivesse disposto a dar-lhe ouvidos.

Seria Bathsheba completamente cega a esse facto indesmentível de que o ombro de um amante não é o melhor conselheiro para reforçar a decisão de o deixar? Ou entregar-se-ia ela, com uma vertigem de prazer, ao raciocínio perverso de que, se seguisse esse método para se ver livre dele, asseguraria ao menos um último encontro?

Anoitecera e deviam ser quase dez horas. A única maneira de cumprir o seu objetivo era desistir da ideia de visitar Liddy em Yalbury, regressar à quinta, atrelar o cabriolé à égua e partir para Bath. De início, o plano parecera-lhe impraticável: a viagem era, segundo as suas estimativas, assustadoramente longa, mesmo para um cavalo robusto; e estava a calcular mal a distância. Era uma aventura muito arriscada para uma mulher que viajasse de noite, sozinha.

Mas será que podia ir para casa de Liddy e deixar que as coisas seguissem o seu curso? Não, não; tudo menos isso! Bathsheba estava

cheia de uma energia turbulenta, e era em vão que a voz da prudência tentava fazer-se ouvir. Por isso, retomou a direção da aldeia.

Caminhou devagar, pois não queria entrar em Weatherbury antes de os aldeões se terem recolhido e, sobretudo, antes de Boldwood se fechar em casa. O seu plano era percorrer a distância até Bath durante a noite, visitar o sargento Troy de manhã, antes que ele decidisse vir ao seu encontro, despedir-se dele e dispensá-lo. Depois, daria repouso à égua (e a si própria, para chorar tudo o que quisesse) e regressaria cedo na manhã seguinte. Seguindo este plano, podia viajar a trote, com *Dainty*, durante todo o dia, chegar junto de Liddy, em Yalbury, à tardinha, e voltar para casa com ela quando assim o decidissem — de modo a que ninguém soubesse que tinha estado em Bath. Era esse o plano de Bathsheba. Mas, na sua ignorância topográfica, de habitante recente daquela região, calculou mal a distância da viagem, supondo-a cerca de metade do que, na realidade, era.

Esta ideia decidiu ela levar a cabo, com o êxito inicial que já vimos.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Ao Sol — Um Mensageiro

Uma semana passou e não houve notícias de Bathsheba; nem qualquer explicação para a sua estranha escapada a cavalo[90].

Depois, chegou um bilhete de Maryann, indicando que o assunto que levara a sua senhora a Bath ainda a detinha por lá, mas que ela esperava poder regressar no curso da semana seguinte.

Passou mais uma semana. Deu-se início à colheita da aveia e todos os homens acudiram aos campos sob o céu monocromático de Lammas[91], na atmosfera vibrante e nas sombras curtas do meio-dia. Dentro de casa, só se ouvia o zumbido das varejeiras; lá fora, era o som das gadanhas a serem afiadas e o murmúrio das penugentas espigas da aveia a roçarem umas nas outras, enquanto os seus caules verticais, de um amarelo cor de âmbar, caíam pesadamente a cada foiçada. Toda a gota que não se encontrava nas garrafas ou nos frascos de sidra dos homens era a que pingava das suas testas e faces na forma de suor. A seca reinava por toda a parte.

Os trabalhadores iam refugiar-se um momento debaixo da sombra caridosa de uma árvore, junto da cerca, quando Coggan viu uma figura com um casaco azul e botões de cobre a correr ao encontro deles.

— Pergunto-me quem será? — disse ele.

— Espero que não sejam más novas da nossa patroa — disse Maryann, ocupada, assim como as outras mulheres, a atar feixes (como era o preceito naquela quinta). — Tive um mau presságio dentro de casa, esta manhã. Ia abrir a porta, mas deixei cair a chave, que se partiu ao meio no chão de pedra. Partir uma chave é um mau prenúncio. Oxalá a patroa estivesse em casa.

— É Cain Ball — disse Gabriel, parando de afiar a sua foice.

Oak não era obrigado, por contrato, a ajudar nos campos; mas o mês das colheitas era um mês ansioso para um agricultor e, como o cereal pertencia a Bathsheba, ele dava uma mão.

— Vem todo janota — disse Matthew Moon. — ‘Teve fora de casa uns dias, por causa do seu panarício; dizia ele: «já que não posso trabalhar, tiro uns dias de folga».

— E é um momento oportuno pra tirar férias... excelente — comentou Joseph Poorgrass, endireitando as costas.

Também tinha, nesses dias de calor, o hábito de aproveitar o mais pequeno pretexto para interromper o trabalho, e a aparição de Cain Ball, num dia de semana, com o seu traje de domingo, era um grande pretexto.

— Foi quando espatifei a perna que li *A Viagem do Peregrino*, e Mark Clark aprendeu a jogar *all-fours*[92] quando teve um panarício.

— Verdade. E o meu pai deslocou o braço de propósito pra poder fazer a corte à minha mãe — rematou Jan Coggan, limpando o rosto com a manga da camisa e empurrando o chapéu para trás.

Por esta altura, Cain já estava mais próximo do grupo de segadores e via-se que, numa mão, trazia uma fatia de pão com presunto, à qual dava grandes dentadas enquanto corria, a outra estando envolta numa ligadura. Ao aproximar-se deles, a boca do rapaz ganhou a forma de um sino e ele começou a tossir com violência.

— Então, Cainy! — disse Gabriel, num tom severo. — Quantas vezes tenho de dizer-te para não correres tão depressa quando estás a comer? Um destes dias, ainda morres engasgado, é isso que te vai acontecer, Cain Ball.

— *Cof-cof-cof!* — replicou Cain. — Uma migalha da minha merenda foi prò sítio errado... *cof-cof!* Foi isso que aconteceu, senhor Oak! E estive em Bath por causa do meu panarício; sim, e vi... *cof-cof!*

Assim que Cain mencionou Bath, todos largaram as suas pequenas foices e forquilhas e rodearam-no. Infelizmente, a migalha desgarrada não lhe melhorou os poderes narrativos, e um espirro veio piorar tudo, arrancando-lhe do bolso o relógio largo, que começou a balouçar à frente do garoto, como um pêndulo.

— Sim — prosseguiu ele, dirigindo o pensamento e um olhar perdido a Bath: — Já vi o mundo, finalmente... sim... e também vi a nossa patroazinha... *cof-cof-cof!*

— Diacho do rapaz! — exasperou-se Gabriel. — Há sempre alguma

coisa atravessada na tua garganta que te impede de dizeres o que é preciso.

— *Cof!* Pronto! Perdão, senhor Oak, um moscardo voou-me pra dentro do estômago e trouxe a tosse outra vez!

— Pois, é isso. É porque tens a boca sempre aberta, meu patife!

— É horrível quando um moscardo nos voa pla garganta abaixo, pobre rapaz! — disse Matthew Moon.

— Portanto, em Bath, tu viste... — retomou Gabriel.

— Vi a nossa patroa — respondeu o aprendiz de pastor — e um soldado, a passearem. E foram-se juntando os dois, até ficarem de braço enrolado, como dois namorados de verdade... *cof-cof!* Como dois namorados... *cof!*... dois namorados...

Perdendo o fio à meada, ao mesmo tempo que perdia o fôlego, o informador olhou para todos os lados, em busca de alguma pista.

— Sim, eu vi a nossa patroa e um soldado... *Cof-cof!*

— Maldito fedelho! — exclamou Gabriel.

— É o meu jeito de ser, senhor Oak, se me dá licença — justificou-se Cain Ball, olhando para Oak com um ar reprovador e os olhos marejados de lágrimas.

— Deem-lhe um gole de sidra qu'isso passa-lhe — acudiu Jan Coggan, erguendo o seu frasco, tirando-lhe a rolha e enfiando o bocal na boca do rapaz. Enquanto isso, Joseph Poorgrass começou a pensar, com apreensão, nas graves consequências que se seguiriam se Cainy Ball morresse asfixiado na sua tosse e com ele se perdesse a história das suas aventuras em Bath.

— Da minha parte, eu digo sempre «se Deus quiser» antes de fazer seja o que for — afirmou, numa voz humilde. — E o mesmo devias tu fazer, Cain Ball. É uma grande defesa e talvez te salvasse de morreres asfixiado um destes dias.

O Sr. Coggan verteu o líquido com demasiada generosidade na boca circular do pobre Cain e metade foi logo por fora do frasco. Da outra metade, uma parte não chegou ele a engolir e a que entrou foi para o sítio errado, sendo tossida e espirrada para cima dos segadores ali reunidos, na forma de um nevoeiro de sidra, que ficou uns instantes suspenso na atmosfera ensolarada.

— Achas qu'isso é maneira de espirrares? E se te portasses como

deve ser, meu fedelho! — disse Coggan, retirando o frasco.

— A sidra subiu-me ao nariz! — gritou Cainy, assim que pôde falar. — E agora foi-me plo pescoço abaixo, pra cima do meu pobre dedo inchado, dos meus botões brilhantes e da minha melhor roupa!

— A tosse do desgraçado é uma infelicidade — disse Matthew Moon. — Com a história qu'ele nos traz pra contar. Bata-lhe nas costas, pastor.

— É a minha natureza — lamentou-se Cain. — A mãe diz que sempre fui assim quando me mexem c'os nervos!

— Verdade, verdade — confirmou Joseph Poorgrass. — Os Balls sempre foram uma família muito nervosa. Eu conheci o avô do rapaz... um homem bem nervoso e modesto, quase refinado. E não parava de corar, o pobre, um pouco como eu... só que no meu caso é um defeito!

— De modo algum, amigo Poorgrass — replicou Coggan. — Na sua pessoa, é uma nobre qualidade.

— Eh-eh! Bem, eu preferia não espalhar o rumor... de todo — murmurou Poorgrass, acanhado. — Mas nós nascemos pra certas coisas... é verdade. Ainda assim, preferia qu'o pouco que tenho não se visse; mas uma natureza nobre é uma natureza nobre e, quando eu nasci, todas as coisas eram possíveis prò meu Criador, e talvez ele não me tenha negado todos os dons... Mas esconde-te, Joseph! Não mostres o que vales![93] Um estranho desejo este, companheiros, de nos escondermos e não querermos elogios. E, porém, há um Sermão da Montanha[94], com uma lista dos bem-aventurados, e parece que lá se fala dos humildes.

— O avô de Cainy era um homem de grande saber — disse Matthew Moon. — Inventou uma macieira qu'inda hoje tem o nome dele: a *Early Ball*. Sabes qual é, Jan? Uma *Quarrenden* enxertada de uma *Tom Putt*, com uma *Rathe-ripe*[95] por cima. É verdade qu'ele parava ali num café com uma mulher, o que não era lá muito cristão, mas... era um homem inteligente, num certo sentido.

— Ora bem — interveio Gabriel, com impaciência —, o que foi que tu viste, Cain?

— Vi a nossa patroa a entrar numa espécie de parque, onde havia bancos, arbustos e flores, de braço enrolado c'um soldado — continuou Cainy, com firmeza, e uma vaga consciência de que as suas palavras

tinham um grande impacto nas emoções de Gabriel. — E, cá pra mim, o soldado era o sargento Troy. Ópois, ficaram ali sentados por mais de meia hora, a falar de coisas do coração, e ela a chorar com'uma perdida. Quando saíram, a patroa tinha os olhos brilhantes, 'tava branca como um lírio e eles olharam um prò outro com toda a ternura que pode haver entre um homem e uma mulher.

As feições de Gabriel pareciam ter mirrado.

— E mais? O que é que tu viste mais?

— Oh, todo o tipo de coisas.

— Branca como um lírio? Tens a certeza de que era mesmo ela?

— Tenho.

— Bem, e que mais?

— Grandes janelas de vidro nas lojas, nuvens grandes no céu, cheias de chuva, e árvores antigas nos campos em redor.

— Sua aventesma! — exclamou Coggan. — Que vais tu dizer a seguir?

— Deixem o rapaz em paz — interrompeu Joseph Poorgrass. — O qu'ele quer dizer é que o céu e a terra nos reinos de Bath não são assim tão diferentes dos nossos aqui. É bom pra nós aprendermos coisas sobre cidades estrangeiras, e é por isso que temos de sofrer as palavras do rapaz, por assim dizer.

— E o povo de Bath — continuou Cain — nunca precisa d'acender o fogo a não ser como luxo, pois da terra brota-lhe água quente, a ferver e já pronta.

— É tão verdade com'a luz do dia — comprovou Matthew Moon. — Já o ouvi da boca d'outros viandantes.

— E as pessoas de lá não bebem outra coisa — acrescentou Cain — e parecem gostar quand'as vemos engolir.

— Bem, aos nossos olhos, é um costume bem bárbaro, mas devo dizer qu'os nativos nem pensam nele duas vezes — disse Matthew.

— E os víveres não brotam da terra, com'a bebida? — perguntou Coggan, piscando o olho.

— Não, aí 'tá um defeito de Bath... um verdadeiro defeito. Deus não lhes deu os víveres como lhes dá a bebida e iss'é uma desvantagem que não consegui entender.

— Bem, é um lugar estranho, pra dizer o mínimo — observou Moon.

— E o povo que lá vive só pode ser estranho também.

— A menina Everdene e o soldado andavam a passear juntos, foi o que disseste? — indagou Gabriel, voltando a aproximar-se do grupo.

— Sim, e ela trazia um vestido lindo, todo dourado, com uma renda preta, e que devia aguentar-se de pé sozinho, mesmo sem as pernas lá dentro. Dava gosto vê-la; e levava o cabelo todo bem aperaltado. E quando o sol batia no seu vestido brilhante e no casaco vermelho do soldado... Ai, que bonitos estavam! Viam-se do fundo da rua!

— E depois? — murmurou Gabriel.

— Depois, fui ao Griffin, pra ferrar as minhas botas, e, a seguir, ao pasteleiro, Riggs, e pedi um péni de bolos rançosos, dos mais baratos e bonitinhos, que ’tavam quase azuis de bolor mas não completamente. E, enquanto os mastigava, ao descer a rua, vi um relógio c’um mostrador tão grande com’uma selha de bater a massa...

— Mas isso não tem nada a ver com a patroa!

— Já lá vou, se me deixar em paz, mestre Oak! — protestou Cainy. — Se m’enerva, ‘inda me dá aquela tosse e ópois é que não me sai nada.

— Sim, deixem-no falar à maneira dele — replicou Coggan.

Gabriel acalmou-se, engolindo o desespero, e Cainy prosseguiu:

— E havia casarões grandes e mais pessoas todos os dias da semana do que nos passeios de terça-feira a seguir ao Pentecostes[96] em Weatherbury. E ‘tive em igrejas grandes e capelas. E como rezava o reverendo! Sim, ajoelhava-se e juntava as mãos. E nos nossos olhos brilhavam os santos anéis d’ouro que trazia nos dedos e que ganhara por rezar tão bem! Ah, sim, quem me dera lá viver.

— O nosso pobre pároco Thirdly é que não arranja dinheiro pra comprar esses anéis — comentou Matthew Moon, pensativo. — E não há homem tão bom como ele. Não creio qu’o pobre Thirdly tenha um único anel, nem dos mais modestos, de lata ou cobre. Imaginem como lh’assentariam bem numa tarde cinzenta, lá em cima no púlpito, à luz dos círios! Mas é impossível, desgraçado. Ah, não há justiça neste mundo.

— Talvez não goste de usar anéis — disse Gabriel, soturno. — Continua, Cainy. Despacha-te.

— Ah, estes novos sacerdotes usam bigodes e barbas compridas —

prosseguiu o ilustre viandante — e são a cara chapada de Moisés e Aarão. E nós, na congregação, até nos sentimos com'as crianças de Israel.

— Um sentimento muito nobre — comentou Joseph Poorgrass.

— E agora há duas religiões na nação: a Alta Igreja e a Alta Capela. E eu disse cá pra comigo: vou fazer as coisas como deve ser. E fui à Alta Igreja de manhã e à Alta Capela[97] à tarde.

— Um rapaz às direitas — observou Joseph Poorgrass.

— Bem, na Alta Igreja, rezam a cantar e adoram todas as cores do arco-íris; na Alta Capela, rezam a pregar e só adoram o castanho-claro e a cal. Ópois... já não voltei a ver a menina Everdene.

— Só agora é que dizes? — gritou Oak, muito desiludido.

— Ah — disse Matthew Moon —, ela vai comer o pão qu'o diabo amassou se for demasiado íntima com aquele homem.

— Ela não é demasiado íntima com ele — replicou Gabriel, indignado.

— Ela sabe o que tem de fazer — afirmou Coggan. — A nossa patroa tem demasiado juízo por baixo daqueles caracóis pretos pra fazer uma loucura dessas.

— Mas, reparem, ele não é um homem rude e ignorante, pois teve uma boa educação — observou Matthew, indeciso. — Foi pra soldado por mania, e as raparigas costumam preferir os maus rapazes.

— Ouve bem, Cain Ball — disse Gabriel, inquieto —, tu juras, solenemente, que a mulher que tu viste era a menina Everdene?

— Cain Ball, já não és nenhum bebé de cueiros — disse Joseph, no tom funesto que a circunstância exigia — e sabes o que significa fazer um juramento. Lembra-te qu'é um grande compromisso que dizes com a boca e selas com o sangue, e o profeta Mateus diz-nos que reduzirá a pó aquele em cima de quem for tombar[98]. Ora, diante dos trabalhadores aqui reunidos, podes dar a tua palavra, como te pede o pastor?

— Por favor, não, mestre Oak! — implorou Cainy, olhando muito aflito para todos os lados, desconfortável com a magnitude espiritual do que lhe pediam. — Não m'importo de dizer qu'é verdade, mas não m'agrada dizer qu'é verdade com'ó diabo, s'é isso que me pedem.

— Cain, Cain, como foste capaz? — retorquiu Joseph, com severidade. — Foi-te pedido que jurasses de maneira sagrada e tu juras

com’o perverso Simei[99], filho de Gera, o que blasfema. Que vergonha, rapaz!

— Não, não! És tu que queres atormentar a alma d’um pobre rapaz, Joseph Poorgrass. É isso que se passa! — replicou Cain, desatando num pranto. — O qu’eu quero dizer é qu’era mesmo a menina Everdene e o sargento Troy, mas, nessa verdade horrível e solene que querem de mim, talvez fossem outros quaisquer!

— Não há como ter a certeza — afirmou Gabriel, voltando ao trabalho.

— Cain Ball, anda comer um pedaço de pão! — resmungou Joseph Poorgrass.

As foicinhas dos segadores deitaram-se ao trabalho e ouviu-se, de novo, o seu ruído familiar. Embora não se fingisse animado, Gabriel não deu sinais de grande tristeza. Coggan, porém, conhecia bem o companheiro e, quando o apanhou à parte, disse-lhe:

— Não se rale com ela, Gabriel. Que diferença faz a quem se entrega se não pode ser sua?

— É isso mesmo que eu digo a mim próprio — respondeu Oak.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Regresso a Casa — Um Impostor

Nessa mesma tarde, ao crepúsculo, Gabriel apoiou-se no portão do jardim dos Coggans para dar uma vista de olhos em redor antes de se ir deitar.

Um veículo subia suavemente pela berma, coberta de erva, do caminho e ouvia-se o som de duas mulheres a conversar. O tom era natural e não havia sinais de que quisessem abafar o que diziam. Oak reconheceu de imediato as vozes de Bathsheba e de Liddy.

A carruagem alcançou-o e seguiu caminho. Era o cabriolé da menina Everdene e, na banqueta, vinham apenas Liddy e a sua senhora. Liddy estava a fazer perguntas acerca da cidade de Bath, e a companheira respondia-lhe de forma apática e desinteressada. Tanto Bathsheba como o cavalo pareciam exaustos.

O delicioso alívio que ele sentiu ao descobrir que ela estava de volta, sã e salva, toldou-lhe todo o pensamento, e Oak não fez outra coisa senão entregar-se a esse prazer. Todas as notícias preocupantes que recebera foram esquecidas.

Deixou-se então ficar mais um pouco, e outro tanto, até já não haver diferença entre as extensões de céu a oriente e a ocidente e as tímidas lebres começarem a pular, afoitas, pelos outeiros de contornos vagos. Meia hora ter-se-á escapado até um vulto negro passar por ele devagar.

— Boa noite, Gabriel — disse o transeunte.

Era Boldwood.

— Boa noite, senhor — volveu Gabriel.

O lavrador desapareceu também no fundo do caminho, e Oak não tardou a entrar em casa para se ir deitar.

Boldwood continuou a andar até chegar a casa da menina Everdene. Diante da fachada, aproximou-se da entrada e viu uma luz na saleta. A persiana não estava corrida e via-se Bathsheba no interior. Estava debruçada sobre alguns papéis e correspondência, de costas para ele. Boldwood dirigiu-se à porta, bateu e esperou, com os músculos do rosto

retesados e o sobrolho franzido.

Era a primeira vez que saía de casa desde o seu encontro com Bathsheba, na estrada para Yalbury. Silencioso e só, entregara-se a sombrias meditações acerca do temperamento feminino, generalizando a todo o género as particularidades da única mulher com quem tivera uma relação mais estreita. Pouco a pouco, a benevolência fora conquistando terreno, razão por que saíra nessa noite. De certo modo envergonhado pela violência com que a tratara, viera pedir-lhe desculpa e suplicar o seu perdão, tendo acabado de saber que ela regressara de uma simples visita a Liddy — pois desconhecia a sua escapadela a Bath.

Pediu para ver a menina Everdene. Liddy recebeu-o com frieza, mas ele não reparou. A criada voltou a entrar, deixando-o ali plantado, e, na sua ausência, a persiana da sala onde estava Bathsheba foi puxada para baixo. Era um mau sinal, e Boldwood previu o pior. Liddy voltou.

— A minha senhora não pode recebê-lo, senhor — afirmou ela.

O lavrador logo tornou a sair, pelo portão. Não fora perdoado — eis o motivo. Acabara de ver essa mulher que era, para ele, um prazer e uma tortura, sentada na mesma sala onde ela o recebera, como seu convidado de honra, ainda no início desse verão — e, agora, a entrada era-lhe negada.

Boldwood não se apressou a voltar para casa. Eram pelo menos dez horas quando, atravessando num passo decidido a parte baixa de Weatherbury, ouviu a carruagem grande que fazia a ligação entre a aldeia e uma vila mais a norte. O dono era um homem de Weatherbury, que a conduzia e à porta de quem fora agora estacionada. A lanterna fixada no cimo da capota iluminou uma silhueta vermelha e dourada, que foi a primeira a descer.

— Ah! — murmurou o lavrador —, veio vê-la outra vez.

Troy entrou na residência do carroceiro, onde ficara instalado na sua recente visita à aldeia natal. Movido por uma súbita determinação, Boldwood correu para casa. Dez minutos depois, estava de volta, com o propósito de ir ao encontro do sargento. Mas, ao aproximar-se da casa do carroceiro, alguém abriu a porta e saiu. Ele ouviu a pessoa a dizer boa noite à gente da casa e reconheceu a voz de Troy. Era estranho, uma vez que ele acabara de chegar. Apressou-se a segui-lo. O sargento levava consigo aquilo que parecia ser um saco de tapeçaria — o mesmo

que tinha trazido na viagem. Tudo indicava que ia voltar a partir nessa mesma noite.

O sargento começou a subir a colina e acelerou o passo. Boldwood aproximou-se.

— Sargento Troy?

— Sim? Sou eu.

— Acabou de chegar, não é assim?

— Acabei de chegar de Bath.

— Sou William Boldwood.

— De facto.

O tom com que Troy lhe respondera era tudo o que faltava para que Boldwood fosse direito ao assunto.

— Gostava de dar-lhe uma palavrinha — disse.

— A que respeito?

— A respeito daquela que vive aí mesmo à frente. E a respeito de outra que o senhor enganou.

— A sua impertinência surpreende-me — disse Troy, seguindo caminho.

— Escute bem — retorquiu Boldwood, barrando-lhe a passagem —, quer queira quer não, o senhor vai ter uma conversa comigo.

Troy sentiu a fria determinação na voz de Boldwood, reparou na sua robustez e, depois, no cacete grosso que ele levava na mão. Lembrou-se que já passava das dez. E pareceu-lhe que seria mais aconselhável ser cortês com o lavrador.

— Muito bem, ouvi-lo-ei com prazer — replicou, pousando o saco no chão. — Mas peço-lhe que fale em voz baixa, não vá alguém ouvir-nos lá em baixo, na quinta.

— Pois bem, eu sei uma ou duas coisas a seu respeito. Estou por dentro da ligação que Fanny Robin tem consigo. Devo dizer que julgo ser a única pessoa da aldeia, para além de Gabriel Oak, que sabe da história. Você tem de casar-se com ela.

— Talvez tenha. Na verdade, até gostava, mas não posso.

— Porquê?

Troy preparava-se para dar uma resposta apressada, mas pensou melhor e respondeu:

— Porque sou pobre. — A voz tinha mudado. Antes, parecera

indiferente. Agora, era a voz de um impostor.

O presente estado de espírito de Boldwood não lhe permitia reparar em diferenças de tom. Prosseguiu:

— O melhor é falar-lhe com toda a franqueza; e compreenda isto, não desejo discutir o que está certo ou errado, a honra ou a vergonha de uma mulher, nem tecer qualquer opinião a respeito do seu comportamento. Tenciono fazer um negócio consigo.

— Estou a ver — retorquiu Troy. — Talvez nos possamos sentar aqui, nesse caso.

Junto da cerca em frente, jazia um velho tronco de árvore, onde se sentaram.

— Eu e a menina Everdene estávamos noivos — disse Boldwood —, mas o senhor apareceu e...

— Noivos não — volveu Troy.

— Era como se estivéssemos.

— Se eu não tivesse aparecido, ela talvez se tivesse tornado sua noiva.

— O «talvez» está a mais.

— Tornar-se-ia sua noiva, então.

— Se você não tivesse aparecido, eu já teria de certeza... sim*, de certeza*... sido aceite por esta altura. E, se você não a tivesse visto, talvez se casasse com Fanny. Ora, a distância entre a situação da menina Everdene e a sua é demasiado grande para que o senhor possa esperar que este namoro termine em casamento. Portanto, a única coisa que eu lhe peço é: deixe-a em paz. Case-se com Fanny. Eu farei com que valha a pena.

— Como?

— Pagando-lhe bem agora, estabelecendo um bom dote para Fanny e assegurando-me de que não passam fome no futuro. Vou ser mais claro ainda: Bathsheba só está a brincar consigo. O senhor é demasiado pobre para ela, como eu disse; por isso, não perca mais tempo com um grande casamento que nunca conseguirá fazer e aproveite um mais moderado e justo que pode celebrar já amanhã. Pegue no seu saco, dê meia-volta, parta de Weatherbury agora, esta noite, e levará consigo cinquenta libras. Fanny receberá outras cinquenta para se preparar para o casamento, quando você me disser onde é que ela está, e o dote será

de quinhentas libras pagas no dia das núpcias.

Ao fazer esta proposta, a voz de Boldwood denunciara demasiado bem a consciência que ele tinha da fragilidade da sua posição, do seu desígnio, do seu método. Já não era o homem de porte firme e digno de outros tempos; e o plano que agora punha em prática era algo que ele próprio teria condenado como uma imbecilidade infantil escassos meses antes. Encontra-se no homem que ama uma força que não existe no homem livre; mas há uma lucidez no homem livre que em vão procuramos no que ama. Onde existe uma grande parcialidade há necessariamente alguma estreiteza de pensamento, e o amor, embora seja emoção acrescentada, é capacidade diminuída. Boldwood era disto um exemplo num grau invulgar: nada sabia das circunstâncias em que se encontrava Fanny Robin, nem do seu paradeiro; nada sabia das possibilidades de Troy, mas fizera-lhe esta proposta.

— Eu gosto mais de Fanny — comentou o sargento. — E se, como diz, a menina Everdene está fora do meu alcance, tenho tudo a ganhar em aceitar o seu dinheiro e casar-me com Fanny. Mas ela é apenas uma criada.

— Não interessa. Aceita a minha proposta?

— Aceito.

— Ah! — exclamou Boldwood, numa voz mais maleável. — Ora, Troy, se até gosta mais de Fanny, por que razão veio até aqui arruinar a minha felicidade?

— Agora, gosto mais de Fanny — respondeu Troy. — Mas Bathsh... a menina Everdene acendeu uma chama dentro de mim e tomou o lugar de Fanny durante algum tempo. Mas acabou.

— E acabou assim, de um momento para o outro? Por que razão voltou aqui?

— Há razões de peso. Cinquenta libras agora, foi o que disse!

— Sim — replicou Boldwood — e aqui estão elas: cinquenta soberanos.

Estendeu um pequeno embrulho a Troy.

— Já tinha tudo a postos. Parece que calculou que eu ia aceitar o dinheiro — comentou o sargento, pegando no pacote.

— Achei que talvez aceitasse — volveu Boldwood.

— O senhor só tem a minha palavra em como vou cumprir a minha

parte do acordo, enquanto eu tenho cinquenta libras.

— Pensei nisso e achei que, se não conseguisse apelar à sua honra, talvez pudesse confiar na sua... enfim, chamemos-lhe perspicácia... de não pôr em risco as quinhentas que se seguirão. Para além de transformar num amargo rival um homem que está disposto a ser um amigo muito útil.

— Chiu, ouça! — disse Troy, num sussurro.

Ouvia-se um passo ligeiro na estrada, mesmo por cima deles.

— Por São Jorge... é ela — acrescentou. — Tenho de ir ao seu encontro.

— Ela, quem?

— Bathsheba.

— Bathsheba... aqui fora, sozinha, a esta hora da noite? — pronunciou em voz alta Boldwood, admirado, levantando-se. — Por que razão tem de ir ter com ela?

— Ela estava à minha espera esta noite... e, agora, tenho de ir falar-lhe e despedir-me, de acordo com o que me pediu.

— Não vejo que haja necessidade de falarem.

— Não fará mal a ninguém... e ela vai andar por aí à minha procura se eu não o fizer. O senhor vai ouvir tudo o que eu lhe disser. Isso ensiná-lo-á a fazer-lhe a corte, quando eu partir.

— O seu tom é trocista.

— De modo algum. E lembre-se disto: se ela não souber o que me aconteceu, terá melhor opinião a meu respeito do que se eu lhe disser, sem emoção, que não desejo continuar a vê-la.

— Vai dizer-lhe apenas isso? E eu vou ouvir tudo o que o senhor lhe disser?

— Tudo. E agora sente-se aqui em silêncio, segure no meu saco e ouça bem o que eu vou dizer.

O passo ligeiro aproximou-se, parando aqui e ali, como se a pessoa que caminhava estivesse à escuta de algum som. Troy assobiou uma dupla nota, num tom macio e aflautado.

— Já chegámos a este ponto? — murmurou Boldwood, desconfortável.

— Prometeu que ficava em silêncio — retorquiu Troy.

— E prometo de novo.

Troy revelou-se.

— Frank, meu querido, é você?

Era a voz de Bathsheba.

— Oh, Deus! — murmurou Boldwood.

— Sim — respondeu o sargento.

— Chegou tão tarde — continuou ela, com ternura. — Veio na carruagem? Estive à escuta e ouvi o som das rodas quando entrou na aldeia, mas já foi há algum tempo, e eu tinha quase desistido de esperar por si, Frank.

— Eu viria de certeza — replicou Frank. — Sabia que eu viria, não sabia?

— Bem, achei que vinha — volveu ela, num tom jocoso. — Frank, temos tanta sorte! Não há vivalma em minha casa esta noite. Livrei-me de todos eles, para ninguém saber da sua visita. Liddy queria ir a casa do avô, para lhe contar das férias, e eu disse-lhe que ela podia lá ficar até amanhã, altura em que você já terá partido outra vez.

— Excelente! — disse Troy. — Mas, minha querida, é melhor eu ir buscar o meu saco, porque tenho lá os meus chinelos, a minha escova e o pente; vá seguindo para casa enquanto eu vou buscá-lo e prometo que estarei à sua porta dentro de dez minutos.

— Sim.

Bathsheba tornou a subir a encosta da colina, com passos curtos e rápidos. Ao ouvir este diálogo, Boldwood cerrou nervosamente os lábios e uma humidade pegajosa despontou-lhe no rosto. Deu um passo na direção de Troy. O sargento pegou no seu saco.

— Devo então dizer-lhe que vim acabar com isto e que não posso casar-me com ela? — perguntou o soldado, num tom de troça.

— Não, não; espere um minuto. Eu quero dizer-lhe mais coisas... mais coisas! — sussurrou Boldwood, numa voz rouca.

— Ora — volveu Troy —, o senhor compreende o meu dilema. Talvez eu seja um mau homem... uma vítima dos meus próprios impulsos... levado a fazer aquilo que nunca deveria ter feito. Não posso, contudo, casar-me com ambas. E tenho duas razões para escolher Fanny. Primeiro, gosto mais dela, no geral; segundo, o senhor soube tornar essa escolha bem compensadora.

Nesse preciso instante, Boldwood atirou-se a ele e agarrou-se ao seu

pescoço. Troy sentiu as mãos do outro homem a estreitarem-se devagar. A investida fora completamente inesperada.

— Um minuto — pediu, sufocando. — Está a ferir aquela que ama!

— O quê? Como assim? — replicou o lavrador.

— Deixe-me respirar — pediu Troy.

Boldwood descerrou as mãos.

— Por Deus, eu era capaz de matá-lo!

— E arruinava-a a ela.

— Salvava-a.

— Ah, e como é que a salva agora, a menos que eu me case com ela?

Boldwood gemeu. Com relutância, libertou o soldado e lançou-o contra a vedação.

— Demónio, torturas-me! — exclamou.

Troy lançou-se para a frente como uma bala e preparava-se para atacar o lavrador, mas arrependeu-se, dizendo num tom ligeiro:

— Não vale a pena medir forças consigo. Na verdade, é uma forma barbárica de resolver uma desavença. É por essa razão que não tardarei a sair do exército. E agora, depois de saber em que ponto estão as coisas com Bathsheba, não acha que seria um erro matar-me?

— Seria um erro matá-lo — repetiu Boldwood, mecanicamente, de cabeça caída.

— É preferível matar-se a si próprio.

— De longe.

— Fico satisfeito que o perceba.

— Troy, case-se com ela e não pense no que acabei de dizer-lhe. A alternativa é tremenda, mas fique com Bathsheba; eu desisto dela! Para se entregar assim, de corpo e alma, é porque deve amá-lo de verdade. Pobre mulher... Pobre, iludida Bathsheba!

— E Fanny?

— Bathsheba é uma mulher com posses — prosseguiu Boldwood, numa ansiedade nervosa — e dará uma boa mulher, Troy; na verdade, ela merece bem que você se despache a casar-se com ela!

— Mas ela tem uma vontade... para não dizer um temperamento... Serei um mero escravo nas suas mãos. Com a pobre Fanny Robin, eu podia fazer o que quisesse.

— Troy — volveu Boldwood, suplicante —, estou disposto a fazer qualquer coisa por si, mas não a abandone; por favor, não a abandone, Troy.

— A quem? À pobre Fanny?

— Não; a Bathsheba Everdene. Ame-a o melhor que puder! Ame-a com ternura! Como poderei convencê-lo das vantagens que terá se a agarrar de imediato?

— Não desejo agarrá-la de modo nenhum.

Movido por uma vontade própria, o braço de Boldwood lançou-se de novo contra Troy. Ele reprimiu o impulso e curvou-se, como se estivesse em sofrimento.

Troy continuou...

— Não tardarei a comprar a minha dispensa, e depois...

— Mas eu quero que apresse este casamento! Será melhor para ambos. Eu sei que se amam. Tem de deixar-me ajudá-lo.

— Como?

— Ora, transferindo as quinhentas libras para um casamento com Bathsheba, em vez de Fanny, de modo a que possam casar-se de imediato. Não; ela não o aceitaria. Eu pago-lhe a si, no dia do casamento.

Troy deteve-se, em secreta perplexidade, perante a paixão cega de Boldwood. Num tom desinteressado, perguntou:

— E recebo uma parte agora?

— Sim, se desejar. Mas não tenho muito mais dinheiro comigo. Não esperava isto; mas tudo o que tenho é seu.

Mais como sonâmbulo do que como um homem acordado, Boldwood tirou para fora o saco grande, de pano, que usava como bolsa e vasculhou-o.

— Trago mais vinte e uma libras comigo — disse. — Duas notas e um soberano. Mas, antes de nos separarmos, tenho de ficar com um papel assinado...

— Pague-me e vamos direitos a casa dela para concluirmos o nosso acordo. Mas ela não pode saber desta transação.

— Não, nada — disse Boldwood, apressando-se a concordar. — Aqui tem a soma e, se vier até minha casa, redigimos o contrato para o resto, assim como as condições.

— Primeiro, vamos a casa dela.

— Porquê? Venha comigo esta noite e amanhã vamos ao delegado[100].

— Mas ela tem de ser consultada, ou, pelo menos, informada!

— Muito bem; vamos lá.

Subiram a encosta da colina até à casa de Bathsheba. Ao chegarem à soleira da porta, Troy disse:

— Espere aqui um minuto.

Abrindo a porta, deslizou lá para dentro e deixou-a entreaberta. Boldwood esperou. Dois minutos depois, uma luz iluminou o corredor. Boldwood reparou, então, que a corrente de segurança da porta tinha sido posta. Troy apareceu no interior, com um castiçal na mão.

— O quê, achou que eu ia entrar? — perguntou Boldwood, com desdém.

— Oh, não, eu é que tenho esta mania de tomar as minhas precauções. O senhor quer fazer-me o favor de ler isto? Eu dou-lhe luz.

Troy entregou-lhe um jornal dobrado, pela fresta da porta, e aproximou a vela.

— É esse parágrafo — disse, colocando o dedo na linha.

Boldwood olhou e leu:

CASAMENTOS

No dia 17 do mês corrente, na Igreja de St. Ambrose de Bath, pelo Rev. G. Mincing, B. A.[101], o casamento de Francis Troy, filho único do falecido Edward Troy, Esq., M. D.[102], de Weatherbury, e sargento do 11.º Regimento de Dragões, com Bathsheba Everdene, única filha sobrevivente do falecido Sr. John Everdene, de Casterbridge.

— A isto se chama o encontro entre o Forte e o Fraco[103], não é, Boldwood? — lançou Troy. E uma gargalhada grave, de desdém, seguiu as suas palavras.

O jornal caiu das mãos do lavrador. O sargento acrescentou:

— Cinquenta libras para me casar com Fanny. Bom. Vinte e uma libras para não me casar com Fanny, mas com Bathsheba. Bom. Conclusão da história: já sou marido de Bathsheba. Ora, Boldwood, eis o destino ridículo que têm todos aqueles que se metem entre um homem e a sua esposa. Mais uma palavra: por muito mau que eu seja, não sou

esse vilão capaz de fazer do casamento ou da tragédia de uma mulher um objeto de tráfico ou de transação. Fanny já me deixou há muito tempo. Não sei onde está. Procurei-a por toda a parte. Mais uma coisa: o senhor diz que ama Bathsheba e, porém, à mínima suspeita, acredita de imediato na sua desonra. Que diabo de amor é esse? Agora que lhe dei uma lição, leve o seu dinheiro de volta.

— Não o farei; não o farei! — replicou Boldwood, silvando.

— De qualquer modo, não vou ficar com ele — retorquiu Troy, com desprezo. E, embrulhando as moedas de ouro e as notas, lançou-as para o meio da rua.

Boldwood brandiu-lhe o punho cerrado.

— Seu impostor de Satanás! Rafeiro dos infernos! Ainda vou punir-te; ouve bem, ainda vou punir-te!

Dando mais uma gargalhada, Troy fechou a porta e trancou-a por dentro.

Durante a noite, ter-se-á avistado o vulto negro de Boldwood a vaguear pelos montes e vales de Weatherbury, como uma Sombra infeliz errando pelos Campos dos Lamentos[104], nas margens do Aqueronte[105].

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

À Janela do Primeiro Andar

Muito cedo na manhã seguinte — a hora do sol e do orvalho. As primeiras notas confusas do canto de muitos pássaros enchiam o ar limpo. O céu, de um azul desmaiado, aparecia aqui e ali encoberto por finas teias de nuvens incorpóreas, que em nada obscureciam a claridade do dia. Nesta paisagem, todas as luzes eram amarelas e todas as sombras se tinham atenuado. As trepadeiras em torno da velha mansão quebravam sob o peso de pesadas gotas de chuva, que exerciam, sobre os objetos atrás delas, o efeito de pequenas lentes de grande poder de ampliação.

Instantes antes de o relógio soar as cinco, Gabriel Oak e Jan Coggan passaram o cruzamento da aldeia e seguiram juntos para os campos. Ainda mal estava à vista a casa da sua patroa quando Oak julgou ver abrir-se uma portada numa das janelas de cima. Os dois homens encontravam-se, nesse momento, meio escondidos atrás de um velho amieiro, que começava a cobrir-se de negros cachos de fruta, e pararam antes de saírem da sua sombra.

Um homem bem-parecido inclinou-se com indolência no parapeito da janela e olhou para oriente e para ocidente, como quem faz a primeira inspeção da manhã. O homem era o sargento Troy. Vestira o dólman vermelho, mas não o abotoara ainda, e tinha o ar relaxado de um soldado num momento de pausa.

Coggan falou primeiro, depois de contemplar a janela em silêncio.

— Ela casou-se com ele!

Gabriel, que já se apercebera de tudo, virou-lhe as costas, sem dar resposta.

— Imaginei que talvez se soubesse de alguma coisa hoje — disse Coggan. — Ouvi um som de rodas a passar junto da porta, logo depois de escurecer. Vossemecê estava na rua, não sei onde. — Olhou em redor, procurando Gabriel. — Deus do céu, Oak! Como está pálido! Parece um cadáver!

— A sério? — perguntou o pastor, com um sorriso tímido.

— Encoste-se à cancela; eu espero aqui um bocadinho.

— Está bem, está bem.

Demoraram-se ali algum tempo, Gabriel olhando para o chão com apatia. O pensamento fugira-lhe para o futuro, onde via desenrolarem-se ao longo dos anos cenas de arrependimento nascidas daquele ato de precipitação. Que eles se tinham casado adivinhara de imediato. Mas porquê tanto mistério? Soubera-se, entretanto, dessa viagem terrível que ela fizera até Bath, por se ter enganado na distância: a égua colapsara e tinha levado mais de dois dias a chegar ao seu destino. Não era típico de Bathsheba fazer as coisas de forma furtiva. Apesar de todos os seus defeitos, era a candura em pessoa. Teria sido vítima de uma armadilha? Aquela união não era apenas, para Gabriel, uma dor indizível: deixara-o atónito, ainda que ele tivesse passado a semana anterior na suspeita de que podia ser esse o motivo daquele encontro com Troy, longe de casa. O regresso tranquilo de Bathsheba na companhia de Liddy tinha, até certo ponto, dissipado a ameaça. À semelhança desse movimento impercetível, que se confunde com a imobilidade, mas é absolutamente distinto, nas suas propriedades, da imobilidade em si, também a esperança de Gabriel, indistinguível do seu desespero, diferia do desespero absoluto.

Dali a minutos, retomaram o caminho na direção da casa. O sargento continuava à janela.

— Bons dias, camaradas! — gritou, numa voz animada, quando os viu a subir o caminho.

Coggan retribuiu a saudação.

— Não vai responder ao homem? — perguntou, a Gabriel. — Eu diria bom dia, não tem de dar-lhe mais importância do qu'isso, mas mantém o bom trato.

Oak não tardou a decidir que, consumado o ato, reagir com a melhor cara possível era o que de mais bondoso podia fazer por aquela que ele amava.

— Bom dia, sargento Troy — respondeu, numa voz miserável.

— É uma casa torta e lúgubre esta, não? — lançou Troy, sorrindo.

— Ora... *talvez* não estejam casados! — sugeriu Coggan. — Talvez ela não esteja ali.

Gabriel abanou a cabeça. O soldado virou-se ligeiramente para oriente e o sol incendiou-lhe o vermelho do dólman com um brilho alaranjado.

— Mas é uma bela casa, antiga — devolveu Gabriel.

— Sim, suponho que sim; mas sinto-me como um vinho novo numa velha garrafa. A meu ver, devia levar janelas de guilhotina por toda a parte, e estas velhas paredes revestidas de lambris deviam ser um pouco alegradas; ou tirava-se a madeira de carvalho por completo e forravam-se com papel de parede.

— Seria uma pena, penso eu.

— Ou não. Ouvi um filósofo dizer que os construtores de antigamente, que trabalharam quando a arte era uma coisa viva, não tinham qualquer respeito pela obra dos seus antecessores, deitando abaixo e alterando o que bem entendiam. Por isso, o que nos impede a nós de fazer o mesmo? A criação e a preservação não andam de braço dado — refletiu — e um milhão de antiquários não conseguem inventar um estilo novo. Penso exatamente o mesmo que ele. Sou a favor de tornar este lugar mais moderno, para que possamos ser felizes enquanto podemos.

O militar virou-se e inspecionou o interior do quarto, imaginando melhorias naquela direção. Gabriel e Coggan seguiram caminho.

— Ah, Coggan — disse Troy, como se lhe ocorresse algo —, sabe de algum caso de loucura na família de Boldwood?

Jan ponderou uns instantes.

— Ouvi dizer que um tio dele era esquisito da cabeça, mas não conheço os meandros da coisa — respondeu.

— Não tem importância — volveu Troy, num tom ligeiro. — Um dia desta semana, desço convosco aos campos; mas, primeiro, tenho de tratar de alguns assuntos. Tenham um bom dia. Guardaremos, é certo, boas relações. Não sou homem de rancores: disso, ninguém pode acusar o sargento Troy. No entanto, o que tem de ser tem muita força, e aqui têm meia coroa para beberem à minha saúde, amigos.

Troy lançou a moeda com destreza por cima do pátio da frente e da vedação, direita a Gabriel, que se esquivou da sua queda, vermelho de raiva. Coggan piscou o olho, abeirou-se e apanhou o dinheiro que ressaltava pelo caminho.

— Fique vossemecê com ele, Coggan — disse Gabriel, com desdém

e quase ferocidade. — Eu passo bem sem os presentes daquele homem!

— Não o mostre demasiado — aconselhou o companheiro, pensativo. — Pois, se o homem se casou com ela, ouça bem o qu'eu lhe digo, vai pagar a sua dispensa e mandar em nós aqui na quinta. Portanto, é melhor dizer «amigo» por fora, 'inda que diga «patife» por dentro.

— Bem... talvez o melhor seja eu estar calado; mais longe do que isso não consigo ir. Não sei ser lisonjeiro e, se o meu lugar aqui implicar cair nas suas boas graças, então terei de abdicar dele.

Um cavaleiro, que já tinham há algum tempo avistado ao longe, apareceu ao lado deles.

— Ali está o senhor Boldwood — disse Oak. — Pergunto-me o que terá querido Troy insinuar com aquela pergunta.

Coggan e Oak acenaram com respeito para o lavrador, abrandaram para ver se ele lhes queria alguma coisa e, vendo que não, chegaram-se para trás para lhe dar passagem.

Os únicos sinais do terrível desgosto com que Boldwood se debatera noite dentro, e com que ainda se debatia, eram a falta de cor no rosto bem desenhado, a saliência exacerbada das veias na testa e têmporas, e as rugas mais vincadas em torno da boca. O cavalo levava-o, e o próprio passo do animal parecia denunciar o desespero do cavaleiro. Por momentos, Gabriel levantou a cabeça da sua própria dor para contemplar a de Boldwood. Ficou a ver aquela figura angulosa, ereta sobre o cavalo, com a cabeça virada para lado nenhum, os cotovelos apoiados nas ancas, a aba do chapéu direita e hirta, até os contornos vincados da silhueta do lavrador desaparecerem aos poucos na base da colina. Para quem conhecia o homem e a sua história, esta imobilidade chegava a ser mais impressionante do que um desmoronamento. Neste caso, o desacordo entre o espírito e a matéria tocava o coração; e, assim como no riso há fases mais assustadoras do que no choro, também a rigidez do amante torturado era mais eloquente do que um grito.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Fortuna em Perigo — A Festa

Uma noite no fim de agosto, quando a vida de mulher casada ainda era, para Bathsheba, uma experiência recente, e o tempo se mantinha seco e abafado, um homem deteve-se, imóvel, no pátio da Quinta de Cima de Weatherbury, a contemplar a Lua e o céu.

Estava uma noite sinistra. Uma brisa quente, vinda de sul, aflorava devagar os cumes das formas mais altas e, no firmamento, nuvens vogavam numa rota perpendicular às de outro estrato, sem que nenhumas seguissem a direção em que soprava o vento. A Lua, encoberta, possuía um aspeto metálico e lúrido. A esta luz impura, os campos estavam oliváceos e todos tinham a mesma cor monocromática, como se vistos através de um vidro sujo. Nessa tarde, as ovelhas tinham vindo para casa num carreirinho de cabeças coladas a caudas, o comportamento das gralhas fora confuso e os cavalos tinham-se movido com cautela e timidez.

A tempestade estava iminente e, atendendo a alguns sinais secundários, era provável que fosse seguida por uma dessas chuvas prolongadas que marcam o fecho da estação seca. Dali a menos de doze horas, a atmosfera das colheitas seria coisa do passado.

Oak olhou com apreensão para oito medas desprotegidas, pesadas e maciças, que representavam metade da produção da quinta nesse ano. Foi direito ao celeiro.

Esta fora a noite escolhida pelo sargento Troy — que agora dirigia a quinta no lugar da sua mulher — para dar o jantar e o baile da seara. Quando Oak se aproximou do edifício, o som das rabecas e da pandeireta, e o tropel cadenciado de muitos pés, tornou-se mais nítido. Plantou-se então junto das portas grandes, uma das quais estava entreaberta, e olhou para o interior.

O espaço ao centro, assim como o seu prolongamento a um canto, fora esvaziado de todos os possíveis obstáculos, e esta área, que correspondia a cerca de dois terços do total, tinha sido arranjada para a

ocasião. A outra extremidade, recheada de aveia até ao teto, fora vedada com pano de vela. Penachos e grinaldas de folhagem verde decoravam as paredes, as vigas e os candelabros improvisados e, mesmo à frente de Oak, fora erguido um estrado onde se via uma mesa e cadeiras. Aqui, estavam três rabequistas e, ao lado deles, um homem com o cabelo espetado, encharcado em suor, que em frenesim agitava a sua pandeireta.

A dança terminou e, no chão de carvalho-preto ao meio, formou-se uma nova fila de casais para a seguinte.

— E agora, s'nhora, sem ofensa, espero, pergunto-lhe que dança gostaria que tocássemos a seguir? — indagou a primeira rabeca.

— Na verdade, é-me indiferente — respondeu Bathsheba, numa voz clara.

Estava de pé no fundo da sala, a observar a cena atrás de uma mesa repleta de copos e de iguarias. E Troy estava recostado ao lado dela.

— Nesse caso — volveu o rabequista —, atrevo-me a dizer que a dança mais apropriada para esta ocasião é *A Alegria do Soldado*, uma vez que um galante soldado se casou com a senhora desta quinta. Ei, pequenos, e todos os senhores?

— Que seja *A Alegria do Soldado*! — exclamou um coro de vozes.

— Agradeço o elogio — disse o sargento, com alegria, pegando na mão de Bathsheba e conduzindo-a à cabeça da fila. — Porque, embora tenha comprado a minha dispensa do Décimo Primeiro Regimento de Dragões da Guarda de Sua Muito Graciosa Majestade, para poder assumir os meus novos deveres aqui, continuarei a ser um soldado, de alma e coração, até ao fim dos meus dias.

E assim principiou a dança. Quanto aos méritos de *A Alegria do Soldado*, não pode haver, e nunca houve, duas opiniões diferentes. Já se observou, nos círculos musicais de Weatherbury e arredores, que esta canção, ao fim de três quartos de hora de trovejante bater de pé, ainda é mais estimulante para o calcanhar e dedos dos pés do que a maior parte das outras danças nas suas notas de abertura. *A Alegria do Soldado* tem ainda um outro encanto: o de adaptar-se na perfeição à já referida pandeireta — que não é um instrumento de somenos importância nas mãos de um artista entendido na dinâmica das convulsões, dos espasmos, das danças de São Vito e desses

vertiginosos frenesins que são necessários para lhe arrancar as notas com perfeição.

A imortal melodia chegou ao fim, com um soberbo ré grave que ressoou na viola baixo com a força de um canhoneio, e Gabriel não adiou mais a sua entrada. Evitando Bathsheba, aproximou-se o mais que pôde do estrado, onde o sargento se achava agora sentado, a beber brande com água, apesar de todos os outros beberem, sem exceção, sidra ou cerveja. Não conseguindo aproximar-se o suficiente de Troy para lhe falar, Gabriel enviou-lhe uma mensagem, pedindo-lhe que descesse por um minuto. O sargento respondeu que não podia.

— Diga-lhe então, por favor — insistiu ele —, que só aqui vim avisá-lo de que não tarda a rebentar uma tempestade e que algo se devia fazer para proteger as medas.

— O senhor Troy diz que não vai chover — replicou o mensageiro, de regresso — e que não pode interromper a festa para falar consigo das suas frioleiras.

Ao lado de Troy, Oak tinha a melancólica tendência para parecer uma vela junto de uma lanterna a gás. Desconfortável, tornou a sair, pensando em ir para casa, uma vez que, naquelas circunstâncias, não se sentia com disposição para estar no celeiro. À porta, deteve-se um instante: Troy estava a falar.

— Amigos, não é apenas a seara que festejamos aqui esta noite, mas também a festa de um casamento. Há pouco tempo, tive a felicidade de levar ao altar esta senhora, a vossa patroa, e só agora nos foi possível celebrar publicamente o evento em Weatherbury. Para que seja bem celebrado e para que todos os homens se deitem hoje mais consolados, ordenei que nos viessem trazer algumas garrafas de brande e chaleiras de água quente. Copos largos e de espessura tripla serão distribuídos pelos convidados.

Bathsheba pousou-lhe a mão no braço e, virando para ele o rosto pálido, rogou-lhe:

— Não, não lhes dês isso... por favor, Frank! Só lhes vai fazer mal: já beberam que chegue de tudo.

— É verdade... não precisamos de mais nada, obrigado — concordaram uma ou duas vozes.

— Disparates! — ripostou o sargento, com desdém, levantando a voz

como se iluminado por uma nova ideia. — Amigos — disse —, vamos mandar estas senhoras para casa! Já são horas de estarem na cama. Depois, nós, os homens, faremos a farra sozinhos! E, se algum de entre vós se acanhar, que vá buscar trabalho de inverno a outra freguesia.

Bathsheba saiu do celeiro, indignada, seguida por todas as mulheres e crianças. Os músicos, não se vendo a si próprios como «companhia», saíram em silêncio para a sua carroça e atrelaram o cavalo. Troy e os homens da quinta ficaram, portanto, sozinhos no celeiro. Não querendo parecer desnecessariamente desagradável, Oak ficou mais um pouco; depois, também ele se levantou e partiu sem dar nas vistas, ouvindo ainda o protesto amigável do sargento por não ter ficado para uma segunda rodada de grogue.

Gabriel seguiu para casa. Ao aproximar-se da porta, o seu pé tocou em algo que tinha a consistência macia e mole de uma luva de boxe em couro, e soava da mesma maneira. Era uma rã grande que humildemente atravessava o caminho. Oak pegou nela, pensando que seria caridoso matar a criatura, para poupá-la àquele sofrimento; mas, vendo que não estava ferida, tornou a pousá-la na erva. Sabia o que significava esta mensagem da Mãe Natureza. E não tardou a receber outra.

Ao acender a luz dentro de casa, viu em cima da mesa um rasto fino e brilhante, semelhante a uma pincelada de verniz. Os seus olhos seguiram a sinuosa serpentina até à sua extremidade, onde estava uma enorme lesma castanha, que nessa noite se refugiara dentro de casa por razões que só ela sabia. Era o segundo aviso que lhe fazia a natureza de que ele devia preparar-se para o mau tempo.

Oak sentou-se a meditar durante quase uma hora. Enquanto isso, duas aranhas negras, dessa espécie comum nas casas com telhados de colmo, passeavam-se pelo teto, acabando por cair no chão. Isto lembrou-lhe que, se havia uma ordem de sinais que ele sabia decifrar, era a dos instintos das ovelhas. Então, saiu de casa, atravessou a correr dois ou três campos na direção do rebanho, saltou uma cerca e pôs-se a olhar para elas.

Estavam reunidas na outra ponta do campo, à volta de uns arbustos de tojo, e aquilo que de imediato lhe chamou a atenção foi que, ao verem aparecer a sua cabeça sobre o cercado, não estremeceram nem

se puseram em fuga. Sentiam agora um terror maior do que o medo que tinham dos homens. Mas este ainda não era o sinal mais notório: as ovelhas tinham-se agrupado de tal maneira que as suas caudas, sem uma única exceção, se encontravam viradas para essa metade do céu de onde ameaçava vir a tempestade. Havia um círculo interno muito cerrado e, nos anéis em redor, estavam mais dispersas, o padrão formado pelo rebanho no seu conjunto não diferindo muito de uma gola de renda à Van Dyck[106], em que o arbusto de tojo faria as vezes do pescoço.

Isto bastou-lhe para Oak confirmar as suas suspeitas. Sabia agora que estava certo e que Troy estava errado. Todas as vozes da natureza eram unânimes a anunciar a mudança. Mas havia duas leituras a fazer desta linguagem sem palavras. Os sinais apontavam para uma tempestade de relâmpagos, seguida de uma chuva contínua e fria — os rastejantes pareciam antecipar a chuva e pouco saber da tempestade; as ovelhas pareciam tudo saber da tempestade e nada do dilúvio que se seguiria.

Sendo invulgar, esta combinação de intempéries era ainda mais temível. Oak regressou ao recinto onde as medas tinham sido empilhadas. O silêncio reinava e as suas pontas cónicas apontavam, funestas, para o céu. Havia cinco medas de frumento naquele campo e três de cevada; o frumento, quando fosse debulhado, daria uma média de trinta quartos por meda; a cevada, pelo menos quarenta. Calculou o valor que teriam para Bathsheba, ou para qualquer pessoa, fazendo uma simples operação:

5 × 30 = 150 quartos = 500 £
3 × 40 = 120 quartos = 250 £
Total: 750 £

Setecentas e cinquenta libras na forma mais nobre que o dinheiro pode assumir: a do alimento necessário à sobrevivência do homem e do animal — dever-se-ia pôr em risco aquele volume de cereal, até ficar reduzido a menos de metade do seu valor, por causa da inconstância de uma mulher?

— Nunca, se eu puder evitá-lo! — exclamou Gabriel.

Foi este o argumento em que Oak quis acreditar. Mas o homem, até para si próprio, é um palimpsesto, possuindo uma escrita visível e outra a decifrar nas entrelinhas. E é possível que, sob a ideia mais evidente, se tivesse escondido esta inscrição de ouro:

— Ajudarei até ao meu último fôlego a mulher que tanto amei.

Gabriel regressou ao celeiro em busca de ajuda para cobrir as medas nessa mesma noite. No interior, tudo estava em silêncio, e ele teria seguido caminho, dando a festa por terminada, não fora um raio de luz difusa, amarelo-açafrão, jorrar de uma fresta nas portas fechadas, em vivo contraste com a brancura esverdeada do exterior.

Espreitou lá para dentro, e uma cena pouco comum revelou-se ao seu olhar.

As velas suspensas da folhagem tinham ardido até à base e, em alguns casos, as folhas que as rodeavam estavam chamuscadas. Grande parte delas já se apagara, outras deitavam fumo e mau cheiro, vertendo gotas de gordura que pingavam no chão. Por baixo da mesa, ou esparramados sobre bancos e cadeiras em todas as posições possíveis e imaginárias, à exceção da vertical, estavam os corpos miseráveis dos trabalhadores da quinta, com os cabelos tão rentes ao chão que faziam lembrar escovas e vassouras. No meio deles, brilhava, vermelho e distinto, o sargento Troy, encostado a uma cadeira. Coggan estava deitado de costas, de boca aberta, ressonando ruidosamente, como vários outros. As respirações reunidas daquela assembleia horizontal formavam um rugido abafado, evocando o da cidade de Londres à distância. Joseph Poorgrass estava todo enrolado como um ouriço-cacheiro, na aparente tentativa de exibir a menor porção possível do seu corpo; e, atrás dele, quase invisível, via-se o que restava de William Smallbury. Os copos e as taças continuavam em cima da mesa. Um jarro de água fora derrubado e deste corria um pequeno regato que, traçando o seu caminho com maravilhosa precisão pelo centro da mesa comprida, caía em cima do pescoço do inconsciente Mark Clark, num pingar contínuo e monótono, como o de uma estalactite numa gruta.

Gabriel olhou sem esperança para o grupo: eis, com uma ou duas exceções, toda a força de trabalho da quinta. Viu de imediato que, para salvar as medas nessa noite, ou mesmo na manhã seguinte, teria de fazê-lo com as suas próprias mãos.

Um quase inaudível tiquetaque soou no bolso do colete de Coggan. Era o seu relógio a anunciar que eram duas horas.

Oak dirigiu-se à forma reclinada de Matthew Moon, que costumava ocupar-se da difícil tarefa de colocar os telhados de colmo da propriedade, e abanou-o. Em vão.

Gritou-lhe ao ouvido:

— Onde é que tens o malho, a forquilha e as estacas?

— Por baixo das bases das medas — respondeu Moon mecanicamente, com a prontidão involuntária de um médium.

Gabriel deixou cair a cabeça do outro homem e esta bateu no chão como uma bola. A seguir, aproximou-se do marido de Susan Tall.

— Onde está a chave da tulha?

Nenhuma resposta. A pergunta foi repetida, com o mesmo resultado. Gritarem-lhe ao ouvido durante a noite não devia ser uma novidade para o marido de Susan Tall, como era para Matthew Moon. Oak tornou a pousar a cabeça de Tall no seu canto e virou-lhe as costas.

Não seria justo culpar os homens inteiramente pelo modo penoso e desmoralizador como terminara a festa dessa noite. O sargento Troy insistira com tanta veemência, de copo na mão, que a bebida devia ser o laço que os unia, que aqueles que quisessem recusar teriam temido pecar por falta de cortesia. Além disso, não estavam habituados, desde a sua juventude, a beber nada mais forte do que a sidra ou a cerveja, e não era de admirar que tivessem todos sucumbido, como um só corpo, ao fim de apenas uma hora.

Gabriel estava muito abatido. Este deboche era um mau presságio para essa voluntariosa e fascinante senhora que o homem leal que ele era ainda via como sendo a encarnação de tudo o que era doce, luminoso e desesperado.

Apagando as velas moribundas, para livrar o celeiro do perigo, fechou a porta aos homens mergulhados no seu sono profundo e ausente e tornou a sair para a solidão da noite. Uma brisa quente, como o sopro de algum dragão pronto a devorar o globo, acariciou-o, vinda de sul, enquanto do lado oposto, a norte, se erguia uma massa sombria e disforme de nuvens, em colisão com o vento. Esta crescia de forma tão pouco natural que mais parecia ser obra de algum mecanismo que lhe fosse subjacente. Entretanto, as nuvens mais ténues e mais pequenas

tinham fugido para sudeste, como se temessem a nuvem maior, à semelhança de uma ninhada que algum monstro cobiçasse.

Entrando na aldeia, Oak lançou uma pedra à janela do quarto de Laban Tall, à espera que Susan a abrisse; mas ninguém se mexeu. Deu a volta até à porta das traseiras, que ficara aberta para Laban poder entrar, e avançou para a base das escadas.

— Senhora Tall, vim buscar a chave da tulha, para chegar aos panos de cobrir as medas — disse Oak, numa voz de estentor.

— És tu? — volveu Susan Tall, sonolenta.

— Sim — respondeu Gabriel.

— Vem-te deitar, meu inútil. Se já se viu acordares-me assim!

— Não é Laban... É Gabriel Oak. Quero a chave da tulha.

— Gabriel! Por que carga de água fingiu que era Laban?

— Não o fiz. Pensei que me queria dizer...

— Fez sim! Que quer você daqui?

— A chave da tulha.

— Leve-a. Está no prego. As pessoas que vêm incomodar as mulheres a esta hora da noite deviam...

Gabriel levou a chave sem esperar pela conclusão da tirada. Dez minutos depois, ver-se-ia a sua figura solitária a arrastar quatro grandes coberturas impermeáveis até ao outro lado do pátio. Não tardou a que duas dessas preciosas medas ficassem bem cobertas — por um par de lonas cada. Duzentas libras estavam seguras. Ainda faltava cobrir três medas de frumento e já não havia mais lonas. Oak procurou por baixo das bases e encontrou uma forquilha. Trepando para o cimo da terceira pilha de riqueza, deitou mãos à obra: colocou os feixes de cima uns sobre os outros, na diagonal, e preencheu os interstícios com matéria que não fora amarrada.

Até aqui, tudo corria bem. Graças a esta solução rápida, o frumento de Bathsheba ficaria seguro pelo menos por uma semana ou duas, desde que não houvesse muito vento.

A seguir vinha a cevada. A única maneira de a proteger era cobri-la de colmo de forma meticulosa. O tempo passou, e a Lua desapareceu para não mais voltar. Era o adeus de um embaixador antes de rebentar a guerra. A noite parecia definhar, como uma coisa doente, e a brisa lenta expirada pelo céu foi como o último sopro de um moribundo. Já não se

ouvia um som no pátio — apenas as pancadas secas do malho a enterrar as estacas e o sussurro do colmo a preencher os intervalos.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

A Tempestade — Os Dois Juntos

Uma luz esvoaçou sobre a paisagem, como se refletida por um bater de asas fluorescentes a rasgar o céu, e um trovão encheu a atmosfera. Era o primeiro passo da tempestade que aí vinha.

O segundo trovão foi barulhento e, por comparação, o relâmpago quase invisível. Gabriel viu uma vela a brilhar no quarto de Bathsheba e, dali a pouco, uma sombra a mover-se de um lado para o outro por detrás da persiana.

Veio então o terceiro relâmpago. Manobras extraordinárias estavam em curso nos vastos abismos do céu. O raio, agora, era da cor da prata, e cintilava no firmamento como um exército em marcha. O trovejar tornou-se contínuo. Da sua posição cimeira, o olhar de Gabriel abraçava pelo menos dez quilómetros de paisagem. Cada cerca, cada arbusto, cada árvore recortava-se de forma tão definida como os motivos numa gravura. Num cercado na mesma direção, havia uma manada de bezerras, e as suas formas eram visíveis, nesse momento, a galopar de um lado para o outro no mais louco e selvagem desconcerto, com as caudas e cascos no ar e a cabeça rente ao chão. Um álamo em primeiro plano era como uma mancha de tinta sobre estanho polido. Depois, a imagem sumiu-se, deixando Gabriel numa escuridão tão cerrada que só o instinto lhe guiava as mãos.

Tinha enterrado o seu espeto, ou «punhal» — como alternativamente se chamava a essa comprida lança metálica polida pelo uso —, na meda, para suster os feixes, em vez do suporte em forquilha que era usado nos tetos das casas. Uma luz azul apareceu no zénite e, de uma maneira incompreensível, veio faiscar perto da ponta do espeto. Era o quarto dos maiores relâmpagos. Um instante depois, ouviu-se um estalo — nítido e curto. Sentindo que a sua posição era tudo menos segura, Gabriel resolveu descer.

Nem uma gota de chuva caíra ainda. Limpando a testa transpirada, olhou de novo para os vultos negros das medas desprotegidas. Seria a

sua vida um bem assim tão precioso? Que perspetivas lhe guardava o futuro para ter tanto receio de correr riscos, quando um dever importante e urgente não podia ser cumprido sem eles? Decidiu voltar a subir a meda. Contudo, tomou as suas precauções: por baixo das bases, havia uma corrente comprida usada para evitar a fuga de cavalos indomáveis; levou-a pela escada acima e, enfiando o espeto numa das extremidades, deixou a outra ponta da corrente cair no chão. Retomou depois a tarefa, sentindo-se mais seguro ao abrigo deste para-raios improvisado.

Antes de Oak deitar a mão às suas ferramentas, rebentou o quinto relâmpago, com o vigor de uma serpente e o grito de um demónio. Era verde como uma esmeralda e a sua reverberação atordoante. E o que era aquilo que a luz agora lhe revelava? Ao olhar sobre o cume da meda, viu no campo aberto à sua frente uma figura negra e vincadamente feminina. Seria a silhueta da única mulher corajosa da paróquia — Bathsheba? A figura deu um passo, e ele deixou de a ver.

— É a senhora? — indagou, para a escuridão.

— Quem está aí? — respondeu a voz de Bathsheba.

— Gabriel. Estou em cima da meda, a cobri-la de colmo.

— Oh, Gabriel! Será verdade? Vim por causa delas. A tempestade acordou-me e pensei na colheita. Estou tão aflita... podemos salvá-la de algum modo? Não consigo encontrar o meu marido. Ele está consigo?

— Ele não está aqui.

— Sabe onde é que ele está?

— A dormir no celeiro.

— Ele prometeu-me que cuidaria das medas, mas foram todas esquecidas! O que posso fazer para ajudar? Liddy está com medo de sair. Não pensei encontrá-lo aqui a esta hora! Deve haver alguma coisa que eu possa fazer?

— Pode trazer-me aqui para cima alguns feixes de colmo, um de cada vez, senhora, se não tiver medo de subir a escada às escuras — disse Gabriel. — Agora, todos os momentos contam e isso ia poupar-nos muito tempo. Fica menos escuro depois de passar o relâmpago.

— Eu faço qualquer coisa! — retorquiu ela, resoluta.

E pegou logo num molho, pô-lo ao ombro, subiu até aos calcanhares de Oak, pousou-o atrás do espeto e tornou a descer para ir buscar outro. À sua terceira subida, a meda iluminou-se de repente, com o fulgor

metálico da majólica brilhante — e todos os nós de todas as espigas se tornaram visíveis. Na encosta à frente dele, apareceram dois vultos humanos, pretos como tinta. A meda perdeu o seu brilho — e os vultos desapareceram. Gabriel virou a cabeça. O sexto relâmpago viera de leste, por detrás dele, e as duas figuras negras na encosta em frente eram a sua sombra e a de Bathsheba.

Veio a seguir o trovão. Era quase impossível acreditar que uma luz tão celestial pudesse ser irmã de um som tão diabólico.

— Que horror! — exclamou ela, agarrando-se à manga da camisa dele. Gabriel virou-se e agarrou-lhe no braço, não fosse cair. Nesse instante, continuando assim virado, fez-se luz, e ele viu desenhar-se a preto na parede do celeiro uma réplica desse álamo alto que se erguia na colina. Era a sombra da árvore, projetada por um raio menor, a ocidente.

Veio o relâmpago seguinte. Bathsheba estava no chão, a pôr ao ombro mais um feixe, e aguentou o raio sem estremecer — trovão incluído —, antes de subir com a carga. O silêncio abateu-se, então, sobre os campos durante quatro ou cinco minutos, e os golpes do malho nas estacas, que Gabriel espetava à pressa, tornaram-se de novo audíveis. Ele pensou que o pior já tinha passado. Mas deu-se uma nova explosão de luz.

— Segure-se! — gritou, tirando o feixe de cima do ombro de Bathsheba e agarrando-lhe de novo no braço.

Então, os céus abriram-se. O relâmpago era tão distinto dos que o tinham precedido que eles mal se deram conta do perigo desmedido que ele encerrava, tendo olhos apenas para a sua magnificente beleza. Rebentou a leste, a oeste, a norte, a sul e era o verdadeiro bailado da morte. Esqueletos iluminaram-se nos ares, com ossos de chama azul — dançando, saltando, galgando, correndo e fundindo-se numa confusão sem paralelo. Neles entrelaçavam-se ondulantes serpentes verdes e, atrás delas, havia uma massa gigante de luz menos viva. De todas as partes do céu que desabava, veio aquilo a que poderia chamar-se um grito; pois, embora nenhum grito se lhe equiparasse, era essa a natureza deste som, que pouco tinha de terrestre. Uma dessas formas macabras pousara, entretanto, na extremidade do espeto de Gabriel; invisível, percorrera-o até à corrente e desta passara à terra. Oak ficou quase

cego e sentiu o braço quente de Bathsheba a tremer na sua mão — uma sensação nova e perturbadora; mas o amor, a vida e tudo o que era humano perdiam toda a relevância perante a magnitude do universo em fúria.

Oak mal tinha tido tempo de converter estas impressões num pensamento — e de registar que a pluma vermelha do chapéu de Bathsheba brilhava estranhamente àquela luz — quando a árvore grande na encosta já referida pareceu incendiar-se com um fogo branco, e uma nova voz nesse coro infernal veio juntar-se aos fragores que a tinham precedido. Foi uma explosão atordoadora, gigantesca e impiedosa, que se abateu sobre os ouvidos deles como uma pancada dura e seca, sem esses ecos que emprestam a sonoridade do tambor ao trovão mais distante. À luz do relâmpago, que vinha de todos os lados e da vasta abóbada por cima dele, Gabriel viu que a árvore tinha sido cortada ao meio, de uma ponta à outra do seu tronco alto e reto, e que um enorme pedaço de casca lhe fora arrancado. O tronco permanecia de pé e exibia o interior desnudo — uma faixa branca bem visível. Fora ali que o raio caíra. Um odor a enxofre encheu o ar. Depois, tudo ficou tão silencioso e negro como numa das grutas do vale de Hinom.

— Escapámos à justa! — precipitou-se Gabriel. — É melhor descer.

Bathsheba nada disse; mas ele ouvia a sua respiração acelerada e o feixe de palha a estremecer, ecoando o seu pulso desgovernado. Ela desceu a escada e, pensando melhor, Gabriel seguiu-a. A escuridão era agora impenetrável, mesmo para uma vista aguçada. Ficaram imóveis, em baixo, lado a lado. Bathsheba só parecia ter olhos para a tempestade — Oak só pensava na mulher ao seu lado. Acabou por dizer:

— A tempestade parece ter-se afastado. Por ora, pelo menos.

— Também acho — concordou ela. — Embora haja uma multidão de raios, repare!

O céu enchera-se agora de uma luz incessante, o atropelo de relâmpagos fundindo-se numa continuidade perfeita, tal como de sucessivas batidas num gongo resulta um som ininterrupto.

— Nada de grave — disse ele. — Não percebo por que razão não chove. Mas, Deus seja louvado, ainda bem para nós. Vou subir outra vez.

— Gabriel, não mereço a sua generosidade! Ficarei aqui a ajudá-lo.

Oh, porque não vieram os outros...

— Eles teriam vindo, se pudessem — replicou Oak, hesitante.

— Ah, eu sei de tudo... de tudo — disse ela, acrescentando, mais devagar: — Estão todos a dormir no celeiro, embriagados, e o meu marido está no meio deles. É isso, não é? Não pense que sou fraca e que não aguento estas coisas.

— Não tenho a certeza que assim seja — respondeu Gabriel. — Vou ver.

Ele dirigiu-se ao celeiro, deixando-a sozinha. Olhou pelas frestas da porta. Uma escuridão cerrada reinava no interior, como antes, e ouvia-se ainda o ressonar constante de muitas vozes.

Sentiu um zéfiro a aflorar-lhe a face e virou-se. Era o sopro de Bathsheba — ela seguira-o e estava a olhar pela mesma fresta.

Ele tentou desviar-se do assunto delicado que de imediato lhes veio à ideia referindo, com delicadeza:

— Se voltar comigo, menina... senhora, e me entregar mais uns quantos, poupava-me muito tempo.

Oak regressou ao recinto, subiu ao cume da meda, saiu da escada, para ter mais espaço de manobra, e retomou a tarefa de colocar o colmo. Ela seguiu-o, mas vinha de mãos vazias.

— Gabriel — chamou, numa voz estranha e comovente.

Ele olhou para ela. Bathsheba não tinha dito uma palavra desde que haviam regressado do celeiro. A cintilação suave e contínua dos últimos relâmpagos recortou-lhe o rosto de mármore no fundo negro do céu. Estava sentada quase no cimo da meda, com os pés unidos pousados no degrau mais alto da escada.

— Sim, senhora? — perguntou ele.

— Imagino que tenha pensado que, quando parti a galope para Bath, naquela noite, ia com o fito de me casar?

— Acabei por pensar, sim. Não de início — esclareceu, um pouco surpreendido de a ver abordar o assunto tão bruscamente.

— E os outros pensaram o mesmo?

— Sim.

— E culparam-me por isso?

— Sim, enfim... um pouco.

— Bem me parecia. Tenho algum respeito pela sua opinião, Gabriel, e

quero explicar-lhe uma coisa. Já anseio por fazê-lo desde que regressei e o vi a olhar para mim com um ar tão sério. Porque, se eu morrer, e posso morrer a qualquer momento, seria terrível se ficasse com uma visão distorcida a meu respeito. Ora, escute.

Gabriel parou de mexer no colmo.

— Eu fui a Bath, naquela noite, com a intenção firme de pôr um fim ao meu relacionamento com o senhor Troy. Foi devido a circunstâncias posteriores à minha chegada que... que nós nos casámos. Dito isto, já vê o assunto a uma outra luz?

— Sim... de certo modo.

— Agora que comecei, julgo que devo terminar. E talvez não esteja a fazer nada de mal, uma vez que você, Gabriel, não deve ter a ilusão de que eu alguma vez o amei ou de que esta conversa possui outro propósito para além daquele que eu lhe referi. Bem, eu estava sozinha numa cidade desconhecida e a minha égua coxeava. A certa altura, fiquei sem saber o que fazer. Percebi, quando já era demasiado tarde, que o escândalo podia cair sobre mim por ter ido ao encontro de um homem, sozinha. Preparava-me para partir quando ele me disse, de súbito, que tinha conhecido uma mulher mais bonita do que eu, nesse mesmo dia, e que eu não poderia contar com a sua fidelidade a menos que me tornasse de imediato sua... Fiquei triste e angustiada...

Pigarreou, detendo-se um instante a recuperar o fôlego:

— Por fim, por ciúme, por distração, casei-me com ele! — murmurou, com um ardor desesperado.

Gabriel não fez qualquer comentário.

— A culpa não foi dele, porque foi absolutamente honesto quanto ao facto de... de ter estado com outra pessoa — apressou-se a acrescentar. — E agora não desejo que faça qualquer observação a este respeito. Na verdade, proíbo-a. Só queria que soubesse esta parte mal conhecida da minha história antes que chegasse uma altura em que podia nunca saber. Quer mais alguns feixes?

Bathsheba desceu a escada e a tarefa foi retomada. Gabriel não tardou a notar uma languidez nos gestos da sua senhora e disse-lhe, com a delicadeza de uma mãe:

— Talvez seja melhor voltar para casa agora, já está cansada. Eu consigo fazer o resto sozinho. Se o vento não virar, é possível que não

chova.

— Se a minha ajuda é inútil, então irei — respondeu Bathsheba, numa voz enfraquecida. — Mas, ai de mim, se lhe acontecer alguma coisa!

— Não está a ser inútil; mas prefiro não cansá-la mais. Fez um bom trabalho.

— Foi melhor o seu! — replicou ela, grata. — Obrigada pela sua devoção, mil vezes obrigada, Gabriel! Boa noite... sei que está a fazer o seu melhor por mim.

Bathsheba perdeu-se na escuridão e desapareceu. Oak ouviu o ferrolho da cancela a cair quando ela entrou. Trabalhou, então, numa espécie de sonho, a pensar na história dela e nas contradições desse coração feminino que a tinham levado a falar-lhe nessa noite com mais ternura do que alguma vez lhe falara quando era solteira e livre para ser tão calorosa quanto desejasse.

Um ruído arranhado vindo da cocheira interrompeu esta meditação. Era o cata-vento a rodar sobre o telhado, e esta mudança na direção do vento era o anúncio de uma desastrosa carga de água.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Chuva — Um Solitário Encontra Outro

Eram cinco horas e a aurora prometia romper em tons de castanho e cinza.

A temperatura mudara e o ar estava mais agitado. Brisas frescas fustigavam a cara de Oak em turbilhões invisíveis. O vento rondara ainda um ponto ou dois e começou a soprar com mais força. Em dez minutos, todos os demónios do céu pareciam ter-se soltado. Uma parte do colmo que cobria as medas era agora arrancado e lançado fantasticamente pelos ares, tendo de ser substituído por novo colmo, sustido por barrotes encontrados ali à mão. Isto feito, Oak teve ainda de cuidar da cevada. Uma gota de chuva gigante bateu-lhe no rosto, o vento rosnava-lhe de todos os cantos, as árvores balouçavam até à base dos seus troncos e os ramos batiam uns nos outros com violência. Enterrando estacas em todos os sítios e de todas as maneiras possíveis, foi salvando da destruição, centímetro a centímetro, uma parte cada vez maior daquela fortuna calculada no valor assombroso de setecentas libras. A chuva começou a cair com mais força e Gabriel não tardou a sentir a água a correr-lhe, fria e húmida, pelas costas. No fim, ficou encharcado até aos ossos, e a tinta que se libertava das suas roupas começou a pingar, formando uma poça aos pés da escada. A chuva atravessava aquela atmosfera cinzenta de agulhas líquidas, contínuas desde a sua origem nas nuvens até ao seu destino, nele.

Lembrou-se de repente que, oito meses antes, estivera a lutar contra o fogo nesse mesmo lugar, tão desesperadamente como agora combatia a água — tudo por um amor estéril à mesma mulher. Quanto a esta... Sendo generoso e verdadeiro, baniu o pensamento.

Eram cerca de sete horas dessa manhã escura e plúmbea quando ele desceu da última meda e, com alívio, exclamou:

— Está feito!

Estava encharcado, exausto e triste e, porém, não tão triste quanto encharcado e exausto, pois o êxito de uma boa causa animava-o.

Ruídos tímidos chegavam-lhe, agora, do celeiro e ele olhou nessa direção. Das portas do velho edifício, saíam vultos, sozinhos ou aos pares — todos numa marcha trôpega e abatida, exceto o que vinha na frente, que usava um dólman vermelho e ia de mãos nos bolsos, a assobiar. Os outros arrastavam-se atrás dele com um ar contrito: a procissão fazia lembrar a dos pretendentes no desenho de Flaxman, dirigindo-se num passo cambaleante, sob a orientação de Mercúrio, às regiões infernais[107]. As figuras curvadas seguiram para a aldeia e Troy, o líder, entrou na casa da quinta. Nenhum deles olhara sequer para as medas nem, pelos vistos, lhes ocorrera em que estado se encontravam.

Oak não tardou a ir para casa, evitando o caminho que os outros seguiam. À sua frente, na superfície molhada e cintilante da estrada, viu um homem a caminhar ainda mais devagar do que ele, protegido por um guarda-chuva. O homem virou-se e sobressaltou-se; era Boldwood.

— Como está o senhor esta manhã? — perguntou-lhe.

— Oh, é dia de chuva... Eu estou bem, muito bem, obrigado; bastante bem.

— Fico contente por ouvir isso, senhor.

Boldwood parecia estar a acordar aos poucos para o momento presente.

— Você é que parece cansado e doente, Oak — observou, olhando sucintamente para o outro homem.

— Estou cansado, sim. E o senhor parece estranhamente mudado.

— Eu? Nem um pouco. Sinto-me bem. O que foi que lhe deu essa ideia?

— Não o vejo na sua melhor forma, é só isso.

— Nesse caso, está enganado — replicou Boldwood, com secura. — Nada me atinge. Tenho uma constituição de ferro.

— Tive um trabalho louco a cobrir as nossas medas, e já quase não ia a tempo. Nunca travei tamanha batalha em toda a minha vida... As suas, naturalmente, estão a salvo, senhor?

— Ah, sim — retorquiu Boldwood, no fim de um intervalo de silêncio. — O que foi que me perguntou, Oak?

— As suas medas foram todas cobertas antes da tempestade?

— Não.

— Pelo menos as maiores, sobre as bases de pedra?

— Não foram.

— E as que estão junto da cerca?

— Também não. Esqueci-me de pedir ao homem que trata dos telhados que as cobrisse.

— Nem a pequena ao pé da couceira?

— Nem a pequena ao pé da couceira. Este ano, esqueci as medas.

— Então, não lhe restará um décimo da sua colheita, senhor.

— É possível que não.

— «Esqueci» — repetiu Gabriel, devagar, só para si.

É difícil descrever o efeito dramático que esta afirmação teve sobre Oak naquele momento. Durante toda a noite, sentira que a negligência que se esforçava por corrigir era um caso invulgar e isolado — o único do seu género em todo o condado. E, no entanto, nesse mesmo espaço de tempo, dentro da mesma paróquia, um desperdício ainda maior acontecera, sem que ninguém o reclamasse ou dele tomasse nota. Alguns meses antes, a ideia de Boldwood se esquecer da sua cultura teria sido tão absurda como a de um marinheiro se esquecer de que estava num barco. Ocorreu-lhe, então, que o que ele próprio sofrera com o casamento de Bathsheba não se comparava ao sofrimento daquele homem. Boldwood falou-lhe numa voz alterada — a voz de um homem que ansiava por fazer uma confidência e assim aliviar o coração.

— Oak, você sabe tão bem como eu que as coisas me têm corrido mal ultimamente. Mais vale reconhecê-lo. Pensei que ia instalar-me na vida; mas, de alguma forma, o meu plano falhou.

— Julguei que a minha senhora ia casar-se consigo — disse Gabriel.

Não sabia o suficiente das profundezas do amor de Boldwood para ficar em silêncio após o que ele acabara de dizer-lhe, e também estava determinado a nada divulgar do seu próprio segredo no processo.

— No entanto, são coisas que acontecem, e nada se passa como nós esperávamos — acrescentou, com a serenidade de um homem a quem a má fortuna endurecera sem conseguir subjugar.

— Atrevo-me a dizer que sou um motivo de chacota na paróquia — volveu Boldwood, como se o assunto fosse irreprimível, fingindo uma ligeireza que pretendia denotar indiferença.

— Oh, não... Nem pense numa coisa dessas.

— Mas a verdade é que não houve, como alguns julgam, nenhuma reviravolta... da parte *dela*. Nunca existiu um compromisso de noivado entre mim e a menina Everdene. As pessoas dizem que sim, mas é falso: ela nunca me prometeu!

Boldwood ficou imóvel e, perdido, virou o rosto para Oak.

— Oh, Gabriel, sinto-me fraco e desorientado, não sei o que fazer, não consigo aplacar esta dor maldita!... Tinha uma vaga crença na misericórdia de Deus, até perder aquela mulher. Sim, Ele deu-me uma cabaça para me proteger do sol e, como o profeta, eu agradeci-Lhe e fiquei satisfeito. Mas, no dia seguinte, deu-me um verme que atacou a cabaça e a fez definhar[108]; e eu sinto que preferia morrer do que continuar vivo!

Seguiu-se um silêncio. Boldwood acordou desse momentâneo estado confessional a que se abandonara e, com a reserva habitual, retomou o seu caminho.

— Não, Gabriel — disse ainda, com uma fleuma que era como o sorriso no rosto de uma caveira. — Os outros deram-lhe mais importância do que nós. É certo que sinto algum pesar, por vezes, mas o poder das mulheres nunca me vergou por muito tempo. Bem, tenha um bom dia; confio que não transmitirá a terceiros o que se disse aqui.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Regresso a Casa — Um Grito

Na grande estrada entre Casterbridge e Weatherbury, a cerca de quatro quilómetros da primeira, fica Yalbury Hill, uma dessas longas e íngremes subidas que abundam nos caminhos desta acidentada região do Sul do Wessex. Por isso, ao regressarem do mercado, não é raro que os lavradores e a pequena aristocracia de cabriolé desçam dos seus veículos e percorram a pé esta ladeira.

Num fim de tarde de sábado, no mês de outubro, o veículo de Bathsheba subia penosamente a encosta. Ela ia sentada, apática, num dos dois assentos da carruagem e, ao seu lado, exibindo um fato de lavrador de inusitado bom corte, ia um jovem de porte direito e boa constituição. Embora fosse a pé, era ele quem segurava nas rédeas e na chibata e, aqui e ali, entretinha-se a dar pancadas leves com a ponta desta na orelha da égua. O homem era o marido dela, ex-sargento Troy, que, tendo comprado a sua dispensa com o dinheiro de Bathsheba, estava aos poucos a transformar-se num lavrador jovial de uma escola muito moderna. Pessoas de ideias fixas insistiam em chamar-lhe «sargento» quando com ele se cruzavam, o que se devia, em certa medida, ao facto de Troy ter conservado o bigode bem desenhado dos seus dias de militar, e essa postura marcial de que não conseguia separar-se.

— Sim, se não tivesse sido aquela maldita chuva, teria arrecadado duzentas libras com a mesma facilidade com que me viro para olhar para si, meu amor — dizia. — Não vê que isto modificou todos os prognósticos? Parafraseando um livro que li em tempos, a chuva é a narrativa e os dias de sol os episódios da História do nosso país; não me parece que seja falso, não acha?

— Mas já estamos nessa época do ano em que o tempo muda.

— Sim, é certo. O facto é que estas corridas de outono são a ruína de toda a gente. Nunca vi um dia como o de hoje! Estávamos num grande descampado, mesmo à saída de Budmouth, e uma maré castanha rolou

na nossa direção, como uma tragédia líquida. O vento e a chuva... Deus do céu! Escuro? Ora, estava mais escuro do que debaixo do meu chapéu, antes de começar a última corrida. Eram cinco horas e já mal se viam os cavalos, para não falar das suas cores. A terra pesava como chumbo e todo o bom juízo que decorre da longa experiência não me serviu de nada. Cavalos, cavaleiros, espectadores foram fustigados como navios no mar alto. Três barracas foram levadas pelo vento, e os seus ocupantes saíram a gatinhar. No campo ao lado, havia, pelo menos, uma dúzia de chapéus a voar pelos ares. Ah! *Pimpernel* continuava a ir bem quando, a sessenta metros da meta, vi *Policy* a ultrapassá-lo. Garanto-lhe que senti o coração a bater contra as costelas, meu amor!

— E isso significa, Frank — replicou Bathsheba, com tristeza (a sua voz já perdera dolorosamente o volume e a alegria do verão anterior) —, que desbaratou mais de uma centena de libras num só mês nessas odiosas corridas? Oh, Frank, é cruel; é insano da sua parte esbanjar o meu dinheiro desta maneira. Vamos ter de deixar a quinta; será esse o nosso fim!

— Cruel o diabo. Lá está você outra vez a abrir as torneiras; é mesmo típico.

— Mas vai prometer-me que não irá ao segundo encontro de Budmouth? — implorou ela. Estava à beira das lágrimas, mas conseguiu manter os olhos secos.

— Na verdade, não vejo porquê, se fizer bom tempo. Até estava a pensar levá-la a si.

— Não, nunca! Mais depressa percorro cem quilómetros na direção contrária. Odeio o próprio som da palavra!

— Mas a questão de irmos ver as corridas ou de ficarmos em casa pouco ou nada tem que ver com o assunto. As apostas já foram todas feitas, como pode imaginar. Que a corrida me corra bem ou mal pouco terá a ver com a nossa ida até lá na próxima segunda-feira.

— Não posso acreditar que esteja a dizer-me que também já arriscou dinheiro na próxima corrida! — exclamou, horrorizada.

— Vamos, não seja tonta. Espere até que lhe digam as coisas. Ora, Bathsheba, vejo que perdeu toda a garra e ousadia dos belos tempos, e juro-lhe que, se a tivesse sabido tão cobarde sob os seus ares

temerários, nunca teria... Eu cá sei.

Ao ouvir esta resposta, Bathsheba virou-se para a frente, com um brilho de indignação nos olhos sombrios. Seguiram o resto do caminho sem trocar palavra. Algumas folhas secas prematuras caíam das árvores que ladeavam a estrada naquele lugar, revoluteando até tocarem no chão.

E, nesse momento, uma mulher apareceu no cimo da colina. A encosta era íngreme, pelo que já estava muito perto do casal quando se tornou visível. Troy virara-se para o cabriolé para voltar a subir e, ao pôr um pé no degrau, a mulher passou por detrás dele.

Embora a sombra das árvores e o cair da noite os envolvesse na penumbra, Bathsheba via o suficiente para se dar conta da extrema pobreza das roupas da desconhecida e do desalento que se espelhava no seu rosto.

— Por favor, senhor, sabe a que horas fecha o asilo de Casterbridge esta noite?

A mulher disse estas palavras por cima do ombro de Troy.

Este estremeceu ao ouvir o som da sua voz; no entanto, recompôs-se a tempo de conter o impulso de se virar de repente e enfrentá-la. Respondeu, devagar:

— Não sei.

Ao ouvi-lo, ela levantou os olhos depressa, examinou-lhe o perfil e reconheceu o soldado sob o traje do proprietário rural. No seu rosto, a alegria veio juntar-se ao tormento. Dando um grito histérico, caiu redonda no chão.

— Oh, pobrezinha! — exclamou Bathsheba, preparando-se de imediato para sair do veículo.

— Fique onde está e cuide da égua! — atalhou Troy, passando-lhe, perentório, as rédeas e a chibata. — Leve a égua até ao cume; eu vou tratar desta mulher.

— Mas eu...

— Ouviu o que eu lhe disse? Siga, *Poppet*!

A égua, o cabriolé e Bathsheba seguiram caminho.

— Como diabo vieste aqui parar? Pensei que estavas a quilómetros de distância, ou morta! Por que razão não me escreveste? — perguntou ele à desconhecida, numa voz estranhamente terna e, no entanto,

apressada, ao levantá-la do chão.

— Temia fazê-lo.

— Tens algum dinheiro?

— Nada.

— Deus do céu... quem me dera ter mais para te dar! Toma... desgraçada... é quase nada. É tudo o que me resta. Não tenho dinheiro para além do que me dá a minha mulher, sabes, e não posso pedir-lhe agora.

A rapariga não respondeu.

— Não posso demorar-me — acrescentou ele —, mas ouve-me: para onde vais esta noite? Para o asilo de Casterbridge?

— Sim; pensei ir para lá.

— Não irás. No entanto, espera. Sim, talvez por esta noite; não consigo melhor... Sorte maldita! Dorme lá esta noite e fica até amanhã. Segunda-feira é o primeiro dia livre que eu tenho; e segunda de manhã, às dez em ponto, vem ter comigo à Ponte de Grey, mesmo à saída da cidade. Levar-te-ei todo o dinheiro que puder. Não te faltará... Encarregar-me-ei disso, Fanny; depois, arranjo-te um alojamento algures. Até lá, adeus. Sou um selvagem... mas, adeus!

Depois de percorrer a distância que faltava até ao cimo da colina, Bathsheba virou a cabeça. A rapariga estava de pé e ela viu-a separar-se de Troy e descer a encosta sem forças, a quatro quilómetros de Casterbridge. Quando chegou junto da sua mulher, Troy subiu para o cabriolé, tirou-lhe as rédeas da mão e, sem fazer qualquer comentário, chicoteou a égua, que se lançou num trote. Estava muito agitado.

— Conhece aquela mulher? — perguntou Bathsheba, escrutinando-lhe o rosto.

— Conheço — disse ele, encarando-a com ousadia.

— Bem me pareceu — volveu ela, com uma altivez furiosa, ainda a olhar para ele. — Quem é?

Ele considerou de repente que a franqueza não beneficiaria nenhuma das duas.

— Ninguém para nós — respondeu. — Conheço-a de vista.

— Como se chama ela?

— Como poderia eu saber o seu nome?

— Penso que sabe.

— Pense o que quiser... — A frase foi concluída com uma chicotada vigorosa no flanco de *Poppet*, que lançou o animal num passo acelerado. Não trocaram mais uma palavra que fosse.

CAPÍTULO QUARENTA

Na Estrada de Casterbridge

A mulher caminhou durante muito tempo. Os seus passos tornaram-se mais incertos e ela esforçou a vista para tentar ver o fundo da estrada deserta, agora indistinto na penumbra da noite. A certa altura, começou a cambalear e abriu uma cancela, para chegar a uma meda de palha. Aninhando-se nela, adormeceu.

Quando acordou, viu-se no coração de uma noite sem Lua e sem estrelas. Uma massa densa e contínua de nuvens recobria o firmamento, fechando todos os pontos de luz. Sobre a cidade de Casterbridge, pairava um clarão distante que contrastava com a abóbada negra do céu, parecendo mais vivo no meio das trevas. Na direção desse luzeiro ténue e suave, a mulher virou os seus olhos.

— Se ao menos conseguisse lá chegar! — suspirou. — Encontrar-me com ele no dia depois de amanhã: que Deus me ajude! É possível que chegue antes à sepultura.

Nas profundezas da noite, o relógio de uma mansão soou a uma hora num tom abafado. Depois da meia-noite, a voz de um relógio parece perder tanto amplitude como duração e reduzir-se a um timbre discreto, de falsete.

Dali a pouco, uma luz — duas — rompeu ao longe a escuridão e aproximou-se. Uma carruagem percorria a estrada e passou diante da cancela. Era provável que os seus passageiros fossem pessoas que chegavam tarde de algum jantar. Os raios de uma lanterna incidiram na mulher acocorada, iluminando-lhe o rosto. Era um rosto jovem na base e envelhecido nos pormenores; os seus contornos eram macios e de certo modo infantis, mas os traços mais finos tinham começado a afundar-se e a estreitar-se.

A caminhante levantou-se, parecia movida por uma nova determinação, e olhou em seu redor. Dir-se-ia que a estrada lhe era familiar e, enquanto a percorria devagar, escrutinou a berma com cuidado. Uma forma branca e esbatida tornou-se visível de repente; era

mais um marco milenar. Com a ponta dos dedos, decifrou o que ali estava escrito.

— Faltam dois! — disse.

Então, encostou-se à pedra para descansar uns instantes e, depois, sacudindo-se, retomou o seu caminho. Durante alguns metros, caminhou com coragem, mas, tal como acontecera antes, as pernas fraquejaram-lhe. Encontrava-se, nesse momento, perto de uma solitária mata de corte, onde montículos de lascas brancas dispersas pelo chão, coberto de folhas, mostravam que os lenhadores tinham vindo durante o dia buscar lenha e recolher material para fazer caniçadas. Agora, não se ouvia o mais pequeno restolhar, a brisa mais ligeira, nem sequer o mais ténue entrechocar de galhos que lhe fizesse companhia. A mulher viu uma cancela, abriu-a e entrou. Perto da entrada, havia uma fila de feixes de lenha, alguns já unidos, outros não, assim com estacas de todos os tamanhos.

Durante segundos, a pobre viandante deteve-se nessa postura imóvel que anuncia não o fim, mas apenas a suspensão de um movimento. A sua atitude era a de uma pessoa à escuta, seja dos sons do mundo exterior, seja do discurso do pensamento. Observando-a de perto, detetar-se-iam sinais que revelavam tratar-se do segundo caso. Além disso, como se esclareceu em seguida, estava curiosamente a exercer a faculdade da invenção na especialidade do engenhoso Jacquet-Droz[109], que concebeu aparelhos automáticos para substituir os membros humanos.

Com a ajuda da aurora que despontava sobre Casterbridge e tateando com as mãos, a mulher escolheu dois paus dos montes ali reunidos. Estes paus eram quase direitos até uma altura de cerca de um metro, ponto em que se ramificavam na forma da letra Y. Depois, sentou-se, limpou os paus dos pequenos ramos e levou o que restava para a estrada. Aqui, colocou um pau por baixo de cada braço, a fazer de muleta, testou-os, pousou timidamente todo o peso do seu corpo em cima deles — era tão leve — e lançou-se para a frente. A rapariga tinha fabricado para si própria uma ajuda mecânica.

As muletas foram eficazes. Por ora, só se ouvia o som dos seus passos e o dos paus a baterem no pavimento. Já tinha passado há muito

o último marco milenar e começou a olhar ansiosamente para a berma da estrada, como se calculasse para breve o aparecimento do seguinte. As muletas, embora úteis, eram uma ajuda limitada. Uma peça mecânica apenas transfere a força, sendo incapaz de a produzir, e o esforço não desaparecera: fora deslocado para o corpo e para os braços. A rapariga estava exausta e a cada passo ficava mais fraca. Por fim, balançou para o lado e caiu.

Ali ficou, uma forma inerte, por dez minutos ou mais. O vento da manhã começou a varrer as planícies desoladas e a agitar as folhas mortas caídas desde o dia anterior. A mulher pôs-se desesperadamente de joelhos e ergueu-se. Apoiando-se numa muleta, tentou dar um passo, depois outro e por fim um terceiro, usando agora os dois paus apenas como bengalas. Assim, conseguiu descer Mellstock Hill, onde apareceu mais um marco miliário. Dali a pouco, avistou o início de um corrimão de ferro. Cambaleou até ao primeiro poste e, agarrando-se a ele, olhou em redor.

Viam-se agora com nitidez as luzes de Casterbridge. Amanhecia e, mais tarde ou mais cedo, era provável que começassem a aparecer veículos. Ela pôs-se à escuta. Não se ouvia um som, a não ser essa sublimação e síntese de todos os sons lúgubres que é o regougar de uma raposa, cujas três notas vazias caíam todos os minutos com a precisão de um dobre a finados.

— Um quilómetro! — murmurou a mulher. — Não; mais — corrigiu, depois de fazer uma pausa. — É um quilómetro até à sede do condado, mas o meu alojamento fica na outra ponta de Casterbridge. Um pouco mais de um quilómetro, e já lá estou!

Fazendo uma pausa, acrescentou:

— Cinco ou seis passos para perfazer um metro... seis talvez. Tenho de percorrer mil e quinhentos metros. Cem vezes seis, seiscentos. Quinze vezes isto. Oh, Senhor, tem piedade de mim!

Agarrada ao corrimão, avançou, lançando uma mão para a frente, depois a outra, e debruçando-se para arrastar os pés.

Esta mulher não era dada a solilóquios; mas o sentimento extremo reduz a personalidade dos fracos e acentua a dos fortes. Ela tornou a dizer, no mesmo tom:

— Vou acreditar que o fim se encontra cinco postes mais à frente, não

mais longe, e arranjarei forças para passá-los.

Era a aplicação prática do princípio de que uma fé meio simulada ou fictícia é preferível a não ter fé nenhuma.

Passou os cinco postes e segurou-se no quinto.

— Transporei mais cinco acreditando que o destino que pretendo alcançar é o próximo quinto. Hei de conseguir.

Passou mais cinco.

— Só me restam cinco postes.

Passou outros cinco.

— Mas são mais cinco.

Passou-os.

— Aquela ponte de pedra é o fim da minha viagem — disse ela, quando a ponte sobre o Froom surgiu ao longe.

Arrastou-se até lá. Durante este esforço, cada um dos seus sopros escapava-se no ar como se fosse o último.

— Agora, em bom rigor — afirmou, sentando-se —, a verdade é que me resta menos de um quilómetro.

Sabendo desde o princípio que se iludira a si própria, fora buscar forças para superar aquele quilómetro que, de uma assentada, teria sido incapaz de enfrentar. O artifício mostrava que, movida por uma misteriosa intuição, a mulher tinha apreendido essa verdade paradoxal de que a cegueira consegue, por vezes, melhores resultados do que a presciência, assim como a vista curta pode chegar mais longe do que a previdência. De que a precisão, mais do que uma visão de conjunto, é necessária para desferir o golpe.

O quase quilómetro que faltava erguia-se diante desta mulher doente e esgotada como um inabalável Juggernaut[110]. Ele era o rei impassível do seu mundo. Agora, a estrada atravessava a charneca de Durnover, que se estendia para ambos os lados. Ela contemplou a vastidão do espaço, as luzes, o seu próprio reflexo e, suspirando, encostou-se a um dos pilares de pedra da ponte.

Nunca o engenho fora tão explorado como por esta caminhante. Todo o artifício, método, estratagema ou mecanismo que pudessem ajudá-la a percorrer aqueles desesperados oitocentos metros, sem se dar conta da distância, foram escrutinados pelo seu cérebro e excluídos como

impraticáveis. Pensou em paus, em rodas, em rastejar — até pensou em rebolar. Mas o esforço exigido por estas duas últimas alternativas era maior do que se tivesse de caminhar de pé. A faculdade da invenção esgotara-se. Era o fim da esperança.

— Basta! — sussurrou, fechando os olhos.

Da faixa de sombra no outro lado da ponte, destacou-se então uma figura que se dirigiu sozinha à parte branca da estrada. Sem fazer barulho, aproximou-se da mulher reclinada.

Ela tomou consciência de que algo lhe tocava na mão; era macio e quente. Abriu um olho e a coisa tocou-lhe no rosto: um cão lambia-lhe a face.

Era um animal gigante, pesado e sereno, que se recortava como uma sombra mais escura no horizonte, superando pelo menos em meio metro a atual posição dos olhos dela. Era impossível dizer se se tratava de um terra-nova, mastim, *bloodhound* ou outro. A sua natureza, demasiado estranha e misteriosa, parecia escapar às categorias da nomenclatura popular. Não pertencendo a nenhuma raça, era a Encarnação ideal da grandeza canina — um composto de traços comuns a todas elas. Personificava a noite, na sua feição triste, solene e benevolente, mas sem o lado cruel e furtivo. A escuridão concede aos mais pequenos e comuns seres humanos um poder poético, e até a mulher em sofrimento deu uma forma à sua ideia.

Na sua posição recostada, olhou para o cão tal como, em tempos, olhara de pé para um homem. Ao senti-la mover-se, o animal, que era tão vagabundo como ela, recuou com respeito um passo ou dois. E, vendo que a mulher não o enxotava, tornou a lamber-lhe a mão.

Um pensamento atravessou-a, como um relâmpago.

— Talvez eu possa servir-me dele... E talvez consiga lá chegar!

Apontou na direção de Casterbridge, e o cão terá compreendido mal, porque seguiu caminho. Depois, percebendo que ela não conseguia acompanhá-lo, voltou para trás e ganiu.

Em desespero, a mulher roubou um último e singular esforço à sua imaginação: ergueu-se meio curvada e, ofegante, pousou os seus braços magros nos ombros do cão, apoiou-se nele com firmeza e murmurou-lhe palavras de alento. Apesar de estar em sofrimento, animava-o com a voz e, mais estranho do que os fortes precisarem da

coragem dos mais fracos, era que um tão grande desalento pudesse manifestar-se com tanta alegria. O seu novo amigo avançou devagar e ela, com passos curtos, avançou ao lado dele, apoiando metade do seu peso no animal. Por vezes, desabava, como desabara ao caminhar direita, como desabara das muletas e dos sítios onde se fora apoiando. O cão, que já sabia, por esta altura, do seu desejo e da sua impotência, ficava frenético nessas situações, puxando-lhe pelo vestido e correndo em frente. Ela chamava-o sempre de volta, e percebia-se agora que estava à escuta de sons humanos apenas para melhor os evitar. Era evidente que tinha razões para querer que a sua presença na estrada e o seu desespero permanecessem desconhecidos.

Por força das circunstâncias, o avanço era muito lento. Chegados à entrada da cidade, os candeeiros de Casterbridge apareceram-lhes à frente como Plêiades caídas do céu, mas eles viraram à esquerda, penetrando na penumbra espessa de uma avenida deserta, ladeada de castanheiros, e contornando o burgo. A cidade ficou para trás e o objetivo foi cumprido.

Naquele tão desejado lugar dos subúrbios, erguia-se um edifício pitoresco. Nas suas origens, fora uma simples barraca destinada a servir de abrigo. A construção era tão pobre, tão desprovida de excrescências e tão reduzida àquele uso, que se via por fora a miséria sinistra que ela acomodava no interior, tal como os contornos de um corpo são visíveis através de uma mortalha.

Então, a natureza, como se ofendida, dera o seu contributo: massas de hera tinham crescido, cobrindo por completo as paredes, até o lugar se parecer com uma abadia; e foi descoberto que a vista das janelas da fachada para as chaminés e telhados de Casterbridge era uma das mais belas do condado. Um nobre das imediações chegara a dizer que daria um ano dos seus rendimentos em troca da vista que tinham os hóspedes daquele edifício — e o mais provável era que estes tivessem prescindido daquela vista por um ano dos rendimentos desse nobre.

Esta construção em pedra consistia num edifício central e duas alas, onde se erguiam, quais sentinelas, algumas chaminés estreitas, que, nesse momento, gorgolejavam lugubremente sob as lentas investidas do vento. Na fachada, havia uma porta e, ao lado desta, o cordão de arame de um sino. A mulher ergueu-se o mais alto que podia e mal conseguia

tocar no trinco. Agarrando-o, caiu para a frente, numa atitude prostrada, com a face colada ao peito.

Eram quase seis horas e ouvia-se um certo rebuliço no interior do edifício que era o porto de abrigo para esta alma exausta. Um postigo dentro da porta maior abriu-se e um homem apareceu do outro lado. Avistou aquela pilha de roupas, que respirava com dificuldade, e foi buscar uma luz. Depois, tornou a entrar no edifício e regressou com duas mulheres.

Estas levantaram a figura ali caída e ajudaram-na a passar a porta da entrada, que o homem fechou atrás delas.

— Como é que ela chegou até aqui? — perguntou uma das mulheres.

— Só Deus sabe — respondeu a outra.

— Há um cão lá fora — murmurou a viajante no limite das suas forças. — Para onde foi? Ele ajudou-me.

— Afugentei-o com uma pedra — disse o homem.

A pequena procissão seguiu em frente — o homem à cabeça segurando na luz, as duas mulheres franzinas atrás dele, sustendo entre elas a mais miúda e inerte. E assim entraram no edifício, desaparecendo no interior.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Suspeita — Manda-se Buscar Fanny

Nessa tarde, depois de regressarem do mercado, Bathsheba pouco ou nada disse ao seu marido. Troy, por sua vez, também não estava muito conversador, inquietude e mutismo combinando-se nele num desagradável estado de espírito. No dia seguinte, um domingo, continuaram ambos taciturnos, e Bathsheba foi à igreja tanto de manhã como de tarde. Era a véspera das corridas de Budmouth. Ao fim da tarde, ele perguntou abruptamente:

— Bathsheba, pode dar-me vinte libras?

Ela ensombrou-se de imediato.

— Vinte libras? — repetiu.

— A verdade é que preciso muito delas.

A ansiedade que se lia no rosto de Troy era invulgar e muito vincada. Dir-se-ia o culminar desse estado de espírito que o acompanhara todo o dia.

— Ah! Para as corridas de amanhã.

Ele não respondeu de imediato. O equívoco de Bathsheba tinha as suas vantagens para um homem que temia o escrutínio de que era alvo nesse momento.

— Ora, e se eu precisar mesmo delas para as corridas? — disse, por fim.

— Oh, Frank! — respondeu Bathsheba, e havia uma súplica palpável na sua voz. — Ainda há semanas me disse que eu era infinitamente mais doce do que todos os seus prazeres reunidos e que, por mim, abdicaria de todos eles. E agora não é capaz de prescindir de um só, que ainda por cima é mais angústia do que prazer? Faça-o, Frank. Venha, deixe-me seduzi-lo com tudo o que está ao meu alcance: palavras ternas, olhares doces e tudo o que me vier à ideia para persuadi-lo a ficar em casa. Diga sim à sua esposa... diga sim!

O lado mais brando e terno da personalidade de Bathsheba sobressaía nesse momento — oferecido impulsivamente em troca de

aceitação, sem esses artifícios ou defesas com que a prudência tantas vezes costumava vesti-lo quando ela raciocinava com frieza. Poucos homens saberiam resistir a esta súplica astuciosa, ainda que digna, que se espelhava no seu belo rosto, ligeiramente inclinado para trás e para o lado, nesse gesto tão conhecido que é mais eloquente do que as palavras que acompanha e parece ter sido inventado para tais ocasiões. Não fora a mulher sua esposa, Troy teria sucumbido de imediato; sendo-o, achou que não devia continuar a enganá-la.

— O dinheiro não se destina de todo a dívidas contraídas nas corridas de cavalos — confessou.

— A que se destina, então? — perguntou ela. — Preocupam-me muito essas suas misteriosas responsabilidades, Frank.

Troy hesitou. Já não a amava o suficiente para se deixar levar demasiado longe pelos seus estratagemas. No entanto, era necessário ser cordial.

— Ofendem-me as suas suspeitas — disse. — Querer confinar-me tão cedo a esse colete de forças não lhe fica bem.

— Penso que tenho o direito de protestar um pouco, uma vez que sou eu que pago — replicou ela, com uma expressão que ficava a meio caminho entre um sorriso e um beicinho.

— Perfeitamente; e, como já fez o protesto, talvez pudéssemos avançar para o pagamento. Bathsheba, é muito bonito gracejar, mas não exagere, ou ainda terá razões para lamentar alguma coisa.

Ela corou.

— Já lamento — apressou-se a responder.

— Lamenta o quê?

— Lamento que o meu romance tenha chegado ao fim.

— O casamento é o fim de todos os romances.

— Gostava tanto que não falasse assim. Causa-me um profundo desgosto que seja sarcástico às minhas custas.

— Como você é aborrecida às minhas. Creio mesmo que me detesta.

— Não a si... apenas aos seus defeitos. Detesto-os, de facto.

— Tudo correria muito melhor se, em vez disso, se esforçasse por corrigi-los. Vamos, selamos acordo com as vinte libras e fazemos as pazes.

Ela deixou escapar um suspiro de resignação.

— Tenho mais ou menos esse montante aqui em casa, para as despesas correntes. Se precisa mesmo do dinheiro, leve-o.

— Muito bem. Obrigado. Já não deverei estar aqui, amanhã de manhã, quando vier tomar o seu pequeno-almoço.

— Tem mesmo de ir, Frank? Ah, houve um tempo em que seriam necessários muitos compromissos para levá-lo para longe de mim. Nessa altura, tratava-me por «querida». Agora, já não se interessa sequer pelo modo como passo os meus dias.

— Tenho de ir, apesar dos meus sentimentos.

Enquanto falava, Troy consultou o seu relógio e, sem dúvida movido por um princípio *non lucendo*[111], abriu a tampa de trás, revelando uma pequena mecha de cabelo cuidadosamente guardada no interior.

Por mero acaso, Bathsheba levantara os olhos nesse momento e viu o gesto e o caracol. Corou de dor e de espanto e, sem ter tempo de pensar se seria ou não sensato pronunciá-las, deixou escapar algumas palavras:

— O cabelo de uma mulher! Oh, Frank, a quem pertence?

Troy fechara o relógio de imediato. E respondeu como se nada fosse, disfarçando o sentimento que aquela visão lhe provocara.

— Ora, é seu, naturalmente. De quem haveria de ser? Já me tinha esquecido que o tinha.

— Que mentira horrível, Frank!

— Já lhe disse que me tinha esquecido! — replicou ele, levantando a voz.

— Não me refiro a isso... o cabelo era louro.

— Absurdo.

— Isso é um insulto à minha inteligência. Sei muito bem que era louro. De quem é? Quero saber.

— Muito bem, eu digo-lhe, não faça mais estardalhaço. É o cabelo de uma jovem com quem eu ia casar-me antes de conhecê-la a si.

— Nesse caso, terá de dizer-me o nome dela.

— Não posso.

— Ela já se casou?

— Não.

— E está viva?

— Sim.

— É bonita?

— É.

— É surpreendente que o seja, com um defeito desses!

— Defeito? Que defeito? — quis saber, curioso.

— O de ter o cabelo dessa cor horrível.

— Ah, mas a mim agrada-me! — afirmou Troy, recuperando a sua ousadia. — O seu cabelo foi admirado por todos aqueles que a viram desde que passou a usá-lo solto, o que não foi há muito tempo. É um cabelo lindo. As pessoas viravam a cabeça na rua para olhar para ela, coitada!

— Bah! Isso não significa nada... Nada! — exclamou Bathsheba, no alvor do ressentimento. — Se eu desejasse o seu amor como o desejei outrora, dir-lhe-ia que as pessoas também já viraram a cabeça para olhar para o meu.

— Bathsheba, não seja tão temperamental e ciumenta. Já sabia como ia ser a vida de mulher casada, e não devia ter entrado nela se temia estas contingências.

Por esta altura, Troy já a levara à amargura: Bathsheba sentia um nó na garganta, os olhos cheios de lágrimas. Apesar do pudor de mostrar as suas emoções, acabou por explodir.

— É esta a minha paga por tê-lo amado tanto? Ah, quando me casei consigo, a sua vida era-me mais cara do que a minha. Teria morrido por si. Posso dizê-lo com toda a honestidade que teria dado a vida por si! E agora ouço-o fazer troça da loucura que cometi ao casar-me consigo. Ah, não será cruel atirar-me à cara o meu próprio erro? Seja qual for a opinião que tem da minha sensatez, não ma devia dizer de forma tão impiedosa, sobretudo agora que estou sob o seu poder.

— Não posso mudar o modo como as coisas aconteceram — disse Troy. — Mas juro que as mulheres serão a minha morte!

— Ora, talvez não devesse guardar o cabelo delas! Vai queimá-lo, não vai, Frank?

Ele fez de conta de que não a tinha ouvido.

— Há considerações que precedem a minha consideração por si; reparos a fazer. Laços que desconhece. Se já se arrependeu do seu casamento, eu também já me arrependi.

A tremer, Bathsheba pousou a mão no braço do marido, dizendo-lhe, num tom onde se fundiam o desespero e a lisonja:

— Só me arrependo se não me amar mais a mim do que a qualquer outra mulher no mundo! Caso contrário, não estou arrependida, Frank. Não se arrependeu por gostar mais de outra do que gosta de mim, pois não?

— Não sei. Porque é que me pergunta?

— Não vai queimar aquele caracol, pois não? Gosta da dona dessa bonita cabeleira... Sim, é bonita... bem mais bonita do que a minha miserável melena preta! Enfim, isto de nada serve; não consigo evitar ser feia. Ame-a mais do que a mim, se é isso que deseja!

— Até hoje, em que a tirei de uma gaveta, há meses que não olhava para esta mecha de cabelo... isso eu posso jurar.

— Mas ainda agora me falou de «laços»; e depois... aquela mulher que nós conhecemos?

— Foi o encontro com ela que me lembrou estes cabelos.

— É o cabelo dela, então?

— Sim. Pronto, agora que mo arrancou, espero que esteja contente.

— E que laços são esses de que me fala?

— Ah, nada de importante... um mero gracejo.

— Um mero gracejo! — repetiu ela, num espanto melancólico. — Como pode gracejar quando eu estou a falar tão a sério e de coisas tão tristes? Diga-me a verdade, Frank. Não sou tola, sabe, embora seja uma mulher e tenha os meus momentos de feminilidade. Vamos! Trate-me com justiça — insistiu, olhando-o nos olhos com franqueza e sem medo. — Não lhe peço muito; apenas justiça... é só isso! Ah, noutros tempos, não me daria por satisfeita se não tivesse, da parte do marido que eu escolhesse, a mais alta homenagem. Agora, contentar-me-ia com qualquer coisa distinta da crueldade. Sim! A independente e corajosa Bathsheba chegou a este ponto!

— Pelo amor de Deus, não seja tão desesperada! — replicou Troy, com azedume, levantando-se e saindo da sala.

Assim que ele saiu, Bathsheba desfez-se em soluços — soluços secos, sem lágrimas que viessem suavizá-los. Estava, porém, determinada a reprimir todos os sinais de emoção. Fora vencida; mas, enquanto estivesse viva, nunca assumiria a derrota. A descoberta

exasperante de que tinha sido espoliada, no seu casamento, por uma natureza menos pura do que a dela era, sem dúvida, um rude golpe para o seu orgulho. Em revolta, como um leopardo enjaulado, começou a andar de um lado para o outro. Toda a sua alma se indignava, e o sangue subiu-lhe ao rosto. Até ter conhecido Troy, tivera orgulho na sua condição de mulher; era uma glória para ela que os seus lábios nunca tivessem sido tocados por nenhum homem, que a sua cintura nunca tivesse sido rodeada pelos braços de um amante. Agora, odiava-se a si própria. Nesses tempos, sentira sempre um secreto desdém pelas raparigas que se deixavam escravizar pelo primeiro homem bem-parecido que se lembrava de cumprimentá-las. Nunca se afeiçoara à ideia abstrata do casamento, como se afeiçoavam grande parte das mulheres com quem se relacionava. No meio do tumulto nascido da inquietude por aquele que amava, tinha concordado em casar-se com ele; mas a ideia que a acompanhara nos momentos mais felizes desse estado fora mais a de sacrifício pessoal do que a de honra ou elevação. Embora mal soubesse o nome da divindade, Diana era a deusa que Bathsheba instintivamente adorava[112]. Que ela nunca tivesse, seja por um olhar, palavra ou sinal, encorajado um homem a abordá-la, e tivesse sentido que se bastava a si própria, imaginando, na independência do seu coração de menina, que havia uma certa degradação nisso de uma mulher renunciar à simplicidade da sua existência de donzela, para se tornar a parte mais humilde de uma indistinta entidade matrimonial — eram factos que agora recordava com amargura. Ah, se ao menos nunca se tivesse vergado a semelhante loucura, por muito respeitável que fosse, e pudesse reerguer-se, como noutros tempos, em Norcombe Hill, e desafiar Troy, ou qualquer outro, a poluir um só fio dos seus cabelos!

Na manhã seguinte, levantou-se mais cedo do que era costume e mandou selar a égua para a sua ronda habitual pela quinta. Quando regressou, às oito e meia — a hora a que tomavam o pequeno-almoço —, informaram-na de que o marido já se tinha levantado. Troy tomara o pequeno-almoço e partira para Casterbridge, com *Poppet* e o cabriolé.

A seguir ao pequeno-almoço, Bathsheba sentiu-se mais calma e lúcida — na verdade, muito igual a si própria — e dirigiu-se ao portão com o objetivo de caminhar até uma outra parte da quinta, da qual ainda

se ocupava pessoalmente, sempre que os seus deveres dentro de casa o permitiam, e apesar de Gabriel Oak antecipar, sem falha, todos os seus gestos. Começava a sentir por ele a amizade genuína de uma irmã. É certo que lhe acontecia recordá-lo como a um antigo amante, imaginando como teria sido a sua vida se Gabriel fosse seu marido. Também se imaginava com Boldwood nas mesmas condições. No entanto, apesar de não ser desprovida de sentimentos, Bathsheba não era dada a devaneios fúteis, e estas considerações não se estendiam por muito tempo, sendo de resto confinadas a esses momentos em que Troy a desprezava mais do que era hábito.

Vinha, então, a subir a ladeira um homem parecido com o Sr. Boldwood. Era ele. Bathsheba corou, envergonhada, e observou-o. O lavrador parou ao longe e acenou com a mão para Gabriel Oak, que se encontrava num carreiro entre campos. Os dois homens aproximaram-se. Pareceu-lhe que encetavam uma conversa e que o assunto era grave.

A conversa prolongou-se por muito tempo. Joseph Poorgrass passou, entretanto, perto deles, a empurrar um carrinho de mão carregado de maçãs que levava pela encosta acima até à residência de Bathsheba. Boldwood e Gabriel chamaram-no e falaram-lhe durante alguns minutos. Depois, os três homens separaram-se, Joseph apressando-se a subir o resto da ladeira com o seu carrinho.

Bathsheba, que assistira com alguma surpresa a esta pantomina, sentiu um grande alívio quando Boldwood seguiu caminho na direção oposta.

— Então, Joseph, qual é a mensagem? — perguntou.

Joseph pousou o carrinho e, dando ao rosto o aspeto que uma conversa com uma senhora requeria, falou com Bathsheba por cima do portão.

— A senhora nunca mais voltará a ver Fanny Robin... nunca mais, s’nhora.

— Porquê?

— Porque ela morreu no asilo.

— Fanny? Morta? Impossível!

— Sim, minha s’nhora.

— Morreu de quê?

— Não sei ao certo; mas ’tou inclinado pra que fosse uma fraqueza geral da sua constituição. Já quando a conheci era uma donzela tão franzina que não suportava grandes trabalhos; dizem que s’apagou como uma vela. Foi recolhida já mal, de manhã, e, muito fraca e exausta, morreu à tardinha. Pertence, por lei, à nossa paróquia; e o senhor Boldwood quer enviar uma carruagem às três horas, pra trazê-la pra casa e enterrá-la aqui.

— Não permitirei que o senhor Boldwood faça tal coisa. Eu própria o farei! Fanny era uma criada do meu tio e, embora eu só tenha privado com ela um dia ou dois, ela pertence-me. Que coisa tão triste ir morrer ao asilo!

Bathsheba tinha começado a descobrir o que era o sofrimento e falava com sinceridade.

— Envie alguém a casa do senhor Boldwood e diga-lhe que a senhora Troy assumirá o dever de ir buscar uma antiga criada da sua família... Não devíamos pô-la numa carruagem; vamos arranjar um carro funerário.

— Haverá tempo, s’nhora?

— Talvez não — respondeu ela, pensativa. — A que horas diz vossemecê que temos de estar à porta? Às três?

— Às três horas desta tarde, minha s’nhora, por assim dizer.

— Muito bem... trate disso. No fim de contas, é preferível uma carruagem bonita a um carro funerário feio. Leve a nova carroça azul, Joseph, a das rodas vermelhas, e lave-a muito bem. E, Joseph...

— Sim, s’nhora?

— Leve consigo folhagem e flores para pôr em cima do caixão. Melhor, apanhe bastantes e enterre-a completamente na cama de flores. Arranje uns ramos de folhado e de buxo variado, de teixo e de artemísia; sim, e alguns molhos de crisântemos. E deixe que o velho *Pleasant* a leve, ela conhecia-o tão bem...

— Assim farei, s’nhora. Já lhe devia ter dito que o asilo vai enviar quatro homens pra irem ter comigo às portas do cemitério. São eles que a levam a enterrar, segundo os ritos do Conselho de Guardiães, como manda a lei.

— Valha-me Deus... O asilo de Casterbridge... Fanny chegou a esse ponto? — perguntou, pensativa. — Se ao menos eu o tivesse sabido

mais cedo. Pensei que ela estava longe. Quanto tempo lá viveu?

— Um dia ou dois.

— Ah! Então, não foi uma pensionária habitual?

— Não. Primeiro, foi viver pra uma cidade com guarnição militar, na outra ponta do Wessex, e, desde então, fez trabalhos de costura em Melchester durante meses, em casa d'uma viúva de muito respeito que dá trabalho dessa natureza. Só chegou ao asilo no domingo de manhã, creio eu, e parece que fez o caminho todo a pé desde Melchester. A razão por que abalou daquela casa, não posso dizer, porque desconheço; e mentiras não as conto. Resumindo, é esta a história, s'nhora.

— Ah-h!

Nenhuma pedra preciosa alguma vez passara do rosa ao branco com a rapidez com que mudou a tez da jovem esposa ao articular estas palavras, num longo suspiro:

— Ela foi pela estrada do pedágio? — perguntou, inquieta e curiosa.

— Creio que sim... S'nhora, quer qu'eu chame Liddy? A s'nhora não se sente bem? Está branca como um lírio... tão pálida e fraca!

— Não, não a chame. Não é nada. Quando é que ela passou por Weatherbury?

— No sábado à noite.

— Por ora é tudo, Joseph; pode ir.

— Com certeza, minha s'nhora.

— Joseph, chegue aqui um minuto. De que cor eram os cabelos de Fanny Robin?

— Sinceramente, patroa, pondo-me assim à prova, não me vem à ideia, acredita?

— Não se preocupe; vá fazer o que eu lhe ordenei. Espere... não, vá.

Bathsheba virou-se de costas, para evitar que ele continuasse a ler no seu rosto as emoções que a invadiam, e foi para dentro, com uma sensação desconfortável, de fraqueza e tontura. Cerca de uma hora mais tarde, ouviu o barulho da carroça e saiu de casa, apesar do seu atordoamento, ainda bem visível. Joseph, vestido com as suas melhores roupas, estava a atrelar o cavalo. Havia folhas e flores empilhadas na viatura, como ela lhe indicara; mas, nesse momento, mal conseguia vê-las.

— Quem era mesmo o namorado dela, Joseph?

— Não sei, s’nhora.

— Tem a certeza?

— Sim, s’nhora, tenho a certeza.

— A certeza de quê?

— Tenho a certeza de que tudo o que sei é qu’ela chegou de manhã e morreu à noite, sem mais conversas. O que Oak e o senhor Boldwood me disseram foram estas escassas palavras: «A pequena Fanny Robin morreu, Joseph», disse Gabriel, olhando-me nos olhos com a sua firmeza do costume. Fiquei muito triste e disse-lhe: «Ah! E como morreu ela?» «Bem, ela morreu no asilo de Casterbridge», respondeu ele, «e talvez não interesse muito saber como foi. Fanny chegou ao asilo na madrugada de domingo e morreu à tardinha. E basta.» Depois, perguntei o qu’ela tinha andado a fazer nestes últimos tempos, e o senhor Boldwood virou-se pra mim e parou de trespassar um cardo com a ponta do seu bordão. Disse-me qu’ela tinha vivido de trabalhos de costura em Melchester, como lhe contei, e que tinha abalado a pé, no fim da semana passada, passando perto daqui na tarde de sábado, já quase à noitinha. Depois, disseram-me qu’era melhor eu vir avisar a s’nhora da sua morte, e foram-se os dois embora. Sabe, s’nhora, talvez o vento da noite tenha dado cabo dela, porque as pessoas daqui diziam qu’ela ia acabar tísica: costumava tossir muito no inverno. Enfim, de nada serve falar, porque ’tá tudo acabado.

— Não ouviu mais nenhuma história? — perguntou Bathsheba, fitando-o com tal intensidade que Joseph desviou os olhos.

— Nem uma palavra, patroa, garanto! — respondeu ele. — Poucos aqui da paróquia sabem da notícia.

— Pergunto-me por que razão Gabriel não me deu ele próprio o recado. Faz questão de me consultar a respeito das mais pequenas coisas. — Estas últimas palavras foram apenas murmuradas. Ela estava a olhar para o chão.

— Talvez ’tivesse ocupado, s’nhora — sugeriu Joseph. — E, por vezes, parece que sofre de coisas que tem dentro da cabeça, que vêm de trás, do tempo em que tinha uma melhor situação do que tem agora. É um homem curioso, mas é um pastor de primeira, e entendido no saber dos livros.

— E, enquanto estava a falar consigo deste assunto, parecia que tinha outras coisas em mente?

— Não posso negá-lo, s'nhora. Ficou muito abatido, e o mesmo se pode dizer do lavrador Boldwood.

— Obrigada, Joseph. É tudo. Vá agora, ou ainda se atrasa.

Bathsheba, descontente, voltou para dentro. A meio da tarde, perguntou a Liddy, que já tinha sido informada da ocorrência:

— Qual era a cor do cabelo da pobre Fanny? Sabes? Não consigo lembrar-me... Só a vi um dia ou dois.

— Era claro, minha senhora; mas ela usava-o bem curto, e metido dentro da touca, pelo que mal se dava por ele. Mas vi-a soltá-lo uma vez, ao deitar-se, e pareceu-me lindo na altura. Um verdadeiro cabelo de ouro.

— O homem dela era um soldado, não era?

— Sim. Do mesmo regimento que o senhor Troy. O senhor diz que o conhecia muito bem.

— O quê? O senhor Troy disse isso? A propósito de quê?

— Um dia, falei-lhe do assunto e perguntei-lhe se ele conhecia o homem de Fanny. O senhor disse que sim, que o conhecia tão bem como a si próprio e que não havia no regimento um homem de quem gostasse mais.

— Ah! Ele disse isso, foi?

— Disse, sim; e também disse que entre ele e o outro jovem era tal a parecença que, às vezes, as pessoas confundiam-nos...

— Liddy, pelo amor de Deus, cala-te com essa conversa! — disparou Bathsheba, com essa irritabilidade que nasce de uma descoberta preocupante.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Joseph e a Sua Carga — A Cabeça de Veado

Um muro rodeava inteiramente o asilo de Casterbridge, à exceção de uma parte, numa ponta, onde uma empena alta se destacava, coberta, como a fachada, de um tapete de hera. Nesta empena não havia janelas, chaminés ou ornamentos, nem nada que se salientasse. O único traço distintivo que lhe pertencia, para lá da extensão de folhas verde-escuras, era uma pequena porta.

A situação desta porta era singular. A soleira situava-se a um metro, um metro e meio, acima do chão e, à partida, causava uma certa perplexidade que fosse tão alta, até que se viam sulcos de rodas mesmo por baixo, sugerindo que aquela porta era usada apenas para a passagem de objetos ou pessoas de, ou para dentro de, um veículo estacionado do lado de fora. No seu conjunto, a porta parecia anunciar-se como uma espécie de Portão dos Traidores[113], transposto para uma outra esfera. Raras vezes, contudo, era utilizada, como se inferia dos tufos de erva que brotavam tranquilamente dos interstícios da soleira.

Quando o relógio do hospício de South Street anunciou os cinco minutos para as três, uma carroça azul, com vistosas rodas vermelhas, carregada de ramos e flores, apresentou-se no fundo da rua e subiu a ladeira na direção daquele lado do edifício. Enquanto o carrilhão executava uma versão tosca e engasgada de *Malbrook*[114], Joseph Poorgrass fez soar o sino do asilo e recebeu indicações para recuar com a viatura até à porta alta por baixo da empena. A porta abriu-se e um esquife modesto, de madeira de olmo, foi empurrado para fora devagar e pousado no meio da carroça, por dois homens de fustão.

Um dos homens subiu para o lado do esquife, tirou do bolso um pau de giz e escreveu na tampa o nome da defunta e mais algumas palavras em letras garrafais. (Acreditamos que estas coisas se façam agora com mais delicadeza e que seja fornecida uma placa gravada.) O homem cobriu tudo com um pano negro puído, mas decente, e a parte traseira

da carruagem foi reposta no seu lugar. Depois, um dos homens entregou uma certidão de óbito a Poorgrass e ambos entraram pela porta, fechando-a atrás deles. A ligação que tinham tido com aquela mulher, embora breve, terminara aqui.

Joseph colocou as flores como lhe fora pedido, e as ramagens à volta das flores, até ser difícil adivinhar que carga transportava. Com um golpe do chicote, o elegante carro funerário principiou a descer a colina, entrando na estrada que seguia para Weatherbury.

A tarde avançava a bom ritmo e, enquanto caminhava ao lado do cavalo, ao olhar na direção do mar à sua direita, Poorgrass viu estranhas nuvens e espirais de neblina a rolar sobre a longa cumeeira que cercava a paisagem naquela zona. Chegavam cada vez mais volumosas, esgueirando-se preguiçosamente pelo leito dos vales e à volta dos juncos pálidos e ressequidos dos lameiros e das margens do rio. Depois, as suas formas húmidas e esponjosas uniram-se no céu. Era como um súbito brotar de cogumelos atmosféricos que tivessem ganho raízes no mar vizinho. Na altura em que o cavalo, o homem e o cadáver penetraram no Grande Bosque de Yalbury, já estas silenciosas operações, conduzidas por uma mão invisível, os tinham alcançado, envolvendo-os completamente. Era a chegada dos primeiros nevoeiros do outono.

De súbito, o ar assumiu a qualidade de uma cegueira. A carroça e a sua carga já não seguiam pela linha de demarcação que separava a transparência da opacidade, estando afundadas num corpo elástico de homogénea brancura. Não se sentia a mais pequena agitação atmosférica, ou gota de água a cair numa folha de faia, bétula ou abeto — as espécies que compunham o bosque de ambos os lados. As árvores pareciam imersas numa atenta vigília, como se ansiassem por um golpe de vento que viesse, enfim, balouçá-las. Uma quietude sinistra abatera-se sobre todas as coisas — tão profunda que o ranger das rodas da carroça era como um grande ruído, e pequenos murmúrios, que nunca chegavam a ser audíveis a não ser à noite, se ouviam agora com nitidez.

Joseph Poorgrass lançou um olhar à triste carga que transportava, quase invisível no meio do loureiro em flor, e, depois, à penumbra insondável que permeava as árvores altas de ambos os lados da

estrada, indistintas como espectros uniformemente cinzentos e sem sombra. Sentiu-se nos antípodas da felicidade e teria agradecido a companhia de uma criança ou até de um cão. Parando o cavalo, pôs-se à escuta. Não se ouvia um passo que fosse, ou roda, nas imediações; e o silêncio de morte foi apenas interrompido pela queda de uma pesada partícula, que atravessou a ramagem e aterrou, com ruído, em cima do caixão da pobre Fanny. O nevoeiro tinha, por esta altura, saturado o arvoredo, e esta era a primeira gota de água que caía das folhas húmidas. O eco desolado da sua queda lembrou penosamente ao carroceiro o sinistro Nivelador[115]. Depois, com força, caiu uma outra gota, e mais duas ou três. E ouvia-se agora um martelar contínuo destas gotas densas sobre as folhas mortas, a estrada e os viajantes. A bruma dera aos ramos mais próximos essa cor grisalha dos homens envelhecidos e, sobre as folhas cor de ferrugem das faias, as gotas de água eram como diamantes dispersos numa cabeleira castanha.

No lugarejo de beira de estrada chamado Roy-Town, à saída deste bosque, ficava a velha Hospedaria da Cabeça de Veado. Situada a cerca de dois quilómetros de Weatherbury, tinha sido, no auge desses tempos em que se viajava de diligência, um lugar onde muitos veículos vinham trocar de montadas ou ressarcir as que já tinham. Todo o velho estábulo fora entretanto demolido e pouco restava para além da hospedaria em si. Esta, ligeiramente recuada em relação à estrada, dava conta da sua existência aos transeuntes por meio de um letreiro pendurado num ramo de ulmeiro do outro lado da via.

Os viajantes — porque, nessa altura, o *turista* não podia ainda ser considerado uma classe distinta — diziam por vezes de passagem, ao levantarem os olhos para a árvore que exibia a tabuleta, que os artistas adoravam representar os letreiros assim pendurados, mas nunca tinham visto um exemplar tão perfeito como aquele, e a uso. Fora perto desta árvore que estacionara a carroça onde Gabriel Oak se refugiara no dia da sua chegada a Weatherbury; mas, devido à escuridão, o pastor não vira o letreiro nem a hospedaria.

Os usos e costumes deste estabelecimento eram os da velha escola. Na verdade, os seus clientes seguiam uma fórmula inalterável:

Bate com a tua caneca para pedires mais álcool.

Por mais tabaco, grita.
Para chamares a criada, diz: «M'nina!»
Para a patroa: «Minha velha!»

E assim sucessivamente.

Foi um alívio para o coração de Joseph ver ao longe o letreiro familiar e, parando o cavalo mesmo por baixo, tratou de cumprir uma promessa que já fizera a si próprio há algum tempo. A coragem abandonava-o a olhos vistos e, virando a cabeça do cavalo para a erva verde na berma da estrada, entrou na hospedaria para beber uma caneca de cerveja.

Ao descer à cozinha, cujo piso se situava um degrau abaixo do corredor, já de si afundado em relação ao nível da estrada lá fora, teve a agradável surpresa de ver ali os rostos do Sr. Jan Coggan e do Sr. Mark Clark, sob a forma de duas esferas acobreadas. Proprietários das mais apreciadas gargantas da vizinhança — dentro dos limites do respeitável —, eles encontravam-se, nesse momento, face a face, à volta de uma mesa de galo circular, munida de um rebordo de ferro que impedia copos e canecas de serem lançados para o chão por uma cotovelada acidental. Poder-se-ia dizer que se assemelhavam ao sol-poente e à lua cheia, brilhando, num *tête-à-tête*, sobre o globo.

— Olha quem ele é, o amigo Poorgrass! — disse Mark Clark. — E vem com uma cara que não faz justiça à mesa da patroa.

— Tive uma companhia bem triste nos últimos seis quilómetros — replicou Joseph, permitindo-se um estremecimento logo atenuado pela resignação. — E, a bem dizer, já começava a afetar-me. Garanto-vos qu'inda não pus os olhos em comida ou bebida desde o pequeno-almoço desta manhã, que pouco mais foi qu'o orvalho dos campos.

— Beba, então, Joseph, e não s'acanhe! — volveu Cogan, estendendo-lhe uma caneca larga cheia a três quartos.

Joseph deu primeiro um trago moderado e depois sorveu longamente, lançando no fim, ao pousar a caneca:

— Boa pinga... Muito boa pinga, e que conforto me dá nesta minha triste tarefa, por assim dizer.

— Verdade, a bebida é um prazer como há poucos — concordou Jan, como quem repete um truísmo que lhe é tão familiar que mal se dá conta de que o articulou. E, levantando o copo, inclinou a cabeça para trás, de olhos fechados, não fosse a sua alma sequiosa ser distraída dessa

beatitude por circunstâncias irrelevantes.

— Bem, tenho de me pôr ao caminho — anunciou Poorgrass. — Não que não gostasse de beber mais um copo em vossa companhia; mas, se alguém me visse aqui, a paróquia podia perder a confiança que tem em mim.

— E pra onde vai vossemecê, Joseph?

— De volta pra Weatherbury. Trago a pobre Fanny Robin na minha carroça e devo levá-la aos portões da igreja às cinco menos um quarto.

— Pois sim, já soube da notícia. Portanto, foi posta entre quatro tábuas da paróquia e não há ninguém pra pagar o xelim dos sinos e a meia-coroa prà sepultura.

— A paróquia paga a meia-coroa da sepultura, não o xelim dos sinos, que o sino é um luxo, mas sem sepultura é qu'ela não passa, a pobre. Em todo o caso, 'tou convencido de qu'a nossa patroa vai pagar tudo.

— Era uma das moças mais lindas qu'eu já vi! Mas qual é a sua pressa, Joseph? A pobre 'tá morta, e vossemecê não pode ressuscitá-la. Sente-se aí quietinho e beba mais um trago connosco.

— Bebia bem mais um dedal, rapazes. Mas só fico mais uns instantes, que as coisas são como são.

— É claro que bebe mais um. Um homem, a seguir, vale por dois! Sente-se mais quente por dentro, sente-se glorioso, até dança no trabalho, tudo lhe corre melhor. Em demasia, é mau, e leva-nos direitos a essa casa fumarenta do grande cornudo; mas, no fim de contas, não há muitos de nós que têm o dom d'apreciar um bom copo e, quando temos essa sorte, é nosso dever tirar o máximo partido.

— Verdade — disse Mark Clark. — É um talento que o Senhor misericordiosamente nos deu e não devemos negligenciá-lo. Mas que dizer dos párocos, dos sacristãos, dos professores de escola e desses bebedores de chá? Os bons costumes da vida d'antanho foram lançados às urtigas... pla minha carcaça que foram!

— Bem, agora é que é, tenho d'ir — disse Joseph.

— Ora, agora, agora; é absurdo, Joseph! A pobre mulher 'tá morta, não 'tá, qual é a pressa?

— Bem, só espero que a Providência não fique ressentida com estas minhas andanças — disse Joseph, tornando a sentar-se. — É verdade que tenho sido atacado por momentos de fraqueza nestes últimos

tempos. Já ’tive ébrio uma vez este mês e houve um domingo em que faltei à igreja e, ontem, deixei escapar um palavrão ou dois; pra minha própria segurança, não quero exagerar. O outro mundo é o outro mundo e não se presta a leviandades.

— Parece-me a mim que vossemecê é um dissidente, Joseph. É isso qu’eu penso.

— Oh, não, não! Não vou tão longe.

— Eu cá — disse Coggan — sou um firme defensor da Igreja de Inglaterra.

— Sim! Por minha fé, eu também — concordou Mark Clark.

— De mim, prefiro não dizer muito; não quero — prosseguiu Coggan, com aquela tendência para apelar aos grandes princípios que têm os amantes de uísque. — Mas nunca mudei de doutrina: mantive-me apegado como cola à velha fé em que nasci. Sim; há isto a dizer da Igreja: um homem pode pertencer-lhe e continuar a ir à sua velha taberna sem nunca encher a cabeça desses problemas de doutrina. Mas, pra se ser um dissidente, temos de ir ao culto, faça chuva ou faça sol, e andar frenético com’um diabo. Não qu’esses rapazes não sejam espertos, à sua maneira. Conseguem tirar da cabeça lindas orações, sobre as famílias e os naufrágios de que falam os jornais.

— Conseguem, sim senhor, é verdade — concordou Mark Clark, com sentimento. — Nós, os da Igreja, temos de ter tudo à frente dos olhos ou, maldição, saberíamos tanto o que dizer a esse grande chefe qu’é o Senhor como os bebés no ventre das suas mães.

— Os dissidentes têm melhores relações do que nós com os lá de cima — observou Joseph, pensativo.

— Sim — disse Coggan. — Sabemos muito bem que, s’alguém for parar ao céu, são eles. Esfalfaram-se muito pra lá chegar e merecem tê-lo, é a verdade. Não sou tolo ao ponto d’achar que nós, que vamos à igreja, temos as mesmas hipóteses que eles. Já sabemos que não. Mas eu cá odeio um homem que muda as suas velhas doutrinas só pra poder ir prò céu. Mais depressa tentaria negociar a minha pena. Ora, companheiros, quando a geada me levou as batatas todas, foi o nosso pároco Thirdly quem me deu uma saca pra semear, quando mal tinha pra seu uso próprio e nenhum dinheiro pra comprar mais. Não fora ele, eu não teria tido uma única batata pra plantar na minha horta. Acham

que, depois disso, eu ia virar? Não, fico firme deste lado; e, se ’tivermos errados, que seja: cairei com os pecadores!

— Bem dito, muito bem dito — observou Joseph. — Contudo, amigos, tenho d’ir andando. Por minha vida, tenho mesmo. O pároco Thirdly deve ’tar à minha espera, à porta do cemitério, e há uma mulher lá fora, dentro da carroça.

— Joseph Poorgrass, não s’atormente! Thirdly não se rala com essas coisas. É um homem generoso; deu-me a ler as brochuras durante anos, e eu não consumi poucas nesta vida longa e sombria, mas nunca foi homem de cobrar uma despesa. Sente-se aí.

Quanto mais tempo Joseph Poorgrass ficava, menos o seu espírito se deixava perturbar pelo dever que lhe coubera nessa tarde. Os minutos foram passando sem que ninguém os contasse, até as sombras do crepúsculo começarem a adensar-se e os olhos dos três homens não serem mais do que pontos cintilantes a romper a escuridão. Com a sua timidez habitual, o relógio de Coggan soou as seis dentro do seu bolso.

Nesse momento, passos rápidos foram ouvidos na entrada e a porta abriu-se para deixar entrar o vulto de Gabriel Oak, seguido da criada da hospedaria, que vinha com uma vela na mão. Gabriel olhou com severidade para o rosto longilíneo e os dois rostos redondos dos homens ali sentados, que lhe devolveram o olhar com as expressões de uma rabeca e duas caçarolas. Joseph Poorgrass pestanejou e recuou alguns centímetros para o fundo da sala.

— Pela minha alma, vocês envergonham-me; é vergonhoso, Joseph, vergonhoso! — exclamou Gabriel, indignado. — Coggan, vossemecê chama-se a si próprio um homem e faz-me uma destas?

Coggan olhou para Oak com um ar ausente, piscando tanto um olho como o outro, como se cada um tivesse uma personalidade própria.

— Não s’ofenda dessa maneira, pastor! — disse Mark Clark, lançando um olhar de censura à vela, que parecia aos seus olhos ter um interesse especial.

— Ninguém pode fazer mal a uma mulher morta — acabou por dizer Coggan, com a precisão de uma máquina. — Tudo o que podia ser feito por ela já foi feito... Já ’tá do outro lado. E porque haveria um homem de ter pressa por causa d’um barro sem vida, que não sente nem vê e não sabe o que se faz dele? Se ’tivesse viva, eu seria o primeiro a ajudá-la.

Se quisesse comida e bebida, eu pagava por elas do meu próprio bolso. Mas ’tá morta e, por muito que nos apressemos, nada a trará de volta. A mulher já nos passou à frente... tempo investido nela é um desperdício: pra quê ir a correr fazer o que não é necessário? Beba, pastor, e sejamos amigos, pois amanhã talvez nos calhe a mesma sorte.

— É possível — acrescentou Mark Clark, com ênfase, dando um trago de imediato para não correr o risco de perder a sua hipótese caso o fenómeno o atingisse, enquanto Jan resumia a sua ideia de destino numa canção:

Amanhã, amanhã!
Enquanto houver paz e abundância,
O coração nem triste nem doente,
Com amigos partilharei o que me dá o agora,
E amanhã eles que ponham a mesa.
Amanhã, ama...

— Chega de cantorias, Jan! — ordenou Oak; e virando-se para Poorgrass: — E vossemecê, Joseph, que prevarica com esse ar todo piedoso, está bêbedo que nem um cacho.

— Não, pastor Oak, não! Dê ouvidos à razão, pastor. A única coisa que se passa comigo é que sofro dessa condição chamada «olho multiplicador», e é por isso que lhe pareço dois de mim... Perdão, é por isso que o vejo a dobrar.

— Um olho multiplicador é uma coisa grave — acrescentou Mark Clark.

— Acontece-me sempre quando passo algum tempo na taberna — explicou Joseph Poorgrass, com um ar modesto. — Sim; vejo dois de cada coisa, como se fosse um homem sagrado a viver nos tempos do rei Noé e a entrar na sua arca... S-s-s-sim — acrescentou, alvoroçando-se com a ideia de ser excluído como um qualquer e dizendo, entre lágrimas: — Sou demasiado bom prà Inglaterra; devia ter vivido no Génesis, com os outros homens de sacrifício, e não s-s-s-seria tratado como um b-b-b-bêbedo desta maneira!

— E eu preferia que vossemecê se mostrasse um homem de coragem, em vez de estar para aí a lamuriar-se!

— Mostrar-me um homem de coragem, eu?... Ah, muito bem! Deixai-me tomar com humildade o nome de beberrão... deixai-me ser um

homem de joelhos contritos... deixai-me sê-lo! Sei que digo sempre «Se Deus quiser» antes de fazer seja o que for, do levantar ao deitar, e assumo de boa vontade toda a vergonha qu'houver nesse ato sagrado. Ah, sim! Não sou um homem de coragem, eu? Alguma vez permiti que a sola do orgulho me pontapeasse o traseiro sem protestar com'um homem, questionando com que direito? Faço-lhe a pergunta com toda a franqueza.

— Não podemos dizer que o tenha feito, herói Poorgrass — reconheceu Jan.

— Nunca permiti esse tratamento sem nada dizer! Mas o pastor afirma, perante este precioso testemunho, que não sou um homem de coragem! Muito bem, deixai correr; a morte será uma doce amiga!

Vendo que nenhum dos três homens estava em condições de encarregar-se da carroça durante o resto do percurso, Gabriel não deu resposta e, fechando a porta atrás de si, atravessou a rua até ao lugar onde se encontrava o veículo, forma indistinta no nevoeiro e na penumbra daquele dia húmido. Puxou a cabeça do cavalo da ampla extensão de erva que tinha estado a pastar, arranjou os ramos à volta do caixão, e seguiu o seu caminho pela noite desolada.

Aos poucos, espalhara-se pela aldeia o rumor de que se trazia a enterrar nesse dia os restos mortais da infeliz Fanny Robin, que tinha seguido o 11.º Regimento de Dragões desde Casterbridge até Melchester e daí em diante. Contudo, graças à discrição de Boldwood e à generosidade de Oak, ninguém ficara a saber que o amante que ela seguira era Troy. Gabriel esperava que a verdade não viesse à superfície até que a rapariga já estivesse na sepultura pelo menos há alguns dias, altura em que as barreiras da terra e do tempo, e a sensação de que a história ao passado pertencia, atenuariam talvez um pouco o duro golpe que seria para Bathsheba esta revelação, bem como os comentários desagradáveis que ela suscitaria.

Quando chegou à velha mansão, a residência da sua patroa, que ficava a caminho da igreja, já era noite cerrada. Um homem saiu ao caminho e perguntou-lhe, através da cortina de nevoeiro que pairava entre os dois como farinha soprada:

— É Poorgrass quem vem lá, com o cadáver?

Gabriel reconheceu a voz do pároco.

— O cadáver está aqui, senhor — respondeu.

— Vim agora mesmo perguntar à senhora Troy se ela podia dizer-me o motivo do atraso. Receio que seja tarde de mais para fazermos o funeral com a decência apropriada. Trouxe a certidão de óbito?

— Não — volveu Gabriel. — Deve ser Poorgrass quem a tem; e ele está na Hospedaria da Cabeça de Veado. Esqueci-me de lha pedir.

— Assim sendo, está resolvido: vamos adiar o funeral até amanhã de manhã. O corpo pode ser trazido para a igreja ou deixado aqui, na quinta, até que os carregadores o venham buscar. Esperaram mais de uma hora e, depois, foram para casa.

Gabriel tinha as suas razões para considerar que a segunda hipótese era um plano muito questionável, apesar de Fanny ter morado na quinta durante anos, enquanto o tio de Bathsheba ainda era vivo. Atravessaram-lhe o pensamento várias situações indesejáveis que podiam decorrer daquele atraso. Mas a sua vontade não era a lei, e ele entrou em casa para perguntar a Bathsheba o que pretendia fazer. Encontrou-a mergulhada num estado de espírito invulgar: os olhos, ao levantarem-se, estavam cheios de suspeita e perdidos nalguma paisagem interior. Troy ainda não tinha regressado. Primeiro, ela concordou, com um ar indiferente, que deviam ir direitos à igreja com aquela carga; mas depois, ao seguir Gabriel até ao portão, encheu-se de solicitude em relação a Fanny, desejando que a rapariga fosse trazida para dentro de casa. Oak explicou-lhe a conveniência de deixarem o cadáver na carroça, rodeado da sua moldura de flores e folhas verdes, desde que o veículo ficasse estacionado dentro da cocheira até de manhã. Em vão.

— É cruel e não é cristão — defendeu ela — deixar a pobrezinha numa cocheira a noite inteira.

— Muito bem — volveu o pároco. — Certificar-me-ei de que o funeral será realizado amanhã de manhã, bem cedo. Talvez a senhora Troy tenha razão em pensar que não devemos tratar a pobre defunta com demasiada ligeireza. Temos de lembrar-nos de que, embora possa ter cometido um erro grave ao abandonar a sua casa, ela continua a ser nossa irmã; e acreditar que a infinita misericórdia divina também a contempla e que ela é um membro do rebanho de Deus.

As palavras do pároco caíram na atmosfera pesada com uma

cadência triste e solene, e Gabriel deixou escapar uma lágrima genuína. Bathsheba parecia imperturbável. Quando o Sr. Thirdly os deixou, Oak acendeu uma lanterna. Com a ajuda de mais três homens, levaram a insciente desertora para dentro de casa. Segundo as instruções da patroa, o caixão foi pousado sobre dois bancos, no meio da saleta contígua ao átrio.

Todos saíram da sala menos Gabriel, que ficou mais um pouco, indeciso, ao lado do cadáver. Estava profundamente perturbado com a terrível ironia que agora se desenhava na vida da mulher de Troy, e com a sua própria impotência para evitar que ela se consumasse. Apesar de todos os seus cuidados nesse dia, o pior que podia ter acontecido a respeito do funeral acabara de acontecer. Pressentiu que uma descoberta terrível resultante dos eventos dessa tarde lançaria uma sombra sobre a vida de Bathsheba. A passagem de muitos anos talvez a atenuasse, mas nada a apagaria em absoluto.

De súbito, numa última tentativa de salvá-la, nem que fosse de uma angústia imediata, tornou a olhar, como já olhara antes, para as palavras escritas a giz na tampa do caixão. O gatafunho era simples: *Fanny Robin e filho*. Gabriel pegou no seu lenço e, com cuidado, apagou estas últimas palavras, deixando visível apenas a inscrição *Fanny Robin*. Depois, saiu da saleta e abandonou a casa, sem fazer barulho, pela porta da frente.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

A Vingança de Fanny

— Ainda precisa de mim, minha senhora? — perguntou Liddy, mais tarde nessa noite, parada na ombreira da porta, com um castiçal na mão. Bathsheba estava sentada, sozinha e triste, no salão grande, à beira da primeira lareira acesa da estação.

— Nada mais por hoje, Liddy.

— Posso esperar pelo senhor, se quiser, minha senhora. Fanny não me mete medo, se eu puder ficar no meu quarto com uma vela. Era uma criatura tão frágil, quase infantil, que tenho a certeza de que o seu espírito não conseguiria aparecer a ninguém, ainda que tentasse.

— Oh, não, não! Vai deitar-te. Eu fico aqui à espera dele até à meia-noite e, se ele não chegar entretanto, desistirei e irei deitar-me também.

— Já são dez e meia.

— Oh, a sério?

— E se esperasse lá em cima, minha senhora?

— Lá em cima? — repetiu Bathsheba, com uma voz distraída. — Não vale a pena... tenho a lareira aqui, Liddy.

De súbito, num sussurro excitado, perguntou:

— Ouviste algum comentário estranho acerca de Fanny?

Mal tinha deixado escapar estas palavras, a angústia aflorou-lhe ao rosto. Desatou num pranto.

— Não... nem uma palavra! — respondeu Liddy, olhando com espanto para a sua senhora. — Porque é que chora, senhora? Aconteceu-lhe alguma coisa?

Aproximou-se dela, cheia de compaixão.

— Não, Liddy. Já não preciso de ti. Não seria capaz de dizer por que razão tenho chorado tanto nestes últimos tempos; dantes, nunca chorava. Boa noite.

Liddy saiu do salão e fechou a porta.

Bathsheba ficou só e infeliz; não estava mais só, na verdade, do que antes de ser uma mulher casada; mas o seu isolamento na altura era tão

diferente como a solidão de uma montanha é do silêncio de uma gruta. Nos últimos dois dias, fora invadida por dúvidas inquietantes acerca do passado do seu marido. Ao decidir o lugar onde deveria repousar provisoriamente o corpo de Fanny, tinha sido movida por um impulso que resultava de uma complicada teia de sentimentos. Talvez fosse mais rigoroso descrevê-la como uma rebelião convicta contra os seus próprios preconceitos, um repúdio desse instinto mais baixo da falta de caridade, que lhe teria roubado toda a simpatia pela mulher morta. Porque esta, em vida, precedera-a nas atenções de um homem que ela não tinha de modo algum deixado de amar, ainda que o seu amor definhasse ante a gravidade de mais uma terrível suspeita.

Cinco ou dez minutos mais tarde, alguém bateu à porta. Liddy reapareceu. Entrando, deteve-se, hesitante. Por fim, disse:

— Maryann acabou de ouvir uma coisa muito estranha, mas eu sei que não é verdade. E havemos de ter a certeza daqui a um ou dois dias.

— O que é?

— Oh, nada que lhe diga respeito a si ou a nós, senhora. É sobre Fanny. Essa mesma coisa que a senhora ouviu.

— Eu não ouvi nada.

— Estou a referir-me a essa história perversa que chegou a Weatherbury nesta última hora. A de que... — Liddy aproximou-se da sua senhora e segredou-lhe o resto da frase devagar, ao ouvido, inclinando a cabeça na direção da saleta onde jazia Fanny.

Bathsheba estremeceu da cabeça aos pés.

— Não acredito! — exclamou, alvoroçada. — E só há um nome escrito na tampa do caixão.

— Nem eu, minha senhora. E não somos as únicas; pois já teríamos sabido mais cedo se fosse verdade, não acha, senhora?

— Talvez, ou talvez não.

Bathsheba virou-se e olhou para as chamas da lareira, escondendo o rosto de Liddy. Vendo que a sua senhora não ia dizer mais nada, a criada saiu da sala, fechou a porta sem fazer barulho e foi-se deitar.

Enquanto continuava a olhar para o fogo, a expressão de Bathsheba nessa noite teria inspirado a compaixão até daqueles que menos a apreciavam. A triste sorte de Fanny Robin não constituía para ela nenhum triunfo, ainda que Bathsheba fosse a Ester daquela pobre

Vasti[116] e os seus destinos pudessem ser vistos, em certos aspetos, como opostos um do outro. Quando Liddy entrara no salão pela segunda vez, os bonitos olhos que a tinham acolhido exprimiam lassitude e indiferença. Quando voltara a sair, depois de ter contado a sua história, transparecia neles um desgosto vivo. A natureza simples, de rapariga do campo, de Bathsheba, fundada em princípios antiquados, deixara-se abater por aquilo que pouco ou nada teria perturbado uma mulher do mundo: tanto Fanny como o seu filho, caso ela tivesse algum, estavam mortos.

Bathsheba tinha razões para pensar que havia uma relação entre a sua história e a vagamente intuída tragédia de Fanny, suspeita que tanto Oak como Boldwood não imaginavam que ela tivesse, porque o encontro com a solitária rapariga na tarde de sábado não fora testemunhado nem comentado. Gabriel podia ter tido a melhor das intenções ao esconder-lhe durante o máximo de dias possível os pormenores do que acontecera a Fanny. Mas, se soubesse que Bathsheba já tinha adivinhado a verdade, nada teria feito para prolongar essa dúvida que agora a torturava, ainda que a certeza que lhe poria um fim fosse confirmar as suas piores suspeitas.

Bathsheba sentiu de repente um grande desejo de falar com alguém mais forte do que ela e ir assim buscar forças para enfrentar a sua provável situação com dignidade e os seus vagos pressentimentos com estoicismo. Onde podia ela encontrar um tal amigo? Dentro de casa, não havia ninguém: era, de longe, a mulher mais serena que vivia sob o seu teto. Queria aprender a ter paciência e a suspender o seu julgamento durante algumas horas, e não havia quem fosse capaz de aconselhá-la. Se ao menos pudesse ir falar com Gabriel Oak! Mas era impossível. *Oak sabia tão bem suportar as coisas*, pensou. Boldwood, cujos sentimentos lhe tinham parecido mais profundos, mais elevados e mais intensos do que os de Gabriel, também ainda não aprendera essa simples lição que este revelava dominar a cada um dos seus gestos e olhares: que, no meio da multidão de interesses que o rodeavam, aqueles que mais afetavam o seu bem-estar pessoal não eram os mais preocupantes nem os mais importantes aos seus olhos. Oak contemplava o horizonte da vida sem valorizar o seu próprio ponto de vista. Bathsheba queria ser

assim. Por outro lado, ele não estava a ser consumido pela incerteza a respeito daquilo que lhe era mais querido, como ela estava agora. Gabriel sabia tudo o que Bathsheba desejava saber acerca de Fanny — estava convencida disso. Se fosse ao seu encontro nesse instante e não lhe dissesse mais do que estas poucas palavras: «qual é a verdade desta história?», seria para ele uma questão de honra responder-lhe. Um inexprimível alívio. Não haveria nada mais a acrescentar. Oak conhecia-a tão bem que nenhuma excentricidade do comportamento dela o alarmaria.

Cobriu-se, então, com uma capa, foi até à porta e abriu-a. Não havia uma erva ou um galho de árvore que não estivesse imóvel. O ar continuava espesso e húmido, embora não tão denso como durante a tarde, e o ruído contínuo da chuva a cair nas folhas secas por baixo das árvores era quase musical na sua apaziguadora cadência. Estava-se melhor fora de casa do que dentro dela, e Bathsheba fechou a porta atrás de si e desceu devagar a ladeira, até se encontrar diante da choupana de Gabriel. Agora, ele vivia sozinho, tendo saído da casa de Coggan, onde o espaço escasseava. Só uma janela se encontrava iluminada — no piso de baixo. As portadas não estavam fechadas, e não havia persiana ou cortina a tapar a vidraça, uma vez que nem o roubo nem a curiosidade representavam um risco para o seu ocupante. Sim, Gabriel estava acordado: e estava a ler. Do lugar onde se encontrava no caminho, ela via-o perfeitamente, sentado muito quieto, com a cabeça encaracolada pousada na mão, e só de vez em quando desviando os olhos para aparar o pavio queimado da vela que tinha ao seu lado. A certa altura, olhou para o relógio, pareceu admirar-se com a hora, fechou o livro e levantou-se. Ele ia deitar-se, sabia-o, e se queria bater-lhe à porta teria de ser de imediato.

Infelizmente, faltou-lhe a coragem! Sentiu que não seria capaz. Por nada deste mundo conseguiria agora revelar-lhe uma ponta que fosse do seu sofrimento, e menos ainda pedir-lhe informações a respeito da morte de Fanny. Teria de suspeitar, adivinhar, remoer e aguentar tudo sozinha.

Como uma viajante sem casa, demorou-se na berma da estrada, hipnotizada pela atmosfera de contentamento que parecia reinar no interior daquela pequena moradia e que tão infortunadamente faltava na sua. Gabriel reapareceu no piso de cima, pousou a vela no peitoril da

janela e... ajoelhou-se para rezar. O contraste desta imagem com a sua presente revolta interior era demasiado penoso para que Bathsheba conseguisse continuar a contemplá-la. Não faria as pazes com o seu desgosto por esta via. Teria de perseguir a paixão até à sua última nota, até não restar mais nada, como já começara a fazer. Com o coração pesado, tornou a subir a ladeira e entrou em casa.

Mais nervosa ainda com a reação que lhe suscitara o exemplo de Oak, deteve-se no átrio, a olhar para a porta da saleta onde jazia Fanny. Entrelaçando os dedos, lançou a cabeça para trás e passou uma mão escaldante pela testa. Num soluço histérico, disse:

— Quisesse Deus que falasses e me contasses o teu segredo, Fanny!... Oh, eu espero, eu só espero que não haja dois de vós!... Se ao menos pudesse olhar para ti um minuto que fosse, saberia tudo!

Não tardou a acrescentar, devagar: «E é o que farei.»

Mais tarde, Bathsheba não conseguiria descrever o impulso que a levara, naquela noite memorável, a cumprir os gestos dessa decisão apenas murmurada. Dirigira-se ao armário das ferramentas em busca de uma chave de fendas. Ao fim de um espaço de tempo curto, embora indefinido, dera por si na pequena sala, a tremer de emoção, com os olhos turvos e o cérebro a explodir. Estava diante do caixão aberto dessa rapariga cuja morte, apenas imaginada, tanto a absorvera. Ao olhar para dentro do esquife, numa voz enrouquecida, disse para si própria:

— Era preferível saber o pior e agora já o sei!

Tinha consciência de ter chegado ali no fim de uma série de gestos que pareciam pertencer a algum sonho mirabolante. Seguindo com método essa ideia que rebentara dentro dela, no átrio, com a força de uma evidência, subira as escadas pé ante pé, para verificar, pelo som das suas respirações, se as criadas dormiam. Depois, tornara a descer, rodara a maçaneta da porta da sala onde estava a defunta e fizera deliberadamente, sozinha e durante a noite, algo que a teria horrorizado noutros tempos. Uma vez consumado, não foi tão horrível como a prova inequívoca do papel que desempenhara o seu marido no último capítulo da história de Fanny.

A cabeça de Bathsheba descaiu-lhe sobre o seu peito e o sopro que tinha sido suspenso pelo choque, a curiosidade, a surpresa, foi enfim libertado na forma de um gemido contido:

— Oh-h-h! — disse ela, e o seu lamento ressoou durante algum tempo naquela sala silenciosa.

Diante do par inconsciente que se encontrava dentro do caixão, Bathsheba chorou: eram lágrimas de uma origem remota, inefável, e de uma natureza quase indefinível, a não ser nisso de serem distintas das simples lágrimas de tristeza. Sem dúvida que o seu fogo indómito devia ter ardido nas cinzas de Fanny[117] quando o destino escolhera trazê-la de volta para Weatherbury — um regresso natural, discreto e, porém, cheio de consequências. Ao morrer, ela concretizara esse único feito através do qual uma condição inferior pode resultar numa superior. E a isto acrescentara-se esse encontro noturno, que, na imaginação de Bathsheba, convertera o fracasso da outra mulher num êxito, a sua humilhação num triunfo, o seu infortúnio numa ascendência, tingindo-lhe a própria existência de cores grotescas, a uma luz trocista, e emprestando a tudo o que a rodeava um sorriso irónico.

O célebre cabelo louro emoldurava o rosto de Fanny, não deixando grandes dúvidas quanto à origem do caracol que Troy tinha guardado. No estado de exaltação em que se encontrava, parecia a Bathsheba que a lividez do seu semblante e a inocência dos seus traços exprimiam a consciência difusa mas triunfante daquele que faz sofrer depois de ter sofrido, com todos os rigores impiedosos da lei de Moisés: olho por olho, dente por dente[118].

Bathsheba permitiu-se contemplar a ideia da morte como fuga imediata às circunstâncias, solução que, pensou ela, embora fosse tão inconveniente como aterradora, tinha porém a vantagem de pôr um limite à inconveniência e ao horror, enquanto as vergonhas da vida eram infinitas. Mas até este projeto de extinção vinha a ser uma cópia obediente do método da sua rival, sem as razões que o tinham glorificado no caso de Fanny. Como era seu hábito quando se enervava, pôs-se a percorrer a sala de uma ponta à outra, as mãos unindo-se à frente do corpo enquanto refletia e, em parte, dizia, em palavras quebradas:

— Oh, como eu a odeio, e porém não quero admiti-lo, porque é atroz e cruel; no entanto, odeio-a um pouco! Sim, é o corpo que insiste em odiá-la, quer o meu espírito o deseje ou não!... Se ao menos ela tivesse

vivido, eu teria razões para me zangar com ela e ser cruel; mas ser vingativa com uma pobre defunta só recai sobre mim. Oh, Deus, piedade! Que miséria a minha!

Tão perplexa estava Bathsheba com o seu próprio estado de alma que olhou em redor em busca de algum refúgio de si própria. A imagem de Oak ajoelhado nessa noite volveu-lhe ao pensamento e, com o instinto mimético que anima as mulheres, aproveitou a ideia e decidiu ajoelhar-se também, se possível em oração. Gabriel tinha rezado; ela faria o mesmo.

Ajoelhando-se ao lado do caixão, cobriu a cara com as mãos e, durante algum tempo, um silêncio sepulcral abateu-se sobre a sala. Quando se levantou, de uma forma mecânica ou outra, sentiu alguma paz interior, e arrependeu-se dos sentimentos que a tinham assaltado momentos antes.

No seu desejo de expiação, foi buscar flores a uma jarra pousada no peitoril da janela e começou a arranjá-las em torno da cabeça da mulher morta. Não conhecia outro gesto de bondade para com os mortos que não o de rodeá-los de flores. E não deu pela passagem do tempo enquanto o fazia. O embate das portas da cocheira uma na outra despertou-a do seu torpor. Dali a instantes, a porta da rua abriu-se e fechou-se, passos atravessaram o átrio e o seu marido apareceu à entrada da saleta e olhou para ela.

Troy absorveu a cena aos poucos, fitando-a com estupefação, como se lhe parecesse uma miragem conjurada por algum feitiço. Bathsheba, pálida como um cadáver, devolveu-lhe o olhar com a mesma vertigem.

Tão-pouco se aproximam da verdade as conjeturas mais impulsivas que, naquele momento, ainda com a mão pousada na maçaneta da porta, Troy não se lembrou sequer de Fanny. O que primeiro lhe ocorreu, confusamente, era que alguém da casa tinha morrido.

— Então... o que se passa? — perguntou, sem emoção.

— Tenho de ir! Tenho de ir-me embora! — disse Bathsheba, mais para si própria do que para ele.

De olhos esgazeados, dirigiu-se à porta e tentou contornar o marido.

— O que se passa, em nome de Deus? Quem foi que morreu? — insistiu ele.

— Não posso responder; deixe-me sair. Preciso de ar! — disse ela.

— Não! Fique, eu insisto!

Troy pegou-lhe na mão e toda a vontade a desertou. Bathsheba deixou-se levar. Não a libertando nunca, ele atravessou a sala. De mãos dadas, marido e mulher aproximaram-se do caixão.

Havia uma vela acesa sobre a secretária ao lado deles e a sua luz oblíqua incidia no interior do esquife, iluminando com clareza os traços sem vida de mãe e filho. Troy olhou para dentro e a crua realidade amanheceu nele com uma luminosidade lúrida. Largando a mão da mulher, ficou imóvel.

Tão imóvel que parecia ter sido privado de toda a capacidade de mover-se. Sentimentos contraditórios colidiam dentro dele, anulando-se.

— Conhece-a? — perguntou Bathsheba, num eco abafado, como se de dentro de uma cela de prisão.

— Conheço — respondeu ele.

— É ela?

— É ela.

Tinha, no princípio, permanecido muito direito. Agora, na sua quase total imobilidade, distinguia-se o esboço de um movimento, assim como na noite mais escura só se vê uma luz ao fim de algum tempo. Aos poucos, Troy inclinara-se para a frente. Os traços do seu rosto suavizaram-se e a consternação deu lugar a uma incomensurável tristeza. Bathsheba observou-o do outro lado do caixão, ainda com os lábios entreabertos e os olhos perdidos no vazio. A intensidade do sentimento é proporcional à grandeza do caráter e, apesar de todo o seu sofrimento, que não cabia nas forças que tinha, Fanny talvez não tivesse conhecido, num sentido absoluto, a dor que Bathsheba sentiu naquele instante.

Troy caiu de joelhos, numa indefinível combinação de remorso e reverência, e, inclinando-se sobre Fanny Robin, beijou-a com delicadeza, como se beija uma criança adormecida para não a acordar.

Ao ver e ouvir esse gesto para si insuportável, Bathsheba precipitou-se na direção do marido. Era como se todas as grandes emoções dispersas ao longo da sua existência desde que ela tinha aprendido o que era a emoção se unissem, agora, num só impulso. A repulsa indignada que sentira mais cedo, ao contemplar a sua desonra e a maternidade em que uma outra a tinha precedido (eclipsando-a),

regressou mais feroz ainda, e inteira. No entanto, tudo foi esquecido no laço simples, mas ainda forte, que ligava mulher e marido. No passado, lastimara a perda da sua independência; agora, gritava contra a dissolução desse laço que antes tinha deplorado. Abraçando-se ao pescoço de Troy, exclamou, em desespero, do fundo do coração:

— Não! Não os beijes! Frank, não aguento... Não o suporto! Eu amo-te mais do que ela: beija-me a mim também, Frank... Beija-me! *Vais beijar-me também, Frank!*

Havia algo de tão singular e arrepiante na dor infantil e singela deste apelo, vindo de uma mulher com o calibre e a independência de Bathsheba, que Troy, libertando o pescoço dos seus braços firmes, olhou para ela, confuso. Era uma tão inesperada epifania que o coração de todas as mulheres fosse, afinal, semelhante — mesmo o de mulheres em tantos aspetos tão distintas como Fanny e essa que se encontrava ao seu lado —, que ele teve dificuldade em reconhecer a sua orgulhosa esposa. Dir-se-ia que o espírito de Fanny habitara o corpo de Bathsheba, ainda que fugazmente. Quando se recompôs da sua surpresa, Troy lançou-lhe um olhar silenciador e imperioso.

— Não vou beijá-la! — declarou, empurrando-a.

Ela não devia ter insistido. Mas, naquele quadro pungente, perante o cadáver da sua rival, ter falado assim talvez fosse o único erro compreensível, se não mesmo desculpável, na falta do gesto mais certo e diplomático. Num esforço heroico de autodomínio, Bathsheba tornou a recalcar todos os sentimentos que deixara transparecer.

— Tem alguma coisa a dizer? — perguntou, numa voz amarga e estranhamente baixa, que pertencia por inteiro a outra mulher.

— Tenho a dizer que fui um homem mau e sem coração — respondeu ele.

— E que esta mulher é uma vítima sua; e eu não menos do que ela.

— Ah, não me provoque, senhora. Esta mulher representa mais para mim morta do que a senhora alguma vez foi, é ou será. Se Satanás não me tivesse tentado com a sua beleza e as suas malditas coqueterias, eu ter-me-ia casado com ela. Nunca pensei outra coisa até a senhora se atravessar no meu caminho. Quisesse Deus que eu o tivesse feito; agora é tarde de mais!

Virou-se para Fanny.

— Mas não te importes, minha querida — disse —, porque, diante do Céu, tu és a minha verdadeira esposa!

Ao ouvir estas palavras, Bathsheba deixou escapar um grito baixo e prolongado, de desespero e indignação. Era um gemido de angústia como nunca fora ouvido por aquelas velhas paredes. O τετεμεσται[119] da sua união com Troy.

— Se ela é... isso, eu... o que sou? — retorquiu, em continuidade com o mesmo lamento e soluçando penosamente, condição que o seu abandono, por ser tão raro, só agravava.

— Não me é nada... nada — respondeu Troy, sem piedade. — Uma cerimónia diante de um padre não faz um casamento. Moralmente, não lhe pertenço.

Um impulso veemente de fugir dele, de partir daquele lugar, esconder-se e escapar às suas palavras a todo o custo, sem se deter sequer ante a ideia da morte, invadiu Bathsheba, dominando-a. Ela não esperou um instante que fosse e, dirigindo-se à porta, correu para o exterior.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Sob Uma Árvore — Reação

Bathsheba seguiu pela estrada escura, sem saber para onde se dirigia nem se importar com isso. Só se deu conta do lugar onde estava quando chegou a uma cancela que conduzia a um bosque repleto de carvalhos maciços e de faias gigantes. Ao olhar para este sítio, reconheceu-o de já o ter visto à luz do dia. E o que parecia ser uma floresta intransitável era, na realidade, um campo de fetos que agora definhavam depressa. Não lhe ocorria melhor destino para o seu coração palpitante que o de entrar ali e esconder-se. E, ao entrar, distinguiu uma zona que um tronco inclinado abrigava do nevoeiro húmido. Aqui, deixou-se cair, sobre uma almofada de folhas e ramos. Mecanicamente, puxou-os para si para se proteger da brisa e fechou os olhos.

Se dormiu ou não nessa noite, não saberia dizer. Mas foi com a cabeça mais fria e o corpo mais refeito que, muitas horas depois, despertou para o que acontecia de interessante nas árvores em seu redor.

O primeiro som assemelhava-se a um tagarelar rouco.

Era um pardal a acordar.

A seguir, de outro canto:

— *Tchi, uíze-uíze-uíze!*

Era um tentilhão.

O terceiro, vindo de uma sebe:

— *Tink-tink-tink-a-chink!*

Era um pisco-de-peito-ruivo.

E, de cima, veio:

— *Tchak-tchack-tchack!*

Era um esquilo.

Por fim, da estrada:

— Com o meu ra-ta-ta e o meu rum-tum-tum!

Era um rapaz com a sua charrua. O som chegava-lhe da frente e pareceu-lhe, pela voz, tratar-se de um dos moços que trabalhavam na

sua quinta. Atrás dele, ouvia-se o som de passos trôpegos e pesados e, olhando através dos fetos, Bathsheba conseguiu ver, na luz difusa da madrugada, uma parelha dos seus próprios cavalos. Estes pararam para beber de uma lagoa do outro lado do caminho. Ela viu-os mergulhar as cabeças na água, beber, sacudir as crinas e beber de novo, a água correndo-lhes dos lábios em fios de prata. Depois de mergulharem uma última vez, os cavalos saíram da lagoa e viraram na direção da quinta.

Bathsheba continuou a olhar à sua volta. O dia estava a nascer, e o ar fresco e a suavidade das cores faziam um contraste sinistro com os gestos ardentes da noite anterior. Notou que, enquanto dormia, folhas amarelas e vermelhas tinham caído da árvore e pousado silenciosamente no seu regaço e nos seus cabelos. Sacudiu o vestido para se livrar delas, e muitas outras da mesma família ali caídas foram levadas na corrente de ar, «como espíritos a fugir de um feiticeiro»[120].

Havia uma aberta a oriente e a luz do sol-nascente atraiu-lhe o olhar. No meio dos belos fetos amarelecidos com as suas hastes penugentas, o chão a seus pés inclinava-se para uma cavidade pantanosa, salpicada de cogumelos. Uma neblina matinal pairava agora sobre este lameiro — esplêndido véu de prata, cheio de luz na sua opacidade e maciço na sua leveza, escondendo em parte, neste brilho difuso, a sebe que se encontrava atrás. Das ribas desta depressão brotavam tufos desse junco comum e, aqui e ali, uma espécie particular de lírio-roxo, cujos caules cintilavam ao sol como lâminas de uma foice. O aspeto geral do pântano era, no entanto, maligno. A sua superfície húmida e venenosa parecia exalar a essência mórbida da terra e das águas por baixo dela. Os cogumelos que cresciam desordenadamente nas folhas putrefactas e nos cepos de árvores ofereciam ao seu olhar indiferente os chapéus luzidios ou as lamelas gotejantes. Alguns distinguiam-se pelas suas manchas grandes e vermelhas como o sangue, outros eram de um amarelo-açafrão, outros ainda altos e esguios, com pés como macarrão. Nuns tantos, a pele assemelhava-se a couro dos mais ricos tons de castanho. A cavidade parecia um viveiro de pequenas e grandes pestilências, em íntima vizinhança com o conforto e a saúde, e Bathsheba levantou-se, arrepiada com a ideia de ter passado a noite à beira de um lugar tão lúgubre.

Ouviu-se, de novo, o som de passos na estrada. Ainda tensa, tornou a acocorar-se para não ser vista. O transeunte apareceu. Era um rapaz da escola, com a sacola ao ombro, que continha a merenda, e um livro na mão. Parou junto da cancela e, sem olhar para cima, continuou a sua ladainha, que ela ouviu distintamente.

— «Ó Senhor, ó Senhor, ó Senhor, ó Senhor», já sei de cor. «Dai-nos, dai-nos, dai-nos, dai-nos», também sei. «A graça de, a graça de, a graça de», esta também.

Seguiram-se outras frases, ditas da mesma forma. Era evidente que o rapaz pertencia à categoria dos burros: o livro era um saltério, e esta era a sua maneira de aprender a coleta. Mesmo nos piores momentos do desgosto, há sempre uma pequena parte da consciência que se liberta para contemplar o trivial, e Bathsheba divertiu-se por um breve instante com o método do rapaz, até que também ele se afastou.

Nesta altura, o torpor já dera lugar à ansiedade, que, por sua vez, se convertera em fome e sede. Um vulto apareceu na outra margem do lameiro, um pouco mais acima, meio escondido pela neblina, e veio na sua direção. A mulher — porque era uma mulher — avançou a olhar para todos os lados, como se procurasse alguma coisa. Quando se virou para a esquerda, aproximando-se, Bathsheba conseguiu ver-lhe o perfil recortado no céu limpo. Nos traços ondulados, sem ângulo saliente ou linha que se destacasse da testa ao queixo, reconheceu o rosto familiar de Liddy Smallbury.

Sentindo a gratidão a pulsar-lhe no peito ao ver que não fora esquecida, saiu do seu esconderijo.

— Oh, Liddy! — gritou, ou tentou gritar, mas apenas os seus lábios tinham articulado estas palavras e nenhum som saíra. Ter passado a noite exposta a uma atmosfera tão húmida tornara-a afónica.

— Oh, minha s’nhora! Estou tão feliz por tê-la encontrado! — disse a rapariga assim que a viu.

— Não podes atravessar — acautelou Bathsheba, esforçando a voz para se fazer ouvir.

A rapariga ignorou o perigo e desceu ao pântano, dizendo:

— Isto aguenta comigo, creio eu.

Bathsheba nunca esqueceria esta cena fugaz em que a pequena Liddy atravessara o pântano, à luz da manhã, para chegar junto dela. A

cada passo da camareira, bolhas iridescentes de um insalubre hálito subterrâneo rebentavam no solo pantanoso, libertando o ar que encerravam no firmamento vaporoso. Liddy, porém, não se afundou como ela temera.

Chegando sã e salva à outra margem, levantou os olhos para o rosto belo, ainda que pálido e exausto, da sua jovem senhora.

— Pobrezinha! — exclamou, com lágrimas nos olhos. — Anime-se um pouco, s'nhora. Como é que...

— Não consigo falar mais alto do que isto. Perdi a voz — apressou-se a dizer. — Deve ter sido o ar húmido desta cova. Liddy, suplico-te, não me faças perguntas. Quem foi que te enviou à minha procura? Alguém?

— Ninguém. Pensei, quando vi que não estava em casa, que alguma atrocidade acontecera. Pareceu-me ouvir a voz dele ontem à noite; por isso, vi logo que havia um problema...

— Ele está em casa?

— Não; saiu antes de eu descer.

— Fanny já foi levada?

— Ainda não. Mas não tardará... às nove.

— Nesse caso, não vamos voltar já. E se déssemos um passeio neste bosque?

Sem perceber ponta da história, Liddy assentiu e caminharam juntas pelo arvoredo.

— É melhor voltar para dentro, s'nhora, e comer alguma coisa. Ainda morre de algum resfriado!

— Não voltarei ainda. Talvez não volte nunca.

— Quer que eu vá buscar-lhe alguma coisa para comer? E mais um agasalho com que cobrir a cabeça para além desse xaile?

— Se quiseres, Liddy.

Liddy desapareceu e, dali a vinte minutos, regressou com um manto, um chapéu, algumas fatias de pão com manteiga, uma chávena e chá quente num pequeno jarro de porcelana.

— Fanny já foi? — perguntou Bathsheba.

— Não — respondeu a criada, servindo-lhe o chá.

Ela embrulhou-se no manto, bebeu um gole de chá e comeu frugalmente. A sua voz aclarou-se um pouco e as faces recuperaram alguma cor.

— Vamos continuar a andar — indicou.

Vaguearam pelo bosque durante quase duas horas. Bathsheba respondia com monossílabos à tagarelice de Liddy, estando concentrada apenas numa coisa. A dada altura, interrompeu-a.

— Pergunto-me se Fanny já terá partido?

— Eu vou lá ver.

Liddy regressou com a informação de que os homens estavam, nesse momento, a levar o corpo, que alguém perguntara por Bathsheba e que ela respondera que a sua senhora não estava a sentir-se bem e não podia apresentar-se.

— Nesse caso, pensam que estou no meu quarto?

— Sim.

Liddy atreveu-se, então, a dizer:

— A senhora disse-me, quando a encontrei, que talvez nunca mais voltasse para casa. Mas não estava a falar a sério, pois não, minha s'nhora?

— Não; já mudei de ideias. Só as mulheres sem orgulho é que fogem dos seus maridos. Existe uma situação pior do que ser encontrada morta na casa do marido em virtude dos seus maus-tratos: é a de ser encontrada viva por ter fugido para casa de outra pessoa qualquer. Pensei nisto toda a manhã e já escolhi o meu rumo. Uma mulher fugitiva é um estorvo para toda a gente, um fardo para si própria e um exemplo negativo. E tudo isto resulta numa miséria maior do que a de ficar em casa, ainda que esta possa incluir certas contingências, tais como o insulto, o espancamento e a fome. Liddy, se alguma vez te casares, Deus o proíba!, ver-te-ás numa situação assustadora; mas lembra-te disto: não vaciles. Mantém-te firme e deixa que te cortem aos bocadinhos. É isso que eu me preparo para fazer.

— Oh, minha senhora, não fale assim! — acudiu a criada, pegando-lhe na mão. — Olhe que eu sempre soube que a senhora era demasiado sensata para partir. Posso perguntar-lhe que coisa horrível se passou entre os dois?

— Podes perguntar; mas eu posso não responder.

Dali a dez minutos, regressaram a casa por uma estrada indireta que as conduzia à porta das traseiras. Bathsheba esgueirou-se pelas escadas que levavam a um sótão abandonado e a sua companheira

seguiu-a.

— Liddy — disse, sentindo já o coração mais leve, uma vez que a juventude e a esperança não tardaram a reclamar os seus direitos —, de agora em diante, serás a minha confidente... alguém tem de sê-lo... e eu escolho-te a ti. Vou instalar-me aqui durante uns tempos. És capaz de acender a lareira, pôr um tapete no chão e ajudar-me a tornar este lugar confortável? Depois, quero que tu e Maryann me tragam para cima aquela armação de cama que está no quarto pequeno e a enxerga que lhe pertence, uma mesa e mais algumas coisas... E que posso eu fazer que me ajude a passar o tempo?

— Debruar lenços é uma boa ocupação — sugeriu Liddy.

— Oh, não, não! Eu detesto o trabalho de costura. Sempre detestei.

— Tricotar?

— Também detesto.

— Só se terminar o seu bordado, senhora. Só lhe falta preencher os cravos e os pavões; e, depois, pode pôr-lhe um vidro, emoldurá-lo e pendurá-lo ao lado do da sua tia.

— Os bordados estão fora de moda... são terrivelmente rústicos. Não, Liddy, eu vou ler. Traz-me livros. Não os mais recentes. Não tenho ânimo para ler um livro novo.

— Os livros antigos do seu tio, s'nhora?

— Sim. Alguns dos que guardámos dentro de caixas. — Um sorriso quase impercetível veio iluminar-lhe o rosto. — Traz-me *The Maid's Tragedy*, de Beaumont e Fletcher, *The Mourning Bride*, e... deixa-me ver... *Night Thoughts* e *The Vanity of Human Wishes*[121]*.*

— E aquela história acerca do homem negro que assassina a sua mulher, Desdémona?[122] É uma história bela e sombria que lhe convém na perfeição.

— Ora, Liddy, lá andaste tu a espionar os meus livros sem me consultares; e eu disse-te que não devias fazê-lo! Como sabes o que me convém? Não me convém de todo.

— Mas, se os outros...

— Os outros também não servem; recuso-me a ler histórias tristes. Porque haveria eu de ler histórias tristes? Traz-me *Love in a Village* e *The Maid of the Mill*, e traz-me também *Doctor Syntax* e alguns números

do *Spectator*[123].

Bathsheba e Liddy passaram o resto do dia barricadas no sótão; uma precaução que se revelou desnecessária, uma vez que Troy não apareceu na vizinhança, nem as incomodou de todo. Bathsheba ficou sentada à janela até ao pôr do Sol, por vezes tentando ler, outras seguindo sem grande intuito todos os movimentos lá fora e escutando sem grande interesse todos os sons.

O poente, nessa tarde, foi vermelho-sangue, e uma nuvem pálida deixou-se tingir pelos seus raios, a oriente. Neste fundo escuro, recortava-se, distinta e brilhante, a fachada ocidental da torre da igreja — a única parte do edifício que era visível a partir das janelas da quinta. A agulha que a encimava repercutia os últimos raios de luz. Era aqui, às seis horas, que os jovens da aldeia costumavam reunir-se para uma partida de jogo da barra. O lugar já era consagrado àquela diversão desde tempos imemoriais: os velhos cepos formavam uma base ideal, virada para os limites do cemitério, diante do qual o solo fora pisado e aplanado pelos jogadores. Bathsheba via as cabeças morenas e castanho-escuras dos rapazinhos a correr de um lado para o outro, as mangas das suas camisas brancas cintilando ao sol. Por vezes, um grito ou uma gargalhada interrompiam a quietude do crepúsculo. Ainda jogaram durante um quarto de hora ou cerca disso e, de repente, o jogo acabou. Os jogadores saltaram o muro e desapareceram do outro lado, atrás de um teixo, ele próprio meio escondido atrás de uma faia que agora se espraiava numa copa dourada, percorrida pelas linhas pretas que eram os troncos.

— Por que razão terminou a partida de barra tão abruptamente? — inquiriu Bathsheba, quando Liddy voltou a entrar no sótão.

— Creio que foi por causa de dois homens que acabaram de chegar de Casterbridge e começaram a erguer um grande túmulo, todo trabalhado — respondeu Liddy. — Os rapazes foram ver a quem pertencia.

— Tu sabes? — volveu Bathsheba.

— Não — disse Liddy.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

O Romantismo de Troy

Quando a sua mulher saíra de casa à meia-noite, o primeiro gesto de Troy fora fechar o caixão, para proteger a defunta dos olhares. Feito isto, subira as escadas, lançara-se para cima da cama, todo vestido, e aguardara, infeliz, que chegasse a manhã.

O destino pregara-lhe uma partida cruel nas últimas vinte e quatro horas. O seu dia acabara por ser muito diferente do que ele tinha desejado. Há sempre uma inércia a vencer quando se adota uma nova linha de conduta — não tanto em nós próprios, no fim de contas, mas nas circunstâncias que nos rodeiam e que parecem unir-se para sabotar qualquer novidade que represente uma melhoria.

Às vinte libras que Bathsheba lhe dera, Troy conseguira acrescentar todos os tostões que tinha em sua posse, o que perfizera sete libras e dez xelins. Com este dinheiro, um total de vinte e sete libras e dez xelins, apressara-se a sair de casa de manhã, para não falhar o seu encontro com Fanny Robin.

Ao chegar a Casterbridge, deixara o cavalo e a caleche numa hospedaria e, às dez menos cinco, apresentara-se na ponte, situada na outra extremidade da vila. Sentou-se no resguardo. Os relógios soaram a hora e Fanny não apareceu. Na verdade, nesse preciso momento, duas auxiliares do asilo — as primeiras e últimas camareiras que a delicada criatura alguma vez tivera a honra de conhecer — vestiam-lhe a roupa que ela levaria para a sepultura. Passou um quarto de hora e, depois, meia hora. Recordações de outras esperas acudiram à memória de Troy: era a segunda vez que Fanny faltava a um encontro importante com ele. Enraivecido, jurou que seria o último. Às onze horas, quando já se demorara o suficiente a contemplar as pedras da ponte para decorar todos os líquenes que nelas brotavam, e a ouvir o murmúrio das ondas lá em baixo até se sentir oprimido pelo som, levantou-se de um salto e foi buscar a caleche à hospedaria. Cheio de uma amarga indiferença a respeito do passado e de uma grande imprudência em relação ao futuro,

seguiu para as corridas de Budmouth.

Chegou à pista às duas horas e deixou-se ficar na cidade até às nove. Mas a imagem de Fanny, tal como lhe aparecera na triste penumbra daquele fim de tarde de sábado, volveu-lhe ao pensamento, acrescida das críticas de Bathsheba. A si mesmo prometeu que não faria apostas e cumpriu o seu voto. Ao deixar a cidade às nove horas dessa noite, só tinha perdido alguns xelins da sua soma original.

Regressou a casa devagar, a trote curto, e foi então que lhe ocorreu pela primeira vez que talvez tivesse sido a doença a impedir Fanny de cumprir a sua promessa. Desta vez, ela não se teria enganado. Troy arrependeu-se de não ter permanecido em Casterbridge e ido à sua procura. Ao chegar a casa, desatrelou silenciosamente o cavalo e foi para dentro, onde o esperava, como já vimos, um choque terrível.

Assim que o dia clareou o suficiente para distinguir os objetos em seu redor, Troy levantou-se da cama, onde se deitara sobre a colcha. Completamente indiferente ao paradeiro de Bathsheba, e quase esquecido da sua existência, desceu as escadas e saiu de casa pela porta das traseiras. Dirigiu-se a pé ao cemitério e, ao chegar, inspecionou o espaço até encontrar uma cova desocupada e recente — a cova feita no dia anterior para acomodar Fanny. Identificando-a e memorizando o lugar onde se encontrava, seguiu depressa para Casterbridge, parando apenas para meditar um instante na colina onde vira Fanny, em vida, pela última vez.

Ao chegar à cidade, enveredou por uma ruela e entrou por um portão sobre o qual havia um letreiro, onde se lia: «Lester, trabalhos de pedra e mármore.» No interior, viam-se pedras tumulares de todos os tamanhos e feitios, com inscrições que as consagravam à memória de pessoas não designadas e que ainda não tinham morrido.

Troy estava tão mudado no aspeto, na palavra e no gesto, que ele próprio tinha consciência disso. A sua forma de encomendar o sepulcro foi a de um homem sem qualquer experiência. Não conseguia refletir, calcular ou regatear o que quer que fosse. Queria obstinadamente uma coisa e tratou de obtê-la, como uma criança de colo.

— Preciso de um bom sepulcro — disse ao homem que se encontrava num pequeno escritório, no interior do pátio. — Quero o melhor que tiver

por vinte e sete libras.

Era todo o dinheiro que possuía.

— Essa soma inclui tudo?

— Tudo. A inscrição do nome, o transporte até Weatherbury e a sua montagem no solo. E preciso dele agora, de imediato.

— Não podemos aceitar encomendas especiais esta semana.

— Tenho de tê-lo agora.

— Se lhe agradar algum dos que temos em armazém, pode ser preparado de imediato.

— Muito bem — volveu Troy, com impaciência. — Vamos ver o que aí tem.

— O melhor que temos em armazém é este — disse o marmorista, ao entrar num telheiro. — Aqui tem uma estela em mármore, lindamente trabalhada com motivos florais, com medalhões por baixo representando temas típicos; a lápide para os pés do túmulo do mesmo modelo, e a capeia que fecha o sepulcro. Só o trabalho de polir este conjunto custou-me onze libras. Os blocos são dos melhores que por cá se fazem e posso assegurar-lhe que resistirão à chuva e à geada durante uma centena de anos.

— Quanto é?

— Bem, posso gravar o nome e fazê-lo chegar a Weatherbury pela soma que o senhor mencionou.

— Faça-o hoje e eu pago-lhe agora.

O homem assentiu e estranhou aquele estado de espírito num cliente que nada indicava que estivesse de luto. Troy escreveu de seguida as palavras que figurariam no epitáfio, fez o pagamento e saiu. À tarde, regressou à loja e viu que a inscrição estava quase terminada. Esperou no pátio que o túmulo fosse embalado e colocado dentro da carroça e, depois, deu instruções aos homens que o levariam para Weatherbury para que se informassem, junto do sacristão, a respeito da cova da pessoa designada no epitáfio.

Já era noite cerrada quando deixou Casterbridge. Levava no braço um cesto bastante pesado, com o qual percorreu a estrada a passos largos e melancólicos, descansando aqui e ali em pontes e cancelas, onde se aliviava uns instantes do seu fardo. A meio do caminho, cruzou-se com os homens e com a carroça que transportara o sepulcro e que agora

regressava na escuridão. Perguntou-lhes apenas se o trabalho fora concluído e, ao receber uma resposta positiva, continuou viagem.

Eram dez horas quando entrou no cemitério de Weatherbury e, de imediato, dirigiu-se àquele recanto onde identificara a cova vazia nessa manhã. O lugar situava-se à sombra da torre, o que o protegia em grande parte dos olhares dos transeuntes. Era um sítio que, até há pouco tempo, fora votado ao abandono, com montes de pedras e moitas de amieiro. Entretanto, tinha sido limpo e arranjado para poder acolher sepulturas, dada a acelerada ocupação de todo o espaço restante.

Ali se erguia o túmulo, como os homens lhe tinham dito, alvo como a neve e elegante na penumbra, composto de estela, à cabeceira da campa, e de uma lápide a seus pés, unidas pelo rebordo de mármore. No meio, havia húmus, adequado para plantar flores.

Troy pousou o seu cesto ao lado do túmulo e desapareceu por uns instantes. Quando voltou, trazia uma pequena pá e uma lanterna, cuja luz apontou para o mármore enquanto lia a inscrição. Depois, pendurou a lanterna no ramo mais baixo do teixo e tirou do cesto bolbos de várias espécies de flores. Havia campânulas-brancas, jacintos e crocos, violetas e margaridas, destinados a florir na primavera seguinte, e havia cravos, cravinas e cravos-mosqueados, lírios-do-vale, miosótis, despedidas-de-verão, açafrão-dos-prados e outros, que nasceriam noutras estações do ano.

Ele pousou-as na erva e, com um ar impassível, preparou-se para plantá-las. As campânulas-brancas foram arranjadas numa linha em redor da capeia e o que restou delas no interior da bordadura. Os crocos e jacintos cresceriam em filas; algumas das flores estivais plantou à altura da cabeça e dos pés do cadáver, os lírios e miosótis sobre o coração. As restantes foram distribuídas pelos espaços ainda vagos.

No seu desalento, não tinha consciência de que havia algo de absurdo na futilidade desta romântica demanda, motivada pelos remorsos que sentia da sua indiferença passada. Tendo herdado idiossincrasias de ambos os lados da Mancha, revelava nestas circunstâncias a rigidez do britânico, combinada com uma cegueira muito francesa perante essa ténue fronteira que separa o sentimento do sentimentalismo.

Era uma noite enevoada, sufocante e sombria e a lanterna de Troy

iluminava os dois velhos teixos com uma luz forte e estranha, que parecia tremeluzir na abóbada de nuvens negras. Ele sentiu uma gota de chuva grossa sobre as costas da mão e, logo a seguir, uma outra entrou por um orifício da lanterna, apagando a vela. Estava cansado e, agora que se aproximava a meia-noite e a chuva ameaçava recrudescer, resolveu deixar para o dia seguinte os acabamentos da sua obra. Avançou às cegas ao longo do muro e, a seguir, entre as sepulturas, até encontrar a fachada norte. Aqui, entrou para o pórtico e, estendendo-se sobre o banco, adormeceu.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

A Gárgula: Suas Façanhas

A torre da igreja de Weatherbury era uma construção quadrada datada do século XIV, munida de duas gárgulas de pedra em cada uma das quatro faces do seu parapeito. Destas oito esculturas protuberantes, apenas duas continuavam a servir o propósito que presidira à sua criação — o de cuspirem a água que caía do teto de chumbo. Em cada face, uma das duas bocas fora fechada por antigos sacristãos que as tinham considerado supérfluas, e havia mais duas partidas e entupidas — algo que não parecia ter consequências de maior para a saúde da torre, uma vez que as duas bocas que permaneciam abertas e ativas escoavam água suficiente.

Há quem defenda que não existe prova mais definitiva da vitalidade de um dado período artístico do que a inspiração dos seus mestres no que diz respeito ao grotesco; e é certo que, no caso da arte gótica, não há como refutar esta afirmação. A torre de Weatherbury era um exemplo de certo modo precoce do uso de um parapeito ornamental numa igreja paroquial, distinto do que se encontra nas catedrais, e as gárgulas, que são elementos indispensáveis de um parapeito, eram aqui excecionalmente proeminentes — com a forma mais audaciosa que a mão humana era capaz de fabricar, e o desenho mais original que o cérebro humano podia conceber. Havia, por assim dizer, essa simetria na distorção que é menos característica do grotesco inglês do que do seu equivalente continental na mesma época. As oito gárgulas eram todas distintas umas das outras. Quem contemplasse as da fachada norte convencido de que nada neste mundo poderia ser mais hediondo, logo mudaria de opinião ao ver as do lado sul. Das duas desta última fachada, apenas a da esquina sudeste entra nesta história: era demasiado humana para que se pudesse dizer que era um dragão, demasiado diabólica para representar um homem, demasiado animal para se assemelhar a um demónio e demasiado distinta de um pássaro para poder ser um grifo. Esta horrível entidade de pedra fora esculpida

de modo a parecer toda revestida por uma pele de couro enrugado; tinha orelhas pequenas e pontiagudas, olhos salientes, dedos e mãos que puxavam os cantos da boca como se quisessem abri-la para deixar passar a água que vomitava. A fileira inferior de dentes já cedera praticamente à erosão, embora a de cima permanecesse intacta. Projetando-se cerca de meio metro a partir da parede na qual fincava os dedos dos pés, esta criatura já se ria da paisagem circundante há quatrocentos anos, muda quando o tempo estava seco e com uma voz gorgolejante e rezingona quando estava molhado.

Enquanto Troy dormia sob o pórtico, a chuva acentuou-se. Nesse momento, a gárgula já cuspia. Ao fim de algum tempo, um pequeno regato começou a formar-se no espaço vazio de cerca de vinte metros que distanciava a sua boca do chão. Ganhando velocidade, as gotas de água bombardeavam o solo como chumbo grosso. A cascata inchou e ganhou força, afastando-se cada vez mais da fachada da torre. Quando a chuva começou a cair numa torrente contínua e incessante, a gárgula pôs-se a cuspir grandes volumes de água.

Sigamos agora o seu curso até ao chão. A foz desta parábola líquida, ao distanciar-se da parede, avançara sobre o rodapé da base da torre, por cima de um monte de pedras, e para lá do rebordo de mármore — até se despenhar no centro do túmulo de Fanny Robin.

Até há bem pouco tempo, um punhado de pedras soltas espalhadas no local atenuara o impacto direto da cascata sobre o solo. Durante o verão, estas pedras tinham sido removidas e já não havia nada que aplacasse a força da água a não ser a própria terra. Há anos que o ribeiro não fora cuspido para tão longe da torre como acontecia nessa noite, e não tinha sido tomada qualquer precaução. Aquele obscuro recanto já passara, aliás, dois ou três anos sem receber uma única visita, a não ser a do esporádico pedinte, gatuno ou outro inconveniente pecador.

A torrente que agora jorrava, ininterrupta, das mandíbulas da gárgula dirigiu toda a sua vingança contra a sepultura. O húmus rico, em tons de castanho, foi revirado, fervendo como chocolate. A água acumulou-se e infiltrou-se nas camadas mais fundas, e o rugido da lagoa assim formada espalhou-se na noite, à cabeça de todos os outros sons da mesma natureza criados pela chuva diluvial. As flores tão cuidadosamente

plantadas pelo amante contrito de Fanny começaram a mover-se e a contorcer-se no seu canteiro. As violetas de inverno viraram-se aos poucos de pernas para o ar, perdendo-se na lama em redor. Dali a pouco, as campânulas-brancas e os outros bolbos puseram-se a dançar na massa férvida, como os ingredientes num caldeirão. Plantas de espécies empenachadas soltaram-se da terra, emergiram à superfície e flutuaram para longe.

Já era dia quando Troy acordou do seu sono desconfortável. Tendo passado duas noites sem se deitar numa cama, sentia os ombros rígidos, os pés doridos e a cabeça pesada. Ao lembrar-se da sua situação, levantou-se, estremeceu, pegou no sabre e tornou a sair para a rua.

A chuva tinha cessado e o sol brilhava através da folhagem verde, castanha e amarela, agora cintilante e lustrosa graças às gotas de água, que lhe davam um fulgor semelhante ao das paisagens de Ruysdael e Hobbema[124]. O conjunto participava nessa beleza infinita que decorre da união da água e da cor com a luz. A transparência do ar depois desta chuva torrencial permitia que os tons do outono fossem tão ricos vistos de longe como de perto e que os campos distantes, intercetados pela esquina da torre, aparecessem no mesmo plano que aquela construção.

Troy entrou no carreiro que contornava a torre. Em vez do cascalho da noite anterior, o caminho exibia agora uma fina camada de lama castanha. Um pouco mais além, viu no chão um tufo de raízes fibrosas que a chuva lavara até ficarem limpas, como um feixe de tendões. Pegou nelas. Não podia acreditar que fosse uma das primaveras que tinha plantado. Avistou, então, um bolbo, depois um segundo e ainda um terceiro à medida que ia avançando. Não havia dúvida: eram os seus crocos. Abatido e perplexo, Troy dobrou a esquina e deparou-se com os estragos que a torrente de água provocara.

A poça que se formara sobre o sepulcro fora absorvida pelo solo, deixando, no seu lugar, uma cavidade. A terra revolta espirrara para cima da relva e do caminho, criando essa camada de lama castanha que ele acabara de ver. Esta manchara o túmulo de mármore da mesma cor. Quase todas as flores tinham sido arrancadas da terra e jaziam, com as raízes para cima, nos lugares para onde a torrente as levara.

A testa de Troy encheu-se de rugas. Ele cerrou os dentes, e os seus lábios, assim comprimidos, estremeceram como os de alguém em grande sofrimento. Este acidente singular, despertando uma série de emoções, foi sentido como o golpe mais rude de todos. O rosto de Troy era muito expressivo; quem o visse nesse momento teria dificuldade em acreditar que já fora um homem de riso fácil, amante de cantorias e dado a verter palavras de amor ao ouvido das mulheres. O seu primeiro impulso foi o de amaldiçoar o destino miserável, mas até esse estádio inferior da rebelião exigia uma certa energia que o desgosto lhe roubara. Esta cena, tal como se afigurou aos seus olhos, sobrepôs-se a todos os cenários lúgubres dos dias anteriores, criando uma espécie de clímax a todo o panorama. Era mais do que ele podia suportar. Otimista por natureza, possuía o engenho de iludir a dor — adiando-a. Conseguia suspender a ponderação de qualquer demónio interior até que o tempo acabasse por envelhecê-lo e suavizá-lo. Plantar flores na campa de Fanny tinha sido, sem dúvida, uma forma de enganar o sofrimento, e agora era como se a sua intenção tivesse sido descoberta e sabotada.

Talvez pela primeira vez na sua vida, diante daquela campa desmantelada, Troy desejou ser outro homem. É raro que um indivíduo com um instinto tão animal não sinta que a sua vida, pelo simples facto de ser sua, é mais promissora do que a de outros que a ele se assemelhem em todos os aspetos. Troy já sentira centenas de vezes, ainda que de forma fugaz, que não era capaz de invejar a condição alheia: isso implicaria ter uma personalidade diferente, e ele não desejava outra que não a dele. Não se ralava com as peculiaridades do seu nascimento, com as vicissitudes da vida ou com a meteórica incerteza de tudo o que lhe dizia respeito, porque estas pertenciam ao herói da sua história, sem o qual não teria havido, para ele, qualquer narrativa. Parecia-lhe, de resto, que estava na natureza das coisas que tudo acabasse, na devida altura, por resolver-se, terminando bem. Nessa manhã, a ilusão desaparecera de vez e, de repente, Troy detestou-se a si próprio. O caráter inesperado deste sentimento talvez fosse, todavia, mais aparente do que real. Um recife de coral que não chega a romper a superfície do mar não pertence mais ao horizonte do que se nunca tivesse existido, e o simples remate final parece, muitas vezes, vir criar um acontecimento que, no fim de contas, já era há muito

um facto consumado.

Troy demorou-se ali, pensativo — um homem infeliz. Para onde deveria ir? «Aquele que foi amaldiçoado, maldito continue a ser»[125] era o implacável anátema escrito nesse esforço abortado da sua embrionária solicitude. Um homem que usou grande parte das suas forças a ir numa dada direção já não tem ânimo que chegue para inverter a sua rota. Troy começara, no dia anterior, a inverter timidamente a dele; mas o mais ínfimo obstáculo já o desmotivara. Mesmo com todo o apoio da Providência, teria tido grandes dificuldades em corrigir-se; mas descobrir que esta última, longe de ajudá-lo a seguir um novo rumo ou de mostrar algum desejo de que ele o adotasse, escarnecera da sua primeira e insegura tentativa, tão crucial para ele, era mais do que poderia suportar.

Devagar, afastou-se da campa. Não tentou preencher a cova, substituir as flores ou fazer o que quer que fosse. Limitou-se a baixar os braços, a abandonar para sempre a partida. Depois de sair do cemitério em silêncio e sem ser visto — nenhum dos aldeões tinha acordado ainda —, atravessou alguns campos nas traseiras e dirigiu-se, do mesmo modo discreto, à estrada principal. Dali a pouco, abandonava a aldeia.

Entretanto, Bathsheba permanecia voluntariamente encarcerada no sótão. A porta manteve-se fechada, abrindo-se apenas para as entradas e saídas de Liddy, para quem fora arranjada uma cama num pequeno quarto adjacente. Durante o jantar, por volta das dez horas, a camareira olhara casualmente pela janela e reparara na luz da lanterna de Troy no cemitério, chamando a atenção de Bathsheba para o facto. As duas mulheres contemplaram o fenómeno com interesse durante algum tempo, até Liddy ser dispensada.

Bathsheba não dormiu bem nessa noite. Enquanto a sua dama de companhia respirava suavemente, adormecida no quarto ao lado, a senhora da casa continuou a olhar pela janela, fitando aquela luz ténue que estendia os seus raios sobre a copa das árvores — não num fulgor contínuo, mas como o luzeiro de um farol giratório. Não lhe ocorreu, no entanto, que isto podia ser provocado pelo movimento de uma pessoa a passar à frente da lanterna. Bathsheba ficou sentada à janela até começar a chover e a luz se extinguir ao longe. Depois, retirou-se para a cama, numa inquietude que a levou a recordar, de cabeça exausta, a

cena sinistra da véspera.

Instantes antes de o primeiro sinal da madrugada se fazer sentir, tornou a levantar-se e abriu a janela para respirar o ar fresco da manhã. Os vidros estavam cobertos de lágrimas trémulas, deixadas pela chuva que caíra durante a noite, cada uma delas orlada de um brilho pálido que refletia os tons rosados de uma nuvem baixa no céu matinal. Das árvores, chegava-lhe o som de um gotejar contínuo sobre as folhas caídas no chão e, vindo da igreja, distinguia um outro som — peculiar e não intermitente como os outros: o murmúrio da água a cair numa piscina.

Liddy bateu à porta às oito e Bathsheba abriu.

— Que aguaceiro que caiu durante a noite, s'nhora! — comentou a criada, quando já tinha feito as perguntas necessárias a respeito do pequeno-almoço.

— Sim, chuva grossa.

— E ouviu aquele estranho ruído, vindo do cemitério?

— Ouvi um ruído estranho. Penso que deve ter sido a água das goteiras da torre.

— Era isso mesmo que o pastor estava a dizer, s'nhora. Ele foi agora lá ver.

— Oh! Gabriel já cá esteve esta manhã?

— Só passou para cumprimentar... como era seu hábito em tempos e entretanto deixou de ser. Mas as goteiras da torre costumavam cuspir para as pedras, e isto confunde-nos, porque o som parecia ser o de um tacho a fervilhar.

Sem forças para ler, pensar ou trabalhar, Bathsheba pediu a Liddy que tomasse o pequeno-almoço com ela. A língua da mulher mais infantil continuava a discorrer sobre os últimos acontecimentos.

— A s'nhora vai à igreja? — perguntou.

— Não me parece — respondeu Bathsheba.

— Achei que talvez gostasse de ir ver o lugar onde puseram Fanny. Da sua janela, a árvore esconde-o.

Bathsheba receava, acima de tudo, cruzar-se com o marido.

— O senhor Troy voltou esta noite? — perguntou.

— Não, minha s'nhora; penso que ele foi a Budmouth.

Budmouth! O simples som da palavra evocava a pouca estima que

Troy e os seus atos agora lhe inspiravam. Nesse momento, separava-os um intervalo de vinte quilómetros. Ela odiava ter de questionar Liddy a respeito dos movimentos do marido e, até ali, tinha evitado fazê-lo. Mas, agora, a casa inteira sabia da terrível desavença que houvera entre os dois e era inútil tentar disfarçar. Bathsheba chegara a esse estado em que as pessoas deixam de ter qualquer interesse pela opinião pública.

— O que te faz pensar que ele foi para lá? — indagou.

— Laban Tall viu-o na estrada para Budmouth, esta manhã, antes do pequeno-almoço.

Por momentos, Bathsheba sentiu-se aliviada do fardo opressor das últimas vinte e quatro horas, que nela tinham sufocado o vigor da juventude sem o substituírem pela filosofia da maturidade. Resolveu ir caminhar um pouco. Findo o pequeno-almoço, pôs o chapéu e dirigiu-se à igreja. Eram nove da manhã e não era provável que se cruzasse pelo caminho com nenhum dos seus empregados, uma vez que, por essa altura, estariam a regressar do trabalho para a primeira refeição do dia. Sabia que Fanny tinha sido enterrada no canto dos réprobos, a que os habitantes da paróquia chamavam «atrás da igreja», o qual era invisível a partir da estrada. Não conseguiu resistir ao impulso de entrar e contemplar a sepultura, ainda que sentimentos desconhecidos lhe inspirassem o receio de a ver. Fora incapaz de pôr de parte a suspeita de que existia um elo entre a sua rival e a luz que, nessa noite, iluminara a copa das árvores.

Contornando o contraforte, deparou-se com a cova e com a campa, cuja superfície delicadamente jaspeada se encontrava suja e manchada tal como Troy a vira e deixara duas horas antes. À sua frente, estava Gabriel. Os olhos dele também se tinham fixado no sepulcro e, não tendo feito barulho ao chegar, Bathsheba ainda não atraíra a sua atenção. Ela não tinha percebido que aquele grande túmulo e a sua jazida revolta eram os de Fanny, e olhou para todos os lados em busca de uma campa mais modesta, coberta de terra, como era a tradição. Os seus olhos seguiram, então, os de Oak e leram as palavras que abriam o epitáfio:

ERGUIDA POR FRANCIS TROY
EM MEMÓRIA DA MUITO AMADA
FANNY ROBIN

Oak viu-a e o seu primeiro gesto foi interrogá-la com o olhar, tentando adivinhar como recebera ela as palavras ali escritas, que a si próprio causavam um profundo espanto. Mas tais descobertas já não a afetavam. As convulsões emocionais pareciam ter-se tornado os lugares-comuns da sua história; Bathsheba deu-lhe os bons-dias e pediu-lhe que enchesse a cavidade com a pá que estava ao lado. Enquanto Oak cumpria as suas ordens, ela recolheu as flores e começou a plantá-las com esse intuitivo manejo de raízes e folhas que é tão evidente na jardinagem feminina, as flores parecendo compreender e regozijar-se com ele. Pediu, também, a Oak que convencesse os sacristãos a virar o cano de chumbo na boca da gárgula, que os olhava de mandíbula aberta, de modo a que a cascata fosse dirigida para o lado, o que evitaria a repetição do acidente. Por fim, com a excessiva magnanimidade de uma mulher cuja falta de instinto atraíra a amargura em vez do amor, limpou as manchas de lama da lápide, como se até gostasse de ver aquelas palavras, e voltou para casa[126].

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Aventuras na Costa

Troy seguiu caminho devagar, rumo ao Sul. Um sentimento complexo, feito do tédio que lhe inspirava a rotina monótona da vida de lavrador, de recordações melancólicas daquela que jazia no cemitério, de remorsos e de uma aversão ao convívio com a sua mulher, levava-o a procurar casa em qualquer lugar menos em Weatherbury. As tristes circunstâncias da morte de Fanny assombravam-no com imagens vívidas que ameaçavam ser indeléveis e que tornavam a vida na casa de Bathsheba insuportável. Às três da tarde, viu-se no sopé de uma encosta que se estendia por mais de um quilómetro até ao espinhaço de uma serrania paralela ao litoral. Esta formava uma melancólica barreira entre a bacia interior das terras cultivadas e o cenário mais agreste da costa. Uma estrada quase direita e imaculadamente branca subia ao cume da primeira colina. Os seus dois lados iam-se aproximando, num afunilamento gradual, até se unirem no céu lá em cima, a cerca de três quilómetros do sítio onde ele estava. Nessa tarde ofuscante, não havia um único sinal de vida à vista nesse declive estreito, íngreme e maçador. Troy enfrentou a subida com uma languidez e uma tristeza maiores do que quaisquer outras que já tinha conhecido. O ar estava quente e húmido e o cume parecia recuar à medida que ele se ia aproximando.

Por fim, chegou ao cimo, e um novo e vasto panorama explodiu à sua frente com o mesmo impacto que teve o Pacífico ao revelar-se a Balboa[127]. A extensão metálica do mar, apenas marcada por algumas vagas quase impercetíveis cujo traço não era suficientemente fundo para lhe perturbar a placidez, ocupava toda a paisagem diante dos seus olhos e à sua direita, onde se distinguia também a cidade e o porto de Budmouth. Neles, incidia o sol, banindo toda a cor e oferecendo em seu lugar o brilho claro de um verniz a óleo. Nada se movia no céu, na terra ou no mar, a não ser um folho de espuma branca como o leite, que delineava a costa e vinha lamber a rocha contígua como uma sucessão

de línguas.

Descendo, Troy chegou a uma pequena enseada cercada de falésias. O cenário revigorava-o, e decidiu descansar e banhar-se ali antes de seguir caminho. Despiu-se e mergulhou. Ao abrigo daquela angra, o mar perdia o seu interesse para um nadador, sendo calmo como um lago. Para sentir um pouco de ondulação, Troy avançou por entre os dois espinhaços de rocha que eram como as colunas de Hércules[128] para aquele Mediterrâneo em miniatura. Infelizmente, uma corrente desconhecida existia do lado de fora, a qual, embora não afetasse a mais pequena embarcação, representava um desafio para qualquer banhista imprudente que por ela fosse colhido. Troy viu-se arrastado para a esquerda e, depois, num redemoinho, para o mar alto.

Foi nesse momento que se recordou da sinistra reputação do lugar. Muitos banhistas tinham ali rezado por uma morte seca e, à semelhança de Gonzalo[129], não tinham obtido resposta. Ele começou a achar que se juntaria aos demais. Não havia um único barco à vista, mas, ao longe, Budmouth pairava sobre o mar e parecia assistir impavidamente aos seus esforços, enquanto o porto ao lado da cidade denunciava a sua posição por uma amálgama de mastros e cordames. Depois de quase esgotar as suas forças a tentar voltar para a boca da enseada — mergulhando mais fundo na água do que era sua intenção, respirando apenas pelo nariz, virando-se de costas uma dúzia de vezes, nadando *en papillon*, entre outros estratagemas —, Troy resolveu, em último recurso, manter-se à tona, com uma ligeira inclinação. Tentaria alcançar terra em qualquer ponto da costa, por via de um pequeno impulso para dentro, enquanto se deixava arrastar pela corrente. Este sistema, embora necessariamente lento, não lhe pareceu assim tão difícil. Ainda que a escolha de embarcadouro não fosse evidente — os objetos na costa desfilavam ao seu lado numa triste e demorada procissão —, era claro que se aproximava da ponta de um braço de terra, situado mais à direita, que agora se recortava com nitidez nessa parte ensolarada do horizonte. Enquanto os olhos do nadador se fixavam no braço de terra como seu único meio de salvação daquele lado do Desconhecido, um objeto móvel destacou-se da sua extremidade: era um bote levado por vários marinheiros que remavam na direção do mar.

Todo o vigor de Troy regressou, então, em espasmos para prolongar a luta um pouco mais. Nadando com o braço direito, ergueu o esquerdo para os chamar, esparrinhou na água e gritou com todas as suas forças. Dada a posição do poente, a sua forma branca era agora bem visível no fundo plúmbeo do mar, a estibordo da pequena embarcação, e os homens viram-no de imediato. Mudando de rota, remaram direitos a ele com uma só vontade e, cinco ou seis minutos depois de os ter chamado, já dois marinheiros o tinham içado para cima da popa.

Eram uma parte da tripulação de um brigue e tinham vindo a terra em busca de areia. Emprestando-lhe a pouca roupa de que podiam prescindir para que ele se protegesse da frescura da tarde, decidiram levá-lo a terra no outro dia de manhã e, sem perderem mais tempo, pois já se fazia tarde, regressaram à enseada onde estava ancorado o navio.

A noite avançou devagar sobre a imensidão líquida. Não longe deles, ali onde o recorte da costa descrevia uma curva e formava uma comprida faixa de sombra sobre o horizonte, uma série de pontos luminosos despontaram na paisagem, revelando a presença da cidade de Budmouth, onde se acendiam agora as luzes dos candeeiros da avenida.

O som dos remos a sulcar as águas era o único que se ouvia no meio do mar e, enquanto os marinheiros labutavam na sombra cada vez mais espessa, as luzes aproximaram-se, cada uma parecendo lançar uma espada em chamas às ondas à frente deles, até que destas emergiu, entre outros vultos igualmente difusos, a forma da embarcação para onde se dirigiam.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Dúvidas Surgem e Perduram

As horas tornaram-se dias, e Bathsheba suportou a ausência do marido com um ligeiro sentimento de surpresa e de alívio, sem que nenhuma destas sensações alguma vez se erguesse acima desse patamar a que é comum chamar-se «indiferença». Ela pertencia-lhe: as certezas desta condição eram tão claras e definidas — e as probabilidades de dela se evadir tão remotas — que Bathsheba não podia deter-se em especulações fúteis. Perdendo todo o interesse em si própria como mulher admirável, assumiu a seu respeito a atitude desligada de um desconhecido que a soubesse destinada a um triste e solitário fim. Pois eram mais negras do que permitia a realidade as cores com que ela pintava agora a sua existência e o seu futuro. O orgulho vigoroso da juventude adoecera e, com ele, tinham-se dissipado todas as suas ansiedades a respeito de anos vindouros, uma vez que a ansiedade reconhece uma alternativa melhor e outra pior, e Bathsheba decidira que, no seu caso, as alternativas dignas de nota já se tinham esgotado. Mais cedo ou mais tarde — e não seria muito mais tarde —, Troy regressaria a casa. E, nessa altura, os seus dias à cabeça da exploração da Quinta de Cima estariam contados. No princípio, o administrador do domínio mostrara alguma reserva quanto à sucessão de Bathsheba, como rendeira, a James Everdene, em virtude do seu sexo, da sua juventude e da sua beleza. No entanto, a natureza particular do testamento do tio e a sua insistência frequente, antes de morrer, na capacidade da sobrinha para levar a cabo aquela missão — acrescidos da forma vigorosa como ela assumira o controlo dos numerosos rebanhos e manadas que tinham vindo subitamente parar às suas mãos, antes de as negociações serem concluídas — inspiraram uma confiança na sua competência, pondo fim a todas as objeções. Nos últimos tempos, tinham-na assaltado grandes dúvidas quanto às consequências legais que o casamento teria na sua posição; mas nada lhe fora assinalado desde que mudara de apelido. Uma coisa era certa:

caso em janeiro, chegado o dia assinalado, ela própria, ou o marido, não cumprisse as suas obrigações junto do administrador, muito pouca tolerância lhes seria mostrada e, em boa verdade, muito pouca seria merecida. Assim que fossem expulsos da quinta, a miséria era inevitável.

Assim sendo, Bathsheba convencera-se de que os objetivos que se propusera atingir lhe escapavam. Não era uma mulher que acalentasse esperanças sem que houvesse razões concretas para tê-las. E nisso distinguia-se das menos lúcidas e enérgicas, ainda que mais dóceis, versões do seu sexo, nas quais a esperança funciona como uma espécie de relógio a que o mínimo de alimento dá corda. Vendo com clareza que o erro que cometera tinha sido fatal, aceitou a sua situação e aguardou pelo fim com serenidade.

No primeiro sábado após a partida de Troy, foi a Casterbridge sozinha, uma viagem que ainda não voltara a fazer desde o seu casamento. Nesse dia, atravessou a pé, devagar, a multidão de empresários rurais que se reunia, como era costume, à frente do mercado. Os citadinos, observando-os, diziam que a vida santa daqueles homens tinha o preço elevado da exclusão de toda a função municipal, quando um homem que parecia segui-la dirigiu algumas palavras a outro que se encontrava à sua esquerda. Bathsheba tinha o ouvido fino de um animal selvagem e percebeu perfeitamente o que o homem dissera, embora estivesse virada de costas para ele.

— Procuro a senhora Troy. Ela está aqui hoje?

— Está sim; é essa jovem senhora, creio eu — respondeu o homem questionado.

— Trago-lhe uma notícia delicada. O marido afogou-se.

Como se imbuída de um espírito profético, Bathsheba arquejou:

— Não, não é verdade; não pode ser verdade!

Depois, nada mais disse ou ouviu. O autodomínio glacial que, nos últimos tempos, a rodeara tinha acabado de estilhaçar-se, e a torrente tornou a jorrar, submergindo-a. De súbito, viu tudo negro e caiu.

Mas não no chão. Um homem melancólico, que a observava do pórtico do velho edifício da Bolsa de Cereais, desde que Bathsheba atravessara a multidão, acudiu no momento em que a ouviu exclamar e apanhou-a antes de ela cair.

— O que foi que aconteceu? — perguntou Boldwood, enquanto a

sustinha, olhando para o homem que trouxera a má notícia.

— O marido dela afogou-se esta semana enquanto se banhava na enseada de Lulwind. Um guarda-costeiro encontrou a roupa dele e levou-a ontem para Budmouth.

Nesse momento, uma estranha chama acendeu-se nos olhos de Boldwood e o seu rosto corou sob o efeito empolgante de um pensamento inconfessável. Todos os fitavam agora, a ele e à inconsciente Bathsheba. O lavrador ergueu-a em peso, alisou-lhe os refegos do vestido como uma criança que pega num pássaro açoitado pelo temporal e lhe arranja as penas despenteadas, e levou-a pela rua até à Hospedaria dos Braços do Rei. Aqui, passou pela entrada arqueada e dirigiu-se a um quarto particular. Assim que depositou — cheio de relutância — o precioso fardo sobre um sofá, Bathsheba abriu os olhos. Recordando-se de tudo, murmurou:

— Quero ir para casa!

Boldwood saiu do quarto. Ficou uns instantes no corredor, a recuperar. O momento fora demasiado intenso para que a consciência conseguisse acompanhá-lo e, agora que já registara o sucedido, escapara-lhe de novo. Durante alguns minutos preciosos, celestiais, tivera-a nos seus braços. Que importava que ela não estivesse acordada? Sentira-a encostada ao seu peito; junto do peito dela.

O lavrador pediu a uma mulher que se ocupasse de Bathsheba e tornou a sair para se inteirar de todos os pormenores do caso. Estes pareciam limitar-se ao que ele já tinha ouvido. Ordenou, então, que o cavalo dela fosse atrelado ao cabriolé. Quando já estava tudo a postos, voltou à hospedaria para informá-la. Apesar de a encontrar ainda lívida e indisposta, viu que Bathsheba já mandara chamar o homem de Budmouth, o que trouxera a notícia, ficando a saber de tudo o que havia para saber.

Com toda a delicadeza de trato e sentimento, ele ofereceu-se para lhe arranjar um condutor, ou um lugar no seu próprio faetonte, mais confortável do que o veículo dela, pois não a via em condições de levar o cabriolé para casa tal como o trouxera até à cidade. Bathsheba recusou estas ofertas com gentileza, e o lavrador não tardou a partir.

Cerca de meia hora mais tarde, ela fez um esforço para se recompor, instalou-se no cabriolé e pegou nas rédeas como era seu hábito — nada

na sua aparência indicava que alguma coisa se tinha passado. Saindo da cidade por uma ruela sinuosa, seguiu devagar o seu caminho, sem reparar na estrada ou na paisagem em redor. Já se faziam notar as primeiras sombras do crepúsculo quando chegou ao seu destino. Aqui, desceu em silêncio do cabriolé, entregou o cavalo a um rapaz, entrou em casa e subiu ao andar de cima. Liddy foi ao seu encontro no patamar. A notícia chegara meia hora mais cedo a Weatherbury, e a criada olhou para a sua senhora com um ar interrogativo. Bathsheba não tinha nada para dizer.

Entrando no quarto, sentou-se à janela e pôs-se a pensar. Meditou até a noite a envolver e restarem apenas os contornos da sua silhueta. Alguém se aproximou então da porta e, batendo, abriu-a.

— O que é, Liddy? — perguntou.

— Estava a pensar que deve haver alguma coisa que a senhora possa vestir — respondeu a rapariga, hesitante.

— Como assim?

— De luto.

— Não, não, não — replicou ela, de imediato.

— Mas imagino que seja preciso fazer alguma coisa pelo...

— De momento, não, penso eu. Não será necessário.

— Porquê, s'nhora?

— Porque ele ainda está vivo.

— Como é que sabe? — volveu Liddy, admirada.

— Não sei. Mas não achas que teria sido diferente? Não teria eu sabido mais qualquer coisa? Não teriam eles encontrado o corpo, Liddy? Não sei explicar porquê, mas sinto que a morte seria diferente disto. Pode haver aqui algum engano. Estou convencida de que ele ainda está vivo!

Bathsheba manteve-se firme na sua convicção até segunda-feira, altura em que duas circunstâncias se uniram para abalá-la. A primeira foi um parágrafo curto no jornal local, que, para além de apresentar metodicamente a pretensa prova irrefutável da morte de Troy por afogamento, citava o importante testemunho de um certo Sr. Barker, doutor em medicina, de Budmouth, que afirmava numa carta ao editor ter sido uma testemunha ocular do acidente. Nesta, contava que ia a passar

no cimo da falésia, do lado mais distante da enseada, no momento em que o Sol se punha, quando viu um banhista ser arrastado pela corrente para longe da costa. Adivinhou nesse instante que o pobre teria poucas hipóteses, a menos que fosse munido de uma força muscular incomum. Vendo-o flutuar para trás de um braço de terra, o Sr. Barker seguiu pela costa na mesma direção. Quando alcançou um ponto que oferecia uma vista panorâmica do mar lá em baixo, já o crepúsculo se adensara e nada mais ressaltou ao seu olhar.

A segunda circunstância foi a chegada das roupas de Troy, quando se tornou necessário que ela as examinasse e identificasse — embora isto já tivesse sido feito muito tempo antes, por aqueles que haviam inspecionado as cartas que ele levava no bolso. No meio do seu alvoroço, era tão evidente para Bathsheba que Troy se despira convicto de que voltaria a vestir-se dali a pouco, que lhe parecia perverso imaginar que só a morte poderia tê-lo impedido.

Depois, disse para consigo que os outros pareciam seguros das suas opiniões; era curioso que ela não o estivesse. Desenvolveu então um raciocínio estranho, que a fez corar: e se Troy tivesse seguido Fanny até ao outro mundo? Tê-lo-ia feito deliberadamente, esforçando-se para que a sua morte parecesse um acidente? Fosse como fosse, esta ideia de que a aparência podia diferir da realidade — reforçada pelo ciúme que ela sentira de Fanny e pelo remorso que ele mostrara naquela noite — inspirava-lhe uma alternativa menos trágica, ainda que bem mais desastrosa para si própria.

Quando ficou sozinha nessa noite, à lareira, já muito mais calma, pegou no relógio de Troy, que lhe fora devolvido juntamente com os outros objetos pessoais do marido. Abriu-o, tal como ele o abrira à frente dela uma semana antes. Ali estava o caracol de cabelo claro que tinha sido o rastilho daquela grande explosão.

— Ele era dela e ela era dele; deviam ter partido juntos — afirmou. — Eu não sou nada para nenhum dos dois. Por que razão hei de conservar o cabelo dela? — Pegou na mecha e aproximou a mão das chamas. — Não. Não vou queimá-lo. Guardá-lo-ei em sua memória, pobrezinha! — disse, e recolheu a mão.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

A Promoção de Oak — Uma Grande Esperança

Ao fim do outono sucedeu-se o inverno e um tapete de folhas cobriu a terra dos caminhos e o musgo das florestas. Tendo vivido até ali num estado de emoção suspensa que não chegava a ser uma ansiedade, Bathsheba vivia agora uma quietude que não era exatamente uma paz. Enquanto o julgara vivo, poderia ter contemplado a morte dele com placidez; agora que talvez o tivesse perdido, lamentava que ele já não lhe pertencesse. Manteve a quinta em funcionamento, acumulou lucros sem lhes dar grande valor e desbaratou dinheiro em aventuras porque já o fizera noutro tempo que, não sendo remoto, lhe parecia infinitamente distante do momento presente. Contemplava esse passado como quem olha para a outra margem de um grande abismo; como se fosse agora uma pessoa morta, ainda provida da faculdade do pensamento, e esta lhe permitisse, à semelhança das figuras em ruína que canta o poeta[130], sentar-se a sonhar com essa dádiva que fora a vida.

Não obstante, a sua persistente apatia produzira como excelente resultado a já muito adiada promoção de Oak a maioral. Dado que, para todos os efeitos, ele já exercia essa função há muito tempo, a mudança, tirando o aumento substancial de salário que acarretava, pouco mais era do que uma formalidade dirigida ao mundo exterior.

Boldwood vivia em reclusão e inatividade. Grande parte do seu trigo e toda a sua cevada dessa estação tinham sido destruídos pela chuva. A plantação germinara, crescera num novelo emaranhado e acabara por ser lançada aos porcos às mãos-cheias. A estranha negligência que produzira esta ruína e este desperdício tornou-se motivo de falatório entre as pessoas das imediações; e um dos homens ao serviço do lavrador sentiu-se na obrigação de esclarecer que o esquecimento nada tinha que ver com o caso, uma vez que Boldwood fora relembrado do perigo que corria a sua colheita com toda a frequência e insistência a que se tinham atrevido os seus subordinados. A visão dos porcos a

desviarem-se, repugnados, das espigas apodrecidas parecia tê-lo, enfim, arrancado ao seu torpor e, uma noite, Boldwood mandou chamar Gabriel Oak. Quer a ideia lhe tivesse sido ou não suscitada pela recente promoção feita por Bathsheba, o lavrador propôs na entrevista que Gabriel assumisse também a supervisão da Quinta de Baixo, pois carecia dessa ajuda e não encontrava homem em quem mais confiasse. A má sorte do pastor estava a chegar ao fim.

Quando ficou a saber desta proposta — uma vez que Oak era obrigado a consultá-la —, Bathsheba começou por recusar, sem grande convicção. Argumentou que as duas quintas juntas eram demasiada terra ao cuidado de um só homem. Motivado por razões mais pessoais do que comerciais, Boldwood sugeriu que Oak fosse munido de um cavalo para seu uso exclusivo. Como as duas plantações eram contíguas, isto eliminaria o problema. O lavrador não comunicou diretamente com Bathsheba durante estas negociações, falando apenas com Oak, que era o mensageiro entre os dois. No fim, tudo se resolveu de forma harmoniosa e, de momento, vemos Gabriel montado num vigoroso garrano, com o qual percorre a trote, todos os dias, uma extensão de cerca de dois mil acres, em alegre espírito de vigia, como se todas aquelas colheitas lhe pertencessem — a atual rendeira de uma metade e o senhor da outra estando fechados nas suas respetivas casas, em sombria e melancólica reclusão.

Disto nasceu na paróquia, durante a primavera seguinte, o rumor de que Gabriel Oak estava a fazer o seu ninho.

— Digam vossemecês o que quiserem — lançou Susan Tall —, Gabriel Oak não tarda é um s’nhor. É vê-lo duas a três vezes na semana de botas engraxadas que nem uma mancha têm e, aos domingos, anda de chapéu alto e já nem sabe o que é um camisão. Quando vejo gente de peito inchado, como um pavão, fico muda d’espanto e não abro mais a boca!

Veio-se a saber que Gabriel, embora recebesse de Bathsheba um salário fixo e independente das flutuações dos lucros agrícolas, fizera um acordo com Boldwood em como receberia uma percentagem das receitas. Uma pequena percentagem, é certo, mas era dinheiro de qualidade superior a um salário vulgar, e capaz de multiplicar-se de uma forma que os salários não podiam. Alguns começaram a vê-lo como um

quase senhor. Contudo, ainda que a sua situação tivesse melhorado, Oak não vivia com mais luxo do que antes, ocupando a mesma casa, descascando as suas batatas, remendando as suas meias e, por vezes até, fazendo a cama onde dormia com as suas próprias mãos. No entanto, como era um homem indiferente à opinião pública — de uma maneira que chegava a ser provocadora — e que se mantinha fiel aos velhos usos e costumes, apenas porque eram velhos, havia espaço para dúvidas quanto à natureza dos seus motivos.

Nos últimos tempos, uma grande esperança nascera em Boldwood, cuja irracional devoção a Bathsheba só poderia ser caracterizada como uma espécie de loucura que nem o tempo, nem as circunstâncias, as boas ou más relações, poderiam atenuar ou destruir. Esta esperança febril voltara a germinar, como uma semente de mostarda[131], durante o sossego que se seguira ao anúncio precipitado do afogamento de Troy. Boldwood alimentava-a a medo, e quase evitava contemplá-la, não fossem os factos trair a demência do sonho. Bathsheba fora enfim convencida a vestir-se de luto, e a sua aparição na igreja era, por si só, uma confirmação semanal da fé que ele depositava nesse momento — ainda distante, é certo, mas cada vez mais próximo — em que a sua espera daria frutos. Quanto tempo ao certo teria de esperar não era algo em que Boldwood se detivesse longamente. Mas tentava convencer-se de que a dura lição que a vida lhe ensinara tornara Bathsheba muito mais sensível aos sentimentos dos outros, e tinha esperanças de que, se um dia ela decidisse voltar a casar-se, ele seria o eleito. Bathsheba tinha um bom fundo: os seus sentimentos de culpa pelo mal que tão levianamente lhe provocara talvez pudessem agora ser explorados, como nunca poderiam tê-lo sido antes do seu enamoramento e da sua desilusão. Já seria possível abordá-la apelando à sua bondade e sugerir-lhe um pacto amigável, quase contratual, a ser cumprido nalgum dia futuro. Para isso, bastava que ele lhe ocultasse todo o lado passional do seu desejo. Era esta a expectativa de Boldwood.

Aos olhos dos homens de meia-idade, Bathsheba possuía agora um encanto acrescido. A sua exuberância fora podada; o original espírito de alegria revelara-a não demasiado brilhante para o alimento diário da natureza humana[132,] e ela conseguira entrar nesta segunda fase poética

da sua existência sem perder muito da primeira no processo.

O seu regresso, após uma estada de dois meses em Norcombe, em casa de uma velha tia, deu ao lavrador apaixonado e ansioso um pretexto para perguntar por ela. Bathsheba entrava agora no nono mês da sua viuvez, e Boldwood ficaria com uma ideia do seu estado de espírito em relação a ele. Isto aconteceu no meio da ceifa e o lavrador arranjou maneira de aproximar-se de Liddy, que estava a dar uma ajuda nos campos.

— Folgo em vê-la ao ar livre, Lydia — disse, num tom amável.

Liddy fez um sorriso forçado e interrogou-se por que motivo lhe falaria ele com aquelas liberdades.

— Espero que a senhora Troy esteja bem de saúde após a sua longa ausência — prosseguiu, insinuando que o mais frio dos vizinhos não deixaria de perguntar por ela.

— Ela está muito bem, senhor.

— Está contente, suponho.

— Sim, contente.

— Temente, foi o que disse?

— Oh, não. Eu disse apenas que ela estava contente.

— E ela fala-lhe de tudo?

— Não, senhor.

— De alguma coisa?

— Sim, senhor.

— A senhora Troy confia muito em si, Lydia, o que talvez seja sábio.

— É verdade, senhor. Dei-lhe o meu apoio durante os momentos mais difíceis, estive ao seu lado na altura em que o senhor Troy se foi embora e tudo. E, se ela voltar a casar-se, espero poder continuar com ela.

— Ela já lho prometeu... é natural — replicou o estratégico enamorado, palpitando dos pés à cabeça perante o que as palavras de Liddy pareciam insinuar: que a sua amada ponderava voltar a casar-se.

— Não... Ela não mo prometeu propriamente. É apenas uma suposição minha.

— Sim, sim, eu compreendo. Quando ela menciona a possibilidade de voltar a casar-se, a Liddy depreende que...

— Ela nunca mencionou tal coisa, senhor — volveu a criada, achando que o Sr. Boldwood estava, de facto, a ficar muito estúpido.

— Claro que não — apressou-se ele a responder, a esperança escapando-lhe de novo. — Não devia ir tão longe com o seu ancinho, Lydia. Gestos mais curtos e mais rápidos são os melhores. Sim, como voltou a ser senhora absoluta do seu domínio, talvez seja sensato da parte dela nunca mais abdicar dessa liberdade.

— É verdade que a minha senhora disse uma vez, embora não fosse a sério, que talvez pensasse em casar-se de novo ao fim de sete anos a contar do último, para não correr o risco de o senhor Troy voltar e reclamá-la.

— Ah, daqui a seis anos. Disse que talvez pensasse nisso. Mas ela pode casar-se já, na opinião de qualquer pessoa de bom senso, o que quer que os advogados digam em contrário.

— O senhor foi perguntar-lhes? — contrapôs Liddy, inocente.

— Eu não — replicou Boldwood, corando. — Liddy, não precisa de ficar aqui nem mais um minuto se não o desejar, foi o que disse o senhor Oak. E eu vou à minha vida. Boa tarde.

Boldwood foi-se embora, furioso consigo próprio e envergonhado por ter agido, pela primeira vez na sua vida, com um certo grau de dissimulação. O pobre tinha a fineza de um aríete e ficara inquieto com a ideia de se ter colocado numa posição em que parecera idiota ou, pior do que isso, manhoso. Mas tinha, no fim de contas, esclarecido uma questão que compensava tudo o resto. Tratava-se de um facto particularmente novo e promissor e, ainda que não fosse desprovido de tristeza, era pertinente e concreto: a possibilidade de Bathsheba vir a casar-se com ele dali a pouco mais de seis anos. Havia nesta esperança uma certa solidez, porque, apesar de reconhecer que as palavras de Bathsheba a Liddy não tinham sido fruto de muita reflexão, estas mostravam, pelo menos, que ela pensara no assunto.

A agradável ideia não lhe saía da cabeça. Seis anos era muito tempo, mas antes seis anos do que nunca, como durante tantos meses fora obrigado a pensar! Jacob servira, por duas vezes, sete anos, para conquistar Raquel[133]: o que era esperar seis anos por uma mulher como Bathsheba? Tentou afeiçoar-se mais à ideia de esperar por ela do que de tê-la de imediato. Sentia que o seu amor era tão profundo, tão forte e tão eterno que talvez ela nunca se tivesse apercebido da sua dimensão,

e esta espera dar-lhe-ia a oportunidade de lhe fornecer ternas provas disso. Anularia estes seis anos da sua vida como se fossem minutos — era tão pouco o valor que dava ao seu tempo na Terra sem o amor de Bathsheba! E, durante esses seis anos de corte etérea e inocente, dar-lhe-ia a entender o pouco apreço que tinha por tudo o que não fosse o afeto dela.

Entretanto, o início e o fim do verão traziam essa semana em que tinha lugar a Feira de Greenhill. A esta acorriam sempre as gentes de Weatherbury.

CAPÍTULO CINQUENTA

A Feira de Ovinos — Troy Toca na Mão da Sua Mulher

Greenhill era a Nijni Novgorod[134] do Sul do Wessex; e o seu dia mais agitado, mais alegre e mais ruidoso era o dia da feira de ovinos. Este encontro anual tinha lugar no cimo de uma colina onde se conservava em bom estado a ruína de uma antiga fortificação. Era composta de uma ampla muralha e de uma trincheira com uma disposição oval que rodeava todo o cume daquela elevação, ainda que interrompida em certos pontos. Situadas em lados opostos da colina, havia duas entradas principais, e uma estrada sinuosa acudia a cada uma delas. O espaço plano e verde, com cerca de dez ou quinze acres, limitado pela riba, era o lugar onde se realizava a feira. Algumas construções permanentes pontuavam o recinto, mas a maior parte dos visitantes escolhia a tenda de lona para repousar ou se alimentar durante a sua estada naquele lugar.

Pastores que vinham de longe com os seus rebanhos chegavam a partir de casa dois ou três dias ou mesmo uma semana antes do início da feira, percorrendo com os seus animais alguns quilómetros todos os dias — não mais de quinze ou vinte — e descansando-os à noite em campos alugados, à beira da estrada, e previamente escolhidos, onde se alimentavam ao fim de um dia de jejum. Cada pastor ia na cauda do seu rebanho, levando a tiracolo uma trouxa que continha as suas provisões para a semana e na mão o cajado que usava como o bordão de um peregrino. Várias ovelhas cansar-se-iam pelo caminho ou ficariam coxas e, esporadicamente, uma daria à luz. Para tratar destas ocorrências, eram muitas vezes fornecidos, com o intuito de acompanhar os rebanhos vindos de lugares mais remotos, um pónei e uma carroça que transportaria os animais mais fracos durante o resto da viagem.

As quintas de Weatherbury ficavam perto da colina e não careciam de tais preparativos. No entanto, os grandes rebanhos unidos de Bathsheba

e do lavrador Boldwood formavam uma multidão valiosa e imponente, que exigia muita atenção. Ajudado pelo pastor de Boldwood e por Cain Ball, Gabriel conduziu-os ao longo da estrada, pela velha cidade em ruínas de Kingsbere e pela encosta acima até ao planalto — sempre seguido do seu velho cão *George*, claro.

Quando o Sol caiu sobre Greenhill nessa manhã de outono, iluminando o seu cume orvalhado, tornaram-se visíveis densas nuvens de poeira flutuando entre os pares de sebes que riscavam a vasta paisagem envolvente em todas as direções. As nuvens convergiam aos poucos até à base da colina, onde os rebanhos se tornavam, por fim, individualmente visíveis, escalando os caminhos sinuosos que levavam ao topo. Numa lenta procissão, entrava pela abertura a que as estradas conduziam uma enchente de cabeças, com e sem cornos — rebanhos azuis e vermelhos, creme e castanhos, até verdes e cor de salmão, segundo o capricho do colorista e o costume de cada quinta[135]. Havia homens a gritar, cães a ladrar, tudo num grande alvoroço, mas a horda de viajantes que fizera até ali uma viagem tão comprida tornara-se quase indiferente a tais terrores, embora ainda balisse de aflição perante a invulgaridade da experiência. Aqui e ali, um pastor alto erguia-se no meio deles, como um ídolo gigantesco rodeado por um exército de prostrados devotos.

A grande maioria das ovelhas presentes na feira pertencia à raça *south downs* e à velha espécie com cornos do Wessex, a que correspondia também o grosso dos animais de Bathsheba e do lavrador Boldwood. Estes desfilaram cerca das nove horas, os seus cornos vermiculares formando em ambos os lados da cabeça uma graciosa espiral, de geometria perfeita, por baixo da qual se aninhava uma pequena orelha rosada e branca. À frente e atrás, vinham rebanhos de outras raças, quase evocando leopardos na riqueza da pelagem, à qual só as pintas faltavam. Também havia algumas da raça do Oxfordshire, cuja lã começava agora a encaracolar como o cabelo claro de uma criança, ainda que nesse aspeto fossem superadas pelas mais efeminadas *leicesters*, que eram, por sua vez, menos frisadas do que as *cotswolds*. O rebanho de longe mais pitoresco era, porém, o de *exmoors*, menos numeroso, que por acaso estava presente nesse ano. Com as

suas faces e pernas de duas cores, os cornos negros e pesados, as tranças de lã emoldurando as testas escuras, quebravam a monotonia dos rebanhos locais.

Estes milhares de animais que baliam, ofegantes e esgotados, já tinham entrado na feira e recolhido ao seu redil antes de a manhã findar, o cão pertencente a cada rebanho sendo amarrado a um canto da cerca correspondente. Carreiros para o trânsito pedestre separavam os redis, que cedo se encheram de compradores e vendedores vindos de perto e de longe.

Numa outra parte da colina, quando já pouco faltava para o meio-dia, uma cena em tudo distinta começou a impor-se ao olhar: ali era montada uma grande tenda redonda, novíssima e de dimensões invulgares. Durante o dia, os rebanhos começaram a trocar de mãos, aliviando as responsabilidades dos pastores. Estes viraram a sua atenção para a dita tenda e perguntaram a um homem que aí trabalhava — e cujo espírito parecia concentrado em fazer um nó complexo o mais depressa possível — o que se passava.

— É *A Representação pelo Hipódromo Real da Cavalgada de Turpin para York e da Morte de* Black Bess[136] — respondeu o homem, muito pronto, sem desviar os olhos ou as mãos da sua tarefa.

Assim que a tenda foi concluída, a fanfarra tocou alguns acordes estimulantes e fez-se o anúncio à multidão. *Black Bess* fora posta no exterior da tenda, numa posição de grande destaque, como prova viva, caso fosse necessária, das declarações do orador feitas sobre o estrado, por onde as pessoas deviam subir se quisessem entrar. Todos se sentiram tão convencidos por este apelo genuíno ao coração e ao entendimento que não tardou a formar-se uma fila. À cabeça iam Jan Coggan e Joseph Poorgrass, que ali tinham ido passar o seu dia de folga.

— Vejam-me este rufião a empurrar-me! — gritou uma mulher à frente de Jan, olhando-o por cima do ombro quando a multidão começou a pressionar.

— Como posso evitar empurrar se outros m’empurram? — volveu Coggan, num tom desaprovador, virando a cabeça o mais que podia para os ditos cujos, mas sem conseguir mexer o corpo, que estava

entalado como num torno.

Seguiu-se um silêncio. Depois, os tambores e as trombetas fizeram-se de novo ouvir. A turba, com renovado entusiasmo, tornou a empurrar, e tanto Coggan como Poorgrass voltaram a ser lançados pelos de trás para cima da mulher que ia à frente deles.

— Oh, nós, mulheres indefesas, estamos à mercê destes bandidos! — insistiu uma delas, balançando como um junco fustigado pelo vento.

— Oiçam lá — replicou Coggan, colocando a voz e dirigindo-se à multidão reunida à volta dos seus ombros —, já ouviram mulher mais irrazoável? Pla minha carcaça, se conseguisse sair deste aperto, as malditas que fossem gozar o espetáculo sem mim!

— Não perca a calma, Jan! — implorou Joseph Poorgrass, num sussurro. — Vejo, plo brilho dos seus olhos, que pertencem àquele género feminino pecaminoso e qu'inda podem pedir aos seus homens que deem cabo de nós.

Jan segurou a língua, como se não contestasse ser pacificado para agradar a um amigo, e foram-se aproximando dos pés da escada. Esborrachado como um crepe, há mais de meia hora que Poorgrass levava bem apertada na mão quente a moeda de meio xelim para pagar a entrada, e a mulher de lentejoulas, anéis de latão com brilhos de vidro e rosto e ombros cor de cal que lhe aceitou o dinheiro largou-o de imediato, temendo algum truque que lhe fosse queimar os dedos. A multidão entrou e a lona da tenda, para quem a via de fora, encheu-se de grumos como um saco de batatas, sob a pressão das várias cabeças, costas e cotovelos cerrados no interior.

Atrás da grande tenda, havia duas mais pequenas que serviam de camarim. Uma delas, usada pelos artistas masculinos, fora dividida ao meio por um pano e, numa destas divisões, sentado na erva a calçar um par de botas de montar, estava um jovem que reconhecemos de imediato como sendo o sargento Troy.

Convém contar resumidamente que circunstâncias tinham conduzido Troy a esta situação. O brigue a bordo do qual fora levado em Budmouth Roads preparava-se para fazer uma viagem, embora com uma tripulação reduzida. Troy leu o regulamento e empregou-se. Antes de partirem, um bote foi enviado ao outro lado da baía, à enseada de Lulwind, mas, como ele já esperava, as suas roupas tinham desaparecido. Ao fim de algum

tempo, acabou por conseguir entrar nos Estados Unidos, onde levou uma vida precária em várias cidades, como professor de ginástica, de manejo da espada, de esgrima e de pugilismo. Alguns meses bastaram para desenvolver uma aversão a esta vida. Havia na sua natureza um requinte inato e visceral e, embora uma situação invulgar pudesse ser-lhe agradável se não acarretasse privações, tornava-se rude e intolerável quando o dinheiro escasseava. Troy nunca deixara de ter presente a ideia de que poderia reclamar uma casa e os seus confortos caso decidisse voltar para Inglaterra e para a quinta de Weatherbury. Perguntava-se muitas vezes se Bathsheba o julgaria morto. E, um dia, resolveu mesmo regressar. Todavia, à medida que se ia aproximando de Weatherbury, esse destino foi perdendo o seu encanto, e a intenção original de retomar as velhas rotinas foi-se modificando. Ao desembarcar em Liverpool, considerou com algum pesar que, caso regressasse a casa, o acolhimento que receberia seria tão desagradável que não desejava sequer contemplá-lo. Pois o que Troy tinha no lugar dos sentimentos era uma espécie de emoção fugaz e incerta que, por vezes, lhe causava tantos inconvenientes como um sentimento concreto e são. Bathsheba não era uma mulher com quem se pudesse brincar, ou capaz de sofrer em silêncio. E como poderia ele suportar a existência ao lado de uma esposa intrépida a quem, logo à entrada, teria de pedir sustento e guarida? Além disso, não era de todo improvável que ela viesse a falhar o seu compromisso como rendeira, se é que não o falhara já; e, nesse caso, tornar-se-ia ele o responsável pelo seu sustento. Que vida seria esse futuro de pobreza ao lado de Bathsheba, com o espectro de Fanny sempre entre os dois, arrevesando o temperamento dele e azedando as palavras dela? Assim, por razões que combinavam o desagrado, o arrependimento e a vergonha, Troy fora adiando o seu regresso dia após dia e tê-lo-ia feito em definitivo se tivesse encontrado noutro lugar qualquer essa forma de vida que existia ali ao seu dispor.

Por esta altura — o mês de julho precedente ao de setembro em que o encontramos na Feira de Greenhill —, tinha-se cruzado com um circo ambulante que estava a atuar nos arredores de uma cidade do Norte. Apresentara-se ao dono do circo domando um cavalo rebelde que pertencia à trupe e acertando numa maçã suspensa com um tiro de pistola, disparado do dorso do animal montado a galope largo — entre

outras façanhas. Pelos méritos que tinha revelado — todos eles mais ou menos baseados nas suas experiências como soldado do regimento de dragões —, fora aceite na companhia, e a peça de Turpin tinha sido preparada com vista à sua encarnação do protagonista. Troy não dava grande valor à opinião elevada que a companhia mostrava ter a seu respeito, mas achava que aquele contrato podia dar-lhe algumas semanas para ponderar a sua situação. Foi, assim, por leviandade e ausência de um plano definido para o futuro que se viu, nesse dia, na Feira de Greenhill, com o resto da companhia.

Agora, o Sol doce do outono iniciava o seu percurso descendente e, à frente do pavilhão, tivera lugar o seguinte incidente: Bathsheba, que fora levada à feira nesse dia pelo seu multifacetado Poorgrass, tinha lido ou ouvido, como toda a gente, o anúncio de que o Sr. Francis, Grande Cavaleiro e Domador Cosmopolita, representaria o papel de Turpin. Ora, ela ainda não estava assim tão velha ou esgotada que não tivesse a mínima curiosidade de o ver atuar. Este espetáculo era de longe o maior e mais importante da feira, uma série de números menores agrupando-se à sua sombra como pintos à volta de uma galinha. A multidão já tinha entrado, e Boldwood, que aguardara o dia inteiro por uma oportunidade de lhe falar, vendo-a mais ou menos isolada, veio pôr-se ao seu lado.

— Espero que as ovelhas se tenham vendido bem, senhora Troy? — perguntou-lhe, nervoso.

— Ah, sim, obrigada — respondeu ela, duas manchas de cor despontando-lhe no meio das faces. — Tive a sorte de vendê-las a todas assim que chegámos ao cume da colina, pelo que nem tivemos de as pôr no redil.

— E agora está a gozar um momento de lazer?

— Sim, mas ainda tenho um encontro com outro mercador daqui a duas horas, caso contrário, ia andando para casa. Estava a olhar para esta tenda grande e para o anúncio. Já alguma vez viu a representação de *A Cavalgada de Turpin para York*? Turpin foi um homem real, não é assim?

— Ah, sim, é verídico. A história toda. Na verdade, penso que ouvi Jan Coggan dizer que um parente dele conhecia bem Tom King, um amigo de Turpin.

— Temos de nos lembrar que Coggan gosta muito de contar histórias

estranhas relacionadas com a sua família. Espero que sejam todas verdadeiras.

— Sim, sim; nós conhecemos Coggan. Mas Turpin é bem real. Nunca viu a peça, imagino?

— Nunca. Na minha juventude, não me era permitido frequentar estes lugares. Está a ouvir isto? Que coices são estes? E como gritam!

— *Black Bess* deve ter acabado de partir, creio eu. Estarei enganado se disser que a senhora gostaria de ver a representação, senhora Troy? Por favor, perdoe-me o equívoco caso seja um, mas, se quiser ir, tenho todo o prazer em arranjar-lhe um lugar. — Vendo que ela hesitava, acrescentou: — Eu pessoalmente não vou ficar; já vi o espetáculo.

Era verdade que Bathsheba tinha alguma vontade de ver o espetáculo e só tirara os pés da escada por receio de entrar sozinha. Tivera esperança de que Oak aparecesse entretanto, a sua assistência nestes casos sendo sempre aceite como um direito inalienável. Mas, como ele não estava em parte alguma, respondeu:

— Se quiser fazer-me o favor de espreitar primeiro e ver se há lugares, penso que vou entrar por um instante ou dois.

Foi assim que, dali a momentos, Bathsheba apareceu dentro da tenda acompanhada de Boldwood. Este conduziu-a a um lugar «reservado» e retirou-se.

Era uma bancada elevada, revestida a tecido vermelho e com o chão forrado a carpete, numa parte muito conspícua da assistência, e ela descobriu de imediato, com alguma perplexidade, que era a única espectadora sentada num lugar reservado e que o resto do público, sem uma única exceção, estava de pé à volta da arena central, de onde se via duas vezes melhor o espetáculo, por metade do dinheiro. Eram tantos os espectadores que a contemplavam, reinando sozinha nesse lugar de honra, em pano de fundo escarlate, como os que seguiam as manobras preliminares dos póneis e do palhaço, que animavam a cena antes da entrada de Turpin. Uma vez que já lá estava, Bathsheba viu-se na obrigação de aproveitar o momento e permanecer: sentando-se, espalhou as saias com dignidade sobre os espaços desocupados à sua esquerda e à sua direita, o que dava um ar renovado e feminino ao pavilhão. Dali a minutos, reparou na nuca gorda e vermelha de Jan Coggan no meio dos espectadores mesmo por baixo dela e, um pouco

mais adiante, avistou o perfil beato de Joseph Poorgrass.

Uma penumbra singular reinava no interior da tenda. As estranhas semiopacidades luminosas das belas tardes e poentes outonais reforçavam, como num quadro de Rembrandt[137], os poucos raios de sol amarelos que rompiam a lona, através de buracos ou costuras, atravessando como jatos de poeira de ouro a bruma sombria e azulada que invadia o espaço, até alcançarem a superfície de pano oposta, onde brilhavam como pequenas luzes ali suspensas.

Ao espreitar por uma brecha do camarim, para fazer o reconhecimento da sala antes de entrar, Troy viu a sua mulher, sem dúvida ignorando o que a esperava, sentada no alto do seu trono, como acima foi descrito, na pose de rainha do torneio. Recuou, profundamente perplexo, pois sabia que, embora o disfarce lhe ocultasse com eficácia a identidade, ela reconheceria de imediato a sua voz. Já lhe tinha ocorrido várias vezes durante o dia a possibilidade de algum habitante de Weatherbury, ou outro, aparecer ali e reconhecê-lo; não tinha, porém, valorizado o risco. Eles que me vejam, dissera a si próprio. Mas ali estava Bathsheba, em carne e osso, e a realidade da cena era tão mais intensa do que qualquer uma das suas previsões que ele sentiu que não tinha considerado o assunto com metade da atenção que lhe era devida.

Ela estava tão bela, tão sedutora, que veio dar toda uma nova cor às gentes de Weatherbury. No fundo, Troy não esperava que Bathsheba ainda exercesse sobre ele, num simples piscar de olhos, este género de poder. Deveria continuar como se nada fosse? Não tinha coragem para isso. Para além do desejo de permanecer incógnito, surgia-lhe agora uma espécie de vergonha perante a possibilidade de aquela jovem e atraente esposa, que já desdenhava dele, vir a desprezá-lo ainda mais quando o visse, ao fim de tanto tempo, em tão baixa condição. A ideia fê-lo corar e enfureceu-o que a sua aversão a Weatherbury pudesse tê-lo levado a correr o país daquela maneira.

Mas Troy nunca era tão hábil como quando já não sabia o que fazer. Com um golpe seco, afastou a cortina que separava o seu pequeno camarim dos aposentos do diretor e proprietário, que tinha, nesse momento, o aspeto desse indivíduo chamado Tom King da cabeça até à cintura, permanecendo na metade inferior do corpo igual a si próprio.

— O diabo vem reclamar o que lhe é devido! — exclamou.

— Como assim?

— Está aí um canalha de um credor que não desejo ver e que, mal eu abra a boca, vai reconhecer-me e apanhar-me como o próprio Satanás.

— Mas é a sua vez de entrar em cena, creio eu.

— Não posso.

— Mas a peça tem de avançar!

— Anuncie que Turpin se constipou e que não pode dizer as suas falas, mas que fará na mesma a representação em silêncio.

O proprietário abanou a cabeça.

— Ora, com ou sem peça, não abrirei a boca — insistiu Troy, inabalável.

— Muito bem, nesse caso, deixe-me ver o que posso fazer — volveu o outro, sentindo que talvez fosse muito delicado ofender a sua estrela naquele momento. — Não lhes direi que vai ficar em silêncio; avance com a peça e não diga nada, faça o que pode com uma piscadela de olho nos momentos certos e um aceno firme nas partes heroicas. Eles nunca perceberão que se omitiram as falas.

Isto parecia exequível, porque as falas de Turpin não eram muitas nem demasiado compridas, o fascínio da peça residindo inteiramente na ação. Deu-se início ao espetáculo e, no momento devido, *Black Bess* saltou para o chão de erva da arena, no meio dos aplausos dos espectadores. Na cena do pedágio, em que *Bess* e Turpin são afincadamente perseguidos pela polícia à meia-noite, e o portageiro meio adormecido, com a sua touca com borlas, nega que qualquer cavaleiro tenha passado por ali, Coggan exclamou um enfático «bem dito!», que se ouviu em toda a feira, apesar dos balidos das ovelhas, enquanto Poorgrass sorria, deliciado com o contraste dramático entre o nosso herói, que sem esforço saltava a barreira, e a justiça hesitante sob a forma dos seus inimigos, obrigados a fazer uma travagem brusca e a esperar que a cancela fosse levantada. Ante a morte de Tom King, Poorgrass não conseguiu evitar pegar na mão de Coggan e sussurrar-lhe, com lágrimas nos olhos: «É claro que ele não foi baleado de verdade, Jan... é só a fingir!» Quando chegou a última cena triste, e o corpo da bela e graciosa *Bess* foi carregado numa prancha por doze voluntários escolhidos entre os espectadores, já nada poderia impedir

Poorgrass de dar uma ajuda, exclamando, ao pedir a Coggan que se juntasse a ele: «Será uma coisa pra contar na casa de Warren nos anos vindouros, Jan, e deixar aos nossos filhos!» Durante muitos anos, em Weatherbury, Joseph contaria, com o ar de um homem vivido, que tinha tocado com a sua própria mão num casco de *Bess*, quando a égua jazia sobre a prancha assente no seu ombro. E se, como defendem alguns pensadores, a imortalidade consistir em ser-se guardado em relicário na memória dos outros, então *Black Bess* tornou-se imortal nesse dia, se tal ainda não acontecera antes.

Entretanto, Troy acrescentara alguns retoques à maquilhagem habitual da sua personagem, para tornar o disfarce mais eficaz. Embora tivesse sentido alguns receios ao entrar em cena, a metamorfose conseguida ao «cobrir» o rosto com uma rede pô-lo a salvo dos olhares de Bathsheba e dos seus homens. Ficou, ainda assim, aliviado quando tudo terminou.

Nessa noite, houve uma segunda representação, e a tenda foi iluminada. Desta vez, Troy assumiu discretamente o seu papel e aventurou-se a introduzir algumas falas. Quando se preparava para concluir, aproximando-se da orla da arena junto da primeira fila de espectadores, reparou que, a um metro de distância, os olhos de um homem lhe estudavam o perfil. Troy apressou-se a mudar de posição ao reconhecer no observador o desonesto capataz Pennyways, inimigo figadal da sua mulher, que ainda rondava as imediações de Weatherbury.

Primeiro, decidiu não fazer caso e render-se ao inevitável. Era muito provável que aquele homem o tivesse identificado; no entanto, ainda havia margem para dúvida. Mas a grande objeção que sentira quanto a permitir que a notícia da sua proximidade de Weatherbury o precedesse, na eventualidade de regressar, volveu-lhe em força ao pensamento: receava que a sua presente ocupação o desacreditasse ainda mais aos olhos de Bathsheba. Além disso, se resolvesse não voltar, a história de estar vivo e nas redondezas seria constrangedora; e ele ansiava por saber da situação material da sua mulher antes de decidir o que fazer.

Refém deste dilema, Troy saiu para se inteirar das circunstâncias. Considerou que ir ao encontro de Pennyways e fazer dele, se possível, seu aliado seria um passo muito sensato. Tinha posto uma espessa

barba postiça, emprestada pelo circo, e com ela foi passear pelo campo da feira. Já era quase de noite e as pessoas respeitáveis recolhiam às suas carroças e cabriolés para voltarem para casa.

A maior barraca de comes e bebes da feira era fornecida pelo dono de uma hospedaria de uma cidade vizinha. Era considerada um lugar de eleição para obter a comida e o descanso necessários, sendo o seu anfitrião, Trencher (como era familiarmente designado no jornal local), um homem respeitado e de renome, pelos serviços que prestava por todo o país. A tenda estava dividida em compartimentos de primeira e segunda classe e, no fim da divisão de primeira, havia uma zona ainda mais reservada, separada do resto do espaço por um balcão de bar. Atrás deste, encontrava-se o próprio anfitrião, atarefado no seu avental branco e em mangas de camisa, com o ar de quem nunca vivera noutro lugar senão dentro de uma tenda. Neste ádito, havia cadeiras e uma mesa, decorada com pequenas velas que lhe davam, quando acesas, um ar luxuoso e acolhedor, assim como uma jarra, um bule e uma cafeteira revestidos a metal, chávenas de porcelana e bolos com frutos secos.

Troy estava de pé à entrada da barraca, onde uma cigana fazia crepes sobre uma pequena fogueira de paus e os vendia a um tostão a unidade, e olhou por cima das cabeças das pessoas que se encontravam no interior. Não via Pennyways, mas não tardou a avistar Bathsheba, por uma abertura, na sala mais reservada ao fundo. Recuando, deu a volta à tenda na penumbra e pôs-se à escuta. Conseguia ouvir a voz dela — estava a conversar com um homem — e sentiu um calor a espalhar-se pelo rosto: Bathsheba não podia ser tão desprovida de princípios ao ponto de namoriscar em plena feira! Interrogou-se, então, se ela teria mesmo acreditado na morte dele. Para despistar todas as dúvidas, tirou um pequeno canivete do bolso e, com delicadeza, fez dois cortes no pano da tenda, em forma de cruz, cujas pontas, ao dobrarem-se, criavam um buraco do tamanho de uma hóstia. A este, encostou a cara, retirando-a logo a seguir num gesto de surpresa. O seu olho ficara a escassos centímetros do cocuruto da sua mulher. Era demasiado perto para ser conveniente. Fez um novo buraco, ligeiramente ao lado e mais abaixo, num lugar escuro junto da cadeira dela, de onde seria fácil e seguro espiá-la olhando na horizontal.

Contemplou a cena no seu conjunto. Bathsheba estava recostada na cadeira, a bebericar uma chávena de chá, e o dono da voz masculina era Boldwood, que aparentemente viera trazer-lha. Abandonando-se a uma pose descontraída, ela encostara-se com indolência ao tecido da tenda, que assumira a forma dos seus ombros. Para todos os efeitos, era como se estivesse nos braços de Troy, de tal modo que ele se viu forçado a suster a respiração, para evitar que ela sentisse o calor do seu hálito, através do pano, enquanto a observava.

À semelhança do que acontecera mais cedo, Troy sentiu agitar-se dentro de si uma emoção inesperada. Bathsheba estava mais bela do que nunca — e pertencia-lhe. Foram precisos alguns minutos para conter esse súbito impulso de entrar ali e reclamá-la. Depois, pensou que aquela orgulhosa rapariga, que sempre o olhara com superioridade, mesmo quando o amava, o odiaria agora ao descobrir que ele não era mais do que um pobre saltimbanco. Caso se revelasse, esse capítulo da sua vida teria de ser ocultado a todo o preço, tanto dela como dos habitantes de Weatherbury, ou o seu nome seria um motivo de chacota em toda a paróquia. Receberia a alcunha de «Turpin» até ao fim dos seus dias. Uma coisa era certa: antes de reclamá-la, urgia apagar da sua vida aqueles últimos meses.

— Quer que lhe traga mais uma chávena de chá antes de partir, senhora? — perguntou o lavrador Boldwood.

— Agradeço-lhe, mas não — respondeu Bathsheba. — Tenho de ir. Foi uma grande incúria da parte daquele homem fazer-me esperar até tão tarde. Eu já teria partido há duas horas, se não fosse ele. Não tinha qualquer intenção de entrar aqui, mas é verdade que não há nada mais refrescante do que uma boa chávena de chá, e eu nunca teria conseguido beber uma se o senhor não me tivesse ajudado.

Troy observou o perfil da sua mulher iluminado pelas velas, todos os seus cambiantes de cor, assim como as sinuosidades brancas, que faziam lembrar as de uma concha, do seu pequeno ouvido. Bathsheba pegou na bolsa e estava a insistir com Boldwood para pagar o seu chá quando Pennyways entrou na tenda. Troy estremeceu: o seu plano para recuperar uma imagem respeitável corria agora grandes riscos. Preparava-se para abandonar o posto de observação e ir atrás de Pennyways, para saber se o antigo maioral o reconhecera, quando foi

interrompido pela conversa que se seguiu, descobrindo que era tarde de mais.

— Desculpe-me, s'nhora — disse Pennyways —, trago-lhe uma informação confidencial, destinada apenas aos seus ouvidos.

— Agora já não posso ouvi-la — retorquiu ela, com frieza. Que Bathsheba não suportava aquele homem era evidente; e, na verdade, ele estava sempre a vir ao seu encontro com uma história ou outra que pudesse valer-lhe as boas graças da ex-patroa, à custa das pessoas difamadas.

— Nesse caso, eu escrevo-lha — volveu Pennyways, num tom confidente.

Inclinando-se sobre a mesa, arrancou uma folha de um caderno de bolso todo amachucado e escreveu no papel, com uma caligrafia redonda:

«O seu marido está aqui. Eu vi-o. Quem é o tolo agora?»

Dobrando a folha várias vezes, entregou-lha. Ela não queria lê-la; não queria sequer estender a mão para recebê-la. Com uma gargalhada de desdém, Pennyways lançou-lha para cima do regaço e, virando as costas, foi-se embora.

Das palavras e gestos de Pennyways, Troy deduziu, embora não tivesse conseguido ler o que o antigo maioral tinha escrito, que aquele bilhete só podia referir-se a ele. Não lhe ocorria nada que pudesse impedir a revelação.

— Sorte maldita! — murmurou, acrescentando imprecações que arranharam a penumbra como um vento ruim.

Entretanto, Boldwood, tirando-lhe o bilhete do colo, perguntou a Bathsheba:

— Não deseja lê-lo, senhora Troy? Se não, eu posso destruí-lo.

— Sim — respondeu ela, com indiferença —, talvez seja injusto não o ler; mas posso adivinhar do que se trata. Ele quer que eu o recomende ou quer contar-me um pequeno escândalo relacionado com um dos meus empregados. Está sempre a fazer isso.

Bathsheba segurou no papel com a sua mão direita. Boldwood entregou-lhe um prato com fatias de pão com manteiga. Para tirar uma fatia, ela passou o bilhete para a mão esquerda, onde também tinha a bolsa, e deixou a mão cair ao seu lado, junto da lona da tenda. Chegara

o momento de salvar a partida, e Troy sentiu o impulso de jogar a sua cartada. De novo, olhou para aquela mão branca e viu as unhas rosadas da sua mulher e as veias azuis do seu pulso, rodeado por um bracelete com lascas de coral que ela costumava usar: como tudo aquilo lhe era familiar! Então, com a rapidez de relâmpago que o distinguia, enfiou a mão silenciosamente por baixo do pano da tenda, que não estava bem fixo ao chão, levantou-o um pouco, de olho no buraco, arrancou-lhe o bilhete dos dedos, deixou cair a lona outra vez e correu, noite dentro, na direção da riba e da vala, sorrindo ao ouvir o grito de espanto da sua mulher. Depois, escorregou pelo lado de fora do baluarte, percorreu cerca de cem metros do fundo da trincheira em redor, tornou a subir e atravessou o recinto, num passo lento e desinibido, até à entrada principal da tenda. O seu objetivo agora era ir ao encontro de Pennyways e evitar que este repetisse o feito até ao momento em que ele, Troy, o desejasse.

Alcançou assim a entrada da tenda e, no meio dos grupos ali reunidos, procurou o velho capataz com ansiedade, não desejando atrair as atenções sobre si próprio com perguntas. Um ou dois homens estavam a comentar uma arrojada tentativa de roubo a uma jovem senhora, que acabara de ser levada a cabo por debaixo da lona da tenda ao seu lado. Presumia-se que o bandido tivesse confundido uma folha de papel que ela tinha na mão com uma nota de banco, pois surripiara-a e partira com ela, deixando a bolsa para trás. Diziam os homens que o seu desgosto e a sua desilusão ao descobrir quão inútil fora o roubo seriam uma bela piada. No entanto, o incidente parecia ser conhecido apenas por uma minoria, pois não fora suficiente para interromper um rabequista, que começara momentos antes a tocar à entrada da tenda, nem os quatro velhos curvados, com semblantes soturnos e bengalas na mão, que ali dançavam ao som de *Major Malley's Reel*. Atrás deles, estava Pennyways. Troy deslizou ao seu encontro, acenou-lhe, sussurrou-lhe umas palavras; e, com um olhar mútuo de concordância, os dois homens saíram sozinhos para a escuridão.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Bathsheba Conversa com o Seu Acompanhante

Ficara decidido que, no regresso a Weatherbury, Oak tomaria o lugar de Poorgrass e levaria Bathsheba para casa, uma vez que se descobrira, já no fim da tarde, que Joseph sofrera um ataque da sua antiga enfermidade, a do olho multiplicador, perdendo toda a fiabilidade como condutor ou escolta de uma mulher. Oak, porém, estava tão ocupado com os muitos cuidados que lhe exigiam os animais de Boldwood que ainda não tinham sido vendidos que Bathsheba, sem lhe dizer nada a ele ou a ninguém, resolvera ir para casa sozinha, como já fizera tantas vezes no passado a partir do Mercado de Casterbridge, confiando no seu anjo da guarda para garantir que a viagem decorreria sem acidentes. Mas, como se cruzara por acaso (da sua parte, pelo menos, fora um acaso) com o lavrador Boldwood, na tenda dos comes e bebes, não tivera coragem de recusar a sua oferta de acompanhá-la a cavalo, como seu protetor. O crepúsculo caíra sem que Bathsheba se tivesse apercebido, mas Boldwood assegurou-lhe que não havia motivo para preocupação, uma vez que a Lua subiria dali a meia hora.

Logo a seguir ao incidente na tenda, ela levantara-se para partir — agora muito alarmada e genuinamente grata pela proteção do seu velho pretendente, ainda que lamentasse a ausência de Gabriel, cuja companhia teria, de longe, preferido, por ser mais adequada e mais agradável, uma vez que Oak era seu maioral e estava ao seu serviço. Já que isso era impossível, não queria, em todo o caso, ser antipática com Boldwood, de quem já abusara no passado. A Lua ia alta no céu, o cabriolé estava a postos e ela seguiu por essa estrada sinuosa que descia o flanco da colina — parecendo-lhe que mergulhava nas trevas do esquecimento, já que a encosta e o luar que a inundava se situavam no mesmo plano e o resto do mundo desaparecia entre ambos como uma extensa e sombria concavidade. Boldwood seguiu-a de perto, montado no seu cavalo. E assim desceram às terras baixas, as vozes dos que tinham ficado lá em cima chegando-lhes como se viessem do

céu, e as luzes assemelhando-se às de um arraial suspenso no firmamento. Dali a pouco, passaram por alguns alegres viandantes que se demoravam no sopé do monte, atravessaram Kingsbere e tomaram a estrada principal.

O instinto apurado de Bathsheba revelara-lhe que a fiel devoção do lavrador permanecia intacta, o que lhe suscitava uma profunda simpatia. Essa descoberta, porém, ensombrara-lhe a noite, recordando-lhe o seu gesto de leviandade e levando-a a desejar de novo, como desejara muitos meses antes, que houvesse uma maneira de reparar a falta cometida. A pena que sentia daquele homem que com tanta persistência continuava a amá-la, para seu próprio mal e eterna melancolia, fê-la incorrer numa imprudente delicadeza, que quase poderia confundir-se com ternura e que deu novo fôlego a esse rebuscado sonho de uma servidão de sete anos que crescera na mente do desgraçado.

Boldwood não tardou a encontrar um pretexto para avançar da sua posição na cauda da carruagem e cavalgar ao lado de Bathsheba. Tinham percorrido seis ou sete quilómetros à luz do luar, conversando descontraidamente, por cima do ruído das rodas do cabriolé, de assuntos relacionados com a feira, a lavoura, a utilidade de Oak para ambos e outros temas indiferentes, quando Boldwood perguntou, de repente:

— Senhora Troy, vai voltar a casar-se um dia?

Esta pergunta feita assim, à queima-roupa, causou-lhe um certo atordoamento e Bathsheba levou mais de um minuto a responder:

— Ainda não pensei a sério nesse assunto.

— Compreendo muito bem. No entanto, o seu marido já faleceu há quase um ano e...

— Esquece-se de que não existe ainda uma prova definitiva da sua morte e que esta pode não ter tido lugar; caso em que eu não serei viúva — retorquiu ela, agarrando-se à única possibilidade de fuga que o facto lhe fornecia.

— Talvez não haja uma prova absoluta, mas existem provas circunstanciais. Um homem viu-o afogar-se. Ninguém no seu perfeito juízo teria razões para duvidar da sua morte; e a senhora também não tem, creio eu.

— Tenho, sim, ou teria agido de maneira diferente — retorquiu ela,

com delicadeza. — Desde o princípio que tenho essa sensação estranha e inexplicável de que ele não pode ter perecido. Mas já lhe atribuí vários significados depois disso. No entanto, embora esteja persuadida de que nunca mais o verei, estou longe de pensar em casar-me com outro homem. Seria desprezível da minha parte ter esse tipo de pensamentos.

Fez-se um silêncio entre os dois e seguiram por um caminho pouco frequentado que atravessava um campo comum. Os gemidos da sela de Boldwood e as molas do cabriolé eram os únicos sons que se ouviam. Foi ele quem quebrou o silêncio.

— A senhora lembra-se quando a levei, desmaiada, nos meus braços até à Hospedaria dos Braços do Rei, em Casterbridge? Todos nós temos o nosso dia de sorte: esse foi o meu.

— Eu sei... Eu sei de tudo — disse ela, apressando-se a interrompê-lo.

— Da minha parte, nunca deixarei de lamentar que as circunstâncias se tenham desenhado de forma a negá-la a mim.

— Eu também lamento muito — replicou Bathsheba, corrigindo-se em seguida. — O que eu lamento, como sabe, é que tenha pensado que eu...

— Tenho sempre esta triste consolação de recordar esses momentos passados consigo... em que eu era alguma coisa para si, antes de *ele* ser o que quer que fosse, e em que a senhora *quase* me pertenceu. Mas é verdade que isto nada significa. A senhora nunca teve afeto por mim.

— Tive, sim; e respeitava-o.

— E agora?

— Também.

— O quê?

— Como assim?

— Tem afeto por mim ou respeita-me?

— Não sei... ou, pelo menos, não posso dizer-lhe. É difícil para uma mulher definir os seus sentimentos numa linguagem que foi sobretudo criada pelos homens para exprimirem os deles. A forma como eu o tratei foi irrefletida, indesculpável, perversa! Vou arrepender-me desse momento para sempre. Se houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer para corrigir os meus atos, tê-lo-ia feito de bom grado. Não havia nada neste mundo que eu mais quisesse do que reparar esse erro. Mas isso

não foi possível.

— Não se culpe a si própria... não errou assim tanto como supõe. Imagine, Bathsheba, que recebia uma prova irrefutável de que é aquilo que, de facto, é... uma viúva. Seria capaz de reparar o velho erro cometido casando-se comigo?

— Não lhe sei dizer. Em todo o caso, ainda não.

— Mas talvez pudesse fazê-lo num futuro hipotético?

— Oh, sim, talvez pudesse.

— Ora, nesse caso, sabe que, não existindo prova em contrário, pode casar-se outra vez dentro de seis anos, sem que ninguém tenha o direito de culpá-la ou de contestar a sua decisão?

— Sim, sim — disse ela, muito depressa. — Sei de tudo. Mas nem me fale disso. Seis ou sete anos... Onde estaremos nós nessa altura?

— Vão passar depressa e, quando olharmos para trás, estranharemos a rapidez com que passaram. Parecer-nos-á muito menos tempo do que nos parece agora, ao contemplarmos o futuro.

— Sim; a experiência já mo ensinou.

— Ora, escute-me de novo — suplicou Boldwood. — Se eu esperar esse tempo, a senhora casa-se comigo? Já reconheceu que me deve uma compensação... que seja essa a sua forma de compensar-me.

— Mas, senhor Boldwood... seis anos...

— A senhora quer ser a mulher de algum outro homem?

— Não, de todo! O que quero dizer é que não me agrada falar deste assunto agora. Talvez não seja apropriado e eu não devia permiti-lo. Vamos deixar cair o tema. O meu marido ainda pode estar vivo, como eu disse.

— Com certeza, eu deixo cair o assunto se é esse o seu desejo. Mas o decoro nada tem que ver com o caso. Eu sou um homem de meia-idade disposto a ajudá-la durante o tempo de vida que nos resta. Da sua parte, pelo menos, não existe paixão, nem sequer uma precipitação censurável; da minha, talvez haja. Mas não posso deixar de verificar que, se a senhora decidir, por piedade e, como disse, desejo de emendar-se, selar um acordo comigo, a ser cumprido num futuro distante — um acordo que, embora tardio, corrigirá todas as faltas e me fará feliz —, não posso apontar-lhe nenhum defeito como mulher. Não ocupei eu já o primeiro lugar ao seu lado? Não é verdade que foi quase

minha no passado? Não acredito que não possa prometer-me que a terei de volta, se as circunstâncias assim o permitirem? Por favor, diga alguma coisa! Oh, Bathsheba, prometa-me... é apenas uma pequena promessa... que, se voltar a casar-se, será comigo!

O tom de Boldwood denunciava uma tão grande agitação que ela quase teve medo dele, apesar de simpatizar com o seu problema. Era um medo puramente físico — o do fraco diante do forte; não havia aversão emocional ou repugnância íntima. Com uma voz que deixava entrever os seus receios, pois lembrava-se vivamente da explosão que ele tivera na Yalbury Road e estremecia perante a ideia de que essa fúria pudesse repetir-se, disse:

— Nunca me casarei com outro homem enquanto o senhor me quiser para sua mulher, aconteça o que acontecer... Mas não lhe vou esconder... o senhor apanhou-me de surpresa...

— Deixemos que o assunto se resolva desta simples maneira: daqui a seis anos, será minha mulher. Não falaremos de acidentes inesperados, porque, claro está, terão precedência. Mas, desta vez, sei que manterá a sua palavra.

— É por isso que hesito em dar-lha.

— Mas dê-ma, por favor! Lembre-se do passado e seja complacente.

Ela suspirou e disse, com um ar fúnebre:

— Oh, que posso eu fazer? Não o amo e tenho receio de nunca vir a amá-lo como uma mulher deve amar o seu marido. Se o senhor estiver ciente disso e eu puder, ainda assim, dar-lhe felicidade com esta simples promessa de casar-me consigo daqui a seis anos, se o meu marido não voltar entretanto, a honra é toda minha. E, se der valor a este gesto de amizade da parte de uma mulher que não tem por si própria a mesma estima que teve no passado e a quem pouco amor resta, então, eu... eu....

— Prometa!

— ... vou pensar no assunto e ver se poderei, em breve, fazer-lhe essa promessa.

— Mas esse «em breve» pode ser nunca?

— Oh, não, não! É em breve. No Natal, digamos assim.

— No Natal! — Boldwood não disse mais nada até acrescentar: — Não lhe falarei mais do tema até essa data.

Bathsheba encontrava-se num estado de espírito muito peculiar, que mostrava até que ponto a alma é escrava do corpo, e o espírito etéreo depende da carne e do sangue mais tangíveis. Não será demasiado dizer que se sentia coagida por uma força superior à da sua própria vontade, não apenas a fazer essa promessa singularmente vaga e remota, como a imaginar-se na obrigação de fazê-la. Quando as semanas que separavam a noite daquela conversa e o dia de Natal começaram a passar, a angústia e a perplexidade foram crescendo.

Certo dia, foi levada, por um incidente, a confidenciar o seu problema a Gabriel. Isto proporcionou-lhe algum alívio — mas não o suficiente para lhe dar ânimo ou alegria. Estavam a rever algumas contas e, no curso dos trabalhos, algo levou Oak a dizer, referindo-se a Boldwood:

— Ele nunca vai esquecê-la, s'nhora, nunca.

Sem se dar conta disso, Bathsheba deixou escapar os seus receios; contou-lhe como fora, de novo, apanhada na armadilha; o que Boldwood lhe tinha pedido e de que forma esperava o seu assentimento.

— A razão mais triste de todas para eu concordar com isto — explicou-lhe, com mágoa — e a verdadeira razão por que estou a ponderar fazê-lo, para o bem ou para o mal, é algo que ainda não contei a vivalma: eu acredito que, se não lhe der a minha palavra, ele vai enlouquecer.

— A sério? Acredita? — perguntou Gabriel, com um ar grave.

— Acredito — prosseguiu ela, com ousadia e sinceridade —, e só Deus sabe que o digo sem um pingo de vaidade, pois tudo isto me desgosta e perturba profundamente... Mas acredito que tenho o futuro daquele homem nas minhas mãos. Que a sua vida depende inteiramente da forma como eu o trato. Oh, Gabriel, tremo perante a minha responsabilidade, pois é tremenda!

— Bem, eis o que eu penso, minha senhora, como lhe disse aqui há uns anos — volveu Oak. — Creio que a vida dele é um deserto quando não espera nada de si; mas não posso imaginar... ou melhor, espero sinceramente que não seja uma coisa tão grave como aquela que me descreve. Ele sempre teve aquele ar estranho e sombrio, sabe? No entanto, se o caso é assim tão desesperado e incomum, por que razão não lhe faz a promessa condicional? Era o que eu faria, se estivesse no

seu lugar.

— Mas será acertado? Alguns momentos em que me precipitei no passado ensinaram-me que uma mulher tem de agir com muita cautela para não perder por completo a sua boa reputação, e eu faço questão de ser discreta no que toca a este assunto! Seis anos... Podemos estar todos mortos e enterrados por essa altura, mesmo que o senhor Troy não volte, o que não é uma impossibilidade! Estes pensamentos revelam o absurdo de um tal acordo. Não acha que é disparatado, Gabriel? Não vejo como se lembrou ele de tal ideia. Mas será impróprio? Talvez você saiba... é mais velho do que eu.

— Oito anos mais velho, senhora.

— Sim, oito anos... Será impróprio?

— É sem dúvida um contrato invulgar entre um homem e uma mulher: mas não vejo nada de particularmente repreensível — respondeu Oak, devagar. — Na verdade, a única coisa que torna duvidoso que a senhora tenha de casar-se com ele, seja em que condições for, é que não sente afeto por ele... isto é, presumo que não sinta...

— Sim, é legítimo presumir que o amor esteja em falta — retorquiu Bathsheba, com secura. — Para mim, é um sentimento que pertence ao passado: uma coisa lamentável, esgotada, miserável... Seja por ele ou por qualquer outro homem.

— Ora, a sua falta de amor é o que salva este acordo de qualquer mal. Se fosse uma paixão louca, que a fizesse desejar libertar-se do constrangimento de o seu marido ter desaparecido, podia ser um erro; mas um acordo selado com frieza para ajudar outrem parece-me, de algum modo, diferente. O verdadeiro pecado, minha senhora, a meu ver, é pôr a hipótese de casar-se com um homem que não ama verdadeiramente.

— Por esse pecado, estou disposta a pagar a minha pena — replicou Bathsheba, com firmeza. — Sabe, Gabriel, é isto que me pesa na consciência: a ideia de lhe ter feito mal num momento de pura leviandade. Se eu nunca lhe tivesse pregado aquela partida, ele nunca teria querido casar-se comigo. Se ao menos pudesse pagar-lhe em dinheiro os danos que lhe causei, e erradicar de imediato este pecado da minha alma!... Bem, existe a dívida, que só pode ser paga de uma maneira, e eu acredito que me cabe pagá-la, se isso estiver ao meu

alcance, sem qualquer consideração pelo meu próprio futuro. Quando um libertino perde no jogo as suas últimas esperanças, o facto de ser uma dívida inconveniente não o torna menos devedor. Eu joguei e, tendo em conta que os meus escrúpulos e o facto de a lei considerar o meu marido apenas desaparecido impedem qualquer homem de casar-se comigo nos próximos sete anos, a pergunta que lhe faço é a seguinte: serei livre para alimentar esta ideia, mesmo sendo uma espécie de penitência, pois não deixa de sê-lo? *Odeio* o ato do casamento nestas circunstâncias, e a classe de mulheres a que passarei a pertencer se o fizer!

— Parece-me que tudo depende de a senhora achar, como toda a gente acha, que o seu marido está morto.

— Sim, deixei de ter dúvidas há muito tempo. Sei bem o que já o teria trazido de volta, se ele tivesse sobrevivido.

— Bem, nesse caso, num sentido religioso, é tão livre para *ponderar* o casamento como qualquer viúva ao fim de um ano. E se pedisse conselho ao pároco Thirdly quanto à melhor maneira de tratar o senhor Boldwood?

— Não. Quando preciso de uma opinião franca para um esclarecimento geral, distinta de um conselho específico, nunca me dirijo a um homem que abordará o tema de forma profissional. Daí gostar da opinião do sacerdote na matéria da lei, do advogado nas questões de medicina e do meu maioral... isto é, você, Gabriel... no que toca a assuntos de foro moral.

— E a respeito do amor...

— Eu própria me aconselho.

— Receio que haja uma falha nesse argumento — replicou Oak, com um sorriso solene.

Bathsheba não lhe respondeu e, desejando-lhe uma boa noite, foi-se embora.

Ela tinha falado com franqueza e não pedira — nem esperara — uma resposta da parte de Gabriel mais satisfatória do que aquela que tinha obtido. No entanto, no âmago do seu coração complicado, existia agora uma pequena sombra de desencanto, por motivos que não se permitia contemplar. Oak não exprimira uma única vez o desejo de que ela estivesse livre para se casar com ele. Não dissera uma única vez: «eu

também podia esperar por si, como ele». Fora essa a ferroada. Não que Bathsheba tivesse dado ouvidos a semelhante hipótese. Oh, não... Não era ela que insistia em dizer que tais pensamentos sobre o futuro eram impróprios, e não era Gabriel demasiado pobre para lhe falar de sentimentos? No entanto, ele podia ter aludido a esse amor, perguntando-lhe, num tom jocoso e distante, se ela lhe permitia que ele abordasse o assunto. Teria sido terno e doce, se não algo mais; e Bathsheba, por sua vez, ter-lhe-ia mostrado quão amável e inofensivo pode ser o «não» de uma mulher. Todavia, como Gabriel lhe dera um conselho tão desprovido de interesse próprio — o conselho que ela lhe pedira, é certo —, a nossa heroína não sossegou o resto da tarde.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Convergências

I

Chegou a véspera de Natal e, em Weatherbury, não se falava de outra coisa senão da festa que Boldwood ia dar nessa noite. Não era que as festas de Natal fossem uma raridade na paróquia, mas esta era surpreendente por ser Boldwood o seu anfitrião. A notícia tivera uma ressonância insólita e incongruente, como se alguém anunciasse que uma partida de cróquete teria lugar na nave de uma catedral ou que um juiz muito respeitado se entregara à vida de palco. Que a festa fora planeada para ser uma verdadeira diversão não havia dúvida. Um grande ramo de visco-branco tinha sido trazido dos bosques nesse dia e fora pendurado no salão da casa do celibatário. Azevinho e hera seguiram-se às mãos-cheias. Desde as seis da manhã até depois do meio-dia, o grande fogo a lenha da cozinha rugira e crepitara, a chaleira, a caçarola e o caldeirão de três pernas surgindo no meio das chamas como Sadraque, Mesaque e Abednego[138]. Diante deste grande braseiro, sem interrupção, assaram-se e regaram-se vários pratos.

Ao entardecer, acendeu-se o fogo da lareira do comprido vestíbulo para onde descia a escadaria, e todos os móveis foram afastados de modo a criar espaço para o baile. A lenha que alimentaria o fogo nessa noite era o tronco inteiro de uma árvore, tão difícil de transportar que não pôde ser trazido em braços ou rolado até à lareira: foram precisos dois homens para arrastá-lo e içá-lo com a ajuda de correntes e alavancas quando se aproximou a hora marcada.

Apesar de todos estes preparativos, o espírito da festa estava ausente da atmosfera da casa. O seu proprietário nunca antes tentara semelhante feito, e este parecia ter-lhe sido imposto, à revelia da sua natureza. A alegria pretendida insistia, pois, em revestir-se de uma majestade solene, a organização de todos os trabalhos fora confiada a

empregados que se ocupavam da tarefa com frieza, e uma sombra pairava sobre aquelas divisões, para recordar que o divertimento era em tudo alheio àquele espaço ou ao homem solitário que lá vivia, o que nada de bom prometia.

II

Nesse momento, Bathsheba estava no seu quarto, a vestir-se para a festa. Tinha pedido velas, e Liddy entrou e pousou uma de cada lado do seu tocador.

— Não vás, Liddy — pediu, quase tímida. — Sinto-me tolamente agitada... Nem sei dizer porquê. Oxalá não tivesse sido obrigada a ir a este baile; mas já não tenho como escapar. Não falo com o senhor Boldwood desde o outono; desde esse dia em que lhe prometi que nos veríamos no Natal, para tratarmos do nosso acordo. Nunca pensei que seria um encontro desta natureza.

— Eu iria na mesma — observou Liddy, que ia acompanhá-la, uma vez que Boldwood fora generoso nos seus convites.

— Sim, irei até lá, naturalmente — disse Bathsheba. — Mas aborrece-me que seja eu *o motivo* desta festa! Não digas nada, Liddy...

— Claro que não, s'nhora. A s'nhora é o motivo?

— Sim. É por causa de mim que ele vai dar esta festa... por causa de mim. Se não fosse por mim, nunca teria havido uma festa. Não posso explicar mais nada... não há mais nada a explicar. Quem me dera nunca ter vindo para Weatherbury.

— Isso é uma maldade da sua parte... desejar estar pior do que está.

— Não, Liddy. Desde que aqui vivo, só tenho problemas, e é provável que esta noite me traga mais alguns. Agora, vai buscar-me o meu vestido preto de seda e vê se me assenta bem.

— Não me diga que é esse que vai levar, s'nhora? Já está de luto há catorze meses e devia alegrar um pouco a sua indumentária, para um serão como este.

— Será mesmo necessário? Não; irei como de costume. Se usasse um vestido de noite, as pessoas fariam todo o tipo de comentários e eu teria o ar de quem está a divertir-se, quando é precisamente o contrário.

Esta festa não me agrada de todo; mas deixa lá, fica e ajuda-me a acabar de vestir-me.

III

Àquela hora, Boldwood também estava a vestir-se. Um alfaiate de Casterbridge viera ter com ele e ajudava-o agora a experimentar um novo casaco que acabara de lhe ser trazido a casa.

Nunca o lavrador fora tão meticuloso, tão implacável com o corte e, de um modo geral, tão difícil de agradar. O alfaiate deu voltas e voltas ao seu cliente, apertando na cintura, puxando as mangas, alisando o colarinho, e, pela primeira vez na sua vida, Boldwood não parecia aborrecido. Noutros momentos, protestara contra todos aqueles cuidados que julgava serem infantis; desta vez, nenhum reparo precipitado ou filosófico lhe foi suscitado pela postura do seu alfaiate, que tanta importância dava a um vinco no casaco como a um terramoto na América do Sul. O cliente declarou-se, enfim, quase satisfeito e pagou a conta. À saída, o alfaiate cruzou-se com Oak, que vinha a chegar para dar conta do trabalho desse dia.

— Ah, Oak! — disse Boldwood. — Espero vê-lo aqui esta noite. Trate de divertir-se. Estou determinado a não olhar a despesas nem a poupar-me em esforços.

— Vou tentar vir, senhor, mas talvez chegue um pouco mais tarde — retorquiu Gabriel, com toda a calma. — Fico feliz por vê-lo assim tão mudado.

— Sim... tenho de reconhecê-lo... estou radiante esta noite: estou feliz e mais do que isso, tanto que quase me entristeço com a consciência de que tudo passará. Por vezes, quando me encho de esperança e alegria, um problema desenha-se no horizonte, de tal forma que chego a regozijar-me com a minha tristeza e a recear a boa disposição. Acredito que seja absurdo... Sinto que é absurdo. Talvez o meu dia tenha enfim chegado.

— Espero que seja um dia comprido e feliz.

— Obrigado. Obrigado. No entanto, é possível que esta felicidade se baseie numa frágil esperança. Porém, acredito nela. É mais fé do que

esperança. Mas penso que, desta vez, não me enganei. Oak, as minhas mãos tremem um pouco; não consigo atar este lenço em condições. Posso pedir-lhe que me faça o nó? A verdade é que, ultimamente, não me tenho sentido bem.

— Lamento ouvir isso, senhor.

— Oh, não deve ser nada. Quero que o faça o melhor que souber, por favor. Há algum nó que esteja na moda, Oak?

— Não sei, senhor — respondeu o pastor, e a sua voz enchera-se de tristeza.

Boldwood aproximou-se de Gabriel e, enquanto ele lhe atava o lenço, o lavrador prosseguiu, febril:

— Será que uma mulher é capaz de cumprir a sua promessa, Gabriel?

— Se não for inconveniente para ela, talvez.

— ... ou antes, uma promessa implícita.

— Se é implícita já não me comprometo — volveu Oak, com uma ponta de amargura. — Nas mulheres, essas palavras têm tantos buracos como uma peneira.

— Oak, não fale assim. Tornou-se muito cínico nos últimos tempos: a que se deve? Parece que trocámos de posições: agora, sou eu o jovem cheio de esperança e você o homem velho e descrente. Em todo o caso, será que uma mulher cumpre a promessa, não de se casar, mas de assumir o compromisso de casar-se algures no tempo? Ora, você conhece as mulheres melhor do que eu... diga-me.

— Receio que esteja a sobrevalorizar o meu entendimento destas matérias. No entanto, talvez essa mulher cumpra a sua promessa, se for feita com a intenção honesta de corrigir um mal.

— Isto ainda não foi longe, mas eu acredito que irá... sim, sei que irá — disse ele, num murmúrio impulsivo. — Insisti no tema, e ela está inclinada a ser benevolente comigo e a ver-me como marido num futuro distante, e isso basta-me. Que mais posso esperar? Ela acha que uma mulher não deve voltar a casar-se enquanto não tiverem passado sete anos desde o dia do desaparecimento do seu marido... a ideia aplica-se a ela própria, claro!, se o corpo dele nunca foi encontrado. Talvez seja apenas este argumento legal que a influencia, ou algum motivo religioso, mas está relutante em falar disso. No entanto, prometeu... ou insinuou...

que vai firmar o seu compromisso esta noite.

— Sete anos — murmurou Oak.

— Não, não... não é tanto! — atalhou Boldwood, com impaciência. — São cinco anos, nove meses e alguns dias. Já passaram quase quinze meses desde que ele desapareceu, e será assim tão extraordinário num noivado de um pouco mais de cinco anos?

— Parece ser demorado, para quem olha para a frente. Não deposite demasiada fé nessas promessas, senhor. Lembre-se: já foi enganado uma vez. As intenções dela até podem ser boas; mas, lá está... ainda é nova.

— Enganado? Nunca! — retorquiu o lavrador, com veemência. — Ela não me prometeu nada daquela primeira vez e, portanto, não quebrou a sua promessa! Se me prometer, vai casar-se comigo. Bathsheba é uma mulher de palavra.

IV

Troy estava sentado num canto da Taberna do Cervo Branco, em Casterbridge, a fumar um cigarro e a beber de um copo que fumegava. Alguém bateu à porta, e Pennyways entrou.

— Então, já falou com ele? — perguntou ao maioral, indicando-lhe uma cadeira.

— Boldwood?

— Não. Long, o advogado.

— Não ’tava em casa. Fui lá primeiro.

— Que maçada.

— Pois é.

— No entanto, não vejo por que razão um homem que parece ter-se afogado mas não se afogou deveria ser responsável pelo que quer que seja. Eu cá não vou consultar nenhum advogado... não eu!

— Mas não é bem isso. S’um homem muda de nome e coisa e tal, e toma medidas pra enganar o mundo e a sua própria mulher, é um aldrabão. Aos olhos da lei, será sempre um bandido, será sempre um desmiolado d’um vagabundo; e é crime punível.

— Ah-ah! Bem dito, Pennyways — riu-se Troy, mas foi com uma ponta

de ansiedade que acrescentou: — Ora bem, o que eu quero saber é o seguinte: acha que existe mesmo alguma coisa entre ela e Boldwood? Por minha alma, nunca tal ideia me passaria pela cabeça! Como ela deve detestar-me! Já conseguiu saber se foi ela a encorajá-lo?

— Não consegui saber. Parece que há sentimentos da parte dele, mas, quanto a ela, não me pronuncio. Eu não sabia uma palavra deste assunto até ontem e tudo o que ouvi dizer é qu'ela vai à festa que há esta noite em casa dele. É a primeira vez que lá vai, segundo dizem. E também dizem qu'ela nunca mais conversou com o homem desde que 'tiveram os dois na Feira de Greenhill. Mas o que sabem as pessoas? Cá pra mim, ela não gosta dele... é demasiado fria e indiferente.

— Não tenho assim tanta certeza... É uma bela mulher, não acha, Pennyways? Reconheça que nunca viu uma criatura tão bela e requintada em toda a sua vida. Juro pela minha honra que, quando lhe pus os olhos em cima, no outro dia, perguntei-me como fui capaz de deixá-la sozinha tanto tempo. E, depois, vi-me preso àquele espetáculo enfadonho, do qual já me libertei, graças a Deus.

Troy deu mais uma passa no cigarro e perguntou:

— Como estava ela quando a viu ontem?

— Oh, ela não me deu grande atenção, como deve imaginar; mas parecia bem de saúde, tanto quanto pude ver. Virou aquele olhar altivo prà minha pobre carcaça e logo olhou prò outro lado, como s'eu mais não fosse qu'uma árvore sem folhas. Ela tinha descido da égua pra ir ver a sidra do ano, acabada de espremer; como viera a cavalo, 'tava rosadinha e ofegante, o peito subindo e descendo, subindo e descendo, mesmo ali nas minhas barbas. Ah, pois foi, e eram só homens à volta dela, atarefados a espremer as maçãs, e que diziam: «Atenção às maçãs, s'nhora, qu'inda lhe sujam o vestido.» «Não se preocupem com isso», disse-lhes ela. Depois, Gabe trouxe-lhe um pouco da sidra nova, e ela bebeu-a por uma palha, em vez de fazer como nós. «Liddy», disse, «traz-me alguns galões e farei vinho de sidra com eles.» Sargento, 'tar ali eu ou um pedaço de carvão queimado, pra ela era o mesmo.

— Tenho de ir ter com Bathsheba de imediato. Ah, sim, agora vejo. Tenho de ir. Oak ainda é o maioral, não é?

— Sim, julgo que é. E da Pequena Quinta de Weatherbury também. É ele quem manda naquilo tudo agora.

— Não deve ser fácil para ele mandar na minha mulher, ou para outro homem qualquer da mesma laia!

— Não sei. Mas ela não passa sem ele e, sabendo disso, ele faz o que quer. Aquela cabecinha lá tem os seus pontos fracos, embora eu não tenha dado com nenhum, que só o diabo lá entra!

— Ah, maioral, ela está acima das suas capacidades, e o senhor tem de reconhecê-lo: é um animal de outro calibre... com um estofo mais fino. Mas, se ficar comigo, nenhuma deusa altiva, impetuoso pedaço de mulher, cópia de Juno (que era uma deusa, como sabe) que seja minha, ou seja quem for, lhe fará mal. Mas tudo isto exige que sigamos a situação de perto. E, com um jeitinho aqui e outro ali, vejo que as coisas até estão bem encaminhadas.

V

— Como é que eu estou, Liddy? — perguntou Bathsheba, dando um último jeito ao vestido antes de se separar do espelho.

— Nunca a vi tão bela. Sim, vou dizer-lhe quando foi que a vi tão bela como hoje: foi naquela noite, aqui há um ano e meio, em que entrou de rompante, furiosa, e nos repreendeu a todos por termos feito comentários sobre si e o senhor Troy.

— Todos vão pensar que estive a pôr-me bela para seduzir o senhor Boldwood — murmurou. — Pelo menos, é o que dirão. E se alisássemos um pouco mais o meu cabelo? Receio ir... mas também receio fazer-lhe mal se não for.

— De qualquer modo, s’nhora, não pode ir mais simples do que já está, a menos que se enfie dentro de uma saca. É a emoção que a torna tão chamativa esta noite.

— Não sei o que se passa comigo. Ora me sinto miserável, ora fervo de animação. Oxalá pudesse continuar sozinha, como estive neste último ano e pouco, sem esperanças e sem medos, sem prazer e sem dor.

— Ora, imagine que o senhor Boldwood lhe pedia... só lhe peço que imagine... para a senhora fugir com ele. O que é que faria, senhora?

— Liddy... isso não — replicou Bathsheba, com um ar grave. — Nota

bem: não vou tolerar brincadeiras a respeito deste assunto. Ouviste-me?

— Perdoe-me, s'nhora. Mas, sabendo como nós, mulheres, somos criaturas singulares, eu só dizia... enfim, não vou dizer mais nada.

— Não voltarei a casar por muitos anos; e, se alguma vez o fizer, será por razões muito, muito diferentes daquelas que tu imaginas ou que os outros pensam! Agora, vai buscar-me o manto, que é tempo de irmos.

VI

— Oak — disse Boldwood —, antes de ir, gostava de falar-lhe de uma ideia em que tenho estado a pensar ultimamente... refiro-me a esse pequeno acordo que fizemos a respeito da sua parte nos lucros da quinta. É uma percentagem pequena, demasiado pequena, tendo em conta que quase não me tenho dedicado ao negócio ultimamente, enquanto você, Oak, lhe dedica tanto tempo de trabalho físico e mental. Ora, uma vez que o mundo se tornou de repente um lugar mais feliz para mim, eu gostava de mostrar-lhe a minha gratidão aumentando a sua parte na nossa parceria. Farei um *memorandum* do acordo que me parecer conveniente, pois não tenho tempo para discuti-lo agora em pormenor; e, quando estiver disponível, falamos. A minha intenção é, em última instância, retirar-me por completo da gestão da quinta e, enquanto você conseguir suportar todo o peso sobre os seus ombros, eu serei o seu parceiro adormecido. Depois, se me casar com ela... e eu espero... sinto que assim será, bem...

— Por favor, não diga isso, senhor — interrompeu Oak. — Não sabemos o que pode acontecer. Esta vida dá tantas voltas. Há muitas maneiras de as coisas nos escaparem, como se diz... e eu aconselho-o, sei que me perdoará desta vez, a não estar tão *seguro*.

— Eu sei, eu sei. Mas a vontade que tenho de aumentar a sua parte deve-se ao que descobri a seu respeito. Já desvendei um pouco do seu segredo, Oak: o seu interesse nela é mais do que o simples interesse de um maioral pela sua patroa. Mas vi-o comportar-se como um homem e, qual rival triunfante... que fui, em parte, graças ao seu bom coração, gostaria de mostrar-lhe o meu reconhecimento pela amizade com que me tratou, apesar do grande desgosto que tudo isto lhe terá causado.

— Ah, agradeço-lhe, mas não é necessário — disse Oak, abreviando. — Terei de habituar-me à ideia; outros homens já o fizeram, e eu não sou diferente dos demais.

Oak deixou-o. Estava inquieto com a situação de Boldwood, pois acabara de ver que esta obstinada paixão do lavrador o transformara num homem diferente do que ele tinha sido no passado.

Boldwood permaneceu ainda algum tempo sozinho no quarto — vestido e pronto para receber os seus convidados —, e a ansiedade em relação à aparência passou-lhe, sendo substituída por uma profunda solenidade. Olhando pela janela, contemplou o contorno esbatido do arvoredo recortado no céu, e o crepúsculo que se adensava em escuridão.

Depois, dirigiu-se a um armário trancado e tirou de uma gaveta fechada à chave uma pequena caixa redonda do tamanho de uma caixa de comprimidos. Preparava-se para guardá-la no bolso, mas deteve-se e abriu-a, olhando de relance para o interior. A caixa continha um anel de mulher, todo cravado de pequenos diamantes, e via-se que tinha sido uma compra recente. Os olhos de Boldwood demoraram-se alguns instantes nas suas múltiplas cintilações, embora fosse claro, pelo seu gesto e expressão, que o aspeto material do objeto pouco lhe importava. A sua mente seguia, sim, o pretenso fio da história futura daquela joia.

Ouviu-se, então, o som de uma viatura a parar à entrada da casa. Boldwood fechou a caixa, guardou-a com cuidado no seu bolso e saiu para o patamar. O velho homem que lhe servia de mordomo chegara no mesmo momento aos pés da escada.

— Estão a chegar, senhor, e são muitos, vêm a pé e em viaturas!

— Ia mesmo agora descer. As rodas que eu ouvi... são as da carruagem da senhora Troy?

— Não, senhor... A senhora Troy ainda não chegou.

Uma sombra voltara ao rosto reservado de Boldwood, mas mal lhe disfarçou a emoção ao pronunciar o nome de Bathsheba, e esta ansiedade febril continuou a denunciar-se pelo tamborilar galopante dos dedos sobre o flanco da perna enquanto descia a escadaria.

VII

— O que lhe parece este disfarce? — perguntou Troy a Pennyways. — Ninguém me reconheceria agora, tenho a certeza.

Estava a abotoar um pesado sobretudo cinzento, de corte pré-histórico, com capote e colarinho subido, este último ereto e rígido como uma cintura amuralhada, que quase tocava na borda de um chapéu de viagem enterrado até às orelhas.

Pennyways tirou o borrão da vela, levantou os olhos e, deliberadamente, inspecionou Troy.

— Já decidiu ir, então? — perguntou.

— Se decidi ir? Sim, claro que vou.

— E se lhe escrevesse uma carta? O sargento ’tá a meter-se em trabalhos. Sabe, as coisas vão vir todas a lume quando voltar, e não vão soar nada bem. Céus, s’eu ’tivesse no seu lugar, dava graças pla minha condição: um homem solteiro chamado Francis. Uma boa esposa não é uma coisa má, mas a melhor delas todas não é tão boa como não ter esposa nenhuma. Aí tem a minha honesta opinião e já me disseram, aqui e ali, que tenho boa cabeça.

— Que disparate pegado! — volveu Troy, zangado. — Ela está cheia dele, tem uma casa e uma quinta, tem cavalos e todos os confortos, e eu vivo dia a dia, como um aventureiro caído em desgraça. Além disso, não vale a pena falarmos; é tarde de mais, e agrada-me que seja. Já fui visto e reconhecido aqui, esta tarde. Devia ter ido ter com ela logo no dia a seguir à feira, em vez de ter dado ouvido às suas conversas sobre a lei e aos seus disparates acerca do divórcio. Não vou adiar nem mais um minuto. Que diabo me terá dado para fugir é que não consigo perceber! Um sentimentalismo de pacotilha, foi isso que foi. Mas que homem ia imaginar que a sua mulher estaria cheia de pressa para se livrar do seu nome?

— Eu cá tinha desconfiado. Ela é capaz de tudo.

— Pennyways, lembre-se que está a falar comigo.

— Bem, sargento, a única coisa que tenho a dizer-lhe é isto: s’eu fosse a si, voltava já prò estrangeiro d’onde vim... ’inda não é tarde. Eu cá não ia agitar as águas e meter-me em maus lençóis, só pra voltar a viver com ela. Olhe qu’essa vida de saltimbanco vai acabar por se saber, ’inda que vossemecê pense que não. Qu’eu seja cego e paralítico se não houver sarilho do grosso quando o sargento voltar... no meio da festa de

Natal de Boldwood!

— Hum, sim. Imagino que não seja um convidado muito bem-vindo, se ela lá estiver na festa com ele — replicou o sargento, rindo ligeiramente. — Uma espécie de Alonzo, *o Bravo*[139]. Quando fizer a minha entrada, os convidados vão ficar mudos de medo e todo o riso e prazer serão abafados, as luzes no salão ficarão azuis e os vermes... Ui, que nojo! Mande vir mais um pouco de brande, Pennyways, senti aqui um arrepio! E mais, o que posso levar mais? Um cajado... Tenho de ter um cajado.

Pennyways viu-se, deste modo, numa situação delicada. Se Bathsheba e Troy se reconciliassem, seria necessário recuperar a boa opinião da primeira para usufruir do patrocínio do marido.

— Por vezes, penso qu'ela ainda gosta de si e que, lá no fundo, é uma boa mulher — acrescentou, emendando a mão. — Mas não há como saber à primeira vista. Ora, o sargento fará o que bem entender, é claro; e eu, da minha parte, farei o que me disser.

— Deixe-me ver que horas são — retorquiu Troy, depois de esvaziar o copo de um trago ao levantar-se. — Seis e meia. Vou devagar por essa estrada fora e ainda lá chego antes das nove.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

Concurritur — Horae Momento[140]

À frente da casa de Boldwood, encontrava-se um grupo de homens mergulhados na escuridão, a olhar para a porta que de vez em quando se abria e fechava, para dar passagem a algum convidado ou criado, altura em que uma faixa de luz dourada riscava o chão e logo desaparecia, reduzindo-os de novo ao brilho pálido do candeeiro escondido no meio da folhagem que emoldurava a porta.

— Viram-no esta tarde em Casterbridge... Segundo disse o rapaz — notou um deles, num sussurro. — E eu, desta vez, até acredito. O cadáver nunca apareceu, como sabem.

— Que história tão estranha — murmurou outro. — Podem crer qu'ela nada sabe do sucedido.

— Nada.

— Talvez ele não queira qu'ela saiba — observou um terceiro.

— Se está vivo e anda por aí, é porque tem más intenções — volveu o primeiro. — Pobrezinha: tenho pena dela, se for verdade. O homem vai arrastá-la prà lama.

— Oh, não; vai ficar é bem quietinho — comentou um deles, disposto a ter uma visão mais otimista do caso.

— Que falta de bom senso da parte dela ter-se metido c'um homem destes! É tão senhora do seu nariz e tão independente que até dá vontade de dizer que 'tava a pedi-las, em vez de lamentar a sua sorte.

— Não, não. Não sou da mesma opinião. Ela era apenas uma pequena, e com'ia adivinhar de que massa era o homem feito? Se for verdade, o castigo é demasiado duro e maior do qu'ela merece ter... Ei, quem vem lá? — perguntou, ouvindo passos.

— William Smallbury — respondeu, no meio da penumbra, um vulto indistinto que, subindo, se juntou a eles. — 'Tá escuro como breu, não é verdade? Quase não via a tábua que estenderam no leito do rio, e é coisa que nunca antes m'acontecera. Algum dos amigos trabalha pra

Boldwood? — perguntou, escrutinando os rostos ali reunidos.

— Sim... todos nós. Chegámos há minutos.

— Ah, eu conheço essa voz. É a voz de Sam Samway: bem me tinha parecido familiar. Vão entrar?

— Daqui a nada. Mas queria perguntar-lhe, William — soprou-lhe Samway —, já ouviu esta estranha história?

— O quê, rapazes? A de que viram por aí o sargento Troy? — volveu Smallbury, baixando também ele a sua voz.

— Pois sim; em Casterbridge.

— Sim, já ouvi. Laban Tall contou-ma por alto agora mesmo... mas não acho que seja verdade. Ei, aí vem Laban, parece-me.

Ouviram-se passos.

— Laban?

— Sim, sou eu — respondeu Tall.

— Há mais novidades?

— Não — disse ele, juntando-se ao grupo. — E acho que devíamos ficar calados. S'isto não for verdade, só vai desorientá-la e fazer-lhe mal; se for, não lhe fará bem nenhum antecipar o problema. Deus queira que seja mentira, pois 'inda que Henery Fray e outros se queixem dela, eu nunca tiv'outra coisa senão justiça da sua parte. É vivaça e impaciente, mas é uma rapariga corajosa, incapaz de dizer uma mentira por muito qu'a verdade a prejudique. E eu não tenho motivos pra lhe desejar o mal.

— Ela nunca conta as mentirinhas das mulheres, lá isso é certo; e é coisa que se pode dizer de muito poucas. Sim, todo o mal que pensa de nós di-lo na nossa cara: não há fingimento nela.

Ficaram em silêncio, cada um perdido nos seus pensamentos. Enquanto isso, chegavam-lhes os ecos da festa, vindos de dentro. A certa altura, a porta abriu-se e a luz jorrou no patamar. A silhueta de Boldwood recortou-se claramente no retângulo mais claro e a porta tornou a fechar-se. O lavrador desceu o carreiro devagar.

— É o patrão — sussurrou um dos homens, quando o reconheceu. — É melhor fecharmos a boca, que não tarda volta a entrar. Não ia achar bem ver-nos aqui, a molengar.

Boldwood passou pelos homens sem os ver, pois estavam escondidos por baixo dos arbustos, na erva. O lavrador parou, debruçou-se no portão e respirou fundo. Depois, os homens ouviram-no falar em voz

baixa.

— Espero por Deus que ela venha, ou esta noite será para mim uma desgraça! Oh, minha querida, minha querida, porque me fazes esperar?

Estava a falar consigo próprio, mas todos o ouviram com nitidez. Depois, emudeceu, e os sons da festa tornaram-se de novo audíveis, até que, alguns minutos mais tarde, foram abafados por um ruído de rodas leves a descerem a encosta da colina. O veículo aproximou-se e deteve-se junto do portão. Boldwood correu para trás e abriu a porta de casa — e a luz inundou Bathsheba, que vinha a subir o carreiro.

O lavrador conseguiu comprimir os seus sentimentos numa simples saudação: os homens repararam no riso discreto dela e no seu pedido de desculpas quando o saudou de volta. Ele levou-a para dentro e a porta tornou a fechar-se.

— Deus do céu! Não fazia ideia de que ele ainda se sentia assim! — exclamou um dos homens. — Pensei que a paixoneta já lhe tinha passado há muito.

— Vossemecê não sabe nada do nosso patrão se pensou isso — lançou Samway.

— O qu'eu não gostava nada era qu'ele descobrisse que nós o ouvimos — assinalou um terceiro.

— Devíamos ter-lhe contado logo o que se diz por aí — acrescentou o primeiro, inquieto. — Pode vir daqui mais mal do que s'imagina. Pobre senhor Boldwood, é um rude golpe pra ele. Quem nos dera que Troy estivesse... Bem, que Deus me perdoe desejar tal coisa! É um bandido por andar a pregar tais partidas à pobre mulher. Nada medrou em Weatherbury desde qu'ele aqui pôs os pés. E, agora, falta-me a coragem pra entrar. Vamos ali à casa de Warren primeiro, não, vizinhos?

Samway, Tall e Smallbury concordaram em ir à casa de Warren e puseram-se a caminho, enquanto os outros entravam dentro de casa. Os três homens chegaram à fábrica de malte pouco depois, atalhando pelo pomar adjacente em vez de irem pela rua. Como sempre, a janela do postigo estava iluminada. Smallbury ia um pouco adiantado quando, estacando, virou-se de súbito para os companheiros e disse:

— Chiu! Olhem ali.

A luz que vinha do postigo parecia agora brilhar, não sobre a hera que recobria a fachada, como era hábito, mas sobre uma forma junto do

vidro. Era um rosto humano.

— Aproximemo-nos — murmurou Samway; e todos avançaram em bicos de pés.

Já não havia como duvidar do rumor. O rosto de Troy estava praticamente colado à vidraça e ele estava a espreitar lá para dentro. Não só estava a espreitar lá para dentro, como parecia ter sido atraído por uma conversa que decorria no interior, sendo as vozes dos interlocutores as de Oak e do fabricante de malte.

— A farra é toda em honra dela, hein? — perguntou o ancião. — Embora ele nos faça crer qu'é apenas pra celebrar o Natal?

— Não me cabe a mim dizer — respondeu Oak.

— Ah, mas é a mais pura das verdades, por minha fé. Não percebo o que deu ao lavrador Boldwood, na idade que tem, pra perder o juízo por essa mulher, que não quer saber dele nem pintado d'ouro.

Depois de reconhecerem as feições de Troy, os homens retiraram-se pelo pomar tão silenciosamente como tinham vindo. Nessa noite, o destino de Bathsheba pairava no ar: todas as palavras, por toda a parte, lhe diziam respeito. Quando já estavam longe o suficiente para não serem ouvidos, os três pararam ao mesmo tempo, como um só corpo.

— Fez-me cá uma impressão... a cara dele — disse Tall, ofegante.

— A mim também — acrescentou Samway. — O qu'é que fazemos?

— Não vejo qu'isto seja da nossa conta — murmurou Smallbury, incerto.

— Mas é. É uma coisa que diz respeito a toda a gente — argumentou Samway. — Sabemos muito bem qu'o patrão 'tá no mau caminho, e qu'ela não sabe de nada, e devíamos dizer-lhes já. Laban, vossemecê conhece-a bem... é melhor ir até lá e pedir pra lhe falar.

— Não fui feito pra essas coisas — volveu Laban, nervoso. — Acho que devia ser William a fazê-lo. É o mais velho.

— Não quero ter nada a ver com esse assunto — replicou Smallbury. — Isto é uma coisa delicada, toda ela. Além disso, ele não tarda a ir ter com a mulher, vão ver.

— Não sabemos se vai. Venha daí, Laban.

— Muito bem, lá terá de ser — respondeu Tall, com relutância. — O qu'é que eu digo?

— Peça pra falar com o senhor.

— Ah, não! Eu cá não vou falar com o senhor Boldwood. Se falar com alguém, é com a nossa patroa.

— Pois seja — disse Samway.

Laban dirigiu-se, então, à porta. Ao abri-la, o burburinho da festa escapou-se pela abertura como uma onda a rebentar numa praia deserta — o grosso dos convidados encontrando-se ali mesmo, no átrio — e desvaneceu-se num murmúrio quando ele tornou a fechá-la. Os homens esperaram, atentos, cada um olhando em redor para as copas escuras das árvores que balouçavam delicadamente naquele fundo de céu, estremecendo ao sabor da brisa, como se estivessem interessados na paisagem, embora não fosse o caso. Um deles começou a subir e a descer a ladeira e, a certa altura, regressou ao ponto onde estava e tornou a parar, sentindo que andar naquele momento era inútil.

— Imagino que Laban já deva ter visto a patroa por esta altura — comentou Smallbury, interrompendo o silêncio. — Talvez ela não venha falar com ele.

A porta abriu-se. Tall apareceu e juntou-se a eles.

— E então? — indagaram.

— Não m'agrada pedir pra falar com ela, afinal — vacilou Laban. — Estavam todos numa azáfama lá dentro, a tentar dar alegria ao serão... É como se a festa não descolasse, embora tenha de tudo o qu'um homem quer. E eu não fui capaz de lá chegar e atirar-lhes um balde d'água fria... nem que fosse pra salvar a própria vida, não seria capaz!

— Acho que devíamos entrar todos juntos — disse Samway, num tom funesto. — Talvez eu possa dar uma palavra ao patrão.

Os três homens entraram no átrio, que tinha sido, pela sua dimensão, o lugar escolhido e arranjado para a festa. Aqui, jovens de ambos os sexos começavam, por fim, a dançar. Bathsheba não soubera o que fazer, porque também não era muito mais do que uma frágil rapariga e o peso da solenidade esmagava-a. Momentos houve em que achou que não devia ter vindo em quaisquer circunstâncias; depois, considerou que teria sido uma rude indelicadeza da sua parte. Por fim, decidiu-se por uma solução de compromisso: ficar apenas uma hora e escapar-se sem ser vista, resolvendo que não ia dançar, cantar ou ter um papel ativo naquela diversão.

Depois de passar essa hora a conversar e a observar o mundo em

seu redor, disse a Liddy que não se apressasse e dirigiu-se à pequena saleta, para se preparar para a partida. Esta, tal como o átrio, fora decorada com hera e azevinho e estava bem iluminada.

Ali, não encontrou ninguém, mas, mal tinha chegado, entrou o senhor da casa.

— Senhora Troy... Não me diga que vai partir? — perguntou ele. — Mal começámos!

— Se me dá licença, eu gostava de ir agora. — Os seus gestos denunciavam a inquietude que sentia, porque se lembrava bem da sua promessa e já adivinhara o que ele ia dizer-lhe a seguir. — Como ainda não é tarde — acrescentou —, posso ir a pé para casa e deixar o meu homem e Liddy na festa, para que venham quando lhes aprouver.

— Estive à procura de uma oportunidade para lhe falar — disse Boldwood. — Já deve saber o que desejo dizer-lhe?

Bathsheba olhou para o chão, em silêncio.

— Concede-ma? — volveu ele, ávido.

— O quê? — murmurou ela.

— Ora, está a ser evasiva! A sua promessa, é claro. Não quero ser importuno, ou divulgá-la seja a quem for. Mas peço-lhe que me dê a sua palavra! Um simples acordo de negócios, entre duas pessoas que estão para lá da influência da paixão.

Boldwood sabia como era falso este cenário em relação a si próprio; mas a experiência mostrara-lhe que era o único tom em que ela lhe permitiria abordá-la.

— A promessa de casar-se comigo ao fim de cinco anos e três quartos. Deve-me essa promessa!

— Sinto que lha devo, sim — replicou Bathsheba. — Se o senhor ma exigir. Mas sou uma mulher mudada... uma mulher infeliz... e não... não...

— Ainda é uma mulher muito bonita — afirmou Boldwood.

A honestidade e a convicção tinham-lhe sugerido estas palavras, sem que houvesse nelas qualquer consciência de que poderiam ter sido usadas de forma lisonjeira, para conquistar as boas graças dela.

A lisonja, porém, já não exercia sobre Bathsheba o mesmo efeito e, num murmúrio sem paixão que era por si só prova das suas palavras, ela disse:

— Não sinto nada. E não sei o que devo fazer na difícil posição em que me encontro, nem tenho quem possa aconselhar-me. Mas faço a promessa, se tanto insiste. Faço-a em pagamento de uma dívida, à condição, é claro, de ser, de facto, viúva.

— Casar-se-á comigo daqui a cinco ou seis anos?

— Não me pressione demasiado. Não me casarei com mais ninguém.

— Mas dir-me-á uma data, ou será que é uma promessa vazia?

— Oh, não sei! Deixe-me ir, suplico-lhe! — exclamou ela, o peito arfando. — Tenho medo do que posso fazer! Quero ser justa consigo, mas parece ser uma injustiça que faço a mim própria. E talvez seja um desrespeito dos mandamentos. Há uma dúvida considerável quanto à morte dele e isso é assustador. Deixe-me falar com um advogado, senhor Boldwood, para saber se posso ou não!

— Diga as palavras, minha querida, e não se fala mais nisso. Uma terna e bem-aventurada intimidade de seis anos, seguida de casamento... Oh, Bathsheba, diga-as! — implorou ele, numa voz rouca, incapaz de continuar a disfarçar os seus sentimentos. — Prometa-me que será minha; eu mereço-o, é verdade que mereço, pois amei-a mais do que qualquer outra pessoa no mundo! E, se me mostrei demasiado impaciente e fervoroso consigo, acredite, minha querida, não era minha intenção perturbá-la; eu estava em sofrimento, Bathsheba, e já não sabia o que dizia. Não acredito que deixasse um cão sofrer aquilo que eu sofri, se o soubesse! Por vezes, estremeço só de imaginar que um dia possa saber o que sinto por si, outras, perturba-me a ideia de que nunca venha a sabê-lo. Seja piedosa e ceda um pouco, porque eu seria capaz de dar a minha vida por si!

Os berloques do vestido, tremendo na luz, mostravam como Bathsheba estava agitada, e ela acabou por se desfazer em lágrimas.

— E promete-me que não irá... pressionar-me... a respeito de mais nada... se eu disser daqui a cinco ou seis anos? — soluçou, ao recuperar a fala.

— Sim, nessa altura, deixarei que o tempo faça o resto.

Ela esperou um momento.

— Muito bem. Casar-me-ei consigo daqui a seis anos a contar deste dia, se ambos estivermos vivos — afirmou, com solenidade.

— E levará isto como lembrança minha.

Boldwood aproximou-se de Bathsheba e, com as duas mãos, agarrou na mão dela, encostando-a ao seu peito.

— O que é? Oh, mas eu não posso usar um anel! — exclamou ela, vendo o objeto que ele lhe trazia. — Além disso, não quero que ninguém saiba que estamos comprometidos! É impróprio, não acha? E não se trata de um noivado convencional, pois não? Não insista, senhor Boldwood... não! — Vendo que não conseguia libertar-se, Bathsheba bateu com força com o pé no chão e os seus olhos tornaram a encher-se de lágrimas.

— É apenas um simples sinal, sem sentimento, uma forma de selarmos este pacto — volveu ele, mais calmo, mas retendo a mão dela com firmeza. — Vamos lá!

Enfiou-lhe o anel no dedo.

— Não posso usá-lo — disse ela, chorando como se sentisse o coração a partir. — O senhor assusta-me, ou quase. Que ideia mais disparatada! Por favor, deixe-me ir para casa!

— Só esta noite: use-o só esta noite, faça-me esse gosto!

Bathsheba sentou-se numa cadeira e afundou a cara no seu lenço, sem que Boldwood lhe libertasse a mão. Por fim, disse-lhe, num murmúrio quase desesperado:

— Muito bem, usá-lo-ei esta noite, já que tanto o deseja. E agora largue-me. Vou usá-lo, prometo, vou usá-lo esta noite.

— E será o início de um agradável noivado secreto de seis anos com um casamento no fim?

— Terá de ser, uma vez que tanto insiste! — volveu ela, a sua resistência completamente vencida.

Boldwood deu-lhe um último aperto na mão, antes de a deixar cair no seu regaço.

— Já estou feliz agora — declarou ele. — Que Deus a abençoe!

Dizendo isto, saiu da sala e, quando ajuizou que ela já estaria recomposta, enviou uma criada ao seu encontro. Bathsheba disfarçou os efeitos desta última cena o melhor que pôde, seguiu a rapariga e, dali a instantes, desceu a escadaria de chapéu e manto postos, pronta para sair. Para chegar à porta, era necessário passar pelo átrio. Antes de avançar, deteve-se no fundo das escadas que terminavam num canto da divisão, para dar uma última vista de olhos à festa.

Não havia música ou dança em curso nesse momento. Num canto ao fundo, especialmente arranjado para acomodar os trabalhadores da quinta, um grupo conversava entre sussurros, de cara fechada. Boldwood estava de pé junto da lareira e até mesmo ele, tão absorvido por visões nascidas da promessa dela que mal via o que o rodeava, parecia ter reparado naquela reunião peculiar e nos olhares de soslaio que lhe deitavam.

— Posso saber o que vos preocupa, homens? — perguntou.

Um deles virou-se e respondeu, constrangido:

— Foi algo que Laban ouviu dizer, é só isso, senhor.

— Alguma notícia? Alguém se casou ou noivou, nasceu ou morreu? — inquiriu o lavrador, num tom jovial. — Conte lá, Tall. Pelas vossas caras e modos misteriosos, até parece que algo de terrível aconteceu.

— Ah, não, senhor, ninguém morreu — respondeu Tall.

— Oxalá tivesse morrido — lançou Samway, num murmúrio.

— O que foi que você disse, Samway? — perguntou Boldwood, com alguma secura. — Se têm alguma coisa a dizer, digam-no em voz alta; se não, levantem-se para mais uma dança.

— A senhora Troy já desceu — disse Samway para Tall. — Se quer contar-lhe, é melhor fazê-lo agora.

— A senhora sabe, por acaso, ao que se referem? — perguntou o lavrador a Bathsheba, numa voz que atravessou o átrio.

— Não faço a mais pequena ideia — respondeu ela.

Nesse momento, ouviu-se alguém a bater à porta com energia. Um dos homens abriu-a e saiu.

— Alguém para a senhora Troy — afirmou, ao regressar.

— Estou pronta — disse Bathsheba. — Mas não pedi a ninguém que viesse buscar-me.

— É um desconhecido, senhora — disse o homem junto da porta.

— Um desconhecido? — perguntou ela.

— Convide-o a entrar — ordenou Boldwood.

A mensagem foi entregue, e Troy, coberto até aos olhos tal como o vimos, apresentou-se na entrada.

Um silêncio do outro mundo abateu-se sobre a sala que, em peso, fitava agora o recém-chegado. Aqueles que tinham acabado de saber que ele estava nas imediações, reconheceram-no logo; os que não

sabiam ficaram intrigados. Ninguém reparou em Bathsheba. Estava apoiada nas escadas. Tinha a testa profundamente enrugada, os lábios entreabertos, e uma palidez espalhara-se-lhe pelo rosto enquanto fitava o visitante.

Boldwood era um dos que não tinham percebido que se tratava de Troy.

— Entre, entre — repetiu ele, delirante —, e beba um copo de Natal connosco, amigo!

Troy avançou até ao centro da sala, tirou o chapéu, virou para baixo o colarinho do casaco e olhou para Boldwood. Ainda assim, este não reconheceu nele a encarnação da persistente ironia dos Céus a seu respeito, aquele que já o privara uma vez da sua alegria, que já o espoliara, que já destruíra a sua felicidade e que agora se preparava para fazer tudo de novo. O desconhecido deu uma gargalhada mecânica: Boldwood reconheceu-o de imediato.

Troy virou-se, então, para Bathsheba. A desgraça da pobre rapariga estava agora para lá de toda a imaginação ou narrativa. Tinha-se afundado no último degrau da escadaria e ali ficara sentada, com os lábios secos e azulados e os olhos negros fitando o marido sem o ver, como se ainda se perguntasse se não seria tudo uma terrível ilusão.

Por fim, ele falou.

— Bathsheba, vim buscá-la!

Ela não respondeu.

— Venha para casa comigo: venha!

Bathsheba mexeu os pés, mas não se levantou. Troy atravessou a sala ao seu encontro.

— Venha, senhora, não ouviu o que eu lhe disse? — afirmou, perentório.

Em resposta a esta pergunta, uma estranha voz fez-se ouvir, vinda da lareira — uma voz que parecia longínqua e abafada ao mesmo tempo, como se viesse do interior de uma masmorra. Quase ninguém da multidão ali reunida reconheceu aquele timbre fininho como sendo o de Boldwood. Um desespero súbito transformara-o.

— Bathsheba, vá com o seu marido!

Ainda assim, ela não se moveu. A verdade é que estava incapaz de mover-se — embora não tivesse desmaiado. Mergulhara num estado de

gutta serena[141] mental; o seu espírito encontrava-se, nesse instante, totalmente desprovido de luz, sem que se visse de fora essa noite que se abatera sobre ela.

Troy estendeu o braço para a puxar. Bathsheba recuou de repente. Este medo visível parecia tê-lo irritado, e ele agarrou-lhe no braço, puxando-o com força. Se a magoara ou se o simples toque fora a causa, nunca se chegou a saber, mas, no momento em que ele lhe tocou, ela contorceu-se e soltou um pequeno grito.

O grito fora ouvido apenas há segundos quando uma súbita e ensurdecedora detonação ressoou pelo átrio, espantando-os a todos. A divisória em madeira de carvalho estremeceu com o choque e o espaço encheu-se de um fumo cinzento.

Com uma profunda estupefação, todos se viraram para Boldwood. Atrás dele, existia um armeiro sobre a chaminé, como é hábito nas quintas, feito para sustentar duas armas. Quando Bathsheba gritara, o rosto transido do lavrador transfigurara-se. A ira inchara-lhe as veias e um brilho de loucura acendera-se nos seus olhos. Virando-se de repente, recolhera uma das espingardas, levantara o cão e, sem hesitar, disparara sobre Troy.

Este caiu. A distância que separava os dois homens era tão pequena que a carga de chumbo não se dispersara, atravessando-lhe o corpo como uma bala. Ouviu-se um longo suspiro, gutural — houve uma contração, seguida de uma distensão e, no fim, os seus músculos relaxaram-se e ele não se mexeu mais.

Boldwood foi visto através do fumo, de novo a manipular a arma. Era uma espingarda de dois canos e ele tinha entretanto, não se sabe como, atado o lenço ao gatilho. Com o pé na outra ponta da arma, estava a tentar disparar o segundo cano contra si próprio. Samway foi o primeiro a vê-lo nestes preparos e, no meio do horror generalizado, correu na sua direção. Boldwood já tinha puxado o lenço e a espingarda disparou pela segunda vez, enviando o seu conteúdo, graças à intervenção oportuna de Samway, contra a viga que atravessava o teto.

— Não importa! — disse o lavrador, arquejando. — Posso morrer de outra maneira.

Libertando-se de Samway, atravessou o átrio direito a Bathsheba e

beijou-lhe a mão. Depois, pôs o chapéu, abriu a porta e saiu para a escuridão da noite, sem que ninguém pensasse sequer em impedi-lo.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Depois do Choque

Boldwood entrou na estrada principal e virou na direção de Casterbridge. Num passo firme e certo, superou a encosta de Yalbury Hill, percorreu a planície, subiu Mellstock Hill e, entre as onze e a meia-noite, atravessou o lameiro que conduzia à cidade. Àquela hora, as ruas estavam quase desertas e as luzes trémulas dos candeeiros não iluminavam mais do que as persianas cinzentas das lojas e as faixas brancas do pavimento onde agora ressoava o som dos seus passos. Virou então à direita e deteve-se diante de uma arcada em pesada alvenaria, fechada por um par de portas reforçadas com ferro. Era a entrada da prisão e, por cima dela, havia uma lanterna cuja luz permitiu ao miserável viajante encontrar o cordão da campainha.

Ao fim de algum tempo, o pequeno postigo abriu-se e um porteiro apareceu. Boldwood deu um passo em frente e disse-lhe algo em voz baixa. Dali a instantes, veio um outro homem. O lavrador entrou e a porta fechou-se atrás dele, separando-o para sempre do mundo exterior.

Entretanto, a aldeia de Weatherbury em peso já acordara e sabia da tragédia que pusera um fim à festa de Boldwood. Entre aqueles que não tinham ido à festa, Oak foi um dos primeiros a saber da catástrofe. Quando entrou na sala, o que aconteceu cerca de cinco minutos após a saída do anfitrião, um horrível espetáculo ofereceu-se aos seus olhos. As mulheres, lívidas, tinham-se juntado umas às outras e encostado às paredes, como as ovelhas durante a tempestade, e os homens tinham caído num torpor, sem saber o que fazer. Quanto a Bathsheba, tudo nela mudara. Estava sentada no chão, ao lado do corpo de Troy, com a cabeça do marido pousada no regaço, onde ela própria a colocara. Com uma mão, encostara o seu lenço ao peito dele, cobrindo a ferida, ainda que quase nenhum sangue tivesse corrido; com a outra, apertava com força a mão do marido. A tragédia doméstica devolvera-lhe o controlo de si própria. O coma temporário cessara e a necessidade trouxera-lhe de volta o movimento. Os atos de resistência, que parecem comuns nas

palavras dos filósofos, são raros na prática, e Bathsheba causava agora o espanto de todos quantos se encontravam ali reunidos, porque a sua filosofia era a sua prática e ela raramente considerava exequível aquilo que não praticava. Era uma mulher com o estofo de que são feitas as mães dos grandes homens — indispensável às nobres gerações, odiada nos salões de chá, temida nas lojas e amada nos momentos de crise. Caído no regaço da sua mulher, Troy era agora o único espetáculo em cena naquele átrio imenso.

— Gabriel — chamou ela, mal o viu entrar, erguendo um rosto que apenas no seu desenho lhe era familiar, pois tudo o resto no seu retrato se dissipara. — Vá já a cavalo a Casterbridge e traga-me um médico. É inútil, creio eu, mas vá na mesma. O senhor Boldwood disparou contra o meu marido.

A sua maneira de enunciar o facto, tão simples e serena, teve mais impacto do que uma declamação trágica, obrigando as imagens distorcidas na mente de cada um dos convidados a recuperarem o seu foco. Antes mesmo de ter apreendido a dimensão do que ali se passara, Oak correu porta fora, selou uma montada e cavalgou noite dentro. Só quando já tinha percorrido mais de um quilómetro é que se arrependeu de não ter enviado outro homem em seu lugar e permanecido ele próprio na casa. O que teria acontecido a Boldwood? Alguém devia ter-se ocupado dele. Estaria louco? Teria havido algum confronto? E como é que Troy ali chegara? De onde viera ele? Como se operara essa extraordinária reaparição quando tantos o julgavam morto, no fundo do mar? Oak já esperava, em certa medida, o reencontro com Troy na festa, porque ouvira rumores do seu regresso quando vinha a entrar na casa de Boldwood. Mas antes de poder verificar se era verdade, a tragédia acontecera. Agora, porém, já era tarde para pensar em enviar outro mensageiro, e ele seguiu caminho, tão absorto nas suas interrogações que não reparou no vulto de ombros quadrados que passava à sombra da caniçada, a cerca de cinco quilómetros de Casterbridge, indo na mesma direção do que ele.

A distância a percorrer e outras contingências, relacionadas com o despropósito da hora e a escuridão cerrada da noite, atrasaram a chegada do Sr. Aldritch, o médico, e mais de três horas decorreram entre o momento do disparo e a sua entrada na casa de Boldwood. Oak ainda

teve de parar em Casterbridge para comunicar às autoridades o que ali tinha acontecido, antes de descobrir que Boldwood também já chegara à cidade e se entregara na prisão.

Entretanto, o médico, entrando apressado no átrio da casa do lavrador, encontrou-a deserta e mergulhada na penumbra. Dirigindo-se às traseiras, descobriu na cozinha um velho homem, a quem fez um conjunto de perguntas.

— Ela levou-o para casa, senhor — disse o informador.

— Quem? — inquiriu o médico.

— A senhora Troy. Ele 'tava bem morto, senhor.

Era uma informação surpreendente.

— Ela não tinha esse direito — volveu o médico. — Tem de haver uma investigação e ela devia ter aguardado para saber o que fazer.

— Sim, senhor; foi-lhe dito qu'era melhor esperar até se saber da lei. Mas ela disse que a lei não era nada pra ela e que não ia deixar o corpo do seu querido marido ficar ali, à mercê dos olhares do povo vindo dos quatro cantos de Inglaterra.

O Sr. Aldritch retomou o seu veículo e subiu a encosta de novo até à casa de Bathsheba. A primeira pessoa que aí encontrou foi a pobre Liddy, que parecia ter literalmente definhado naquelas últimas horas.

— O que é que foi feito? — perguntou ele.

— Não sei, senhor — respondeu a rapariga, sustendo a respiração. — A minha senhora fez tudo.

— Onde está ela?

— Lá em cima, senhor, com ele. Quando foi trazido para casa e levado lá para cima, ela disse que já não precisava de mais ajuda da parte dos homens. Depois, chamou-me e fez-me encher a banheira e, no fim, disse-me que o melhor era eu ir deitar-me porque estava com um ar doente. Fechou-se no quarto, sozinha com ele, e não deixou entrar quem quer que fosse. Mas eu decidi ficar no quarto ao lado, para o caso de ela precisar de mim. Ouvi-a a mexer-se lá dentro por mais de uma hora, mas só saiu uma vez, para vir buscar mais velas, porque as dela já tinham ardido até ao fim. Pediu-nos que a avisássemos quando o senhor ou o senhor Thirdly chegassem.

Oak entrou com o pároco nesse instante e todos subiram ao andar de cima, conduzidos por Liddy Smallbury. Quando pararam no patamar,

reinava um silêncio sepulcral. Liddy bateu à porta e ouviu-se, do outro lado, o murmúrio do vestido de Bathsheba a atravessar o quarto. A chave rodou na fechadura e ela abriu a porta. Estava com um ar calmo e quase rígido, como um busto de Melpómene[142] ligeiramente animado.

— Ah, senhor Aldritch, enfim! — suspirou, mal abrindo os lábios e puxando a porta para trás. — E o senhor Thirdly. Bem, já está tudo feito. Agora, qualquer pessoa no mundo pode vê-lo.

Dizendo isto, passou por eles, atravessou o patamar e enfiou-se num outro quarto.

Ao olharem para o quarto do defunto de onde Bathsheba acabara de sair, viram, à luz das velas pousadas nas cómodas, um vulto alto e direito estendido ao fundo e embrulhado num lençol branco. Tudo à sua volta estava arrumado. O médico entrou e, dali a minutos, regressou ao patamar, onde Oak e o vigário continuavam à espera.

— Está tudo feito, de facto, como ela diz — assinalou o Sr. Aldritch, numa voz rendida. — O rapaz foi despido e vestido com as suas roupas fúnebres. Deus seja louvado, ela é apenas uma rapariga! Deve ter os nervos de um estoico!

— Ou o coração de uma esposa — respondeu-lhes um murmúrio.

Quando se viraram, os três homens viram Bathsheba.

Nesse momento, como se lhes quisesse provar que a sua força fora mais conseguida do que espontânea, ela afundou-se em silêncio no meio deles e ficou caída no chão, como uma massa inerte de tecido. A simples consciência de que uma força sobre-humana já não lhe era exigida pusera um fim imediato ao sortilégio.

Os homens levaram-na para um outro quarto ainda, e a assistência médica que fora inútil no caso de Troy mostrou-se valiosa no de Bathsheba, que desmaiou várias vezes de forma inquietante. Sofredora, teve de deitar-se na cama. Depois de o médico lhe assegurar que nada de grave lhe aconteceria, Oak retirou-se. Liddy ficou de vigia à cabeceira da sua senhora e, ao longo das horas lentas e cruas dessa noite maldita, ouviu-a gemer e sussurrar.

— Oh, a culpa é minha... como posso eu viver! Céus, como posso eu viver!

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

Março Seguinte — «Bathsheba Boldwood»

Passamos rapidamente ao mês de março, a um dia enevoado e ventoso, sem geada ou orvalho. Em Yalbury Hill, a meio caminho entre Weatherbury e Casterbridge, no lugar onde a estrada do pedágio passa pelo cume da colina, reunira-se um grande ajuntamento de gente. A maior parte dos presentes olhava com frequência para norte. Os grupos consistiam numa turba de ociosos, um batalhão de homens de armas e dois corneteiros, em redor de algumas carruagens. Numa delas, ia o grande xerife. Entre os curiosos, muitos dos quais tinham subido para o cimo de um talude à beira da estrada, encontravam-se vários homens e rapazes de Weatherbury — entre outros, Poorgrass, Coggan e Cain Ball.

Ao fim de uma meia hora, uma nuvem de poeira foi avistada do lado esperado e, pouco depois, uma carruagem que transportava um dos dois juízes do Circuito Oeste subiu a encosta da colina e parou no cume. O juiz mudou de carruagem enquanto os corneteiros, de bochechas inchadas, tocavam um floreado, e formou-se um cortejo, com viaturas e homens de armas, rumo à cidade. Todos partiram, à exceção dos homens de Weatherbury, que, mal viram o juiz afastar-se, regressaram a casa, ao seu trabalho.

— Joseph, vi-o colar-se àquela carruagem — disse Coggan, enquanto caminhavam. — Conseguiu ver o rosto de milorde o juiz?

— Vi, sim — respondeu Poorgrass. — E olhei bem fundo pra ele, como se lhe lesse a alma; e havia piedade nos seus olhos... Ou, pra falar toda a verdade que nos exigem estes solenes momentos, no olho que estava virado pra mim.

— Bem, espero que corra tudo plo melhor — comentou Coggan —, embora veja a coisa malparada. Seja como for, não irei ao tribunal e aconselho-vos a todos a fazerem o mesmo. Isso só vai tirar-lhe o juízo, ver-nos ali especados a olhar pra ele, como se fosse um espetáculo.

— Foi precisamente o qu'eu disse esta manhã — observou Joseph. — «A justiça veio pesá-lo na balança», disse eu, enquanto fazia o meu

caminho, «e se no fim ele for muito leve, que s'ajustem as contas.» Um sujeito que ali 'tava até gritou: «Ouçam, ouçam! Um homem que fala assim tem de ser ouvido.» Mas eu não gosto de pensar nestas coisas, porque as minhas poucas palavras são as minhas poucas palavras, e não são muito, mesmo que o discurso de alguns homens seja repetido por toda a parte como se tivesse sido feito pra isso.

— Assim é, Joseph. E agora, vizinhos, tal com'eu disse, cada um que vá pra sua casa.

Todos seguiram este conselho e aguardaram com ansiedade as notícias do dia seguinte. Mas uma descoberta feita nessa tarde interrompeu o *suspense*, deitando uma nova luz sobre o comportamento de Boldwood e a condição em que se achava.

Que ele tinha andado, desde o dia da Feira de Greenhill até à fatídica véspera de Natal, num invulgar delírio de alegria era sabido de todos quantos lhe eram íntimos; mas ninguém imaginava que isso fosse, só por si, um sintoma inequívoco do desarranjo mental de que Bathsheba e Oak, individualmente e em momentos diferentes, tinham suspeitado. Num armário fechado à chave, acabara de ser descoberta uma insólita coleção de objetos. Havia um número impressionante de vestidos de senhora dentro do guarda-fato, feitos de múltiplos e luxuosos tecidos — sedas e cetins, popelinas e veludos, todos eles de cores que, tendo em conta o estilo das indumentárias de Bathsheba, poderiam ser consideradas as suas favoritas. Havia dois regalos, um de marta-zibelina, outro de arminho. E, acima de tudo, havia uma caixa de joias, contendo quatro pesadas pulseiras de ouro e vários anéis e medalhões, todos de boa qualidade e manufatura. Estas coisas tinham sido compradas em Bath e noutras cidades, ao longo do tempo, e trazidas para casa às escondidas. Todas tinham sido cuidadosamente embrulhadas e cada embrulho vinha identificado com o nome da sua destinatária: «Bathsheba Boldwood», acrescido de uma data de dali a seis anos.

Estas provas patéticas de um distúrbio mental causado pelo amor eram o tema de conversa na casa de malte de Warren quando Oak ali chegou, no regresso de Casterbridge, com a notícia da sentença. Ao entrar na cervejaria nessa tarde, o seu rosto, iluminado pelas brasas do forno, contou a história sem a ajuda de palavras. Como já todos

suspeitavam, Boldwood declarara-se culpado e fora condenado à morte.

Contudo, todos estavam convencidos de que o lavrador não fora moralmente responsável pelos seus últimos atos. Factos anteriores ao julgamento já tinham apontado nessa direção, mas não possuíam peso suficiente para justificarem um exame médico da condição mental do réu. Era surpreendente, agora que a presunção de insanidade fora levantada, o número de circunstâncias que, em retrospetiva, configuravam uma doença mental — entre outras, o modo inexplicável como negligenciara as suas plantações no verão anterior.

Uma petição foi enviada ao ministro da Administração Interna, apresentando todos os elementos que pareciam justificar uma reavaliação da sentença. Não fora, porém, «assinada por muitos» dos habitantes de Casterbridge, como era hábito nestes casos, porque Boldwood nunca tivera jeito para fazer amigos. Os comerciantes acharam muito natural que um homem que, importando diretamente ao produtor, tinha ousado ignorar o primeiro grande princípio da existência provincial — a saber, que Deus criou as aldeias para fornecer os clientes das cidades — pudesse ter ideias confusas acerca do Decálogo. Aqueles que tinham falado em sua defesa eram um punhado de gente piedosa que talvez tivesse considerado de uma forma demasiado emotiva os factos recentemente descobertos. E daí resultaram provas que se esperava que pudessem anular o crime do ponto de vista moral, enquanto homicídio voluntário, e fazer com que fosse analisado como um simples ataque de loucura.

Em Weatherbury, o resultado desta petição foi aguardado com um interesse apreensivo. A execução fora marcada para as oito da manhã de um sábado, cerca de quinze dias depois de ser lida a sentença, e até sexta-feira à tarde não fora recebida qualquer resposta. Gabriel chegou nessa altura da prisão de Casterbridge, onde tinha ido despedir-se de Boldwood. Regressava por uma rua secundária, para evitar o centro da cidade, quando, ao passar pela última casa, ouviu as pancadas de um martelo. Levantando a cabeça, que levava curvada, olhou de relance para trás. Por cima das chaminés, via agora a parte de cima da entrada da prisão, onde incidiam os últimos raios de sol, e reparou nas figuras que aí se moviam. Eram carpinteiros a erguer um poste na posição vertical sobre o parapeito. Gabriel desviou os olhos e seguiu caminho.

Já era noite quando chegou a casa e metade da aldeia saiu à rua para vir ao seu encontro.

— Não há novidades — disse, num tom abatido. — E temo que não haja esperança. Estive lá, com ele, mais de duas horas.

— Acha que ele estava *realmente* fora de si quando fez aquilo? — indagou Smallbury.

— Sinceramente, não sou capaz de garanti-lo — replicou Oak. — Mas disso podemos falar numa outra altura. Houve alguma melhoria na patroa esta tarde?

— Nenhuma.

— Ela desceu?

— Não. E pensar que até já tinha começado a arrebitar... Poucas melhorias houve desde o Natal. Não para de perguntar se vossemecê já chegou e se há notícias, até ficarmos todos fartos de lhe responder. Digo-lhe que já chegou?

— Não — respondeu Oak. — Ainda há uma hipótese; mas eu já não podia passar mais um minuto na cidade... depois de o ver. E Laban? Laban está aqui, não está?

— Sim — respondeu Tall.

— Já combinei tudo: vossemecê vai a cavalo até à cidade assim que o dia findar, partindo daqui cerca das nove horas. Depois, espera por lá um bocado, para chegar a casa pela meia-noite. Se nada chegar até as onze, eles dizem que não há qualquer esperança.

— Eu espero sinceramente que a vida dele seja poupada — disse Liddy. — Se não for, ela vai perder a cabeça também. Pobrezinha, tem sofrido horrores; merece a pena de todos nós.

— Está muito mudada? — perguntou Coggan.

— Se não vê a nossa pobre patroa desde o Natal, não vai reconhecê-la — respondeu Liddy. — Tem uns olhos tão tristes que já não é a mesma mulher. Ainda há dois anos, era uma rapariga cheia de alegria e, agora, veja-se o que resta dela!

Laban partiu como lhe fora indicado e, às onze horas, vários aldeões o esperavam na estrada para Casterbridge. Entre eles, estava Oak, assim como quase todos os empregados de Bathsheba. Era grande o desejo de Gabriel de que Boldwood fosse salvo — ainda que, na sua consciência, sentisse que ele devia morrer —, porque apreciava as

qualidades do lavrador. Por fim, quando já estavam todos cansados de esperar, ouviu-se o galope de um cavalo ao longe.

Primeiro abafado, como sobre turfa,
Depois num tropel ressoando na aldeia
Foi-nos chegando o ruído dos seus passos.[143]

— Não tarda, saberemos, quer seja uma coisa ou outra — disse Coggan, e todos saltaram do talude onde estavam sentados para o meio da estrada, o cavalo empinando-se à frente deles.

— É vossemecê, Laban? — indagou Gabriel.

— Sim... 'tá feito. Ele não vai morrer. Ficará confinado até que Sua Majestade o desobrigue.

— Hurra! — exclamou Coggan, com visível alívio. — Deus ainda é mais forte do que o Diabo!

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

Beleza na Solidão — Apesar de Tudo

Bathsheba regressou à vida com a chegada da primavera. A prostração que se seguira ao seu estado febril diminuiu a olhos vistos quando a incerteza que pairava sobre vários aspetos da sua existência se dissipou finalmente.

Mas passava a maior parte do tempo sozinha, dentro de casa, não indo mais longe do que o jardim quando saía. Evitava toda a gente, até mesmo Liddy, não procurando intimidade ou simpatia.

Com a chegada do verão, começou a passar mais tempo ao ar livre e voltou, por força das circunstâncias, a interessar-se pelos assuntos da lavoura, ainda que nunca pegasse no cavalo para ir inspecionar os seus campos, como nos velhos tempos. Numa noite de sexta-feira, no mês de agosto, caminhou um pouco pela estrada e entrou na aldeia pela primeira vez desde os funestos acontecimentos do Natal anterior. As suas faces não tinham recuperado as cores de antigamente e a absoluta palidez do rosto era realçada pelo preto intenso do vestido, que lhe dava um aspeto irreal. Quando chegou a uma pequena loja na outra ponta da aldeia, que ficava quase em frente ao cemitério, Bathsheba ouviu cânticos dentro da igreja e percebeu que o coro estava a praticar. Atravessando a rua, abriu o portão e entrou no cemitério, os parapeitos altos dos vitrais escondendo-a com eficácia dos olhos que se encontravam no interior. No seu passo furtivo, dirigiu-se a esse recanto onde Troy se pusera a plantar flores no sepulcro de Fanny Robin e chegou à estela de mármore.

A satisfação iluminou-lhe o rosto quando leu a inscrição completa. Primeiro, as palavras do próprio Troy:

ERGUIDA POR FRANCIS TROY
EM MEMÓRIA DA MUITO AMADA
FANNY ROBIN,
QUE MORREU A 9 DE OUTUBRO DE 18—
COM 20 ANOS.

Por baixo, fora gravado com novas letras:

NA MESMA SEPULTURA JAZEM
OS RESTOS MORTAIS DO REFERIDO
FRANCIS TROY,
QUE MORREU A 24 DE DEZEMBRO DE 18—
COM 26 ANOS.

Enquanto lia o epitáfio e meditava diante da campa, o som do órgão fez-se de novo ouvir no interior da igreja. Num mesmo passo silencioso, foi até ao pórtico e pôs-se à escuta. A porta estava fechada e o coro ensaiava um novo hino. Bathsheba sentiu agitarem-se dentro de si emoções que, nos últimos tempos, julgara mortas. As vozes ténues das crianças trouxeram-lhe ao ouvido, claramente articuladas, as palavras que cantavam sem consciência ou compreensão...

Levai-me, luz piedosa, pela treva que se adensa,
Levai-me.[144]

Como é comum entre as mulheres, as emoções de Bathsheba estavam sempre dependentes, em certa medida, do seu estado nervoso. Sentindo um nó na garganta, lágrimas encheram-lhe os olhos — e ela deixou-as correr sem tentar reprimi-las. Vieram, abundantes, uma delas chegando mesmo a cair no banco de pedra ao seu lado. Assim que começou a chorar, sem saber muito bem porquê, já não conseguiu impedir que certos pensamentos familiares viessem, de novo, atormentá-la. Teria dado qualquer coisa no mundo para ser como aquelas crianças, alheias ao significado do que cantavam porque demasiado inocentes para sentirem a necessidade dessas palavras. Todas as cenas de paixão que cabiam na sua breve experiência de vida acudiam-lhe agora ao pensamento com redobrada intensidade, e mesmo aquelas que tinham sido vividas com frieza ganhavam nesse momento uma força inusitada. A dor sobrevinha-lhe, já não como o flagelo do passado, mas como um luxo.

Como tinha a cara pousada nas mãos, não reparou que alguém se aproximara em silêncio do pórtico. Vendo-a ali, o primeiro impulso de Gabriel foi o de retirar-se, mas arrependeu-se e ficou a contemplá-la. Bathsheba levou algum tempo a levantar a cabeça e, quando o fez, tinha

o rosto coberto de lágrimas e os olhos húmidos e vazios.

— Senhor Oak! — exclamou, desconcertada —, há quanto tempo está aqui?

— Há alguns minutos, senhora — respondeu ele, com respeito.

— Vai entrar? — perguntou ela, no momento em que chegavam, do interior da igreja, estas palavras:

Amei o dia radioso e, apesar dos meus cuidados,
O orgulho dominava-me a vontade: não te lembres dos anos passados.

— Vou, sim — respondeu Gabriel. — Sou um dos baixos, sabe? Há meses que aqui canto.

— A sério? Não sabia. Nesse caso, vou deixá-lo.

Que amei desde então e perdi por um tempo,

cantava o coro de crianças.

— Não quis afugentá-la, senhora. Não creio que vá esta noite.

— Oh, não... não me afugentou.

Seguiu-se um momento de algum constrangimento, Bathsheba tentando limpar o rosto inchado e húmido sem que Gabriel reparasse. Por fim, ele quebrou o silêncio:

— Não a tenho visto... ou melhor, não temos falado... faz muito tempo, não é?

Receando, porém, evocar más recordações, mudou de assunto.

— Também tencionava ir à igreja?

— Não — respondeu ela. — Vim contemplar a lápide, sozinha. Para verificar se tinham gravado o epitáfio que lhes dei. Senhor Oak, não tem de ter receio de falar comigo, se assim o desejar, do assunto que ambos temos em mente.

— E eles fizeram o que desejava? — inquiriu ele.

— Sim. Venha ver, se ainda não viu.

Juntos, leram a lápide.

— Já passaram oito meses! — murmurou ele, ao reparar na data. — Parece que foi ontem.

— A mim, parece que foi há anos... muitos anos, e que morri entretanto. E agora vou para casa, senhor Oak.

Oak seguiu-a.

— Na verdade, queria falar-lhe de um assunto com alguma urgência — disse ele, não sem hesitação. — É um assunto de trabalho, e ocorreu-me que podia falar-lhe dele agora, se me der licença.

— Sim, por favor.

— É que talvez tenha em breve de retirar-me do lugar de maioral da sua quinta, senhora Troy. Estou a pensar deixar a Inglaterra. Não de imediato, sabe... nesta primavera.

— Deixar a Inglaterra? — gritou ela, com espanto e genuína desilusão. — Mas porquê, Gabriel? O que o leva a fazer uma coisa dessas?

— Bem, foi o que me pareceu melhor — balbuciou Oak. — A Califórnia é o lugar que tenho em mente.

— Mas o que tenho ouvido por aí é que passaria a gerir a quinta do pobre senhor Boldwood?

— Tive direito de opção, é verdade; mas nada ainda foi decidido e eu tenho as minhas razões para abdicar. Vou concluir o ano como gerente, para os curadores, mas não mais do que isso.

— E eu, o que farei eu sem si? Oh, Gabriel! Não penso que tenha de ir-se embora. Já está comigo há tanto tempo... Atravessámos juntos os bons e os maus momentos. Somos amigos de tão longa data... que até parece uma maldade da sua parte. Eu tinha imaginado que, mesmo assumindo a outra quinta, ainda poderia dar uma ajuda na minha. E diz-me que se vai embora!

— Tê-lo-ia feito de boa vontade.

— Agora, que nunca estive tão desprotegida, vai-se embora?

— Sim, é esse o infortúnio — replicou Gabriel, aflito. — É por causa dessa fragilidade que me sinto na obrigação de partir. Boa tarde, senhora — concluiu, claramente ansioso por se afastar dela, e apressando-se a sair do cemitério por um caminho que Bathsheba não teria nenhum pretexto para seguir.

Ela voltou para casa com uma nova angústia, que, sendo mais maçadora do que letal, teve como consequência benéfica distraí-la dessa melancolia crónica em que caíra a sua vida. Pensou muito em Oak e no seu desejo de evitá-la. E vieram-lhe à memória vários incidentes recentes que, embora triviais quando analisados individualmente, tendiam a provar, no seu conjunto, que ele procurava

fugir à companhia dela. Ao fim de algum tempo, acabou por sentir uma dor profunda perante a ideia de que o seu velho e derradeiro discípulo se preparava para abandoná-la e partir. Ele que acreditara nela e que a defendera quando o resto do mundo estava contra ela, tinha acabado, como todos os outros, por se cansar e desistir da velha causa, deixando-a sozinha a travar as suas batalhas.

Passaram-se três semanas e outros sinais vieram confirmar a falta de interesse de Gabriel na companhia dela. Bathsheba reparou que, em vez de entrar na pequena saleta ou escritório onde se faziam as contas da quinta, de esperar ou de deixar um bilhete como fizera quando ela se fechara dentro de casa, Oak já nunca vinha nos momentos em que sabia que ia encontrá-la, aparecendo apenas a horas inusitadas, quando era quase impossível cruzar-se com ela naquela parte da casa. Sempre que precisava de instruções, enviava uma mensagem ou um bilhete sem cabeçalho nem assinatura, à qual Bathsheba era obrigada a responder no mesmo estilo impessoal. A pobre começava agora a sofrer da mais agonizante tortura: a sensação de que estava a ser desprezada.

O outono passou tristemente nesta melancólica atmosfera e chegou o dia de Natal, completando um ano do seu luto legal e dois anos e um quarto da sua vida solitária. Ao sondar o coração, Bathsheba estranhou um pouco que as recordações que lhe trazia aquela quadra — da noite trágica em casa de Boldwood — não a perturbassem de todo. Tinha, em vez disso, a dolorosa certeza de que fora renegada por todos — sem saber porquê — e de que Gabriel era o cabecilha dos dissidentes. Ao sair da igreja naquele dia, olhou para trás, na esperança de que Oak, cuja voz de baixo ouvira ressoar na galeria num tom descontraído, pudesse seguir o mesmo caminho que ela, como noutros tempos. E ali estava ele, descendo o carreiro mais atrás. Ao vê-la virar-se, porém, desviara os olhos e, assim que passara a cancela, aproveitara o mínimo pretexto para se afastar e desaparecer.

A manhã seguinte trouxe-lhe a derradeira estocada; ela já a esperava há muito tempo. Era uma carta oficial por meio da qual ele a informava de que não ia renovar o seu contrato com ela no dia da Anunciação.

Bathsheba sentou-se e chorou amargamente ao ler esta carta. Sentia-se magoada e ferida com a ideia de que o amor sem esperança de Gabriel, que ela acabara por considerar um direito inalienável, lhe fosse

assim retirado por *motu proprio*. Também a alarmava a perspetiva de ter de contar de novo com os seus próprios recursos: parecia-lhe que nunca mais seria capaz de reunir ânimo suficiente para ir ao mercado, negociar e vender. Depois da morte de Troy, Oak passara a ocupar-se de todas as vendas e de todas as feiras, encarregando-se das transações do negócio de Bathsheba ao mesmo tempo que tratava do seu. O que faria ela agora? A sua vida afundava-se na desolação.

Tão angustiada estava nessa tarde que, numa ânsia de misericórdia e compaixão, infeliz por ter perdido a única amizade verdadeira que alguma vez tinha tido, pôs a touca e o manto e dirigiu-se a casa de Oak, assim que o Sol se pôs, guiada pelos raios rosa-pálido de um quarto crescente com alguns dias.

A janela mostrava a luz reconfortante de uma lareira, mas não se via ninguém no interior. Ela bateu com nervosismo e, depois, interrogou-se se seria apropriado uma mulher sozinha visitar um homem solteiro, ainda que ele fosse o seu maioral e ela pudesse ter vindo tratar de negócios sem que houvesse nada a apontar-lhe. Gabriel abriu-lhe a porta e a Lua brilhou no seu rosto.

— Senhor Oak — disse Bathsheba, numa voz sumida.

— Sim; eu sou o senhor Oak — replicou ele. — Com quem tenho a honra... Oh, que estupidez a minha não a ter reconhecido, patroa!

— Não serei a sua patroa por muito mais tempo, pois não, Gabriel? — volveu ela, num tom patético.

— Creio que não... Mas entre, senhora... Ah, deixe-me ir buscar uma vela — disse ele, atabalhoadamente.

— Se é por mim, não vale a pena.

— É tão raro receber a visita de uma senhora que receio não ter as condições certas. Sente-se, por favor. Aqui está uma cadeira, e ali outra. Lamento que as minhas cadeiras tenham todas assentos de madeira e que sejam um pouco duras, mas eu... eu até estava a pensar em arranjar umas novas.

Oak deu-lhe duas ou três a escolher.

— Servirá muito bem.

Ela sentou-se e ele fez o mesmo, enquanto as chamas dançavam nos rostos de um e de outro e sobre a velha mobília,

Brilhante e polida

Dos longos anos de serventia[145]

que era tudo o que ele possuía de recheio da casa, devolvendo-lhe o reflexo das chamas. Era muito estranho que estas duas pessoas que se conheciam tão bem, pelo simples facto de se encontrarem num lugar novo, em circunstâncias inabituais, ficassem tão acanhadas e constrangidas. Nos campos ou na casa dela, nunca houvera embaraços; mas, agora que Oak passara a ser o anfitrião, as suas vidas pareciam ter recuado a esses dias em que eram dois desconhecidos.

— Achará por certo curioso que eu tenha vindo, mas...

— Oh, não; de modo algum.

— Mas eu pensei... Gabriel, tenho andado apreensiva com a possibilidade de tê-lo ofendido e assim provocado a sua partida. Causou-me um grande desgosto e não pude deixar de vir.

— Ofender-me! Como se fosse capaz de uma coisa dessas, Bathsheba!

— Não o fiz? — perguntou ela, satisfeita. — Mas, nesse caso, por que razão se vai embora?

— Já não vou emigrar, sabe? Não me tinha apercebido, antes de falar consigo, de que não desejava que eu fosse, ou não teria sequer pensado no assunto — afirmou, simplesmente. — Já negociei a Pequena Quinta de Weatherbury e vou instalar-me lá no dia da Anunciação. Como sabe, já tenho, há algum tempo, um quinhão daquela quinta. Mas isso não me impediria de continuar a ocupar-me da sua, como sempre, se não fosse o caso de correrem rumores sobre nós.

— Rumores? — replicou Bathsheba, surpreendida. — Sobre nós os dois? Que rumores?

— Não posso dizer-lhe.

— Seria mais sensato dizer-me, creio. Já desempenhou tantas vezes o papel de meu mentor que não vejo por que razão receia fazê-lo agora.

— Desta vez, não é nada que você tenha feito. O resumo da história é este: que eu ando aqui a rondar, à espera da quinta do pobre Boldwood, com o fito de a ter a si um dia.

— Ter-me? Como assim?

— Casar-me consigo, em bom português. Pediu-me que lhe dissesse,

agora não me censure.

Ao contrário do que Oak tinha esperado, Bathsheba não reagiu como se um canhão tivesse disparado sobre os seus ouvidos.

— Casar-se comigo! Não percebi que era a isso que se referia — observou, calmamente. — É demasiado absurdo... demasiado cedo... para pensar nisso!

— Sim, claro, é absurdo. Não desejo tal coisa. E pensei que isso já seria evidente por esta altura. É bom que fique claro que a Bathsheba seria a última pessoa do mundo com quem eu pensaria em casar-me. É absurdo, como diz.

— Demasiado ce-cedo foram as palavras que eu usei.

— Peço-lhe que me perdoe por corrigi-la, mas as suas palavras foram «demasiado absurdo», tal como as minhas.

— Também lhe peço perdão! — volveu ela, com lágrimas nos olhos. — Demasiado cedo foi o que eu disse. Mas não tem a mais pequena importância... a mais pequena... Eu queria apenas dizer «demasiado cedo». Estou a ser sincera, senhor Oak, o senhor devia acreditar em mim!

Gabriel olhou para ela longamente, mas, à luz da lareira, não havia muito que ver.

— Bathsheba — disse-lhe então com ternura, surpreendido e aproximando-se —, se ao menos eu soubesse uma coisa... se ao menos me permitisse que eu a amasse e conquistasse e me tornasse seu marido... se ao menos eu o soubesse!

— Mas nunca saberá — murmurou ela.

— Porquê?

— Porque nunca perguntou.

— Oh... Oh! — replicou Gabriel, com um riso tímido de alegria. — Minha querida...

— Não devia ter-me enviado aquela carta tão dura esta manhã — interrompeu ela. — Só mostra que não tem qualquer estima por mim e que estava disposto a desertar-me como todos os outros! Foi muito cruel da sua parte, tendo em conta que eu fui o seu primeiro amor, e você o meu primeiro; coisas que nunca esquecerei!

— Ora, Bathsheba, será possível alguém ser tão exasperante? — retorquiu ele, rindo. — Sabe muito bem que eu, como homem solteiro

encarregado dos negócios de uma jovem tão atraente, tenho de desempenhar o meu papel. Sobretudo porque as pessoas desconfiam dos meus sentimentos por si. Temi que a forma como nos associavam pudesse manchar a sua boa reputação. Ninguém sabe o quanto sofri à conta disso.

— Foi só por isso?

— Sim.

— Oh, como eu estou feliz por ter vindo! — exclamou ela, com gratidão, levantando-se da sua cadeira. — Pensei tanto em si desde que receei que já não queria sequer voltar a ver-me! Mas tenho de ir, agora, ou darão pela minha falta. Ora, Gabriel — acrescentou, com uma pequena risada, quando se dirigiram à porta —, dir-se-ia que vim fazer-lhe a corte... que horror!

— E ainda bem que o fez — replicou Oak. — Segui os seus passos incertos, minha querida Bathsheba, durante tantas milhas e tantos dias, que seria cruel cobrar-me esta única visita.

Oak acompanhou-a até ao cimo da colina, enquanto lhe explicava os pormenores da sua mudança para a outra quinta. Falaram muito pouco do que sentiam um pelo outro. Palavras doces e reconfortantes talvez fossem desnecessárias entre amigos já tão comprovados. O afeto que os unia era aquele que nasce entre duas pessoas que começam por conhecer os piores aspetos da personalidade uma da outra e só ao fim de algum tempo descobrem os melhores, o romance crescendo nos interstícios de uma realidade muito prosaica. Infelizmente, esta bela associação — ou *camaraderie* —, que resulta a maior parte das vezes de um desígnio comum, é rara no caso do amor entre os dois sexos; homens e mulheres não se associam pelos trabalhos da vida, mas sim pelos seus prazeres. Quando, porém, circunstâncias felizes permitem que se desenvolva, este sentimento duplo vem a revelar-se o único amor que é tão forte como a morte — esse amor que nenhum dilúvio saberia extinguir ou afogar[146], e ao lado do qual aquilo a que chamamos «paixão» é evanescente como o vapor.

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

Uma Noite e Uma Manhã de Nevoeiro — Conclusão

— Que seja uma cerimónia íntima, o mais simples e discreta que for possível.

Tinham sido estas as palavras de Bathsheba numa tarde, pouco tempo depois dos eventos narrados no capítulo anterior, e Oak ponderou durante uma hora certa qual seria a melhor maneira de cumprir os seus desejos à letra.

— Uma licença... Sim, terá de ser uma licença — concluiu, por fim. — Muito bem; primeiro, uma licença.

Numa noite sombria, alguns dias mais tarde, saiu com um ar misterioso da casa do delegado, em Casterbridge. No caminho de regresso, ouviu os passos pesados de alguém que o precedia. Quando alcançou o homem, reconheceu Jan Coggan. Caminharam juntos até à aldeia, até chegarem a uma pequena ruela atrás da igreja que conduzia à choupana de Laban Tall. Este último fora há pouco elevado à posição de sacristão da paróquia e era refém de um terror mortal, aos domingos, quando ouvia a sua voz solitária em certos caminhos mais duros dos salmos, por onde mais nenhum homem se aventurava a ir.

— Então, boa noite, Coggan — disse Oak. — Eu vou por ali.

— Oh! — exclamou o companheiro, surpreendido. — De onde lhe vem a brusquidão esta noite, senhor Oak?

Naquelas circunstâncias, seria demasiado ingrato não contar nada a Coggan, que tinha sido de uma lealdade inabalável durante todo esse tempo em que ele sofrera por Bathsheba. Gabriel perguntou-lhe:

— Vossemecê consegue guardar um segredo, Coggan?

— Parece-me que já fui posto à prova e que lho dei a saber.

— Sim, já o pus à prova e sei. Seja: eu e a patroa pretendemos casar-nos amanhã de manhã.

— Virgem santíssima. Não é que eu não tenha pensado nisso, aqui e

ali; é verdade que me passou pla cabeça. Mas esconderem-se assim! Enfim, não é da minha conta, e só posso desejar-vos as melhores felicidades.

— Obrigado, Coggan. Mas garanto-lhe que este grande segredo não é aquilo que eu desejava, e ambos teríamos preferido fazer as coisas de modo diferente se certos acontecimentos não se tivessem oposto à ideia de uma cerimónia feliz. Bathsheba não queria que toda a paróquia se apresentasse na igreja e se pusesse a olhar para ela, só de pensar nisso ficava nervosa e tímida, e foi para a tranquilizar que decidi fazer antes assim.

— Compreendo! E suponho que temos de aceitar. E agora, vai a casa do sacristão?

— Sim. Pode vir comigo, se quiser.

— Receio que os seus esforços pra manter tudo em segredo tenham sido em vão — disse Coggan, enquanto caminhavam. — A velha mulher de Labe Tall vai espalhar a notícia pla paróquia inteira em menos de meia hora.

— Valha-me Deus, vossemecê tem razão; não me tinha lembrado disso — concordou Oak, parando a meio do caminho. — Mas creio que tenho de dizer-lhe esta noite, porque ele está a trabalhar longe e parte cedo.

— Vou explicar-lhe como podemos enganá-la — sugeriu Coggan. — Eu bato à porta e peço pra falar com Laban cá fora, enquanto vossemecê fica escondido lá atrás. Depois, ele sai e vossemecê diz-lhe o que tem a dizer. Ela não vai adivinhar o que me levou até lá; invento duas ou três coisas sobre a quinta e ’tá feito.

Este esquema parecia exequível, e Coggan avançou sem receios e bateu à porta da Sr.ª Tall. Foi a própria quem abriu.

— Queria dar uma palavra a Laban.

— Ele não está em casa, e não vai estar antes das onze horas. Foi forçado a ir a Yalbury no fim do seu trabalho aqui. Mas posso ficar eu com o recado.

— Não me parece. Espere um segundo.

Coggan saiu do patamar para consultar Oak.

— Quem é o outro homem? — inquiriu a Sr.ª Tall.

— É apenas um amigo — respondeu Coggan.

— Diga-lhe que a nossa patroa o espera amanhã às dez horas, à porta da igreja — sussurrou Oak. — Que ele tem de vir sem falha e trazer as suas melhores roupas.

— As roupas vão denunciar-nos à certa! — advertiu Coggan.

— Não tenho como evitar — disse Oak. — Diga-lhe.

Coggan entregou a mensagem.

— Ouça bem, ’inda que faça sol ou chuva, vento ou neve, ele tem de vir — explicou Jan. — É um caso urgente, na verdade. Ele tem de servir de testemunha num contrato de partilha de partes qu’ela tem d’assinar com outro lavrador, e é por muitos anos. Aí está, já sabe de tudo, senhora Tall. E eu não lho teria dito se não a amasse tão desesperadamente.

Coggan retirou-se antes de ela ter tempo para fazer mais perguntas, e foram direitos à casa do vigário, sem levantar qualquer suspeita. No fim, Gabriel voltou para casa e preparou-se para o dia seguinte.

— Liddy — disse Bathsheba ao deitar-se, nessa noite. — Quero que me acordes às sete, amanhã, caso eu tenha adormecido.

— Mas a senhora acorda sempre antes disso, minha s’nhora.

— Sim, mas tenho uma coisa importante para fazer, da qual te falarei na altura devida, e não posso correr nenhum risco.

Bathsheba acordou espontaneamente às quatro e já não conseguiu pregar olho. Pelas seis, convencida de que o seu relógio tinha parado durante a noite, não quis esperar mais. Foi bater à porta de Liddy e, ao fim de algumas tentativas, acordou-a.

— Mas pensei que era eu quem tinha de acordá-la? — disse a rapariga, alarmada. — E ainda nem são seis.

— São, sim! Como podes dizer semelhante disparate, Liddy? Sei que já deve ter passado das sete. Vem ao meu quarto o mais depressa que puderes; preciso que me penteies o cabelo.

Quando Liddy chegou ao quarto de Bathsheba, a sua senhora já estava à espera. Ela não compreendia o motivo daquela extraordinária prontidão.

— Mas o que vem a ser isto, s’nhora? — quis saber.

— Bem, vou dizer-te — cedeu Bathsheba, com um sorriso travesso nos olhos brilhantes. — O lavrador Oak vem cá jantar esta noite!

— O lavrador Oak... e mais ninguém?... os dois sozinhos?

— Sim.

— Mas será seguro, s'nhora, com o que se diz por aí? — alertou a companheira, hesitante. — O bom nome de uma mulher é um bem tão perecível que...

Bathsheba riu-se e, corando, segredou algo ao ouvido de Liddy, apesar de não estar mais ninguém no quarto. A rapariga ficou pasmada a olhar para ela e exclamou:

— Valha-me Nosso Senhor, que notícia! Pôs-me o coração aos saltos!

— O meu também está a bater depressa — confessou Bathsheba. — Mas já não há como evitá-lo!

Era uma manhã de chuva, desagradável. No entanto, às dez menos vinte, Oak saiu de sua casa,

> *Subiu a colina*
> *Com esse modo de andar*
> *Que se vê num homem quando vai em busca*
> *De uma noiva*[147]

e bateu à porta de casa de Bathsheba. Dez minutos mais tarde, dois chapéus de chuva, um maior e outro mais pequeno, terão sido vistos a sair pela mesma porta e a seguir pela estrada, mergulhada na neblina, que os levaria à igreja. A distância não perfazia meio quilómetro e os dois, sensatos como eram, tinham decidido que não seria necessário levar um cabriolé. Só de muito perto se reconheceriam, sob os chapéus de chuva, os vultos de Oak e de Bathsheba, de braço dado pela primeira vez nas suas vidas. Ele levava um sobretudo que lhe dava pelos joelhos, ela um manto que lhe chegava aos tamancos. No entanto, embora vestida com humildade, dir-se-ia que rejuvenescera:

> *Como uma rosa que se tivesse fechado para ser de novo um botão.*[148]

A paz devolvera-lhe o tom rosado das faces e, a pedido de Gabriel, ela arranjara o cabelo como o usara anos antes, em Norcombe Hill. Aos olhos dele, estava extraordinariamente parecida com a rapariga desse sonho antigo, o que não era assim tão surpreendente, tendo em conta que ainda tinha vinte e três ou vinte e quatro anos. Na igreja, estavam Tall, Liddy e o pároco e, em muito pouco tempo, foi concluída a

cerimónia.

Nessa noite, os dois noivos sentaram-se muito calmamente a beber chá no salão de Bathsheba. Fora combinado que o lavrador Oak se mudaria para a casa dela, uma vez que, de momento, ainda não possuía dinheiro, casa ou mobília digna desse nome, embora estivesse a caminho de todas essas coisas, enquanto Bathsheba, por comparação, vivia numa abundância das três.

No momento em que ela servia uma chávena de chá, ambos foram saudados por uma salva de canhão, seguida do que lhes pareceu ser uma retumbante fanfarra, à frente da casa.

— Aí está! — disse Oak, rindo. — Eu sabia que os rapazes estavam a preparar alguma. Via-se na cara deles.

Ele pegou numa lanterna e foi até ao patamar, seguido de Bathsheba, que cobrira os cabelos com um xaile. A luz iluminou um grupo de homens reunidos na gravilha em frente. Quando viram os recém-casados, gritaram um vigoroso «Hurra!», enquanto o canhão voltava a disparar ao fundo, seguido de uma cacofonia de tambor, pandeireta, clarinete, serpentão, oboé, viola e contrabaixo — relíquias da verdadeira e original fanfarra de Weatherbury, veneráveis instrumentos que haviam celebrado as vitórias de Marlborough[149], sob os dedos dos antepassados daqueles que agora os tocavam. Os músicos avançaram.

— Esses rapazes estupendos, Mark Clark e Jan, estão por detrás de tudo isto — disse Oak. — Entrem, meus amigos, venham comer e beber comigo e com a minha mulher.

— Esta noite, não — respondeu o Sr. Clark, em evidente abnegação. — Agradecemos na mesma; mas faremos a visita numa altura mais apropriada. Contudo, não podíamos deixar passar o dia sem uma nota d’admiração. Se pudessem enviar uma gota d’algo à casa de Warren, era uma alegria... Uma vida longa e felicidade ao nosso vizinho Oak e à sua bela noiva!

— Obrigado; obrigado a todos — respondeu Gabriel. — De comer e de beber será levado à casa de Warren. Passou-me pela cabeça que íamos ser saudados, de uma forma ou de outra, pelos nossos velhos amigos, e era isso que dizia agora mesmo à minha mulher.

— Por minha fé — observou Coggan, num tom crítico, virando-se para

os seus companheiros —, o homem aprendeu a dizer «minha mulher» cá c'uma naturalidade que nem parece qu'inda é menino nas lides do matrimónio, hein, vizinhos?

— Nunca ouvi um bom marido, com vint'anos d'experiência no ofício, dizer «minha mulher» num tom tão natural — concordou Jacob Smallbury. — 'Inda que talvez fosse mais fiel à natureza se o dissesse com mais reserva. Mas tudo virá a seu tempo.

— O tempo vai trazer a melhoria — concordou Jan, malicioso, com um brilho no olhar.

Oak deu uma gargalhada, e Bathsheba sorriu (o riso já não lhe era imediato, agora). E os amigos foram-se embora.

— Sim, penso que tudo acabou bem — concluiu Joseph Poorgrass, com um suspiro satisfeito, enquanto se afastavam da casa. — Oxalá ele seja feliz com ela, embora eu hoje, por mais de uma vez, tenha estado pra dizer, como Oseias, neste meu tom profético que é a minha segunda natureza: «Efraim está entregue aos ídolos: deixa-o.»[150] Mas as coisas são como são, 'inda podiam ter sido piores, e eu sinto-me grato como convém.

Notas da Tradutora

EXCERTO DO PREFÁCIO DO AUTOR

[1] Prefácio escrito por Thomas Hardy (1840-1928) para a edição revista e compilada dos seus romances, publicada em 1895, por Osgood, McIlvaine & Co. (Londres).

[2] O título original, *Far from the Madding Crowd*, é uma citação de «Elegy Written in a Country Churchyard» («Elegia Escrita num Cemitério Campestre»), do poeta inglês Thomas Gray (1716-1771): *Far from the madding crowd's ignoble strife,/Their sober wishes never learned to stray;/Along the cool sequestered vale of life/They kept the noiseless tenor of their way.* Numa tradução da marquesa de Alorna: *Nunca os sóbrios desejos seus souberam,/Nunca no vil ruído desvairaram;/No ignoto e fresco vale onde nasceram/Durante a mansa vida prosperaram.*

[3] *The Cornhill Magazine*, que publicou (pela primeira vez) *Longe da Multidão*, em folhetim mensal, de janeiro a dezembro de 1874.

[4] Wessex, nome de um dos reinos da Inglaterra anglo-saxónica (século VI ao X), correspondente a uma grande parte do Sul e Sudoeste do atual país, é usado por Hardy para designar uma região ficcional inspirada no condado de Dorset e arredores. Na série de romances referida no prefácio, a toponímia inventada corresponde, assim, a lugares reais que foram rebatizados.

[5] Uma evocação da aldeia de Puddletown, perto de Dorchester.

[6] Já não é o caso (*Nota do Autor*, 1912).

[7] Provavelmente inspirada em Waterstone Manor, perto de Puddletown.

[8] Aqui, no sentido de instrumento de tortura: tronco com buracos onde se prendem os pés dos prisioneiros.

CAPÍTULO 1

[9] Alusão à Igreja de Laodiceia, acusada no livro do Apocalipse (3:14-16) de não ser «quente nem fria».

[10] Credo adotado no Concílio de Niceia (325 d. C.) e integrado no culto tradicional anglicano.

[11] O sobretudo castanho, largo e puído do Dr. Samuel Johnson, tal como é descrito por James Boswell no seu *Diário de Uma Viagem às Hébridas* (1785) e em *A Vida de Samuel Johnson* (1791).

CAPÍTULO 2

[12] O dia 21 de dezembro.

[13] Rápido como Mercúrio, o mensageiro alado dos deuses na mitologia romana.

[14] No livro IV de *Paraíso Perdido*, de John Milton, Satanás, na forma de um corvo-marinho, contempla o Paraíso do cimo da Árvore da Vida.

[15] Na mitologia romana, Juno, deusa da luz, adquire, por vezes, o sobrenome Lucina, divindade protetora dos partos, que traz os recém-nascidos à luz do dia.

CAPÍTULO 3

[16] Segundo o ideal clássico, a altura de um corpo bem proporcionado corresponde a oito vezes a altura da cabeça.

[17] Variedades de rosas de tonalidades diferentes, desde o rosa-pálido ao vermelho-profundo.

[18] Depois de adormecer com a cabeça pousada nos joelhos de Dalila, Sansão acorda e diz: «Sairei como das outras vezes e, sacudindo-me, libertar-me-ei.» Descobre, porém, que lhe raparam as tranças, origem da sua força lendária (Juízes 16:17-22).

CAPÍTULO 4

[19] Citado de *Macbeth*, de Shakespeare, ato V, cena 5, momento em que Macbeth reage à notícia da morte da sua mulher dizendo que a vida «é uma história/contada por um idiota, cheia de som e de fúria,/vazia de significado».

[20] O guano é um fertilizante esbranquiçado composto sobretudo de excrementos de pássaro e morcego; o cimento romano é um cimento avermelhado composto de água, gesso ou argila, cal e areia.

CAPÍTULO 5

[21] Nas célebres paisagens de J. M. W. Turner (1775-1851), pintor romântico inglês, este pigmento azul-arroxeado tende a ser diluído numa gradação de tons mais claros.

[22] Na mitologia grega, Hilas, companheiro de Héracles na expedição dos Argonautas em busca do Velo de Ouro, foi raptado na costa de Mísia pelas ninfas das fontes e lagos, que se deslumbraram com a sua beleza.

[23] São frequentes na pintura e na literatura as imagens melancólicas de Napoleão, contemplando a paisagem, no seu exílio na ilha de Santa Helena, depois de ser afastado do poder em 1815.

CAPÍTULO 6

[24] No Génesis (14:10), o vale de Sidim, nas margens do mar Morto, é descrito como estando cheio de poços de breu; neles terão caído os reis de Sodoma e Gomorra, ao fugirem dos seus inimigos e da ira de Deus.

[25] Uma canção popular do século XVIII, ainda em voga no século XIX, cuja letra conta a história simples de Jockey e Jenny, um casal que fugiu para a feira.

[26] Região montanhosa da Grécia que é o domínio mítico do deus Pã, inventor da flauta que herda o seu nome, adorado pelos pastores arcadianos, que dedicam a vida à música e ao canto.

[27] Alusão a Morfeu, deus do sono e dos sonhos na mitologia clássica.

CAPÍTULO 7

[28] Deusa sidoniana da fertilidade e do amor, correspondente à deusa grega Afrodite ou à deusa romana Vénus.

CAPÍTULO 8

[29] Falso profeta que São Paulo cegou temporariamente (Atos 13:6-11).

[30] Socialista francês Claude Henri, conde de Saint-Simon (1760-1825).

[31] Geoffrey Day, guarda da floresta de Yalbury, é uma personagem de outro romance de Thomas Hardy, *Under the Greenwood Tree* (1872).

[32] No original, *Dearly Beloved Brethren... Saying After Me*: frases que iniciam e concluem as orações da manhã e da tarde do livro de orações da Igreja Anglicana.

[33] Citação de Mateus (5:16) usada no livro de orações da liturgia anglicana para introduzir a coleta.

[34] A expressão original, «*as the Devil said to the owl*» («como disse o Diabo ao mocho»), é convertida por Hardy em «*like the Devil's head in a cowl*», porventura evocando a antítese de uma cabeça de Diabo coberta por um capuz de monge, algo que poderia encontrar correspondência em português na expressão «lobo com pele de cordeiro».

[35] Canção popular acerca de uma mulher que tinha cinco criados e cinco criadas.

[36] Na mitologia clássica, Minerva, deusa romana, patrona dos artesãos e do trabalho manual, terá inventado a flauta e, vendo que tocá-la lhe distorcia as feições, repudiou o próprio invento.

CAPÍTULO 9

[37] Alude-se aqui a um estilo arquitetónico do fim do século XVI que combina traços do movimento gótico com características do revivalismo clássico. É de referir a influência tardia do Renascimento em Inglaterra, que se faz sentir sobretudo a partir do período isabelino, com um atraso considerável relativamente ao início do Renascimento italiano.

[38] Gerard ter Borch, ou Terburg (1617-1681), e Gerard Douw (1613-1675), pintores neerlandeses.

[39] Fora do seu elemento. Uma alusão bíblica ao salmo 102:6.

[40] As palavras de Liddy ecoam as de Dalila, quando falsamente tenta advertir Sansão da chegada dos Filisteus (Juízes 16:9).

CAPÍTULO 10

[41] Duas variedades de batatas.

[42] Caim, o filho mais velho de Adão e Eva, matou o irmão, Abel, e foi amaldiçoado por Deus (Génesis 4:1-15).

[43] Mais uma alusão bíblica: Deuteronómio 5:9.

[44] Numa fase tardia da poesia clássica grega, a mítica morada dos deuses no monte Olimpo (a mais alta montanha da Grécia) é substituída pela imagem mais vaga dos céus.

[45] A ordem de marcha do governo foi tão inesperada como será a segunda vinda de Cristo (1 Tessalonicenses 5:2).

[46] Canção em voga na segunda metade do século XVIII, acerca de um homem que foi para a guerra e deixou a sua amada para trás.

CAPÍTULO 11

[47] A Igreja Anglicana exige que o anúncio do casamento seja lido na igreja em três domingos sucessivos nas paróquias dos noivos ou que, em alternativa, seja obtida uma licença junto do bispo ou de um seu delegado. Ao escolher fazer correr os banhos, Troy podia prolongar o seu celibato por mais umas semanas.

CAPÍTULO 13

[48] Expressão latina que designa «os oráculos das sagradas escrituras», um método de adivinhação que consiste em abrir a Bíblia numa página ao acaso e ler a primeira passagem que nos salta à vista.

[49] O processo de adivinhação consistia em colocar a chave no interior da Bíblia, numa página específica do Livro de Rute, e voltar a fechá-la, envolta num cordão ligado à chave, cuja pega, ficando de fora do livro, era suportada pelos dedos anelares de ambas as mulheres. Bathsheba pensaria, então, em nomes de eventuais pretendentes e, se a Bíblia rodasse, o homem em que estivesse a pensar nesse momento seria o seu futuro marido.

[50] Rute 1:16-17.

[51] Alusão ao livro do profeta Daniel (6:10-16), em que Daniel, cativo na Babilónia, desobedece deliberadamente a um decreto do rei Dario, continuando a rezar a Deus virado para Jerusalém.

CAPÍTULO 15

[52] No original, «*I sorrows like a man in travel*», sendo «*travel*», neste caso, uma forma dialetal de «*travail*» (trabalho), que é uma alusão à expressão bíblica para trabalho de parto (João 16:21).

[53] Na mitologia nórdica, Tor, filho de Ódin, é o deus que usa o martelo *Mjolnir*, cujos golpes se encontram associados ao trovão.

CAPÍTULO 17

[54] No original, «*the injured lover's hell*», a descrição do ciúme feita por John Milton em *O Paraíso Perdido* (livro 5, 449-50).

CAPÍTULO 18

[55] No original, *almonry* e *cloister*, espaços monásticos onde se procede, respetivamente, à distribuição de esmolas (neste caso, a alimentação dos cavalos) e à meditação.

[56] Na mitologia grega, ninfas da floresta associadas às árvores.

[57] Citado de *Os Dois Cavalheiros de Verona*, de William Shakespeare (ato I, cena 3): *Oh, como esta primavera do amor relembra/A glória incerta de um dia de abril.*

CAPÍTULO 19

[58] Na mitologia grega, os ciclopes eram gigantes canibais com um só olho, situado no meio da testa.

CAPÍTULO 20

[59] A rainha Isabel I de Inglaterra (1533-1603) é recordada como tendo sido o rosto de uma liderança fria e cerebral, e Mary Stuart (1542-1587), que a seu mando foi encarcerada e decapitada, ganhou a reputação de ser uma figura impulsiva e insensata no plano político.

[60] O deus do amor, Eros, também designado Cupido, é muitas vezes representado como um rapaz jovem munido do seu arco e flechas.

[61] Na mitologia clássica, Ixíon, rei dos Lápitas, povo da Tessália, tentou seduzir Hera. Zeus, seu marido, puniu-o, amarrando-o a uma roda em chamas que giraria eternamente nos ares.

[62] Uma referência ao pintor inglês James Francis Danby (1816-1875), conhecido pelas suas exuberantes representações do nascer e do pôr do Sol.

[63] Uma alusão bíblica (Êxodo 10:27-9) que evoca o momento em que o faraó rejeita o pedido de Moisés para libertar o povo israelita da escravatura e o expulsa do seu palácio, dizendo-lhe que não quer voltar a vê-lo. Moisés parte com dignidade e a última praga abate-se sobre a terra

do Egito.

CAPÍTULO 21

[64] Efésios, Coríntios e Tessalonicenses são livros do Novo Testamento.

[65] Uma citação de *Lycidas* (verso 126), elegia pastoral de John Milton.

[66] Uma referência a *Henrique IV*, de Shakespeare (parte 2, ato I, cena 1), em que Morton anuncia com grande pesar a morte de Hotspur.

[67] Uma possível paráfrase da definição de prazer por Edmund Burke no seu *Philosophical Enquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and Beautiful* (1757).

CAPÍTULO 22

[68] No original, «*happy in that he was not over happy*». Uma alusão às palavras de Guildenstern em *Hamlet*, de Shakespeare (ato II, cena 2).

[69] Na mitologia clássica, a deusa grega Afrodite (correspondente à Vénus romana) não nasce, emergindo antes da espuma branca do mar.

[70] St. John Long (1789-1834), pretenso médico londrino que alegava ter descoberto a cura da tuberculose, mas acabou por morrer da doença.

[71] Uma alusão bíblica: Lucas 18:11.

[72] Nicholas Poussin (1594-1665), pintor francês considerado o principal autor clássico do período barroco. Destacou-se na pintura histórica, com temas religiosos e mitológicos, notando-se na sua obra a presença de uma forte componente de paisagem.

[73] Citação bíblica do Eclesiastes 7:26.

CAPÍTULO 23

[74] Uma referência à Écloga VI de Virgílio, em que Chromis e Mnasylus encontram o velho Sileno embriagado e a dormir. Amarrando-o, convencem-no a cantar-lhes uma canção que vem a ser um relato de facto muito «completo e interminável» de grandes episódios da mitologia clássica.

[75] Balada de M. G. Lewis, da ópera cómica *Ricos e Pobres* (1812), que conta a história da bela filha de um moleiro, cujo amor por um soldado falso e eloquente se vai modificando ao longo de quatro estações, até ela morrer de desgosto no inverno.

[76] Uma paráfrase do verso «But being too happy in thine happiness», da *Ode to a Ninghtingale* (*Ode ao Rouxinol*), de John Keats (1795-1821).

CAPÍTULO 24

[77] Referência à nona das dez pragas lançadas por Deus sobre o povo do Egito e que consistiu em três dias de trevas (Êxodo 10:21-23).

[78] Do latim, espírito ou divindade do lugar (neste caso, a escuridão).

[79] O som de um arsenal de mosquetes em miniatura, como o do povo de Lilipute, em *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift (1667-1745).

CAPÍTULO 25

[80] No folclore grego, os habitantes da ilha de Creta são lendários mentirosos.

[81] O termo é usado para referir o homem citadino, requintado e dado à devassidão. A antiga Corinto era conhecida pelo seu luxo e pela corrupção de costumes.

CAPÍTULO 26

[82] De acordo com a divisão dos mandamentos levada a cabo pela Igreja Anglicana, o terceiro dos dez mandamentos é o que proíbe a blasfémia e o nono a mentira.

[83] No Antigo Testamento, o Tofete, no Vale do Filho de Hinom, perto de Jerusalém, é um lugar corrompido pelo culto aos ídolos, onde se realizavam sacrifícios humanos pagãos, a Baal e a Moloque. Mais tarde, é convertido numa lixeira onde se lançam cadáveres humanos e de animais, e toda a espécie de detritos, nela se ateando grandes fogos purificadores, que nunca se extinguem. Este lugar é associado ao Inferno.

[84] John Knox (1515-1572), líder da reforma protestante na Escócia, entrou sucessivas vezes em conflito com a rainha católica Mary Stuart, também conhecida como Mary, Queen of Scots.

[85] O lema é do poeta Ovídio (*Remedia Amoris*, verso 144).

CAPÍTULO 27

[86] *Gaunt Costard*, uma antiga espécie de macieira; *Quarrenden*, uma variedade popular de maçãs, comum na região de Dorset.

CAPÍTULO 28

[87] Referência bíblica (Êxodo 17:6).

CAPÍTULO 29

[88] «Quando duas dores ocorrem ao mesmo tempo mas não no mesmo lugar, a mais forte obscurece a outra» (in *Aforismos*, secção 2, n. 46).

CAPÍTULO 30

[89] No original, «*union*»: uma das chamadas «*union houses*», instituídas pela Poor Law de 1834, que obrigava as paróquias contíguas a unirem-se sob um Conselho de Guardiães comum, com vista à construção e manutenção de asilos para acolhimento dos pobres.

CAPÍTULO 33

[90] No original, *Gilpin's rig*, uma alusão ao poema cómico de William Cowper (1731-1800) intitulado «The Diverting History of John Gilpin...», que descreve as aventuras de um cavalo em fuga.

[91] O dia de Lammas, que saúda a primeira colheita do ano, é uma festa de origem pagã, celebrada pela Igreja Anglicana a 1 de agosto.

[92] Um jogo de cartas de dois jogadores.

[93] No original, «*But under your bushel, Joseph! under your bushel with 'ee!*», contradizendo Mateus 5:15, em que Jesus diz «nem os que acendem uma candeia a colocam debaixo do alqueire».

[94] No Sermão da Montanha, Jesus enuncia as nove qualidades dos bem-aventurados (Mateus 5:3-11) e a terceira é a humildade: «bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus».

[95] Várias espécies de macieiras. As duas primeiras são típicas de Dorset; a *Rathe-ripe* dá uma maçã amarela de amadurecimento rápido.

[96] A data fixa de um passeio anual feito por membros de clubes recreativos e de beneficência das paróquias.

[97] Cain parece confundir Igreja e Capela, ou a Igreja de Inglaterra e o culto *dissidente* (mais frugal e centrado na pregação), e a Alta e Baixa Igreja no interior da Igreja de Inglaterra; a primeira privilegia o ritual elaborado, com cânticos e paramentos coloridos, e a segunda, à semelhança dos *dissidentes*, privilegia a pregação e o culto mais modesto.

[98] Alusão confusa de Joseph Poorgrass (Mateus não era profeta mas sim discípulo de Jesus e evangelista) a Mateus 21:44. «E quem cair sobre esta pedra será despedaçado; mas aquele sobre quem ela cair será reduzido a pó.»

[99] Uma alusão bíblica a 2 Samuel 16:5, em que Simei amaldiçoa o rei David.

CAPÍTULO 34

[100] No original, «*surrogate*», delegado do bispo que concedia uma licença especial de casamento sem que fosse preciso fazer correr os banhos.

[101] *Bachelor of arts*; licenciado em letras.

[102] Abreviatura da expressão latina *medicinae doctor*, doutor em medicina.

[103] Parte forte e fraca da lâmina de uma espada.

[104] Do latim Lugentes Campi, uma parte dos Infernos (a morada dos mortos na mitologia clássica), segundo a descrição feita por Virgílio, no canto VI da *Eneida*. Aqui, demoravam-se os mortos mais apegados ao mundo dos vivos, incluindo os infelizes no amor.

[105] Transformado por Zeus num rio subterrâneo, o Aqueronte passou a ser a fronteira entre o mundo dos vivos e o dos mortos. As «sombras» dos mortos atravessavam-no mediante o pagamento de um óbolo (colocado na boca dos defuntos) ao barqueiro Caronte.

CAPÍTULO 36

[106] Laboriosamente rendilhada, como se vê em alguns retratos do pintor flamengo Anthony van Dyck (1599-1641).

CAPÍTULO 38

[107] Referência a uma ilustração de John Flaxman (1755-1826) para uma edição de 1793 da *Odisseia* de Homero. Nesta, Mercúrio, o mensageiro dos deuses, conduz ao Hades os pretendentes de Penélope, mulher de Ulisses, que a cortejaram na ausência do marido. Quando Ulisses regressa da sua viagem, mata-os, com a ajuda do filho.

[108] Uma alusão ao Livro de Jonas (4: 6-7), do Antigo Testamento, em que Deus faz nascer uma aboboreira ou cabaceira, para proteger Jonas do sol, e logo depois lhe envia um bicho que a

mata.

CAPÍTULO 40

[109] Pierre Jacquet-Droz (1721-1790), famoso relojoeiro suíço que, para fazer publicidade às suas criações, construiu figuras humanas mecanizadas capazes de simular o ato de escrever ou de tocar um instrumento musical.

[110] Viatura monstruosa que transportava a estátua de Krishna numa procissão religiosa indiana, durante a qual alguns crentes se lançavam para debaixo das suas rodas, morrendo esmagados.

CAPÍTULO 41

[111] Uso da expressão latina *lucus a non lucendo* («um bosque porque não é luz») para designar uma formulação ilógica ou contrária à expectativa.

[112] Mais do que a deusa romana da caça, Diana, irmã gémea de Apolo, é a deusa da castidade e da luz da lua.

CAPÍTULO 42

[113] Entrada na Torre de Londres feita pelo Tamisa, por onde eram conduzidos, de forma discreta, os prisioneiros acusados de traição.

[114] Rima infantil francesa do século XVIII («*Malbrouck s'en va-t-en guerre*»), cantada em inglês na versão «*For He's a Jolly Good Fellow*».

[115] No original, Leveller, proveniente do provérbio inglês «Death is the grand leveller» («A morte é o grande nivelador»).

CAPÍTULO 43

[116] No Livro de Ester, um dos livros históricos do Antigo Testamento, a rainha Vasti recusa-se a

obedecer ao seu marido, o rei Assuero, da Pérsia, que a castiga substituindo-a por Ester, uma jovem judia.

[117] Uma paráfrase de alguns versos da elegia de Thomas Gray que deu título ao romance («Elegia Escrita num Cemitério Campestre»): *Ev'n from the tomb the voice of nature cries,/Ev'n in our ashes live their wonted fires.* (Na tradução da marquesa de Alorna: *Da cova mesma a natureza clama,/Seu indómito fogo a cinza aquece.*)

[118] No original, «Burning for burning; wound for wound; strife for strife» — «queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe» (Êxodo 21:25). A fórmula mais conhecida em português, «olho por olho, dente por dente», corresponde a Êxodo 21:24.

[119] Palavra grega que significa «acabou» e que evoca as últimas palavras de Cristo na cruz (João 19:30).

CAPÍTULO 44

[120] No original, «like ghosts from an enchanter fleeing», citado de *Ode to the Western Wind* (*Ode ao Vento Oeste*), de Percy Bysshe Shelley (1792-1822).

[121] *The Maid's Tragedy* (1619), uma peça de teatro em que o desgosto amoroso leva a heroína ao suicídio; *The Mourning Bride* (1677), de William Congreve, uma tragédia cuja protagonista é uma mulher que o pai proíbe de casar com o seu inimigo; *Night Thoughts on Live, Death, and Immortality* (1742-1746), um longo poema de Edward Young a respeito da morte, do juízo final e da eternidade; *The Vanity of Human Wishes* (1749), de Samuel Johnson, uma meditação acerca da ambição humana e do desencanto.

[122] Referência à tragédia *Otelo*, de Shakespeare.

[123] *Love in a Village* (1762) e *The Maid of the Mill* (1765), duas óperas cómicas de Isaac Bickerstaffe; *Doctor Syntax* (1809-1821), uma série de versos cómicos de William Combe; *The Spectator*, um periódico editado por Addison e Steele, entre 1711 e 1712, e recuperado por Addison em 1714.

CAPÍTULO 46

[124] Jacob von Ruysdael (1628-1682) e Meyndert Hobbema (1638-1709), seu discípulo, eram pintores paisagistas holandeses.

[125] Adaptado da Epístola de Paulo aos Gálatas (1:8-9).

[126] A torre e o cemitério não correspondem com precisão à descrição anterior (*Nota do Autor*).

CAPÍTULO 47

[127] Vasco Núñez de Balboa (1475-1517), explorador espanhol, foi o primeiro europeu a ver o oceano Pacífico a partir do hemisfério ocidental, em 1513.

[128] Os dois promontórios, em ambos os lados do estreito de Gibraltar, que se diz terem sido erguidos por Hércules.

[129] Personagem de *A Tempestade*, de Shakespeare, que, temendo o naufrágio, grita por uma morte seca, em terra firme (ato 1, cena 1).

CAPÍTULO 49

[130] Paráfrase de alguns versos do poema «The Statue and the Bust» («A Estátua e o Busto»), de Robert Browning (1812-1889).

[131] Uma alusão à parábola bíblica do grão de mostarda (Marcos 4:30-2), que, embora seja uma pequena semente, é capaz de um grande crescimento (como a fé no reino de Deus).

[132] Paráfrase de alguns versos do poema «She Was a Phantom of Delight», de William Wordsworth (1770-1850): «A creature not too bright or good/For human nature's daily food.» A expressão que figura no título foi traduzida por John Milton e Alberto Marsicano como «espírito de alegria».

[133] Uma alusão bíblica (Génesis 29:15-28).

CAPÍTULO 50

[134] Cidade russa que, entre 1936 e 1991, se designou Gorky, conhecida pela sua secular feira de negócios anual.

[135] Uma mancha de cor pintada no peito dos animais identificava o rebanho a que pertenciam. A tinta era aplicada por coloristas.

[136] As aventuras de Richard «Dick» Turpin (1705-1739), famoso salteador de estrada inglês, foram romanceadas depois da sua execução na forca, por roubo de cavalos em York. Conta-se que uma das suas proezas terá sido cavalgar durante doze horas seguidas, de Londres a York, acabando por matar a sua montada, *Black Bess*.

[137] Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606-1669), pintor holandês, é aqui referido pelo seu domínio da técnica do *chiaroscuro*, criada por Leonardo da Vinci, que se caracteriza pela exploração de grandes contrastes entre luz e sombra.

CAPÍTULO 52

[138] Três israelitas que se recusam a adorar um ídolo de ouro e são lançados para a fornalha a mando do rei Nabucodonosor, saindo das chamas incólumes (Daniel 3:13-30).

[139] Referência ao poema grotesco de M. G. Lewis (1775-1818) incluído no seu romance gótico *The Monk* (1796). O cadáver do cavaleiro Alonzo aparece no casamento da sua amada, a bela e falsa Imogine, que lhe prometera que não se casaria com outro.

CAPÍTULO 53

[140] Latim para «A batalha começa — em instantes», uma citação das *Sátiras* de Horácio, aqui incompleta, uma vez que a frase termina com «uma morte rápida ou vitória feliz».

[141] Designação antiga de amaurose.

CAPÍTULO 54

[142] Musa clássica da tragédia.

CAPÍTULO 55

[143] Do poema «Marmion», de Sir Walter Scott (1771-1832).

CAPÍTULO 56

[144] Esta e as duas citações seguintes são do poema «The Pillar of the Cloud», de John Henry Newman (1801-1890), escrito em 1833 e convertido em hino por John Bacchus Dykes (1823-1876) em 1861.

[145] Versos do poema «Woak Hill», de William Barnes (1801-1886).

[146] Uma referência bíblica ao Cântico dos Cânticos 8:6-7.

CAPÍTULO 57

[147] Do poema humorístico «Patty Morgan the Milkmaid's Story», de R. H. Barham, incluído na sua antologia *The Ingoldsby Legends* (1840-1847).

[148] Citado do poema «The Eve of St. Agnes», de John Keats.

[149] Vitórias do general John Churchill, duque de Marlborough (1650-1722), que liderou as tropas inglesas e aliadas contra Luís XIV, da França, vencendo-o em Blenheim (1704), Ramilies (1706), Oudenaarde (1708) e Malplaquet (1709).

[150] Citação bíblica (Oseias 4:17).

Bibliografia consultada pela Tradutora

Hardy, Thomas, *Far from the Madding Crowd*, A Norton Critical Edition, ed. Robert C. Schweik, Norton, Londres, 1986.

Idem, ed. Suzanne B. Falck-Yi, Oxford World's Classics, Oxford University Press, Nova Iorque, 2002.

Idem, ed. Norman Vance, Wordsworth Classics, Wordsworth Editions, Hertfordshire, 2000.

Hardy, Thomas, *Loin de la Foule Déchaînée*, trad. Thierry Gillyboeuf, Édition Sillage, Paris, 2011.